



RESGATA-ME

OS MAFIOSOS - LIVRO 5

MANUELE CRUZ



Resgata-me

Série Os mafiosos (Livro 5)

A história de Katherine e Gabriel

Manuele Cruz

Copyright © 2018 Manuele Cruz

1º Edição – 2018

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução no todo ou em parte, por quaisquer meios, sem a autorização da autora.

Capa: Hadassa M. Vaz

Revisão e diagramação: Manuele Cruz

Nota da autora:

É necessário ler todos os livros anteriores.

Livros anteriores:

Atraída por um mafioso – Série Os mafiosos (Livro 1) – **História de Sara e Fernando.**

Os filhos da máfia – Série Os mafiosos (Livro 2) – **História de Giulia e Leonardo.**

Só mais uma chance – Série Os mafiosos (Livro 3) – **História de Jasmine e Daniel.**

Por nosso passado – Série Os mafiosos (Livro 4) – **Historia de Isabella e Marco.**

A série "Os mafiosos" foi criada no intuito de ser mais mistério, ação do que o romance. Por isso, a partir do segundo livro, o livro acaba indo para o enredo que quero;

A partir do segundo livro, perguntas são criadas e personagens novos aparecem. Nesse livro aqui, não é diferente;

Apesar da série ser sobre máfia, ela engloba muitos outros assuntos, necessitando de mais personagens. Personagens que são muito importantes para o desenvolvimento do enredo, sem eles, muitas situações não existirão ou ficarão sem respostas;

Os bônus com os outros personagens são importantes para sabermos o que está acontecendo com eles em determinado momento, para que respostas sejam dadas;

As leis, alguns aparelhos tecnológicos e algumas drogas citadas, também não tem relação alguma com a realidade;

O livro contém cenas de violência, uso de armas e venenos, e consumo de drogas.

O livro é fruto da imaginação da autora.

Leiam com atenção!

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a **Deus**, por ter me dado forças para escrever esse livro. A **Naah Santos**, por ter me ajudado dando opiniões em diversos momentos desse livro, por me escutar e sempre estar ao meu lado. A **Aline Pádua**, por ter me dado às opiniões quando tanto precisei. Aos **meus pais** por todo o apoio. A **cada leitor do Wattpad**, que sempre estava lendo e comentando, me incentivando nos momentos em que mais precisei e que continuam ao meu lado. **Aos leitores da Amazon**, que leram os primeiros livros e sempre mandam mensagens perguntando sobre a continuação.

Esse livro é para vocês.

Obrigada!

Sinopse

Katherine Vesentini, aquela garota que sempre foi vista como a mais doida da família, a mais inconsequente, a que daria mais trabalho e seria mais fácil de ser pega pelos inimigos... É essa a "classificação" que todos dão a ela, quase ninguém acredita que, por trás dessa pessoa louca, possa existir uma garota forte, capaz de ajudar a todos que precisam ser salvos.

Katherine já fez muito por sua família e amigos, agora, ela já está cansada de ser jogada em escanteio. A organização criminoso da sua família não aceita mulheres, então, por que não criar um clã somente de garotas? Somente para as mulheres que querem ajudar? Mas, antes da criação desse clã, teremos novos problemas para Katherine. Uma nova gangue está tentando se estabilizar em sua cidade, ou melhor, ela já está estabilizada, e logo em um território próximo. Sem querer, Katherine e sua amiga, Cassandra, acabam entrando nesse meio, onde, surpreendentemente, algumas das perguntas serão respondidas.

Gabriel Bertollini, filho mais novo de Fernando Bertollini, o segundo que poderá comandar a máfia, mas é aquele que não se importa com tal coisa. Viver cercado pelo crime organizado nunca o influenciou a querer ser como eles, a querer comandar. A sua vontade sempre foi apenas participar, sendo líder ou não, sendo gangster ou mafioso, Gabriel só quer participar. *E casar*. Casar com Katherine, sua amiga de infância e único amor. Ao invés disso, Gabriel teve que casar com Amélia, um golpe para pegar todo o dinheiro da família dela, o dinheiro que é da Nostra Ancoma.

Mas todos esses planos podem mudar quando Katherine vai parar em outra gangue, quando planos são feitos e desfeitos. Quando Katherine e Gabriel, finalmente, tiverem a coragem de falar o que sentem pelo o outro.

Personagens

*Essa série contém muitos personagens, mas nem todos aparecerão, sempre foco em alguns deles. O livro necessita de atenção em inúmeros momentos.

**Esse guia foi feito para quando esquecerem quem é um personagem.

Família Bertollini:

Victor Bertollini (antigo chefe da Nostra Ancoma, depois passou a liderança para o único filho), casado com **Alice Bertollini**.

Fernando Bertollini (ex-líder da Nostra Ancoma, perdeu a liderança no livro 3 da série), casado com **Sara Bertollini**. São pais de:

Daniel Bertollini (adotado por Sara e Fernando no primeiro livro da série), casado com **Jasmine Bertollini**;

Giulia Bertollini Vesentini — filha mais velha de Fernando, adotada por Sara no livro 1 da série. (Giulia é casada com **Leonardo Vesentini**), é mãe de **Felipe Vesentini**;

Gabriel Bertollini — filho mais novo de Fernando e Sara;

Karen Bertollini — filha mais nova de Fernando e Sara.

Família Vesentini

Benjamin Vesentini (antigo braço direito de Victor Bertollini na Nostra Ancoma, depois passou a função para seu único filho), casado com **Verônica Vesentini**.

Marco Vesentini (ex braço direito de Fernando Bertollini, perdeu a função no livro 3 da série), casado com **Isabella Vesentini**. São pais de:

Leonardo Vesentini (filho biológico de Marco e **Olívia**, foi adotado por Isabella quando ele ainda era uma criança, nunca teve contato com a mãe biológica), casado com Giulia, com quem tem um filho, Felipe Vesentini;

Katherine Vesentini — única filha biológica de Isabella e Marco.

Sangre Latino

Uma gangue que era aliada a Nostra Ancoma, atualmente só são aliados da família Bertollini e Vesentini.

Liderada por **Yankee (Sergio Rubio)**, que é casado com **Ísis Rubio** e são pais de Sara Bertollini e **Heitor**.

O segundo homem no comando é **Javier Vergara**, casado com **Nubia Vergara** e pais de Isabella Vesentini.

M-Unit

Uma gangue que era aliada a Nostra Ancoma, atualmente está ajudando a família Bertollini e Vesentini.

Liderada por **Tyler**, casado com **Sara Santos**, eles são pais de **Jasmine Bertollini** (casada com Daniel Bertollini). Antes de conhecer a esposa, Tyler se envolveu com outra mulher, é pai de **Allan Castillo** e **Alex Castillo**, ele desconhecia os filhos (mencionado no livro 3).

Outros personagens

Milla, filha adotiva de **Raul** e **Nancy**;

Yoshida, apareceu no primeiro livro, levando Milla para outro continente, ninguém sabe quem ele é de verdade;

Dianna, apareceu no primeiro livro, trabalhava para Fernando, na casa com as prostitutas, atualmente está casada com **Arthur**, que era da Nostra Ancoma e saiu por amizade a Fernando e Marco;

Ciara Silvera, conheceu Yoshida, mas não conhece o rosto verdadeiro. Mãe de **Rachel** e **Valentina**. Vive com **Hugo**, que salvou a vida de Nicole no livro 3 da série, é amigo de **Tom**, que está ajudando os Bertollini's e os Vesentini's;

Jean e **Jesse**, amigos de Gabriel Bertollini, estão ajudando.

Martín, chefe do serviço secreto, que "ajudou" Fernando a sair da prisão no livro 4.

PRIMEIRA FASE

Prólogo

Katherine

Dois meses após o livro "Por nosso passado"

Ali está a cadela, vadia, piranha, prostituta, resto de aborto mal sucedido. Sim, a mãe tentou abortar essa cachorra, mas falhou no processo. Cachorra não, cachorros são maravilhosos, Amélia não merece ser chamada disso.

Ali está ela, casando com Gabriel. Gabriel deveria ser meu. Não daquela vadia da Amélia. Mas o culpado é Gabriel, que não consegue manter sua excitação para ele mesmo. Ele tinha que transar com ela? Ele tinha que tirar a virgindade daquela vadiazinha? E essa droga do século passado, ainda se casam só por ter tirado a virgindade?

Mas, não importa, ali estão eles. Na frente do juiz, Amélia está com um vestido comprido e branco, Gabriel está de calça jeans e uma camiseta preta. Espero que ele esteja de luto por sua vida, porque ele estaria melhor ao meu lado. Mas Gabriel não fala comigo há algum tempo... *Por que eu ainda me importo com ele?*

Eu estou aqui, espiando tudo. Não fui convidada para o casamento, Gabriel me fez esse grande favor. Mas o casamento é na casa de tio Fernando e Sara, e eu tenho acesso ao local.

Sara está com os braços cruzados, olhando para Amélia como se quisesse mata-la; Fernando está olhando para o teto; Karen está digitando algo no celular; Daniel está bocejando; Jasmine parece que vai dormir a qualquer momento, assim como Leonardo e Felipe; Giulia está enrolando o próprio cabelo no dedo; meu pai está coçando o queixo; minha mãe parece que vai matar Gabriel e a vadia da Amélia — ela teve que vir, porque é madrinha de Gabriel, não a madrinha do casamento ou seja lá como chamam isso. Rachel sonsa é a madrinha, testemunha ou sei lá o quê, ela está apenas olhando para o juiz; e Jesse, o amigo de Gabriel olha para os noivos com estranheza. Os únicos felizes são os pais da Amélia e os amigos. Fora isso, eu não sei descrever essa merda desse casamento.

Deixando a minha raiva de lado, eu saio da casa. Eu pensei em jogar uma bomba, mas não era apenas Gabriel e Amélia vadia que morreriam, então desisti. Coloquei na cabeça que minha felicidade não está nas mãos de Gabriel, e sim nas minhas.

Que frase de merda!

Pego meu carro e saio para me encontrar com Cassandra, uma das minhas amigas, quer dizer, a segunda, porque só tenho ela e Karen.

Reduzindo a velocidade do carro, eu paro em frente a um bar, onde encontro Cassie se esfregando com um garoto qualquer.

Pigarreio exageradamente e ela olha para mim.

— Oi, Cassie. — olho para o garoto. — Oi, pessoa que estava quase engolindo a minha amiga.

— Katherine, não me faça passar vergonha. — Cassie limpa a boca e eu faço cara de nojo.

— Não quero te fazer passar vergonha, só quero beber.

— Então. — Cassie segura o meu braço. — Vamos beber!

(...)

Olhando para dois dias atrás, penso em como minha vida mudou. Como eu era apenas a filha louca e virei isso, que não faço ideia de como chamar.

Pego o carro que aluguei e vou até o local da mensagem. É um bairro isolado, mas dizem que não é perigoso.

O que fariam se descobrissem a verdade?

Tento não pensar nessa questão. Eu me afastei um pouco depois daquela noite. Sinto vergonha e sei que meu pai estará certo. Eu acabei com minha própria vida e posso acabar com a deles também.

Olho para o meu celular e vejo que estou no local correto. Paro em frente a uma casa e saio do carro, abrindo a minha bolsa e pegando a encomenda.

É tolice colocar dentro da bolsa, mas onde mais iria colocar? Eu não colocaria isso dentro do meu corpo. Jamais!

Caminho até a casa de dois andares e torço para que o comprador me atenda e não outra pessoa, será estranho explicar a entrega. Já é a segunda vez que faço isso e continuo me odiando ainda mais.

Toco a campainha e espero. Toco mais duas vezes e a porta vai abrindo.

— Vim entregar a encomenda. — retiro o pacote da minha bolsa apressadamente. Eu quero me livrar disso logo. — Para Jean.

— Katherine?

Oh merda!

Que não seja ele, que não seja ele, que não seja ele...

— Olhe para mim, Katherine!

Subo o meu olhar lentamente, já com medo do que irei encontrar.

É ele. É Gabriel. Eu já tinha reconhecido a sua voz.

— O que você está fazendo?

Sem responder, eu corro para longe dele, mas ele me alcança.

— Solte-me! — grito. — Solte-me!

— O que está fazendo?

— Vim ver se estava bem. — minto.

— É mentira, você não sabia que eu estou aqui. O que é isso em sua mão?

Ele tenta pegar a "mercadoria", assim começamos uma pequena luta. Na qual ele tenta me imobilizar e pegar a minha mão, enquanto eu tento inutilmente sair do seu aperto. Estamos no chão, rolando como doidos.

Gabriel aperta com força o meu punho esquerdo e eu grito. Ele consegue imobilizar a minha mão. Então, ele pega meu pacote e sai de cima de mim.

Ele abre o pacote e eu corro até o meu carro.

— Katherine, o que está fazendo com a sua vida? — ele corre atrás de mim e bate no vidro do carro — Isso é cocaína? Por que veio entregar cocaína?

— Não se preocupe comigo, se preocupe com a vadia da sua esposa! — grito e choro, com raiva pelo que fiz. — Ela sim é importante pra você. Não finja que se importa.

— Eu me importo!

— Você me abandonou!

Dou a partida no carro e começo a dirigir para longe de Gabriel.

Eu não sei o que é pior, Gabriel saber que eu estou entregando drogas ou ele dizer que se importa comigo.

Eu não aguento mais!

Capítulo 1

Gabriel

Horas atrás

Escuto minha mãe fungando, mas eu não olho para ela. Isso deveria ser um casamento, no entanto, está parecendo um funeral. Eu poderia chorar também, mas eu sou aquele que faz sacrifícios pela família.

— Mãe, não é o fim do mundo.

— Olhe para você, Gabriel. Parece que está indo a um enterro. — minha mãe fica atrás de mim, me encarando pelo espelho. — Você está sofrendo por dentro, mas não admite isso e quer parecer forte.

— Eu preciso fazer isso...

— Gabriel, você odeia a sua noiva. Lembro quando você admitiu isso, depois de causar toda aquela confusão. Você nem ao menos lembra sobre ter tido algo com ela.

— Precisa ser feito. — viro-me para ela, e a abraço. — Eu ficarei bem, mãe. Sou crescido o suficiente para me cuidar.

— Olhe isso, você falou "para me cuidar", e não "para cuidar da minha esposa". Você a odeia. O seu amor verdadeiro é para Katherine, era com ela que você deveria casar. O melhor casal de todos. Lembro quando vocês dois eram pequenos. Quando um ia à escola do outro e ficavam esperando para irem embora juntos, quando você se recusava a dividir o chocolate com seus irmãos, mas dava tudo a Katherine sem reclamar, quando os dois...

— Mãe, pare, por favor.

Eu passei o dia tentando não pensar em Katherine. Porque se eu pensar nela, será difícil passar por toda essa situação.

— Gabriel, daremos um jeito de acabar com toda essa história. Não precisa estragar boa parte da sua vida.

— Dar um jeito significa nos escondermos a cada ataque? Ficarmos presos em algum canto tentando descobrir qual o rosto do inimigo? Ficarmos com medo? Fugir para encontrar respostas? O pai de Amélia continua na Nostra Ancoma e ele quer tudo de volta, como era antes. Ele sabe quem são os traidores. Ele sempre esteve com meu pai, mas sabemos como é a vida, como as pessoas são. Uma hora ele deveria dizer o preço pela ajuda, e o preço é o casamento. — encolho os ombros. — É o jeito mais rápido de estarmos dentro

daquilo. O pai de Amélia já fez a cabeça dos outros aliados sobre o assunto.

— E ficará casado a vida toda com uma garota assim? Que o pai não vale nada e ela também não é nada diferente dele?

— Não é para sempre.

— O contrato diz que sim.

— Tem cláusulas. Não se preocupe.

Minha mãe se cala quando meu pai entra no quarto junto com Felipe.

— E se Karen nunca casar? — Felipe pergunta e eu sorrio.

— Ela ficará de castigo para sempre. — meu pai responde, bagunçando o cabelo do neto.

— Eu gostei disso. — Felipe ri. — E Katherine?

Outra vez o nome dela...

— Ela conseguiu enganar Marco, então se livrou do castigo.

— Eu duvido que Karen fique de castigo para todo o sempre. — sento na cama. — Ela é muito querida para que isso aconteça.

— Eu não deixarei que isso aconteça. — minha mãe logo se intromete. — Seu pai que cismou com a menina. Katherine já se livrou, claro que Karen se livrará.

— Ela é dramática. — meu pai bufa. — Graças a Deus que não influenciou Karen.

— Katherine é doida. — Felipe desce do colo do meu pai e vem em minha direção. — Eu vi sua noiva, ela é insuportável e mandou que eu saísse do quarto e me empurrou.

— Ela gritou com você? — minha mãe começa a se alterar. — Porque se ela fez isso...

— Sara, por favor, hoje não.

— Não comece você, Fernando. Meu neto, minhas responsabilidades. Então. — ela pigarreia, voltando a atenção para Felipe. — Amélia gritou com você?

— Sim. — Felipe balança a cabeça, confirmando. — Eu perguntei por que ela ia casar com meu tio e não tia Kat. Eu disse que tio Gabriel tinha que casar com tia Kat, não com ela e que ela não seria minha tia. Aí Amélia me empurrou para fora do quarto.

Eu começo a rir. *Felipe tinha que ter puxado a Leonardo.*

— Olhe isso, até Felipe sabe que Gabriel nasceu para casar com a Kat. — minha mãe volta a se alterar. — E Gabriel está rindo, nem defende a noiva.

— Tia Kat disse que ia casar com tio Gabriel, por isso eu perguntei àquela mulher a verdade.

— Felipe e Sara. — meu pai chama, com a voz nem um pouco calma. — Vão falar com Giulia, acredito que ela se juntará no complô contra a Amélia. Agora, eu preciso falar com meu filho a sós.

— Só quero que lembre que Gabriel não é como o irmão. — minha mãe encara o meu pai, o desafiando. — Daniel sempre quis Jasmine, por isso o casamento deu certo. Mas Gabriel não suporta Amélia. Lembre isso.

Minha mãe pega a mão de Felipe e os dois saem do carro.

Meu pai volta a sua atenção pra mim.

— Gabriel, você tem certeza disso? — ele pergunta, com a maior seriedade que já vi nada vida. — Ainda vai casar com aquela garota que deve ter armado tudo para que você casasse com ela?

— Pai, não se preocupe, dará tudo certo. Nós nos livraremos de Milla e Yoshida, pegaremos o seu negócio de volta e eu nem precisarei continuar casado com Amélia.

— É o nosso negócio, Gabriel.

— Ok. Eu o pegarei de volta de qualquer maneira.

(...)

Amélia já está preparada para o beijo, mas eu desvio e beijo sua bochecha.

É isso. Casamos.

Eu quero rir da cara de desapontamento dela.

Jesse e Rachel foram às testemunhas do casamento, ambos odiaram isso, mas aceitaram depois de um longo tempo. Nem ao menos chamei meus irmãos para essa função, eles jamais aceitariam, e com razão. Rachel e Jesse negaram no início, porque sabem que eu gosto de Katherine e não queriam compactuar com a "destruição da minha vida". Mas eu consegui convencê-los no fim das contas.

Afasto-me da Amélia e vou até Daniel, que estava quase dormindo.

— Cara. — ele levanta da cadeira, junto com Jasmine. — Eu não saí de um orfanato, passei inúmeras situações de risco para te ver casado com uma vadia feito a Amélia. Eu passei por tudo isso para te ver com a Kat, ela sim merece ser da família.

— Amélia é uma vadia esnobe que eu quero quebrar a cara. — Jasmine olha para Amélia. — Ela acha que é a pessoa mais importante do mundo, como se o planeta girasse só para ela. E eu tenho certeza que ela colocou algo em sua bebida para que te enganasse e parecesse que você transou com ela.

— É totalmente bizarro todos saberem sobre com quem eu transei. Quer dizer, que eu não transei, porque eu nunca transaria com ela se estivesse com minha consciência intacta.

— Ninguém mandou ser idiota. — Daniel me repreende e dá um tapa na minha cabeça.

— Eu não posso mais levar tapa na cabeça. — esfrego o local que ele acertou. — Já sou um homem feito.

— Homem feito casado com uma vadia, ela não merece estar na nossa família. Olha só isso, a nossa mãe é a Sara, as nossas irmãs são a Giulia e a Karen, a minha mulher é a Jasmine, temos a tia Isabella e as nossas avós, então você simplesmente casa com a Amélia?

— Isso é uma desonra a família. Katherine sempre será perfeita para ser da família. E a garota te ama verdadeiramente.

— Eu não quero lembrar de Katherine. — *eu realmente não quero pensar que casei com outra, não com ela.*

— Desculpe-me, cunhado. Não quero te deixar triste ao lembrar da bela garota que você deixou sozinha, da menina que mais te ama no mundo. Eu sei que tudo isso é um plano, mas você optou pelo jeito prático, deixando uma garota que você ama para trás.

— Eu não estou feliz com isso. Mas é o que precisamos. Ninguém da nossa família me apoia, mas eu não esperava isso. Porque eu sempre serei o filho mais novo, explosivo, inconsequente... — faço uma pausa dramática. — Mesmo que eu faça tudo por vocês, essa fama nunca mudará. Acostumei com isso há um bom tempo. E faço porque amo todos vocês, e amo a Kat. É por isso que estou me casando, para salvar a linda família que nunca me apoia em nada, que me vê como uma criança incapaz, mesmo quando dou minha vida por vocês. Eu nunca fui um grande espectador dos negócios da família, porque não acreditam em mim. Mas ainda tento salvar esses negócios. E não, não é "meu negócio", são os "seus negócios".

— Gabriel...

Eu viro para trás, encontrando todos os olhares voltados para mim. Todos me escutaram.

Ignorando todos os chamados, eu pego a mão de Amélia e a conduzo até

o carro. Dando a partida, eu dou o início a minha nossa vida.

(...)

Dirijo por um longo tempo até chegar ao meu destino, durante todo esse percurso, permanecemos calados, até que Amélia percebe para onde viemos.

— O que é isso?

— Nosso novo lar. — sorrio para ela e estaciono o carro.

— Você só pode estar brincando. — ela diz, com os dentes cerrados, deixando claro sua raiva.

— Tem algumas coisas que acho que não percebeu. Então, você assinou dois contratos de casamento. Um que era apenas para os negócios dos nossos pais e outro que realmente é do nosso casamento. Lá deixa bem claro que, a partir de agora, tudo que eu conseguir, será nosso, assim como tudo o que você conseguir. No entanto, você não escutou o seu pai nas formalidades, você não olhou minha situação financeira...

— Do que está falando? — interrompe, mostrando sua evidente frustração sobre essa notícia.

— É uma história bem triste. — abaixo a cabeça. *Como sou dramático.*
— Você viu o que falei lá no casamento? Todo o meu rancor? Sobre eu não fazer parte dos negócios? Eu participei por pouquíssimo tempo das coisas. E depois veio aquela história de ter tirado a sua virgindade e sobre você ser prometida a outro... Eu fui expulso de casa e tudo mais. Sou um garoto inconsequente, como disse lá no casamento. — olho para Amélia e tento fazer a minha melhor cara de tristeza. — Eu tinha dinheiro em minha conta e sempre fui acostumado à boa vida. Gastei tudo o que tinha e acumulei dívidas, meu pai se recusou a pagar, afinal, tenho que crescer e já estava chegando à maioridade e meu pai é bem rígido. Tive que vender meu carro, paguei a dívida, acumulei mais, fiz apostas ilegais, caí na mão de gente errada, vendi a única casa que tinha em meu nome. — suspiro bem alto. — Fui inconsequente a ponto de gastar tanto.

Seguro a mão de Amélia, que fica mais furiosa e solta a minha mão.

— As dívidas dos cartões chegaram e eu não tinha mais como pagar, declarei falência. Meu pai acabou pagando as dívidas depois de um tempo, mas isso já parou, afinal, sou maior de idade e preciso mudar, foi o que ele disse. Eu entrei nesse casamento falido. Esse carro é do meu pai, aquela casa. — aponto

para a casa simples na nossa frente. — Ela é emprestada de um amigo.

— Meu pai sabe disso? — *é como se ela fosse chorar. Eu quero rir.*

— É triste, Amélia. Como disse, você assinou dois contratos. Seu pai está mais interessado na Nostra Ancoma e ele está irritado por você ter transado comigo e por ele ter perdido um ótimo amigo, que era o seu noivo prometido. Ele tentou falar com você, mas você o ignorou. Então, é isso. Estou sem dinheiro e temos que morar aqui, nesse bairro.

— Eu posso pegar outro lugar...

— No contrato diz que eu devo escolher e manter o local, é a obrigação do homem. Muito machismo, né?

— Por que fez isso? — ela grita e bate em meu braço. — Você está se vingando! — a garota parece uma hiena berrando. — Tenho certeza disso!

— Como eu me vingaria da mulher que eu tirei a virgindade naquela linda noite que está guardada em minha memória? — não deixo meu desprezo e ironia de fora do meu tom de voz. — Da mulher que casei por pura, livre e espontânea vontade? — seguro seu braço, para que ela não acerte o outro tapa em mim. — Eu lembro cada detalhe daquela noite. Você lembra?

— Meu pai saberá disso! — ela rosna e puxa o braço, fazendo com que eu a liberte.

— Seu pai sabe, mas, como já disse, ele pouco se importa. Ele quer o negócio como sempre foi. E ele quer que a filha se torne uma grande mulher.

— Eu não vou morar nesse bairro de merda!

— Então, tchau! — aceno para ela, que me olha com mais raiva.

— Quer saber, eu não vou. — cruza os braços, como uma criança birrenta. — Você vai me amar e vamos nos reerguer juntos.

— Ok. — dou de ombros. — Ah, só mais duas coisas, você não pode falar do nosso casamento para outras pessoas, o que acontece na nossa vida, fica na nossa vida, está lá no contrato.

— Isso é um...

— A outra coisa. — levanto a mão, impedido que ela termine de falar. — Não teremos lua de mel, estou sem dinheiro para viajar e ninguém nos presenteou com uma viagem, um bando de mesquinhos, não é? — controlo o riso quando Amélia abre a boca e fecha, não sabendo o que dizer. — E eu também estou com indisposição, sem qualquer vontade de sexo, acho que posso estar depressivo pela minha falência, não sei se isso vai passar, é psicológico. E o contrato não nos obriga a ter herdeiros. — saio do carro e olho para ela. — Então, boa noite. Tenha bons sonhos. E seja bem-vinda ao novo lar.

Capítulo 2

Gabriel

Destranco a porta do quarto e preparo-me mentalmente para me encontrar com Amélia.

Ontem, assim que cheguei nessa casa, eu corri e me tranquei no quarto. Não por ter medo dela, mas sim para evitar mais dramas e invenções da minha parte.

Amélia bateu na porta do meu quarto umas cinco vezes, mas eu disse que queria estar sozinho, porque ainda estava mal pela situação.

Estou mal pela situação. Estou mal por não estar com Katherine.

Passo pelo pequeno corredor e encontro Amélia sentada no pequeno sofá. É engraçado ver a forma desengonçada como ela está sentada. Ela não para de se mexer, tentando ficar melhor no sofá duro e curto que temos aqui.

— Bom dia, Amélia. — sorrio para ela.

— Qual é o seu problema, hein? — ela levanta, já apontando o dedo na minha cara. — O que eu te fiz para me dar uma vida assim?

— Eu já disse, Amélia, eu fali. Não é sua culpa, realmente. É culpa minha, não sua. Infelizmente, isso recai sobre você. Estava no contrato.

— O que eu te fiz? — ela bate em meu peito. — O que eu te fiz, hein? Fale pra mim!

— Nós transamos, certo? — seguro suas mãos, impedindo mais tapas. — Eu tirei a sua virgindade, você estava prometida. Bem, eu acho que foi você quem contou ao seu pai sobre isso, não foi? — não diz nada. — Desculpe-me por não ter dinheiro o suficiente para bancar a sua vida boa, mas nem a minha vida está sendo boa.

— Por que joga na minha cara a minha virgindade? Você transou comigo.

— E você comigo, certo? — *não transamos!* — A diferença foi que você falou ao seu pai, não o contrário disso.

Para falar a verdade, tenho certeza que nada aconteceu. A briga toda, envolvendo o pai e o irmão dela comigo, foi mais de raiva do que por eu ter tirado a virgindade de Amélia, afinal de contas, eu não lembro de nada.

Se não lembro, não fiz!

— Eu tive que contar para a minha mãe. — Amélia fala com mais calma, então solto suas mãos. — Ela falou para o meu pai.

— E causou toda aquela confusão.

Amélia volta a me bater e eu tenho que ficar me desviando dos seus tapas.

A campainha toca, fazendo com que Amélia pare de me bater.

— Deve ser algum ladrão. — Amélia me encara, com mais raiva. — Você me trouxe para uma favela de merda!

— Grita, Amélia! Grite bem alto, aproveite e diga de quem você é filha. Não esqueça que nem arma eu tenho para te proteger. — pego o braço de Amélia e a empurro para longe de mim.

— Você me odeia, eu não entendo o motivo disso.

— Não entenda. Eu não odeio você.

Claro que eu odeio!

Abro a porta de casa e encontro as minhas salvaçãoes.

— Só fiz isso por causa do pagamento. — Karen entra na minha casa, junto com Felipe. — E porque eu amo a Kat.

— Eu amo você também, e amo a Kat. — complemento.

— É culpa sua, não minha. Infelizmente, Kat sofre por isso.

— Eu sei, sinto muito. Você já falou com ela que fiz isso por...

— Sim, já falei. Mas Kat não reagiria bem, de qualquer maneira. Mas, agora, aqui estamos, nesse lugar com a vadia da sua esposa.

— Eu te paguei para isso, não reclame. — sussurro, para que só minha irmã escute.

Eu dei uma quantia para Karen e alguns brinquedos para Felipe, eu tinha que distribuir esse dinheiro de alguma maneira sem ser em apenas dividas. Também fiz doações anônimas para instituições de caridade.

E dei a minha casa para Kat... *Ela nem sabe disso.*

— O que essas crianças fazem aqui? — Amélia grita, encarando minha irmã.

— Estamos aqui para ver o casalzinho. — Karen senta no sofá, junto com Felipe.

— Ninguém visita na lua de mel.

— Chama isso de lua de mel? — Karen aponta para a casa, que está caindo aos pedaços. — Cuidado com o teto, ele pode cair na sua cabeça e você pode morrer, mas ninguém se importará.

— Ninguém gosta da noiva do tio Gabriel.

— Eu não sou na noiva, sou a esposa.

— Ninguém gosta de você. — Felipe mostra a língua para ela. — Tia Kat é melhor.

Ótimo, eles vão irritar Amélia.

— Ah, já entendi. Todo mundo reunido para ajudar a pobre coitada da Katherine, a doida que sempre ameaçou pessoas. Continuem, vocês são iguais a ela.

— Pelo menos Kat não armou para o meu irmão...

— Garota...

— Mas Deus é justo. Você armou tudo, mas perdeu a vida boa. Sabe o melhor? Kat continua rica, tem casa própria e carro próprio. Ela que se livrou dessa vida.

— Nós vamos nos reerguer.

— Claro que vai. Gabriel só tem o ensino médio, foi demitido da empresa do meu pai, sabe de nada... Realmente, Gabriel vai conseguir ótimos trabalhos.

— É maravilhoso saber sobre minhas qualidades, Karen. — falo com os dentes cerrados.

— Eu sei, Gabriel. Agora, vamos assistir um pouco de TV, não é, Felipe?

— Vocês não tem casa não? — Amélia olha para mim. — Gabriel, por favor, o que custa me dar uma chance?

Amélia é apenas a garota que tem brigas constantes com Kat... A garota que contou para o pai que tirei a sua virgindade... A garota que fez mil e uma exigências para o casamento... *Se eu darei uma chance a ela? Jamais!*

— É que eu sou o irmão mais velho, então eu cuido das crianças há muitos anos.

— Seus pais e Giulia não tem uma babá para esses dois?

— Trauma de infância. — dou de ombros. — As crianças são ótimas, nem incomodam.

Amélia começa a fazer uma cara de choro.

— Ninguém mandou querer roubar a vida de Katherine. — Karen olha para Amélia, com zombaria estampada na voz. — Bem, é aquele ditado, né? Aqui se faz, aqui se paga.

— Tia Kat é mais bonita e mais engraçada que você.

— Isso é uma gangue contra mim! — Amélia joga uma almofada em Karen, fazendo com que minha irmã dê risada. — Meu pai saberá disso...

— Contrato, Amélia, contrato. Se seu pai souber disso, acontece a quebra

de contrato e o divórcio. Afinal, o que acontece no nosso casamento, fica no nosso casamento.

— E esses dois aqui? Eles sabem...

— Eu não contei absolutamente nada, vocês duas que ficam discutindo. Eu continuo calado.

— É um castigo. Quem te envenenou contra mim, Gabriel? Eu sei que falaram que eu inventei tudo, mas não foi isso. Você estava bêbado e não lembra, a culpa é sua.

Eu nunca fiquei bêbado...

— Eu disse o contrário disso, Amélia? Eu até disse que tivemos uma linda noite juntos...

— Tem criança na sala. — Karen me repreende.

— Mas falou com ironia. — Amélia cruza os braços, fazendo uma carranca.

— Isso é com você e sua interpretação linguística e corporal.

— Gabriel...

— Amélia...

— Que belo casamento. — Karen murmura.

— Prefiro tia Kat.

Pois é, Felipe, eu também prefiro.

(...)

— No lugar onde você foi, não tinha nem ao menos um croissant? — Amélia encara o pão e copo de café, um copo de vidro, daqueles que vem extrato de tomate. Meus pais não deram qualquer presente de casamento, assim como os meus convidados. Os convidados de Amélia deram alguns eletrodomésticos, mas nem teremos espaço para guardar essas coisas. — Eu dei dinheiro suficiente para um belo café da manhã.

— E eu já expliquei que eu tenho que sustentar a família. Eu, apenas eu! O contrato do seu pai foi bem claro. Eu não posso e nem te deixarei pagando por algo. É um pão e um copo de café, está muito bom.

— Ele tem razão, está uma delícia. — Karen sorri. — Sabe cozinhar, Amélia? Gabriel não sabe. Ou vão morrer de fome?

Tento não sorrir. Eu sei cozinhar, mas Amélia não precisa saber disso.

— E ainda tenho que comprar e aturar essas duas pestes?

— Realmente, nem precisava, temos dinheiro para comprar centenas de padarias com milhares de croissants, diferente de você. — Karen cantarola.

— Eu sei o que você quer, Gabriel. — Amélia amassa o pão e ele vai esfarelando na nossa pequena mesa de plástico. — Quer que eu desista do casamento e, assim, você sairá livre, não é?

— Eu só quero comer em paz.

— É melhor que tia Karen fique de castigo do que casar com um homem feito você. — Felipe aponta para Amélia. — Você parece a Cruela dos Dálmatas.

Eu tento controlar a minha vontade de rir.

Amélia está certa, eu vou enlouquecê-la até que ela peça o divórcio, mas, obviamente, eu não serei o culpado. Ela está acostumada à boa vida, não ficará muito tempo ao meu lado. Não me sinto mal em trata-la desse jeito. Amélia não presta, outro motivo para eu duvidar de ter transado com ela. Eu nunca transaria com Amélia, só se eu tivesse drogado.

— Ok, ok. — levanto da cadeira. — Fiquem um tempo com a tia Amélia. Preciso ir a um lugar.

— Ela não é a minha tia. Kat, Karen e Jas são, Cruela não é!

— Pare de me chamar assim!

— Não!

Meu dinheiro está sendo bem investido.

— Comportem-se, crianças. — aviso. — Daqui a pouco estarei de volta.

(...)

Yankee abre a porta do apartamento e fica me encarando.

— Oi, avô. — reviro os olhos.

— Não revire os olhos para mim.

— Um dia o senhor vai entender o que fiz?

— Não.

— Eu posso entrar?

— Não.

— Pare com isso, Sérgio. — minha avó empurra meu avô e me abraça.
— A casa é de Gabriel.

— Não é mais, ele te deu.

Minha avó me conduz para dentro de casa.

— Deu por uma boa causa, a casa continua sendo dele.

— Pelo que vejo, o casal já voltou.

— É, depois de tanta desobediência do meu próprio neto. — meu avô rosna.

Meu avô nunca vai superar que fui contra a sua ideia de "deixar a Ísis sem casa, para que ela volte comigo". Dei minha casa para ela morar e ele parou de falar comigo.

— Eu sinto orgulho do meu neto, por saber que ele não se rende para ninguém. Que tem seus próprios ideais. — minha avó sorri, e dá um empurrão no ombro do marido. — Pare com isso. Foi uma desobediência por uma boa causa.

— Claro que foi. — ele bufa. — Como está o casamento?

— Bem. — dou um meio sorriso. — Amélia persiste em continuar com essa história. Mas sei que está enlouquecendo por dentro, por ver a casa onde estamos.

— Se ela fizer qualquer movimento, se levar algum homem até lá, nós saberemos. O território é de Tyler, ele sabe o que faz. Amélia não desconfiou de nada?

— Não. Ela só acha que estamos em uma favela.

— Aquele lugar nem é uma favela.

— Se o lugar não tiver segurança particular engravatado, piscina e existir casas com apenas um andar, é considerado uma favela para Amélia.

— Kat é uma garota tão legal. — a voz da minha avó sai carregada de pena. — Nunca mais falou com ela?

— Ela colocou na cabeça que eu a traí, já que Rachel sabia da minha localização. Depois veio a coisa do casamento e todo o contrato. Não posso ver Kat, ela e Amélia se odeiam e sei que isso pode prejudicar os negócios.

— Eu adoraria que os negócios fossem uma empresa, uma clínica, um hospital...

— Daqui a pouco terá passado vinte anos e sua avó continuará com esse drama.

— Gabriel, o que te trouxe até aqui? — ela ignora o meu avô. Sei que deve ser difícil para ela, mas acho que ambos se amam. Pelo menos, eles sempre

voltam.

— Eu quero aquele papel com todas as dividas, as vendas dos imóveis e tudo mais, para provar que realmente fali.

— Já estou indo pegar. — minha avó vai até a biblioteca.

— Sente-se. — meu avô aponta para o sofá.

— Estava esperando pelo convite, já que a casa não é mais minha.

— Você tinha que ser como Sara.

— Minha mãe é maravilhosa.

— Uma mistura de Sara, Fernando, Victor, Yankee, Ísis e Alice. Explosivo como todos nós, mas tem a bondade da mãe e das avós. É isso que falam de você.

— Quem fala isso?

— Quem te conhece. Vemos o quanto você é obstinado em salvar a família e faz de tudo por ela, até casar com Amélia. E é bom com as pessoas.

— Isso é aquela conversa de "eu estou te perdoando, meu neto"?

— Conversou com Tyler esses tempos? — nego. — Chegou uma nova pessoa pelas ruas. Teremos uma conversa com ele.

— Uma mudança repentina no assunto.

— Você vai para a conversa.

— Algo com Yoshida ou Milla?

— Não, é algo novo. Um novo traficante querendo espaço.

— E o que eu tenho com isso?

— As pessoas falam sobre você, o quanto é estrategista.

— Quer que eu vá para a reunião para aprender algo? Sua conversa não está tendo uma continuidade correta.

Realmente não entendo aonde vamos com essa conversa...

— Sangre latino é assunto de família, mas a nossa família é muito mais fechada que a Nostra Ancoma. O que acha que eu penso de você?

— Que sou desobediente, petulante, impulsivo, encenqueiro...

— O que me faz pensar isso de você? O que você me fez?

— Eu ajudei a minha avó, dei lugar para ela morar. Você estava sendo bem estúpido com ela, precisava acordar para a vida e saber o mal que causava a sua família.

— Você tem coragem o suficiente para bater de frente comigo. Por isso escolhemos você.

— Escolheram para?

— Bem-vindo a Sangre Latino, Gabriel.

Capítulo 3

Gabriel

Nem em meus sonhos imaginei que entraria na Sangre Latino, a gangue do meu avô, na realidade, achei que ele me odiasse por causa do assunto da minha avó.

Sonhar em entrar eu até sonhei, mas em ser aceito na vida real? Isso não...

— Como assim? — pisco os olhos, ainda atônito com a notícia. — Sangre Latino?

— Sim, Gabriel. Sangre Latino, ao meu lado. Já falei com Fernando...

— Espera, e todos aceitaram isso? — *cara, não sei o que dizer.* — Eu, na Sangre Latino? Ok que tenho a nacionalidade...

— Não é apenas isso, Gabriel. Eu estava te observando, vendo o que faz. Fernando contou sobre envenenar a carga. Fiquei surpreso com Karen também, se um dia eu aceitar mulheres em cargo alto, chamarei as duas. — ele ri. — Mas, no momento, eu quero apenas você.

— E quem concordou?

— Quem importa na Sangre Latino. Por isso vamos para a reunião.

— Pensei que me odiasse por causa daquela história da minha avó.

— Não dá para odiar um neto. Não dá para odiar você. Além do mais, você me desafiou, isso só mostra o nível da sua coragem. Então, Gabriel, vamos para a reunião, depois você pega os papéis na mão de Ísis.

— Ok. — concordo. — Eu serei...

— Vamos, Gabriel. Vamos para o nosso complexo.

(...)

Meu avô para o carro em frente a um enorme muro com um portão de ferro. O portão de ferro abre para os lados, onde visualizo, pelo menos, seis carros do modelo SUV e duas caminhonetes.

— Essa é a área proibida? — olho para o meu avô, que volta a dirigir, entrando no local.

— Sim, a nossa área. Área que nem Fernando pode entrar.

— Eu preciso saber de algo, eles não vão, sei lá, me odiar por estar aqui?

— Temos mais pessoas para odiar, Gabriel.

Ele para o carro e descemos, entrando mais no local. Aqui parece ser um ferro velho, onde descartam carros queimados e os desmancham antes disso.

— Desmanche de carro? — olho para meu avô.

— Sim e não. Oficina também, mais oficina que desmanche. Apresentarei a uma pessoa, vamos conversar com ele.

Andamos até um pequeno escritório, onde encontro uma pilha cheia de papéis, com um homem olhando para eles.

— Ulisses. — meu avô chama e o homem olha para cima. — Esse é o meu neto que falei, Gabriel.

Aperto a mão de Ulisses e ele pede para que eu sente a sua frente.

— Escutei muito sobre você, o seu avô se orgulha muito.

— Nem eu sabia disso.

— Gabriel é meio piadista. — meu avô sorri. — Mas é bom, já contei o que aconteceu.

— Mataram Patrick, deu até nos jornais locais. "Grande empresário do ramo alimentício, é assassinado e tem a casa roubada". — Ulisses ajeita o óculos. — Menos um para nos preocuparmos.

— E quem é o senhor?

— Gabriel. — meu avô chama a minha atenção. — Você sabe que a Sangre Latino é grande. Posso comandar tudo, mas sempre tem alguém por trás de cada negócio em algum lugar. Ulisses comanda um deles. Por isso estamos nessa oficina, ele vai trabalhar aqui, a partir de agora. — concordo. — E ele também tem informações. Ele mencionou sobre ter ajudado Allan.

— Allan, irmão de Jasmine? — pergunto.

— Isso mesmo.

Meu avô pede para que Ulisses continue:

— Allan apareceu na oficina querendo trocar um carro, por outro blindado. Desconfiei por conta da pressa, pela falta de malas e porque ninguém trocaria um carro daquele. Conheço Allan e Alex, eles estavam fugindo de casa há uns anos, acho que uns quatro, por aí. Ele estava fugindo novamente, porém, estava com uma garota, Luna.

— A menina que sumiu do serviço de proteção à testemunha? — olho para meu avô.

— Exatamente. — confirma. — Ulisses não sabia sobre a parte de Allan, ele só falou quando recebeu a minha ligação. Ele está ajudando os dois.

— Allan é do bem?

— Ele está fugindo do tal Yoshida, foi enganado por Milla. — Ulisses explica. — Assim ele contou, mas não fala muito no assunto. A menina é mais na dela, não conversa tanto comigo, mas é boa. Ela mora em uma área protegida pela Sangre Latino, junto com Allan.

— Eu concordei em protegê-los, no entanto, Allan não é problema nosso, não tanto. Ele é de Tyler...

— Ele sabe?

— Não, Gabriel. — meu avô nega. — Ainda não contamos. Você tem a missão de se aproximar dos dois. De Allan e Luna, para obter informações.

— E acha que conseguirei algo?

— Vai ter que tentar. Allan tem quantos anos? Vinte e cinco? Poderia pedir a Leo ou Daniel, mas ambos devem ser conhecidos como inimigos, já você, Gabriel, nunca teve tanto destaque. Seja sonso, inocente e ganhe a confiança de Allan e Luna.

— Ok. — concordo. — Então, mais alguma coisa?

— Sim. — meu avô afirma e olha para Ulisses. — Ele, o Ulisses, está comandando ao meu lado. Ele que te aceitou aqui dentro e convenceu os outros a fazer o mesmo.

— Espera, o cara chega do nada e...

— Vamos lá, Gabriel. Ulisses passou algum tempo preso por assassinato, matou o estuprador da filha dele, quando saiu, foi uma honraria para todos nós. Ele apenas fez a vingança do jeito dele, certo? Faríamos o mesmo. Ele não poderia sair do Estado por um longo tempo, por isso ele não vinha tanto para cá, mas isso mudou. Ulisses é de confiança, eu nunca desconfiei dele. Ao contrário de outro alguém.

— Ok, me perdi no assunto.

— Eu estava sempre fora, certo? Ninguém sabia onde estava, era exatamente por isso, para que eu trabalhasse em paz. Apenas Ulisses sabia, porque eu confio no homem que matou por mim. Em uma das viagens, eu levei um tiro. — meu avô levanta a camisa, mostrando a cicatriz. — Exatamente quando estava voltando à maternidade.

— E por que estava na maternidade?

— Porque eu e Ísis tivemos mais um filho depois de Sara. Mas ele morreu, horas depois. Acontece que durante a minha procura, acabei descobrindo um certo professor pirado. Em uma das casas que a Sangre Latino invadiu, eles viram o nome de um homem riscado, ao lado, dizia algo sobre "esquizofrenia". Acabamos o encontrando, ele mora na rua hoje em dia e vive dizendo que estão atrás dele para mata-lo. Foi difícil encontra-lo, demorou muito, quando o encontrei, ele falou algo sobre ensinar a matar. Quando ele me olhou mais, ele disse "era para seu filho te matar". Tentei indagar, mas ele começou a falar coisas desconexas e piorou, saiu correndo e nem fui atrás, ele está bem louco.

— Então seu filho está vivo?

— Mais buscas foram feitas e matei o médico que fez o parto de Ísis, o mesmo que disse que meu filho tinha morrido. Ele confessou a troca de bebês, ele está na folha de pagamento de Yoshida, também faz transplantes com os órgãos roubados. Mais meses investigando e o que eu tinha duvidas se confirmou. Javier está contra todos nós.

Ok, estou pasmo. Não sei o que dizer.

— Espera, Javier e Benjamin?

Os avôs se uniram contra todos.

— Exatamente.

— Tem certeza? — pergunto mais uma vez.

— Onde Javier estava todo esse tempo? Bem aqui. — Yankee vai até um mapa, onde aponta a "Guatemala". — Nas minhas andanças por aí, eu o vi cercado por homens estranhos. Antes que pense que descobri muito rápido, lembre que Tyler ficou preso por quatro anos e ele também estava à procura de algo, mas ele acabou indo muito perto de Yoshida, eu acabei indo mais para o lado das vítimas, e ali estava ele, Javier. Poderia ter contado antes, mas não faço ideia do sistema telefônico daquele lugar. Quando eu e você falamos sobre o contrato de casamento, eu estava em Porto Rico, atrás de mais respostas. Agora quando vi Javier, preferi contar pessoalmente. Foi um longo tempo andando. Descobri sobre Javier há um mês, estava tentando descobrir mais, descobrir vítimas. Fernando já sabia...

— Meu pai já sabia?

— Eles preferiram não contar. Gabriel, você estava se livrando do dinheiro, tinha que ficar apostando e perdendo, vendendo uma coisa e outra, mudar os imóveis para nomes de outras pessoas. Depois tínhamos o contrato de casamento para arrumar. Você parou em casa em algum momento?

— Não.

— Então, não tinha nem como falar.

— Então, o que faremos sobre Javier?

— Em um caso como esse, deveríamos prendê-lo com a mão para o alto, depois, fazer uma fila, onde cada homem da Sangre Latino teria um minuto para espanca-lo com chutes. Se sobreviver, passamos para agressão conjunta, se continuar vivo, podemos usar objetos. Até ele morrer. É uma traição grande, não é qualquer traição.

— E vamos pega-lo?

— Não, não agora. Estava sozinho naquele momento e não duvido nada que ele saiba da minha presença ali, então, ele não aparecerá tão cedo e já deve ter aumentado a segurança.

— E por que não te matou antes?

— Eu nem sei por que ele está do outro lado.

Olho para Ulisses, que estava calado nesse tempo.

— Então ele está no lugar de Javier?

— Era para ser ele, mas, você sabe, negócio de família. Javier existe, então ele está a frente, estava. — se corrige. — Porque aqui ele não entra, se bem que ele nem deve saber que estamos aqui, o território não é comandando por Yoshida, já vimos isso. — meu avô levanta da cadeira. — Preparado para entrar na Sangre Latino?

— Eu sempre quis, acho mais a minha cara, sei lá. — sorrio. — Máfia é tudo muito chique, caras mais sérias e ranzinzas, não sei dizer. A galera aqui é mais legal.

— Somos da rua, por isso a Nostra nos odiava tanto. Seu pai achou o mesmo, você combina mais aqui. — meu avô me leva para fora, onde vejo os homens da Sangre Latino trocando alguns pneus de carro. Muitos me cumprimentam pelo nome, conheço alguns dos garotos desde a infância. — Jean e Jesse?

— O que tem?

— Jesse não tem família, mesmo sendo menor de idade, vive sozinho e fugindo de qualquer coisa que o leve para um abrigo. Jean é como você.

— Está pegando gente nova?

— Estávamos analisando os três. Arthur falou sobre o sobrinho e o pai de Jean acha que ele terá utilidade ao nosso lado. Vocês não tem perfil de mafiosos, se posso dizer.

— Temos perfil de gangsteres. — dou risada. — Ok, entendo. Mas tem

essa coisa do serviço secreto...

— Nós seremos secretos. Onde trabalham é bom para poder pesquisar mais e descobrir respostas, mas vai me dizer que eles trabalham legalmente?

— Não, nem um pouco. Acho que é por isso que estamos no negócio. Eu posso falar com Jesse e Jean.

— Então, aceita entrar na Sangre Latino?

Olho para o meu avô.

— Ok. — concordo, apertando a sua mão. — Pode montar o círculo.

Meu avô se afasta e chama seis homens. Sim, seis homens, não garotos. Ele não pode me dar privilégios só pelo nosso parentesco.

Os seis homens olham para mim e sorriem, em respeito, mas sei que não pegarão leve.

Eu queria entrar no negócio. Como meu avô disse, a Sangre Latino tem mais relação com a minha vida.

Kat... Meu Deus, o que ela vai sentir quando souber de Javier? Ela ama o avô.

— Vamos lá. — meu avô me chama. — Trinta segundos.

Fico no meio dos seis homens. Assim que escuto "pode começar", eu me jogo no chão e me encolho, protegendo meu rosto. Eu sinto chutes, alguns até pisam em meu braço. Tudo por trinta segundos. E o cara que está contando não é rápido, ele é lento. 15... 14... 13...

Acho que será um minuto com essa demora para contar, mas eu aguento. Os chutes continuam e eu me mantenho firme, até que escuto "Trinta!". Os homens param imediatamente.

Respiro aliviado e estico-me no chão. Meus braços doem, assim com minhas costas e minhas pernas.

— Vai precisar de algo? — um dos homens que me chutou pergunta.

— Não, estou bem. — agradeço, porque sei que eles fazem isso sempre, é parte da sua vida.

Meu avô aparece ao meu lado, sentando no chão e me entregando um saco com uma carne crua congelada.

— Acho que já viu muito disso, sabe até como deve se proteger. — ele coloca outra coisa gelada em minha perna, eu coloquei o outro saco em minha mão, que foi pisada e está latejando... Meu corpo todo lateja.

— São anos vendo essa "surra de boas-vindas". — murmuro, mas eu sorrio, apesar de tudo.

É um teste de iniciação. Se passar por essa surra sem pedir para parar, você está dentro, mas é claro que antes eles procuram por sua vida. Não aceitam qualquer um.

— Então, Gabriel. — meu avô chama a minha atenção. — Seja bem-vindo a sua nova família.

Olho para cima, onde os homens me encaram com um sorriso.

— Viva Sangre Latino! — eles gritam.

— Viva Sangre Latino. — repito, sorrindo com orgulho.

Estou dentro. Agora sou, oficialmente, da Sangre Latino.

Capítulo 4

Gabriel

— Vamos conversar com ele. — meu avô avisa, enquanto eu ainda coloco algo gelado em minha mão. — Sabe que ninguém dará moleza a você.

— Eu sei. — confirmo, ainda apertando a minha mão. — Só não me obrigue a ser durão e dizer que minha mão não dói. Não vou chorar, mas não vou dizer que estou bem.

— Esqueceu de proteger a mão?

— Não. Quando estava protegendo meu rosto, pisaram na minha mão, que estava por baixo. Ainda bem que não quebrou.

Meu avô sorri.

— E então, como será agora? — pergunto. — Os outros sabem da traição de Javier?

Ele estala a língua nos lábios, como um muxoxo carregado de desdém.

— Nem sei se alguém lembra de Javier, ele está longe há tanto tempo. Eu também estava, mas eu deixei ordens, Javier não, ele apenas saiu.

— Desconfiava dele?

— Eu até neguei desconfiar, conheço-o há anos, nossos pais estavam presos juntos e tudo mais. Eu queria não acreditar, porém, não existe essa coisa de drama comigo, se é culpado, pague pelo crime e dane-se o parentesco. Só tenho pena da família dele. — olha para mim. — Como está o casamento?

— Um dia de casamento, nem tem vinte e quatro horas e já quero pedir para ir embora. — coço a cabeça, com a mão que está boa. — Amélia é a pessoa mais insuportável que existe.

— Já sabe como vai fazer? Ela tem que assinar os papéis e desistir do casamento.

— Ainda estou pensando. Ela odeia minha irmã e Felipe, eles estão com ela para irritá-la. Como é um território de Tyler, não tem perigo para os dois.

— E eu acho que Karen é mais perigosa. — rimos juntos. — O que deu nessa garota? Eu nunca imaginei.

— Dizem que as quietas são as piores. Fiquei em choque quando ela falou o plano todo, ela nem gosta de admitir, divide o mérito, mas ela armou a maior parte do plano. Eu, Jean e Jesse só chegamos com as máscaras e com o veneno, apenas.

— Nem quero imaginar Sara sabendo sobre a filha. Minha filha até que está melhor com a situação, mas se souber que a caçula está mais envolvida que todos nós juntos... — meneia a cabeça. — Ela enlouquecerá.

— Por isso ninguém fala. A gravidez dela e de tia Isa. Por falar em gravidez, e o seu filho desaparecido?

Ele fica em silêncio por algum tempo até que responde:

— Não faço ideia de como encontra-lo. O médico só sabe que o entregou a um homem, apenas. Qual o nome do meu filho? Onde mora? Talvez ele nem tenha crescido em Porto Rico. — dá de ombros. — Não sei nem onde começar a procurar.

— Era ele quem deveria estar aqui. — penso. — No meu lugar.

— Sim e não. Você estaria aqui de qualquer maneira.

— Estou muito surpreso.

— Você gosta de lembrar que me desafiou.

— Isso é para poucos e eu consegui, então, é um mérito.

— Mérito... — zomba. — E Katherine? Todo mundo sabe do amor de vocês.

Isso é uma perseguição.

— Ela é uma louca. Eu tentei explicar o motivo do casamento e ela parecia não escutar, ou me evitava. Karen disse que explicou e não deu em nada. Talvez seja melhor assim, não sei. Talvez se ela souber que eu a amo verdadeiramente... — paro de falar.

— Pode falar, Gabriel. Não sou um homem que diz "O amor não importa", eu sou casado, sou pai e avô, então...

— Não sei, acho melhor que ela me evite. Assim eu não sentirei a vontade repentina de ir atrás dela, para me sentir melhor. É a Amélia que deve fazer algo contra o nosso casamento, não eu.

— Katherine sofre?

— Provavelmente. Ela não admite, mas sei que me ama. Não sei se é a mesma intensidade que a minha, acho ela deve me amar, espero que ame. Quando me transformei nisso? Essa coisa chata e apaixonada.

Olho para a rua a minha frente, tentando ignorar os pensamentos que me levam a Katherine.

Quando estava fora, eu pensava nela todo santo dia. Pensava em todas as chances que perdi de beijá-la, sempre que eu tentava algo, ela se esquivava. Lembro-me dela falar "Beijo é algo nojento", então pensei: "Mudarei seu pensamento", mas isso aconteceu? Não! Só tenho o desejo dentro de mim,

apenas.

Sempre penso em seu jeito esquisito que assustava os meus colegas. Eu amo o seu modo de ser... Neguei Kat por algum tempo "É apenas amizade", pensei. No entanto, nessa viagem, eu descobri que é algo mais.

Era contra as regras, mas eu ligava para Kat. Eu também falava com Rachel, afinal, ela foi uma das vítimas de Yoshida, precisava de respostas. Katherine escutou? Não!

Agora estou casado com uma garota que odeio e Kat não olha na minha cara. *Parabéns para mim.*

— E então, como me aproximarei de Allan? — tento mudar o assunto e meus pensamentos.

— Vai ter que dar uma de amigo. Ulisses vai apresentar os dois, claro que Allan deve saber quem é você, mas não o que faz. Como o Ulisses será o intermediador, pode ser que Allan confie. Ao que parece, ele quer falar com Tyler, mas não sabe como fazer algo assim. Talvez esteja procurando coragem, pode ser isso.

— Serei amigo de Allan e Luna, para obter respostas. Mesmo que eu duvide que eles tenham visto o rosto verdadeiro de Yoshida.

— Marco lembrou apenas de quando estava preso e ainda da tal mulher machucada, agora ela pede desculpas. Então é alguém próximo, quem? Não sabemos.

Meu avô vira à esquerda, indo para o porto, para a área de descarga dos navios.

— Pode me atualizar sobre a reunião?

— Enquanto estivemos fora, tentaram tomar o território de Tyler, não conseguiram, mas eles estão tomando a zona Sul. Muito rápido e eles já tomaram alguns bairros.

— De onde são?

— América do Norte, principalmente.

— E o que vão conversar?

— Quero entender como conseguiram tomar bairros, sendo que aqui é meu, de Tyler e, anteriormente, de Fernando.

— A Nostra abriu espaço para eles? Traficantes de drogas?

— Acredito que a Nostra está passando por algum tipo de dificuldade em termo de liderança. Os "amigos" do seu pai falaram sobre isso. Que o novo chefe nem aparece e é por isso que o pai de Amélia uniu vocês dois, ele viu que Fernando é melhor.

— Será que é Benjamin quem está no comando?

— Com certeza. Ele só mostra a cara para quem sempre esteve com ele. E depois daquele envenenamento, ele vai olhar direito quem está e quem não está ao lado dele.

— Eu me casei com Amélia. — sorrio. — Mas o pai dela não sabe sobre Benjamin e Javier, então, ele pensa que está ajudando...

— Ele está se matando. Sabemos que ele votou contra Fernando e agora está dando uma de arrependido.

— Com isso, eu ganharei mais dinheiro e mais informações. Em troca, convivo com a Amélia. Belo sacrifício. — ironizo minha vida.

Meu avô para o carro, em frente a outros dois carros.

— Vamos. — ele chama.

Largo a bolsa de gelo dentro do carro de acompanho o meu avô nessa "reunião".

Atrás, junto conosco, vieram mais dez homens em outros carros. O tal traficante novo está com, pelo menos, o dobro de pessoas.

Mas Yankee é Yankee.

— Então esse é o Yankee? — o traficante diz, acho que seu apelido é West, algo assim. — Sinto-me honrado, poucos veem o seu rosto, se eu vi, é porque sou importante.

West deve ter uns 1,70 de altura. É meio gordo, e é da minha cor, tão branco quanto eu. É careca e tem a aparência daqueles *rappers*, camisa parecendo vestido, corrente de ouro com um "W" enorme no pescoço, anéis de ouro em todos os dedos, pulseiras de ouro... Cara, até dois dentes parecem ser de ouro. A bermuda está quase caindo... Seu rosto parece com o cachorro *pit bull*. Ele pode até causar medo em algumas pessoas, mas, devo dizer, ele parece um imbecil com essas roupas e essas joias, uma tentativa de ostentar, que é algo fora de moda e só mostra o que ele é: idiota.

Os homens que estão com ele não são tão diferentes, quer dizer, eles têm menos ouro. A Sangre Latino não tem nada disso, quer dizer, tem uma galera que se veste assim, mas esses caras que estão com West parecem que usam isso como uniforme.

— Poupe-me das bajulações, West. — meu avô corta o assunto, acho que West também não o assusta. — Você já me conhece, imaginei que fosse você.

Meu avô não falou nada disso comigo. Ele, realmente, está me tratando como novato. *Sem nepotismo, ele tem que ser leal ao seu negócio.*

— Sabe como é. — West sorri. — Não fale o nome, não mostre o rosto.

Meu avô e West apertam as mãos.

— Então, como sabia que era eu?

— Me deram mais informações, como, por exemplo, um "W" em cada muro dos bairros tomados. Isso é um bom modo de te identificar.

O tal West ri.

— Sabe como é, a garotada acha interessante essa coisa de ser gangster, querem até tatuar no rosto. — ele tentou fazer uma piada, já que tem um "W" tatuado abaixo do olho. — Então, o que houve? Antes que venha com historinha de território, devo dizer que aquela área é neutra, ou melhor, era neutra, agora é minha área.

— Não é. A área é minha.

West para de sorrir, agora ele está bem sério.

— Não é. Ninguém impediu.

Meu avô sorri de lado.

— Ninguém?

— Vamos lá, Yankee. Eu e você nos respeitamos, certo? A última vez que um *tretou* com o outro deu merda para todos os lados, acertamos que ninguém mais se metia no assunto do outro e nem território. Você vende suas coisas para um lado e eu para o outro, certo? Aqui é grande, tem espaço para muita gente, e olha que o meu território é bem longe do seu e do tal de Tyler.

— Acontece. — meu avô se aproxima. — Que aquele território é meu. E eu vou pega-lo de volta.

— Tente.

— Eu cheguei primeiro e você não tomará isso, West.

— Você não vê, Yankee? Você perdeu. Era seu? Tomei, fim! Eu não vou para o seu lado, não tomarei seus clientes, fique tranquilo com isso. Somos amigos, como Tyler é.

Meu avô ri.

— Claro que somos. — meu avô concorda, mas o seu tom é de escárnio.

— Medo da concorrência?

— Medo? Não, eu sei o que faz, West. E aqui você não fará.

— Ameaças?

— Sempre. Sempre ameço aqueles que querem pegar o que é meu.

O tal do West olha para mim.

— Você fala de mim, mas usa garotos também. — aponta em minha direção.

— Eles entram por vontade própria, ninguém os obriga.

— Então, Yankee, tome conta da sua gente e eu tomo da minha. Quer guerra? Teremos, mas ainda não vi motivos para isso, e nem teremos motivos.

— Vindo de você, West, eu confio. Confio que ninguém será colocado em seus negócios por ameaça, aposto que aquele bairro deve estar bem tranquilo...

— Assim como seu, Yankee. Nenhuma polícia entra...

— Resolvemos os problemas deles, já são quase dezoito anos aqui, você acabou de chegar, não se ache tanto.

— E nós também resolveremos, ficará tudo na paz. Eu não mexo com você e nem você mexe comigo, simples. Cada um tomando conta da sua área.

Meu avô concorda, com um leve balançar de cabeça.

Ele vira as costas, andando em minha direção e pede para que eu faça o mesmo.

Entramos no carro e nos afastamos.

— Quem é West? — pergunto.

— Típico jovem que cresceu rebelde, fez mil e uma coisas e agora acha que é o rei do tráfico. — ele olha para mim. — Quero que dê um jeito e compre drogas com ele.

— Pra que?

— Para sabermos o que está sendo vendido, ele deve misturar...

— E é problema nosso? Eles que comprem, eles que se ferrem.

— Não, Gabriel. Eles não usam apenas para vender. Eles usam para roubar pessoas, em qualquer lugar. Usam alucinógenos para deixar a pessoa doida e ser estuprada, para que elas caiam em golpes... Eles invadem casas e tomam tudo, eles pegam crianças e os aliciam. — ele olha para mim. — Eles não estão aqui à toa, eles entraram com facilidade.

— Yoshida deixou que ele entrasse.

— Provavelmente. Acho que essa é a nova arma que ele vai utilizar. Pessoas de Yankee contra pessoas de West. Precisamos saber o que tem nas drogas, para entender o que eles vão fazer especificamente.

Capítulo 5

Katherine

Horas atrás

Cassandra, ou como gosto de chama-la, Cassie, segura o meu braço e me leva para dentro do pequeno bar, onde uma música esquisita toca. Eu odeio música eletrônica. Faça-me escutar música romântica, que eu odeio também, mas não me faça escutar música eletrônica.

— Sabia que odiaria a música. — Cassie sorri. — Moço, duas latas de Sprite.

O moço que serve bebidas nos entrega o refrigerante.

— Eu imaginei tomar um litro de vodca. — abro minha lata. — Não refrigerante.

— Kat, a última vez que bebeu, quase morreu.

— Não lembra isso. — seguro a mão de Cassie. — Vamos sair daqui, odeio essa música chata!

Cassie me leva para fora, onde encontro mais algumas pessoas bebendo e conversando.

— Quanto tempo não nos vemos. Para atualizar você, aquelas vadias não falam mais comigo.

— Quais vadias, Cassie? Tem muitas.

— Aquelas que estavam conosco no dia em que passou mal.

— Dia do envenenamento?

— Exatamente. Tinha falado com tia Isa e ela disse que você estava melhor, eu até te visitei. Depois, quando você viajou, estava sozinha, fui procura-las e, advinha...

— Te ignoraram. — termino meu refrigerante e penso em pegar outro, mas quando lembro a música chata... Até desisto. — Aposto que aquelas vadias me envenenaram. Eu vou me vingar.

— Conta comigo. — coloca o braço em volta do meu ombro. — Quer falar sobre Gabriel?

— Sobre como vou mata-lo?

— Kat, deve ter sido por uma boa causa.

— Provavelmente, mas não quero vê-lo. Ele está com Amélia. Cassie, é a

Amélia! Ela é minha maior inimiga.

— Nossa maior inimiga. Lembra que ela jogou tinta em mim quando pinteí meu cabelo de vermelho? Ela comprou uma lata de tinta e jogou em mim, para que eu, realmente, parecesse alguma ave exótica, ou sei lá. E o que eu fiz?

— Deixou Amélia careca. — rio da lembrança. Cassie disse que tinha um shampoo que faria o cabelo cair. Quando Amélia passou para entrar no colégio, eu e Cassie jogamos dois baldes cheios daquele shampoo em Amélia. Acredito que até os pelos do corpo saíram. Foi engraçado, Amélia gritou e quando puxei o cabelo, um punhado caiu.

— Exatamente. Eu tenho um ódio daquela vadia! Sei que não quer falar sobre Gabriel, mas eu devo agradecê-lo. Graças a ele, eu me casarei com o ex-noivo de Amélia.

— Você o quê? — sou pega de surpresa com a notícia.

— Pois é, Kat. A vaca da Amélia casou e o idiota perdeu a noiva, agora eu sou a próxima vítima dessa merda de Nostra Ancoma. Pior! Todo mês tenho que ir para a merda do ginecologista, para saber se a filha continua pura, e eu nem sei se tem como saber, mas tenho que ir.

— Você ainda não perdeu a bendita virgindade?

Cassie é uma garota bem rebelde. Ela deveria ser recatada, mas isso não cola muito com sua vida.

Seu cabelo é de um vermelho muito vivo, aquele vermelho que é bem chamativo, mas eu acho que ela fica maravilhosa com ele. Ela é quase da minha altura e acho que seu corpo é bonito. Ela tem as pernas grossas, como eu. Tem seios grandes para a idade de dezesseis anos — começou a crescer aos onze, foi o comentário da sala de aula —, e tem a atitude de uma mulher adulta. Tudo isso nos fez ser uma piada no colégio. No meio de gente sonhando em ser modelo, em ser mais magra, ter boca mais carnuda e outras chatices, eu e Cassie estávamos remando contra a maré. Por isso nos damos bem.

As outras meninas eram nossas amigas, mas... Mas não são mais.

Melhor para mim, tenho coisa melhor a fazer e pessoas melhores ao meu redor.

Karen anda comigo e Cassie, mas dificilmente ela sai de casa, não gosta muito disso.

— Não, Kat. Sabe por quê? Eu tentei, juro que tentei fazer sexo. Só para irritar essa regra de merda, mas sabe o que aconteceu? Lembrei de você.

— Não sou lésbica!

— Não é isso. Eu lembrei de você falando: "O líquido pegajoso deve ser

como uma cola, esticando e saindo. Dois líquidos se misturando. Suor, saliva... Imagina o cheiro? Deve feder! O líquido em seu corpo e o corpo do outro. Você faz xixi com isso e eles colocam a boca". Eu travei, Katherine.

Eu morro de dar risada com a conversa.

— Katherine, falo sério! Eu não consigo fazer nada sem pensar em você falando de sexo. Pior foi que eu comecei a rir do nada, e o cara estava tirando roupa. Acho que pensou que estava rindo dele. Sou uma idiota.

— Katherine mantém garotas recatadas, pontos para mim. — bato palma.

— Outra coisa, eu quero alguém inteligente. Esses garotos são tão burros. O cara que estava com Cassie vai se aproximando junto a outro.

— Cassie, demorou. — ele diz e sorri pra mim. — Qual o nome da sua amiga?

— Amiga, esse é um amigo. Amigo, essa é a minha amiga. — Cassie nos apresenta e eu sorrio para ela. Ela sabe que não sou fã de conhecer pessoas, nem falar meu nome a elas.

— E sua amiga tem nome? — o outro pergunta.

— Tenho. — respondo.

— E qual é? — insiste.

— Esse é o amigo do meu amigo. — Cassie apresenta.

— Olá, amigo do amigo da minha amiga. — sorrio. — Eu sou amiga da amiga do seu amigo.

Ele também sorri.

— Então, *gatinha*. — ele coloca a mão na minha cintura. — Que tal subirmos lá para cima?

Retiro a mão dele a minha cintura.

Não sei o que é pior: chegar com toda essa intimidade sem nem me conhecer; me chamar de "gatinha", eu odeio isso!; tocar em mim; Ou falar: "subir lá para cima".

— Não sei. — falo seriamente. — Pensei em subirmos lá para baixo.

— Pode ser também. — ele concorda. *Diz que ele está me zoando!*
— Talvez *seje* melhor.

Seje! Ele disse "seje"!

Calma, Kat. Não julgue as pessoas pelo modo de falar, vai ver ele nem teve a oportunidade de estudo.

— Estuda aonde? — indago.

— Estou na faculdade, *gatinha*. Estudo filosofia.

Eu vou julga-lo! A pessoa está na faculdade e manda um "seje"?

Eu não sou inteligente, mas acredito que nunca falei "seje", fora que ele me chama de "gatinha", ele perdeu pontos que nem ao menos ganhou.

Estou odiando tudo aqui!

Quando olho para Cassie, ela está beijando o amigo.

Eu puxo o seu braço.

— O que é? — ela pergunta.

— Estou indo.

— Mas já? — o garoto chato pergunta. — Pensei que pudéssemos subir lá para cima.

— Dói, né? — Cassie sussurra. — Eu disse que a inteligência dessa gente causa desconforto. O amigo dele uma vez mandou mensagem e escreveu "com migo", isso quer dizer "comigo".

— Isso dói, e olha que nem somos inteligentes.

— Por isso eu quero alguém inteligente. De burra já tem eu. — Cassie dá de ombros. — E Gabriel...

— Não fale dele, nem quero saber. — olho para a boca de Cassie. — Você troca muitos fluidos corporais.

— Kat...

— Isso passa doenças. São salivas sendo trocadas. Herpes, gonorreia, verme...

— Verme?

— Sim. Daqui a pouco você está com uma barriga d'água e pensa: "Mas eu não comi carne de porco, peixe, eu tenho higiene", só que a verdade é que a boca de alguém estava estragada, ele te passou verme.

Cassie faz cara de nojo.

— Ok, depois dessa, vamos embora.

Sem nem ao menos nos despedir, eu e Cassie saímos de perto do bar.

— Vou morar com tia Dianna. — ela informa, enquanto andamos até o estacionamento estranhamente vazio. — Meu pai está ajudando seu pai e minha mãe me odeia, como tia Dianna está sozinha, ficarei com ela.

— E o seu irmão, o Jean?

— Um irresponsável, sabe como é. — dá de ombros. — Senti sua falta.

— Saudades de você! — abraço-a. — Uma das poucas humanas que amo.

— Idem, terráquea que vive em um mundo infestado por gente imunda.

Uma coisa pulando a nossa frente nos faz gritar e dar um pulo para trás.

— Que lindas garotas. — o homem diz. — Uma ruiva e uma morena.

— Que belo imbecil. — Cassie sorri com ironia.

— Belo retardado, concordo.

Seguro a mão de Cassie, mas quando vamos passar, o homem nos segura.

— Querem algo?

— Que você suma. — respondo.

Ele abre a mão, mostrando um pacote.

— Querem?

— Alguém pediu? — Cassie retruca. — Acho que não!

— Mas vai pedir.

— Qual foi? — pego a minha mão e coloco nas costas de Cassie, começo a tatear, procurando o canivete que ela sempre esconde na calça. — O que quer?

— Duas damas sozinhas à noite...

Quando ele pensa em terminar a frase, eu pego o canivete de Cassie e acerto o homem bem no braço, já que ele usou para proteger o rosto.

Eu e Cassie corremos, até que ele segura Cassie. Volto para pega-la, e consigo derrubar o homem em uma enorme poça de água.

Ajudo Cassie a levantar e começamos a correr, mas um carro para a nossa frente.

— Para o lado. — Cassie grita, mas quando vou virar, outro homem me agarra. Tento sair, parece ser impossível.

Eu tento gritar, tento sair, mas esse homem é forte.

— Quieta, quieta e ninguém sairá machucada. — o homem sussurra. — Venham comigo.

O homem coloca uma faca no meu pescoço e eu não tenho como pegar a minha. A de Cassie está cravada no braço do homem e a minha está nas mãos desse homem, que já retirou de mim.

Ele me faz andar, levando-me até uma pequena casa perto do bar, só que não tem ninguém para pedir ajuda. Quando entramos, encontramos um homem com cara de pit bull nos encarando.

— Deixe-me adivinhar. — *pit bull* sorri. — Acharam que a área não tem dono? Que a área é do tal Yankee?

Esse não é mais um território protegido? Merda! Pensei que estivesse segura aqui.

O homem que eu enfiei a faca aparece, com o braço todo ensanguentado.

— O que aconteceu? — *pit bull* pergunta. *Eu ainda tenho uma faca pressionada em meu pescoço.*

— Essas vadias me derrubaram e enfiaram a faca em mim.

— Por que andam com faca? — *pit bull* olha para mim.

— Para atacar pessoas que nos fazem mal! — Cassie grita.

— Nomes. — *pit bull* pede.

— Temos algo a resolver. — o cara que eu machuquei coloca a mochila em cima da mesa. — Essas vadias me derrubaram em uma poça de água suja.

Pit bull pede para que nos soltem, a faca é retirada do meu pescoço e eu viro para o lado, encontrando Cassie massageando o pescoço.

Pit bull abre a mochila e joga vários pacotes em cima da mesa. Está uma melecaria. Um monte de coisa branca, misturada com preta, com verde...

— As duas ferraram com minha mercadoria! — *pit bull* rosna. — Sabe o que é isso? Maconha, cocaína, heroína, crack e *meta*. Sabe quanto tinha nessa bolsa? Vocês estragaram...

— Existem embalagens impermeáveis, deveria comprar, até para proteger da chuva. — Cassie sugere.

— Coloca no sol para secar. — também dou minha sugestão. — Ou coloca um pano por cima, passa o ferro de passar roupa...

— Está brincando com minha cara?

— Não! — eu e Cassie gritamos.

— Vocês vão pagar por isso.

— Quanto custa? — Cassie pergunta.

— Mais do que podem pagar e eu não quero dinheiro. Depois de tomarmos esse bairro, essa é a primeira confusão que tivemos, e vocês acabaram com minha mercadoria...

— E esfaquearem meu braço.

Otário, foi apenas um corte profundo, talvez com a sujeira da água ele pegue uma infecção e morra. Se tivermos sorte.

— Fizeram muita coisa em minutos. Pagarão de outro jeito. Eu gosto de treinar garotas, ainda mais bonitas. — *pit bull* sorri, ficando mais feio do que já é. — Qual o nome de vocês?

— Caroline. — respondo. — Sou Caroline e ela é a Tiana.

Temos carteiras de identidade falsas.

— Sobrenome?

— Smith. — falo os nomes que constam na carteira.

Não era para ser usado em casos como esse, apenas para não juntarem meu sobrenome e o de Cassie com a Nostra Ancoma.

— Smith.

Ele pronuncia "Smitê".

— Não, tem som de "f". Tipo "Smif".

— Smit...

— Som de "f".

— Smíf...

— Não tão puxado no "mi".

— Smifi.

— Fale o "f" com rapidez. Não é assim. É tipo "Smif", fale rápido, você consegue.

— Smif...

— Quase lá, falta pouco...

— Acho que ela está tentando te enrolar.

Cala a boca, idiota! Você pagará por isso.

— Ok, senhoritas. — ele olha para mim. — Smif...

— Falta pouco, quase lá.

— Que seja. — faz um gesto com a mão, para que eu cale a boca. —
Carolina e Tiana.

— Tem "e" no final. — Cassie corrige.

— Caroline.

— E pronuncia "Carolaine". — explico. — Não "Caroline".

— Mas você falou "Caroline".

— Não falou não. — Cassie ajuda na mentira.

— Ela falou "Caroline". — outro homem idiota diz.

— Mas é "Carolaine Smif". Vamos pronunciar juntos...

— Carolaine...

— Chega! — *pit bull* grita. — Dane-se o nome. Vamos direto ao assunto, para pagar o prejuízo, vocês trabalharão comigo, aqui...

— Eu tenho uma vida. — Cassie protesta.

— Dane-se! Terão que entregar as mercadorias quando eu mandar e para onde eu mandar.

Serei uma mula do tráfico? Eu tenho que ser uma gênio da biologia e a química, não uma mulinha do tráfico.

— A partir de hoje. — *pit bull* olha para mim e para Cassie. — Vocês trabalham para mim. — sorri, mostrando a coisa idiota dos dentes de ouro. — Vocês trabalham para o "West".

Ok, mas quem é West?

Capítulo 6

Katherine

Mesmo sabendo que ele é chamado de "West", eu prefiro chama-lo de "Pit bull", parece mais.

— Está falando que venderemos drogas? — Cassie está tão desesperada quanto eu, mas ela não vai demonstrar fraqueza. Não na frente desses *traficantezinhos* de merda... Mas eles nos pegaram. *Ok, ponto para eles.*

— Sim, e não receberão nada.

Pit bull mostra a melecária na mochila. Os pacotes eram de papel, acho que muito frágil, já que um banho naquela água conseguiu estragar tudo.

— Olha quanto perdi. — ele pega um pequeno frasco, que está intacto. — Isso daqui custa muito caro.

— Heroína? — arqueio a sobancelha. — Mas ela está normal, o frasco protegeu.

— Eu disse que se eles investissem em embalagens, esse problema não ocorreria. — Cassie sorri. — A sua heroína intacta é a prova disso.

Pit bull ri, junto com outros dois homens. Olho ao redor e vejo que o cara que cravei o canivete não está mais aqui.

— Vocês não entendem nada de droga, não é?

— Nós tentamos dizer isso para o seu amigo. — falo, da maneira mais tola possível, sem parecer algo falso. — Quando ele mostrou o pacotinho, falamos que não queríamos. Só que ele nos segurou, não nos deixou ir embora. Não quero jogar indireta e nem causar treta entre amigos, mas, devo dizer, o culpado foi ele, não eu e Tiana.

— Exatamente. Ele nos agarrou, nós só queríamos ir embora.

Pit bull continua rindo.

— Isso é algo novo. — ele mostra o frasco. — E altamente... — ele não complementa.

Oh, cara! E se for? Não... Isso não cairia na minha frente, do nada. Seria muita coincidência... E se for? Eu serei a heroína do mundo!

Katherine, a heroína! Katherine, a gangster... Isso é melhor. A Netflix fará uma série sobre a minha vida, como fez em "Narcos" e "El Chapo". Será intitulada "Kat". Preciso de um nome melhor.

— Garotas. — ele senta na ponta da mesa. — Vocês são legais e

inocentes, não entendem nada de droga.

Coitado! Porém, deu certo!

— Então, deixe-nos ir.

— Não, morena. — *Pit bull* me encara, passando a língua pelos lábios.
— Não posso deixar. Eu preciso de gente ao meu lado e vocês são especiais. Vocês me devem dinheiro...

— Nós pagamos! — Cassie grita. — Nós arranharemos um emprego e pagaremos, vai demorar, mas pagaremos.

Eu e Cassie sabemos que não podemos falar quem somos e nem que temos dinheiro. Não somos burras a esse ponto.

Pit bull volta a rir.

— Essa mercadoria custa mais do que vocês ganharão em três anos. Acha que esperarei três anos para me pagarem?

— Pegaremos emprestado de cada pessoa que conhecemos...

— Mas eu não quero e vocês golpearam um dos meus, isso custa muito caro. — ele pega a mão de Cassie e olha diretamente para mim, depois ele traz Cassie ao meu lado. — Olha as duas, serão perfeitas. Uma ruiva e uma morena, se tivéssemos uma loira e um negra seria melhor ainda.

— Nós estamos falando de entregar drogas ou formar uma *girl band*? — pergunto. — Tipo, cada garota de uma etnia.

— Mas faltará uma asiática, uma árabe, uma índia, uma latina...

— Tipo as *Spice Girls*. — sorrio para Cassie.

— Não, *Spice Girls* eram inglesas.

— Eu não conheço outra *girl band*. — olho para *Pit bull*, franzindo o cenho. — Ou é *girl group*?

— Não sei. — Cassie dá de ombros. — Eu chamo de "grupo de garotas que cantam e dançam".

— Tiana, nós não dançamos. Poderíamos ser uma banda de Heavy Metal.

— Tipo o Guns N' Roses.

Olhamos para o homem que falou isso.

— O Guns não era Hevy Metal. — Cassie discorda. — As pessoas tem mania de achar que qualquer guitarra e gritos é Heavy Metal.

— E o que é Heavy Metal?

— Sabe o que percebo, essas duas são muito inteligentes. — *Pit bull* sorri. — Elas querem nos enrolar.

— Nós? Não! — sorrio. — Não. Estamos tendo uma conversa bem séria.

— Dane-se a banda, estou falando de negócios.

— E por que uma pessoa de cada cor seria melhor para você? —
questiono.

— Porque sim, fica bonito e atrativo.

— Estamos falando de drogas ou prostituição?

— Ruiva, estamos falando que as duas lindas garotas terão que vender
minhas mercadorias e usarão a beleza para isso.

— Eu prefiro a morte que me prostituir.

— Concordo com a ruiva.

Pit bull olha para nós duas.

— Não é prostituição. Vocês tem algo sexy...

— Temos nada! — discordo. — Olhe para minha roupa, está calor e
você só estão vendo minha mão, meu pescoço e meu rosto.

— E eu tenho o cabelo vermelho, de um vermelho chamativo, como uma
ave de sei lá onde. Minha voz é um pouco grossa por causa do meu sotaque, eu
tenho a cara de barraqueira...

— E esse é o diferencial de vocês. — o outro carinha diz. — E, ruiva, sua
voz é sexy.

— Somos menores de idade. — advirto-o.

— Quantos anos?

— Dezesseis. — Cassie responde.

— É considerado pedofilia abaixo dos quatorze anos, podemos nos casar
com a autorização dos seus pais. — o carinha olha para Cassie.

Morreria de rir, se não fosse morrer.

— Ok, careca. — Cassie zomba. — Continua sendo altamente escroto e
você não faz meu tipo.

— Nem você o meu, mas eu quero.

— Continue querendo. Cobice, é a única coisa que terá.

— Eu cuido das duas. — o careca fala. — Podem me chamar de
Guerrero.

— Guerreiro do tráfico? — dou risada.

— Guerrero, não "guerreiro".

— Guerrero, "*Carolaine*". "Guerrero" sem o "i".

— Guerreiro?

— Guerrero. — o cara corrige.

— Güerreiro?

— Não, não é assim que se fala. "Guerrero".

— Você tem uma péssima dicção. — Cassie o acusa.

— E vocês querem enrolar. — o tal Guerrero diz, com um sorriso. — Não tem nada ver com luta, é sobrenome. — olha para Cassie. — Seu futuro sobrenome.

— Vá se ferrar!

— Ok, chega disso. — *Pit bull* bate na mesa. — Apareçam aqui amanhã pela manhã...

— Não posso. — falo. — Temos coisas para fazer.

— Período noturno então. — *Pit bull* me encara. — Alguma objeção?

— Não queremos...

— Terão que fazer. — *Pit bull* mostra os dentes de ouro. Lembrarei de arrancar um por um com alicate.

— Guerrero, levem as duas embora. E, se não voltarem, tenham certeza que matarei toda a sua família.

— E como saberá quem é a nossa família? — Cassie pergunta.

— Procurarei uma menina de cabelo vermelho respondona chamada "Tiana Smitê".

— Eu já disse que tem som de "f". É tipo um espirro. "Smif".

— E "Caroline Smifê".

— Que dificuldade. — Cassie sorri.

— Não importa. Será fácil encontrar esses nomes, sendo que uma tem esse cabelo chamativo e a outra é chamativa.

Imbecil de merda!

Ele pega as nossas identidades e depois nos entregam.

— Eu nunca esquecerei esses rostinhos e saberei onde encontra-las, porque eu encontro quem eu quero e quando quero.

— Ok. — concordo.

— Não chame a polícia, nem a...

Poderia chamar meu pai, meu tio, Sangre Latino, vô Victor e a M-Unit. Mas farei isso? Não! Cara, essa é a minha grande chance. Eu mostrarei que sirvo para algo. E eu sei que aquele frasquinho tem algo.

Queridos mafiosos e gangsteres, vocês vão ver o que posso fazer.

Minha gangue existirá!

Eu terei uma gangue! Pulos de felicidade! Colocarei um rap bem legal para tocar. Um rap do gueto, isso aí!

— Guerrero, levem as duas para casa.

Olho para o tal Guerrero. Ele tem cara de ser mais gangster que *Pit bull*. *Pit bull* é muito brega no jeito de se vestir, parece um palhaço com roupa três vezes maiores que o corpo dele.

Guerrero assente com a cabeça e pega o meu braço e o de Cassie, nos levando para fora da casa.

Ele abre a porta de um carro e pede para que nós duas entrem.

Darei um jeito de alguém pegar meu carro no bar, nunca na vida que pegarei meu carro para que essa gente veja.

— Então, onde mora? — ele pergunta, quando começa a dirigir.

— Nos deixe na ladeira. — Cassie sorri. — Você não nos levará para casa.

Ele ri.

— Imaginei que não. Mas devo dizer que West fala sério, ele encontrará as duas se não aparecerem amanhã.

— Mas ele não deveria nos prender? — pergunto, porque estou curiosa. Nós descobrimos um esquema de tráfico de drogas e eles nos deixam ir?

— Acontece assim, "Carolaine", quando alguém entra no negócio, ele deve voltar. Se voltar, West confia, se não voltar, ele te encontrará e será pior. A escolha é sua.

— Mas ele vai encontrar facilmente? — Cassie pergunta. — Isso dá tempo da pessoa mudar de país.

— Talvez. Mas ele ainda te encontrará, ou encontrará algum parente. Alguém sofrerá com seu sumiço.

— Então você é o capanga dele? — pergunto.

— Mais que isso.

— Marido dele? — Cassie provoca.

— Talvez. — vejo que ele dá de ombros e sorri — Eu sabia que gostaria de você.

— Pelo amor de Deus, você tem idade para ser meu pai.

— Só se eu comi a sua mãe quando eu tinha onze anos.

Eu abro a minha boca, surpresa com tamanha ousadia.

— Que estúpido! — Cassie grita. — Não é assim que se conquista uma dama.

— Eu meteria um soco na cara dele. — concordo com Cassie.

— Então eu estava te conquistando? — ele ri. — Eu tenho vinte e sete

anos.

— Parece ter cinquenta.

— Devem ser as drogas. — sorrio.

— Não uso drogas. — ele sorri, de um jeito como se tivesse um segredo fantástico. — Faço coisa melhor.

— É estúpido!

— Não, Tiana. Você provocou.

— A merda que provoquei!

Ele continua rindo.

— De onde é? — pergunto.

— De onde vocês são? A ruiva tem algum sotaque latino...

— Esqueça, não quero mais saber. — desisto, ele não responderá. Mas ele tem sotaque porto riquenho. Inimigo da Sangre Latino?

Guerrero para o carro e eu abro a porta, descendo junto com Cassie.

— Já sabem, se não aparecerem amanhã, iremos atrás de vocês. E principalmente de você. — ele aponta para Cassie.

— Olha bem a minha cara e diz se eu terei algo com um traficante?

— Até amanhã. — ele buzina e depois sorri. — E eu sou químico.

Oh, cara! Ele é químico!

Meus olhos enchem de água, eu vou chorar de emoção.

— O que está acontecendo? — Cassie pergunta, enquanto olhamos o carro se distanciando.

— Cassie do céu! — seguro o seu ombro. — Ele é químico!

— Uma merda. Porque eu falei mal dos outros garotos e esse tal de Guerrero é estudado e não falou uma palavra errada...

— Cassie, vamos realizar nosso sonho. — um ônibus aparece e nós entramos, apenas para despistar, caso alguém esteja nos seguindo. — Seremos as "espiãs demais".

— Do que estamos falando?

Pagamos a passagem e sentamos nos assentos mais afastados.

— Você é minha amiga, muito amiga mesmo. Uma das poucas humanas que amo. — sussurro, no ônibus tem mais cinco pessoas, fora o motorista. — Você quer realizar o nosso sonho?

— Nossa gangue? — seus olhos brilham de emoção.

— Sim, eu estava precisando da Alex, porque a Karen é a Sam e eu sou a Clover. Se bem que a Alex é negra e você é muito branca...

— Não tem problema.

— Não, Cassie. Vamos trocar. Karen é mais escura que nós duas...

— Ela não é negra...

— Mas é mais escura que nós duas. Então ela é a Alex, eu sou a Clover e você a Sam.

— A Sam é muito certinha, combina mais com você. A Clover beija na bocas e você não.

— Mas eu quero ser a Clover!

— Então eu posso ser a Alex!

— Você quer estragar minha gangue! — rosno.

— Deixe-me ser a Alex!

Dou um grunhido e depois concordo com ela.

— Dedinho. — cruzamos os nossos dedos mindinhos. — Nós juramos proteger a outra, enquanto nossa gangue existir, e ela existirá para todo o sempre.

— Para todo o sempre.

— Então, Tiana Smith. Temos identidades secretas e estamos indo para algum lugar para despistar, quando descermos do ônibus, vamos para minha casa sem que ninguém veja. Amanhã voltaremos para o *Pit bull*.

— *Pit bull*? Não creio que você chamou o West assim também!

— Sim! Ele parece um *pit bull* brega.

— Que roupa é aquela?

— Você viu? Nem os *rappers* hoje em dia se vestem assim.

— Espera. — Cassie levanta o dedo. — Não precisamos voltar. Quer dizer, ninguém sabe de quem somos filhas. Só se eles já estivessem investigando, de qualquer maneira, eles viram nossas identidades falsas, não precisamos voltar.

— Querida e digníssima amiga. — coloco minha mão em seu ombro. — Aconteceram coisas que fizeram com que eu voltasse para o nosso sonho antigo. A nossa "super gangue feminina contra o mal". Isso me faz pensar que podemos chamar nossa gangue de "SGFCM".

— É muita coisa para lembrar.

— Realmente. — concordo. — Eu já até esqueci o que falei. Quando tivermos nomes, é melhor anotar.

Cassie concorda.

— Voltando ao assunto. Eu liguei uma coisa com outra. Gente, eu não nasci para estudar, nasci para combater o crime usando o crime! — bato palma e

a galera do ônibus olha para trás.

— Ninguém pode cantar parabéns não? — Cassie grita e todos voltam a olhar para frente. — Continue.

— Cassie, o nosso inimigo em comum está fazendo uma droga mega louca. Lembra que falei?

— Meu Deus! Somos gênias. Nossas mentes estão, oh. — ela coloca a mão na minha cabeça, como se fosse fazer um exorcismo. — Estão conectadas. A droga é aquele líquido que está no frasco?

— Deve ser. Meu sangue gangster justiceiro diz que é. — levanto a mão, como se tivesse abençoando Cassie. — Irmã, estamos na luta! Irmã, conseguiremos!

— E se não for?

— Irmã? — empurro o seu ombro. — Deve ser. O cara tomou o território de Yankee, alguém o colocou lá.

— Se colocou, eles sabem quem somos.

— Se soubessem, teriam nos matado. Vamos lá, Cassie. Se for da minha gangue, terá que matar e morrer pelo bem da população, mesmo que eu não goste de gente.

— Tudo certo. Nós sempre quisemos isso. Mas o que faremos exatamente?

— Pessoa linda, que amo, olha esse cabelo...

— Kat, sem bajulação. Até porque, nossas mentes estão conectadas. Eu sei o que quer. Guerrero.

— Amor meu, eu te amo tanto...

— Eu não farei isso, Kat.

— Ele falou tudo corretamente...

— Ele é abusado.

— São os melhores...

— Então Gabriel é o melhor...

— Não, querida. Eu mostrarei que sou uma gangster melhor. Vai, amiga...

— Não gostamos de chamar de "amiga".

— Soa com falsidade. — concordo. — Chamar de "vaca" e "vadia", causa mais sinceridade na amizade.

— Mesmo que não sejamos nada disso. — Cassie concorda. — Mas o que quer com Guerrero? Quer que ele te dê a fórmula da droga?

Olho para os lados, ninguém presta atenção em nossos sussurros.

— Não, Cassandra. Ele é químico e se ele se encantar mais por você, ele me ajudará na revolução da humanidade.

— Vai ser uma cientista doida, como em "Centopeia humana"? Ele era cientista?

— Acho que sim, não sei. Vi a foto e nem quis assistir. Cassie do céu, ele costura a boca na bunda. Isso é doentio, mas não nego que adoraria fazer isso em Yoshida. — nós duas rimos. — Voltando ao Guerrero...

— Não...

— Cassie, o cara é forte, alto, tatuado... Você gosta desse tipo que eu sei!

— Mas eu não gosto de gangster, eles são errados, tatuados, fortes, sexy... Alguns, não todos. A Sangre Latino mesmo, tem uns que. — ela se abana. — Deus me livre dessas tentações, amém!

— Guerrero é latino.

— Mas ele deu em cima logo de cara, e disse que comeu minha mãe.

— Viu que sexo é nojento! — grito, com a animação dela concordar comigo.

Olho para frente, onde vejo algumas pessoas dando risada.

— Gangster tem que ter descrição. — Cassie segura a minha mão.

— Voltando ao assunto. Guerrero só estava provocando.

— Ok, Kat. O que Guerrero fará por você? Se valer a pena, farei o sacrifício.

— Ele poderá me ajudar com minha arma biológica.

— Ainda nesse assunto? Você não deveria ter visitado aquele site estranho na infância...

— Cassie, uma super bactéria que é difícil encontrar, mas ele é químico e pode me ajudar.

— E o que a bactéria vai fazer?

— Se contaminarmos alguns objetos, a bactéria passará para a pele fazendo com que feridas apareçam. Feridas horríveis. Muita gente de lá de dentro vai se contaminar, se tivermos sorte, Yoshida se contaminará. A coisa é tão séria que a expectativa de vida após a contaminação é de uma semana. Primeiro vem os sintomas da gripe, eu acho, depois as feridas tomam conta do corpo e a pessoa morrerá. Cassie, Guerrero é o mais perto que cheguei de alguém que pode entender do assunto, então...

— Ok, Kat. Farei o sacrifício. Só reze para que estejamos certas. Para

que Pit bull seja o cara que repassará essa tal droga nova, para que eles não nos conheçam e para que Guerrero saiba mexer e encontrar essa tal bactéria.

Capítulo 7

Gabriel

Abro a porta de casa e encontro tudo escuro. Tateio a parede, procurando onde acender a luz, quando encontro, vejo Amélia sentada no sofá, completamente enrolada em um lençol branco, que foi uma das poucas coisas que trouxemos.

— Brincando de fantasma? — pergunto, enquanto tranco a porta.

— Qual o seu problema comigo, hein? — acho que ela tentou fazer uma voz ameaçadora, ao mesmo tempo de dor, mas ela conseguiu fazer uma voz esquisita. A voz normal dela é enjoada ao extremo, ela tenta forçar um sotaque americano, misturado com algo inglês e sai uma grande merda.

— Nenhum. — sento em uma cadeira, pegando os papéis e mostrando a ela. — Para ver que não menti, aí consta todos os papéis das dívidas que quitei...

— Onde estava?

Ela olha para mim. A boca de Amélia me dá agonia, sempre deu. Acho que quando ela tinha uns treze anos, ela começou a mexer no rosto. Ela é bem magra, e seu rosto que já era magro, agora é muito esticado — o que é estranho, porque ela é nova, quer dizer, acho que tem dezessete ou dezoito anos — e sua boca é esticada... E cheia, mas não algo natural. E eu não sou o único cara que acha isso, muitos pensaram o mesmo quando ela apareceu em uma festa assim. As meninas invejaram, eu e os caras pensamos: "O que ela fez com o rosto?". Engana-se a mulher que acha que homem não repara em nada. Não, se pintarem a unha, se deixarem crescer ou diminuir, eu nem vou reparar, agora algo que está em seu rosto? Isso todos veem e podem achar feio ou bonito. Amélia ficou feia.

Lembro-me que Kat roía as unhas, até que um dia ela deixou crescer. Ela ficou colocando a mão no meu rosto sem parar, depois eu entendi que ela queria que eu notasse as unhas grandes e pintadas de preto. Ela ficou chateada comigo, porque só vim reparar mesmo quando ela cravou as unhas em meu braço. Ficou sem falar comigo por 12 horas, voltou a falar porque eu tinha a senha da Netflix e tia Isa tinha cancelado a dela. Claro que não perdoei facilmente, em troca, ela teve que cozinhar pra mim, a sua lasanha que é perfeita. A lasanha ficou pronta, eu sorri, ela sorriu, ela pegou a lasanha e foi embora, porque não é minha empregada. Depois, fui atrás dela, dei minha senha, ela me deu a lasanha, sorrimos, assistimos alguma série antiga — porque preferimos clássicos — dormimos, tio Marco apareceu, pensou que eu fiz algo com a filha dele, tia Isa

ficou feliz porque a filha tinha encontrado uma pessoa — ela tem medo que a filha tenha algum fetiche louco ou encontre um louco pior, acho que é isso — deu em nada no fim das contas. Tio Marco sabe que não faria nada contra a filha dele, o quarto de Kat sempre foi um território liberado para mim, assim como o meu. *Era liberado...*

— Por que está sorrindo? — Amélia levanta do sofá, retirando o lençol que a cobria. Sua camisola é branca e transparente, eu consigo ver claramente os seus seios. Não olharei para baixo, não darei esse gostinho a Amélia, e nem quero olhar. — Estou falando e você sorrindo?

Eu nem sei o que ela estava falando.

— Amélia...

Ela coloca o joelho no meio das minhas pernas, inclinando o corpo em minha direção. Seus seios ficam bem na minha cara. Seu perfume é muito doce. Sorte a dela que não tem abelhas aqui, porque ela seria atacada.

O perfume de Kat não é tão doce, ela detesta perfume doce. Às vezes ela usava meus perfumes, ela prefere.

Kat, era você que deveria estar aqui. Aposto que ela não tem camisola sexy, não é a cara dela. Ela usa short preto e uma blusa preta, eu sempre a via assim quando dormia em sua casa... Eu já a vi sem roupa. Deus! Foi ano retrasado, ela tinha quatorze anos e eu quinze. Ela não ficou envergonhada, quando éramos crianças, tomávamos banho juntos, claro que sem maldade. Mas quando vi seu corpo nu depois de anos...

Olho para Amélia, que está alisando o meu peito.

Kat tem os seios maiores, ela tem cintura... Não é fina como as outras garotas, ela detestou a moda de usar algum troço que afina a cintura, ela me fez escutar suas reclamações sobre aquilo e ela jurava que "seus órgãos serão reduzidos e explodirão quando usar essa coisa". Ela não é magra, mas ela é maravilhosa. E a bunda dela... Eu toquei na bunda de Kat, foi instinto, ela olhou para mim, eu disse: "Tinha um inseto na sua bunda". Ela gritou para tirar, para matar, eu poderia ter me aproveitado e tocado mais... Eu respeito Kat o suficiente para dizer "Já foi embora".

Suas pernas são grossas, as de Amélia são tão finas que eu acho que consigo fechar minha mão nelas. Katherine tem o longo cabelo preto, que ela nem tem frescura de como usar; seus olhos são azuis, mas são claros, meio cinza, não sei explicar aquilo; sua boca é natural... Ela é diferente de tudo o que já tive na vida.

E por ela ser diferente, ela nunca me deu uma chance.

Uma vez perguntei se ela era lésbica, ela disse "Eu não quero me envolver com um cara com pênis, acha que vou me envolver com uma vagina? É tão esquisito quanto". Então ela falou algo sobre ser assexuada, não gostar de sexo... *Obrigado, Katherine*. Ela estragou boa parte dos meus sonhos.

Quando eu disse que a amava, ela sorriu. Ela sorriu! Eu vi! Foi um quase sorriso, na verdade. Mas era um sorriso! Então eu contei a ela dos meus sentimentos, disse que faria algo pelo bem de todos, que não teria sentimento na relação, porque a amo. Então disse que me casaria com a Amélia. Foi como se ela tivesse levado um choque. Ela apenas saiu desfilando, porque ela acha uma saída dramática e perfeita. Depois, eu expliquei minha situação e ela disse "Volte quando se divorciar, talvez, eu disse, talvez, eu vou querer falar com você sobre a merda da sua vida".

— Qual foi, Gabriel? — Amélia grita. — Vai dizer que não está excitado?

Ela tenta abrir o zíper da minha calça, mas eu a impeço.

— Amélia, eu passei o dia procurando um emprego.

— Eu posso nos sustentar.

Levanto da cadeira, fazendo com que Amélia dê um pulo.

— Não, não pode. Eu tenho que sustentar a casa...

— Ninguém saberá...

— O contrato foi claro, não posso quebra-lo. Você deveria ter lido o contrato.

— Eu odeio ler!

Kat ama ler, mesmo que sejam livros de terror ou matérias de sites de curiosidades esquisitas.

— Deveria amar, faz bem para mente. Eu amo ler, li dez livros em um mês. Foi pouco, meu recorde foram vinte.

E o de Kat foram 22.

— Eu leio legendas de entrevistas, quando elas estão em francês, por exemplo.

— Entrevista de?

— De cantores...

— Ok, Amélia. É uma ótima leitura.

Dou dois passos e já estou na cozinha. Pego o pão que compramos pela manhã e pego um copo com água, que enchi da torneira mesmo, e como. Eu comi antes de voltar para casa, então tanto faz comer ou não comer aqui.

— Eu pedi pizza, estava uma merda. Meus lugares favoritos não entregam nessa favela de merda.

Olho para Amélia.

— Eu disse que não era para comprar.

— A sua irmã e seu sobrinho me irritaram. — cruza os braços. — Gabriel, Felipe disse que vai trazer alguma coisa dos Dalmatas, para ver que eu me pareço com a Cruela. Gabriel! — ela grita e eu paro de rir. — Me defenda.

— É uma criança...

— Dane-se, sou a tia dele, ele tem que me respeitar...

Kat é a tia dele, não você.

— E ele fica falando da idiota da Katherine...

— Vamos combinar algo? Não fale mal da Kat, ok?

— Gabriel, aquela garota arrancou meu cabelo.

— Você jogou tinta em Cassie.

— Cassie é uma louca, barraqueira, ridícula, sem classe...

— Você está tendo muita classe falando de duas garotas que nem estão aqui para se defender.

— E você defende muito aquelas duas.

— São minhas amigas.

— E sou sua esposa.

— Mas é você quem está falando mal, elas nem ao menos fizeram algo.

Deixo o meu pão em cima da mesa.

— Quer saber? Vou dormir, cansei disso. Passo o dia procurando o nosso sustento, quando chego em casa, sou obrigado a escutar reclamações do passado.

— Felipe não é passado...

— É minha família.

Passo por Amélia e ela segura o meu braço.

— Por favor. — ela se aproxima, quando sei que vai beijar meu pescoço, eu saio de perto. — Por que faz isso comigo? O que te fiz?

Eu não deveria falar isso agora, mas para manter mais distância, eu decido falar:

— Eu me sinto traído, Amélia. — coloco minha mão na parede e inclino meu corpo para frente, tentando parecer abatido, sem forças... — Eu não queria ter brigado com meu pai e nem queria ter esse tipo de conversa com você. Não queira jogar essas palavras em sua cara, mas não consigo. Você acha que te trato assim sem motivos, Amélia? — olho para ela. — Eu acho que meu pai ainda

pensava que eu era virgem, então, simplesmente, todos da Nostra sabiam que eu tinha transado com você. Amélia, eu me senti traído porque eu perdi tudo naquele dia. Perdi o respeito do meu pai, da minha mãe...

— Mas Daniel transava, sei disso. Ele e Leonardo eram conhecidos pelo sexo. Todas as minhas amigas queriam ter algo com eles, para ver se era maravilhoso como todas diziam. Eu sempre quis você.

— Mas meu irmão e Leo nunca ficaram com alguém prometida. E eu? Transei com você naquela noite memorável. — *espero que ela tenha entendido o sarcasmo*. — E todos souberam, então eu perdi tudo. Se hoje moramos nessa casa, é porque eu perdi tudo naquele dia.

— A culpa é minha?

— Eu não falei sobre aquela noite para ninguém...

— É por isso que me evita? Porque me culpa por seu fracasso? — ela faz cara de choro. A sua cara estica mais ainda com isso. — Eu não queria...

— Até amanhã, Amélia.

Ando apressadamente para o meu quarto e tranco a porta, vou até a cama e me jogo lá. A minha mão ainda dói. Meu corpo ainda dói.

Eu ainda tenho que continuar nessa vida.

Pego o meu celular e olho na galeria de fotos intitulada: "Kat". São fotos nossas, odiamos fotos, mas ela me fazia tirar várias quando estávamos juntos.

Uma foto ela está forçando um sorriso e tem cara de doida; na outra estamos revirando os olhos; na outra ela está com cara de tristeza em meio às flores; em outra estamos com uma máscara de zumbis...

Nós íamos a convenções de gente doida, como diz tia Isa. Em eventos de terror, de zumbi... Fomos a uma visita em um hospital psiquiátrico abandonado, isso é mais assustador que um cemitério. Nas paredes tinham pedidos de socorro, tinham desenhos estranhos, tinham camas abandonadas, brinquedos... Kat passou dois meses com medo daquilo, e eu só poderia rir, porque foi ela quem quis ir naquela visita. Depois de cinco meses, fomos para outra visita em outro lugar abandonado. Ela passou um mês com medo.

Seu grande sonho é ser uma gangster, mas ela não me aceita na sua gangue "Você tem a Nostra e a Sangre Latino, eu não tenho nada! Formarei a minha, então, quando você liderar algo, seremos amigos de gangue. Nossas gangues nunca serão inimigas".

E aqui está a foto, ela segura uma AK 47 (**fuzil de calibre 7,62x39mm**), estava sem qualquer munição, eu verifiquei. Meu pai e tio Marco reclamaram por entrarmos em seu arsenal, depois riram da situação e disseram

que, um dia, aprenderíamos a mexer.

Um vídeo começa a passar. Katherine tentando cantar uma música árabe. É um *trap* (**é um estilo de instrumental do rap, se originou na década de 1990**), uma música árabe mixada nesse ritmo. Ela detesta admitir, mas ela não escuta apenas músicas relacionadas ao rock. Aqui no vídeo ela tenta mostrar que aprendeu a falar árabe, mas foi uma tentativa falha. Ela canta e dança, ela sabe dançar!

Sorrio ao lembrar esse dia.

Na outra foto eu estou dormindo, ela tem algo sobre tirar fotos minhas quando estou desprevenido. Na outra estou maquiado. Aquela merda de maquiagem não saiu facilmente, lembro que na escola todos perguntaram "Você passou algo nos cílios? Sua boca está mais rosa?". Pior foi quando ela passou batom preto, fiquei um dia em casa, aquela merda parecia tatuagem! Passei tudo, pensei em passar aquela coisa que tira esmalte, mas minha mãe mandou esperar que a coloração saísse com o tempo. Foi horrível, Leo foi lá em casa só para rir da minha cara, Daniel falou isso com ele. Giulia ficou com pena, mas riu disfarçadamente, assim como Jasmine; Karen tirou foto e postou em sua rede social e aquela merda virou uma piada no colégio, cada pessoa que riu de mim no colégio, ganhou um olho roxo; minha mãe não sabia se me defendia ou ria, não ajudou em nada; tia Isa ria da minha cara e reclamava com Kat ao mesmo tempo; Felipe não entendia nada, nem tinha idade para isso, ainda bem; meu pai e tio Marco acharam que era alguma infecção na minha boca que não foi tratada.

Mais de vinte e quatro horas de piadas com minha cara. E, mesmo assim, eu ainda amo Katherine. Eu me vinguei dela, peguei uma caixa cheia de baratas e coloquei em sua caixa de chocolate. Quando ela abriu, duas voaram em seu rosto. Ela parou de falar comigo por vinte e quatro horas, voltamos a nos falar porque ela precisava de ajuda para o seu trabalho do colégio que não poderia ser uma cópia da internet, e eu fiz com que ela se ajoelhasse e pedisse desculpas. Ela não fez o melhor pedido de desculpas, ela nem se ajoelhou. Ela disse: "Desculpe por eu ter feito uma merda na sua boca, acho que deveria ter feito coisa pior, porque eu te odeio. Me desculpe, eu só quero te usar para passar no colégio. Vai me ajudar ou terei que quebrar sua cara?". Eu sorri, porque eu sabia que ela jamais se ajoelharia para mim e pediria desculpas de maneira doce.

Escuto Amélia me chamando.

— Não quero sexo, quero conversar. — ela grita.

— Amanhã! — grito.

— Hoje!

— Quero dormir.

— Por favor, Gabriel. A minha cama é horrível, ela faz barulho quando me viro, a mesa é de plástico e as cadeiras também. Tem uma barata na minha cama.

Levanto da cama e abro a porta.

Eu sabia disso. Ela está nua, na minha frente, mas eu olho para o seu rosto.

— Eu durmo nua e a barata...

— Deite na minha cama. — peço. Vou até a minha cama e pego o meu celular. Vejo o momento em que Amélia deita na cama e deixa as pernas levemente abertas. — Boa noite.

Viro-me e vou até a porta.

— Para onde está indo? — ela pergunta.

— Não tenho medo de baratas. — saio do quarto e entro no de Amélia. Tranco a porta e encontro a barata correndo no colchão. — Oi. — pego barata na mão e jogo-a no chão, depois, a esmago com minha sandália.

Jogo-me no colchão, que, realmente, faz muito barulho, mas isso é uma bela sinfonia comparada à voz de Amélia.

— Vamos para a oração diária. — sussurro. — Deus, me dê paciência para passar por isso e que Kat me entenda, e que ela ainda me ame...

(...)

— Isso é hilário. Eu comprava as drogas e você me achava uma merda, agora que me livrei delas, você quer que eu compre? — Jean olha para mim, com um sorriso.

— É para vermos a mistura. — explico.

— Aposto que tem alguma *Speedball* envolvida.

Não duvido nada do que Jean falou. *Speedball* muitas vezes são vendidas sem que a pessoa saiba da mistura, mas muitos sabem e, mesmo assim, usam.

Speedball é uma mistura de heroína ou morfina, com cocaína ou metanfetamina. Esta é uma substância de alto risco para a vida de quem usa. Sei que cocaína age como um estimulante, aumentando a pulsação, os seus efeitos passam mais rapidamente que aqueles que são misturados à heroína ou morfina, mas, por outro lado, essas outras misturas desaceleram o coração. O resultado do

uso pode ser uma overdose tardia.

A preocupação do meu avô é que essa droga esteja sendo vendida aqui, com o nome de "cocaína", apenas. Sendo possível causar a morte de muitas pessoas... Ou até que essa droga seja passada por Yoshida.

— Se for *speedball*, nem será novidade. — Jean diz. — Afinal, dane-se quem estiver tomando.

— Não é bem assim. Eles podem dar a droga para alguém sem que ela saiba.

— Tipo aqueles "boa noite cinderela"?

— Tipo isso. Parece que o tal "West" gosta de fazer essas coisas.

— Ele é bem estranho. "Maconha a delivery". É só pedir e entregam em sua casa, se bem que não moramos em qualquer território. Mas ele é esperto, deve ter liberado isso só porque eu era um grande comprador de drogas. Acho que ele pesquisou e sabe disso.

— E a Nostra?

— Cara, meu antigo fornecedor achava que eu era um jovem depressivo filhinho de papai. Se forem pesquisar, vão ver que eu fui preso por posse de drogas, armas, brigas, que eu fiquei um bom tempo em uma casa para jovens infratores. Eu estou mais ao lado de criminosos do que o meu pai. É um bom histórico para essa gente.

— Ok, vamos esperar essa droga chegar.

(...)

Eu não sei o que sentir nesse momento.

É a Katherine.

Tudo bem que ela quer montar a gangue dela, mas a droga é de West.

Vejo o seu carro se distanciando. A droga está em minha mão e foi ela quem me entregou.

Kat não entregaria drogas a troco de nada. Ela também não ficaria quieta, vendo todos trabalharem. Kat está aprontando algo. Ela está ao lado do inimigo para pega-lo. Ela deve ter juntado as informações, mas, como conseguiu?

Eles aliciam jovens...

E se Kat estiver sendo obrigada? Se não for um plano e sim uma

obrigação?

Olho para droga em minha mão. Olho para a rua, onde Katherine já se distanciou.

Eu tenho que fazer algo. Sinto que não devo falar isso a outra pessoa, mas preciso falar com Katherine.

Capítulo 8

Katherine

Anteriormente...

— Bom dia, Deus. Bom dia, sol. Seria melhor se o dia estivesse nublado, mas ok. — levanto-me da cama. — Bom dia Sheldon, Mr. White, Jesse, Homer, Bart e Cléo! — pego minha escultura. — Obrigada, minha linda. — beijo sua cabeça. — Você me ajudou muito, sabia? Graças a você, eu sei da droguinha do Yoshida. E, com sua ajuda, eu fugirei para acabar com eles, meu amorzinho.

Abro a minha escultura, que tem uma pequena portinha abaixo, então, meus amores caem.

— E eles acham que sou burra, Cléo. — rio. — Logo eu, Katherine? Futura gangster? Justiceira? Eles não sabem nada!

Os pequenos gravadores caem.

Eu entrei no escritório de tio Fernando uma vez, fiz um milhão de drama e peguei a escultura, rapidamente, sem ele ver. Percebi que tinha uma abertura e coloquei meu gravador. Assim eu descobri sobre Yoshida e a tal droga. Nos outros dois gravadores eu tenho, nada mais, nada menos, que os batimentos cardíacos do meu pai e de tio Fernando. Para que eu quero isso? Para abrir portas secretas.

Sei que a "senha" para elas abrirem é o batimento cardíaco deles. Porque, ao que parece, cada pessoa tem um tipo de batimento, vi isso em uma série e achei fantástico. Então, eu abracei tio Fernando, tempo suficiente para que minha mão com o gravador fosse para seu peito e gravasse seus batimentos, assim como o do meu pai.

Coloco o minúsculo gravador e fico escutando a conversa do meu pai e tio Fernando novamente.

Droga que faz com que pessoas se matem. Drogas que as pessoas desmaiam do nada. Drogas que pessoas morrem mais rápido.

Pit bull, tem que ser você. E, Guerrero, seja legal comigo e Cassie.

Guardo meus gravadores com a Cléo e a coloco de volta no lugar. Depois, vou ao banheiro, para ficar limpa, não que eu seja suja.

Termino de tomar banho e pentear meu cabelo, pego minha calça jeans, junto com minha blusa da banda "Sirenia". Depois, coloco uma sandália. Logo

começo a minha maquiagem. Delineador bem preto, coloco muito rímel e passo um batom preto.

Minha mãe vai adorar me ver assim, ela odeia minha maquiagem escura, junto ao meu look "calça jeans, camisa de alguma banda e sandália".

Saio do quarto e desço as escadas, encontrando minha mãe trocando salivas com meu pai.

— Tem coisa mais nojenta que sons de salivas? — minha mãe, como sempre, revira os olhos, mas para quando vê minha roupa.

— O que é isso, Kat?

— Bom dia pai. Bom dia mãe. Bom dia, mesa. Bom dia, pão...

— Ela está linda. — meu pai fala. — Nem mostra pele.

— Eu amo o fato do meu pai me entender.

Ele se aproxima e beija a minha cabeça.

— Ela não precisa usar short.

— O melhor é que a memória dele não voltou, mas o ciúme estúpido persiste.

— Bom dia, bebê. — toco em sua barriga. — Está vendo como mamãe é? Ela é bem mal humorada e me odeia, Khaleesi.

— O nome da minha filha não será assim.

— Mas é lindo. — protesto.

— Você não dará o nome de Khaleesi e nem de Drogo, caso for um garoto.

— É Khal Drogo. — corrijo-a.

— Dane-se, não terá esse nome! E, garota, você não me engana. Onde estava ontem à noite?

— Amores meus, eu amo muito vocês e perdoo a traição dos meus próprios pais.

— Dois meses e já a conheço perfeitamente. — meu pai senta na cadeira, em frente à mesa. — Está assim por casa do casamento de Gabriel, porque fomos.

— Exatamente! Mas, ok. Entendo, aquele idiota de merda...

— Não fale assim!

— Desculpa, pai. Aquele idiota de uma coisa que despejamos no vaso sanitário. — olho para o meu pai, que sorri disfarçadamente, minha mãe parece que vai me matar. — Então, ele casou e vocês tinham que ir. Eu, por outro lado, fui curtir minha vida. Sorri, brinquei, conversei...

Virei mula do tráfico, cravei um canivete no braço de um traficante, joguei minha amiga para um cara que deve fazer drogas, ele terá que me ajudar com arma biológica, formei minha gangue e acho que só. Foi uma noite normal, como a de qualquer ser humano gangster.

Estou escutando Dr. Dre e Snoop Dogg cantando meu ouvido. "*Ba-da-da-da-dahh It's the motherfuckin D-O-double-G (SNOOP DOGG!)*".

— Por que está balançando a cabeça? — minha mãe pergunta.

— Estou escutando "*The next episode*" do Dr Dre e Snoop Dogg tocando em minha cabeça. — sorrio. — Eu amo essa música.

— É bem velha. Quando vai se atualizar?

— Quando alguém cantar melhor que o Eminem, o Dre, o Guns, o Evanescence, resumindo, nunca! Por que não nasci naquela época? Eu poderia ser uma garota respeitada.

— Quando vamos ao psiquiatra? — meu pai pergunta e eu faço uma carranca.

— E ainda tem aulas de Kat, ela vai se atrasar no ensino médio...

Gangster não estuda... Guerrero estudou, ou estuda... Eu não, eu nasci para combater o crime com minha gangue.

— Vamos ao aniversário do...

— Ah, não. — faço voz de choro. — Eu nem gosto daquela gente.

— Mas a mãe dele te acha uma fofa, e o marido dela está ao lado de Marco, então...

— Mas aquela criança é um saco! E terá mais criança chata. Um bando de velho, com criança chata, fazendo inúmeras chatices.

— Kat, vai ter bolo e eu quero comer bolo! — minha mãe grita. — A mãe do aniversariante faz um bolo espetacular e eu quero!

— Eu que sou esquisita, eu sou mal educada. A pessoa que vai a festa para comer que é normal.

— E pra que eu vou às festas se não for para comer?

— Duas da mesma. — meu pai sussurra.

— Concorde, mãe. Festa de criança é a melhor coisa, pena que tem algo ruim.

— O quê? — meu pai pergunta.

— Tem criança. — respondo. — Elas estragam a festa. Principalmente aquelas, eles dizem que sou uma vampira. — estou indignada ao lembrar aquelas criaturas pequenas gritando o meu nome. — E eu digo que vou arrancar os

pescoços deles com uma mordida, que vou armazenar os sangues deles para criar novos seres humanos para acabar com o mundo.

— E a dona da festa te acha uma fofa? — meu pai ri.

— Pior que acha. — minha mãe pega o meu braço. — Acha a coisinha mais fofa existente, mas é porque ela nunca escutou Kat falando essas coisas.

— Boa festa. — meu pai grita.

— Quem faz festa pela manhã? — pergunto.

— Vai até tarde. — minha mãe sorri. — Ficaremos com um monte de criança até tarde.

— Isso é castigo porque eu saí? Mas eu avisei.

— E daí? Eu quero que saia, então vai sair comigo.

(...)

— Tia Kat. — Felipe atira em mim, com a arma que espirra água. — Por que não casou com tio Gabriel?

— Porque sou diva e ele não. — bebo meu refrigerante.

— E por que ele não é diva?

— Porque ele é idiota.

— Idiota casa com idiota?

— Sim.

— Então é por isso que ele casou com Amélia.

— Às vezes eu te amo.

— Às vezes eu te odeio. — ele atira em meu rosto. — Mas eu quero Tio Gabriel com você. Você é doida e eu te amo.

— Você é bipolar.

— O que é isso?

— Você é louco.

— Você que é. — ele atira em meu olho, fazendo com que eu feche. — Você é louca e chata e não terá tio Gabriel.

— Isso é um caso grave de bipolaridade.

— Você é doida. — ele atira de novo. — Mas eu gosto mais de você. Amélia é chata. Ela parece a Cruela.

Ok, agora eu tenho que rir.

— Eu te amo. — bagunço o seu cabelo loiro.

— Eu não. — ele atira de novo.

— Se você atirar de novo eu vou fazer você engolir essa merda.

— Você falou a palavra com "m", vou falar para minha vó...

Entrego uma bala de chocolate a ele.

— Vou falar que você é bem legal e que te amo. — ele come a bala. — Vou brincar com a Valentina, a Iasmin e o Junior. Eles estão me esperando.

A criatura tinha que ser filho de Leonardo mesmo. Coitada de Giulia.

Espero que Felipe infernize Amélia. E se ele um dia gostar de Amélia? Não! Felipe é meu, de Jasmine e de Karen!

Karen se safou dessa festa chata. Sara não é louca como minha mãe que traz a filha nessa chatice.

Olho no meu relógio, ainda falta mais de doze horas para essa merda terminar.

— Você ainda vai comer nosso pescoço? — uma criança pergunta.

— Se ficar ao meu lado, sim.

Ela corre para longe.

Ali está a mãe de Amélia, sorrindo para mim. Ela está se aproximando.

Ai meu rim! Não mereço aturar essa velha chata.

— Olá, Katherine. — ela sorri, nem sei se posso chamar isso de sorriso.

— Olá, senhora que nunca lembro o nome.

Eu a odeio. Ela não viu nada de mais quando Amélia fez aquilo com Cassie, mas queria me matar quando arranquei o cabelo da filha ridícula dela.

— Seu rosto não rasga não? Muito botox. — provoco.

— Pelo menos as pessoas me amam.

— Senhora, se eu quisesse que as pessoas me amassem desse jeito que diz, eu abriria as minhas pernas como a sua filha e a senhora. Eu sei da sua fama, "boca de ouro", parabéns pelo prêmio.

Ela me encara, ainda com superioridade.

— Triste por minha filha ser uma Bertollini?

Levanto-me da cadeira.

— Boca de ouro, eu sou uma Vesentini. Vale tanto quanto uma Bertollini, e, olha só, eu nem precisei casar, já nasci nessa família. Mas a senhora? Qual o seu nome? Sobrenome? Só conheço como "boca de ouro". Foi um prêmio de um bordel, não foi?

— Você deve me respeitar.

— Olha bem para a minha cara. Você veio aqui mostrar que ganhou? Mostrar que a sua filha é uma Bertollini sendo que a vadia da sua filha nem ganhou o sobrenome? Faz o favor? Ocupa a sua boca comendo merda, porque disso a senhora entende muito bem, já que está falando um monte.

Afasto-me dela.

Eu odeio essa mulher! Odeio porque ela é a mãe que defende a filha em tudo. Eu posso ser louca, mas minha mãe dificilmente me defende de algo, mas boca de ouro? Essa não! Aposto que ela forçou esse casamento. *Também a odeio por isso.*

Não, Kat. Não pense em Gabriel. Pense que hoje será a sua primeira entrega de drogas. Pense nisso.

(...)

— Olá, Guerrero. — cumprimento-o e ele me entrega o pacote.

— Olá, "Carolaine" e Tiana. — ele sorri. — Preparadas?

— Nem dormi de tanta animação. Olha que legal, vamos entregar drogas de graça. — Cassie sorri. — Correremos risco de tomar um tiro, mas, ok.

— A área é segura e os compradores também. Não mandaríamos as novatas para a morte.

— Se o químico diz, preciso acreditar.

Guerrero sorri.

— Então, você faz drogas? — questiono.

— Olha se não é ela que está puxando assunto. Não temos intimidade para tanto. — olha para Cassie. — Quem sabe se...

— Você cismou com minha cara.

— Paixão a primeira vista.

— Eu nem gosto disso.

— Ódio se transforma em amor.

— Ele fala tudo certinho, Cassie! — murmuro.

— Eu sou educado...

— Disse que comeu minha mãe.

— Não disse. Eu disse que não comi, e nem vou comer.

— Ela é mais bonita que eu.

— Não duvido, se a filha é linda, imagina a mãe. Mas eu quero a filha.

Oh, cara. Ele é muito fofo. Gente, não vou juntar esse casal, não posso, não devo... Quero os dois juntos! Guerrero, venham para o nosso lado!

— Vamos. — Cassie segura a minha mão. — Vamos entregar essa merda.

— Deixe-me dizer algo. — Guerrero grita. — Se, por acaso, vocês forem boas, fieis, eu posso mudar o turno de vocês. Quer dizer, eu posso mudar a área de atuação. A rua tem mais perigo. Se forem legais, eu posso colocar vocês dentro.

— Dentro da onde?

— Dentro de onde atuo. — ele sorri. — Agora podem ir, isso não pode atrasar.

Agora...

— Ei, calma. — Cassie me abraça. — Não pode ter sido tão ruim. Eu sei que um drogado quase te agarrou, outro fez piada suja com seu corpo e algumas áreas são mega perigosas, mas...

— Cassie, Gabriel me viu! — olho para ela. — Ele me viu com drogas.

— Oh, merda!

— Ele disse que se importa! Eu tentei, Cassie, eu tentei esquecê-lo e focar nesse plano, e ele apenas aparece do nada dizendo que se importa.

Tia Dianna bate na porta do quarto, pedindo para entrar.

— Oi, Gabriel está aí fo...

— Precisamos conversar. — Gabriel entra no quarto de Cassie. — Por favor?

— Gabriel, não sei se é um bom momento...

— Não, tia Dianna. — enxugo o meu rosto. — Eu posso falar com ele.

Ela concorda e sai com Cassie.

Sento na cama, olhando para Gabriel.

— O que está fazendo?

— Traficando. — respondo.

— Não por vontade própria.

— É por vontade própria.

— Conheço West, sei que ele alicia menores de idade. Ele fez o mesmo com você?

— Não fez, entrei porque quis.

Ele respira fundo.

— Sabe das drogas de Yoshida e acha que West tem a ver, com isso, você vai tentar acabar com ele.

— Talvez.

— Kat, é perigoso. — ele se ajoelha e segura a minha mão, depois, toca o meu rosto, mas eu o afasto. — É arriscado.

— Eu sou crescida, Gabriel. Sei me virar.

— Não sabe...

— Eu não preciso de você.

— Saia disso.

— Não vou.

— Não me obrigue a falar com tia Isa...

— Você nunca falaria, não é um dedo duro.

Ele engole em seco, sei que ficou sem palavras.

— Eu só quero te proteger.

— Não preciso de proteção. Eu entro e saio de casa sem que ninguém veja, o condomínio onde moro está sobre o comando da minha vigilância. — sorrio, quando ele arregala os olhos. — Tenho nome falso e arma. Sei me virar.

— Então faremos juntos, como o nosso sonho...

— Minha gangue junto a sua? Chame Amélia vadia.

— Kat, eu disse para você o plano. Eu odeio Amélia, estou com ela pela Nostra, porque o pai dela está ao nosso lado. Que Amélia vai se divorciar e eu terei meu dinheiro novamente...

— Dane-se!

— Eu nunca beijei Amélia, nem transei com ela! Foi uma armação!

— Eu não perguntei nada!

— Mas eu digo! — ele segura meus ombros. — Eu te amo, Kat.

Não vou chorar, não agora. Você é forte. Lembre de todos te chamando de louca, dizendo que você é a mais fácil de ser pega, de ser morta. Que suas loucuras precisam de tratamento...

— Não vai dizer nada. Ok. — ele levanta. — Mas não pense que ficará

nisso sozinha. Sei que te magoei dizendo que te amo e depois casando com outra. Mas eu te amo, amo tanto que Amélia está sozinha nesse momento e eu estou aqui, ao seu lado, tentando compreender e te ajudar. Eu te amo tanto que te ajudarei...

— Eu não pedi ajuda!

— Isso não me impede de ajudar. Fale o plano e ajudarei.

Olho para seus olhos.

— Deixe-me tentar sozinha, por favor?

— Pedindo com tanta educação. — ele sorri. O sorriso dele é tão lindo.

— Eu não posso te deixar fazendo isso.

— Valeu pela preocupação, mas, por enquanto, é assunto meu. — levanto da cama. — É legal sua preocupação.

Saio do quarto, tentando não chorar.

Por que é tão difícil me envolver com alguém? Por que é tão difícil aceitar que alguém me ama? Por que alguém me ama e está casado com outra? Por que Gabriel foi se declarar logo quando ia casar?

A minha vida é tão difícil!

Tem momentos que me odeio, esse é um deles.

Capítulo 9

Gabriel

Visitaria meus pais, mas não estou com muita disposição para isso.

Me declarei novamente para Kat e recebi nada em troca, nem uma palavra que pudesse me fazer continuar a ama-la. Sei que ela não gosta de demonstrar sentimentos e tem certa aversão com pessoas.

Nosso colégio faziam trabalhos juntos. Muitas vezes eu e Kat nos encontrávamos, eu via como ela era tratada. Meus colegas a achavam esquisita, os dela achavam a mesma coisa. Era sempre ela, Cassie, e mais duas outras amigas. Karen é uma série abaixo de Kat, então não tinham como fazer trabalho juntas no colégio.

Quando o professor tinha que escolher as equipes, Kat voltava para casa calada, eu forçava tanto que ela tinha que falar comigo. "Hoje o professor disse: Kat, fique na equipe de tais alunos. Eles sussurravam: Quem é Kat? Então outro respondia: É aquela esquisita. Ninguém merece fazer trabalho com a pior pessoa da escola, ninguém gosta dela".

Eu fui expulso do colégio uma vez. Kat estava chorando e perguntei o que era, ela mostrou um papel, uma lista que dizia "As garotas que nunca beijaremos". Kat estava em segundo lugar, mas ao lado tinha, "Tem uma boa bunda, mas não sei se a esquisitice compensa". A lista foi feita pelos meus colegas. Kat sofria com as pessoas da escola dela e com a da minha escola. Ela parou de ir à minha escola por isso.

Acho que esse é o motivo para ela sempre dizer que odeia pessoas... Esse deve ser o motivo para ela estar com West. Ela quer provar que é capaz de nos ajudar.

Não duvido que ela seja capaz, ela é inteligente e sempre a enxerguei desse modo. Eu só queria ajuda-la...

Vou ajuda-la, ela querendo ou não.

(...)

— Não acredito que matou uma barata e não jogou fora! — Amélia grita,

quando dou o primeiro passo para dentro de casa. — Eu entrei no quarto e pisei na barata sem querer. Estava descalça!

Sorrio para ela e fecho a porta.

— A barata te incomodou e eu matei...

— Por que não jogou fora? — ela empurra a unha em meu peito. *Essa merda doeu!*

— Eu saio de casa em busca do nosso sustento, e ainda tenho que varrer a barata?

— Você que matou.

— Você estava com medo.

— Não vou varrer a barata!

Eu preciso fazer com que essa garota queira o divórcio. Ela tem que me odiar!

— Então o cadáver continuará lá, para ser pisado, para secar, para te perseguir...

— Gabriel... — ela faz uma voz de choro, muito infantil. Prolongando o "el".

Passo por ela e ando até a cozinha, encontrando a mesa cheia de pratos, de copos, uma caixa de pizza quase vazia e farelos de pão sobre a mesa.

— Que sujeira é essa? — olho para Amélia, com bastante raiva.

— Eu não vou limpar. — ela cruza os braços.

— Agora a louça e a mesa vão se limpar sozinhos?

— Não! — grita. — Por isso posso trazer uma máquina de lavar...

— Para colocar onde? Atrás da porta? — aponto para porta. — Para toda vez que formos sair, ter que tirar o peso de lá?

— Eu não vou lavar nada!

Faço-me de indignado.

— Quer dizer que saio à procura de emprego e, quando volto, terei que limpar a casa?

— Não sou sua empregada.

— Então arranje um emprego, ou eu não arranjo e viveremos na pobreza.

— Mas...

— Eu coloco a comida na mesa e você limpa, vai ficar fazendo o que o dia todo?

— Na internet, na televi...

— Então vai ficar sozinha, porque eu não trabalho e ficará sem comida.

Amélia cruza os braços.

— Eu não sei varrer.

— Como não sabe varrer?

Por que aceitei esse contrato? Para o pai de Amélia passar informações para o meu pai e depois ferrarmos com ele? Para eu pegar meu dinheiro de volta? Isso está valendo a pena? Não!

— Eu nunca varri nada. — ela se encosta na parede, como se tivesse caindo. — Sempre tive empregada para isso.

— Você sabe fazer algo?

— Eu, não.

Pego a vassoura.

— Vassoura, Amélia. Amélia, vassoura. — empurro na sua direção. — Aprenderá agora.

— Eu não vou...

— Então podemos desistir desse casamento por sua causa?

— Não, não pode. — segura a vassoura. — Eu posso contratar...

— Não pode.

— Gabriel, eu sinto sua falta. — larga a vassoura. — Casamos e nem parecemos marido e mulher. Como acha que fico quando estou sozinha?

— Fica sozinha. — olho para Amélia, que me encara com uma carranca.

— Gabriel, não estou brincando.

— Também não. — sento na cadeira, olhando para Amélia. No mesmo instante, alguém bate na porta.

— De novo não! — Amélia grita.

— De novo sim!

Sorrio. Amélia sabe quem está na porta.

Abro a porta, encontrando Karen e Felipe.

— Tio! — Felipe grita. — Cruela está aí?

Fico surpreso com a pergunta.

— Está. — olho para Karen. — O que deu nele?

— Filho de Leonardo. — sorri. — Não esqueça esse detalhe.

Abro mais a porta e peço para que os dois entrem. Felipe logo corre até Cruela, Amélia. *Isso pega.*

— Cruela, eu trouxe algo! — Felipe grita.

— Se não parar de me chamar assim...

— Termine a frase e eu arranco seu cabelo com minha mão, sem qualquer shampoo para facilitar. — Karen ameaça. Quando minha irmãzinha se tornou assim? Ah, é, ela quebrava todos os meus brinquedos quando eu era criança e colocava a culpa em mim mesmo, só porque eu ficava brincando com os cachos dela, fazendo molinha. Ok, eu puxava o cabelo dela com força... Mas era divertido ver o cacho pulando.

— Quando a anã se tornou ameaçadora? — Amélia ri.

— Quando Karen pular em sua cara, eu não ajudarei. — sento na cadeira.

— E vou ajudar tia Karen! — Felipe grita. — Eu vou *ajudar ela*!

Amélia em encara e depois fica calada.

— Tia Karen, abre a bolsa!

Felipe começa a pular e Karen abre a bolsa, depois, vejo alguns papéis.

— O que é isso? — pergunto.

— Olha, Cruela. — Felipe mostra o papel e tenho que rir. — Meu pai *exprimi*u a foto da Cruela e sua. Eu disse que parece.

Eu tenho um ataque de riso. São três papéis. Em um papel tem uma foto de Cruela ao lado de Amélia. Na outra, Amélia tem uma mão no queixo e Cruela também, na última, tem a foto de Amélia e Kat.

— Parecem sim! — Felipe grita. — Não parece?

— Seu pai invadiu meu perfil e imprimiu minhas fotos?

— Ele não invadiu. Seu perfil não é totalmente privado. — Karen sorri. — E ele só quis mostrar a semelhança.

— Meu pai *exprimi*u a foto de tia Kat também. — Felipe só falta esfregar a foto em Amélia. — Tia Kat é mais bonita que você. Ela é mais legal e *muito mais melhor*.

Amélia retira os papéis da mão de Felipe e rasga.

— Isso não muda nada! — Felipe ri. — Tia Kat é *mais melhor*.

— Gabriel! — Amélia grita. — Me defenda!

— Ontem você estava falando mal, então, isso é seu castigo. — dou de ombros.

— Tia Kat disse que gente chata casa com gente chata. Por isso você é casada com tio Gabriel, mas tio é legal e você não. E tia Kat é diva. — ele olha para mim. — Tio, por que você não é diva?

— Quando viu Kat? — pergunto.

— No dia que vim para cá. — responde. — Ela estava no aniversário e chamou a mãe de Cruela de "boca de ouro", o que é isso?

Agora eu dou mais risada ainda.

Katherine vivia infernizando Amélia com esse prêmio que a mãe dela ganhou. As duas brigavam tanto nessa época...

— Katherine fez o quê? — Amélia grita.

— Chamou sua mãe chata de "boca de ouro". Sua mãe é chata e apertou minha bochecha. Eu corri dela porque ela me assusta.

— Gabriel, você quer me irritar, não é? — Amélia se aproxima. — Mas não conseguirá.

— Onde estão as suas amigas? — Karen pergunta. — Com vergonha da nova vida, Amélia?

Amélia me encara, ela está bem vermelha, deve ser de raiva.

— Eu vou para o meu quarto! — grita. Ela só sabe gritar. — Fiquem aí.

— Ninguém te impede. — digo. — Pode ir.

Amélia bate o pé, dando um pequeno chilique. Depois, corre até o quarto.

— Tio, olha o que achei! — Felipe está agachado, debaixo do sofá, onde mostra uma barata, que está tentando fugir da sua mão.

— Solte isso! — Karen grita.

— É só uma barata. — Felipe sorri. — Vou chamar de "Amélia".

Eu amo meu sobrinho!

— Que tal mostrar sua nova amiga a Amélia? — olho para Felipe. — Ela vai gostar.

— Não vai não. — ele sorri. — E eu vou mostrar!

Felipe corre até o lugar que eu aviso que é o quarto de Amélia. Giro a maçaneta e a porta abre, encontro Amélia nos encarando com uma carranca.

— Cruela, eu trouxe a Amélia! — Felipe grita e corre até Amélia, que corre para longe do meu sobrinho.

— Trouxe o que... Tire isso daqui!

Amélia começa a gritar, enquanto Felipe tenta aproximar a barata em Amélia.

— Ela tem seu nome, mas é mais legal que você!

— Gabriel! — Amélia tenta se abraçar ao meu corpo, enquanto Felipe continua tentando colocar a barata nela. — Mande essa peste parar!

— Ei! — peço para que Felipe pare. — Amélia, você não pode reclamar dos meus parentes. Está no contrato.

— Então eles não podem fazer isso comigo.

— Na verdade, eles podem. — discordo, no mesmo instante que Amélia

fica mais triste. — Você não colocou nada disso no contrato.

— Não leu o contrato? — Karen sorri. — Se ferrou!

— Você fez o contrato para me ferrar!

— Posso mostrar Amélia? — Felipe pergunta.

— Pode. — confirmo.

Amélia tenta me abraçar, mas eu a empurro. Ela corre para o meu quarto e continua gritando. Saio do quarto, para falar com Karen.

— Sabe sobre Kat? — pergunto.

— Sobre o quê?

— Claro que sabe, são amigas inseparáveis. Por favor, Karen. Fale o plano, eu posso ajudar.

— Gabriel, é lindo ver o seu amor por Kat. Mas...

— Ela quer mostrar que é capaz.

— Queremos mostrar. — segura a minha mão. — É a nossa chance, Gabriel. Tenho certeza que se ela precisar de algo, você será o primeiro que ela vai chamar. Ela confia em você.

— Mesmo me casando com Amélia?

— Ela sabe o motivo, mas não dará o braço a torcer. Quer mostrar força, que ela não vai chorar.

— Cuida dela.

— Nem precisa pedir.

— Prometa que me contará tudo.

— Gabriel, eu não posso...

— Acha que um dia ela vai contar?

No quarto, Amélia continua gritando e Felipe rindo.

— Sim. — sorri. — Não sei se ela pedirá sua ajuda, mas ela vai contar. Ela te ama. Sorria, ela te ama e isso é para poucos.

(...)

Ulisses bate na porta três vezes, logo em seguida, uma garota bem branca abre a porta.

Luna.

Agora, vendo essa garota de perto... Ela tem algo familiar.

— Oi, Ulisses. — ela sorri.

— Oi, Luna. Esse aqui é um amigo. — Ulisses aponta para mim. — Gabriel.

— Olá. — ela sorri.

— Olá.

— Allan está?

No mesmo momento, Allan aparece atrás de Luna.

— O que ele faz aqui?

Allan me reconhece.

— Allan, precisamos conversar. — Ulisses diz, com seriedade, perdendo a simpatia que tinha quando chegamos.

— O que um Bertollini faz aqui? — Allan olha para mim e para Ulisses. — Você disse que...

— Viemos ajudar. — Ulisses informa. — Precisamos conversar.

— Sem armas?

Eu e Ulisses levantamos a camisa, depois, Allan nos revista.

— O que querem comigo? — ele pergunta.

— Queremos conversar. — falo

— Já ajudei Marco, não precisamos de mais nada.

— Precisamos sim. — Ulisses fala. — Se não quiser ajudar, ok. Mas saiba, Tyler não vai te aceitar assim, do nada. Ele pensa que você é inimigo.

— Allan, você está afastado do seu irmão. — falo. — E está sozinho.

— Como sabe do meu irmão?

— Vocês são inseparáveis, mas ele não está aqui. Allan, você precisa de ajuda.

— O que querem?

— Ajudar. — repito.

Ele olha para mim, depois para Ulisses.

— Vocês nunca me ajudariam. — ele entra na casa e fecha a porta na nossa cara.

Ulisses sai de perto da casa e eu vou atrás dele.

— Por que precisamos dele mesmo? — pergunto a Ulisses.

— Ele passou muito tempo do outro lado. Quem sabe ele ajude.

— Ou não...

— Essa menina tem algo, ela é muito distante. Estava sequestrada, sumiu do nada. Ela esconde algo.

— Sim. Luna tem algo familiar, só não sei dizer o que é. Deve ser porque eu passei muito tempo olhando para a foto dela, pensando no que aconteceu para ela sumir.

— Conseguiu a cocaína? — muda de assunto.

— Sim, dei ao meu avô.

E Kat me entregou.

— Assim que analisarmos, falaremos com você.

— E se a suspeita não for confirmada?

— Atacaremos.

— E se for confirmada?

— Atacaremos primeiro, pegaremos quem faz as drogas e depois vemos o que fazer.

— Sabe quem faz as drogas?

Ulisses entra no carro e mostra o celular.

— Guerrero. Ele é o cara que faz as drogas, mas ele não é uma má pessoa. — olha para mim. — Nos conhecemos há um tempo, é um químico e primo de West. Entrou no ramo por causa do dinheiro, mas ele é inteligente. Só não sei se faria uma droga que mata pessoas.

— Por quê? Ele é bom demais para isso?

— Do jeito que o conheço, Guerrero jamais colocaria uma arma como essa para ser vendida. Só se ele mudou de ideia, se fez isso, ele não será poupado. Quer dizer, ninguém será poupado. Mas se a gangue de West não for responsável por essas drogas, temos menos um motivo para mata-los. — dá de ombros. — Se eles não forem os fabricantes das drogas de Yoshida, mataremos sem perguntas. Porque o território será nosso novamente, e dane-se quem estiver na frente.

Quando ele termina de falar, minha mente vai até Katherine.

A Sangre Latino vai atacar, e Kat? Ela não vai aceitar sair disso, ela já deve ter um plano feito.

— E isso será por agora? — pergunto.

— Não. West não é burro. Isso pode demorar, vamos pegar um por um. Mas Guerrero é mais importante.

Kat já deve saber disso, ela juntou uma coisa com a outra.

E agora, o que eu faço?

Bônus 1

Guerrero

— Menos. — falo com a mulher que está embalando a cocaína. — Menos. — ela retira mais um pouco. Pego a pequena placa de metal que ela usa para separar o pó e mostro a ela como se faz. — Essa é a quantidade.

— Não era mais que isso?

Olho para a mulher e sorrio para ela.

— Não é mais. — respondo apenas isso. — Onde está a pasta?

— Está do outro lado. — um garoto responde. — Kellerman está em duvida se vai dissolver em ácido ou querosene.

— Querosene. — respondo. — West pediu mais crack?

— Cara, essa área tem mais viciados que outra coisa. — ele sorri.

— Espero que essa maconha seja paga. — bato em seu ombro. — Porque eu não vou deixar barato.

— Ah, Guerrero. — ele parece desapontado, mas ainda sorri. — Vocês vendem a maconha misturada...

— Para certas pessoas. — corrijo-o.

— Então, mas ali tem a mais pura e verdadeira erva...

— Que é para ser vendida. Então, se fumou, pague.

Ele sorri, depois, me entrega o dinheiro.

— Mas vou querer o pacote todo, e sem qualquer mistura.

— Pegue. — guardo no meu bolso. — E fume longe daqui. Uma fagulha em lugar errado e você explodirá tudo.

— Ok, chefe.

Viro as costas e a mulher mostra a quantidade de cocaína que ela está embalando.

— Essa é a pura, certo? — pergunto.

— Sim. — confirma. — A misturada já foi embalada e entregue para venda.

West é o típico vendedor que primeiro conquista os clientes e depois ferra com eles. Para ter cliente fiel, ele manda a cocaína mais pura que possa existir, a melhor maconha de todas, a melhor heroína... Depois de um tempo ele ordena: "Misture alguma grama nessa erva, coloque alguma substância barata nessa cocaína e dane-se se deixará a pessoa mais louca. Já experimentou colocar

bicarbonato? É branco também, vai dar certo. Por que quer um cristal tão perfeito? Aqueles drogados nem vão olhar isso".

E agora, nesse novo território, chegamos ao nível que podemos misturar algo nas drogas e vendê-la para algumas pessoas. E eu tenho que ficar vigiando a quantidade, ficar testando mais misturas...

— Luiz. — respiro fundo, preparado para essa conversa.

— Orlando. — olho para o West. — Estou bem ocupado.

Orlando, mais conhecido como "West", é o meu primo. Quando ele se mudou para cá, eu estranhei, mas como ele sempre tem que mudar de lugar, entendi que tinha alguma ameaça envolvida.

— Essa gente já entendeu como se faz. — ele coloca a mão em meu braço, me levando para cima, para a casa "normal". — Precisamos conversar.

— Não, Orlando. — nego de primeira, eu sei o que ele quer. — Eu não farei aquilo novamente.

— Luiz, pense no dinheiro que ganharemos. Você só criou a melhor drogas de todas.

— A melhor droga de todas? Orlando, aquilo não é uma droga, é uma arma química.

West queria que eu criasse uma nova droga, um diferencial para ele. Fiquei meses dentro do laboratório até que, sem querer, criei algo. West estava naquele momento e queria testar. Eu sabia que poderia ser altamente prejudicial, mas West queria porque queria testar. Ele usou um dos homens viciados que trabalhavam para ele...

Na verdade, West queria que eu criasse algo que deixasse a pessoa bem louca. Então pensei: "por que não misturar alguns tipos de estimulantes e psicoativos?". Misturei tudo, West pensou que eu estava criando algum tipo de LSD, e eu também pensei.

Eu acabei fazendo uma boa quantidade. Foram testes e mais testes... Uma quantidade eu transformei em algo parecendo cristais, como a *metanfetamina*, a outra eu deixei em estado líquido mesmo, deixei outra quantidade para tentar transforma-la em "pó" ou comprimidos, veríamos a melhor forma de consumo.

Como demoraria para virar um "cristal", West acabou pegando o líquido mesmo, ele tinha ansiedade. Foi lá, pegou a seringa e injetou no homem. O homem estava drogado e aceitou aquilo, West se aproveitou do homem, como sempre.

Pensamos que o efeito seria uma histeria, quem sabe, uma alucinação, porém, aconteceu algo pior.

Dentro de uns cinco a dez minutos, o homem começou a rir do nada. Depois, ele começou a ficar muito agitado. Depois de mais alguns minutos, ele correu pela sala toda. Mas ele parecia não enxergar, estava totalmente apagado, como se o seu sistema nervoso central tivesse sido desligado. Ele corria e caía nos moveis, batia a cara na parede e não reclamava, não sentia a dor... Ele não enxergava nada, depois, ele começou a gritar que estava com dor de cabeça e que queria morrer. Ele se jogou no chão e pedia para parar.

Os homens que estavam com West o seguraram, mas ele estava muito forte. Por fim, ele começou a se debater no chão, morreu logo após.

— Eu não farei mais daquilo. — nego novamente. — Aquilo não é uma droga, é uma arma.

— Todas as drogas são armas, a diferença é que essa mata rapidamente.

— A diferença, West, é que essa pode ser usada para matar. A pessoa tem que ser bem louca para usar aquilo sabendo dos efeitos, eles usarão aquilo para matar. E eu duvido que você venda para consumo próprio, venderá como arma.

— Sem falso moralismo, Luiz. Quem foi que nos salvou daquela aldeia de guerrilheiros?

— E quem nos colocou lá? Você disse que lá tinha alguma planta que nos ajudaria com alucinógenos, quando chegamos, fomos capturados por aquela gente. Então, um dos seus amigos, achou de contar o que estávamos fazendo ali, ainda disse que eu era um químico em busca de novas plantas para fazer drogas.

— E ele nos salvou. Se não tivesse dito aquilo, estaríamos mortos agora.

— Você fez um acordo com guerrilheiros. Se eu os ajudasse, nós sairíamos livres e sempre teríamos passe livre naquele lugar.

— Eles tinham que atacar, Luiz. Se hoje aquela região tem paz, é por sua causa. Lembra? Eles queriam atacar sem aparecer. O lado deles tinham mulheres, idosos e crianças. O lado do inimigo só tinha homem saudável. Eles queriam atacar aquela base sem aparecer, e o que fez?

— Peguei na mão de um louco. — esfrego a cabeça, quando penso naquele dia. — Peguei bactérias na mão de um contrabandista louco, infectei uma arma do inimigo e aquela arma foi segurada por alguém, após isso, a bactéria foi se espalhando e eles foram derrotados. Os corpos incinerados junto com o local da contaminação. Aquilo foi diferente, West. Aquela gente que morreu era louca, eles estavam mantendo a cidade refém e os guerrilheiros queriam a paz naquele lugar.

— Então, essa droga pode ser usada contra o inimigo.

— Claro que você vai perguntar o motivo da compra para cada pessoa.

— ironizo, porque ele só visa o dinheiro. — Não, West, você vai vender e pronto. Eu não serei um cúmplice disso, nem o causador da loucura e das mortes. O que fizemos com aqueles guerrilheiros foi ato terrorista. — West abre a boca para falar, mas eu o impeço. — West, matamos vários usando uma arma biológica, naquele lugar onde estávamos, aquilo é um ato terrorista e creio que em boa parte do mundo isso seja considerado terrorismo. Foi para o bem? Foi. Mas aquela droga que criei, não será usada para o bem.

— Você produz cocaína, quem consome mata por isso...

— Eu não tenho qualquer moralismo, Orlando West! Eu faço drogas, tem gente que compra, eu não uso porque sei os efeitos! — encaro-o, com mais raiva que antes. — Se eles querem usar, o problema é totalmente deles, eles que usem até ter uma overdose. Se eles matam alguém ou rouba, a culpa continua não sendo minha, eu não os obrigo a nada disso. Se os usuários não existissem, eu não faria nada disso. É culpa deles? É minha culpa? Não sei, não importa, dane-se.

— Assim como a sua nova droga! Dane-se quem comparar.

— West! — grito. — Não estamos falando de uma droga viciante, estamos falando de uma droga que mata em minutos. Daremos mais uma arma para esse mundo. Imagine só, nas festas, a pessoa apenas coloca uma quantidade na bebida de alguém sem que ela perceba, então, a pessoa cai e morre em minutos. Imagina isso se alastrando por aí. Os venenos matam silenciosamente, aquela droga mata de maneira estranha. Você viu que nem aqueles homens foram capazes de parar aquele cara, um deles quase perdeu a orelha. West, aquele homem estava com o dobro da força, ele não tinha raciocínio, ele estava desligado. Isso é uma arma, não uma droga!

— Dane-se! Somos traficantes, não moralistas! Dane-se se alguém comprar para matar, nós matamos.

— Mas, a partir do momento em que crio uma droga que as pessoas morrem em minutos, à culpa será minha. Eu criei, eles vão me querer e eu virarei o criador oficial dessa arma. E não repita nada daquele discurso. Isso é uma arma e quem comprar, usará contra alguém. E não será algo para defesa, será como aqueles inimigos dos guerrilheiros. Eles usarão como tortura, como uma pena de morte feita por eles mesmos. Desse ato terrorista, West, eu não aceito fazer parte. Quer que eu continue fazendo as drogas? Misturando? Eu aceito e continuo não me importando com quem consome, porque eu não sou desses que se importam. — aproximo-me dele. — De uma coisa eu sei, West, não farei mais nenhuma arma biológica e nem química.

Capítulo 10

Katherine

— Kat, se todo químico souber fazer uma arma biológica, estaremos ferrados. — Karen diz.

— Mas Kat tem certeza que Guerrero ajudará.

Olho para Cassie e para Karen.

— Eu sei que nem todo químico entende dessas coisas, mas quando eu olhava na internet, não entendia nada daquela explicação. É tudo muito complexo, sei lá. Eu vi as bactérias utilizadas, vi os modos de contaminação, mas não tenho como ter acesso ou descobrir como fazer.

Eu sei como são os lugares onde Yoshida mantém seus comparsas. São lugares debaixo da terra, e os sistemas de ventilação são mantidos por geradores de energia.

Meu pai e Fernando não conseguirão atacar, porque Yoshida saberá antes deles chegarem ao destino, graças às câmeras de segurança. Mas se a ameaça e a derrota deles chegar pelo ar? Se eu conseguir minha arma biológica, posso dar a Alex, ele abre a minha arma e o vírus vai se espalhar. O local é fechado e debaixo da terra, o vírus não subirá para a terra e eles morrerão ali mesmo. Claro que Alex só vai dar um jeito de infectar e ele voltará para cima.

Podemos contaminar alimentos, o ar, algum objeto... Arma biológica é silenciosa no início, depois, a tragédia inicia.

Antraz, ebola, botulismo, tantas opções... Podemos também criar algum veneno para ser respirado. *Sim, pode ser também.* De qualquer maneira, não achei um tutorial legal na internet para fazer algo do tipo. Achei alguns tutoriais em sites doidos, mas eu entendi algo? Não!

Entrei no mercado negro, consegui essa proeza graças a outro tutorial. Encontrei drogas, armas, venenos, assassinos, tudo isso sendo vendido naquele submundo da internet, e as bactérias? Bem, eles não vendem para qualquer pessoa. Tem que ser o clássico "Eu conheço um amigo, que tem um amigo, que tem outro amigo, que é conhecido de um conhecido que vende bactérias para armas biológicas".

É algo muito mais complexo. Uma arma biológica pode devastar milhares de pessoas, graças ao seu poder de destruição. É um ato terrorista e quem vende não dará a primeira pessoa que aparecer querendo comprar, porque pode ser um agente federal disfarçado para prendê-los.

E eu só mantenho essa ideia de arma biológica, porque é o melhor jeito de atacar. Não podemos chegar perto do esconderijo, então nossa arma entrará lá.

Pensei em algo genial, porque sou dessas. Podemos colocar em uma mini capsula e armazenar o vírus nele. Só que a capsula será tipo uma bomba, quando a tampa sair, Alex terá alguns instantes para ir embora.

Esse vírus será colocado em um momento em que ninguém poderá sair. Porque Alex já disse que eles passam meses trancados lá naqueles lugares. Alex virou uma pessoa de extrema confiança, ele entra e sai quando quer. Então, quando ele sair, ele pode contaminar cada canto. Desconfiarão dele? Sim, provavelmente, mas ele estará ao nosso lado nesse momento.

— Ok, sua ideia é genial. — Karen concorda. — Mas para ter acesso a tudo isso, é bem difícil. Acho que meu pai nunca deu a ideia exatamente pela dificuldade de encontrar algo assim.

— Podemos tentar venenos, tipo aquele "gás de mostarda". — Cassie mostra o celular. — Estava pesquisando sobre ele.

— Também pesquisei. — Karen diz, pegando o celular de Cassie. — Parece que podemos deixa-lo incolor, se ele for puro, se não for puro, fica amarelo, pelo o que entendi.

— Mas como compraremos o gás pronto? Ou as substancias? Como faremos? — faço todo o meu questionamento. — Guerrero é químico, poderá ajudar. Lembro que eu tinha um professor de química, o Claudio, ele sabia todas as substâncias de drogas, gases e armas biológicas. Ele ainda falava "se adicionarmos tal coisa, podemos criar outro gás". Algo assim. Ele era professor e parecia que gravou tudo na mente, entendem? Ele poderia nos ajudar se não tivéssemos discutido no passado.

Uma vez ele disse: "Katherine, você nunca chegará a lugar algum sendo essa menina excluída", aí eu falei: "Mas ninguém gosta de mim, eles que me excluem", então o idiota retrucou: "Também, como alguém gostaria de uma garota assim, desse jeito?".

Nós discutimos feio. Fomos para a diretoria e, bem, eu acabei ajudando outras pessoas que sofriam o mesmo. Aquele cara não tinha qualquer pudor. Quando fomos para a diretoria naquele dia, foi o assunto do colégio. Eu, como sempre, não fui vista com bons olhos. Aquele professor era visto como engraçado e legal, e eu? Eu era a doida daquele lugar.

Quando souberam da confusão, os meus colegas logo começaram a rir da minha cara e a diretora disse que abriria uma "investigação", ela não deu esse nome, mas foi essa a ideia. A diretora escutou cada aluno e, finalmente, a

verdade apareceu.

Aquele professor, realmente, era um abusado. Ele fazia piadas sexuais com alunas que tinham de 12 a 16 anos, encurralava as meninas no corredor e beijava a bochecha, como se aquela intromissão repentina no corredor vazio fosse algo normal, e ainda debochava das lésbicas, referindo-se a elas como "ele", sendo que elas não gostavam desse tratamento e deixavam claro isso.

Bem, ele é o único químico que conheço, a minha atual professora particular é mais tapada que a Beth de *The Walking Dead*. Ninguém entende porque ela está ali, mas ela está, porém, a diferença de ter ou não ter aquela pessoa, é que sem ela, a coisa fica melhor, mais fluida, mais legal... Resumindo, a minha professora é uma chata, sem graça que só sabe ler o livro e explicar o que entendeu.

Então, se o único químico que conheci, o professor Claudio, poder me ajudar, será para me matar. Ele perdeu o emprego e, com certeza, deve me culpar por isso.

— Ok, Guerrero é o único químico que você conhece, mas, e aí? Kat, como você e Cassie vão conseguir a ajuda? Vocês estavam naquele bar e o território era da Sangre Latino, não é mais, foi tomado. Guerrero vai ajudar? Ele é do outro lado e fará uma arma química para as duas?

— Kat enfiou na cabeça que Guerrero quer ter algo comigo. — Cassie revira os olhos. — Então ela acha que devo seduzi-lo.

— Porque um par de peitos e uma bunda vai fazer com que uma pessoa crie uma arma de destruição em massa.

— Falando desse jeito, você faz o meu plano parecer uma merda. — olho para Karen.

— Mas é uma chance mínima disso dar certo. Kat, eu concordo com sua arma química ou biológica, Alex também concorda e acha genial, porque ele conhece aqueles lugares... — ela para de falar.

— Eu sei, sei que é difícil, mas não está sendo difícil com Yoshida? Envenenamos aquela carga, ok, e agora? Mais pessoas são sequestradas, é muita gente trabalhando com eles. Ainda nem sei o motivo de não sermos atacados. Talvez Benjamin esteja preparando algo mais pesado, não sei. Quando eles se calam, eles voltam piores. Então, esse é o momento de atacarmos silenciosamente. Precisamos para-los.

Cassie e Karen trocam olhares.

— E acha que seduzi-lo vai adiantar algo?

— Não falo que Cassie e Guerrero terão um amor eterno, mas seria lindo

e eu seria a madrinha do casamento.

— Nem continue, Kat.

— Cassie, ele fala certinho. Ele é bonito! Ele tem cara de homem, Cassie! Ele não tem cara de garoto mimado, ele não tem voz de garoto que tem tudo na vida. Ele é um homão!

— Kat, você escuta o que fala? Ou você odeia relacionamento, ou gosta disso.

— Cassie, eu não quero relacionamento na minha vida — *se for Gabriel? Quero!* — Mas para a vida das minhas amigas? Quero! Guerrero fala certinho, tem coisa mais linda que isso? Porque, como digo, uma coisa é você não ter tido um bom ensino nem a chance de ter, ou ter algum problema de aprendizagem, outra coisa é você ter tido tudo na vida e ter esquecido de aprender a falar e a escrever corretamente, porque isso parece não importar para essa gente.

— Uma bela escrita e conversa vale mais que a beleza. — Karen concorda. — E como Kat disse, existe um grande abismo entre "Não ter tido oportunidade ou ter dificuldade de aprendizagem; e ter oportunidade e não ligar para tal coisa".

— Tem muitos erros bem perdoáveis, só que tem alguns que doem na alma. — concordamos com Cassie. — Uma vez eu conheci um cara que falava "a gente vamos". — Cassie faz cara de nojo. — Não foi para namorar nem nada do tipo, ele estava dando em cima de mim. Daí mandou um "a gente vamos embora". Doeu tanto que eu não sabia se ria ou chorava. E sabe o que detesto? "Vou ir". Bem, eu acho que se você "vai" você já está "indo" automaticamente.

— Onde encontram tanta gente assim? — Karen pergunta.

— É porque vocês eram princesinhas da Nostra Ancoma, as suas famílias te amam. E eu? Minha mãe sonha que eu case com alguém bem rico e meu pai é um pau mandado dela. Então eu tinha que ir a cada reunião para conhecer alguém. Devo dizer, alguns dos filhos da Nostra são um bando de mimados, os filhos mais velhos se salvam, mas o resto? Não mesmo!

— Eles cresceram ricos, achando que mandam em tudo só porque tem uma arma. E a esperança dos pais é que a Nostra os eduquem. — Karen olha para mim. — Daniel já cresceu com um certo sentimento de raiva, por causa do passado dele, de Nicole, a história de Milla e tudo mais, então ele é bem sério e na dele; Leo, apesar de ser um idiota, sabe ser sério na Nostra e é bom no que faz, palavras do meu pai; Gabriel. — ela sorri. — Ele é bem estrategista, explosivo, tem opinião própria...

— Era o único novinho que salvava a Nostra. — Cassie sorri, olhando na

minha direção. — O resto são filhinhos de papai chatos. Quer dizer, alguns se salvam, mas a maioria? Tenho pena de quem casar com eles. Ah, é, casarei com um deles.

— Casa com o Guerrero que se livrará disso. — provoco.

— Isso não acontecerá. Meu nome é Cassandra Flores Ferrara, nem combina se adicionar um "Guerrero".

— Cassandra Flores Ferrara Guerrero. — Karen junta os nomes. — Nem fica ruim.

— Fica péssimo!

— Cassandra Guerrero, porque você é uma guerreira. Como o seu Guerrero. — sorrio, recebendo um chute na perna como agradecimento pela analogia dos nomes.

— Kat e Karen, não juntem casais impossíveis. Voltando a Nostra, tem Jean, o meu irmão.

— Ele é bem legal, está com Gabriel nessa história.

— Para ver se toma alguma vergonha na cara. O garoto fumava maconha, deixando toda a casa fedendo com aquele cheiro horrível. Cheirava pó e é mais idiota que todos da Nostra juntos. Parabéns ao tio Fernando que deixou meu irmão entrar na jogada.

— Jean é aquele cara que ouvia falar, mas nunca via. — Karen diz. — Ele deveria ser da turma de Leo e Daniel.

— Mas foi para o lado das drogas, por isso eles não são próximos. Jean me contou que parou com as drogas há dois meses e alguns dias. Teve algumas crises, mas passou. Ele se trancou no quarto e parou de usar. Será que vai dar certo? Rezo para que sim. Já que estamos falando de drogas, vamos falar de novo sobre Guerrero. E se eu seduzi-lo e, no fim, não for nada disso? Se ele não tiver nada a ver com a droga de Yoshida?

— Eu amo vocês duas porque não me julgam e eu amo pessoas que não me julgam, quer dizer, meus pais, meu irmão, meus primos, meu tio, minha tia, meus avôs... Resumindo, eles me julgam, mas eu ainda os amo. Eu posso contar isso a vocês e não me chamarão de louca. Algo aqui dentro. — aponto para o meu coração e para a minha cabeça. — Está dizendo que devemos nos aproximar de Guerrero, que ele tem algo a dizer, a fazer, não sei. É a mesma sensação de quando meu pai foi dado como morto, eu sofri, mas algo dentro de mim gritava: "Ele está vivo e precisa de ajuda", no fim das contas, ele estava vivo e precisando de ajuda. E eu sinto isso pelo Guerrero, que ele tem algo para fazer.

— Então seguiremos seus instintos? — Cassie meneia a cabeça. — Mas o cara trabalha para o outro lado, ele deve ser fiel àquela gente. Como vamos contar isso? "Têm alguns traficantes de seres humanos que querem matar a nossa família, queremos criar uma arma química ou biológica com sua ajuda. Ah, somos da Nostra e da Sangre Latino".

— E eu já disse o que Gabriel contou mais cedo. — Karen diz novamente. — Vô Yankee quer acabar com a gangue de West, não importa quem esteja por perto. Eles são inimigos.

— Sim, sei o que Gabriel contou e já entendi que ele está preparado para me ajudar.

Pronto, fiquei uma hora sem pensar em Gabriel e vou a pensar nele de novo. Um dia eu quebrarei o recorde de "Ficar duas horas e vinte e dois minutos sem pensar em Gabriel", porque não pensar nele dormindo não conta.

— Se eu precisar de Gabriel, chamarei pelo seu nome e ele aparecerá bem na minha frente, para me proteger de todo o mal.

— Katherine, continue sendo irônica porque você ainda vai virar minha cunhada.

Mostro a língua para Karen.

— Kat é toda cheia de *nojinho*, mas sonha em beijar a boca de Gabriel. — isso é Cassie zombando da minha vida.

— Mas a saliva de Gabriel deve ser boa, deve ter gosto de menta. — sorrio, imaginando o dia em que nos beijaremos... *Talvez nunca.*

— Kat consegue transformar um beijo em algo extremamente nojento. — Karen faz cara de nojo.

— Graças a ela eu não como mais molho branco. — Cassie faz cara de nojo também.

— Graças a ela ninguém mais da família e conhecidos comem molho branco.

— O que posso fazer? Quando Felipe era pequeno, ele vomitou o leite e aquilo parecia molho branco, eu só quis falar para todos aquela semelhança.

— Que nojo!

Sorrio para elas.

— E Gabriel odeia Amélia, só para constar. Ele só espera para que ela se divorcie, aí, ele volta para o seu lado e vocês se casam.

— Não sei se vou aceitar...

— Kat...

— Ok, ok. Eu quero que ele se divorcie só para eu rir na cara de Amélia,

e para trocar salivas com Gabriel.

— Kat! — as duas gritam.

— Mas só estou aberta para troca de salivas. Suor e líquidos das partes íntimas? Não, obrigada.

— Sério? — Cassie franze o cenho, olhando-me como se eu fosse uma louca. — Mas é do Gabriel que estamos falando.

— Eu já faço muito querendo trocar salivas. — paro de falar.

Sei lá o motivo de ser assim, eu apenas sou assim. Tudo bem, confesso que vê-lo nu me deu algo por dentro.

Intimidade é uma merda.

Entrei no quarto dele sem bater e, lá estava ele, completamente nu e ele nem teve vergonha. E eu também não, porque sou dessas. Sempre tivemos intimidade para tal coisa. Uma vez ele me viu nua, então agi normalmente e ele não fez nada! Ele nem ao menos demonstrou interesse. Eu li na internet que homens ficam loucos por mulheres nuas, e eu estava nua!

Mas sobre o sexo... Sei lá, vai que algo em mim ainda não despertou. Ou sou assexuada mesmo, pode ser e não me importo. Sexo não é tudo na vida, comer e beber são mais legais. Comer alimentos, sendo mais clara.

— Vamos para o assunto do plano. — pigarreio. — Vamos tentar conquistar a confiança de Guerrero. Certo, ele é inimigo, mas algo me diz que ele é bom. Não falaremos logo de cara quem somos, se ele for uma pessoa legal, descobriremos e podemos trazê-lo para o nosso lado.

— E se ele fez a droga, Kat? Ele será um louco de ter criado aquilo e ter dado a Yoshida.

— Karen, algo dentro de mim diz que ele não é culpado, que ele é legal e que ele vai ajudar de algum modo. Se eu estiver errada, saímos disso. Será simples? Não sei, mas tentarei.

— E eu já aceitei me aproximar de Guerrero. — Cassie revira os olhos. — O que vamos conversar? Só Deus sabe.

Algo dentro de mim diz que conseguiremos algo, talvez respostas ou um novo parceiro, não sei.

— E os nossos pais? — Karen pergunta. — Sei que temos o controle de todo o sistema de segurança desse condomínio e que sabemos como sair e entrar pela passagem secreta, mudamos as câmeras e apagamos imagens. Mas eles não saberão de nada...

— Meu pai, tio Fernando, Daniel, Leo, Gabriel, Sangre Latino, M-Unit... Todas essas pessoas só pensam em guerra armada, com tiros e explosões. —

começo a falar. — Eles não pensam em estratégias de guerra, em estratégias mais complexas. Tudo deles se resumem a tiros, mas a nossa gangue? A nossa gangue, não! Pensamos em estratégias, em atacar silenciosamente e acabar com muitos de maneira rápida, silenciosa e sem aparecermos. A nossa família vem com tiros e nós chegamos com nossas armas silenciosas e estrategistas. Se não der certo? Não deu. Tentamos. Se eu morrer, morrerei tentando. Não quero passar nesse mundo sendo apenas uma pessoa que ficou quieta vendo todos morrendo para nos ajudar, eu quero ser aquela que fará toda a diferença.

— Estamos juntas nessa. — Karen coloca a mão para frente.

— Estamos juntas nessa. — Cassie coloca a mão em cima da de Karen.

— Estamos juntas nessa. — coloco minha mão.

— Eu só tenho uma sugestão. — Cassie fala, fazendo uma cara de medo.

— Rachel pode entrar?

Olho para Karen.

— Você deu a ideia?

— Sabia que ela tem uma mochila com venenos? Ela está disposta a lutar. Ela é como nós três, Kat. Meninas que são vistas como frágeis, que morrerão facilmente. Ela quer lutar. Ela levou um tiro e quase morreu, foi enganada por Milla, Ciara estava presa por culpa deles...

— Ok. Rachel entra. — olho para Karen e Cassie. — Mas isso não sairá daqui. Só Rachel e Gabriel podem saber sobre essa história. E eu confio em todas vocês. Vamos acabar com, pelo menos, alguma parte da gangue de Yoshida. Chegou a hora das garotas mais novas mostrarem que tem tanto sangue de "justiceiro" quanto os pais e os filhos homens deles.

Bônus 2

Benjamin encara o homem a sua frente, a sua vontade de começar o ataque é grande, mas, por motivo estúpido, Elijah decidiu descansar.

Sim, Elijah/Yoshida, está descansando com sua família. Se é que aquilo pode ser chamado de "família", mas para ele, é a única coisa que ele tem verdadeiramente... Ou não...

— Existiu um homem bem impiedoso nessa terra. — Benjamin pega o copo e bebe um gole da sua vodca, logo após, observando as fotos das novas vítimas. — Seu nome era Salazar. Ou é Salazar, não sei dizer. Ele era um dos nossos muitos clientes. Comprava nossas vítimas para caça-las

— Caçar? — o outro homem para o que está fazendo e olha para Benjamin, que, no momento, está rindo.

— Sim. Salazar caçava com arma de fogo, armas brancas... Ele tinha uma coleção de facas, facões, foices... — Benjamin toma mais da sua vodca. — Nosso melhor comprador, mas sumiu, acho que já tem uns 18 anos que ele parou de comprar algo em nossa mão. Ou se arrependeu dos pecados, ou morreu, de morte natural. Creio na última opção, ninguém mataria o Salazar.*

— Vocês vendem pessoas para a caça?

— Se não andar rápido, a próxima caça será você.

O outro homem volta a fazer o seu trabalho.

— Por que não consegue? — Benjamin levanta da poltrona, andando até o homem. — Pensei que fosse o melhor, quando te contratamos, você era visto como o melhor químico e mais louco também.

— O corpo que fizemos a autópsia, ele... — o homem solta a pequena pinça e tira o óculos, encarando Benjamin diretamente. — Eu usei todas as substâncias, mas nenhuma delas faz qualquer efeito. E eu não sei a quantidade que foi colocada, também acho que deve ter algo mais que foi absorvido facilmente pelo organismo humano.

Benjamin estala a língua nos dentes, em um gesto de desdém.

— Faça o seu melhor, está sendo pago para isso...

— Senhor, não é fácil. Eu já tentei e tudo o que consigo é criar algo que causa euforia e dor de cabeça, apenas. Aquela droga faz algo no sistema nervoso, como se desligasse a parte onde recebemos os sinais da dor, depois liga novamente de maneira abrupta e forte. Todos os testes feitos com aquela droga, à

pessoa tinha a mesma reação. Elas paravam do nada, depois começavam a correr ou a se debater, como se não sentisse as dores dos impactos, logo após, parecia que a dor era insuportável e eles começavam a gritar, por fim, elas se matavam de tanto se debater ou morriam pelos tremores do corpo. — esfrega as mãos, tentando não tremer por causa do olhar de Benjamin para ele. — O que pude perceber, é que as primeiras cobaias morreram rapidamente, já as últimas tiveram muitos espasmos, elas sofreram por muito mais tempo. Elas ficaram mais tempo em estado quase vegetativo, depois, começaram a euforia e não sentiram dores, quando sentiram, aquilo parecia uma longa tortura. É como se aquele líquido tivesse... — ele olha para Benjamin, buscando a melhor forma de explicar a sua teoria. — Sabe quando temperamos o frango e deixamos marinando para pegar mais o sabor? É tipo isso. Como se o tempo em que a droga ficou parada e guardada, tivesse absorvido ainda mais as substâncias e fez com que ela ficasse mais forte. Porque, mesmo com a demora da morte, ela causou mais dor.

O professor tinha visto o vídeo das cobaias, ele não as viu pessoalmente, mas analisou o tempo em que cada uma delas foram submetidas ao líquido injetado.

Benjamin garantiu que a droga estava guardada, ninguém mexeu nela para nada além de injeta-las em alguma vítima.

— Faça outra igual! — Benjamin ordena, ignorando toda a explicação do professor.

— Eu tento! Não consigo. Se, pelo menos, tivéssemos a própria droga, seria mais fácil.

— Não temos. Um garoto que vendeu aquela quantidade e disse que uma pequena dose teria um efeito devastador. Vendemos a outra quantidade e ela já foi usada, ficamos com o resto e, bem, o garoto desapareceu após isso e nem sabemos quem fez aquilo. Mas queremos. É uma arma perfeita.

— Sim, e o cara merece um prêmio pela criação, mas eu não consigo refazer.

— Você foi visto como o melhor...

— Para armas e drogas já produzidas, eu posso replicar, mas recriar algo que nunca vi de perto? Que ninguém que estudou viu? Isso é uma missão praticamente impossível. Posso refazer outra arma...

— Pra que eu quero uma arma biológica para matar vários? Eu quero aquela droga para matar quem eu quero, sem contaminação. Para matar um por um de uma maneira mais divertida.

— Senhor, eu sou apenas um professor...

— Professor Claudio, acusado de pedofilia e que estava sem emprego até te encontrarmos...

— Disseram que era para produzir drogas.

— Então, produza a minha droga! — Benjamin grita.

— Estou há meses tentando, não sei se a pessoa que fez usou algo mais.

Benjamin sabia que Elijah não deveria ter usado tudo aquilo em suas vítimas, mas já era muito tarde quando ele tentou avisar e não conseguiu impedir. A droga já tinha acabado e eles não sabem como encontra-la.

O garoto que entregou estava apenas no lugar exato e na hora exata...

— Continue tentando.

Benjamin sai da sala, indo de encontro a sua visita.

Descendo mais duas escadas, ele encontra a sua visita.

— O que deu no meu pai?

— O que deu em Elijah? — Benjamin senta no sofá. — Deu que ele está curtindo a família. Poliana deve estar feliz com isso.

— Ele ainda está nessa calmaria? Ele deveria atacar.

— Ligue para o seu pai e conte a novidade a ele, diga que devemos atacar. — Benjamim respira fundo. — Seu pai sabe que deve atacar, mas não fará nada, quer continuar seus negócios.

— Ele sempre foi assim, silencioso, calmo, sempre esperando...

— Ele demorou mais de trinta anos para fazer algo, e só fez porque insisti. Ele é doente, sabe disso.

— E por que o senhor não fez?

— Fazer como? Antes eu nem aparecia para essa gente que trabalha para Elijah, agora que dou as ordens, eles ainda me acham um estranho. Fiz besteira, sei disso e assumo a responsabilidade. Colocar a vingança nas mãos do seu pai foi uma tolice.

— Pelo menos, ele ganhou dinheiro com isso. Ele não se vingou, mas somos ricos por conta da demora dele de atacar. Vamos combinar, Benjamin, se ele tivesse atacado desde sempre, a Nostra não estaria em suas mãos.

— Mas eu quero todos mortos e Yoshida prefere continuar os negócios e depois voltar para atacar. Acho que ele quer dar o gostinho da liberdade e depois mata-los. Mas se ele demorar muito, Marco pode lembrar o rosto dele.

— Acha que será possível?

— Provavelmente.

— Ele ainda não lembra sobre nada, somente de Poliana, mas ela sempre está com o rosto desfigurado. Meu pai ainda diz ama-la.

— Seu pai é um louco. Você nem deveria ter entrado nessa história, eu tentei de proteger de tudo, mas sabe como ele é. Se você pelo menos conseguisse tomar o poder.

— Não. Querendo ou não, meu pai é bom no que faz. Veja só, estou ao lado deles e sei dos planos, estou ajudando o meu pai com informações.

Benjamin respira fundo. Se dependesse dele e de Javier, a Nostra, a Sangre Latino e a M-Unit não existiriam mais, porém, Elijah prefere continuar com seus negócios e ser silencioso.

No passado, quando Elijah estava muito perto de Fernando, Benjamin deu a ideia de mata-lo, mas Elijah queria algo mais dramático. Matou a mãe de Giulia, tentou matar Giulia, mas Poliana sempre estava perto e ele não queria mostrar a sua verdadeira identidade... Depois, ficou um bom tempo escondendo a verdade da sua esposa. Quando ela finalmente descobriu, ele a levou para bem longe... Quando ele pode mostrar o seu verdadeiro "eu", já não dava mais para atacar de frente, não depois de perder o acesso naquela casa.

— Eu só vim dizer um "oi" e saber se meu pai estava aqui, como não está, preciso voltar para aquela vida chata.

— Pessoas chatas, não é? Chatice de "sou mafioso e amo a família". — Benjamin bufa. — Não devemos nada a família.

— Meu pai deve pensar o mesmo que eles, já que quer a família unida. Se bem que isso foi uma ideia bem repentina.

Benjamin engole em seco, ele tem que demonstrar um mínimo de sentimento com a família de Elijah.

— Sim, tem razão. — ele concorda.

— Agora eu preciso voltar para eles, para fazer que conta que eles são importantes para a minha vida.

— Boa sorte. — Benjamin sorri de maneira simpática, tentando apagar a imagem de "senhor rancoroso". — Qualquer coisa, pode vir para cá. A porta sempre estará aberta para você.

— Meu pai não me perdoaria se eu voltasse na primeira dificuldade. Eu ficarei ao lado deles e descobrirei mais...

— Poderia atacar...

— Meu pai não quer nada disso, ele quer pega-los e tem muito segurança em volta, seguranças da confiança daquela gente. Sangre Latino e M-Unit unidas, os seguranças vão matar quando achar qualquer ameaça. Meu pai quer

que eu passe informações e farei isso.

Benjamin concorda.

No passado, ele matou o pai biológico de Marco e de Elijah por esse motivo. A fraqueza, a dramatização... Eles não sabem atacar e pronto, eles visam mais o dinheiro e nada de vingança.

Benjamin sabe que foi ele quem destruiu a família de Elijah e Marco, mas para Elijah, quem destruiu foram os Bertollini... Mas Elijah é como o pai, ele vai querer pegar cada um e fazer uma vingança pessoal, fazê-los de brinquedo antes da morte.

Benjamin? Ele não. Ele quer atacar rapidamente e ver o sangue sendo derramado... Ele pode fazer? Não! Ele não mostrou o rosto antes e odeia isso no momento, talvez, se ele tivesse feito algo do tipo, as pessoas o respeitariam mais que Elijah. Porque, mesmo que eles nunca tenham visto o rosto de Elijah, eles conhecem o mal causado por ele e o temem... Benjamin? Ele é visto como o sucessor, o braço direito, o capanga pessoal, não como o homem importante que ele verdadeiramente é.

Talvez, nesse momento, ele precise mais de Javier ao seu lado. E os filhos de Elijah? Eles podem morrer, quem sabe assim, Elijah toma a iniciativa de voltar ao ataque.

***Salazar é personagem da minha série Estúpido. Esse personagem não tem relação com a série "Os mafiosos", foi apenas uma citação.**

Capítulo 11

Katherine

Olho para Rachel sonsa a minha frente.

— Meninas, comportem-se. — Ciara sorri para mim. — E espero que não mate Rachel.

— Não, Ciara. — sorrio do mesmo modo. — Já vi que a inimiga é outra. Por falar nisso, poderia me dar o tal anticongelante para eu poder usar em um certo alguém?

— Não. — olha para Rachel. — Cuide-se.

— Ficarei bem. — Rachel sonsa dá de ombros.

Ciara fecha a porta do quarto e ficamos sozinhas com Rachel sonsa.

— Então, você quer ser parte da nossa gangue? — cruzo os braços, encarando-a.

— Eu quero ajudar de algum modo. Vocês sabem tudo o que aconteceu comigo.

— Você foi baleada, Hugo salvou sua vida e Ciara foi mantida presa...

— Tom e Dianna também sofreram. A Dianna esposa do Tom, não a tia de Cassie.

— Sabe lutar?

— Eu estava no dia em que resgataram Daniel. Eu sei o que todos falam, Katherine. O que pensam que somos. Ciara pensa que qualquer som de fogos de artifício me fará ter um surto, que uma simples adrenalina me fará morrer. Acham que me traumatizei.

— No entanto, você tem uma mochila com venenos?

— Ciara comprou alguns, ela conhece essa gente. Isso foi antes de irmos para Itália. Eu descobri a mochila e peguei alguns, ela, obviamente, desconfiou. Na verdade, ela desconfiou mais que eu peguei para ingerir, não que peguei porque poderei precisar. Então, eu me fiz de inocente e ela não desconfiou mais.

— Quando eu digo é uma sonsa acham ruim.

— Kat! — Cassie e Karen me repreendem.

— É um apelido carinhoso. Além do mais, já vi que ela não quer Gabriel.

— Nunca quis. Só nos falávamos por conta das investigações. E fui à testemunha do casamento porque ele não tinha outra garota para fazer esse papel. Fui contra o casamento porque não é com amor. Gabriel te ama e todos

sabem dessa história.

Uau! Até Rachel sonsa sabe do amor de Gabriel por mim, pena que ele está com Amélia... Não tenho vocação para amante, mesmo que odeie a esposa dele... *Esposa! Gabriel tem uma esposa e não sou eu!*

Confesso que não sonho com casamento, vestido de noiva, padre, cerimônia, buquê, convidados, festas... Primeiro, não teria paciência para montar um casamento, mesmo contratando alguém para essa função, eu teria que ficar indo a reuniões para concordar e discordar com essas coisas; segundo, eu imagino "November rain" do *Guns N´Roses* tocando na hora que eu entrar na igreja, sim, essa música mesmo; terceiro, quero um vestido de noiva preto ou roxo; quarto, as músicas que tocariam seria tudo relacionado ao Heavy Metal; quinto, definitivamente, não tenho paciência para casamento!; sexto, tenho certeza que chegaria na igreja antes mesmo dos convidados, teria pressa e nenhuma paciência para esperar.

Meu casamento seria bem diferente, mas, definitivamente, não tenho essa vontade. Porém, saber que Amélia casou e ainda tem uma aliança... Faz querer com que eu estivesse em seu lugar, com meu vestido preto, minha maquiagem preta e eu sei que ameaçaria o padre — que Deus me perdoe — para que ele apressasse a cerimônia, para que eu pudesse comer o bolo do casamento.

E a noite de núpcias... Sexo. Oh, cara! Eu nunca pensei nisso. Sexo! Sexo com Gabriel!

Gabriel é uma maravilha, minha Nossa Senhora, o que é aquela barriga? E aquele sorriso? *Aquele maldito sorriso*, como diria a Hannah Baker* **(13 reasons why)**, só que o de Gabriel é muito melhor!

Oh, minha nossa, ele tem a perna grossa! Ele não tem perninhas secas, tem pernas grossas! E panturrilha? Eu tenho algo sobre elas, porque a de Gabriel é grossa e bonita. E os olhos? Ele tem barba! Ele tem dezessete anos e tem barba! Ele tem cara de homem, não de um moleque idiota... Mas ele é idiota... Voltando ao corpo de Gabriel. A bunda dele é grandinha e parece ser dura, eu vi! Também vi a parte da frente... *Oh, céus, tá calor?*

Mas acho que seria estranho fazer sexo.

Gabriel tem voz grossa, quando ele está irritado e grita meu nome dá até um troço por dentro. E a mão dele é grande... Uma vez eu vi aquele imbecil de merda beijando uma garota, foi um duelo de línguas, eu me imaginei trocando salivas com ele. Aquela vadia de merda parecia gostar da saliva de Gabriel, ali foi a primeira vez que eu senti vontade de fazer o mesmo com Gabriel, mas nunca fiz nada.

Tenho certeza que se não existisse Gabriel — Deus livre a humanidade

dessa má hora — eu não teria essa vontade com ninguém.

Eu sou uma esquisita vista como gostosa, eu odeio isso! É como se eu fosse um pedaço de carne para ser comido... É, realmente, eles querem se alimentar com minha carne, mas não é sobre canibalismo, é pior!

Alguns alunos idiotas achavam que tenho uma boa bunda e boas pernas, por isso comecei a usar calça, para não olharem minhas pernas e minha bunda. A cor preta disfarça um pouco o tamanho.

Voltando ao assunto.

Alguns garotos fingiam ser bonzinhos, fingiam de amiguinhos só para ter algo comigo. Mas eu queria? Não! Nunca imaginei beijar outro alguém, até Gabriel.

Eu sei que se não fosse Gabriel, não teria interesse algum em outra pessoa, porque eu nunca tive nada do tipo! Gabriel é diferente, eu acho que nem é algo "carnal", é algo muito além disso.

Gabriel é o cara que sempre esteve ao meu lado, que sempre me apoiou, que me fazia sorrir, que era expulso da escola por me defender, que eu brigava e ele sempre voltava a ser meu amigo, que me ensinava as matérias do colégio — que eu não aprendi porque não gosto e nem quero saber porque a merda do cateto da hipotenusa é sei lá o que, ok, se eu estudasse, saberia completar essa frase — Gabriel, eu me casaria com você... Mentira, mas nós moraríamos juntos, com nossos *branquelinhos*, pode vir algum negro por causa dos nossos parentes, então vamos inclui-los, a genética é algo bem... *Droga, não estudei direito esse assunto...* Então, teremos *branquelinhos* e *pretinhos*, nossa penca de filhos. Eu adotarei, sim, adotarei! Eu amo as crianças do orfanato. Farei um arco íris. Brancos, negros, ruivos, índios... Bebês nascem nojentos com aquela gosma... Crianças são chatas na maioria das vezes, se bem que a culpa vem dos pais, que vontade de espancar aqueles mongóis que deixam os filhos puxarem meu cabelo e só falam "Filho, pare". Raiva!

Eu mudo de assunto facilmente.

O que eu estava pensando?

Esqueci!

— Kat, está prestando atenção? — olho para Karen.

— Sim. — *não!* — Claro que sim. Rachel sonsa está dentro...

— Kat, pare de chama-la assim.

— Cassie, eu já disse que é apelido carinhoso. Eu sou a "Kat, a poderosa"; Cassie é "Cassie, a barraqueira", Karen é a "Karen, quem vê cara não vê coração" e Rachel é "Rachel sonsa".

— São horríveis! — Cassie rosna.

— Eu acho perfeito, combina com todas.

— Então você deveria ser a esquisita.

Coloco a mão no peito.

— Eu monto a gangue e sou taxada de esquisita. Isso aqui não é um comunismo.

— Anarquismo. — Karen corrige. — É o que se opõe a liderança, que não quer tê-las.

— Comunismo também é ruim. — sorrio.

— Vamos falar de política?

— Não, Cassie. Odeio política e nem tenho uma ideologia para seguir, amém! — olho para Rachel. — Por que te atacaram mesmo?

Rachel esfrega o braço, como se tivesse nervosa.

— Tinha provas contra a irmã de Ciara, mas eu nem sabia sobre essa parte da história. É algo que não falam muito, mas acho que foi essa a história.

— Por que não falam?

— Como disse, eles acham que sou uma traumatizada. Eu sei que vocês estão bem à frente, porque nasceram e cresceram nesse meio.

Nós damos risada.

— Falei algo errado?

— Não, sonsinha. Mas nossos pais não nos ensinaram a mexer em uma arma, aprendemos por vontade própria. Se nós aprendemos, você também pode fazer o mesmo.

— Então eu estou dentro?

Ela olha para mim.

Admito, ela é bonita... Ok, é linda! Ela tem o rosto bem meigo, lembro que pensei "Ela parece ser uma boa pessoa", até ela ligar para Gabriel. Agora, eu vejo que ela é como Karen, o rosto de boa menina engana. Espero que seja no bom sentido.

— Sim, está. — concordo.

— Obrigada. Eu quero fazer uma pergunta.

— Não pode olhar para o homem dos outros. Gabriel é meu, mesmo estando com a vadia da Amélia, ele é meu! Guerrero é da Cassie...

— Não quero!

— Dane-se, Cassie! E um certo moreno é da Karen.

— Ele é apenas um parceiro.

— Futuro parceiro sexual. — Cassie provoca.

— E você fará sexo com Guerrero!

— Eu não farei isso! O seu moreno está mais perto da sua vagina do que Guerrero da minha!

— Ele não está perto da minha vagina!

— Eu sou a esquisita da história. — olho para Rachel. — Quem é seu boy?

— Não tenho.

— Tem uma girl?

— Também não.

— Também é uma assexuada?

— Quê?

— Bem-vinda a nossa gangue, conquistaremos a paz mundial com esses diálogos. — Cassie cruza os braços. — Acabaremos até com terroristas desse jeito.

— Nós somos inteligentes em guerra, não com outros assuntos.

— Ok, a minha pergunta. — Rachel volta a falar. — Faremos tudo isso nas vistas deles? Seus pais, tios, irmãos, Hugo, Ciara...

— Estava pensando sobre isso. — olho para Cassie. — Se precisar fazer algo, eu e Cassie faremos.

— Do que estamos falando? — Karen pergunta.

— Se um dia isso acontecer, vocês saberão.

— Conte agora.

— Se eu contar, você vai ser contra ou vai querer se juntar. E, de todo modo, você e Rachel não tem nada a ver com a história. Agora, preciso ir.

Saio do quarto, escutando os protestos de Karen para saber sobre meu plano e o de Cassie.

Posso parecer louca, mas, por baixo da minha suposta insanidade, existe uma pessoa inteligente e capaz... Talvez não tão capaz, mas tentarei, isso conta muito.

Saio da casa de Ciara e assim que viro, vejo Gabriel saindo da casa dos pais dele. Ele está sozinho.

Respiro fundo, incorporo a top model e saio desfilando.

— Eu te conheço bem o suficiente para saber que esse andar é para dizer "sou forte e não me importo". — Gabriel segura a minha mão. — Eu te conheço, Katherine.

— Qual o nome completo de Amélia?

Gabriel franze o cenho.

— Amélia Parker?

Errou!

— Qual a idade dela?

— Ela parece ter trinta e cinco, mas acho que tem dezoito.

Nós combinamos!

— Qual a minha banda preferida?

— Antigas, mas você não tem uma banda preferida.

Acertou.

— Qual a minha série favorita de TV?

— Os clássicos. Sons of anarchy, The walking dead, Breaking bad...

Ele sabe sobre minhas coisas favoritas. *Olha essa boca. O hálito dele está cheirando a menta, ele tem higiene... Ou são balinhas, pode ser também. Ele pode ter cárie e passar para mim... Não, olha esse sorriso branquinho, ele não deve ter cárie, tia Sara falava sobre isso.*

— Vamos comigo para um lugar.

— Para onde? Você não chega aqui e me manda ir com você...

— Vamos, Kat.

Pedindo assim, com essa voz grossa... Eu vou! Ou melhor, VEM GABRIEL!

Entro no seu carro e ele logo começa a dirigir.

— E esse carrão? — pergunto, lembrando que Karen falou sobre Gabriel parecer pobre para Amélia.

— É do meu avô Yankee, peguei emprestado. — sorri para mim. — Acho melhor abaixar a cabeça. — ele sorri de lado e passa a língua pelos lábios. *Como será beijar de língua?* — Para que alguém de West não te veja.

— Eu já sabia disso, porque penso como gangster.

Mentira, eu pensaria se não fosse Gabriel ao meu lado...

Abaixo a minha cabeça tempo suficiente para o sangue parar de circular em minha cabeça, levanto um pouco e depois abaixo novamente.

— Vai demorar? — pergunto.

— Quase lá.

Depois de mais cinco minutos, ele para o carro. Levanto a cabeça e vejo sua casa.

— Sua casa. — murmuro.

Ele desce do carro e pede para eu ir atrás.

— Sua casa. — ele coloca a mão em minha cintura.

— Como assim?

— Seu pai me ajudou, passei a casa para seu nome.

— Mas eu...

— Burocracias para a família Bertollini e Vesentini? Eu passei para o seu nome porque eu quero uma coisa com você.

— Troca de favores?

— Não. Essa casa aqui, será a nossa futura moradia.

Oh, Deus!

— Eu moro com Amélia em uma casa simples, caindo aos pedaços, porque ela não merece viver nessa casa. — ele aponta para a enorme casa a nossa frente. — É você, Katherine, que merece tudo de melhor, merece todo meu amor, todo o conforto que eu posso pagar, o meu sobrenome...

— Amélia não terá seu sobrenome?

— Ela não merece ser da família, você merece. Ela assinou um contrato que acaba anulando uma parte do contrato do pai dela, então, ela não ganhará o tão sonhado sobrenome, já você...

— Isso é um pedido de casamento?

— Se você quiser casar...

— No civil, apenas e se for bem rápido, não tenho paciência para escutar uma cerimônia completa.

— Aceitou meu pedido de casamento! — ele sorri ainda mais.

— Só se você aceitar que teremos um arco íris de filhos...

— Eu não posso pegar um arco íris...

— Não, eu falo de ter um filho branco do cabelo preto, outro branco de cabelo loiro, um branco de cabelo vermelho, um negro de cabelo preto, um negro de cabelo loiro...

— Pensei que nem gostasse de criança.

— Não gosto das crianças dos outros, mas amarei as minhas. Adotarei todos.

— Faremos sexo.

Gente, que pessoa direta!

— Não faremos sexo.

— Nós vamos transar.

— Não!

Ele sorri. *Cara, que sorriso!*

— Se eu soubesse que falar sobre sexo com você, te faria ficar vermelha, eu teria falado antes.

— Não, Gabriel. Não faremos sexo. Eu adotarei crianças. Sexo é algo nojento.

Vamos lá, o espermatozoide parece um filhote de peixe que nada no corpo da mulher até formar um bebê. Um troço parecendo um filhote de peixe faz um bebê, ou dois, três... Isso é estranho. Tem suor, saliva, a mulher solta líquido, eu acho, sei lá, nunca vi.

Líquidos formam uma criança... Menos Yoshida, tenho certeza que ele foi feito em um culto satânico. Envolvendo sangue de gente, cabeça de gente e animais, uma língua bizarra para evocar troços bizarros, velas... *Deus me livre!* Ainda acho que mais de sete sessões de exorcismo poderá adiantar algo.

— Sexo não é nojento. Nada com você será nojento. — ele segura a minha cintura com as duas mãos, ficando de frente para mim. — Somos mais que parceiros. Eu te ajudarei sempre que precisar, lutaremos juntos contra tudo. E teremos nosso arco íris de filhos, sendo que alguns serão concebidos da maneira natural.

— Eu não ficarei nua na sua frente...

— Nem precisa, é só afastar a calcinha...

— Cara, eu vou te matar!

— Você me mata de outras maneiras...

— Cala a boca!

— Nós vamos calar a boca.

Oh... Eu nem sei o que chamar nesse momento. A boca de Gabriel está na minha. A BOCA DE ALGUÉM ESTÁ NA MINHA! A BOCA! A BOCA!

A língua dele está no meu lábio, como se pedisse para eu abrir a boca.

O que faço?

Meu peito parece que vai explodir.

Eu deveria ter assistido mais cenas de beijo para aprender... Não, aquilo é beijo falso, se eu aprendesse, beijaria Gabriel de mentirinha.

Deve ser como chupar uma laranja? Não, pelo menos eu mordo a laranja... Não enfio a língua...

Deve ser tipo uma briga de espadas, as línguas se duelando.

Abro a minha boca.

Agora vai... VEM GABRIEL!

As nossas línguas se enroscam... Eu não sei explicar o que é isso, mas é bom! Trocar salivas é bom, pelo menos, com Gabriel. Só aceito a saliva dele.

Ele tem gosto de menta! Sabia!

Ele levanta o meu corpo, me colocando no capô do carro. As suas mãos estão em minhas pernas e as minhas estão no seu cabelo, puxando-o para mim.

Estou muito *safadona*! Como isso aconteceu?

VEM GABRIEL!

Abro minhas pernas, para que ele fique no meio delas e facilite nosso beijo.

Ele para de me beijar, para a minha surpresa, ele beija o meu pescoço.

Isso é bom!

— Eu te amo! — Gabriel diz. — Eu te amo muito.

— Eu também te amo. — falo e ele sorri, com a surpresa da minha confissão. — Mas não sirvo para ser amante.

— E eu não farei de você minha amante. Você não é nada disso e eu te amo ainda mais por esse motivo. Eu só preciso me separar de Amélia e ter tudo de volta.

— Quando isso acontecerá?

— Muito em breve. Depois disso, teremos nossa família. — ele acaricia o meu rosto. — Para quem tinha nojo de beijo...

— Não tenho nojo de você. Sua saliva é boa.

— Você é estranha, mas eu te amo por esse motivo. E por suas pernas grossas. — ele aperta minha coxa e algo dentro de mim se contorce... *O que é isso?* — E sua bunda. — a sua outra mão vai para a minha bunda. — E por sua...

— Ei! Ok, entendi que sou uma deusa sexual.

— Te amo.

— Vou gravar isso no meu celular.

— E quando morarmos juntos, escutará isso todo santo dia.

Sorrio para ele.

Cara, trocamos salivas, coisa que eu tinha nojo, mas foi bom! Gabriel é diferente, sempre soube disso.

VEM GABRIEL, E NÃO VAI!

Céus, eu amo Gabriel!

Bônus 3

Famílias (Nostra Ancoma)

FAMÍLIA BERTOLLINI

Anexo I

Família Bertollini — Victor Bertollini, Alice Bertollini, (pais de) Fernando Bertollini (casado com) Sara Bertollini (que são pais de) Daniel Bertollini, Giulia Bertollini Vesentini, Gabriel Bertollini, Karen Bertollini, (avô de) Felipe Vesentini.

***Toda a família que veio antes de Victor Bertollini, já está morta.**

****Giulia foi adotada por Sara quando tinha quatro anos de idade e Daniel foi adotado por Fernando e Sara quando tinha sete anos (de maneira extremamente rápida), os pais biológicos de Daniel nunca foram encontrados e a investigação foi encerrada (já que Daniel foi violentado antes de ir para o orfanato); a mãe de Giulia foi morta por alguma gangue desconhecida (as investigações foram encerradas).**

*****Daniel é casado com Jasmine, que é filha de Tyler (ANEXO FAMÍLIA M-UNIT).**

******Sara foi presa junto a Isabella (ANEXO II) e Giulia, por violência contra Olívia Andersen (que não foi encontrada até hoje). Sara é professora e dona de uma escola de dança, mas ela não aparece no trabalho há alguns meses, junto com Isabella.**

*******Fernando foi preso por tráfico de armas, ao vendê-las para Tyler (ANEXO FAMÍLIA M-UNIT), mas foi solto em uma semana, fez um acordo com a justiça (Martín).**

(ANEXO COM A IMAGEM DE TODOS OS MEMBROS DA FAMÍLIA BERTOLLINI)

Famílias (Nostra Ancoma)

FAMÍLIA VESENTINI

Anexo II

Família Vesentini — Benjamin Vesentini, Verônica Vesentini (falecida), (pais de) Marco Vesentini, (casado com) Isabella Vesentini, (pais de) Leonardo Vesentini e Katherine Vesentini, (avô de) Felipe Vesentini.

***Toda a família que veio antes de Benjamin está morta ou desaparecida, como é o caso de Maurice Vesentini (há mais de 50 anos)**

****Verônica morreu há dois meses, por causas naturais, foi sepultada na Itália. Não existe qualquer notícia de Benjamin.**

*****Marco tem a certidão de óbito e o corpo foi reconhecido, tem exames comprovando, mas foi visto rapidamente saindo de uma clínica, onde ninguém confirmou a sua visita, mas temos fotos dele com sua esposa (ANEXO DE IMAGEM).**

******Katherine, filha mais nova, foi expulsa do colégio por brigas constantes, foi uma das alunas que denunciou o professor Claudio Guzmán, o mesmo que foi preso por fabricação de drogas e tem alguns sinais de ser pedófilo (nunca houve uma denuncia na polícia). Estava na condicional e aguardava o novo julgamento, está foragido desde então.**

**(IMAGENS DE TODOS DA FAMÍLIA VESENTINI)
(ANEXO DE IMAGENS E FICHA CRIMINAL DE CLAUDIO GUZMÁN)**

Famílias (Nostra Ancoma)

(FAMÍLIA FERRARA)

Anexo III

Família Ferrara — Arthur Ferrara, (casado com) Dianna Ferrara. Klaus Ferrara, (casado com) Anneliese Ferrara, (pais de) Jean Ferrara e Cassandra Ferrara.

***Arthur e Klaus são irmãos, são os únicos da família Ferrara que estão vivos. Seu pai foi morto a tiros, em um latrocínio (roubo seguido de morte). A mãe morreu dois anos depois, por causas naturais.**

****A única informação sobre essa família é que Jean é um dos poucos que pode ter associação com a Nostra Acoma que já foi preso. Ele foi preso**

cinco vezes, e duas vezes foi internado em um centro de recuperação para jovens infratores. Posse de drogas e armas são os crimes mais citados em sua ficha.

**(IMAGENS DE TODOS DA FAMÍLIA FERRARA)
(ANEXO DA FICHA CRIMINAL DE JEAN FERRARA)**

Oswald para a leitura do seu resumo.

— Ok, somente esses? — Oswald pergunta, olhando para o senhor a sua frente e depois para as fotos que estão em um pequeno mural.

— De homens sim. — o senhor responde. — De mulher tem a Alice, esposa de Victor; Sara, esposa de Fernando e as filhas de Fernando, Karen e Giulia Bertollini.

— Elas têm alguma passagem?

— Sim. — Jeremiah responde. — Sara e Giulia foram presas junto com Isabella Vesentini, a esposa de Marco. — o homem sorri. — A coisa mais interessante é que o corpo de Marco foi enterrado, mas, vejam isso. — aponta para as fotos, que estão pregadas no pequeno mural. — Esse aqui é o tumulo de Marco e o corpo não é dele. Não consta com o DNA que temos.

Oswald encara o homem ao seu lado.

— Então, tem algo a dizer?

Robert encara Oswald e, depois de alguns segundos, nega.

— Como tem coragem de olhar para a minha cara e dizer que nada acontece nesse lugar? Você vai olhar para a minha cara e dizer que a M-Unit, Sangre Latino e a Nostra Ancoma não atuam aqui? Vai olhar para mim e dizer que essas fotos. — Oswald aperta um pequeno controle, onde a foto de um corpo sem a cabeça aparece. — Vai dizer que isso aqui não é sua culpa?

— Não é. — Robert continua negando.

— Bairros tomados por gangues. — Oswald senta na cadeira, a frente de Robert. — Gangsteres subindo e descendo com armas e vai me dizer que a polícia não é culpada? Que o xerife daqui não vê problema com nada disso?

— A taxa de homicídio é baixa...

— Baixa, Robert? — Oswald levanta um canto da boca, dando um sorriso zombador. — Essas fotos mostram o contrário.

Na próxima imagem, algo parecendo um contêiner está cheio de corpos. Alguns sem alguns membros do corpo.

— West está por perto e sabemos sobre isso. Entrou mais um na jogada e

você não fez nada, não viu nada. Quanto eles te pagam?

— Não pagam...

— Ok, Robert. Eles não pagam nada. Está acontecendo algo estranho por aqui. Algo que eu poderia chamar de acerto de contas? Patrick morreu de maneira estranha, outro senhor morreu e tinha sinais de tortura...

— Está sendo averiguado.

— E pessoas estão desaparecendo da redondeza. E aqui, Robert. — mostra a outra imagem. — Aqui tem a foto de Marco, vivo e andando. Mas ele não morreu? E Nicole? Pelas nossas investigações, ela foi enterrada e a morte estava como algo natural, mas lá no seu corpo...

— Como podem abrir túmulos? — Robert finge surpresa, raiva e nojo.

— Como pode acobertar tanta coisa? Você deveria lutar contra eles, não ajuda-los. Quando um problema chega, eles resolvem e você, como bom apaziguador, fica quieto, na sua, porque gangsteres e mafiosos farão o trabalho. E ali está a minha árvore genealógica, são anos tentando pega-los. Ninguém vai me tirar da cabeça que Bertollini e Vesentini são os chefes desse negócio, e que eles tem algum tipo de ligação com a Sangre Latino. Porque a ligação dele com a M-Unit é a Jasmine, filha de Tyler, mas a Sangre Latino? Só preciso descobrir quem é Yankee e os outros chefes.

— Por que estão aqui? — Robert pergunta, com raiva da intromissão dessa gente. Eles apenas chegaram, entraram e tomaram a sua sala e seus funcionários.

Oswald não responderia a verdade, não para Robert, que está recebendo dinheiro de alguém para ficar calado e passar informações.

— Robert. — Oswald se aproxima, encarando o homem a sua frente. Ele tem nojo do que vê. Um homem que deveria ajudar o povo, está ao lado daqueles que acabam com a população. Um homem corrupto é uma das coisas mais nojentas que existem. — Você será levado para um interrogatório.

Nada poderia ser capaz de detalhar com precisão o que Oswald sente. É uma felicidade sem igual. *Menos um corrupto*. Se tudo der certo, Robert será exonerado do cargo e, se tiver mais sorte ainda, ele será preso pelo crime cometido. *Associação com o tráfico*. Ah, se isso acontecesse, Oswald teria mais felicidade de estar nessa cidade.

— Eu não fiz nada! — Robert grita, perdendo a paciência que ele parecia ter no início.

— Então, não terá problemas em falar. — Oswald dá as costas, voltando a olhar para as fotos pregadas no mural.

Está acontecendo uma onda de sequestros pelas redondezas. West apareceu do nada no lugar, Sangre Latino e M-Unit unidas, Fernando e Marco nunca mais foram vistos, pelo menos cinco homens suspeitos de participar da Nostra Ancoma foram mortos em dois meses.

Algo estranho está acontecendo.

Marco que estava morto e agora está vivo. Esse é um dos principais motivos de Oswald estar nessa cidade.

Fernando e Tyler foram presos por tráfico de armas, mas foram soltos em uma semana. *Uma semana!* Sem julgamento. O que contaram para ele é que Fernando fez um acordo com o serviço secreto, o mesmo que quer pegar o tal Yoshida.

Não, alguém da Nostra Ancoma não seria tão legal, ainda mais com alguém como Martin, o chefe do serviço secreto. Fernando não o ajudaria e nem Tyler.

Martin não trabalha de maneira certa, ele usa muitas maneiras para conseguir o que quer.

E esse também é o motivo de Oswald estar aqui.

Oswald olha para seu celular, onde seu resumo sobre cada família está ali. Ele vai ler tudo novamente, estudar cada um deles e depois começar o seu trabalho.

Agora são três gangues (Sangre Latino, M-Unit e West), uma máfia (Nostra Ancoma) um moto clube (Last Justice) e Yoshida (que ele ainda não sabe como chamar, mas sabe que é uma das piores que tem).

Oswald volta a olhar o mural novamente.

Ali estão os filhos de cada um dos integrantes da Nostra... Daniel, ninguém sabe o seu passado e foi adotado justamente por Fernando Bertollini? Giulia, a mãe foi morta por alguma gangue... Onde está a mãe biológica de Leonardo? Por que Patrick morreu e Fernando e Marco não foram ao enterro? Por que outros quatro morreram e eles não foram ao enterro, já que eram amigos? Algo acontece nesse lugar e Oswald precisa saber o que é.

Se ele pegar todos, ele será tão prestigiado que poderá se aposentar por conta da recompensa, mas não é apenas isso, ele quer limpar o lugar com tantos bandidos, por isso aceitou o emprego.

West e Guerrero, qual nova droga estão fazendo? Oswald faz essa pergunta para ele mesmo, sabendo que os dois são conhecidos por suas misturas e a clientela que pouco se importa com isso. "Por que eles estão nessa cidade?", é outra pergunta a ser feita.

— Arrumem minha nova sala. — Oswald ordena a uma das mulheres que está em pé na porta. — E eu não quero que essa notícia se espalhe tão cedo, vamos trabalhar em silêncio. Ninguém precisa saber que tem agentes federais na cidade.

Capítulo 12

Katherine

Ok, admito que estava errada. Não, na verdade, eu estava 50% errada.

Trocar salivas é algo maravilhoso. Céus, a coisa é quente, arrepiante... Uau! Só de sentir o beijo de Gabriel em meu ombro dá um troço lá dentro.

Mas tenho 50% de razão porque trocar salivas com Gabriel é outro nível. Não imagino tendo algo assim com outro alguém.

Como a pessoas conseguem beijar vários em uma mesma festa sempre será um enigma na minha vida. As pessoas trocam salivas do nada, com desconhecidos que, muitas vezes, deve ter um bafo horrível. Sou *nojentinha*? Cheia de frescura? Talvez, mas a boca é minha, sou seletiva, não enfiarei minha língua em qualquer coisa.

Mas Gabriel? Olha esse rostinho, olha essa barriga... Ele não está sem camisa, mas sei bem como ele é. Escuta essa voz...

Olho para baixo, onde a sua mão aperta a minha coxa.

Olha como a mão dele aperta a minha coxa, parece quando eu seguro a coxa de galinha para comer, com garra, firmeza... *Espera, Gabriel quer me comer como eu quero comer uma coxa de galinha? Ei!*

— Você quer me comer como eu quero comer uma coxa de galinha?

Gabriel para de beijar meu pescoço e olha para mim, com o cenho franzido e um sorriso safado de lado.

Ele é bem mais experiente que eu... Até uma freira é mais experiente que eu. No meu colégio católico, uma irmã foi pega fazendo saliências com o jardineiro.

Até aquela freira transa e eu não, mas é por escolha própria. Eu escolhi esperar. Ou melhor, eu escolhi não fazer.

— Eu prefiro você — Gabriel responde. — Você é mais gostosa que uma coxa de galinha, do que um pernil de porco...

— Fala assim não que sinto uns troços. — finjo uma excitação.

Gabriel ri.

A risada dele é tão gostosa.

Eu não serei apaixonadinha, não faz meu tipo.

— Então, feliz com minha declaração?

— Você falou sobre afastar minha calcinha. — retruco, lembrando aquela conversa super sem nexo e sem graça.

— Você não quer ficar nua, mas eu já te vi nua.

— Não lembraremos sobre essa cena.

Eu te vi nu, meu querido. Eu te conheço pelado, mas não toquei, nem disse que afastaria algo seu para facilitar qualquer relação sexual. "Coito", como diria meu querido Sheldon Cooper.

— Casais falam essas coisas. — Gabriel passa a mão pelo meu rosto.

— Eu não falarei nada disso, eu, hein. Tenho nem vocação para falar baixarias.

— Baixarias?

— Eu disse que vou afastar a sua cueca?

— Esteja à vontade, não reclamarei, tenha certeza disso.

— Você é muito safado. — bato em seu ombro.

— Não viu nada ainda.

Levanto-me do capô do carro e o celular de Gabriel toca. Ele olha a tela e depois olha para mim.

— Sabe que te amo, não é?

— Sei, Gabriel. Sei também que nós, gangsteres, temos deveres a serem cumpridos.

— Sim. Preciso resolver um assunto.

— E eu, como gangster, devo dizer que sou forte o suficiente para escutar sobre esse assunto.

Gabriel me encara, percebo sua incerteza por alguns instantes. Depois, ele envolve seu braço na minha cintura e me puxa para mais perto dele. Ele abre a boca e sinto seu hálito de menta.

Acho que virei um coala, porque estou apaixonada pelo cheiro e o gosto de Gabriel... Não, coalas comem eucalipto, acho que menta não tem nada a ver com eucalipto. Dane-se, o que importa aqui é o maravilhoso cheiro e o gosto de Gabriel.

Seu perfume é maravilhoso, eu sempre pegava o perfume dele. Gabriel me dava, mesmo assim, usava o dele para não gastar o meu. É um cheiro amadeirado, forte, de homem. E, mesmo assim, eu uso. Por que perfumes de mulheres tem que ser doce? Ou enjoado demais?

— Eu amo você. — ele diz, com a boca muito próxima a minha. — Sua vez.

— Muito *apaixonadinho*. — aperto o seu nariz. *Que belo nariz!*

— *Apaixonadinho?* — zomba. — O que sinto por você, Kat, não é uma

paixãozinha, é um amor do tamanho do céu, do universo...

— Você é como tio Fernando. — eu fico extasiada com essa descoberta.

Olhava para tio Fernando e pensava: "por que, meu Deus? Por que Gabriel não é como o pai? Fernando daria o mundo para tia Sara se fosse possível", agora vejo Gabriel sendo fofo e eu fico como?

Fico com minha boca colada na dele, trocando salivas. Dessa vez, eu tomei a iniciativa.

Esse duelo de línguas é interessante. Como duas espadas brigando, mas tem amor envolvido. É como dois bastões sendo batidos um no outro, só que eles estão molhados, e com gosto de menta, acho que meu gosto é de morango, estava mascando chiclete na casa de Rachel sonsa.

É agora!

Eu toquei na barriga de Gabriel! É dura! Tem ondinhas! Dá para lavar roupa na barriga dele. Quero! Vem Gabriel!

— Você é bem safada para uma pseudo assexuada. — Gabriel me encara. — Onde aprendeu essas coisas?

— Não conto meus segredos. — não aprendi em canto algum, nem ao menos prestava atenção nessas coisas. Mas, cara, olha esse sorriso, essa boca carnuda... *Cara, eu sou sortuda!*

— Você sabe como se faz sexo?

Coloco a mão no peito.

— Não vamos ter esse assunto novamente. — afasto-me dele.

— Qual sua recusa por sexo?

— Eu não tenho vontade, apenas.

— Você quase me comeu com essa boca gostosa, Katherine! — *eu sinto algo apertando em meu ser, algo estranhamente estanho*. Gabriel grita essas palavras, ainda bem que a rua é bem vazia. — Se isso não for tes...

— Não fale que tenho a letra "t" grande!

— Tesão! — ele grita. — Excitação! Quer mais? Eu posso descer meu nível nas palavras...

— Isso é bizarro. Sexo é bizarro. Eu não te comi com a boca, isso se chama "troca de salivas".

— Beijo!

— Troca de salivas. Minha saliva vai para a sua boca e a sua vai para a minha.

— Podemos trocar outros líquidos corporais.

— Eu faço xixi no copo e te dou! — cruzo meus braços.

— Você acaba com qualquer diálogo sexual. — ele passa a língua nos lábios, é sexy, mas ele está irritado.

— É meu maior prazer.

— Não, Kat. — o safado aperta a minha bunda. Ele aperta a minha bunda com força, vontade e... Eu gostei, mas não demonstrarei. Dane-se! Ele está sorrindo, ele viu que gostei. — O seu maior prazer, será comigo.

— Vai me levar para comer uma pizza? Esse será meu maior prazer.

— Não, o contrário disso.

— A pizza vai me comer?

Ele ri. Eu apenas tento controlar a minha coisa estranha. A mão dele está em minha cintura e a outra bem na minha bunda. Minha grande bunda, aquela que eu jurava que ele nunca notou, mas Gabriel me toca, algo como "Você é minha", se sou dele? Olha bem para minha cara, tenho cara de pertencer a alguém? Sim, tenho! Sou de Gabriel, dane-se a merda do "Eu pertenço a mim mesma", eu sou minha, isso é fato! Mas ser de Gabriel está níveis acima, meu bem. É um nível inexplorado de emoção. Ele não gosta de Amélia e quer ferrar com a família dela. Gabriel, te amo. Você é meu!

É óbvio que Gabriel não é louco, a louca da relação sou eu. Com muito orgulho e com muito amor, levo esse título com louvor... Rimou... Poderia ser rapper.

Gabriel não vai me impedir de viver, pelo contrário, ele vai me apoiar.

Gabriel, te amo! Ah, é legal pensar assim. Agora eu me sinto melhor.

— Vamos, amor da minha vida. — ele segura a minha mão.

— Teremos apelidos fofos? — questiono. — Tipo, "mozão", "mozin", "momozi", "momolado".

— Espero que esteja me zoando com isso.

— Meu pequeno menino irritadinho está querendo brigar com a futura esposa? — imito a voz de um bebê.

— É muito fofinha a garota da mamãe. — ele também imita a voz de um bebê.

— É, concordo, é assustador.

— Vamos, preciso resolver alguns assuntos. Só mais uma coisa, tenho certeza que Amélia me drogou para parecer que transamos...

— Imagino, mas, não se preocupe. Eu serei a sua esposa real, Amélia não é nada perto de mim, certo? — ele confirma. — Sabe quanto tempo essa farsa vai durar?

— Só mais um pouco, depois, acabamos com tudo.
— Posso saber o plano?
— Para você, futura senhora Bertollini, qualquer pedido é uma ordem. Só quero dizer que te amo, de novo.
— Também te amo, *momolado*.
Ele revira os olhos e sorri com minha palavra irritante.
Olha para esse homem, porque ele é um homem, apesar da pouca idade...
Só posso dizer poucas palavras nesse momento: Vem Gabriel e fique!

(...)

— Ele ainda não me deflorou. — falo para Cassie e Karen.
— Você tem uma maneiras estranha para falar de sexo. — Cassie parece que vai vomitar por conta das minhas palavras.
— "Deflorar" é algo novo, mas é nada a ver. — sorrio. — Minha vagina não parece uma flor, para ser deflorada. Ela cheira a rosas, por causa do sabonete, mas não parece uma flor. A de vocês parecem?
— Não. — respondem.
— Eu tinha uma colega que vivia dizendo que faria uma cirurgia, porque a dela parece uma alface. — Karen diz, com um ar de sorriso. — Não imagino o motivo para ser uma alface.
— Espero que não seja verde. — Cassie ri.
— Então, meu irmão falou de sexo com você e você negou?
— Karen, você já viu como é fazer sexo? — ela nega. — Nem eu, mas deve ser nojento.
— Vocês nunca viram um filme pornô? — Cassie arregala os olhos. — Como assim? Até eu já vi.
— Mas Jean estava assistindo e você entrou no quarto dele.
— Ele estava bem... — Cassie volta a fazer cara de nojo. — Odeio imaginar aquela cena. Mas eu vi um pouco do filme, porque primeiro eu olhei a tela da TV e só depois vi meu irmão. Ele me deu uma bronca daquelas e disse que deveria esquecer a imagem. Como esquecerei meu irmão pelado, se tocando e assistindo duas mulheres transando? Foi bizarro!
— Eu sempre soube que é bizarro.

— Kat, não deve ser tão ruim. Nossos pais fazem.
— Não torna menos nojento. — discordo de Cassie.
— Assista um filme pornô e fale o que acha. Ou faça sexo com Gabriel e veja se é bom.
— Gabriel é bom, é maravilhoso...
— Gostoso.
— Ele disse que sou mais gostosa que uma coxa de galinha e do que um pernil de porco. — recordo-me da nossa conversa sexy.
— Isso é algo maravilhoso. — Cassie concorda. — Essas duas comidas são perfeitas, então você é mais gostosa que essas comidas, é algo bom.
— Meu irmão te comparou com comidas.
— Porque Kat será a refeição dele de todo dia. O alimento básico para a sua existência na terra. É poético.
— Isso é como o canibalismo. — reafirmo. — Gabriel tem gosto de menta, toda vez que eu mascar um chiclete de menta, me recordarei dele.
— Kat deve ser a única que fala "gosto da saliva".
— Karen, saliva tem gosto, a do seu irmão é perfeita. Qual será o gosto da de Alex?
— Vá se ferrar!
— E a de Guerrero?
— Deve ter gosto de maconha, misturado com crack, heroína, cocaína...
— Não se come...
— Karen, quando eles inalam, desce pela garganta...
— Estamos discutindo gostos de salivas? — Karen torce o nariz.
— Não, queridas gangsteres. — levanto da cama. — Acordando para a vida. Precisamos nos preparar para mais uma entrega. Cassie, hoje temos mais de "Carolaine" e Tiana.

(...)

Entro na casa onde *pit bull* atua. Ele logo aparece, sorrindo para mim e para Cassie.

— Hoje as meninas terão uma entrega.

— Sempre temos. — sorrio.

— Sim, mas, dessa vez, será nas ruas...

— Sempre é.

— Eu quero completar minha fala! — pit bull grita. — Será na rua, escondido, não em uma casa.

— Como assim?

— Do jeito clássico, ruiva. — *pit bull* sorri com escárnio. Maldito babaca! — Ficarão em lugares escondidos, esperando os compradores, quando eles aparecerem, vendam, recebam o dinheiro e saiam de lá quando tudo acabar. Se a polícia aparecer, fuja. Dê um jeito e fuja.

— Então é um lugar vigiado?

— Território novo. Pessoas sofreram e podem denunciar novos movimentos suspeitos, todo cuidado é pouco.

— Onde fica? — questiono.

— Sabe Fort Hill? — confirmamos. — Três bairros depois desse.

Espera. Fort Hill é de Tyler, desde sempre. Três ruas depois é da Sangre Latino.. Era da Sangre Latino. Onde meu avô Javier e vô Yankee estavam? Onde estavam os homens que trabalham com eles?

Espera aí de novo, não houve briga... Esse lugar, onde estamos, também era da Sangre Latino. Tudo aconteceu silenciosamente.

Alguém facilitou a entrada... Alguém de dentro, alguém muito importante...

Não, meus avôs não fariam isso... Benjamin é meu avô e fez isso.

Não, não pode ser. Eles amam a família, já Benjamin nunca foi de demonstrar interesse.

Meu pai lembra que tem traidores, Alex falou o mesmo... *Não, Kat, estamos falando de Javier e Sergio.*

Paro de pensar nas possibilidades de traições e foco no homem a minha frente. É o cara que eu enfiei o canivete... Ele está sem o braço. Ele tem apenas o ombro, ele perdeu o braço esquerdo.

— Olá, *Carolaine*. — ele rosna o meu nome falso. — Está vendo? Perdi um membro do corpo, infecção causada por aquela água imunda onde você me jogou.

— Você agarrou as duas. — Guerrero fala pela primeira vez. Agora ele solta a fumaça do seu cigarro, encarando o homem sem braço. — Elas se defenderam.

— Está defendendo as duas? Duas vadias não podem ser mais importantes...

— Regras, garoto. Regras não cumpridas. — Guerrero volta a puxar a fumaça. — Você forçou e perdeu, sorte que não perdeu a vida.

O sem braço olha para pit bull e pit bull olha para mim.

Não nego que sinto calafrios. Isso não é algo bom. O membro de uma gangue perdeu o braço por minha culpa.

— Ian, volte para o seu lugar! — pit bull ordena. — Depois você fala comigo.

— Podem falar agora. — Guerrero levanta, apaga o cigarro e vem em nossa direção. — Eu levarei as meninas para pegar as drogas.

Guerrero coloca a mão nas minhas costas e nas costas de Cassie.

— O que esse tal de Ian faz para West? — pergunto, depois de sairmos de casa.

— Ele pegava jovens indefesos. — Guerrero responde.

— Um aliciador. — Cassie conclui.

Não me sinto mal pelo que fiz. O cara alícia. Fiz foi pouco!

— Sim. — Guerrero encolhe os ombros. — É o que West manda.

— E qual regra ele quebrou? — Cassie pergunta. — Você falou sobre isso naquela sala.

Guerrero para de andar e olha diretamente para mim e para Cassie, ele nos coloca lado a lado.

— Se querem viver, façam o trabalho de vocês, assim, colocarei as duas ao meu lado. Devem confiar em mim? Não, não seremos amigos e está claro que não querem relação comigo, no entanto, devo informar as duas, qualquer passo em falso, e as duas morrerão. No momento, estão em fase de teste, após essa fase, e se passarem, vocês vem para o meu lado.

— West vai nos matar? — pergunto.

— Ele vai entregar as duas ao Ian. Vocês só estão vivas, por causa das regras, mas Ian quebrou uma delas e você, "Carolaine", acabou dando o castigo a ele. West até que respeita as duas por essa história. Por esse mesmo motivo, ele liberou a entrada das duas em meu "território". — faz aspas no ar.

— Então você salvará as nossas vidas?

— Ruiva, não sou herói. Se fosse, estaria dando aula em algum lugar, ao contrário disso, eu faço tudo contra a lei. No entanto, tem crimes que não aceito fazer parte por nada nesse mundo, crimes cometidos por Ian, por exemplo. Então, se quiser vir para o meu lado, apenas faça o seu trabalho e Ian não

chegará perto.

Ótimo. Mais um querendo me matar.

Sinto que minha cabeça está sendo mais caçada que a do Bin Laden anos atrás. Só espero não morrer como ele, nem como ninguém.

Eu deveria ter matado o Ian de uma vez.

Sou sanguinária? Penso que livro o mundo de pessoas ruins. Um tentou matar meu pai e trabalhava para Yoshida. E Ian? Ian alícia pessoas e comete algum crime que nem o fabricante de drogas aceita fazer parte.

Pois é, Kat, a sua vida é essa. Matar ou morrer.

Vamos levantar a cabeça e seguir em frente, uma arma biológica não será feita sozinha... Também tenho que descobrir o traidor, recuperar território, matar Yoshida... Muita coisa.

Mas, sou Katherine Vesentini, futura Bertollini, desistir não está nos meus planos.

Ter perseverança, fé, inteligência e calma. Conseguirei livrar o mundo de psicopatas. Minha meta de vida, Agora com esse tal de Ian por perto, talvez uma parte do plano precise existir.

Sacrifícios precisam ser feitos pelo bem de uma maioria.

Olho para Cassie, que me encara da mesma maneira. Ela me entende, sabe o que estou pensando e concorda.

Sacrifício. Essa é a palavra que usaremos para uma possível nova fase do plano.

Sacrifício para nós duas e para a nossa família, sei que eles não entenderão e poderão sofrer, mas, pelo que estou vendo, será necessário.

Capítulo 13

Gabriel

Horas atrás

É um sonho, só pode ser um sonho. Um sonho no qual Kat é minha e aceita tal condição. Ela é minha namorada... *Merda! Ela ainda não é minha namorada oficial. Mas será, isso conta muito.*

Kat é a melhor pessoa que pode existir. Não digo nem da sua beleza, que é muita, mas sim do seu jeito, da sua garra. A coisa mais esplendida que ela tem, é à força de vontade. Sua força de vontade para lutar me deixa mais atraído do que já sou.

— Que sorriso bobo. — Jasmine senta ao meu lado. — Acho que alguém teve um encontro romântico.

— Jas. — pareço uma menininha fofqueira contando do primeiro beijo para uma amiga. Porém, que se ferre o meu jeito bobo, eu beijei Kat! Tenho que sorrir mesmo. — Eu beijei Kat!

Jasmine pisca os olhos e abre à boca, ela está atônita pela notícia.

Calma, Jasmine, eu passei por isso. Não acreditava que Kat deixaria que eu a beijasse, mas, olhe só, ela deixou e ainda retribuiu o beijo.

Kat me beijou por vontade própria!

Agora só falta o sexo por vontade própria, aí está algo que eu sei que não será fácil. Ela não pode ser uma pessoa que odeia sexo, sei que isso existe, no entanto, será um baita desperdício se ela não quiser sexo.

Ela não reclamou quando apertei a sua bunda, eu vi seu olhar, seu sorriso...

Mas se ela não quiser sexo? Não que eu tenha tido uma vida sexual movimentada, não como Daniel e Leo. Comecei com 14 anos, mas fiquei bastante tempo longe de tudo.

Minha primeira vez foi com uma prostituta, ela é bem legal, na verdade. Meu pai estava indo a um dos seus clubes e perguntou se eu queria ir. Sim, meu pai me deu uma prostituta para que eu perdesse a virgindade, o mesmo para Daniel. Na época achei que foi o melhor presente do mundo.

Minha primeira vez foi estranha. A mulher tinha vinte e seis anos, não quis pegar uma mais velha porque seria estranho, e aquela de vinte e seis anos

era perfeita... Cara, ela parecia com a Kat! Agora faz sentido a minha escolha.

Então, fomos para um quarto. Meu pai me deu um pacote de camisinha. Uma caixa cheia de camisinha, minha mãe que não sonhe com aquele dia, acho que ela mataria meu pai, piorou se ela descobrir que isso aconteceu comigo e com Daniel.

A mulher colocou a camisinha em mim. Foi interessante... Faço uma carranca ao lembrar meu fraco desempenho, mas foi minha primeira vez! Estava nervoso! A segunda foi melhor, a terceira foi melhor ainda.

Obrigado, mulher que parece a Kat, você me ajudou um pouco para aprimorar meus desempenhos sexuais, e desculpa se depois de um ano e meio, eu te reencontrei, transamos e acabei te chamando de Kat.

Naquela época eu jurava que amava Kat como uma irmã, se bem que eu nunca transei pensando em Giulia ou Karen, graças a Deus! Mas pensar em Kat deveria mostrar que sinto algo mais por ela.

Voltando ao primeiro assunto.

Se Kat não quiser sexo, terei que respeitar. Nossa vida será apenas com beijos e eu utilizarei minha mão pelo resto da minha vida. Porque Kat não me ajudará em nada!

Posso viver com isso? Não sei, quem sabe?

— Daniel, seu irmão beijou Kat!

Daniel para no lugar, me encarando da mesma maneira como Jasmine fez.

Pois é, ninguém acredita que Kat me beijaria. Ou que beijaria alguém.

— Como conseguiu esse feito?

— Fui falar com meu pai. — respondo. — Já que meu irmão disse que deveria me declarar para Kat.

— E o que nosso pai disse?

— Disse que sequestrou minha mãe, usou Giulia para comovê-la.

— Ele sempre fala sobre isso, acho que sente orgulho.

— Ele, realmente, falou com orgulho.

— Então, sequestrou Kat? — Jasmine sorri, mostrando que sabe a resposta para essa pergunta.

— É mais fácil Kat me sequestrar. Sou um otário perto dela.

— Homens tendem a ser otários quando estão apaixonados.

— Nem sempre. — Daniel discorda.

— Você chorou horrores por mim, Daniel. Pensava que eu estava morta e

que sua vida tinha acabado; depois, colocou onze seguranças ao meu lado, para que eu ficasse protegida.

— Deveria ser vinte e cinco, mas aquela casa de Tyler não deu para tanta gente.

— Meu irmão tapado é um homem apaixonado, vivi para ver essa cena.

— E eu vivi para te ver apaixonado por Kat. Então, estamos quites.

— Então, Fernando já sabe sobre o seu beijo com Kat?

— Não, Jas. Ainda não contei, vim falar com vocês primeiro. É um dia especial, vou guardar na memória e comemorarei o aniversário de "vinte anos que beijei Kat pela primeira vez".

— Oh, meu Deus! — Jas aperta a minha bochecha. — Ele já sonha em ficar vinte anos com a Kat. Ele é um fofo.

— Você sempre me achou um fofo.

— Porque você é muito fofinho. Quer dizer, às vezes, na maioria você é bem... Explosivo. Mas quando quer ser fofo, você faz muito bem.

— É muito elogio para ser falado ao meu irmão. — isso é Daniel tendo ciúme.

— Eu sempre fui o irmão fofo.

— Claro, quando você chegou nas nossas vidas, eu e Giulia perdemos o posto de crianças mais novas.

— E agora eu sou da Sangre Latino e você é da...

— De nada.

Olho para meu irmão, ele não parece nem um pouco incomodado com esse fato. Meu pai não pertence a Nostra Ancoma, então Daniel não herdará, pelo menos, não por enquanto.

— Por que não veio para a Sangre Latino?

— Meu avô até que me chamou, mas, você sabe, estou mais perto de Tyler que do nosso avô. Você ajuda nosso avô e eu ajudo Tyler, no momento, não quero pensar em que lado ir.

— Por falar em lado. — Jasmine volta a falar. — E sobre esse tal serviço secreto?

O serviço secreto é mais escroto do que parece. Eles não seguem a leis, eu também não sigo, mas não devo seguir, eu faço parte de uma gangue. E o serviço secreto? Eles deveriam seguir as leis e não fazem nada disso. Tudo o que eles conseguem, é de maneira inversa ao que deveria ser. Sei que não devo confiar neles, mas, no momento, eles passam informações. Querendo ou não, precisamos deles nesse momento.

Termino de falar sobre isso e percebo uma certa incerteza em Jasmine.

— Pergunte.

— Ok. — ela concorda. — Será que você sabe algo dos meus irmãos? Eles sumiram, sei que estão do outro lado. Alex, ele parecia ser diferente, mais sincero, não sei explicar. E Allan parecia mais falso. Ainda é estranho pensar que eles tentaram me matar.

Eu adoraria falar a ela a verdade, mas, por lealdade a Karen, eu prefiro ficar calado. Confio em Jasmine, mas não é meu segredo, é algo de Karen e a amo muito para quebrar a confiança que ela adquiriu em mim.

Eu e Karen sempre vivemos em pé de guerra. Karen é quieta na maioria das vezes, eu era o insuportável da história. Temos dois anos de diferença, quando ela nasceu, eu quis fazer dela o meu irmão. Daniel, mais velho, tinha outras brincadeiras na qual eu não poderia participar; Giulia brincava com meninas mais velhas e eu também não era aceito; Kat não convivia comigo vinte e quatro horas por dia, e Karen era pequena, não entendia nada. Tentei fazer dela meu irmãozinho. Acho que ela me odiava, porque eu pegava as bonequinhas dela e ficava brincando de luta com meus bonecos, depois, eu pegava meu carrinho e brincava de atropelar as bonecas dela, ela chorava e quebrava meus brinquedos. Eu sempre fui um ótimo irmão para ela.

Enquanto ela tentava estudar, eu ficava enchendo o saco dela para sair comigo. Às vezes ela aceitava, quando Kat vinha junto. Na maioria das vezes, Karen se trancava no quarto e mandava eu ir a merda. Minha mãe reclamava, dizia que tínhamos que ser amigos; meu pai, por outro lado, me culpava, a princesinha da casa não poderia ser perturbada. Não que eu sentisse ciúme, eu só queria irritar mesmo.

Agora a garotinha tímida, resolveu salvar o mundo. Sinto-me orgulhoso por ser irmão dela e por ter passado mais tempo ao seu lado do que os outros irmãos, sim, disso eu me orgulho. Porque Karen treinou socos e chutes em mim, graças a seu irmão mais novo ela sabe lutar. Karen me deve uma. Deve uma para Alex também... Ela que não queira ficar com Alex, nem idade para isso ela tem.

Sou um hipócrita, transei com quatorze anos... Mas Karen tem que namorar alguém da idade dela... Eu peguei uma de vinte e seis anos... Dane-se, Karen é uma menininha... Que armou para envenenar pessoas...

Quando Kat e Karen cresceram tanto?

Eu fui treinado para isso, elas não, o que torna tudo estranho e surpreendente, não nego.

— Eu quero ir. — Jasmine levanta do sofá.

— Quer ir dormir, só se for. — Daniel nem olha para a esposa, sorte a dele, porque Jasmine quer mata-lo.

— Olha só. — ela levanta o dedo, como a típica pessoa que fará uma confusão se não for aceita em algo. — Quando estávamos na Itália, todos estavam me tratando como uma garota indefesa, que precisa de ajuda. Eu não preciso de ajuda, eu quero ajudar.

— Sei que Tyler ensinou...

— Meu pai é outro. Me ensina, mas me protege. Eu quero me virar sozinha, deixe-me ajudar. Eu nem sentirei pavor ou nojo. Eu já vi meu pai fazendo essas coisas, é algo normal na minha vida. Entenda isso.

Olho para Daniel.

— As mulheres estão enlouquecendo. — falo para o meu irmão.

— Não me faça falar um discurso chato sobre mulheres...

— Se você vomitar...

— Daniel. — ela cruza os braços. — Eu vou ajudar, não vomitar. Entenda que eu não nasci para ficar parada esperando. Se quiser, eu posso cortar uma orelha e provar do que sou capaz.

— Gostei, será um ótimo teste para Jasmine. — ela sorri para mim.

— Ok. — Daniel concorda, entregando um canivete para ela. — Vamos ver se a senhora é boa mesmo.

— Quando mostrar que eu sou. — ela guarda o canivete no bolso da calça. — Os dois terão que me pedir desculpas de joelhos.

— Ok. — concordamos, céticos com a sua certeza.

Jasmine pode ser corajosa, mas não para isso. Ela é muito meiga para resolver esse tipo de assunto.

(...)

— Já sabe. Quando entrar, coloque esse aparelho na parede, eu pego sinal, desligo o sistema e depois entramos. — Daniel repete pela milésima vez.

— Você deve ser filho do meu pai mesmo, porque os dois tem a mania de repetir o plano dez mil vezes. — olho para Daniel, que tem uma carranca fixa no rosto. — Relaxe, tudo dará certo. Já não deu antes?

— Mas é sua primeira vez...

— Primeira vez aqui, eu que envenenei aquela carga. Então, essa não é a minha primeira vez com uma máscara...

— Não me faça parecer um idiota. Eu te indiquei para essa função.

— Somos os orgulhos de Fernando Bertollini, Daniel. Tenha calma, eu sou tão bom quanto você. Sentirá muito orgulho de mim.

— Eu sinto orgulho, algumas vezes.

— Sua sinceridade me comove.

— A sua calma me estressa.

— Daqui a pouco tem um AVC e não saberá o motivo. — isso veio de Jasmine, que também já cansou das explicações de Daniel.

— Ah, é? Se isso der errado, eu serei o culpado.

— Ok, chefe. Farei de tudo para sua missão dar certo.

— Saia!

Sorrio para o meu irmão e pego a minha maleta de ferramentas. Saio do carro indo até a casa indicada.

A tarde clara é ótima para dormir, também para matar um traidor.

Daniel e Leonardo deram um jeito de acabar com o sistema de energia dessa casa, dessa maneira, quando Michael ligou para a empresa de energia, a sua ligação foi transferida para Leonardo e ele pegou as informações, fazendo com que a contratação do serviço, viesse para nossas mãos. Como sabemos que foi Michael? Rastreamos a ligação e vimos que veio dessa localização.

Bato na porta e Michael abre, ele nem olha na minha cara, não faz diferença, estou com máscaras.

Tem coisa mais emocionante que usar a arma do inimigo contra ele mesmo? Tem, beijar Katherine...

Não pensarei nela agora. Aprendemos a separar família de negócios, e essa é a hora de colocar em prática o que aprendi.

— Faça o que veio fazer.

Michael... Eu sempre odiei esse homem. Se eu fosse meu pai, expulsaria 70% das pessoas da Nostra, mas sei que é algo difícil. Eu expulsaria apenas por ter raiva deles, nada relacionado à traição, é algo que a pessoa sente.

— Tudo bem, senhor. — forço um sotaque inglês, já que eu estou me passando por alguém dessa nacionalidade.

Ando até o local onde Michael indica, que fica o sistema elétrico. Nas outras casas invadidas, o sistema central de segurança fica no mesmo lugar, ao lado da caixa de força elétrica.

Michael é solteiro e sua filha não mora por perto. Ele está sozinho, quer dizer, os seguranças não são da casa, são do condomínio. É algo normal um homem da empresa de energia entrar e os outros ficarem olhando o poste lá fora, Jasmine e Daniel estão fazendo esse papel.

Pego a caixa de ferramenta e sei que Michael me vigia de perto.

O plano era colocar um aparelho para roubar sinal, mas esse homem está muito perto para eu fazer qualquer movimento suspeito.

Michael é o homem que pega lutadores, tomara que não entenda de rede elétrica.

— Preciso desligar o gerador de energia. — falo.

Michael inclina a cabeça, me estudando.

— Por quê?

— Porque nenhuma energia poderá passar. — falo o óbvio.

— Não desligarei.

— Então não consertarei.

Abaixo-me mais uma vez, pegando uma chave de fenda, a maior que encontro.

— Está vendo? — mostro a ferramenta em minha mão. — Olha esse material, levarei um choque se tocar nele assim, com o gerador ligado.

Michael sorri.

— Acha que me engana? Vocês são espertos, para os outros, não para mim. Daniel, eu sei que é você.

— Não sou, senhor...

— Não minta, garoto. Todas as mortes, vocês querem jogar a culpa em Benjamin, estão conseguindo, parabéns. Mas, garoto, você tem que crescer muito ainda. Porque eu te deixei entrar apenas para que eu pegue você, o filho mais velho do Bertollini, e para que eu leve até Benjamin, assim, eu serei de confiança.

Enquanto Michael faz seu discurso sobre como Daniel é burro — ele acha que sou meu irmão, ninguém nunca me dá credibilidade — eu tento, disfarçadamente, apertar um botão do meu walk talk, que está dentro do meu bolso da calça. O walk talk está no modo silencioso, só Daniel me escutará quando eu acionar o botão.

Aperto o botão, enquanto Michael continua se gabando.

Eu odeio tanto esse homem.

— É Leonardo e quem? — olho para Michael? — Não sei qual outra

pessoa estaria lá. Gabriel jamais estaria, afinal, o moleque é muito idiota para isso.

Olho disfarçadamente, onde vejo que sua arma está no quadril. Eu poderia fazer algo, porém, eu vou esperar, não terei um ataque de fúria aqui.

Merda! Quando Daniel abrir a porta, o alarme vai soar e eu morrerei.

Pegando todos os ensinamentos básicos — aprendidos vendo meu pai e tio Marco em ação —, ataco Michael, exatamente no local onde está a sua arma. No seu quadril, acima da arma.

Eu me jogo em cima de Michael, fazendo com que ele caia no chão e não dando tempo para que ele faça algo. Eu enfio a minha chave de fenda em sua carne, logo em seguida, viro a chave de fenda e puxo para cima, rasgando ainda mais a sua pele.

Michael tenta lutar, mas eu pego a sua arma e jogo para longe dele.

Michael aperta o meu pescoço, sou bem mais rápido, retirando a chave de fenda e enfiando novamente em sua carne, dessa vez, em sua cintura. Faço o mesmo processo de girar e suspender a chave, rasgando mais a sua pele.

Michael grita de dor e solta o meu pescoço, usando sua mão para segurar os cortes.

Levanto rapidamente e desligo o sistema de segurança. Quando viro, vejo que Michael tenta levantar do chão. Ele tem muito sangue derramado.

Nesse mesmo momento, Daniel e Jasmine entram no lugar e Jasmine pega a arma que joguei para longe.

— A porta estava travada. — Daniel explica, olhando para Michael no chão. — Bom trabalho.

— Não falarei nada! — Michael grita.

— Não precisa falar. — Daniel diz. — Não queremos informações, afinal, vocês não sabem nada.

— Você é Daniel? Quem é o outro?

— O imprestável. — respondo, aproveitando para dar um chute no rosto de Michael, que cai para o lado.

Michael pode mexer com lutas, mas não é um bom lutador.

— Não queremos respostas, queremos mandar recado. — falo, ajudando Daniel a levantar Michael do chão, depois, Jasmine me entrega um cabo, daqueles usados em postes de energia.

Amarro as mãos de Michael, que ainda tenta se debater.

— Sabe algo engraçado sobre vocês? — Daniel sorri, mesmo usando a máscara, sabemos que ele tem o ar de pessoa zombeteira. — Vocês fazem uma

casa cheia de seguranças, mas não pensam que se forem atacados dentro, ninguém escutará. Vocês tem um bom sistema para isolar os barulhos.

— Querem vingança? Matar cada pessoa que traiu vocês?

O pai de Amélia serve para algo, mas ele que não pense que esquecemos a sua traição, ele só veio para o nosso lado, porque viu que Benjamin está acabando com a Nostra.

Ajudaremos Benjamin, vamos acabar com a Nostra, deixando alguns vivos, aqueles em que confiamos.

— Não precisa saber sobre essa parte.

— O alarme soou quando você tentou entrar nessa sala. — Michael diz, com a boca ensanguentada.

— Por menos de um minuto e parou. Eu, como o chefe de manutenção de energia, avisei aos seguranças que alguns sistemas serão ligados e desligados, para testarmos se algo não queimou. — ele aponta para Jasmine, que vai até o gerador e começa a mexer, fazendo com que algumas luzes e o sistema de irrigação liguem, para comprovar que estamos fazendo "testes". — Nós pensamos. Como se sente sabendo que seu novo chefe é horrível e que, meu pai, armou tudo isso e conseguiu?

— Eu sinto que deveria ter matado Sara quando ela estava presa naquela casa, para que ela não casasse com seu pai e que vocês dois não estivessem aqui.

Daniel abaixa e pega um martelo, sorrindo de canto, ele acerta o martelo no ombro de Michael, fazendo com que um barulho ecoe, junto com o grito de Michael.

— Sua vez. — ele olha para Jasmine.

Jasmine retira o canivete que havia guardado em seu bolso. Ela agacha, olha para mim e para Daniel, logo após, ela segura a orelha de Michael e corta. O sangue jorra em sua mão, descendo pelo braço e caindo no chão, conforme a orelha vai sendo retirada. Michael se debate, dificultando o processo, mas eu e Daniel o seguramos. Depois da orelha arrancada, levantamos do chão e Daniel pega um saco, onde Jasmine coloca a orelha dentro.

Na orelha de Michael tem uma tatuagem, uma pequena cruz. Algo fácil de ser reconhecido.

— Dedo. — falo. — Onde tem a tatuagem com o nome da filha dele.

Daniel faz um gesto, como se desse a frente para eu fazer o processo.

Abro a maleta de ferramentas e tiro a parte de cima, logo abaixo, tenho minha machadinha. Retiro minha pequena arma e Jasmine me ajuda, pisando no braço de Michael, fazendo com que sua mão fique imobilizada.

Levanto a machadinha e bato em sua mão. Bato duas vezes, fazendo com que seus três dedos saiam de sua mão.

— Mais sacos. — peço e coloco o dedo da tatuagem dentro.

— Então, arrancaremos a cabeça? — Jasmine pergunta.

Olhamos para Daniel.

— Você sabia, Michael, que uma das penas de mortes que Benjamin queria impor era arrancar a cabeça? Mas foi negado, porque seria muito fácil e sem sofrimento para o traidor. Sabia também que só os mais velhos na Nostra conhecem essa história? Sabia também que você trabalha para o homem que tentou matar a minha família e continua tentando? Então, Michael, quando estiver agonizando, lembre que tudo isso é culpa sua, apenas sua. Lembre também que não seremos incriminados.

Daniel levanta a machadinha e abaixa, cravando-a na cabeça de Michael, que não se debate, ele já está morto.

— Quem arranca a cabeça é o seu pai. — ele olha para Jasmine. — Esse machado já dá o recado.

— É bem bizarro arrancar uma cabeça. — Jasmine diz.

— Temos dedos e orelhas. — falo. — Está tudo bem.

— Agora vamos pegar as imagens das câmeras, tirar todo o áudio e enviar para mais traidores. — Daniel informa. — Desligamos a internet, então nada das filmagens estarem sendo vistas ao vivo.

Jasmine volta depois de alguns minutos, com alguns equipamentos dentro de uma bolsa.

— Peguei tudo.

— Certo. — Daniel concorda. — Vamos tirar essa roupa com sangue, colocar outra limpa e sair daqui. Não precisamos arrumar nada.

Jasmine vai para o lado de fora, para trocar de roupa. Depois que terminamos, saímos da casa, fechando a porta e entrando no carro. Tudo está normal e continua normal até sairmos do condomínio.

Em um terreno abandonado, saímos do carro, pegando tudo o que precisamos. Daniel pega alguns explosivos e coloca no carro. Os carros são dados por Yankee, daquele desmanche que ele faz parte. Claro que não usamos esse plano sempre, seria bem óbvio.

Daniel aciona a contagem regressiva e vamos para o outro carro, onde, agora, podemos tirar nossas luvas. Usamos luvas tão finas que nem são percebidas, não somos burros de fazer tanta coisa e deixar nossas digitais para trás.

Depois de escutarmos as explosões e vermos o fogo subindo, Daniel pega as nossas luvas e vai para perto do carro, jogando as nossas digitais no fogo, para que a luva derreta.

— Então enviaremos a orelha e o dedo para mais traidores. — falo, quando Daniel entra no carro.

— Nessas imagens, nós fazemos tudo aquilo que Benjamin sempre quis. Nosso avô contou os detalhes, só os mais velhos na Nostra conhecem essa quase regra imposta por Benjamin. Eles sabem que Benjamin queria que esse tipo de imagem fosse divulgada, para dar medo. Então vamos atacar os traidores e jogar a culpa em Benjamin.

— Michael falou que não desconfiava, parece que todos os outros desconfiam de Benjamin.

— Já que não temos Yoshida nem Benjamin, vamos destruir os traidores e jogar a culpa nos inimigos. Um por um, acabaremos com escória da Nostra Ancoma. E acho que devemos desculpas a alguém. — Daniel olha para Jasmine e depois para mim. — E eu devo dizer que se saiu bem. Yankee ficará orgulhoso de te ter ao lado.

— E eu fico orgulhoso de você ser o sucessor do meu pai. A Nostra voltará para a família, e você é um ótimo líder, como o nosso pai. É por isso que sempre quis ser como você.

— Você será melhor, Gabriel. Você será muito melhor.

***Michael aparece no livro 1 da série, é um dos que conversa com Fernando na "festa", na qual Fernando transa com duas prostitutas.**

Bônus 4

***O nome verdadeiro de Yoshida é "Elijah".**

Poliana

"Querida Luna,

Oi, minha linda. Não sei porque te escrevo, talvez nunca leia nada do que penso. E devo ser grata a isso. Provavelmente, se um dia puder ler minhas cartas, o motivo será por você ter voltado para esse inferno, e não quero nada disso para sua vida. Talvez Kenya te encontre, o que acho difícil de acontecer...

Não estou bem, estaria melhor se aquela minha morte tivesse sido verdadeira. Yoshida sempre está mais louco, mas, de uma hora para outra, ele resolveu dizer que me ama, dizer que sou sua vida...

Luz da minha vida, eu vivo uma batalha dentro do meu ser. Uma batalha onde queria a sua luz por perto, para que eu pudesse ter uma força para viver; meu outro lado grita que deveria te manter longe de tudo, que é egoísmo querer você aqui só para que eu me sinta melhor.

Luna, aqui está uma loucura. Conheci outro lado de Elijah. Ele treina crianças, crianças tiradas de famílias. Eu vi com meus próprios olhos, uma por uma sendo treinadas. Ele quer formar mais um dos seus exércitos loucos.

Escutei também que algo acontece. Corpos estão sendo divididos em partes, desconfio que Elijah tem medo. Tem medo de ser cortado também, por isso não estamos tão próximos aos "inimigos de Yoshida". Será que alguém ainda luta contra ele? Espero que Fernando nunca conte seus planos para

Elijah, Fernando é um bom homem. Não se assuste, Luna, se algum ex-integrante da máfia Nostra Ancoma te procurar. Confie apenas nos Bertollini e nos Vesentini, não em Benjamin, nunca fale com ele! Corra se ele chegar perto!

Eu deixei uma pista para trás, meu verdadeiro nome. Eu não deveria ter dado meu verdadeiro nome quando te peguei lá naquele serviço de proteção a testemunha, mas falei meu nome para ver se eles encontram algo sobre a minha vida e mostram meu verdadeiro rosto.

Se, um dia, minhas cartas chegarem até você, você saberá quem sou de verdade, e eles também saberão.

Te amo, Luna!

Espero que me perdoe por ter escondido a minha verdadeira identidade.

*Perdoe-me por ter te dado esse pai, mas não foi por querer.
Com todo amor, sua mãe que tanto te ama, Poliana."*

Olho para Kenya a minha frente.

— Tem certeza? — ela segura a bolsa de lado, depois de guardar mais uma das minhas cartas.

— Não conseguirei nada aqui. — sorri de maneira triste. — Me vingarei lá fora. Fui treinada para matar, certo? Então usarei meus aprendizados para isso. Para matar todos que mataram minha família.

— Tenha cuidado. — peço.

Elijah achou que Kenya era de confiança, que me vigiaria sempre, mal sabe ele que essa garota, de apenas dezenove anos, trairia sua confiança.

O rei traição nunca desconfiaria que seria traído? Não por Kenya.

Kenya estava chorando e eu perguntei o motivo. Demorou semanas para ela me falar a verdade. Que Elijah destruiu sua família, que Benjamin apareceu como um salvador e a levou quando ela tinha apenas sete anos de idade. Ele disse que era um abrigo para crianças, dois anos depois, ela teve que pegar uma arma e aprender a atirar.

Kenya é minha aliada. Mais uma vítima dessa quadrilha.

— Aqui não tem escutas, como já te contei. — informa. — Assim que eu sair daqui, tirei esse rastreador do meu corpo. — ela mostra a cicatriz em seu braço. — Assim começarei a minha vingança e encontrarei Luna.

Eu não posso sair. Kenya é de confiança, mas eu? Eu tenho que esperar o meu momento.

— Um dia, Poliana, eu voltarei e te tirarei daqui. Mataremos Elijah, ele pagará por tudo o que nos fez. — ela me abraça. — Até lá, fique com Deus e se cuide. Tem um bebê que ainda precisa de você.

— Eu lutarei pelo filho de Milla. Ela não merece qualquer compaixão, ela que se juntou ao Elijah, mas o bebê? — olho para Kenya. — O bebê não merece passar por tudo o que você e os outros passaram. Eu vou salva-lo.

— Nós vamos salva-lo. — ela me dá um sorriso fraco. — Agora, preciso ir. Tenho pessoas para acertar minhas contas.

— Tome cuidado.

— O mesmo para você.

Capítulo 14

Gabriel

A viagem em silêncio só serviu para me fazer pensar.

Hoje foi o dia em que cortei alguém pela primeira vez, ou melhor, que arranquei os dedos. Eu já vi torturas, mas nunca havia participado. E hoje foi minha primeira atuação.

Talvez por já ter visto isso tantas vezes, não me afetou muito. Não me afetou em nada, para falar a verdade.

Daniel para o carro em frente à casa dos nossos pais.

— Imaginou como vai se livrar de Amélia? — meu irmão pergunta.

— Sim. — respondo, sorrindo com isso. Meu ajudante odiou a ideia, odiou muito! Mas ele é o único que poderá me ajudar e eu sei que dará certo.

— E como será?

Sorrio para Daniel e conto a ideia. Primeiro ele me olha como se eu fosse um retardo, depois ele sorri também.

— Coitado dele. — Jasmine fala, sentindo pena de Jean.

— Ele também está sentindo pena dele mesmo, mas ele quer ajudar.

Eu e Jean nunca fomos próximos. Na verdade, nunca fui próximo de ninguém da Nostra sem ser minha família. Antes dessa história com Amélia, eu quase andei com a escória da Nostra, mas não durou tanto tempo. Jean sempre foi inconsequente e nunca aparecia em reuniões. Mesmo que aparecesse, Jean seria da turma de Leo e Daniel, por causa da idade.

— Jean está pagando pelos pecados? — Daniel questiona.

Por um lado sim. Se ele souber que Cassie, sua irmã mais nova, está na jogada, com uma gangue formada por Kat... Jean vai surtar, afinal, a irmã estará fazendo mais do que ele fez em sua vida toda.

Cassie é quase como Kat, a diferença é que Cassie tem um pouco mais de juízo.

Uma coisa que muitos sabem, mas acaba dando certo: Kat é louca para enganar, sempre foi assim. Ela tem uns ataques de loucuras, fala nada com nada, faz drama, se joga no chão e dá muitos chilikies; tudo para mudar de assunto, disfarçar, manipular... A garota é inteligente, ela sabe usar a loucura ao seu favor.

Kat me contou a segunda fase do seu plano. Se eu aprovo? Sim, porque faz muito sentido e pode dar certo. E ela pediu minha ajuda.

Aqui estou eu, na vida de Kat novamente.

Só quero que dê certo mesmo e que ela e Cassie sobrevivam. Ambas poderiam ser atrizes, não será difícil. Será mais difícil para nossas famílias. Eles ficarão preocupados e tudo mais, mas Kat tem certeza que tudo dará certo, ela sabe dos riscos e quer correr.

Eu correrei o risco junto, afinal, não deixarei Kat e Cassie sozinhas.

Saindo do carro, entramos na casa dos meus pais, onde minha mãe está na sala, mostrando algo para Felipe.

— Não é hora de criança estar na cama? — Daniel olha para Felipe.

— Sou um pequeno homem grande, meu pai que disse.

— Seu pai fala muita coisa sem sentido.

— Não fale assim do meu pai! — ele me dá a língua. — Ele é *mais melhor* que você.

— Melhor. — minha mãe corrige.

— Isso aí, vó. Meu pai é *muito mais melhor*.

— Está errado, não é assim que se fala. Se diz "Meu pai é melhor que você, tio Gabriel". Eu tenho que discordar, porque seu pai é retardo em muitos momentos. — minha mãe acaricia a cabeça de Felipe. — Ele é seu pai, mas verdades precisam ser ditas.

— Não, vó. Gabriel é retardo porque casou com Amélia. Tia Kat gritou isso e jogou um boneco na parede, depois pegou o boneco e pediu desculpas, começou a chorar e eu perguntei "É o quê?", aí ela disse: "Não se fala é o quê? Fala: o que está acontecendo, deusa do submundo?", então eu perguntei de novo "O que é?", então ela disse "Você é mal educado, não é assim que pergunta. Tem que falar: o que está acontecendo, tia diva?", então eu perguntei "O que é diva?", aí ela disse "tudo aquilo que Amélia não é", aí eu falei "Cruela é chata", então tia Kat disse "Estamos falando dos Dalmatas?", aí eu disse...

— Entendemos. — minha mãe coloca a mão na boca do neto.

— Na verdade eu entendi que são dois doidos juntos.

— Tia Kat é doida! — Felipe olha para Daniel. — Você é tapado, tio Gabriel falou.

Daniel olha para mim. Eu levanto as mãos.

— Não disse nada.

— Disse sim! Você falou isso comigo e não pediu segredos. Minha mãe disse que segredos não contam, e você não pediu segredo.

— Essa família é louca! — minha mãe olha para Jasmine. — Jasmine deve ser a única normal.

Ela arrancou a orelha de Michael.

— Chegaram. — meu pai aparece na sala. — Venham comigo.

— E o bebê? — pergunto a minha mãe.

— Está bem.

— Como ele foi parar aí, tio? Eu perguntei a meu pai e ele disse "Você saberá disso quando fizer treze anos", aí eu perguntei a minha mãe e ela disse "Uma semente é colocada", eu pedi a semente e ela não me deu, meu pai disse que a semente vai se formar em mim, então eu vou ficar grávida? Ele disse que não, mas não falou mais nada.

— Sobrinho, deixe-me falar algo. Você é neto de Marco e Fernando, os caras engravidaram as esposas com essa idade. — eu nem olho para ver a cara do meu pai. — Os caras são bons, estão ativos até hoje. Está no nosso sangue, molequinho. Nem se preocupe com a idade, engravidaremos nossas mulheres até quando estivermos mais velhos que eles. — agora eu olho para meu pai, ele está sorrindo. Claro que estaria, está se achando. — Você não toma nada, não é? Não estrague meus sonhos de que a virilidade é algo de família.

Minha mãe levanta do sofá só para dar um tapa bem forte em minha cabeça.

— Cala a boca! — ela puxa minha orelha.

— Eu sou da Sangre Latino, mãe. — ela puxa com mais força.

— Isso não muda o fato que posso te bater quando eu bem entender!

— Sara, não bata no nosso filho! — Fernando tira a mão da minha mãe minha orelha, onde eu esfrego o lugar que quase foi arrancado. — Ele só disse fatos. Disse a verdade. E não, garoto. Não uso nada para ajudar.

— Eu serei potente por longos anos. Kat que me aguarde.

— Kat? — meus pais arqueiam a sobrancelha.

— Eu beijei Kat! — grito. — Beije Kat e Kat me beije!

Minha mãe parece estar em choque, já meu pai está rindo, então, ele me puxa em um abraço.

— Meu filho beijou a garota que ama. — abraço-o de volta. — Pensei que isso nunca aconteceria. Você a sequestrou? Não a vi nas últimas horas.

— Sequestro? Você continua dando seu exemplo como algo romântico e conquistador?

— Você nunca tentou fugir.

— Eu saí de casa...

— Por idiotices, mas não ficou na sua casa por um longo tempo.

— Você não demitia Milla! — minha mãe grita.

— Eu tinha que descobrir em que ela estava metida! Era mais fácil descobrir com ela sobre minhas vistas, eu já expliquei sobre isso.

— E por que não matou logo aquela vadia?

— Agora virou sanguinária?

— É da Milla que estamos falando.

— Estamos falando de Gabriel beijar Kat.

— Você disse que fui idiota.

— E foi, não posso negar. Passei semanas longe de você por nada.

— Bem feito!

— Você sofreu também, nem banque a forte. Você chorou por minha causa.

— Eu chorei no filme "Click", então eu choro por qualquer coisa.

— Você me ama.

— Você é idiota. — minha mãe olha para mim. — Por causa do seu pai.

— Eu aceito isso, mãe. Porque a virilidade vem dele. Eu estarei com a idade dele e ainda estarei ativo. Ativo com Kat.

— Ou passivo, vai que ela tem algum fetiche louco. — Daniel ri.

— Ela não enfiará nada em minha bunda!

— Tia Kat disse que enfiaria a sandália dela na sua bunda.

Olhamos para Felipe. Tem uma criança na sala. É por isso que Felipe sempre escuta as conversas, ele fica tão quieto que esquecemos dele. E falamos tanto que acabamos perdendo o filtro de "o que não falar na frente de outras pessoas".

— Eu disse. — Daniel olha para mim. — Alguém perderá outra virgindade.

— Nem ferrando, Daniel! Nem ferrando!

— Ninguém está falando em "ferrar". — meu pai sorri. — Estamos falando de enfiar algo, Gabriel.

— Mãe, seu marido está contra mim. Me defenda.

— Não é você o viril, forte? Ativo, ou seria "passivo"?

Até minha mãe!

— Nem por Kat você faria nada disso? — Jasmine tinha que abrir a boca, ela sempre me zoou.

— Eu serei o assexuado da história.

— Pode ser com o dedo, é mais fino. — eu vou matar Daniel!

— Isso é uma conversa bizarra!

— Olha só, Gabriel está irritadinho. — meu pai não pode estar falando sério. — O ponto fraco dele fica no... — ele olha para o neto. — Você entendeu.

— Travou, né? — Daniel coloca a mão no meu ombro. — Passa nem uma agulha.

— Vocês me desmoralizam! Isso é...

— Uma possível verdade.

— Vocês estragaram um lindo momento. — olho para Felipe. — Tudo o que aconteceu aqui, é segredo.

— Não contarei nada. Mas tia Kat vai enfiar a sandália na sua bunda?

Mais essa agora? Até o moleque está tendo ideia errada, também, veio dessa família.

— Eu vou para o escritório, tenho mais o que fazer.

Ando até o escritório.

Não, Kat não pode ter um fetiche bizarro. Ela é estranha, mas não tanto. Ela não quer sexo, não terá um fetiche, principalmente sobre enfiar algo em minha bunda.

Perguntarei isso a ela.

— Falando sério agora. — meu pai entra no escritório. — Como foi?

— Só não arrancamos a cabeça. — Daniel senta na cadeira. — É bem bizarro, para ser bem sincero.

— Deixou algo lá?

— O machado cravado na cabeça.

— Machadinha. — corrijo-o. — É menor que machado.

— Isso aí mesmo.

Meu pai olha para Jasmine, que está sorrindo.

Meu pai inclina a cabeça para o lado e depois sorri, esfregando a testa.

— Pelo o que vejo, quando a Nostra voltar para minhas mãos, terei que aceitar mulheres.

— Arranquei a orelha de Michael, com ele ainda vivo.

Meu pai arregala os olhos.

— Pois é, pai, as mulheres enlouqueceram e estão sanguinárias. Se fosse o senhor, não irritaria minha mãe, vai que ela se revolta e resolve cortar coisas?

— Sua mãe não faria nada disso. Ela me ama demais para arrancar isso o

que vocês dois estão pensando.

Eu e Daniel sorrimos.

Meu pai sempre foi todo sério com os outros, mas comigo e com Daniel ele sempre foi diferente, mesmo que Daniel fosse mais fechado, por conta dos traumas do passado. Meu pai pegou leve nas palavras por causa de Jasmine.

Fala sério, o cara que levou os filhos para pegar umas vadias, não seria um pai cem por cento sério.

— Eu teria medo é de Jasmine e Kat. — meu pai provoca.

— Quando Karen ficar com...

— Não comece, Daniel! — meu pai rosna. — Basta Giulia ficando com Leonardo.

— Isso é ridículo! Uma ofensa. Eu já mostrei como sou e ainda me usam como se eu fosse um péssimo exemplo. — Leonardo entra no escritório. — Eu amo sua filha. A desvirginei por puro amor.

— Desvirginei? — Jasmine ri.

— Não falarei de outra forma perto de Fernando. Meu padrinho que sabe o quanto a filha dele.

— Eu não sei o que fazer com você.

— Sou o pai do seu neto. Eu arranquei alguns dedos e braços, me dê credibilidade.

— Se parasse de ser idiota, as pessoas seriam sérias com você. — Marco aparece.

— Eu tenho meus momentos, entendam isso. Tio Fernando não é sério. Pai, o senhor não lembra, mas você e ele me levaram para duas vadias...

— É mais normal que suas palavras. — Marco retruca.

— Temos uma dama aqui. — Leo aponta para Jasmine. — Ela merece respeito, uma doce garota...

— Não sou doce.

— Realmente, nunca senti nenhum gosto seu...

Daniel levanta o pé, dando o chute certo no estômago de Leonardo.

— Isso é algo bom! Se nunca senti nada, é porque não quero! Vocês são muito estressados.

— Hoje Jasmine fez algo. — falo, mudando de assunto.

— Fez um bolo? Amo os bolos dela, parece com os da Giulia.

— Não fiz bolo.

— Fez uma receita?

— Não.

— Fez um texto no seu blog?

— Não.

— E o que a senhora fez? — Leonardo zomba.

— Você acha que eu seria capaz de fazer mal a alguém?

— Claro que não! Olhe para você, é muito meiga para isso.

— Outro que vai se ajoelhar. Eu não esqueci. — olha para mim e para Daniel. — Me acha fraca?

— Apenas inocente. — Leonardo trata logo de consertar seu er

— Arranquei a orelha de Michael. — Jasmine fala, com orgulho claro em seu tom de voz.

— Primeiro de abril está longe, Jasmine. — *outro que não dá credibilidade a Jasmine.*

— Ela fala a verdade. — meu pai confirma.

Marco e Leo olham para Jasmine, como se não acreditassem em nada.

— Ajoelhem e peçam desculpas por duvidarem da minha capacidade.

— Não mesmo! — nós três gritamos.

— Ajoelhem-se! — Marco ordena. — Quero ver essa cena. Eu nunca duvidaria de uma mulher.

Claro, ele viu Karen em ação, possivelmente Kat também. Porque se Karen faz algo, Kat também faz.

— Estamos esperando. — meu pai sorri. — Ajoelhem-se e peçam desculpas!

Olhamos um para o outro.

Eu sou o primeiro a me ajoelhar, depois, Leo e Daniel fazem o mesmo.

— Isso é ridículo. — Daniel protesta. — É uma humilhação, Jasmine!

— Você deve se ajoelhar muito, Daniel. — Leo levanta o canto da boca. *Lá vem alguma besteira.* — Tem certas posições que precisamos ralar o joelho.

— Quer provocar? Pense no que Gabriel fará com sua irmã.

— O que Kat tem com isso?

— Eu estava quieto, não ataquei.

— O que Kat tem com isso? — Leo repete a pergunta.

— Talvez ela enfie algo na bunda de Gabriel. — Jasmine responde.

— Que? — Marco grita.

— Oi, sogro. — cumprimento-o.

— Eu não sei qual dos três eu dou o castigo primeiro. — meu pai levanta da cadeira. — Leonardo por fazer insinuações graves; Daniel por insinuar algo com Kat e Gabriel por rir da situação.

— E Jasmine? Ela disse que Kat vai enfiar algo em mim.

— Jasmine só disse a verdade.

— Eu não estou entendendo essa conversa. — Marco olha para mim. — Desde quando Kat tem algo com você?

— Eu amo sua filha, meu sogro. O senhor é meu padrinho também. Vamos manter tudo em família. Não precisa me bater, como Fernando fez com Leo, apertando o pescoço dele.

— Não muda de assunto.

— Os senhores mudaram, estamos falando da orelha de Michael.

— Minha filha não será sua amante.

— Ela será minha esposa, senhor Vesentini. Eu amo sua filha, genuinamente.

Marco olha para mim, mas não diz nada. Leo, ao contrário disso, está sorrindo:

— Espero que minha irmã tenha um fetiche bem louco.

— Espero meu pedido de desculpas.

Olhamos para Jasmine.

— Desculpa, Jasmine. — falamos ao mesmo tempo.

— Você é a melhor! — ela grita. — Completem!

— Você é a melhor! — gritamos.

— Obrigada.

— Certo. — Marco pigarreia. — Falando sério agora, vamos falar sobre destruir a Nostra Ancoma.

— E devo elogiar os dois novatos, Gabriel e Jasmine. — meu pai sorri para mim. — Parabéns pelo bom trabalho. E eu e Marco achando que estávamos perdidos com você e Leonardo.

— Uma hora me amam, outra me odeiam.

— Temos nossos momentos, Leonardo. Mas, voltando o assunto, precisamos acabar com mais pessoas. Ainda temos uma grande questão.

— Qual questão? — Daniel pergunta.

— Giovani, o ex-noivo de Amélia e futuro noivo de Cassie. — Marco responde. — O pai de Cassie confia nele, confia tanto que deu a filha para selar a paz, já que Giovani está odiando o pai de Amélia. Mas, temos outra questão, ao

que tudo indica, eu não confiava nele e nem Fernando confiava tanto. Mas a maioria que está ao nosso lado, confia. Então, ele está no mesmo lugar que o pai de Amélia. Estamos esperando, ganhando mais informações, depois, saberemos o que fazer.

(...)

— Jean, preciso da sua ajuda. — olho para Jean, que ainda está incrédulo sobre Cassie.

— Ela é louca!

— A minha é pior!

— Duas loucas juntas, Gabriel!

— Desde quando ama Cassie?

— Minha mãe vai mata-la.

— Faz de conta que existe um universo paralelo, e nesse universo, sua mãe ama você e a Cassie! Não é por sua mãe que está assim, é por você mesmo!

— No mesmo universo paralelo, eu amo Cassie.

— Custa demonstrar um sentimento para a sua família?

— Eles nunca demonstraram nada por mim, Gabriel! É fácil para você falar algo assim, tem o amor de duas famílias e eu?

— Cassie te ama.

— Nunca demonstrou.

— Talvez se não usasse drogas, alguém demonstraria.

Jean olha para Jesse.

— Se é tão bom, Jesse, ajude Gabriel!

— Eu ajudaria, mas ele quer coisa rápida e duas pessoas são melhores que uma só.

— Por favor, Jean. Não é por mim, sei que nem somos amigos, é por sua irmã.

— Posso saber o que está acontecendo?

— Pergunte a Cassie. Eu jurei guardar segredo.

Não sairei falando sobre os planos das meninas. Se precisam da minha ajuda, eu ajudarei, mas não contarei nada.

Sendo sincero, o plano delas é algo muito bom. Mesmo que isso não destrua Yoshida, isso destruirá West, possivelmente.

Se destruir West, pelo menos, o território será apenas da M-Unit e da Sangre Latino.

Bônus 5

Cassie

Tem uma mulher quicando no colo de Guerrero e chamando o nome "Luiz".

Luiz Guerrero, péssimo nome!

A mulher negra grita pelo nome e grita como se fosse uma cadela chorando. Aqueles gritos finos, agudos...

— Desculpe atrapalhar a brincadeira do "pula-pula". — entro na sala. — Mas preciso entregar o dinheiro.

A mulher olha para mim, arregalando os olhos e cobrindo os seios com as mãos. Guerrero, por sua vez, apenas estende a mão para pegar o pacote.

— Poderia ser você aqui, ruiva.

— Essa coisa não me atrai.

— Sexo?

— Você. — sorrio.

Droga! Kat quer que eu o conquiste. Por que eu? Por que Guerrero?

Guerrero fala certinho, mas algo nele não me atrai.

Pode ser a barriga quase tanquinho dele, o sotaque sexy, a voz grossa, a cara de gangster, as tatuagens... Algo nele me dá repudio.

— Quem sabe um dia. — *vamos, preciso ser sexy.*

Olha para mim, sexy? Eu? Faz o favor!

— Ok. — ele sorri. — Até amanhã, ruiva.

— Espero que não pegue outra mulher quicando em você, nem um homem.

— Pode ser você, você pode se ver, tem um grande espelho no meu quarto.

— Sonhe com isso, careca.

— Sonharei, ruiva.

Idiota de merda, não gosto de você! Mesmo que sem motivos!

(...)

Minha mãe parece que vai me matar, aposto que se ela estivesse grávida de novo nesse momento, ela me abortaria.

— Cassandra Ferrara! — ela grita. — O que é isso em seu rosto?

— Minha face!

— Que merda fez na sobrancelha?

— Eu fui acertar a sobrancelha com a gilete, me distraí e acabei cortando errado, aproveitei e fiz dois riscos.

Isso realmente aconteceu, deveria ter feito minha sobrancelha e me distraí pensando na merda do novo dia, que, no caso, é hoje! Como o encontro seria com minha mãe, eu apenas peguei a gilete e fiz outro risco na sobrancelha, no caso, minha sobrancelha tem dois cortes.

Deu certo, minha mãe está irritada.

— Você está parecendo uma bandida com isso na sobrancelha.

— Eu sou uma bandida, mãe! Sou a *bandidona* do amor, especialista em roubar corações.

Minha mãe espuma de raiva e eu gosto disso.

Deus não poderia ter me dado uma família melhor. Meu pai só quer saber da Nostra Ancoma, minha mãe só quer luxo e status. Um pior que o outro!

— Você preencherá a sobrancelha.

— Eu, não! Mãe, eu nem moro mais na sua casa.

— Mas ainda é minha responsabilidade.

— Ah, quer dizer que agora isso importa?

— Cassandra...

Minha mãe para de falar e eu sei o motivo. Ele chegou.

Estamos na casa de Giovani. Minha mãe é tão íntima dessa família de merda, que podemos entrar sem que o dono esteja presente.

— Giovani. — minha mãe levanta, dando um beijinho no rosto da pessoa que mais odeio na vida.

— Senhora Ferrara, muito prazer ter a senhora em minha casa. — ele olha para mim. — Cassandra.

Não respondo seu cumprimento.

Giovani é o típico príncipe encantado que vira um monstro. Eu o odeio, um dia eu ainda o matarei. Isso é certeza.

Giovani tem vinte anos, nunca fomos próximos, até que uma vez, quando eu tinha quatorze anos e ele dezoito, ele me agarrou. Foi simplesmente horrível.

Foi na antiga casa dos pais dele. Estávamos na piscina, eu estava com um biquíni normal, nada vulgar, nada que possa dar qualquer imaginação...

Nossos pais estavam em outra área. Aquela casa é gigante, então eu gritei e nada aconteceu.

Percebi o olhar de Giovani. Para mim, aquilo não daria em nada, afinal, ele nunca nem olhou em minha cara. Ele tinha mulheres como Amélia em sua vida, por que ele olharia para mim?

Então ele olhou, olhou muito mesmo! Olhou tanto que fiquei com vergonha. Sabe quando ficamos sem reação? Foi assim que estava naquele momento. Não sabia o que fazer, estava com medo e ele estava se aproximando.

Era assustador.

A água da piscina ia se agitando conforme Giovani se aproximava, era como um tubarão cercando a vítima. Então, de maneira abrupta, eu corri para o outro lado, Giovani fez o mesmo.

A piscina tinha degraus, consegui chegar rapidamente, mas Giovani me puxou. Escorreguei para trás, Giovani me segurou. Depois me agarrou.

A parte de cima do meu biquíni saiu durante aquela "luta", então ele apertou meus seios.

Eu tentava lutar e ele empurrava a minha cabeça para a água. Era uma luta para sair e para respirar.

Aquela cicatriz ali, em seu rosto, abaixo do seu olho esquerdo, não foi causado por seu cachorro desobediente, foi causado por mim.

Eu usava aquelas unhas postiças, de um material bem duro. No meio da luta, eu consegui cravar minha unha em seu rosto. Ela tinha formato de garras, minha mãe odiava e eu usava para irritá-la, serviu para me salvar. Eu enfiei em sua pele e arrastei para baixo, rasgando a pele de Giovani.

Ele colocou a mão no rosto e eu corri dele. Tonta, quase caindo nos degraus, sem a parte de cima do biquíni...

Minha pele branca... Meus seios... Eles estavam arranhados, marcados, sangrando...

Corri para longe e fui puxada novamente, dessa vez, caí na grama, com Giovani em cima de mim, usando o peso do seu corpo para me prender no lugar.

Giovani é aquele magro musculoso, ele é mais forte do que imaginei, quer dizer, eu nunca imaginei. Jamais pensaria que aquilo aconteceria.

Giovani estava sangrando, mesmo assim, ele tentava tirar a força a calcinha do meu biquíni. E eu gritava, chorava, e ele tentando me deixar nua e enfiar seus dedos e mim.

Quando ele rasgou o meu biquíni, a última peça, Jean apareceu...

Jean apareceu para me salvar.

Ele quase matou Giovanni, e eu digo quase matou porque ele foi impedido. Ninguém impediu aquele estupro, mas impediram meu irmão.

Os seguranças de Giovanni apareceram bem do nada.

Eu corri até meu irmão, que me abraçou e me deu sua camisa para me cobrir...

Meus pais chegaram, junto com os de Giovanni.

Meu pai apenas mandou que eu e Jean entrássemos no carro. Minha mãe... Eu vi essa coisa abraçando Giovanni, acalentando-o em seus braços.

Depois, eles chegaram. Meu pai disse que é algo normal, afinal, eu casaria com Giovanni, ele só queria experimentar antes. Minha mãe disse que nós, mulheres, devemos nos submeter ao que o homem quer. Se ele quer sexo, eu teria que dar.

Eu gritei que foi estupro.

Eles pouco se importaram.

O valor do meu casamento, o que meu pai receberia com minha venda. Sim, VENDA! Seria quinze milhões. E a metalúrgica do meu pai, se uniria com a siderúrgica da família de Giovanni.

Eu nunca poderia contar sobre aquilo, porque Giovanni me ameaçou. Ele ferrou muito com meu irmão.

Acho que, por isso, eu e Jean não nos falamos tanto. Jean foi preso, ele se ferrou muito lá dentro e eu sabia que o motivo foi ele ter me defendido. Jean sempre será meu herói, mesmo que ele não olhe na minha cara.

O casamento não ocorreu porque Amélia apareceu, mas o silêncio deve continuar. Porque Giovanni pode não ser um traidor da Nostra, disso eu não faço ideia, assim como meu pai, ele sempre foi leal a Fernando. Mas eles não são bons.

Eles não são bons com a família. São poucos da Nostra que se importam com a família, infelizmente, meus pais não estão nesse meio.

Mas eu ainda me vingarei de Giovanni. Me vingarei pela humilhação. Me senti humilhada por saber que tantos homens presenciaram aquela cena, minha nudez, minha violação... Que Giovanni me machucou psicologicamente e fisicamente. Meus seios doeram tanto, eu nem podia usar sutiã, porque aquilo forçava minha carne machucada. Minha pele estava roxa. Giovanni puxou, arranhou, apertou... Deixou sangrando.

As minhas coxas estavam no mesmo estado, marcadas. Acho que meu

pulmão estava cheio de água, porque Giovani tentava me afogar.

Meu peito doía, tinha até esquecido esse detalhe. Foram tantas dores. Meu peito doía porque tinha forçado, tossindo por causa da água da piscina, eu me engasgava toda vez que Giovani abaixava a minha cabeça. Tossia e Giovani mandava a "cadela calar a boca e aceitar".

E tudo foi acobertado.

Pensei em denunciar, mas meu irmão sofria alguma coisa sempre que eu chegava perto de uma delegacia...

Pensei em falar com tio Arthur, mas ele estava longe e tinha medo de grampearem uma ligação, mensagem... Falar com Fernando daria no mesmo, eu estava sendo seguida e nem a casa deles eu frequentava mais por medo do que poderia acontecer com Jean.

Eu me fechei por puro pavor.

Eu falo que sou virgem porque peguei nojo do que Kat disse, mas não. Eu saio por aí beijando, tentando esquecer o que me aconteceu. Tentando normalizar a situação. Tentando pensar que contato físico não é ruim, mas é ruim. A cada toque mais atrevido, eu penso que tudo começará novamente.

Eu perdi o meu irmão por causa de Giovani. Por causa dos meus pais também, mas não quero me vingar deles, são meus pais, de qualquer maneira.

— Um dia, Giovani. — aproximo-me dele. — Eu matarei você. Não pense que esse casamento ocorrerá, porque não vai.

— Você nunca vai me matar, Cassandra. Você é fraca demais para isso. Na verdade, você estará pronta para mim, para o meu capricho e para as minhas vontades.

— Vamos ver se serei fraca quando você estiver agonizando na minha frente. — cuspo em seu rosto e o nojento tem a capacidade de esfregar o rosto, sorrindo, como uma vitória. — Até lá, aproveite seus últimos dias na terra, Giovani. E você. — olhe para minha mãe. — Só aceitei vir para cá, para olhar na cara desse monstro mais uma vez, e para ter certeza de como você é uma péssima mãe. Aproveitem o encontro, pode ser o último.

Saio daquele lugar, fazendo mais um plano de vingança.

Mais um plano de tantos mil que já fiz e nunca cheguei a começar...

(...)

— Tia, você bem que poderia ser minha mãe. — Dianna passa a mão pelos meus cabelos, enquanto escuto que ela está fungando.

— Você é a minha filha, a filha que nunca pude ter. Eu sinto muito por isso, Cassie.

Não contei a minha tia toda a verdade, porque ela contará ao meu tio e ele vai querer vingança, mas é algo pessoal, ele não me deixará fazer nada se pegar Giovani. Eu quero fazer com minhas próprias mãos, pelo tempo que passei sofrendo. Minha mãe nem deixou que eu fosse a um psicólogo...

Mãe não. Ela não é minha mãe e nem ele é meu pai!

Tia Dianna me viu chorando e contei sobre o casamento arranjado e sobre minha mãe me odiar. Ela ficou tão triste ao me ver chorando que chorou junto.

Tia Dianna é estéril, o que é uma pena, ela seria uma mãe maravilhosa.

— Olá. Eu bati na porta, mas estava aberta e eu entrei.

Levanto a cabeça e vejo meu irmão.

— Podemos conversar?

Concordo, balançando a cabeça.

Levo Jean para o meu quarto e fecho a porta.

— Gabriel pediu minha ajuda para o plano. — ele não olha para mim.

— Você parou de usar drogas?

— Sim.

— Está limpo há quanto...

— Quando pegarmos Giovani, eu vou estupra-lo, Cassie. Eu vou enfiar qualquer coisa dura e grande nele, uma barra de ferro, um taco de baseball, uma faca. Ele vai sofrer muito, por tudo o que ele te fez.

— Ele ferrou com você também, Jean. E a culpa foi minha...

— Não foi. Cassie, você deveria ter seguido em frente, ter denunciado...

— Você era espancado cada vez que eu chegava perto de alguém...

— Que me matassem, Cassie! Assim ele teria sofrido e você não estaria noiva.

— E por que se afastou, hein? Você era o único que sabia e que me apoiou.

— Por que a cada vez que eu tentava te ligar da penitenciária, eu recebia uma foto sua com uma ameaça. Giovani estava perto e eu longe. Então continuei longe e usando drogas, para poder me livrar da culpa de não ter te salvado. Todos me viam como um monstro. Porque eu era preso, drogado... Mas ninguém

sabia que as brigas eram para te defender, que eu me drogava para esquecer que não fui capaz de te salvar a tempo...

— Não foi sua culpa!

— Eu tinha cheirado pó, Cassie. Eu estava drogado enquanto Giovani te agarrava. Os seus gritos pareciam um devaneio, alguma alucinação, quando finalmente acordei, ele estava em cima de você e você estava nua. Eu me culpo até hoje por isso, Cassie. Que eu não pude fazer nada.

— O culpado são nossos pais, os pais de Giovani e, principalmente, Giovani.

— Não pudemos fazer nada antes, porque estávamos presos. Você com nossos pais e eu no presídio, agora podemos. Sem que meu pai percebesse, ele me colocou com Gabriel, perto de armas. E você está com Dianna, podemos conseguir.

— Todos estão ocupados com Yoshida, seremos apenas nós dois.

— Sim. Desculpe-me por me afastar. Eu te amo. — ele me abraça.

— Desculpe-me por não te procurar e fazer parecer que te odiava, fui obrigada. — abraço-o de volta. — Eu também te amo. Obrigada por tudo e por continuar ao meu lado.

Capítulo 15

Katherine

— Mãe. — minha mãe continua mexendo a massa do bolo, em mais uma tentativa horrível de convencer meu pai que ela cozinha bem. Um dia desses, ela pediu para tia Sara fazer o bolo, ela me fez ir pegar enquanto distraía meu pai, depois, quando cheguei aqui, ela me fez ir pelos fundos, subir pelas escadas, chegar ao meu quarto, ficar lá esperando, depois sair, chegar a cozinha, ligar o forno e colocar o bolo dentro, só para esquentar e fazer de conta que foi ela quem fez tudo. Meu pai comeu o bolo e achou uma delícia, agora, minha mãe vai ter que replicar a receita, porque ela jurou que aprenderá.

— Katherine, por que a massa está assim? — minha mãe suspende a colher, onde a massa cai, parecendo água.

— Será que a senhora colocou água na massa?

— Um pouco. Estava dura.

— Um pouco quanto?

— O tanto suficiente para eu achar que seria bom.

— Bom o suficiente para deixar agitado. — aproximo-me dela. — Qual a dificuldade de fazer um bolo?

— Eu não nasci para cozinhar. — minha mãe larga a tigela na pia. — Quer saber? Pedirei ajuda a Sara!

— Mais um plano daqueles que terei que fugir como uma ladra para pegar o bolo?

— Sim, Katherine.

— Não é mais fácil meu pai saber como é uma péssima cozinheira?

— É por isso que nunca te peço para cozinhar, você é chata e nunca me ajudaria.

— Se pedisse com carinho...

— Sara me entende, ela sabe minha dificuldade na cozinha. Você não. Você se acha a "masterchef".

— O que posso fazer se sei cozinhar? Se sou maravilhosa na cozinha como tia Sara.

Minha mãe, simplesmente, levanta a tigela do bolo e joga na minha cara. Sim, a minha própria mãe joga o bolo horrível na minha cara.

— O que te fez? — tento, em vão, limpar meu rosto.

— Se recusa a me ajudar.

— Claro, mãe, meu pai não merece ser enganado.

Pego meu dedo e coloco na boca, com um pouco da massa.

— É, eu sabia, está horrivelmente horrível! — cuspo na pia, esse troço está péssimo! — Agora eu quero um abraço seu, para selarmos a paz.

— Não te abraçarei, garota! De jeito algum.

— Um abraço, mãe. — abro meus braços. — Abraço para selar o relacionamento de mãe e filha.

— Saia! — minha mãe corre para longe, enquanto eu tento abraça-la e suja-la.

— Ok, ok. Eu vou lá em cima me lavar, mais uma vez, depois eu ajudarei no seu plano ridículo de mostrar que é boa cozinheira.

— Eu tenho que conquistar seu pai de todas as formas, com minha inteligência, sensualidade, beleza, com o sexo...

— Pare!

— Sexo, por falar nisso, quando vai fazer?

— Pare!

— Podemos ir ao ginecologista...

— Pare! — começo a subir as escadas.

— Eu amo você!

— Eu te amo quando não fala de sexo, você deveria me apoiar a não fazer.

— Eu não sou seu pai, Kat. Fora que não estou mandando você abrir as pernas para todos, só estou falando de fazer isso com Gabriel.

— Sexo é nojento. É suor...

— Aposto que não reclamará quando Gabriel estiver todo suado e te agarrar, você ainda pedirá mais.

— Mãe, a senhora é muito depravada.

— E a senhorita vai escutar muito disso se não parar de me irritar!

Viro as costas, subindo as escadas.

Às vezes eu penso se ter uma mãe como a minha é algo bom. Minha mãe conversa comigo livremente, livre até demais. Acho que muitas garotas gostariam de ter uma mãe assim, mas, no meu caso, que sou uma assexuada, é algo constrangedor.

Minha mãe sabe que isso me causa vergonha, por esse motivo mesmo, ela implica comigo.

Entro no meu quarto e depois no banheiro. Tiro toda a minha roupa, e começo a tomar banho.

— Tomar banho de novo! — resmungo. — Por causa dela que me sujou. Raiva!

Pego o shampoo e começo a passar pelo cabelo.

— "Quando Gabriel estiver suado, você pedirá mais". A merda que pedirei! Olhe para mim, não tenho vontade de sexo, apenas de trocar salivas. Salivas é algo bem bom, a de Gabriel, no caso. Pensando bem, se a minha foi para a dele e a dele para minha, as nossas salivas se misturaram, então quer dizer que nossas salivas são boas. — fecho a boca e tento sentir o gosto na minha boca. — Meu Deus, minha mãe é uma péssima cozinheira! — pego a água do chuveiro e coloco na boca, tentando lava-la desse gosto horrível de ovo, açúcar e algo estranho que nem sei identificar o que é. — Ainda bem que tia Sara me ensinou a cozinhar, Deus me livre ser uma pessoa na cozinha como minha mãe é.

— Até no banho mistura assuntos?

Grito alto enquanto viro-me, encontrando Gabriel me encarando.

— O que faz aqui? — grito.

— Vim te ver. Sua mãe disse que estaria no quarto, escutei o chuveiro e entrei aqui.

— Escutou o chuveiro e entrou?

— Sim, entrei. — ele me olha de cima abaixo. — Quando começou a se depilar? Você disse que odiava.

Estamos tendo essa conversa?

— Quando minha mãe disse que se eu não comesse, a coisa cresceria a ponto de virar uma macaca. Não quero ser macaca, então essa merda chata de depilação está inclusa em meus planos de "vida de uma adulta que não quer ser macaca".

Gabriel encosta na parede do box. Eu não tenho muita vergonha de ficar nua perto dele. Ele já me viu, eu já vi o dele. Mas esse olhar é estranho, tento demonstrar indiferença quanto a isso.

— Quer tomar banho...

— Quero...

— Então eu saio e você fica!

— Sabe quem saiu? Sua mãe.

Aquela filha de uma mãe está me... Ela está me... O que minha mãe está me fazendo?

— Eu saio do banheiro, e te deixo aqui. — tento passar por Gabriel, mas

ele segura a minha mão.

— Seu cabelo está sujo.

— Minha mãe que sujou...

— Minha sogra é má. Mas, não se preocupe, te ajudarei a limpar.

— Não!

— Só uma ajuda, Katherine.

— Não!

— Alguém estava falando que minha saliva é boa.

— Vá à merda!

— Por falar em merda, você quer enfiar algo em minha bunda?

Encaro Gabriel. *O que esse idiota quer?*

— Gabriel, nós nos beijamos ontem, será que a noite você começou a usar drogas como o Jean?

— Responde!

— Ah, entendi. Felipe disse que quero enfiar a sandália em sua bunda.

— Só a sandália?

Cruzo os braços.

— Gabriel, olha bem para mim. Eu não quero sexo, acha mesmo que vou querer enfiar alguma coisa no buraco onde fazemos o número dois? Isso é nojento, Gabriel!

— Isso serve para você também?

— Quê?

— Tipo, você não vai enfiar nada, mas e se eu enfi...

— Vá à merda! — bato em seu peito e passo por ele.

— É um desperdício, Kat! Olha a sua bunda!

Abro a minha boca em um "O". *Ele está falando da minha bunda. Minha bunda!*

— A minha bunda é sexy, eu sei. — não estou afetada. Estou sim, no entanto, não demonstrarei nada. Estou afetada no sentido "Vou te matar!". — Mas é minha bunda.

— Minha também.

— Então a sua também é minha.

— Isso não!

— Direitos iguais, Gabriel!

— Você pode ter a parte frontal, a traseira não!

— Por que estamos falando de bundas?

— A família toda começou a falar umas besteiras...

— Por que a família discute sobre a sua bunda?

— Eu nem lembro mais como essa história começou, Kat. Só sei que alguém disse que você poderia enfiar algo em minha bunda.

— Eu tenho cara de urologista por acaso? Para querer enfiar algo na bunda de alguém? Ah, é. Eu quero enfiar a minha sandália na sua bunda por causa dessa conversa sem sentido! Depois dizem que eu sou a louca da história. — a realidade aparece. — Por que alguém disse isso? O que você falou para eles?

— contei que nos beijamos.

— Fofoqueiro! — acuso-o.

— É o acontecimento do ano, Katherine! Tenho que contar.

— Por isso não *coisaremos*, você vai espalhar ao mundo sobre isso.

— O que é "*coisaremos*"?

— Coito, Gabriel. Saliências. Sexo. Transar. Pênis entrando, pênis saindo. Chame do que quiser!

— Fazer amor?

— Não. — faço como se fosse vomitar. — Escutei minha mãe falando com tia Sara que essa palavra é brega e chata. Eu comecei a falar "fazer amor" sem parar, e sim, é chato! Eu prefiro falar "*Eles coisaram*".

— Então *coisaremos*. Você já está nua, eu tiro a roupa e ficará tudo certo.

— Não mesmo!

— Você não sente nada?

Deixe-me sentir. Meu coração está acelerado, algo está acontecendo no meio das minhas pernas, eu acho que quero fazer xixi, deve ser isso. E eu quero matar Gabriel!

— Eu quero te matar! — grito!

— Mata-me de prazer.

— Do meu prazer em te matar.

— Temos ótimos diálogos.

— Sim, temos.

— Quer trocar salivas?

— Não comigo nua, e você todo tarado e...

Gabriel me cala com sua boca.

Troca de salivas comigo pelada. Coisa estranha.

Gabriel começa a andar, com a boca ainda na minha. Depois, ele me coloca em cima da bancada, onde fica a pia.

— Eu te amo.

— Você não verá nada disso. — coloco a mão no meio das minhas pernas, cobrindo a parte principal do meu corpo virgem e puro... Não tão puro porque eu já matei alguém, mas é puro de fluidos corporais alheios. — Nada disso!

— Eu já vi.

— Não aberta!

— E qual a diferença?

— É como se eu estivesse fazendo um exame e o médico enfiasse uma câmara dentro do meu ser. É isso que é diferente. O que você está vendo, é a parte externa...

— Se estou vendo a frente, deixe-me ver a fundo.

— Cansei de você. — saio da bancada, voltando para o chuveiro, para tirar a sujeira que ainda está no meu cabelo.

De repente, eu sinto um tapa bem forte na minha bunda. A minha bunda arde.

— Isso é escroto, estou lavando meu cabelo. — rosno, sem me virar para Gabriel.

— Eu ajudo.

— Tenho mãos.

— Por falar em mãos...

— Saia, Gabriel! — grito.

— Nem *coisaremos* no chuveiro? Eu nunca fiz, Kat. Você perde a virgindade e eu perco a virgindade de transar no banheiro.

— Está vendo essa coisa aqui? — mostro o frasco do shampoo e olho para seu rosto. Onde um sorriso cafajeste está presente. — Eu enfiarei bem naquele lugar...

— Adoraria assistir, mas acho que não caberá em você...

— Em você, seu merda! Enfiarei em você! Na sua bunda! A família estará certa sobre eu enfiar algo em você!

Gabriel começa rir, mas sai do banheiro, deixando-me sozinha.

Gabriel, Gabriel... Seu pai sabe que você é safado? Deve saber, deve ter aprendido com ele. Tia Sara, a carinha de boa moça e deve ter um Gabriel em sua cama... Não, pera. Gabriel? Isso é incesto! Mas Gabriel puxou essa coisa de

alguém. E agora eu tenho que aturar. Pelo menos Amélia não terá esse prazer... Prazer? Prazer não, Kat. Irritação!

Termino de lavar o cabelo e começo a seca-lo, penteá-lo... Todo o processo chato que fui obrigada a fazer por causa da infantilidade da minha mãe. Depois de arrumada, saio do banheiro, encontrando Gabriel com Cléo.

— O que quer com a Cléo?

Gabriel vira para mim, sorrindo, mostrando minha querida e digníssima amiga Cléo.

— Pensando que você pareceu uma louca, mas foi inteligente com a escultura. — coloca de volta no lugar. — Então, eu falei com Jean, nesse momento, acho que ele conversa com Cassie.

— Confia mesmo em Jean e Jesse? Sei que conhece Jesse há anos, mas Jean chegou do nada.

— O pai de Jean e Arthur querem que ele melhore e ganhe algum respeito. Jean só era retardado com drogas, agora ele está mais sério, diria que está melhor. Jesse eu conheço há anos, como você já falou.

— Então eles vão ajudar?

— Jean veio falar com a Cassie, mas deve ajudar. Então, você tem certeza do que fazer?

— Minha mãe está bem, sem sentir nada. Creio que não prejudicará a sua gravidez. Gabriel, eu já entrei nessa história, agora eu só não quero que tudo recaia na minha família.

— E o tal do Ian?

— É por ele mesmo. Ele pega as pessoas para traficarem para West. Guerrero, depois de muita insistência, disse que é o Ian que procura pela família dos novos integrantes. Então ele vai descobrir mais cedo ou mais tarde sobre a minha vida. É melhor que ele descubra depois.

— Nós ajudaremos, não se preocupe.

Descemos para a sala, onde minha mãe está de pernas cruzadas, enquanto meu pai fala algo sobre carros.

— Amores meus. — minha mãe sorri.

— Agora eu sou um amor. — imito sua voz.

— Onde estavam? — meu pai para de sorrir.

— No quarto. — Gabriel responde.

No banheiro, mas está com medo, né, Gabriel?

— O que faziam no quarto?

— Ah, meu Deus! — minha corre na minha direção. — Vocês trocaram salivas? Trocaram outras coisas?

— Isabella! — meu pai grita.

— Nós nos beijamos, tia! Sua filha me beijou também.

— Aconteceu! — minha mãe começa a pular. — Minha bebê beijou! — ela segura o meu rosto. — Você não é tão esquisita quanto demonstra ser. Meu bebê beijou o amor da vida dela.

Minha mãe me agarra e começa a pular, eu, por outro lado, quero enterrar minha cabeça e só sair quando essa idiotice acabar.

— Ela não é esquisita. Não é assexuada, terei netos!

— Você beijou minha filha? — meu pai volta a gritar.

— Pai, me defenda desses dois doidos.

— Nem abra a boca, Katherine! Você beijou de volta...

— A troca de salivas é algo mutuo, pai.

— Senhor, minhas intenções são as melhores.

— Não é não! — minha mãe olha para Gabriel. — Meu sobrinho beijou minha filhinha esquisita. — ela abraça Gabriel. — Eu rezei tanto para que Kat não fosse uma doida de fetiches bizarros e para que não encontrasse um doido como ela.

— Ah, agora entendo a história de enfiar algo na bunda. — olho para o meu pai. — Eu mesmo enfiarei. — ele pega um objeto de decoração da minha mãe.

— Senhor, eu já me livrei de um fetiche de Kat...

— Espera, todos pensam em minhas fantasias sexuais?

Todos olham para a minha cara.

— Você tem fantasias sexuais? — meu pai parece que quer me matar, minha mãe continua emocionada e Gabriel parece que ganhou o melhor presente do mundo.

— Tenho. Gabriel pelado, debaixo do trilho de trem. Ou em cima, sei lá. Com tanto que ele morra!

— Nem tem vinte e quatro horas que beijamos, seja legal comigo...

— Vocês beijaram ontem? Katherine, como não contou isso a sua mãe?

— Eu contaria se não tivesse jogado o bolo em minha cara.

— Se jogou o bolo em Kat, quem fez aquele bolo que comi?

— Fiz dois. O assunto aqui é Kat beijando o lindo do Gabriel. E você. — ela tira o objeto da mão do meu pai. — Não o assassine. Isso é algo que ocorre

uma vez na vida, se matar Gabriel, minha esperança que Kat desencalhe cai para zero por cento.

— Eu só tenho dezesseis anos.

— Age como uma senhora esquisita de noventa anos.

— Senhor, não *coisaremos* tão cedo.

— *Coisem* sim! — minha mãe grita. — Leo *coisou* Giulia, algo normal. Em você eu confio, Gabriel.

— Isabella!

— É o Gabriel, Marco! Meu sonho de princesa mãe é que ele case com Kat, procriem e...

— Adotarei, minha linda. Adotarei molequinhos. Nada sairá de mim, só por inseminação.

— Você dizia isso do beijo. — meu pai me acusa.

— Quer saber? Vou para o meu quarto. Família de gente doida que quer jogar a loucura toda nas minhas costas.

— Eu vou com você!

— Saia! — meu pai grita. — Não ficará no mesmo quarto de Kat. Só depois do casamento, daqui a quarenta anos.

— Mas...

— Saia!

— Não tire minhas esperanças, Marco!

— Tchau, sociedade chata que acha que uma mulher precisa de um homem...

— Pegue seu discurso chato e transforme em amor para Gabriel. — minha mãe continua pulando de felicidade.

Depois dessa, eu subo correndo para o meu quarto.

Eu sabia. Sabia que seria vergonhoso quando eu beijasse. Que minha mãe festejaria e que meu pai, possivelmente, faria dramas. E eu, como sempre, correria da vergonha.

Fecho a porta do meu quarto e travo, tentando ignorar tudo o que aconteceu.

Sentando na cama, eu me inclino para o chão, puxando a gaveta que tem debaixo da cama. É tipo um fundo falso que eu mesma fiz. Amo tutoriais da internet! Lá de dentro, eu retiro meu celular secreto.

Minha mãe jura que não tenho internet nem celular, ela pensa que bloqueou qualquer sinal do meu quarto. Coitadas dessas pessoas, mal sabem elas

que eu, Katherine, comando a segurança desse lugar. Por isso eu saio e volto para entregas de *pit bull* sem dificuldades. Sempre rezo para que ninguém acorde na madrugada e entre em meu quarto, fora isso, não é difícil.

Pego meu celular e conecto aos áudios armazenados do escritório de tio Fernando. Karen conseguiu entrar lá e conectar minha pequena escuta.

Ligo os áudios e aumento o volume em meu fone de ouvido. Escuto vinte minutos de, absolutamente nada interessante, até que uma parte chama a minha atenção:

— *Javier, me pegou. Ele queria que eu matasse meu pai, vocês sabem dessa história. Javier é um traidor e eu não sei se quero participar dessas coisas.*

— *Heitor, sei que tem família, mas Yankee te procura. Mesmo que Javier esteja do outro lado, não podemos deixar que ele, Yoshida e Benjamin vençam.*

Meu avô. Aquele velho imundo é o traidor.

Cretino filho de uma cadela de merda!

Pego meu travesseiro e começo a esmurra-lo, com tamanha raiva de ter amado esse homem um dia. Um homem que quase matou meu pai, quase matou Giulia, Felipe... Quase matou a todos nós.

— Eu te odeio! — vocifero. — E eu dizia que você jamais seria um traidor. É por isso que ele sumiu.

Dane-se a família!

Pego meu caderninho, que tem todos os meus planos guardados.

LISTA DE PESSOAS QUE PRECISO ME VINGAR:

Yoshida

Benjamin

Milla (nem te conheço direito, mas te odeio!)

Cretinas que pensei que eram minhas amigas

Amélia

West (por roubar território)

Ian (porque vai aprontar e me pegou junto com Cassie)

Guerrero (em aberto, porque ainda não sei qual é a dele)

Giovani (talvez um susto, para que ele não case com Cassie, ela é boa demais para aquele imbecil de merda e por ter separado de Amélia!)

JAVIER (POR TER TRAÍDO A FAMÍLIA MAIS QUE O PRÓPRIO BENJAMIN. DANE-SE O PARENTESCO! SE EU CRIAR MINHA ARMA,

CONTINUAREI A USA-LA, MESMO QUE VOCÊ ESTEJA DENTRO DO LUGAR. TE ODEIO POR DIZER QUE NOS AMAVA E NOS TRAIR! EU TE ODEIO MAIS QUE TODOS OS OUTROS, QUERIDO AVÔ).

Eu me vingarei!

Deito no chão, debaixo da minha cama, onde encontro todas as minhas cinco armas brancas e minha Glock.

Quando a minha segunda fase do plano começar, eu poderei ser livre para me vingar. Porque ninguém me achará louca, mesmo que todos os senhores e novinhos matem sem dó e nem piedade. Tenho o mesmo sangue que vocês. Tenho o mesmo sangue de Benjamin e Javier. É sangue que eles querem, é sangue que eles terão. Começando por West.

Vamos lá, Kat. Não chore, Javier não merece suas lágrimas.

Está quase perto de "Carolaine" Smith nascer.

SEGUNDA FASE

Três semanas depois

Três semanas depois

"Oi, família.

Não queiram me matar, não me procurem e não se preocupem.

Estou escrevendo esse bilhete para saberem que resolvi seguir minha vida. Seguir minha vida longe dessa loucura, vocês sabem o quanto isso me deixou nervosa preocupada e tem Gabriel, ele está com Amélia e isso me deixa triste. Eu preciso seguir em frente, longe de toda essa confusão.

Preciso de um tempo para mim mesma, para pensar.

Não se preocupem, mais uma vez.

Eu voltarei, quando estiver crescida mentalmente, moralmente e fisicamente.

Saúde para todos e para o bebê. Estou indo para um lugar seguro, eu vi os mapas, não se preocupem.

Amo vocês, mesmo que não diga sempre essas palavras.

Katherine Vesentini".

"Não sei nem como começar...

Então, tia Dianna e tio Arthur. Obrigada por tudo o que me fizeram, por cuidarem de mim quando ninguém mais fez. Mas, se lerem o bilhete de Kat primeiro, saberá o que ocorreu com ela. Eu fui junto, porque, como sabem, jamais me casaria com Giovanni.

Não é por causa da senhora, tia. Eu me afastei esses dias porque estava pensando no que fazer, como agir. Giovanni nunca casará comigo e, como sou menor de idade, meus pais me obrigariam a ir contra minha própria vontade.

Tio Arthur tentou convencer meu pai a mudar de ideia, como o senhor já viu, não deu certo e nem dará.

Eu não posso e nem vou estragar a minha vida.

Então, é isso.

Eu amo vocês e vocês são os pais que sempre quis ter e, pelo menos, foram meus pais durante essas semanas. Obrigada por me dar a felicidade de ser amada como em uma família normal, obrigada por terem me dado os melhores dias da minha vida.

Eu voltarei. Voltarei em breve e solteira.

Não é egoísmo. É porque preciso disso.

Amo vocês.

Cassandra Ferrara".

Capítulo 16

Katherine

— Eu sei cozinhar também. — Cassie coloca o pão em cima da mesa.

Sinto o cheiro e sorrio. Esse pão cheira maravilhosamente bem. Lembro-me dos pães de tia Sara e logo bate saudades de casa.

— Poderíamos montar um restaurante, se não fossemos gangster. — assopro o pão, que está bem quente. Depois dou a primeira mordida. — Derrete na boca. Super combina com meu café mega delicioso.

— Sobrevivência, Kat, sobrevivência. Então, nossos pais morreram, estamos sozinhas na vida, sobrevivendo sempre. Essa é a nossa mentira.

— Jean e Jesse deram o jeito de colocar "Caroline" e Tiana no mapa. Então, quando Ian procurar mais, verá que existimos há dezesseis anos.

Uma semana atrás e Ian já estava fazendo muitas perguntas. Quem somos, de onde viemos, para onde vamos. Ele já estava investigando. É algo que eu e Cassie não poderíamos deixar que atingissem nossas famílias.

Quando eles descobrissem quem somos, eles cairiam em cima da nossa família, fazendo com que mais um inimigo entrasse na jogada. Fora que eu estou perto de West e Guerrero, vendo quais territórios estão prestes a serem tomados. É só me fingir de sonsa, de doida...

Já até presenciei uma briga entre West e Guerrero, eles estão se estranhando por algum motivo de venda. Guerrero é bem legal, nas últimas três semanas ele é o único que fala conosco de maneira normal e simpática.

— Então, Ian nos colocou o dia todo para pegar e entregar drogas. Ele vai aprontar algo, Kat.

Ian já tentou cercar Cassie, mas Guerrero sempre está por perto, assim como eu. Ou Guerrero gosta muito da gente, ou ele sabe que Ian fará algo e nos protege, o que faz com que a primeira alternativa também seja correta.

Guerrero, te respeito muito! Não quebre essa confiança invisível que existe entre nós dois.

— Deixe-me falar algo, amor da minha vida. — olho para Cassandra. — Eu vi Guerrero falando sobre "droga que mata".

— Drogas matam.

— Pode ser aquela droga, a droga que queremos.

— Plano de seduzi-lo ainda está de pé?

— Sim, Cassie. — ela faz cara de tristeza. — Ainda está de pé.

(...)

Tem algo estranho sobre gangsteres, talvez seja inteligente, devo admitir.

A Sangre Latino, por exemplo, faz uma coisa louca com os dedos. Eles pegam a ponta do dedo indicador e colocam junto à ponta do dedo anelar, formando um círculo mal feito; depois pegam o dedo médio, deixando-o em pé e o polegar fica deitado, formando um "L". Esse é o cumprimento deles, fora um assobio típico que eles têm, as tatuagens também, um SL, apenas alguns integrantes usam essa tatuagem.

Já a de West, eles juntam os dois polegares, e deixam os indicadores e anelares juntos, de ambas as mãos, lado a lado, formando um "W". Sempre que entramos nesse território, eles fazem esse ritual de "reconhecimento".

Eles também têm algo sobre roupas largas e ouro, o que é brega.

— Carolaine. — Guerrero me cumprimenta. — Posso saber o que aconteceu para que você e sua irmã viessem mais cedo?

Cassie é minha irmã, nessa vida criada por nós duas.

— Agora sei que não vão me matar. — sorrio, recebendo o seu sorriso de volta. Ele coloca o braço no meu ombro e no de Cassie, nos levando para uma praça que tem no local. — Ian nos colocou mais cedo.

— Então, como estão as coisas? — Guerrero olha para Cassie. — Qual foi? Pensava que estaria na onda de gangster, a sobancelha falhada.

— Tem muita mulher quicando em seu colo? — Cassie pergunta, fazendo com que Guerrero dê risada.

— Tem, mas nenhuma delas é você.

— Olha a sua idade...

— Vinte e cinco.

— Não era vinte e sete?

— Era, não é mais. Você nem sabia o meu nome, quanto mais a minha idade certa. Quis mentir para que parecesse mais velho e para que ficasse mais irritada.

— Sempre sendo idiota.

— Sempre sendo um doce de garota.

— E se formou com quantos anos? — mudo de assunto. — Ou será que não é químico?

Se ele não for um químico...

— Entrei na faculdade com dezesseis anos e concluí a faculdade no tempo normal.

— Especialização?

— Nas ruas, fabricando drogas e criando.

— Cria drogas, pequeno gênio do mal? — Cassie provoca.

— Sim, ruiva. Crio drogas.

— Será que tem como fazer uma droga zumbi? — tento parecer tonta. — Sabe, tipo nos filmes. Sempre tem um vírus espalhado. Ou será que é pura ficção? Estou preparada para um apocalipse zumbi, certeza que estamos quase lá.

— Carolaine. — ele ri. — Se soubesse o que podemos fazer... — olha para frente, onde West está comendo um churros e falando com outro homem.

— West é meio otário, não é?

Guerrero olha para Cassie, sorrindo. Ela quer pegar informações, Guerrero fala um pouco mais com nós duas.

— Sim, muito. — ele passa a língua nos lábios, depois encara West novamente. — Meu primo é idiota na maioria das vezes.

— E Ian? — olho para o cara sem braço, que está ao lado de West.

— Eu não sei se rio ou se choro da história da perda do braço. Ao invés de ir para o hospital, o idiota ficou resmungando, quando foi ver, estava com uma baita infecção que, para mim e para West, só resolveria arrancando o braço.

Eu e Cassie paramos todos os nossos pensamentos e olhamos para Guerrero.

— Vocês arrancaram o braço de Ian? — Cassie olha para Guerrero, com um misto de medo e... Fascinação? Não sei explicar.

— Eu arranquei, West segurou.

— Por quê?

Ele olha para Cassie.

— Segredos, ruiva. Não aqui. — ele levanta do banco. — Mais algum tempo e vocês poderão vir para o meu lado. Será melhor. — ele volta a olhar para Ian. — Agora, vamos para a entrega.

Seguimos Guerrero até o local onde sei que as drogas são fabricadas, pelo menos, alguma delas. Entrando no local, encontro duas mulheres separando

a cocaína, enquanto outro homem guarda o LSD.

— Aqui está. — ele me entrega uma pequena sacola. — Cuidado sempre, sabem como funciona.

— Sim, sabemos. — confirmamos.

— O bom de vocês é que nos deixa mais "confiante", porque vocês não são usuárias, então não seremos roubados, pelo menos, não nas drogas.

— Nem com o dinheiro, careca. — Cassie sorri para Guerrero. *Isso aí, ruiva sexy!*

— Qual a sua coisa com drogas? — sussurro. — Você parece não se importar, ao mesmo tempo você parece feliz porque eu e Tiana não usamos.

— Isso me deixa feliz porque são menos duas drogas para me preocupar. — ele bate uma folha de papel na minha testa. — Assim vocês serão minhas ajudantes. Olhem para aquilo. — Guerrero sai da nossa frente, mostrando os "funcionários do tráfico". — Olhe como aquele ali treme e como aquela parece que está morrendo. Eu preciso de ajudantes melhores, e as duas podem ser o que preciso.

— Quando seremos remuneradas? — Cassie pergunta.

— Quando eu e West acharmos que é a hora para isso, agora, podem ir.

Saímos da casa e, depois, da rua principal.

— Guerrero está estranho. — Cassie murmura, enquanto ajeita a peruca preta no cabelo, eu estou loira. — Ele estava esquisito falando de Ian e West.

— Ele está estranho desde que nos aproximamos mais. Agora vemos como é por dentro dessa gangue, percebo algum clima pesado entre os primos. Mas algo me diz que aí tem, e que será bom sabermos.

— Sabe o que é melhor? Estamos aqui por causa de nossas intuições, despejamos nossas vidas em intuições.

— E a nossa intuição está nos deixando próximas a Guerrero, que parece ser *tretado* com West e Ian. O cara arrancou o braço de Ian por algum motivo.

— E Guerrero não nos deixa muito perto de Ian. — Cassie fica pensativa.

— Pelo menos nossas identidades estão mantidas em sigilo, nada recairá em nossa família. Falei com Gabriel e minha mãe está com raiva da minha cara, ela não acredita que fugi por nada, sabe que apronto algo, o bebê está bem, o estresse não é para tanto. Meu pai tem certeza que estou armando uma vingança.

— E você voltaria caso algo acontecesse com sua mãe.

— Sim, mas agora já foi. Estou desse lado da vida. — olho para Cassie.
— Boas vendas.

— Boas vendas. — revira os olhos.

Vou até o local para onde fui mandada. Uma área de pouco movimento, mas posso dizer que estou me acostumando. Ficar aqui está me fazendo forte, quase um treinamento.

— Vinte. — um homem mostra o dinheiro, eu o conheço, comprador "fiel".

— Vinte e cinco.

— Não pode fazer por vinte?

— Você é o viciado e eu tenho que dar desconto? Aqui não é o *lojão* da esquina para dar desconto.

Depois de resmungar, ele me dá o dinheiro.

Que vida de merda! Guerrero, me dá a chance de ficar ao seu lado!

(...)

Olhar para a listinha de "pessoas que me vingarei", me dá mais sede de vingança, aquela vontade de continuar lutando.

Olho para as minhas facas, depois para a Cassie, que está assistindo *Z Nation* novamente.

— Teria coragem de usar a faca como eles usam no zumbi? — Cassie tira os olhos da TV e olha para mim, pensando em minha pergunta.

— Sim, provavelmente.

— Cassandra. — ela vem para o meu lado. — Qual o seu segredo?

— Que segredo?

— O segredo de querer ter uma gangue comigo, de ser sanguinária. Não perguntei antes porque sempre tinha alguém conosco, mas, agora, acho que é a hora para essa conversa.

Cassie pode aprontar, pode fazer tudo, mas, nos últimos dias, ela está um pouco mais violenta. Algo aconteceu e sei que precisamos adicionar alguém na lista da vingança.

— Jean?

— Por que pensou em Jean? — ela olha para mim, como se sentisse dor.

— Porque ele sempre foi errado, inconsequente, drogado...

— Agora eu o entendo. — ela ri com amargura. — Entendo porque meu irmão não acredita nele mesmo.

— Do que está falando?

— Jean, ele...

O som de um vidro quebrando chama a nossa atenção.

— Tem alguém dentro. — sussurro, segurando a mão de Cassie.

A casa é pequena e escuto algo sendo remexido na área de serviço.

Agacho-me no chão junto a Cassie, onde vamos engatinhando até o balcão da cozinha, onde estão as minhas facas.

— A arma? — Cassie pergunta.

— Na sala. — respondo.

Os passos vão se aproximando e pego a minha bolsa com as facas. O som de tiros na TV, onde Cassie assistia a série de zumbi, deixa a coisa mais eletrizante.

Pego duas facas para mim e Cassie pega outras duas.

O som de passos já estão na cozinha. Acho que é apenas uma pessoa, e está andando devagar.

Faço sinal para Cassie, para engatinharmos em volta do balcão.

Engatinhamos enquanto os passos se distanciam, no mesmo momento, a TV é desligada.

Olho para fora do balcão, onde vejo um homem com um pé de cabra na mão, na outra, tem uma arma, pelo tamanho, está com o silenciador.

O homem continua andando, indo em direção aos quartos, que fica nesse mesmo andar, o único andar. Ele toma a distância e abre uma porta, depois, olha para dentro e adentra o local.

— Vamos.

Eu e Kat vamos engatinhando, até a porta dos fundos.

— Ele está aqui! — Cassie grita.

Olho para trás, tempo suficiente para que Cassie me empurre para o lado, fazendo com que o tiro disparado não me atinja.

Rolamos para o lado, onde entramos na dispensa. Com um empurrão, Cassie fecha a porta.

— Se forem legais, eu não farei nada com as duas. — o homem cantarola.

Levanto-me do chão. Trancando a porta com o braço virado para o lado, não viro meu corpo porque ele pode atirar e me acertar.

— O que faremos? — Cassie balbucia e escutamos a primeira batida na porta, onde sabemos que o pé de cabra está forçando a entrada.

Pensa rápido!

A cada batida na porta, parece que terei um infarto.

Calma, é só pensar. Temos quatro facas afiadas e grandes, e causará muito estrago.

Um tiro é mais rápido que uma facada...

Olho para o armário. Temos cinco prateleiras aqui à frente. Cassie está olhando a mesma coisa. Ela está do lado oposto ao meu.

Aponto para os espaços entre as prateleiras. Aqui não tem luz acesa, a lua é a única iluminação que temos. Quem está nessa casa, não saberá disso, pelo menos, ninguém de diferente entrou aqui nessa casa, só se tiverem entrado antes da nossa chegada. Ele não deve saber dos espaços escondidos em cada uma das prateleiras, onde podemos nos abaixar e esperar para atacar.

A janela que tem aqui fica com grades, nem podemos fugir por elas.

Eu e Cassie vamos para cada um dos lados, cada espaço encontrado para nos esconder. Cada uma com armas afiadas nas mãos.

A porta é forte, dura, resistente. Mas ela não dura tanto tempo. Logo, ela está parecendo uma folha de papel, rasgada.

O pé de cabra some da porta, dando lugar a uma perna, que chuta o restante da madeira que ficou. Depois, vemos a mão com a arma, logo após, a sua cabeça.

Esse homem não é estranho, já o vi em algum lugar.

Sua careca branca deve brilhar, assim como o dente de ouro...

Meu coração parece que sairá pela boca. Agora é a hora que precisamos de coragem. Não é como matar uma barata, é uma pessoa. Uma pessoa que quer me matar junto com minha amiga.

O homem entra na dispensa. Ele olha para um lado, depois para o outro.

Aqui é do tamanho médio. Só precisamos que ele vá um pouco mais para a frente.

Tento diminuir minha respiração, para não fazer barulho.

O homem passa para a segunda fileira de armários.

Olho para Cassie, que coloca a cabeça um pouco para fora.

— Vamos lá, garotas. Só quero conversar, apenas isso. Uma troca de palavras.

Faço um sinal para Cassie com a cabeça.

É agora.

É a hora.

Levanto as minhas duas facas e saio do vão entre os armários, assim como Cassie. Cada uma ataca as costas desse homem. Na cabeça, nas costas... Na nuca. Cravando as facas em cada um desses lugares.

O homem cai, em qualquer chance de defesa. Do mesmo jeito que ele tentou fazer conosco. Mas fomos rápidas.

Foi rápido. Assustador. Mas estamos vivas.

— Está bem? — olho para Cassie, que encara o homem morto.

— Estou. E você?

— Ok também.

Nossas respirações são audíveis. Nossos peitos sobem e descem.

Nos saímos bem. Segundo homem que mato, terceiro homem que ataco com uma faca. Primeiro foi o homem que tentou matar meu pai, depois Ian — que ainda está vivo — e, agora, esse homem que é familiar.

Ele parece com um dos homens do... West?

— Parabéns!

Agarro Cassie quando escuto essas palavras, mas quando olho, é o West, o Guerrero e o Ian.

West sorri.

— Passaram no teste. — ele me empurra, me separando de Cassie. Ele está andando até o homem morto. — Quatro golpes de uma única vez. Tenho que parabeniza-las com uma festa. — West vai para apertar a minha mão, mas para, quando vê o sangue nelas. — Vão se lavar.

— O que aconteceu aqui? — pergunto.

— Um teste. Esse homem aqui. — ele aponta para o homem no chão. — Merecia o castigo.

— E por que não nos falou?

— É um teste, garotas. — Guerrero responde. — Ele estuprou umas meninas e queríamos o castigo, então West uniu o útil ao agradável.

— Testou nós duas e se livraram do estuprador. — Cassie conclui.

— Exatamente. Falamos que você estava com drogas, que estavam sozinhas, claro que ele se aproveitaria disso para vir até aqui. — West retira a faca da nuca do homem, depois, ele usa a mesma para acertar o centro da cabeça do morto.

— Nós estávamos aí, para ajudar em qualquer coisa. — Guerrero não sorri, ao contrário de West, ele está bem sério.

— E que merda de teste foi este? — olho para Guerrero e Ian. Ian ainda

parece que vai me matar.

— Teste para ver como essas duas garotas saem com o perigo, ver se são tão corajosas quanto parecem, e passaram no teste. — West aperta nossos ombros, unindo eu, ele e Cassie em um abraço. — Passaram no teste e estão dentro. — meu olhar vai até Guerrero, que tem algo enigmático em seu semblante. — Carolaine e Tiana "Smitê".

Ele sorri, certamente esperando que eu o corrija, mas ainda estou processando esse assassinato e a entrada nesses três aqui.

— Sejam bem-vindas a minha gangue. — West nos aperta ainda mais. — Bem-vindas, oficialmente, a gangue do West.

Bônus 6

Cassie

O ritmo da *bachata* está no ambiente. *Romeo Santos* canta o clássico "Propuesta indecente", o que me faria querer cantar e dançar, no entanto, não tenho "clima" para isso. Crianças correm, mulheres dançam, homens bebem. Essa é a noite. A noite em que matei uma pessoa, a noite em que comemoram o aniversário de West e a nossa entrada em sua gangue.

Matamos um estuprador, eu e Kat.

Estuprador... E se não conseguíssemos? Será que alguém, realmente, apareceria para nos ajudar? Ou meu pesadelo aconteceria novamente?

Guerrero me salvaria, ele me olha de uma maneira diferente, ele me protege.

— Uma dança?

Olho para cima, onde os olhos verdes de Luiz Guerrero me encaram.

— Não hoje. — dispenso, realmente, não tenho cabeça para dançar, mesmo que ame a música.

Ele me abraça, cercando-me na porta do banheiro, onde Kat está.

Meu peito se comprime.

Guerrero não pode ser como Giovani. Não depois de ver tudo o que Guerrero faz.

— Uma dança para mostrar a West que está bem com o que aconteceu. — ele sussurra em meu ouvido. — Ele está de olho, Tiana. Ele observa tudo.

Fecho meus olhos, sentindo a mão de Guerrero subindo e descendo em meu braço, como uma carícia... Algo amigável, sem maldade.

— Ele pode me matar, certo?

— Não deixarei. — ele se afasta alguns centímetros, apenas para alisar meu cabelo cacheado que deve estar bagunçado, não tive qualquer animo para arruma-lo.

Não posso dizer que me senti bem com aquela morte, não era Giovani ali, mas era um estuprador. Pessoas sofreram o que eu sofri, deve ter sido pior.

Giovani tentava enfiar os dedos em mim, em minhas partes íntimas, porém, ele não conseguia. Mas Giovani me tocou lá, ele me machucou naquelas tentativas...

Matar aquele homem me trouxe o medo novamente, o medo de "Pode

acontecer novamente, outra pessoa poderá te atacar e, talvez, Kat não esteja por perto. Talvez Guerrero nem entraria por aquela porta".

Tento tirar esses pensamentos.

A vingança contra Giovani ainda existe, sempre existirá. Só não estava preparada para descobrir que deixaram um estuprador entrar na minha casa... Outra vez, liberaram um estuprador para ficar perto de mim. Mais uma maldita vez!

— Uma dança, ruiva. — olho novamente para os olhos de Guerrero. — Se não vier dançar, não serei capaz de impedir algo. Não agora.

— Do que estamos falando?

Ele mostra a palma da mão, pedindo para eu segura-la, para dançar.

Aceito a sua mão e ele me leva para um pouco longe dali, no mesmo momento, Kat aparece, com a sobrelance arqueada olhando para mim. Eu apenas encolho os ombros em resposta.

— Qual a sua altura? — ele pergunta.

— Um e sessenta e três.

Ele sorri.

— E a sua?

— Um e oitenta e seis.

— Vinte e três centímetros de diferença.

A mão de Guerrero vai para a minha cintura, enquanto a outra segura a minha mão. Eu faço o mesmo com ele, no ritmo da bachata.

— Sei que deve ser difícil o dia de hoje. Ainda mais tendo uma festa logo após.

— Se não conseguíssemos?

— Eu entraria e acabaria com ele.

— Só você?

Ele olha para trás de mim, encarando Kat, que está nos observando com olhos de águia.

— Sua gêmea é bem protetora, assim como eu.

Volto a encara-lo.

— Guerrero, um mês que nos conhecemos, mais ou menos.

— Você tem algo, Tiana. Quando te vi pela primeira vez, te achei forte, confiante...

— "Caroline" também é.

— Mas Caroline não... Não sei explicar. Já você, ruiva, você pode ser

forte, mas eu enxergo mais. Eu te vi nas entregas, acompanhei você de longe. Quando digo que quero você e sua irmã por perto, não é porque eu quero, é porque eu preciso. Preciso para a minha paz de espírito.

— Explique melhor.

— Você tem algo sobre ser tocada, sobre quando uma pessoa dá em cima de você, quando alguém te agarra...

— Ninguém gosta disso, Guerrero.

— Você muito menos.

— Guerrero, você dava em cima de mim...

— Parei nas últimas semanas, estou prestando mais atenção em você. Eu só falo quando me provoca, e você me provoca. O que não entendo, ou você não gosta ou gosta.

Retiro a minha mão da sua.

— Você já foi molestado? — pergunto.

— Não.

— É isso o que Ian faz, não é?

Guerrero não pisca, ele apenas inclina um pouco a cabeça para o lado, como se tivesse confirmando, depois, parece que a resposta surgiu em sua mente:

— Como sabe? Ele tentou...

— Eu vejo sua raiva quando alguém fala de estupro, o homem que matei era um estuprador. E o Ian, você o odeia. — sussurro. — Você está falando comigo e vejo ódio no seu olhar, quando fala que alguém tentava me agarrar. Você me quer ao seu lado, eu e a "Carolaine", para ficarmos longe de tudo isso. Você nos defenderia hoje para evitar o estupro. Guerrero, eu e você somos observadores. Você odeia West.

Guerrero agarra a minha mão e começa a me arrastar para os fundos da casa, onde alguns casais estão se agarrando. Eu não faço nada para impedi-lo. *É o Guerrero.*

Guerrero me empurra, fazendo com que eu me esbarre na parede.

— O que está...

— Vamos lá, ruiva. Quer ser observadora? Observe e se cale, só fale se eu perguntar. Ninguém mais precisará saber das suas observações. Sim, você está certa. Eu odeio muita gente aqui e muita gente daqui odeia o que acontece, então, Tiana, apenas seja legal e aja normalmente, nem sempre estarei por perto para te salvar. West gosta de você e da sua irmã nesse momento, daqui a pouco vocês viram uma vadia deles ou casará com algum idiota que acharem que são

seus donos. Isso aqui, Tiana, não é como nos filmes, é a realidade e é ruim. Eu estou tentando salvar vocês.

Guerrero segura a minha mão e leva até o meu coração, que está batendo rápido demais.

— Desculpe-me, Tiana. Não queria falar assim, mas... — ele solta a minha mão. — Não sei se devo confiar em você.

— Por que diz isso?

— Ainda não sei qual é a sua. Uma hora me odeia, depois parece gostar, odeia que outros te toquem, me deixa tocar...

Respiro fundo. É confiança que ele quer? O Ian é o estuprador...

— Eu tinha quatorze anos, estava na piscina com um cara de dezoito anos. Ele me agarrou, me tocou, me machucou. Meus pais estavam contra mim, eles acharam frescura da minha parte, nunca houve uma denúncia. — olho para Guerrero, que está me encarando sem qualquer reação. — Eu não sei por que eu deixo que você me irrite dessa maneira, talvez porque você nunca tenha tentado nada, seja apenas uma provocação e eu revido. Talvez uma birra infantil, não sei. E... — fecho os olhos. — E você me protege, Guerrero, sei disso, vi com meus próprios olhos. Um homem tentou me agarrar e um dos de West apareceu. Eu o segui depois daquela surra dada naquele homem que tentou me agarrar, e ele estava te cumprimentando, você estava sorrindo pela surra. Descobri há uma semana, então, eu não tenho medo de qualquer coisa com você, Guerrero.

Falei tudo de uma vez. Nem sei o que pensar no momento.

— Eu nunca fui molestado ou qualquer coisa, mas conheço pessoas que foram. Por isso eu odeio tanto esse crime, por isso eu segui West, porque ele não aceitava essa gente. Agora mudou, Tiana, mudou e muitos não aceitam. — ele segura a minha mão. — Venha para o meu lado, eu protegerei você e Carolaine de tudo. Não precisarão viver sobre ameaças.

— Você arrancou o braço de Ian por que ele estuprou alguém?

— Eu arranco qualquer coisa de alguém que faça algo assim. A morte seria imposta, mas West não aceitou porque aquele moleque é parceiro dele. — tem mais algo aí, eu sinto, seu tom de voz está estranho. É algo pessoal, muito pessoal. — Respondendo sua pergunta, quero arrancar cada parte do corpo de quem fez isso com você.

Guerrero pode matar Giovanni por mim, pelo crime que ele cometeu...

Um homem aparece, chamando por Guerrero.

— Aqui está. — Guerrero me entrega uma chave de uma casa. — Sua nova casa e da Carolaine. Não deixarei vocês morando naquele lugar, sem

proteção.

— West vai atacar?

— Ian atacará, mas não se tiver minha proteção.

— Pensei que só fabricasse drogas.

— Eu comecei com West e West quer continuar com outros negócios.

Tiana. — ele segura o meu queixo. — Não sei se vai querer ver essa briga, mas as coisas não estão calmas por aqui. Escolha um lado. Escolha o meu lado e Ian não chegará perto, escolha West e ele mandará você e Carolaine para os piores lugares, não por agora, mas ele fará isso em algum momento.

— E você vai conseguir tomar o poder?

Ele sorri.

— Você ainda não me conhece, Tiana. — ele beija a minha testa. — Boa noite.

Guerrero se distancia, deixando-me com todos esses casais se agarrando.

Ele é como Jean. Sorrio ao constatar. Pode ser burrice, ainda mais vendo todas essas traições, mas fale isso para alguém em que os próprios pais apoiaram seu estuprador. Eu vi com meus próprios olhos a discussão de Guerrero e West.

Tem aquela história de West querer uma garota de cada etnia...

Abaixo a cabeça e guardo a chave no meu bolso. Quando levanto a cabeça, vejo Ian, de longe, me encarando.

— Se aceitou a chave. — tomo um susto, mas fico um pouco melhor quando vejo um amigo de Guerrero ao meu lado. — É porque aceitou a ajuda de Guerrero. — ele olha para Ian. — Isso continuará dessa maneira.

— Será que tentarão me matar?

Ele nega, balançando a cabeça.

— Tentar te matar ou matar a sua irmã, causará a ira de Guerrero, assim como a de West. West não quer causar briga com o primo, não por agora. No máximo, West vai puxar o seu saco e o da sua irmã, vai fingir que são amigos.

— O que Guerrero tem de tão especial? Por que ele é tão forte aqui dentro?

— Ele é o Guerrero, Tiana. Uma lenda para esse povo, como o pai dele foi. O cara é tão fantástico que se juntou com guerrilheiros e deu paz a um lugar. Se fosse uma democracia, Guerrero ganhava a liderança dessa gangue.

— Como ganha a confiança?

Ele não responde, apenas sorri de lado.

— Então muitos estão ao lado de Guerrero? — tento obter alguma

resposta.

— West é idiota. Um idiota com alguns espertos ao lado, ou que se acham inteligentes, que tem armas. Guerrero é um esperto, forte e corajoso, com homens inteligentes e armados ao lado. Escolha o seu lado, Tiana. Chame sua gêmea também. Mas só observe como Ian te olha e como Guerrero te olha. Só nisso já podemos ver quem é digno de sua confiança e da sua irmã.

Guerrero.

Sempre foi você, desde o início!

Capítulo 17

Katherine

Sinto-me quase como em uma festa da Sangre Latino, mas é altamente diferente. As músicas podem ser as mesmas, assim como a animação, os homens armados...

Olho para a mulher que está sentada no chão, ao meu lado, e assusto-me com ela. Ela sorri fracamente e abaixa a cabeça, voltando a trançar o cabelo da pequena menina em seu colo. No rosto da mulher, que eu diria não ter mais de dezoito anos, tem um "W" gigante. Um "W" que vai da testa até o queixo, tomando o rosto todo. Uma tatuagem preta e muito mal feita.

Para essa garota fazer algo assim, ela tinha que estar bem louca ou foi obrigada.

Guerrero é um dos poucos diferentes dessa gangue. As mulheres ficam vestidas como um homem ou vestem roupas bem curtas; os homens usam roupas largas e ouro, fora que alguns têm a tatuagem com um "W" em alguma parte do corpo. São poucos que não aderem a essa moda brega. Na verdade, o nome dessa gangue já é brega, "West", pior é que pit bull chama de "Gangue do West". É muito amor próprio para caber em um coração.

Tiro a atenção da mulher e volto a olhar para Guerrero e Cassie. Guerrero estava dançando com Cassie e depois a trouxe para cá.

Poxa, Guerrero, não me diga que será o terceiro homem que vou assassinar.

Guerrero beija a testa de Cassie e se afasta.

Ok, não vou te matar.

Vejo um flash e quando olho naquele local, encontro Ian, tirando foto de Cassie e Guerrero.

Maldição! Era para eu ter acertado os dois braços e as pernas, tem gente que consegue fazer essas coisas com os pés.

Quando virei essa sanguinária? Ah, é, quando mexeram com minha família.

Esse Ian... Algo me diz que tem muita coisa com ele, se ele tira foto, coisa boa não é.

Ele nos pegou naquele dia no bar. Tinha tanta gente e ele nos esperou? Guerrero parece odiá-lo, aí tem, e eu preciso descobrir o que é.

— O que está fazendo? — Cassie pergunta, mostrando uma chave.

— Ian, algo me diz que ele tem relação com o roubo de território.

— Ele sabe quem somos?

— Talvez. — meneio a cabeça. — Não sei ao certo. Ele não esperaria tanto tempo para atacar. Esperar o momento certo? Ver o que queremos? Não sei, só sei que ele quer atacar.

— Talvez por causa do braço perdido.

— Talvez, se for isso, melhor. — olho para ela. — O que Guerrero quer?

— É ele, Kat. É ele o certo. — ela segura o meu braço, me levando novamente para a festa, mas sentamos no local afastado. — Ao que tudo indica, ele é contra o que acontece aqui dentro. Ele quer tomar o poder e quer nós duas ao lado dele. Ele vai nos proteger.

— Então ele quer matar West?

— Pelo o que entendi, essa gangue aqui está trabalhando com coisas que, anteriormente, eles eram contra. O que me faz pensar em algo. Talvez a nossa intuição esteja certa, só que pode estar mais certa ainda. "Carolaine", Ian alicia pessoas e, possivelmente, deve estupra-las, o homem que matamos, estuprava, tudo pode estar ligado a Yoshida, e é por esse motivo que Guerrero quer tomar o poder.

— Só que deixaram aquele homem morrer, e o Ian? Só arrancaram o braço.

— Não, irmã, Guerrero arrancou e West segurou. Guerrero fez o trabalho sujo e parece que não ficou tão contente com isso. Lembra que quando ele nos contou, falou assim: "Não sei se rio ou se choro". Ele não estava feliz com o que aconteceu e nem está por agora. E Ian quer nos matar, Guerrero sabe disso.

— Guerrero é de confiança, então?

— Provavelmente. Ele me deu a chave de uma casa, para ficarmos mais protegidas.

— Poderia ser uma armadilha.

— Mas observe como Ian nos olha e como Guerrero nos olha...

— Já teremos nossa decisão. — concluo, olhando para a festa, em busca do Guerrero. — Onde Guerrero está?

— Saiu às pressas.

— Atenção! — o som do microfone falhando, faz com que eu coloque as mãos nos ouvidos. — Chegou a minha hora de agradecer.

Ali está, Orlando West, tem como ser brega no nome? Tem! Os pais de West sabem como e fizeram isso quando deu o nome de "Orlando" que não

combina nada com "West".

— Hoje é meu aniversário de trinta e seis anos...

— Parece ter mais de cinquenta. — Cassie sussurra e eu tenho que concordar.

— Hoje é o dia mais gratificante de todos...

Enquanto pit bull continua com suas besteiras, eu observo tudo ao meu redor. Algumas pessoas sorriem, mas, a maioria, está séria, de braços cruzados, olhando para o pequeno palco onde West fala idiotices onde o próprio se auto elogia.

Olho para o lado, onde tem um grupo de garotas, aparentando ter de quinze a vinte anos. Elas olham para West como se fossem mata-los, percebo que duas delas tem a mesma coisa no rosto da outra garota que estava trançando o cabelo da menina. O "W" enorme no rosto todo.

Seria uma marcação de território? Castigo de gangue?

Olho ao redor e vejo o momento em que cinco homens levantam os fuzis e atiram para cima, a comemoração de aniversário de West.

West sorri e bate palma.

West é bem otário, nem sei se devo sentir tanta raiva dele, sinceramente. Ele é tão idiota que um dia pediu para que eu ensinasse a falar "Smith", ele perde tempo com isso. Ele não me olha como se fosse me matar, ele me olha normal, nem sério nem simpático, diferente de Ian.

West... Você roubou territórios, eu devo te odiar. Talvez não seja tão pessoal como Ian, mesmo assim, você é o inimigo.

Olho para a animação de West. Fumando seu charuto e vendo os tiros sendo disparados.

Por que eles atiram para cima? Essa merda vai cair, as balas não se perderão na estratosfera e ficarão lá. Poderia cair na cabeça de Ian, por exemplo.

Depois de ficar sentada por mais meia hora. Decidimos levantar e sair dessa festa.

Um dos amigos de Guerrero nos leva até a nova casa, que fica na rua atrás do lugar onde estávamos. Assim que chegamos, vemos alguns carros à frente de um pequeno prédio de quatro andares.

— É um apartamento. — o homem explica.

— Novos moradores chegando? — questiono.

— Mais ou menos.

Ele abre a porta da entrada principal do prédio, onde vejo alguns homens

e mulheres entrando e saindo. Até que um deles para tudo o que está fazendo e arregala os olhos me encarando.

— Oh, Deus! — ele grita. — Oh, céus! — ele se escora na parede, como se fosse desmaiar. — Britt, corre aqui! A Lauren Jauregui está na minha frente, Britt! Na minha frente!

Eu seguro a mão de Cassie, que também está assustada.

— Ele é assim mesmo. — o amigo de Guerrero murmura.

— Como assim a diva Lauren está aqui? — uma loira sai do apartamento e olha para mim. — É a Lauren!

Ela começa a pular.

— É a Lauren! — ela grita.

— Quem é Lauren? — outro homem aparece atrás dela. — Você é a Lauren?

— Sou a Ka... "Caroline". — isso está tão louco que eu quase falei meu verdadeiro nome.

— Você é a filha da Lauren? — a loira me encara. — Você é a cara da Lauren, minha diva, depois da Demi, da Kim, da Khloé, da Kourtney, da Shakira...

— Você tem muitas divas. — Cassie faz a observação.

— Eu também sou uma diva. — ela sorri. — Sou uma diva salvadora da pátria. — ela joga o cabelo para trás. — Vicent, ela não é a Lauren, a Lauren tem mais de trinta anos e essa menina nem deve ter dezoito.

— Mas ela é a cara da Lauren. — o homem aparece a nossa frente. — Vicent, prazer em conhecê-las. Essa é diva Britt. — a loira acena com a mão. — E aquele ali, é meu ex-grande amor, Matt.

— Nós nunca tivemos nada. — o tal Matt aparece. — Vicent, nosso amor acabou há anos, aceite.

— Só aceito porque Camille tomou meu lugar, se não fosse isso, você seria meu, não negue.

— Por que vocês três não sabem entrar em silêncio e sair em silêncio? — um homem mais velho surge, atrás de toda essa gente estranha. — Ah, Caroline e Tiana?

— Como nos conhece? — pergunto.

— Sou o Juan, chefe do *Cartel de la calle*. — ele estende a mão e nós apertamos. — Guerrero falou sobre vocês.

— Guerreiro do tráfico? — a tal da Britt ri.

— Pensamos a mesma coisa. — olho para ela.

— Guerrero, não "guerreiro". — Juan corrige.

— Guerrero?

— Sim, Brittany. — Juan volta a olhar para mim. — Desculpem-me por esse escândalo, não acontecerá novamente.

— Acontecerá, sim! — Britt bate palmas. — Ela é a cara da Lauren! É como se eu tivesse com a Lauren, pena que a Cabello não está, sinto-me honrada e ao mesmo tempo chateada. Por que a minha Cabello saiu? Por quê?

— Quem é Cabello? — pergunto.

— O que os jovens escutam nos dias de hoje?

— Guns N' Roses.

— Toca aqui! — o tal Matt levanta a mão no ar e eu só sei encara-lo. Ele pega a minha mão e bate na dele. — Deixar no ar é feio, menina.

— Essa noite está muito louca! — Cassie murmura.

— Então, como está o tráfico? Vendendo muita maconha? Cocaína?

Juan puxa a orelha de Britt. — Para, você já está velha para isso!

— Velha? — ela sai do aperto de Juan, que deve ser o seu pai. — Querido, quantos anos o senhor tem?

— Por que tanta gente grita? — um homem com cara de psicopata aparece. — Boa noite, nenas.

— Boa noite. — eu e Cassie voltamos a segurar na mão da outra.

— Padrasto, estou sendo legal e Juan quer me bater!

— Como sempre disse, se Juan quiser me bater, não reclamarei. — Vicent faz uma dancinha com os ombros.

— Quando vai parar de dar em cima, Vicent? Ricky sabe disso?

— Sabe, Matthew, ele também sabe que eu o amo e que gosto de afetar a masculinidade de gangsteres, porque vocês não vão me matar, mas morrerão de vergonha das coisas que falo.

— Vocês namoram? — Britt pergunta, com os olhos brilhando.

— Não. — eu e Cassie respondemos.

— É que quero *shippar* alguém, estou necessitada. Meus filhos estão estudando e juram que não amam os primos, então, preciso *shippar* casais e sonhar que eles ficarão juntos, para me inspirar a escrever livros.

— É escritora?

— De livros não publicados. — dá de ombros. — Então, posso *shippar* você com ele?

O amigo de Guerrero logo nega.

— Hum... — Britt vai até Cassie. — Você negou rápido e olhou para a ruiva. Será que o amigo de alguém é afim dela?

— Brittany, não começa, acabaram de se conhecer.

— Vai, enteada, não escuta seu pai. — o homem grita. — Distribua o amor no mundo.

— Acho que uma menina ficará com um gangster, bem-vinda ao time. — ela bate palmas. — Gostei da Lauren e da ruiva. Uma tem o ar vampiresco e a outra tem o cabelo vermelho maravilhoso. Se eu não vou com a cara, ninguém deve ir, mas se eu vou, quer dizer que são do bem. Regra básica da vida.

— Vamos, já chega. — Juan pega o braço de Britt.

— Tchau, meninas! — Britt grita.

— Tchau, diva Lauren. — Vicent me dá um beijo no rosto. — Tchau, diva ruiva. — ele faz o mesmo com Cassie.

— Boa noite, nenas. Acostumem-se, somos seus novos vizinhos. — o cara que parece um psicopata sorri. — Sou o Oliver, por falar nisso.

— Tchau, meninas. — Matt apenas faz um aceno com a mão e entra em outra porta.

— Isso é muito louco! — falo para Cassie.

— Acostumem-se, meninas. — o amigo de Guerrero fala. — Se tudo der certo, ficará assim.

— O que quer dizer com isso? — pergunto.

— Se for para Guerrero ser um líder, é bom que essas pessoas estejam ao nosso lado.

— Amigo de Guerrero que não nos disse o nome até agora. — Cassie o encara. — Por que estão juntando gangues?

— Sabe, gêmeas Smith, West não é o perigo, o perigo é o que quer ficar atrás dele. Algo aconteceu e não deveria ter saído daqui, deveria ter ficado com certas pessoas. Mas o segredo saiu e, agora, querem tomar. E, se tomarem, preparem-se a destruição em massa.

— Não entendo.

É a droga, só pode ser ela!

— Destruição em massa, meninas. Quase como uma bomba nuclear, só que menos catastróficas, mas que será uma arma perigosa na mão dessa gente. Essa é a vida do outro lado, garotas. Onde fazemos o mal, ao mesmo tempo tentamos impedir que um mal invisível chegue perto e destruam mais vidas.

***Esses são personagens da minha série "Estúpidos". Não é necessário ler a série.**

Capítulo 18

Katherine

Entro no apartamento e vejo que está mobiliado.

— Estou me perguntando se eles expulsaram os moradores ou compraram o lugar. — Cassie passa o dedo na estante. — Está limpo, alguém deve limpar esse lugar.

— Ou limparam para a nossa chegada. — sento no sofá.

— Sinto-me honrada. — Cassie senta a minha frente. — Vamos precisar voltar na nossa antiga casa, onde fomos atacadas. — ela sussurra. — Para pegarmos os detectores.

Concordo, balançando a cabeça.

Guerrero pode ser legal, mas ele pode ter colocado escutas aqui. Todo cuidado é pouco e, nesse momento, o que mais precisamos, é saber o que acontece e pensar no que fazer daqui para frente.

(...)

O dia começa, eu e Cassie pegamos nossas coisas na antiga casa, que já estava limpa do assassinato de ontem.

— Querem ajuda? — Vicent pergunta, enquanto me ajuda a segurar a bolsa.

Guerrero ofereceu ajuda, com homens da sua confiança, mas como eu pegaria minhas armas, meus detectores, meus celulares, notebooks... Como pegaria tanta coisa com aqueles homens ao lado? Essa já é a nossa terceira e última ida. Temos poucas roupas e somos duas, então deu certo.

— Obrigada. — agradeço, quando ele pega as minhas duas bolsas, que só tem roupas. Britt pega as outras nas mãos de Cassie.

— Então, meninas, o que fazem aqui? Seus pais são gangsteres? — Vicent pergunta.

— Não. — nego. — Entramos por acaso.

Um idiota pulou na minha frente, enfiei um canivete no braço dele,

infeccionou, perdeu o braço... Estamos aqui.

— Certo. — Britt confirma. *Britney? Brittany? Esqueci o nome dela.* — Então, entraram no tráfico por querer?

— Mais ou menos.

Britt apenas concorda.

— Você é do tráfico? — Cassie pergunta e Britt ri.

— Sou mais perigosa que isso. — ela olha para frente, como se pensasse em algo. — Não tenho medo das coisas, dizem que sou louca demais para enxergar o perigo na minha frente. Eu chamo de coragem. Então, respondendo a pergunta, não sou do tráfico, meu pai que é, meu marido talvez, meu cunhado, o amigo... Entenderam.

— E por que estão aqui? — pergunto.

— Nada para fazer. Como disse, falam que não enxergo o perigo a minha frente, então vim até aqui.

— Então estamos em perigo.

Essa mulher sabe das coisas, sabe muito.

— Oh, minha querida. — Brittany vira para a nossa frente e começa a andar de costas. — O perigo sempre está por perto quando estamos nessa vida. Basta escolher qual lado ficar e decidir se quer lutar.

— Meu Deus, Britt! Que frase perfeita! — Vicent empurra as bolsas para as minhas mãos e eu carrego, depois, ele tira uma caneta e um caderninho do bolso. — Vou anotar, para colocar no seu livro.

— Foi perfeito, não foi?

— Dramático, heroico. Perfeito! — ele termina de anotar, e guarda no bolso, voltando a pegar as bolsas em minhas mãos.

— Posso saber o que escreve? — Cassie pergunta.

— História da vida real. A minha história e a dos meus amigos. Tínhamos inimigos loucos também.

— O quer dizer com "também"? — pergunto, mas ela não parece surpresa, pelo contrário, parece emocionada.

— Eu enxergo além, meninas. Vivi quase vinte e seis anos fugindo, correndo, sobrevivendo, tentando salvar vidas e, devo dizer, já sujei minhas mãos fazendo isso. E eu vejo que as duas tem algo mais. — ela sorri. — Vocês lembram o meu passado. Então, garotas, eu sei que vocês sabem, sei que me entendem. — pisca um olho. — No entanto, não se preocupem, não contarei nada.

— É a informante?

— Alguém precisa saber o que as duas querem aqui, certo? Mas nem eu e nem Vicent somos do mal, provavelmente, nem Guerrero. Mais para frente, ele deve te contar algo mais.

— Meu Deus, Britt. A senhora está muito misteriosa.

— Gostou?

— Amei!

— Vamos, meninas. — Britt grita. — Vamos para a casa de vocês.

Olho para Cassie, que tem o mesmo olhar que o meu.

Desconfiam de nós duas, ou Guerrero quer saber se somos de confiança?

(...)

Terminamos de verificar toda a casa, não encontramos nada de anormal. Britt e Vicent já saíram, eles quiseram ajudar, mas negamos, dizendo que são desconhecidos. Eles apenas riram e saíram.

— Kat, o que está acontecendo? Eles estão aqui para nos investigar?

— Guerrero não nos deixaria perto, assim, do nada. Não funciona dessa maneira. Não sei se ele desconfia de quem somos, mas acho que ele está preparado para a guerra. Ele pode nos querer como aliadas, por isso ele sempre diz "No momento certo, virão para o nosso lado".

— E participaremos da guerra?

— É para tomar a liderança, Cassie. Imagina mais uma gangue ao nosso lado...

— Inimigos da Sangre Latino.

— Então poderia ser a nossa gangue. Não falo em tomar o poder de Guerrero, porque será dele, falo de nos unirmos a ele. Unirmos da maneira correta, não apenas para a minha arma biológica, mas para a guerra contra Yoshida, contra todos os inimigos.

(...)

Entro na casa e encontro Juan com Guerrero. Eles estão olhando para uma caixa, depois, olham para mim e para Cassie.

— Bom dia. — Guerrero sorri, guardando a pequena caixa no bolso. — Elas são a Carolaine e a Tiana.

Juan sorri.

— Brittany e Vicent já nos apresentou.

— Já? — Guerrero arqueia a sobrancelha. — Eles são rápidos.

— Será que os dois colocaram Brittany e Vicent aqui para nos vigiar? — Cassie questiona, encarando Guerrero com acusação.

— Não para vigiar, e sim para ver como são. — e Guerrero admite. — Para ver se estão mesmo do meu lado.

Normal, não o culpo, ele faz o certo.

— E se gostarem de nós duas? — olho para Guerrero e Juan. — Qual a recompensa?

Juan coça a barba, depois sorri, olhando para Guerrero.

— Gangues são inimigas, gangues são aliadas. — ele indica a porta de saída. — West quer falar com vocês.

— Não são inimigos? — continuo o questionamento.

— Nem sempre o chefe é o inimigo, garotas. — Guerrero estala a língua nos dentes, dando pouca importância ao assunto. — Não se preocupem, nada acontecerá nessa conversa. West vai parabenizar, apenas.

Olho para Guerrero.

— Confia ou não confia em nós duas? — Cassie pergunta.

— Confio, mas tem assuntos, que precisamos de muito mais que confiança. Agora, podem ir.

Saímos da casa, apenas para chegar à conclusão que ontem pensamos "Guerrero está confiando", agora chegamos à conclusão de: "Guerrero não é besta, ele vai demorar a acreditar em nós duas". O mais legal é que somos mentirosas, então... Então que ele não descubra até lá.

Andamos pelo bairro, onde algumas pessoas nos encaram, como se fossemos estranhas. Chegando a casa onde West fica, encontramos uma fila na frente.

West "empresta" dinheiro, dá remédios, resolve problemas. Aquele "cala a boca" básico que algumas pessoas fazem.

— É melhor esperarmos. — sussurro para Cassie, que fica encostada na parede, do lado de fora da casa. Nem nos preocupamos de ir nessa fila.

Quando olho para frente, encontro a mulher do rosto tatuado. Ela deve ser nova, ou a tatuagem é nova, porque eu teria reparado se tivesse visto essa mulher antes.

A minha curiosidade vence e decido ir até ela. Onde ela está carregando a garotinha.

— Para onde vai? — Cassie segura a minha mão.

— Preciso falar com ela.

Cassie solta a minha mão e eu vou até a mulher, que sorri quando me vê.

— Olá. — cumprimento-a.

— Olá. — ela responde e a menina, sorri.

— Sou a "Carolaine".

— Sei quem é. — ela sorri. — É a piada daqui, quer dizer, não você, o West. E acho que deve saber, pelo jeito como pronuncia seu nome.

Eu dou risada.

— Carolaine, ele já me chamou de "Carolaina", algumas vezes ele acerta, o problema todo está no sobrenome.

— Sou a Linda, essa é a minha filha, Jaqueline. Acho que já percebeu, quer dizer, nem tem como não perceber essa coisa no meu rosto.

— É que...

— Normal. Todos os novatos tem medo quando algo estranho acontece com outra pessoa, eles logo ficam com medo. — ela olha para os lados, depois para mim. — Ontem foi seu teste, sei disso porque West está feliz com tudo isso. Mas, não se engane, ele fica feliz e depois te ferra. Também tive que matar, mas foi um inimigo, mesma história da sua, tentou me atacar e eu me defendi. Só que isso aqui. — ela aponta para o rosto. — Foi por eu não matar meu marido.

— Seu marido? — engulo em seco.

— Entrarei nessa maldita fila para pedir remédio ao homem que mandou que matasse meu marido, eu me recusei e levei esse castigo, esse "W" em meu rosto. Como um castigo por ser fraca, como uma amostra de que pertenço ao lado de West.

— E por que mandaram matar seu marido? Você mesma...

— Por que ele era amigo de Guerrero, melhor amigo. Liderança e eu? Eu deveria ser do lado de West, porque meu pai era amigo dele. Eu tinha que provar lealdade matando o homem com quem me casei, mesmo que não fosse por amor.

— West mandou...

— Não foi o West, ele é idiota, se não fosse Guerrero, isso aqui nem

existiria. Só que Guerrero já mostrou o que quer e Ian está com West, então... — encolhe os ombros. — O que Ian disser que dará certo, West fará.

— Por que não fala com Guerrero?

— Olha para mim, Carolaine. Olha a minha filha. Meu marido morreu na minha frente, tatuaram meu rosto como vingança, e eu tenho que me humilhar por um remédio para a minha filha, ter que pedir ao Ian. Acha que quero isso? Não, não quero. Mas como passarei para o outro lado? Como confiarão em mim, Carolaine?

— Já tentou?

— Se eles me matarem? Matarem minha filha?

A menina espirra, depois, abraça a mãe.

— Já matou quantos?

— Muitos. — abaixa a cabeça. — Não estou aqui por querer. Meu pai era daqui, cresci nesse meio, casei cedo, entrei em tudo porque West disse "Trafica ou morre". West não confia em ninguém, Carolaine. Ele vai te bajular quando entrar naquela sala, vai dizer que você e sua irmã são as melhores, depois de algum tempo, o lixo será mais bem tratada que você. Vá para o lado de Guerrero, mostre a tempo que está com ele e não com o West. Se ficar com o West, isso aqui. — ela aponta o próprio rosto. — Isso aqui não será nada comparado ao que West fará com você. Ian quer te matar, Carolaine, você e Tiana. Você foi à causadora da amputação do braço dele. Se ele não pode mais segurar as vítimas com tanta força, é por sua causa. Se ele não pode mais usar as duas mãos para mata-las, é por sua causa. E eu devo agradecer por isso. Ele não tatua mais, por sua causa. — ela sorri. — Obrigada.

Sem nem ao menos pensar, coloco a mão no meu bolso e retiro o dinheiro que tem guardado aqui. Seguro a mão de Linda, passando o dinheiro para ela.

— Não faça isso com você e sua filha. Não precisa disso. — sussurro. — Pode contar comigo.

— Não me conhece, Carolaine. Não deve confiar em todos...

— Tem uma criança com você, você se humilha pedindo dinheiro ao homem que ferrou com sua vida, você não pode fugir. Se depois de tudo isso, você mentir para mim, desejo que essa menina nunca olhe na sua cara. Porque a morte será pouco, mas ver o amor da filha indo embora será pior. — acaricio a cabeça da menina. — Não me faça ficar com raiva da ajuda que estou te ajudando.

— Obrigada, Carolaine. E cuide-se. Você é a próxima da lista de Ian e de

mais alguém que está por trás disso. Mas você também está na lista das pessoas que merecem ser ajudadas, você e a Tiana. Obrigada, Carolaine

Capítulo 19

Katherine

Linda anda para longe, junto com a sua filha, Jaqueline.

O que pensei, realmente, está certo. *Castigo de gangue*. O rosto da mulher foi tatuado porque ela se recusou a matar o marido, que era melhor amigo de Guerrero. Guerrero deve saber disso, com toda a certeza, ele sabe. Provavelmente, esse foi o motivo da sua revolta nessas últimas semanas. Não estava muito dentro desse bairro para saber sobre mortes, na verdade, elas sempre ocorrem, provavelmente eu escutei e nem imaginei que seria algo do tipo.

Volto para o lado de Cassie, que me encara sem entender nada do que aconteceu.

— O que foi aquilo? — pergunta, sussurrando por conta da movimentação a nossa volta. Alguém pode ter visto aquela cena, mas não me importo com isso.

— Castigo de gangue. — sussurro. — Ela deveria ter matado o marido, que era amigo de Guerrero, ela negou e aquilo aconteceu. Estava na fila para pedir remédio ao West e ao Ian.

— Ian?

— Pois é, irmã. Parece que temos um "sub-chefe" aqui. E, ao que tudo indica, Guerrero sabe e não quer nada disso, obviamente. E eu pensando que Ian era apenas ao cara que aliciava pessoas. West seria tão burro a esse tempo? Deixar alguém por trás, comandando?

Cassie pensa um pouco e depois começa a falar:

— Talvez não seja comandando. Pensa comigo, anteriormente, era o Guerrero que ficava ao lado, alguma *treta* aconteceu e eles se distanciaram, com isso, Ian se aproxima. Sendo o mais novo conselheiro.

— Sim! — a suposição de Cassie faz sentido. — Um conselheiro dos conselhos para o seu próprio bem, não para o bem do chefe. Mas pit bull é tão "mente fraca" a esse ponto? Deixar que o comandem?

— Vai ver tudo o que Guerrero era contra, Ian é a favor e mostrou como eles lucrarão com isso. Dinheiro move o mundo, não é o que dizem?

Concordo com Cassie.

— Mas então, a mulher falou a mesma coisa sobre escolher lados. — lembro-me da nossa conversa. — O que é estranho, as pessoas falam com nós

duas tão abertamente.

Cassie segura a minha mão, se aproximando ainda mais.

— Guerrero quer nós duas ao lado dele. Pergunto-me se é porque ele vai com nossa cara ou porque sabe da verdade, quem somos.

— Aposto que ele vai com nossa a cara, a sua, sendo mais precisa. — sorrio para Cassie, que apenas revira os olhos para a obviedade de minhas palavras sobre Guerrero. — Mas ele não vai nos colocar dentro facilmente, precisarão descobrir quem somos mesmo, ver se somos confiáveis, então, depois, ele pode nos aceitar em sua gangue. A nova gangue.

Penso em como será a nova gangue, as regras, os negócios...

— Ei, vocês duas! — um homem grita, fazendo com que todos ao redor nos encarem. — West está chamando.

Assentimos com a cabeça e entramos na casa, escutando os sussurros e reclamações das pessoas que estão na fila, já que passamos na frente delas.

Entrando mais na casa, noto que é um consultório medico, daqueles que tem bairros e em cidades pequenas.

Eu não conhecia esse lugar antes de ele ter sido tomado por West. Sei que era da Sangre Latino, mas não tenho noção de onde as pessoas foram parar. É um território de anos, antes mesmo do meu nascimento. A Sangre Latino se foi e o povo de West está fixa nesse lugar. Em quase três meses, ou seria mais que isso? Vô Yankee sempre esteve atrás de respostas e Javier, *velho imundo*, por aí.

Javier pode ter facilitado à entrada. *Mas se ele facilitou, ele quer ficar com o West?*

A dúvida começa a passar por minha cabeça.

Seria esse o plano? Ficar com o West, tomar conta da cabeça dele usando o Ian? Por isso não houve brigas nem nada? Talvez tenha mais gente da Sangre Latino aqui dentro, trabalhando como espiões ou até mesmo passaram de lado.

Mas se tiver, eles podem me reconhecer. Talvez por isso o Ian tenha tirado a foto.

— Irmãs "Smitê". — pit bull nos cumprimenta, sorrindo como um idiota.

— "Smíf". — corrijo-o.

— "Smiti".

— Som de "F". — Cassie corrige.

— "Smifi".

— Ainda não. — falo, vendo que ele passa a língua nos dentes, como se aquilo fosse um treinamento para tentar melhorar a sua péssima dicção.

— Querem? — ele pega a ponta do seu canivete e coloca dentro de algo parecendo um bloquinho, depois tira e vejo que é cocaína.

— Não, obrigada. — Cassie nega. — Estamos satisfeitas.

Pit bull sorri ainda mais e pega o pó, colocando no nariz. Ele puxa o pó para dentro do nariz e começa a mexê-lo, como se tivesse coçando, logo após, ele estremece e sorri.

— Luiz é o melhor. — ele guarda a droga, debaixo da sua mesa. — Sempre fazendo os melhores.

— São primos, não é? — sento na cadeira.

— Sim. — concorda, esfregando o nariz. — Somos primos. O pai dele era meu tio. Nunca escutaram falar dele? — ele tem admiração no olhar. — Acho que o povo daqui montariam um altar para adora-lo, se Luiz não fosse tão cristão, isso aconteceria.

— Cristão? — Cassie pergunta.

— Eu ainda vou querer ser o padrinho do casamento dos dois. Não é, vampira? Eu e você entraremos juntos na igreja, enquanto Tiana entrará logo após, para o casamento com o Luiz. — *pit bull* olha para mim. — Formam um lindo casal. Luiz não se apaixona fácil, mas a ruiva aí está roubando o coração do meu primo, assim é bom, vamos ver se ele para de achar que o mundo conspira contra ele.

— Mundo conspira?

— Vampira, você é tão nova, não sabe nada da vida. Voltando ao fato de Guerrero ser cristão. Tem aquele mandamento, "Adorar somente a Deus", algo assim. Então, quando o pai de Luiz morreu, quase montaram um altar, quase fizeram dele um santo, o que é uma piada, porque ele era pior que eu.

Até Felipe é pior que você, pit bull, isso não quer dizer nada.

— Ele era tão bom assim?

— Ruiva, desculpe. — ele ri. — Vou parar de te chamar assim, afinal, esse é o apelido do Luiz, apelido de casal.

Olho para Cassie e Cassie olha para mim. Reviramos os olhos no mesmo momento.

— Irmãs "Smitê". — *pit bull* bate palmas. — Deixe-me falar. Sabem o Pablo Escobar? Então, dizem que ele ajudava o povo, o pai de Luiz fazia o mesmo, só que não é o que eu faço. O meu tio não pedia nada em troca, apenas o respeito e silêncio, nada material. A criança precisava de escola, remédio, cirurgia? Ele arrumava. Quando morreu, vítima de uma overdose, o povo o idolatrou. Só que Luiz deixou claro que aquilo era errado e que ele não aceitaria

aquela devoção com um ser humano. Depois disso, eu acabei ficando a frente, montando a gangue do "West". Luiz ainda estava triste pela morte do pai, mas deixei o lugar dele reservado, ao meu lado, para comandarmos juntos.

— E ele voltou para fabricar drogas? — Cassie pergunta, como sempre, nos fazendo de tonta.

— Não. Ele foi para a faculdade, estudou química. O garoto sempre foi inteligente, mas não tão ligado a isso. Só para ter ideia, ele nem estudava, lia uma vez e conseguia passar em provas. Ele deve ter o "QI" bem elevado, apesar de nunca ter feito um teste para isso. Terminou a faculdade com vinte anos, saiu e se especializou nas ruas. Sempre tivemos os mesmos amigos, e eles queriam alguém para fabricar drogas, Guerrero apareceu e está aí até hoje. Bem, se formos pensar pelo lado do bom ser humano, vão dizer que ele é burro por ter entrado nessa vida, mas, cada um faz o que quiser com o próprio rabo.

— Rabo? — franzo o cenho. — Do que estamos falando?

— É maneira de falar, menina. Algo como "Cada um cuida da sua própria vida".

— Pensei que fosse algo sobre... — Cassie sorri. — Você entendeu.

Pit bull sorri de uma maneira tão engraçada que quase me faz rir, mas eu tenho que ser tonta, não simpática.

Só que, no mesmo momento, ele faz um sinal com a mão, como se tivesse dispensando alguém. Olho para trás e encontro Ian, ele me encara e fecha a porta.

— Acho que Ian odeia as duas pela perda do braço. — *pit bull* ri. — Foi insano, meninas. Eu segurei o braço de Ian e "PÁ!". — ele grita, nos fazendo tomar um susto. — Luiz cortou o braço de Ian sem qualquer anestesia. Depois, paramos o sangramento, queimamos o local, fomos até uma enfermeira e ele está aí, odiando as duas mais do que eu e Luiz que cortamos o braço dele.

— E isso é a coisa mais engraçada do mundo? — olho para *pit bull*.

— Sim, é. — dá de ombros. — Porque ele jurava que as duas morreriam naquele teste, claro que eu e Luiz não deixaríamos, mas Ian jurou que as duas morreriam de medo, no entanto, mataram o homem. Parabéns, mais uma vez.

Pit bull sorri para nós duas e forçamos o sorriso.

Ele é bem retardado. Jesus! Como ele consegue liderar algo... Ah, Guerrero ajudava.

— Então, podemos ir? — pergunto.

— Não, vampira. — olha para Cassie — Vou te chamar de "baixinha", porque "ruiva" é para Guerrero.

— "Baixinha" é um apelido brega! — Cassie faz uma carranca.

— Não é nada brega, é genial.

— É brega! — repito o que Cassie disse.

— Não sou brega!

— Você é brega! — grito.

— Oi?

— Tudo bom? — faço uma voz infantil.

— Quê?

— Como? — Cassie pergunta.

— Hãh?

— Como assim?

— Eu amo vocês! — ele começa a rir. — Vocês são perfeitas!

— Ok. — concordo. — O que quer?

— Preciso da ajuda das duas. Não sei o que Luiz pensa de você, vampira. Mas sei de você, baixinha. Você pode ser o amor da vida dele. Quer dizer, eu não sei, Luiz é meio calado para falar de amor, mas ele gosta de você, baixinha, ou ama, paixão, vocês que devem entender essas merdas.

— Legal por você falar disso no lugar dele. — Cassie ironiza. — Se declarar dessa maneira por outra pessoa.

— Oh, baixinha. Você é perfeita para o meu primo e ele percebeu isso e já te quer.

Cara do céu! Pit bull é estranho pra caramba! Ele é retardado, ao mesmo tempo eu quero rir do modo como ele fala.

— Além de dinheiro e remédio ainda faz serviço de cupido? — arqueio a sobrancelha e rio. — Você é doidão mesmo, hein? O sabichão. O rei...

— Não, garotas. — ele levanta da cadeira. — Eu só quero ter meu primo ao meu lado novamente. Preciso de Luiz, os conselhos deles são melhores que o do Ian. Tenho medo de Luiz se rebelar contra mim. Logo eu, que sempre o ajudei.

— E por que Guerrero faria algo assim? — pergunto.

— Ele acha que uma pessoa é inimiga e acha que eu o acoberto. Mas Luiz é o cego, ele não viu o melhor amigo dele fazendo merda, acha que eu fui o culpado junto ao Ian.

Guerrero está certo, você que é cego demais para enxergar coisas óbvias. Idiota, para dizer a verdade.

— Então, minhas meninas. — ele aperta nossos ombros. — Vocês

precisarão me ajudar. Preciso de Guerrero ao meu lado.

— Como é? — eu e Cassie perguntamos ao mesmo tempo.

— Sim. Não quero dividir minha gangue e nem ter brigas, quero tudo unificado. Me unam ao Luiz novamente e eu juro que não teremos mais brigas e vocês duas estarão livres para ir embora, menos você, Tiana, porque meu primo te ama. Olha só "Tiana", "te ama", combina.

Só pode estar brincando. Ou eu escolho um lado ou eu uno os primos. Quero fazer gangue, não cuidar de tretas familiares, afinal, o que mais tenho na minha família, é treta!

— Carolaina e...

— "Carolaine". — corrijo-o.

— "Querola..."

— "Carolaine".

— Tinha nome mais fácil não?

— É muito fácil, você que não sabe falar.

— Vampira e baixinha. Vocês serão as minhas duas amigas que trarão Luiz para o meu lado.

— E se ele não quiser vir? — pergunto.

— Eu só quero mostrar que estou certo e Luiz errado. Ele tem que parar de desconfiar de tudo e todos...

E você tem que parar de confiar em tudo e todos.

— Ian sempre esteve ao nosso lado. Eu sei que errei, mas além de Luiz ser meu químico, ele é o filho do herói dessa gente, meu primo é outro herói, também. Eu preciso dele, Luiz precisa saber disso.

— Você gosta mesmo do seu primo? — Cassie pergunta, ainda cética sobre essa demonstração de amor.

— Eu não gosto dele, eu o amo. Luiz é meu primo, crescemos juntos, apesar da diferença de idade, estamos juntos nessa e ele acha que devemos nos separar, por causa de uma pequena confusão.

E Pit bull fala como se Guerrero fosse o errado. Homem, eu quero bater na sua cabeça até você entender essa merda!

— Mas será que Guerrero não está certo? — olho para *pit bull*. — Será que ele não pode ter acertado um pouco na desconfiança?

— Meninas, como disse, vocês são jovens e não entendem nada do negócio, por isso mesmo eu pedi para que viesse fazer esse serviço, de "reconstrução da amizade". Nesse negócio, desconfiamos de tudo e todos. Mas o

amigo de Luiz era mais suspeito que o Ian. E Ian não é o culpado, eu sou, Luiz precisa entender isso.

— Ian não é o culpado por?

— Como disse, vampira. Você e sua irmã estão aqui para reconstruir amizades e vender drogas, da situação completa, vocês não saberão, não por minha boca.

— E por qual boca saberemos?

— Baixinha. Se Luiz quiser contar, ele conta, mas é assustador, devo dizer. Vocês mataram para sobreviver, não são gangsteres e nunca serão, nem porte para isso vocês têm. Então, dessa história, cuido eu. Agora, vão lá fazer seu papel, reconstrua a minha amizade com meu primo.

Ok, admito. Essa merda aqui está mais difícil do que imaginei. Uma hora juro que *pit bull* é culpado depois juro que ele é só mais um trouxa sendo moldado por Ian, agora essa, ele realmente quer a amizade de Guerrero ou ele quer ferrar com a única pessoa que parece ser legal?

Pois é, Ian, a única certeza é que você está por trás de West e que você é o principal inimigo no momento.

Capítulo 20

Gabriel

Pego a barra de ferro e, mais uma vez, acerto a perna do homem algemado, com os braços para o alto.

— O que Javier quer? — pergunto, mais uma vez.

— Não sei! — ele grita. — Não sei! Ele só disse que era um acordo melhor.

Olho para Ulisses, que apenas pega um alicate.

— Abra a boca dele! — Ulisses ordena.

Pego a luva grossa e coloco em minha mão, logo após, vou até o homem e forço a abertura da sua boca.

Dou um soco em sua boca, fazendo com que ele grite, nesse momento, forço a abertura em sua boca, onde Ulisses usa o alicate para arrancar um dente, depois outro e outro, ao fim, cinco dentes se foram.

A boca do homem jorra sangue. Caindo nos meus braços e no chão. Certamente a hemorragia ajudará no processo da sua morte.

— Se não quer contar, perderá os dentes. — Ulisses se afasta. — Gabriel. — olha para mim. — A fila pode ser formada, avise para os outros, diga que teremos o castigo daqui a dez minutos.

Confirmo, com um balançar de cabeça.

Retiro minha luva e vou até o lado de fora, onde dez homens estão parados.

— Contou algo? — um deles pergunta.

— Não, nada. Ulisses está esperando lá dentro. — aviso.

Os homens entram no local e eu fico do lado de fora, já que fiz minha parte.

Esse homem foi pego conversando com Javier, ele não sabia das câmeras de segurança, que o flagrou no celular, comentando sobre: "Yankee já sabe da verdade". Não é uma grande coisa, sabíamos que tem traidores, Javier não estaria sozinho nessa.

Vou até o banheiro dos fundos e tiro minha roupa, ligando o chuveiro e entrando debaixo da água, para limpar o sangue e o suor do meu corpo.

Nessas últimas semanas eu tenho ficado cada vez mais dentro da Sangre Latino. Ulisses confia em mim, assim como meu avô e o meu pai. No momento,

eu sei das coisas e sou o cara que tortura. Acho que eles me querem com sangue frio, traidores precisam ser motos e compaixão não entra nessa lista dos sentimentos para ter.

Termino de me limpar e visto outra roupa, que trouxe mais cedo. A que está suja eu levo até a fogueira. Acenderam uma fogueira exatamente para queimar os vestígios de uma tortura, da cena de um crime, acerto de contas.

Termino de me vestir e vou até o meu carro, deixando para trás a tortura de um traidor. Agora, eu preciso fazer a parte do plano, uma das partes mais difíceis de todas. Me aproximar de Allan e Luna.

Allan é desconfiado e pensa que vou mata-lo ou entrega-lo a Tom. Nada do que eu fale é capaz de fazer com que ele confie em mim.

Nessas últimas semanas, eu tenho ganhado confiança e desconfiança, afinal, todos tem certeza que eu ajudei Kat e Cassie a fugir. Eles tentam fazer com que eu conte a verdade, Daniel me bateu e Leo também, até Marco me bateu! Meu pai não fez nada, porque ele me entende. Ele sequestrou a minha mãe no passado e escondeu isso de Yankee, ele sabe que ajudo Kat por amor e que estarei ao lado dela para tudo, então, para disfarçar a sua cordialidade comigo, ele pediu para Daniel me bateu. E aquele idiota de merda me espancou mesmo!

Agora parece que passou, porque eu me fiz de coitado, de homem traído que a amada foi embora, deu certo. Sei que se demonstrar saber do plano, eles me forçarão muito, forçarão tanto que sairei da Sangre Latino e perderei armas e tudo mais.

É melhor parecer um fraco e ter aliados, do que parecer um forte e não ter um armamento sequer em mãos.

Pelo que Kat me contou, Guerrero quer algo com Cassie. Jean está bem irritado com essa coisa, ainda não entendi o motivo, nunca foi ciumento e agora acha que a irmã poderá sofrer. Vai ver o lado humano dele resolveu aparecer. Milagres acontecem e eu acredito, porque é um milagre que Kat tenha me beijado.

Paro o carro assim que escuto a notificação de nova mensagem.

Que não seja mensagem de operadora oferecendo pacotes de dados ou para dizer que "50% da minha internet chegou ao fim". Não posso parar o carro por isso.

Sorrio quando leio a mensagem:

"Olá, momolado! Saudades de você. Como está? Então, sem fofura.

*Cara do céu, GUERRERO ESTÁ CAIDINHO POR CASSIE! GUERRERO!
Gabriel, a coisa está confusa, mas esse cara está apaixonado por Cassie.*

Falando sério agora (perdoe-me pela histeria, mas você não viu esse casal, tenho direito de estar feliz por isso), Guerrero parece ser bem legal, na verdade. No entanto, algo acontece com ele e pit bull, infelizmente, estou confusa. Pit bull parece lesado, parece ser manipulado por Ian e quer a amizade do primo de volta; já Guerrero odeia Ian e quer tomar o poder. Ainda estou indecisa sobre pit bull, por enquanto, estou apenas observando para ver o que faremos, mas, nessa guerra toda, prefiro estar com Guerrero. Ian deve ser do outro lado, certeza disso.

Hoje vamos jantar na casa de Guerrero. Então, apenas isso.

Te amo, momolado!

**Apague essa merda de mensagem!''.*

É fofa e depois grossa. Essa é a minha Kat!

Apago a mensagem.

Kat disse que Ian perdeu o braço por culpa dela. Primeiramente, pensamos que ele queria vingança por isso. Agora, do jeito que as coisas andam, ele está do outro lado.

Descobri mais um pouco de West. Aliciador... No entanto, visto como idiota, já que se esconde atrás de tantos homens. Guerrero é visto como uma pessoa normal, agora sei sobre seu pai e devo dizer que ele tem motivos para ser amado. O que deixa Ulisses intrigado, porque se Guerrero fez a droga... Guerrero não faria algo assim e venderia.

Kat e Cassie estão em perigo? Se estou preocupado? Sempre, mas aprendi que Kat e Cassie são boas e estão dispostas a lutar, assim como Jasmine. Jasmine foi ensinada, as meninas aprenderam por vontade própria, o que conta vários pontos a mais.

Volto a dirigir, indo até a casa onde Luna e Allan moram.

Depois de tanto dirigir, chego à porta da casa. Pego o outro celular, o normal, e verifico se tem alguma chamada perdida. Mensagem de Amélia!

Quando vamos matar toda a escória da Nostra? Preciso me livrar de Amélia logo!

"Gabriel, eu tenho fome! Como você compra arroz e não cozinha? Eu cansei de comer pão! Tenho que comer pão e ainda improvisar uma academia nessa casa, para não ficar gorda que nem essa gente feia que mora nesse bairro!"

Eu vou parecer pobre, Gabriel! E sou rica!"

Eu começo a resmungar contra Amélia. *Mulher chata!* E ainda é preguiçosa e porca. Tem gente que é preguiçosa e ainda limpa a casa, ela é preguiçosa e porca, o que torna pior. Ela não sabe lavar prato e nem aprende, deixa a louça engordurada porque não sabe esfregar, tem nojo de comida molhada e deixa a panela lá, por dias, com aquela água. Um dia desses o cheiro podre me incomodou tanto que tive que lavar.

"Ah, Gabriel, você deve arrumar a casa", arrumei por uma semana e cansei! Odeio sujeira e aquilo me irritava, mas eu via o sorriso de Amélia, o sorriso de "Esse otário fez meu trabalho, agora eu sei que não precisarei mais limpar a casa". Então o jeito é viver na limpeza do meu quarto e evitar o resto da casa. Ainda bem que no meu quarto tem banheiro, nem quero ver o outro banheiro daquela casa.

"Surpresa, Amélia. Quer arroz pronto? Compre! Mas para comprar, deve trabalhar. Não quer trabalhar? Se vire! Eu estou feliz com o pão e permanecerei assim!"

Pão? Minha vó Alice e Ísis cozinham muito bem, assim como minha mãe. Se não como na casa delas, compro algo em um restaurante ou cozinho na casa de Jean. Mas para Amélia? Ela que se vire ou morra de fome! *Gosto da segunda opção.*

Bato na porta da casa e Luna abre a porta.

— Olá. — ela sorri.

— Tudo bom?

— Tudo bem, e você? — ela sorri.

É engraçado que, em alguns momentos, ela me lembra Kat. Acho que o mesmo cabelo escuro e os olhos claros, a pele muito branca, pode ser isso. Às vezes ela também lembra Rachel, mas Rachel não lembra Kat. Então, eu acho que sou péssimo em achar pessoas parecidas, porque nenhuma das três tem algo em comum simultaneamente, para que eu fique relacionando com Luna.

— Bem, também. — sorrio para ela. Luna parece ser bem legal, pena que Allan é um grande idiota que pensa que eu quero fazer mal a garota. *Ok, eu faria o mesmo se fosse a Kat e Allan fosse procura-la.*

— Você de novo? — Allan aparece, ficando atrás de Luna.

— Virei sempre, até conversar comigo. Sou insistente.

— Conversa com ele, Allan. Ele é amigo do Ulisses.

— Ele é da Sangre Latino, Luna.

— E daí? Seu pai também não é um gangster?

— E pelo que vejo, alguém tem medo de falar com o pai. — provoco.

Allan me encara.

— E salvará minha pele? — cruza os braços.

— Se me ajudar, por que não?

— Daqui a pouco Gabriel completa um mês que fica vindo aqui querendo saber resposta, o que custa falar, Allan? Quem sabe assim ele ajudará. Ulisses é legal, não traria uma pessoa aqui para nos fazer mal.

Allan fica encarando Luna, depois, ele abre mais a porta, para que eu entre.

— Pensei que completariamos aniversário de um mês que tento falar com você. Um *mesversário*.

Luna ri e Allan apenas resmunga sobre: "Que merda de vida eu tenho".

— Quer tomar algo? — Luna pergunta.

— Ele não quer nada, Luna.

— Quero água.

Luna sorri e sai para pegar a água.

— O que quer, Gabriel?

Ele senta no sofá e eu fico encarando.

— Eu não serei educado, quer sentar? Sente.

— Será que Alex é assim também? — provoco, sentando no sofá.

— Provavelmente, sim.

— Por onde ele anda?

— Você sabe, do outro lado. Se ele é ruim? Duvido, mas ele está lá.

— E você?

— Estive, não mais.

— Por que não?

Ele respira fundo.

— Porque eu não sabia no que estava metido. Descobri quando estava com um cara e esse cara sequestrou duas meninas, foi aí que descobri do tráfico humano. Minha vingança com Milla era por sua família, Gabriel. Acreditei que seu pai matou a minha mãe, estava cego e nem reparei na facilidade com que Milla apareceu na minha vida e me incluiu em sua vingança. Só que Milla me

jogou contra Yoshida também, falando que seu pai, o Fernando, estava junto a ele. Eu conheço os esquemas de Yoshida, quando vi as meninas no carro, liguei uma coisa à outra. Estava trabalhando para Yoshida. Depois, teve a história de Marco e, agora, Luna. Ela estava presa em uma casa cheia de máscaras. Então, Gabriel, entendi que o único culpado pela morte da minha mãe foi Yoshida. Antes que pergunte, voltei para aquela casa onde tinham máscaras e, adivinhe, ela está demolida. Essa é a história de como eu odiava sua família e agora vi que cometi um erro.

— Uau! — finjo surpresa. — Você resumiu bem resumido, mas entendi. Então, qual o problema de ter falado isso antes?

— Por que ninguém me ajuda, Gabriel. Como fariam? Eu maltratei Dianna, a mulher do Tom, porque Ciara estava naquelas filmagens, depois vi Tom e Yoshida... Eu quis vingança usando Dianna. Eu fui para o outro lado e porque vocês me ajudariam?

— Porque quanto mais ajuda, melhor.

— Luna, saia daí! — Allan grita. — Sei que está escutando a conversa, uma água não demora tanto para chegar a um copo.

Luna aparece na sala.

— Só queria dar tempo de resumir sua história.

— Já resumi, agora, tchau. — Allan levanta do sofá. — Pronto, Gabriel, conversamos.

— Não, Allan, queremos ajuda...

— Talvez, quem sabe. — encolhe os ombros, fazendo pouca questão do nosso diálogo. — Saia!

— Luna, eu...

— Não ela. — Allan nega de primeira. — Eu nem sei em quem devo confiar, ainda mais colocar Luna nesse meio.

— Luna é muito importante, não é? — olho para Allan. — Protegeremos...

— Tchau, Gabriel!

(...)

Recebi mais um mensagem, dessa vez, do Nicholas. Ele pediu para me encontrar na entrada do condomínio. Chegando ao portão de entrada, eu já o

encontro, junto ao Dean.

— Estamos indo embora. — Nicholas fala, sem nem ao menos dá o tempo de descer do carro.

— Mas, por quê?

— Tem certas coisas que não fazemos, como trabalhar diretamente com serviço secreto. Gabriel, pensamos que foi somente uma ajuda, para encontrar a família das vítimas, não que seria uma ajuda fixa.

— E faz diferença?

— Cara, nosso pai teve problemas suficientes com essa gente no passado. — Dean informa. — Não esse serviço secreto, outro. Mesmo assim, ele sabe como alguns deles são podres, como se juntam e depois te ferram. Meu pai adoraria ajudar, mas ele tem certeza que isso não acontecerá com vocês. Ele já avisou ao seu pai, então, boa sorte com eles e para você também, espero que tudo melhore e possa ser feliz com sua família.

Saio do carro e me despeço deles com um abraço.

— Se precisar, é só ligar. — Nicholas fala. — Mas pense no que dissemos. Eles podem ferrar com vocês, como ferraram a minha família no passado. Podemos estar errados, já que eles não têm qualquer ligação com o serviço secreto que ferrou minha família, mas se os caras estão trabalhando com vocês, boa coisa eles não são.

Sim, disso eu sei, mas, no momento, querendo ou não, eles me dão informações privilegiadas. Já entrei nisso e sei que o maior problema será sair.

Matar está na minha cabeça, mas matar todos? Acho difícil e, se for pego, pena de morte será aplicado sem dó, já que matarei gente importante.

Quem disse que essa vida seria fácil?

(...)

Como deve estar o jantar de Guerrero com Kat e Cassie? Estaria doido da vida se Guerrero quisesse algo com Kat, ainda bem que é com Cassie.

Desculpa, Cassie, nem sei se isso é bom para você.

— Gabriel, isso não é comida! — Amélia grita, mostrando a coisa estranha no arroz. Parece que a coisa é um mingau, sei lá, não sei explicar. — Esse arroz está uma merda!

— Quem não sabe fazer arroz?

— Eu, Gabriel! — grita. — Eu!

— Porta aberta! — Jean grita, entrando na sala. — Amélia.

— Falta de educação entrar assim na casa dos outros.

— Porta aberta.

— E daí?

— Porta aberta! — Jean grita.

— Seus amigos são retardados. — Amélia olha para Jean, de cima abaixo. — Por isso todos te odeiam, você é idiota!

— Me matarei depois dessas palavras. Doe o meu coração, estou triste e depressivo por não me amarem. "Amélia me odeia, por que, vida? Por quê?".

Amélia começa a espremer e joga a panela na parede, fazendo com que a parede solte o reboco, agora posso ver os tijolos dela misturado com a coisa bizarra que Amélia chamou de arroz.

— Vamos para o quarto, Jean. — chamo Jean, que me acompanha até o meu quarto. — Eu sei que odeia Amélia, mas...

— Cassie e Guerrero? Minha irmã e um fabricante de drogas do lado inimigo?

Encaro Jean com incerteza. *Ele está irritado? Ciúme? Preocupado?*

— Eu sei, mas elas acham que ele é de confiança.

— Gabriel, minha irmã mais nova com um fabricante de drogas. Ela está louca!

— E você também, elas estão bem.

— Gabriel, o que elas farão, hein? Vão ficar amiguinhas? Cassie vai casar com ele? Elas vão mata-lo? Qual o plano? Por que minha irmã precisa disso?

— Ei, calma! — vou até Jean, que está ficando alterado. — Tudo está bem, cara!

— Joga fora. — ele me entrega um pacote. — Eu não posso usar.

— Droga?

— Estou ficando louco, cara. Minha irmã está do lado inimigo fingindo ser algo que não é. Vai dar merda, cara.

— Não vai dar.

— Quem garante?

— Nós dois. — aperto o seu ombro. — Nós dois estamos aqui para ela. Qualquer coisa, a ajudaremos.

— E se não conseguirmos?

— Conseguiremos.

— Elas ficaram loucas.

— Somos loucos, fazemos o mesmo que ela, a diferença é que achamos que somos melhores, não damos qualquer crédito às meninas.

— E acha que elas conseguirão? — repete a pergunta.

— Sendo sincero, acho que o inimigo está mais aqui desse lado do que do outro.

Javier, Benjamin, Yoshida e mais alguns traidores. As meninas lutam da maneira delas, nós lutamos da nossa. Pelo menos eu e meu pai entendemos isso, falta os outros entenderem.

Talvez a gangue de Kat esteja mais próxima de acontecer do que pensávamos. E, quem sabe, ela ajudará muito com seus "parceiros".

Bônus 7

Cassie

— Olha o tamanho dessa casa! — murmuro para Kat, que olha para a mansão do mesmo jeito que eu.

— É maior que a casa dos meus pais! — ela diz. — Muito maior.

Nos aproximamos da casa e o enorme portão abre automaticamente.

— Olha os carros. — Kat sussurra. — Isso vale mais do que tenho no banco.

— Guerrero é rico? — encaro Kat. — Ok que ele fabrica drogas, mas, cara, ele tem vinte e cinco anos e deve ter começado há cinco anos.

— Ele é muito rico. Está feita na vida, Cassie!

— Kat, não comece.

Guerrero deve ser rico, mas o que mais me deixa, como poderia dizer? Encantada por ele é sua aproximação, o jeito que fala comigo, como me entende. Agora, depois de tanto dizer que o odeio.

A vida prega peças.

Olhamos para a escadaria a nossa frente. Tem uma escadaria, daquelas de castelo, à frente.

Cara, eu jurei que você era um gangster da rua.

Uma senhora abre a porta, assim que chegamos à entrada da casa.

— Boa noite. — ela sorri. — Luiz está esperando.

Ela abre mais a porta e entramos. Logo na frente, tem uma escada enorme, que leva ao andar de cima. Um enorme lustre está no centro. Ao lado da escada, noto um elevador.

Seguimos a senhora e chegamos à sala, onde outra senhora está sentada, sorrindo quando nos encontra.

— Boa noite. — ela levanta. A senhora elegante nos cumprimenta, com um beijo no rosto. — Meu nome é Marisa, sou a mãe do Luiz.

— Prazer, senhora. — Kat sorri. — Sou a "Carolaine" e ela é a minha irmã gêmea, Tiana.

— Olha se não é ela? — ela grita e segura a minha mão, depois meu rosto, me analisando. — Bem que o Orlando estava certo. Ela é linda, e olha essa cor de cabelo.

— West está certo?

Do que essa senhora está falando?

— Ah, você o chama de West? — confirmo. — Meu sobrinho é tão idiota. Mas não foi idiota ao falar do amor do meu filho.

— *Madre, por Diós!*

A voz de Guerrero é bem diferente quando fala em espanhol, a sua voz sai mais grossa e rouca que o normal.

Olho para ele, que está vestido com uma calça jeans escura e uma camisa preta. Ele é sempre tão simples.

Olho para Marisa e para ele. Ah, agora vejo que a tatuagem em seu braço é o rosto da mãe dele.

Que bom que a mãe dele é linda, porque, caso contrário, seria uma tatuagem feia para colocar no braço. *Ok, amor de mãe compensa. Desculpa aí, mas nunca tive isso, então...*

— *Hijo, mira a esa chica.* — Marisa faz um gesto com as mãos, como se tivesse feliz com minha presença. — *Muy linda.* — ela me encara e sorri. Depois olha novamente para o filho, que está envergonhado. — *Su padre quedaría tan orgulloso de ver usted enamorado.*

Ela disse: "Filho, olha essa garota. Muito linda. Seu pai ficaria tão orgulhoso em ver você apaixonado".

Apaixonado? Guerrero está apaixonado por mim? Estou em choque. Em muito choque!

— *Madre, por favor, sin histeria.* — faz um gesto, para que a mãe pare. — *No asuste a la chica. Ella, todavía, no sabe sobre mi vida.*

Guerrero respondeu: "Mãe, por favor, sem histeria. Não assuste a garota. Ela ainda não sabe sobre minha vida".

O que não sei sobre sua vida?

— *Mejor, eso demuestra que es la correcta. Perfecto!* — ela sorri ainda mais. — *Ella sabe sobre ese amor?* — ela parece chateada.

Marisa disse: "Melhor, isso prova que ela é a certa. Perfeito! Ela sabe sobre esse amor?".

Sorrio e decido falar:

— *Ahora yo se.* — eles me encaram. — *Hablo español.*

— *También hablo español.* — Kat fala e começa a rir. — Tem uma musica bem legal que é assim...

— Não começa...

Tento impedir, mas já era. Kat já está cantando a música:

**"Estoy enamorado.*

(Estou apaixonado)

Te lo quiero confesar.

(Quero te confessar)

Totalmente ilusionado

(Totalmente animado)

Me la paso pensándote nunca voy a soltarte

(Passei a pensar que nunca vou deixar você ir)

Evidentemente tienes magia

(Obviamente tens a magia)

Tiene la llave de mi corazón en tus manos

(Tens a chave do meu coração em suas mãos)"*

— Meu Deus! Eu amo essa música! — Marisa grita. — Britt, vem cantar!

Não, não pode ser! Sem mais vergonha!

— Eu sei, também amo! — a loira surge do nada. *Estava espionando.* — Vamos cantar?

— Isso só pode ser brincadeira! — Guerrero grita.

— Isso é amor, querido!

— Brittany, pare! — outro homem aparece.

— Marido, deixe-me cantar. Olha esse casal! Eu sabia que tinha algo, sempre acerto. Eu disse que aquele cara estava estranho por causa de um amor de um amigo, e esse é o motivo: Guerrero!

— Vocês falaram em música? Tem uma que amo. — o tal Oliver chega. — *Hay algo en ti, nena.***

— *Que me lleva a la locura!* — Kat grita. — *A la locura!* Amo essa música!

— Você conhece? — Oliver grita. — Vamos cantar juntos, então.

— Vem, Tiana. Amamos a música! — Kat chama.

— Não!

— Cante para seu amor, *nena do cabelo de fogo.* Escute a *morcega.*

— Morcega? — Kat encara Oliver.

— Todos tem apelido, quer dizer, alguns. — Britt responde. — Vamos cantar. *"Mami, mamacita, nena, señorita!"*.

— Por que estão cantando minha música? — uma mulher loira aparece. Olho para Britt e para ela. — Sou a Carmen, mãe dessa coisa e esposa desse cara

esquisito.

— Te amo, minha *nena* linda!

— Por que cantam minha música?

— Pensei em empresta-la ao novo casal. Ciúmes, *nena*?

— Ela é a Tiana do Guerrero? — Carmen abre a boca, incrédula.

— Deus, eu quero enfiar a cabeça em um buraco! — abaixo a cabeça.

— Idem! — Guerrero concorda.

— Imagina os dois no mesmo buraco! — Britt grita. — Hot!

Quente! *Caliente*!

— Por que a festa começa sem mim? — Vicent desce a escada. — Diva Lauren. — beija a bochecha de Kat. — Diva ruiva. — faz o mesmo comigo.

— Vocês conhecem a ruiva do Guerrero? — Carmen pergunta.

— Eu não sou dele!

— Ainda não é! — Britt começa a balançar a cabeça, de um lado para o outro. — A novinha em perigo e o guerreiro salvador.

— Aquela música brasileira, Britt! — Vicent grita. — "Hoje, o Martinho conta uma história real... Lálálá... Bom final... Lálálá... Novinha e guerreiro em um só fundamento". Não sei cantar direito.

— É mesmo, Vicent. Mas essa música não tem um bom final. Esquece isso.

— Parem! — grito. — Quem disse que sou a ruiva de Guerrero?

— Eu! — West entra na sala. — Eu falei sobre isso porque quero que meu primo pare de ser idiota e seja feliz.

— Radar! — Britt grita.

— Radar! — Vicent grita do mesmo modo. — Estou sentindo! Apitando muito!

— Do que estão falando? — o marido de Brittany pergunta.

— Radar, genro. — Carmen bate no ombro do marido de Brittany. — Radar!

— Então. — West pigarreia. — Eu resolvi contar a família, assim, o jantar seria bem melhor.

— West está presente?

— Vampira, somos uma família.

— Uma família de traficantes, fabricantes de drogas, entregadores, uma viúva de governador, um assassino de aluguel, uma ex cafetina, e alguns assassinos por acaso. Não sei em que parte Vicent entra. — Oliver sorri.

— Eu entro em muitos lugares, querido. E deixo que entrem também. Matt, já sabe...

— Os anos passam e essa merda continua. — Matt sussurra.

— Boa noite, pessoas. — Juan entra na casa, acompanhando de uma mulher.

— A mulher de Guerrero? — ela pergunta, olhando para mim. — Guerrero, você escolheu bem!

— Deus, por quê? — grito.

— Sou a Whitney.

— Olá. — tento sorrir, depois de tanta vergonha.

— Então, bela reunião. — Juan olha para todos nós.

— Só não entendi a parte do "viúva de governador". — Kat fala.

— Meu marido, o pai do Luiz, ele era governador. Além de ser desses negócios ilegais, por isso essa casa, os carros. — dá de ombros.

— E eu achando que você era das ruas. — Kat fala em tom de acusação para Guerrero.

— Não falaria assim, sobre meu dinheiro.

— E por que fala agora? — pergunto.

— Para você ver sua futura vida. — West responde. — Ver o que seu futuro marido tem.

Cara, o que West quer? Ele é tão retardado que não sei se é fingimento ou é ingenuidade. Ele parece sincero com o sorriso, ao mesmo tempo ele pode ser inimigo. Te odeio, West. Ainda mais por espalhar para todos sobre essa coisa com Guerrero!

— Orlando, cala a boca! — Guerrero grita.

— O que é? Eu até já falei que serei o padrinho do casamento.

— Imagina a Tiana de noiva? — Marisa tem os olhos brilhando. — Quero conhecer seus pais...

— Morreram. — falo imediatamente.

— Sinto muito.

— Não sinta, não merecem!

— Ok, então. Não sinto nada pela morte dos seus pais. Foram tarde!

— Tiana, podemos conversar? — Guerrero pergunta.

— Eles vão para um lugar sozinhos, Britt.

— Eles vão ficar sozinhos, Vicent. Acho que algo acontecerá.

— Uma troca de salivas. — Kat tinha que entrar nessa merda de

conversa.

— Quê? — Britt e Vicent perguntam.

— Troca de salivas, beijos. Essas coisas.

— Gosto dela. Ela é esquisita, mas é uma esquisita legal. Como você, Britt!

— Vamos voltar ao casal do ano! — Britt grita.

— Um abraço caloroso. — Vicent cantarola.

— Uns *amassos*. — Britt cantarola junto.

— Calem-se! — Juan grita.

— Quando ele grita assim dá uns troços por dentro.

— Vicent, ele é meu pai.

— Whitney é uma sortuda!

Guerrero segura o meu braço e me leva para as escadas, onde subimos, indo até um longo corredor. Não falamos nada, só escutamos as conversas lá em baixo.

— Pronto. — ele abre a porta.

— Isso é o quarto...

— Quarto de jogos...

— Acho que o Christian Grey tem e não é algo muito sociável.

— Quem é esse cara?

— Minha mãe tem os livros e li, é antigo, para falar a verdade.

Guerrero abre a porta, onde encontro uma mesa de sinuca, alguns carros daqueles de jogos — não sei explicar o que é. É uma sala de jogos real, não sexual.

— Ah, entendi. — entro no quarto.

— Então, sobre aquilo de West.

— Me ama? — eu preciso perguntar isso. — Tipo, todos sabem, então...

Guerrero me pressiona na parede. Ele é muito mais alto que eu. Ele me deixa sem palavras, graças à proximidade e o seu corpo que emana calor e... Amei o seu perfume.

— Se eu te tocar, o que sente? — ele segura a minha cintura.

Não sei o que dizer. Não é pavor... Ele me protegeu daquele cara que eu fui entregar drogas...

— Nada de ruim. — respondo, engolindo em seco.

— Então sente algo bom?

— Eu não sei expli...

Guerrero beija a minha boca. Não penso, não imagino o que fazer, eu apenas faço. Beijo-o de volta, na mesma ferocidade que ele faz comigo.

Ele me levanta do chão e volta a me apoiar na parede, onde eu coloco minha pernas em volta do seu corpo, prendo-me mais a ele.

É algo inexplicável.

Provavelmente, porque eu sei que ele me protegeu. Pelo o que ele disse que faria com Giovani. Pelo seu sorriso. Por sua voz. Pela maneira como fala. Pela maneira como me quer ao seu lado e como disse que continuaria me protegendo.

Três semanas, foi isso o que mudou. Três semanas sendo mais próxima de Guerrero e isso aconteceu.

Estamos beijando, em um quarto vazio, onde só temos nós dois. Onde ele poderia se aproveitar de mim. Onde ele poderia mostrar sendo um monstro, porém, estou aqui, com ele. Com o Guerrero. E não tenho medo, longe disso.

— Você está ao meu lado. — ele diz essas palavras sorrindo, olhando para os meus olhos e passando o polegar pelos meus lábios. — Você sabe onde moro, sabe como minha mãe é, sabe um pouco da minha família. Isso não é para tantas pessoas, Tiana. Mas confio em você. Você está ao meu lado, não é?

— Sim, estou.

— Obrigado, Tiana. Eu sabia que seria especial desde a primeira vez que te vi. Isso é algo inexplicável e especial, Tiana.

Meu nome não é Tiana... Eu conheço sua casa, sei onde mora... Poderia atacar caso fosse sua inimiga, mas você está confiando em mim, mas eu? Eu não te contei a verdade.

Sinto-me um lixo agora. Pior que isso deve continuar assim... Ou não?

Olho para Guerrero novamente.

Eu pensei que fosse te odiar, por isso aceitei o plano.

Merda, Guerrero! Eu devo confiar em você como confia em mim? Mas sua vida não é tanto segredo, mas a minha? Eu posso ser a filha do maior inimigo, vai ver eu sou a filha do aliado do inimigo.

Mais uma indecisão na minha vida.

Obrigada, vida. Obrigada por só me dar dificuldade nesses últimos dois anos.

***Estoy enamorado – Wisin y Yandel**

****Hay algo en ti – Zion y Lennox**

Capítulo 21

Katherine

Essa noite está tão louca que não sei o que dizer sobre isso, é pior que os jantares da minha família com a família Bertollini.

West está sorrindo e conversando com a Marisa, a mãe de Luiz. Os outros conversam com todo mundo, enquanto eu só penso no que acontece com Cassie.

— Então, Carolaine, você tem um amor? — Britt pergunta. — Já temos a novinha e o Guerrero, e você?

Eu tenho um namorado secreto, Gabriel Bertollini. Ele é lindo, apesar de novo, já é um homem... E que homem! Por falar nisso: VEM GABRIEL!

Aquele corpo, o jeito como olha e fala comigo... Dá um calor.

Nos falamos por mensagem ou ligamos um para o outro. Sua voz pelo celular é ainda melhor, a minha é ridícula, mas o amor dele por mim é tanto que ele diz: "Sua voz é sexy por telefone". Creio que qualquer coisa que eu faça o excite, o que é bizarro! Ele tem uns diálogos estranhos, um dia desse eu estava dormindo e acordei com sua ligação, então ele perguntou: "O que está vestida?", respondi: "Um short e uma blusa". Então, do nada, ele perguntou: "Qual a cor da sua calcinha?", tipo, quê? Por que ele quer saber disso?

Gabriel falou que nunca fez sexo por telefone, então eu disse que seria fácil, era só ele encapar o celular com algo e enfiar na bunda dele. Ele faria um sexo com o telefone. Então ele disse que era "por telefone, não com o telefone". Como queria escapar da conversa estranha, eu apenas me fingi de ofendida e desliguei.

Diálogo sexual não é comigo, acho que nem o ato em si.

Lembrei que ainda preciso assistir a um filme pornô para ter certeza como o sexo é nojento.

Eu tentei ler livros eróticos, mas não faz meu tipo. Passei o livro todo desejando uma ação ou um terror, eles nunca vieram, porém, perdi as contas de quantas vezes aquele casal fez sexo. *Coisaram* tanto que não sei se um ser humano real faz isso sem parar, sem cansar.

A questão é que o livro não mudou meu pensamento. Então, quem sabe, a imagem muda. Vamos ver. Meu primeiro filme de gente adulta safada. Quer dizer, adolescentes assistem. Então é "filme de gente safada". Sou *safadona*, só não sei se é para tanto.

Eu vi a *coisa* de Gabriel. Um detalhe que não mencionei é que ele estava com a mão naquilo... Bem, existe um *mem*e antigo que é sobre um trem tentando entrar em um túnel pequeno, ele bate no túnel, racha a parede e entra. *É isso o que imagino de sexo com Gabriel, sendo que o túnel sou eu e Gabriel é o trem querendo entrar.*

Amo analogias!

— Então, *morcega*, responda a pergunta da minha enteada. — Oliver pede.

— Chama a "Querolaine" de "morcega"? — *mas gente, o que West quer?*

— "Carolaine". — corrijo-o.

— "Carolaine". — ele fala do seu jeito típico, arrastando um pouco o "laine" e embolando a língua.

— Agora entendi porque você e sua irmã falam "Carolaine" desse jeito. — Vicent ri. — Sabia que amaria vocês.

— Voltando a falar do amor, então, diva Lauren, quem eu devo *shippar* com você?

— Ninguém. — olho para Britt. — Não amo ninguém.

Amo Gabriel! VEM GABRIEL!

— Ah tá. — Britt cruza os braços. — Fique nessa enganação, mas ninguém me engana, sou a rainha dos *shippers*, sempre está certa.

— Nem sempre. — Matt corrige. — Sua filha não está com o Christian, o filho de Whitney.

— Mas ele está com minha outra filha. Querendo ou não, acertei que alguma filha ficaria com o meu lindo Christian.

— Amanda não está com o Christian! — Alejandro grita. — Ela não tem idade para isso.

— Tiana não tem idade e está com Guerrero. Querido, eu devo ser uma das poucas que levou duas décadas e meia para ser desvirginada.

— Você fala desvirginada? — olho para Britt.

— Sim! É uma palavra culta, para gente estudada e elegante. Você também fala isso?

— Sim! — grito. — E deflorada.

— Mesmo que não tenhamos uma flor! — Britt bate palmas.

— Carmen! — Oliver grita. — Tem certeza que não teve uma filha comigo? Essa menina é parecida com Brittany.

— Eu tenho certeza que não. É só mais uma louca entrando na minha

vida.

— Eu não sou louca! — grito para Carmen.

— Você já é louca de estar aqui, nesse jantar. Todos são loucos. Até Alejandro é.

— Eu o quê?

— Pois é, genro. Você é o mais louco, porque está casado com Brittany.

— A senhora é a mãe, então é a mais louca de todas.

— Um dia vão parar de me chamar de louca? — Britt encara Matt. — Não ria, Matthew! Foi você quem levou Camille no hospital pensando que ela estava tendo um AVC, sendo que ela apenas dormiu em cima do braço e ficou formigando. Você foi ao hospital gritando: "Minha mulher está tendo um derrame!", e Camille gritando "Já passou!" e você "Derrame não passa, ele mata ou deixa sequelas!". Você é o terceiro doido, perde apenas para Vicent e o Oliver.

— Qual a coisa de Matthew com AVC? — Juan questiona.

— O que posso fazer se quando alguém fala algo, é um sintoma de AVC? Eu como hambúrguer sem parar até hoje. Minha filha come, Christian também... Somos pessoas com hábitos alimentares horríveis.

— E Christian tem vício em chocolate e coca. — Whitney sorri. — Coca-Cola, no caso.

— Pensei que teríamos mais um cliente. — West sorri, cruzando as pernas.

— West, filho de Deus amado. — Brittany se aproxima. — O senhor está mais lesado que nunca.

— Você é a única que me chama assim e eu não mato.

— Pessoa, eu sou a única que tem coragem de dizer na cara, porque é o que todos pensam de você.

— São parentes? — Cassie pergunta, chegando a sala ao lado de Guerrero.

Vamos lá. Roupa normal, boca normal... Sem vestígios de... Ali. A boca está um pouco inchada. Trocaram salivas! E muitas! *Safadinha! Ou safadona, não sei como está no meio das pernas de Cassie, nem quero ver, apenas saber. Vai que ela experimentou e me conta, será menos constrangedor que assistir a um filme pornô.*

— Não! — Juan responde. — Conhecemos West e ele conhece Brittany, então, é apenas isso.

— Então, o que o casal fez? — Vicent pergunta, mudando totalmente o assunto. — Será que fizeram...

— Estávamos no quarto de jogos.

— Hum... — Brittany prolonga essa palavra. — Será que temos um Christian e uma Ana aqui?

— Não! — Cassie grita.

— Ela sabe o que é! *Safadinha!*

— O que é, Brittany? — Alejandro pergunta.

— Um personagem de livro, mas eu juro que, quando leio, penso em você.

— Camille também lê essas coisas, tentei mostrar a variedade de livros legais, mas ela gosta de romance, o melhor é o resumo dela, que me faz escutar aquelas baboseiras infinitas.

— Baboseiras? — Oliver bufa. — Disse o homem que chorou quando Camille saiu com Jennifer e o caçador. Já me contaram sobre aquele dia.

— Oliver tinha que vir? Ele é como Brittany e Vicent!

— Matthew, se meu marido sai, eu saio. Se eu saio, Vicent sai. Se Juan diz que sairemos, Oliver sai junto e Whitney também. Se Oliver sai, Carmen vai atrás. E o que você faz aqui?

— Camille viajou para um passeio com nossa filha, alguma merda escolar com as mães. Christopher está viajando com Enrique e Jessica, Jennifer disse que virá com Carlos. Meus pais estão de férias. Então, eu ficaria sozinho? Não! Vim atrás porque não tenho nada melhor para fazer.

— Nada melhor para fazer. O melhor mesmo é ficar com traficantes? — pergunto ao Matthew.

— Eu fiz coisa pior. Entrei em uma confusão que nem minha era e matei um homem para salvar meu primo. Faria uma tatuagem em meu braço com uma cabeça sendo perfurada com uma bala, de tanto orgulho que fiquei. Mas Camille foi contra, disse que é uma tatuagem feia.

— E o idiota ainda achou que Jess te daria Drew como afilhado. Matar não é nada perto do que fiz. Eu passei a maior parte do tempo cuidando de Drew e ainda levei um tiro por ele.

— Não o salvou...

— Levei um tiro tentando salva-lo do sequestro, isso conta, Matthew.

— Eu matei, salvei o pai de Drew, conta muito mais!

— Não conta não! Eu sofri...

— Você deu em cima do médico que hoje é seu marido, você se deu bem.

— Um presente de Deus por eu salvar uma criança!

— Quebra esse argumento, Matthew! — Oliver sorri. — Difícil, né?

— Repararam que falamos tanta coisa e nem sabemos mais o que era? — Marisa sorri. — Eu amo quando todos se reúnem. Ainda mais com o amor do meu filho e a cunhada dele.

Pelo menos a sogra de Cassie é bem legal... *Sogra? Eu estou como essa Britt juntando casais.*

— De nada, Luiz. — pit bull parece genuinamente feliz. — Se não fosse por mim, isso não aconteceria.

— Fico surpresa do seu esquema estar vivo até hoje. — olho para pit bull. —Fala demais.

— Estamos entre amigos, vampira.

— Eu já virei amiga?

— É a irmã da namorada do meu filho...

— Namorada? — Cassie arqueia a sobrancelha para Marisa.

— Vocês se beijaram...

— Nem sempre beijo quer dizer namoro, mãe.

— Na minha época eu beijei Alejandro e já dizia que ele me amava, que eu era a mulher dele. Os casais de hoje em dia estão lentos.

— Eu transei com Camille em uma noite e a comprei logo após. — todo mundo escuta o sussurro de Matt. — É uma linda história de amor, não me julguem sem saber a história toda.

— Sabemos da história e ainda te julgamos, Matt. Pelo menos, o início da história.

— Alejandro...

— Matt não tem respostas! — Vicent bate palmas. — Sabe que Alejandro está certo.

— Então, não vão namorar? — Marisa volta a perguntar.

— Ainda não.

— Ainda? — sorrio para Guerrero. — Tem que pedir a minha bênção.

— Cala a boca, gêmea!

— Falando a verdade, apenas.

A conversa volta ao normal e eu observo o comportamento de todos. Guerrero não tira os olhos de pit bull, enquanto pit bull parece alheio a isso, ele conversa normalmente com Marisa e os outros. *Fingindo ser amiguinho?*

Os outros também estão normal, só Brittany, Carmen e Vicent que olham para pit bull e depois sorriem.

Eles falaram algo sobre "radar" quando pit bull apareceu. O que isso quer dizer? Radar de pessoa ruim? O que é isso? Eles sabem de algo, quero saber também! Estou sedenta por essa informação.

— Então o pai de Guerrero era governador? — pergunto, depois de jantarmos.

— Sim, não são todos que sabem. — Marisa responde. — O pai de Luiz veio de um lugar pequeno, então, são poucas pessoas que sabem o que acontecem lá, o mundo não é interessado por aquele lugar. Ele sempre foi amado pelo povo, por isso mesmo, Luiz nunca foi metido, se assim posso dizer. Ele andava com qualquer pessoa que ele quisesse, assim, ganhou o respeito do povo também, como o Orlando. Quando o pai de Luiz morreu, de overdose, ainda bem que eu parei de usar drogas, nós ficamos lá por algum tempo, depois meu filho saiu para a faculdade, Orlando entrou nos negócios... Hoje estamos aqui.

Ela era a primeira dama do tráfico? Uma gangster?

— A senhora foi uma gangster? — pergunto.

— Senhora? — ela ri. — Querida, eu só tenho quarenta anos. Engravidei com quatorze anos, não tinha preocupação naquela época. Fui membro de uma gangue, apaguei a tatuagem quando conheci o pai de Luiz. Ele formou a dele que hoje está com o Orlando. E não, apesar de Orlando falar "gangue do West", isso não quer dizer nada. O nome era esse mesmo, por causa do segundo sobrenome do meu marido. Todos falavam "gangue do West", então pegou. Orlando fala que é dele por puro egocentrismo.

Olho para West que sorri. *Eu não sei o que pensar dessa criatura! Marisa parece gostar dele, já Guerrero...*

— Eu era de uma gangue, depois me casei e comecei a comandar. Existe algo bem louco sobre mulher comandar, a maioria não te dá qualquer credibilidade e ainda colocam estupro nas ameaças, usam o sexo para tentar te rebaixar. Isso me atingia? Fui criada nas ruas, nada daquilo me atingia. Eu apenas pegava minhas armas e ia à luta. Comandando a zona Norte do lugar. Eu ia à casa de qualquer traidor, de qualquer um que roubava a mercadoria ou dinheiro, e via a tortura de perto, dependendo da minha raiva, eu participava.

Ai meu coração!

Minha heroína! Estou falando com uma gangster! Uma mulher gangster! Eu nunca tinha visto algo assim de perto. A Nostra nunca aceitou mulher, a Sangre Latino usa algumas apenas para a entrega, assim como a M-Unit. As mulheres não tem tanta participação, mas olha a Marisa.

Gangster!

— Essa vida é difícil, meninas. — olha para mim e para Cassie. — Principalmente para vocês, que são jovens. Mas se estão aqui, é porque passaram no teste e devo dar os parabéns. São mais fortes do que demonstram ser. — ela levanta da poltrona. — Venham comigo.

— Nós duas? — Cassie olha para mim.

— Sim, as duas.

Olho mais uma vez para Cassie ela está um pouco desconfiada, mas seguimos Marisa até uma sala, quando ela abre, vemos que é um escritório. Quase igual ao lugar onde acontece a reunião da família Bertollini e Vesenti.

Entramos no local e Marisa mexe em algo, travando a porta.

Marisa senta em uma cadeira, atrás da mesa, depois, ela indica as cadeiras à frente da mesa, onde eu e Cassie sentamos.

Não posso dizer que estou bem com isso. Estou nervosa, para falar a verdade.

Marisa parece uma pessoa poderosa, ainda mais agora que sei que ela liderou uma parte da gangue e que, antes disso, já era uma gangster.

— Gosto das duas. — ela diz. — Comecei com onze anos. Traficava por causa do meu pai. Ele estava drogado na maioria das vezes e as drogas não se venderiam sozinhas, se nada fosse vendido, era eu quem sofreria. Então comecei a sair nas ruas para vender. Odiava o que escutava e comecei a me drogar, para esquecer tudo. — ela coloca os cotovelos em cima da mesa, inclinado o corpo para frente. — Sei que a história das duas é completamente diferente. Luiz me contou a verdade, que cortaram o braço de Ian, eles perderam mercadoria. Coragem a de vocês, muita coragem.

Aqui está frio ou é impressão minha?

— No entanto, é estranho duas meninas armadas. Pelo o que saiba, aqui, nesse país, é proibido portar arma branca, canivete é arma branca proibida, até onde sei.

— É uma arma de defesa. — falo. — Como sabe, precisamos disso.

Marisa sorri.

— Sei, entendo. Orlando é meu sobrinho, não de sangue. Luiz jura que Orlando o traiu, mas duvido muito. Vocês viram, Orlando já espalhou sobre meu filho gostar de você, Tiana. Orlando é um amor de pessoa, ele é lerdo. "Ah, ele lidera uma gangue, Marisa". Tem algo que acontece em minha gangue que eu desprezo. Sim, meninas, minha gangue. O lucro ainda vem para o meu bolso. São poucos que me conhecem e, se conhecem, é porque são importantes.

— Somos importantes?

— Sabe que tem um ditado popular assim: "O corno sempre é o último a saber"? Pois então, ao que tudo indica, pessoas estavam sendo aliciadas por minha gangue. O homem que mataram, por exemplo, estava no meio dessa confusão de aliciamento. Pessoas estavam sendo retiradas de casas e tudo mais. Eu sabia disso, mas não sabia que minha gangue estava envolvida, tanto que nunca investiguei antes, porque jurava que não era nada relacionado comigo. Orlando faria algo assim? Não sei. Eles fizeram com você, mas as duas ferraram o meu lucro.

— Desculpa...

— Não se desculpem, Ian perdeu o braço e isso vale mais que aquelas drogas. Então, meninas, desconfio que Orlando está sendo manipulado e que querem tomar meus negócios.

— Por que West está à frente, sendo que ele é tão manipulável? — Cassie pergunta.

— Nem sempre foi assim. Orlando gosta de status e fez essa merda com roupas, mas veste e usa quem quer. Orlando era bom, se não essa gangue já teria terminado há anos, meu filho também ajuda, claro. Só que algo acontece, Orlando está mais drogado que nunca. Eu parei de usar há anos, mas Orlando? Ele começou a usar mais nesses tempos. Luiz descobriu sobre isso e agora vemos de onde vem essa lerdeza de Orlando. Misturando tudo. E pensamos que Ian dá algo misturado, o que deixa Orlando pior.

— Mata o Ian. — falo.

— Só o Ian? Quero saber quem está por trás disso. Luiz desconfia do primo, mas meu filho é meio rancoroso. Ele está possesso com a ideia do próprio primo tentar ferrar com nossa vida, então ele fica desconfiado. Eu tento ficar calma e olho as coisas de outro modo. Vejo que Orlando é facilmente manipulável e que meu filho criou algo perigoso e que vale muito, por isso, estamos sendo visados e Ian está lá para nos roubar.

A droga que mata?

— Então, gêmeas, só queria deixar as duas sabendo sobre isso. — ela levanta da cadeira e pega algo em seu bolso da calça, depois, me entrega. — Aqui o dinheiro que deu a Linda. — ela sorri. — Um teste para ver a sua comoção com o caso dela.

— Então era tudo mentira? — pergunto e ela sorri.

— Infelizmente, não tudo. Ela realmente tinha que matar o marido, mas não foi o Orlando que mandou, foi o Ian. Orlando estava quase desmaiado no momento, quando acordou, meu filho ficou irritado e, bem, mais tretas na

família.

— E como sabiam que eu iria até a Linda?

— Se você fosse boa mesmo, ficaria intrigada com aquilo. Poderia demorar, mas uma das duas perguntaria algo. Então, Linda jogou a coisa do remédio e deu certo. Você a ajudou. Tome o dinheiro.

Pego o dinheiro em sua mão.

— Se bem que eu acho que de onde veio essas notas, tem muito mais.

Olho para Marisa, que passa a língua nos lábios, sorrindo, depois, senta na cadeira novamente.

— Tem muito mais, Katherine Vesentini e Cassandra Ferrara.

Merda!

— Eu jamais deixaria duas desconhecidas entrarem em minha gangue, fiz minhas pesquisas, meninas. Antes de vocês colocarem Tiana e Carolaine no mapa. Não se preocupem que só eu sei, eu que dei uma ficha falsa, que já peguei de volta porque suas informações falsas não bateram com as minhas.

— O que fará com nós duas? — Cassie pergunta.

Meu coração bate rápido e meu estômago embrulha, com o medo do que está por vir.

— O que posso fazer? — ela sorri e orelha a orelha. — Apenas darei a boas vindas nos meus negócios. A verdadeira chefe dará as boas vindas. Vocês não são as inimigas, meninas. Sei o que querem, aliados. Gosto de meninas que mostram o que querem e lutam por isso, eu pesquisei, como já disse. Então só posso dizer isso. Bem-vindas Katherine Vesentini e Cassandra Ferrara.

Bônus 8

Marisa

Tempos atrás

— Bom dia, Teresa. — cumprimento a minha amiga, que trabalha em minha casa. — Luiz já saiu?

— Sim, Mari. — ela beija a minha bochecha. — Aconteceu algo e ele teve que sair.

— Ainda pergunto quando a senhorita vai parar de trabalhar e aceitar a aposentadoria?

— Nunca. Mari, você salvou a vida do meu filho.

— E você ajudou a criar o meu, não precisamos disso, já falamos.

— Não, Mari. É uma honra trabalhar com você.

Teresa é a mulher que conheci quando meu marido, Lucio, começou a montar a gangue dele. Teresa era a esposa de um dos compradores, só que, uma vez, ela apareceu com o rosto todo machucado. Eu, que sempre fui afrontosa, fui até a casa daquele ser desprezível para saber o que estava acontecendo. Resumindo: ele levou um tiro no estômago e sangrou até a morte por ser um imundo que maltratava esposa e filho.

O filho de Teresa precisava de uma cirurgia no estômago, naquela época, minha vida já estava melhorando, então a ajudei. Ela está ao meu lado até hoje e o filho dela também.

— Então, preparada para a noite? — Teresa pergunta e eu encosto a cabeça em sua barriga, onde ela alisa meus cabelos.

— Teresa, tem momentos que odeio o que faço, principalmente isso.

— Mas é preciso. Precisa descobrir o que acontece.

Afasto-me dela.

— Vem comigo? — pergunto. — Por favor?

— O que não pede que eu não faço?

— Parar de trabalhar...

— Mari...

— Ok, Teresa. Não falo mais nada.

Teresa vai junto comigo até o elevador. Quando entramos, digito alguns

números e ele desce, logo após, abre a porta.

— Qual? — Teresa pergunta, olhando para a quantidade de armas que temos aqui em baixo.

— Deixe-me ver. — coloco o dedo no queixo, pensando na melhor arma. — Isso aqui.

Vou até uma caixa e vejo alguns anéis.

— Venenos. — Teresa pega o anel. — Só tirar essa pedra e...

— E furar a pessoa. Temos Belladonna aqui, uma planta que poderá nos salvar. Só furar e quando entrar na corrente sanguínea, já era! Só poderemos usar se for necessário, caso contrário, infelizmente, ele permanecerá vivo, afinal, ainda precisamos descobrir mais sobre ele.

— Então. — Teresa sorri. — Preparada para dar orgulho a uma pessoa?

Sorrio para Teresa. — Sim, estou preparada.

(...)

— Senhoras. — o velho beija a minha mão e a de Teresa.

— Senhor. — o cumprimentamos.

— Lucio tem uma bela mulher. Tinha, desculpe.

— Meu marido não saberá disso. — sorrio para ele, tentando ser simpática e pondo de lado minha vontade de mata-lo aqui, nesse restaurante.

— Não saberá. — ele sorri, de maneira galanteadora. — Então, soube que os negócios estão com o West.

— Sim, está. Eu não posso aparecer, como você sabe.

— Sei. — ele coloca o celular em cima da mesa e dispensa o garçom que estava se aproximando. — Preciso de sua ajuda para algo. Seu marido, como sabe, sempre foi o nosso parceiro.

— Claro, Benjamin. — *quando eu matar você e os outros... Eu odeio sorrir para você!* — Qual a ajuda?

— Na verdade, duas.

Concordo, ainda pensa na cara de pau dele.

Juntou-se com Javier, da Sangre Latino, quiseram me roubar e matar meu marido, e ainda pedem ajuda? Eles dizem que me deram território, mas não, eles querem me colocar na linha de frente do ataque para que eu e os meus morram,

mas não conseguirão. *Não comigo.*

— Fale. — peço.

— Preciso que tomem mais territórios, para que as vendas melhorem.

— Qual o preço, Benjamin?

— No momento, nenhum. Apenas retomar o território para a Nostra Ancoma.

— E o território será meu?

— Tudo para as duas belas damas. — sorri para mim e para Teresa. — Nos juntaremos. Faremos acordos. Suas drogas, minhas armas.

— Segundo pedido? — adianto a conversa.

— Preciso descobrir quem fez uma droga altamente perigosa. Senhora Guerrero, a droga pode nos ajudar muito.

Luiz Guerrero... Meu filho.

— Ajudar? — faço-me de desentendida.

— Sim. A droga mata de maneira diferente. Ela é especial. Um garoto nos deu uma quantidade, mas já terminou, preciso de mais.

— E o que quer que eu faça?

— Quero que coloque alguém para procurar quem fez ou quem vende.

— Benjamin, você não tem aliados?

— Tenho, mas estão ocupados. Por isso preciso de ajuda. Você e eu, Marisa. Nós dois dominaremos o continente com nossa união. Nós dois. — ele pega a minha mão e beija. — Eu e você, Marisa.

Luiz, que merda você foi inventar de fazer?

Tempos depois

— Roubaram! — Guerrero grita. — Roubaram a minha droga e venderam para essa gente.

— Mas o Orlando não faria isso.

— Mas fez, mãe, ele fez.

— Mas Benjamin não sabe quem foi. Acalme-se, certo? Ninguém descobrirá sobre isso. Ele sabe que você faz droga, não que cria. Muitos fazem isso, ele não saberá que foi você.

— Eu sabia que isso escaparia, que procurariam o fabricante. — Luiz começa a andar de um lado para o outro. Meu filho odeia a sua criação, sabia que seria uma arma na mão de gente errada.

— Luiz, acalme-se. — tento tocar no meu filho, mas ele se afasta.

— Eu não estou irritado com o roubo da droga, e sim por Orlando nos trair.

— Algo acontece, filho. — toco o seu rosto e faço com que ele olhe para mim. — Algo acontece e nos colocaram no olho do furacão para morrer. Só que nós sabíamos disso e aceitamos o desafio, por vingança, Luiz. Benjamin tentou acabar conosco junto com Javier, eles jogaram a culpa em cima de Yankee, mas sabemos que foram Benjamin e Javier que quase mataram boa parte da nossa gente naquele ataque. Sabemos que são eles que aliciam e pegam as vítimas, eles jogam a culpa em nós. Nós sabemos, Luiz, que eles querem acabar conosco e tem gente deles aqui, ao nosso lado, mas Orlando não é esse cara.

— E se for?

— Mataremos, mas sei que não é o seu primo.

(...)

Entro na sala de Orlando e a cena embrulha meu estômago. É como se eu visse meu Luiz transando.

— Orlando! — grito.

Orlando dá um pulo para frente, subindo as calças. Ian faz o mesmo.

— Preciso falar com ele, a sós. — olho para Ian. — Saia!

Ian passa por mim e sai da sala.

— Tia...

— Orlando, com o Ian? Pelo amor, sobrinho! Quer ser gay? Seja com um homem normal!

— Não sou gay! — ele e suas negações chatas.

— Como é chamado o homem que está debruçado enquanto o outro transa com ele? Mudou de nome, Orlando? Pra mim sempre foi chamado de "homossexualismo", "homem gay".

— Eu não sou gay! Só experimento, às vezes.

— Há mais de vinte anos? — cruzo os braços. — E mulher, já

experimentou?

— Tia, o que veio fazer aqui?

— Falar sobre Ian e sobre você.

— Não falaremos disso novamente.

— Falaremos sim!

— Tia...

— Não me faça tirar meu salto e enfiar em você, será bem doloroso, Orlando West! — esbravejo e ele se cala. Recomponho-me, ajeitando meu óculos escuro. — Vendeu as drogas de Luiz, a nova?

— Eu, não. Luiz não quer...

— Alguém pegou, Orlando. Venderam a droga do Luiz e, pelo que me contaram, é a droga que ele criou.

Orlando abre a boca e fecha duas vezes, ele não sabe o que dizer.

— Eu... — ele senta na cadeira, paralisado. — Eu quis vender, mas... Mas Luiz negou. Nos falamos um dia desses e ele ainda negou a venda. Não passaria por cima das ordens dele.

— Quanto tempo você está se drogando?

— Quê?

— Quanto tempo, Orlando? Não tenho paciência para drogado que jura não ser viciado. Anda e me responde!

Orlando abaixa a cabeça.

— Desculpa...

— Não peça desculpa. — vou até a sua mesa e coloco o dedo em sua cara. — Darei duas semanas, se essa merda não parar, você sai dessa cadeira e Guerrero ficará definitivamente no seu lugar, querendo ele ou não.

— Até prefiro...

— E você sumirá da minha vida.

— Tia...

— Você sumirá da vida de todos, não falo da morte, Orlando. — abro a minha bolsa e retiro a foto de um dos traidores, com o corpo todo ensanguentado e desfigurado. — Está vendo isso, Orlando? Esse homem aqui sofreu por vinte minutos e morreu. — jogo a foto na cara de Orlando e ele se afasta. — Falo sobre um exílio. Você sozinho para todo o sempre. Ian está do outro lado e usa essa sua paixãozinha para te manipular. Ian é um dos inimigos, aqueles inimigos que viemos lutar contra. Acorda, Orlando! — grito e bato em sua mesa. — Ou te darei muito tempo para descansar, sozinho, no meio do nada, onde terá que se

virar para arrumar um alimento e rezar para morrer logo, porque a morte será melhor que esse castigo. Pensa nisso, Orlando.

Quando viro para sair, Orlando me chama.

— Algo aconteceu. Eu esqueci...

— Fale, Orlando! — ordeno.

— Essas duas meninas apareceram, aqui. Elas até atingiram Ian com uma faca.

— Elas já têm meu respeito.

— Destruíram a mercadoria e...

— Fala! — grito.

— Só aquele líquido alucinógeno foi salvo, perdemos o resto. Como punição, pedi para que elas trabalhassem nas entregas...

— Orlando, como coloca duas meninas na jogada?

— Aqui está. — ele me entrega dois papéis. — Pesquise pela vida delas, assim, saberá o que fazer.

Olho para os papéis e sorrio, ao ver as cópias das carteiras de identidade das duas.

Não, não pode ser.

Sem chance que essas duas são Tiana e Carolaine Smith. Jamais seriam. Eu conheço essas duas, pesquisei sobre as famílias.

— Ok, Orlando. — guardo os papéis em minha bolsa. — Faça o que mando e continuará tendo boa vida, desvie o caminho e eu escreverei o seu destino da pior maneira possível.

Antes do jantar

— Então Luiz está apaixonado por Cassandra Ferrara?

Confirmo.

— E, pelo que sabemos, Benjamin e Javier são contra a família da Cassandra e da Katherine. As duas meninas apareceram do nada e já mostraram para o que veio, matou aquele estuprador com quatro facas, de uma única vez. Marisa, e se elas estiverem...

— Elas estarão ao nosso lado, porque temos o mesmo objetivo, acabar com Benjamin e Javier.

— E os Bertollini, Vesentini, Sangre Latino...

— As meninas não farão nada se eu ajuda-las, ainda mais se Cassandra gostar do nosso filho. Elas serão boas, eu sinto.

— Sempre tendo intuições e a seguindo.

— Se não fosse minha intuição, Benjamin te mataria, mas eu simulei sua overdose e você está vivo. Então, se digo que Cassandra e Katherine ficarão ao meu lado, elas ficarão ao meu lado. Vou protegê-las, gosto delas sem nem ao menos conhecer.

— Se tiver errada? Se elas estiverem aqui para acabar conosco?

— Três semanas e nada aconteceu. Luiz já colocou as duas dentro daquele apartamento e nada continua acontecendo. Eu saberei o que fazer na nossa conversa, mas até Juan e a família dele gostaram das meninas.

— Certo, Marisa. Mas e o nosso filho? Ele saberá sobre Cassandra? A verdade sobre ela?

— Não. Elas começaram mentindo, tenho que saber a verdade primeiro.

— Deixará que uma garota engane nosso filho?

— Marido, você enganou Luiz por seis anos, ele pensou que o pai tinha morrido. Você só apareceu quando ele terminou a faculdade e chegou em casa, você o colocou nesse negócio e quer que ele vingue sua possível morte. Então, Lucio, não julgue Cassandra e Katherine. Eu e você somos as últimas pessoas da terra que poderão julgar alguém.

— Pelo que vejo, minha esposa já ama a nora.

— Ela faz o nosso filho sorrir, Lucio. Você viu como ele está. Luiz até falou sobre "a ruiva difícil e engraçada". — o abraço. — Se ela for a garota certa, a protegerei e a ajudarei com a vida e com o Luiz.

— E se não for?

— Matarei.

— Saberá o que fazer no jantar?

— Se elas me parecerem boas, chamarei ao meu escritório e falarei a verdade, que sei sobre elas. Se não parecerem boas, o jantar acabará e elas irão embora. Avisarei ao Orlando que elas jamais poderão voltar para o nosso bairro e nós nos mudaremos para outra casa, porque, se elas quiserem atacar, não estaremos mais aqui. — pulo e abraço o meu marido, mais uma vez, tentando anima-lo. — Lucio, Katherine deu dinheiro para Linda, só para ela não se humilhar ao Ian. Isso é...

— Isso é essencial para que você goste de alguém. — Lucio imita a minha voz. — Ok, Marisa, as decisões estão em suas mãos.

— Você vai ver. Essas meninas ficarão tão fortes que você as confundirá comigo. E Luiz precisa de alguém forte ao lado. Guerrero, querendo ou não, é o futuro chefe, precisa de uma Cassandra forte para ficar com ele. Ela aprenderá comigo, Katherine também aprenderá. Duas garotas fortes e da minha confiança, o que preciso muito nesse tempo.

— Ok, primeira dama. — ele beija a minha testa. — Mostre para que veio para esse mundo.

— Mostrarei quando Javier e Benjamin, junto com a gangue dele, estiverem mortos a minha frente. — beijo o seu queixo. — Eu não vejo a hora de matar o Ian. Eu já amo essas meninas só por elas terem dado a infecção para ele.

— Vá lá, Mari. Seja a mãe simpática e veja o que as meninas querem nesse jantar.

— Marisa Guerrero está de volta e, dessa vez, com a neta dos inimigos sendo minha aliada. Isso será maravilhoso, Lucio. Será esplendido!

Capítulo 22

Katherine

— Não falarão nada? — Marisa pergunta.

O que falar? Estou no território inimigo e ela conhece a minha verdade e a de Cassie. Mesmo que Marisa esteja sorrindo, ainda não sei se essa atitude é algo bom.

— Eu não sei o que dizer. — olho para Cassie e procuro alguma ajuda, mas ela está como eu. Paralisada, com a boca aberta, sem saber o que fazer.

— Então, meninas. — Marisa levanta da cadeira, ajeitando a sua roupa. — Como eu disse, são poucas pessoas que me conhecem, certamente os seus pais e avôs não fazem ideia que trabalho a frente dos negócios. Entendam, como o Yankee, eu não coloco meu rosto nos negócios, nem meu nome. Não quero me tornar um "mito", quero me tornar a melhor sem mostrar minha face, muito melhor.

Realmente é, afinal, Yoshida faz isso muito bem e está até hoje nisso.

— Então somos netas dos inimigos e...

— Cassandra, minha querida. Eu sou esperta, não quero ser egocêntrica, apenas verdadeira. Quando Orlando me falou sobre as duas, ele me deu a cópia das suas identidades, eu as reconheci porque eu deveria pegar, pelo menos, Katherine. — aponta para mim. — A proposta foi feita e aceitei, como sempre aceito. No meio de todas as investigações, eu logo encontrei as amizades e a foto da Cassandra apareceu, então, conheço as duas. Quando soube um pouco da história, que foram pegadas por Orlando, passou por alguns segundos a suspeita de que são inimigas, mas, olha só, Benjamin e Javier querem acabar com a Nostra e a Sangre, você, Katherine, é muito ligada à família, por que estariam aqui a favor de Benjamin e Javier? Então acreditei e ainda acredito que o destino trouxe as duas para o meu lado.

Engulo em seco. Sinto a vontade de pedir para desligar esse ar frio da sala, porém, fico calada, tentando demonstrar força.

Eu nunca pensei que sentiria medo, eu nunca senti medo de Orlando. Mas olha a Marisa, como ela sorri, como parece que tem o mundo nas mãos.

Ela dá calafrio. Antes não dava, agora dá.

— Então, o que quer? — pergunto.

— Meninas, podem se soltar, fiquem alegres, não farei nada contra vocês. Eu tinha um objetivo nesse jantar, ver como são. Ninguém pediu para ir

ao banheiro para bisbilhotar a casa, ninguém veio armada, eu tenho detector, só para saberem; ninguém fez perguntas indevidas. Perguntaram do meu marido, com curiosidade, o que mostra que não sabem nada da minha vida. E estão surpresas por me verem a frente dos negócios. Essa parte eu fico indecisa. Não sei se fico feliz por estarem surpresas ou chateada...

— É que nunca vimos uma mulher à frente. — falo. — Sabe como é a Nostra e a Sangre Latino.

— Mulheres não entram ou só servem para entregar e entreter. Típico. — sorri. — Então, temos os mesmos inimigos, Benjamin e Javier.

— Ele quer que você nos mate, certo? — confirma. — E por que não fará nada disso?

— Ele e Javier tentaram acabar comigo. Já ouviram falar que a minha gangue sequestra pessoas? Invadem casas? Pois é, meninas, como mesmo disse, eu não sabia que aquilo seria minha culpa, mas Benjamin se juntou a alguns dos meus e começou a fazer essa merda. Descobri, me fiz de sonsa e Javier me deu esse território, tirando alguns deles dessa área. Por isso temos as casas e só os nossos estão dentro. Aceitamos para ficar mais perto.

— Por que não termina logo com ele? — Cassie pergunta.

— Seria maravilhoso, mas tenho certeza que tem muita coisa por trás. Se eu matar Javier ou Benjamin, os outros ficarão livres porque não terei mais quem seguir.

— Então você segue?

— Não, Katherine. Nós tentamos, mas eles são espertos e sempre escapam. Tem momentos que achamos que o pegamos, quando vou ver, é outra pessoa.

Máscaras. Não sei se é o momento para contar a verdade, ainda não sei se posso confiar na Marisa.

— Pois então. — Cassie pigarreia. — O que acontecerá conosco?

Marisa vai até Cassie e alisa seu longo cabelo.

— Eu amo seu cabelo. Na minha época de jovem, eu tive o cabelo dessa cor, azul e colorido. — ela solta o cabelo de Cassie. — Quando Orlando começou com a história de "Luiz está gostando da Tiana", eu pensei em querer acabar logo com isso, afinal, você está mentindo sobre sua vida. Ao contrário disso, pedi atualizações diárias sobre as duas. E meu filho fala da "ruiva" de uma maneira única.

Olho para Cassie, que está tão vermelha quanto o seu cabelo.

Ela está gostando do Guerrero!

— Sou uma mãe protetora, daquelas que pesquisa a vida da namorada do filho e vai impedir o namoro caso a garota não valer nada. Mas você, Cassandra, você é diferente. Não me viu, mas eu já te vi com Guerrero, o jeito que fala com ele, como sorri quando ele dá as costas, como ruboriza quando ele te elogia. Você é única e gosto de você, ainda mais que eu tenho a certeza que vocês querem lutar contra o inimigo. Ainda nem me falaram nada disso, mas minha intuição não falha. Se eu contasse para meu filho sua verdadeira identidade, poderia falhar no meu processo de "conhecer o futuro aliado", preferi não contar nada.

— E vai contar? — ela pergunta.

— Não por agora. Detesto ser essa mãe, mas, no momento, eu não posso dar mais uma coisa para meu filho pensar, ele já tem muita coisa na cabeça e não quero piorar. E quando contar a verdade, estarei ao lado para ajudar esse amor. Não abra a boca para negar, Cassandra, eu sou romântica e reconheço um casal quando vejo um. E você e meu filho são.

Marisa senta na ponta da mesa, nos encarando.

— Querem lutar contra o inimigo, certo? — confirmamos. — Os homens que são seus parentes são idiotas, desculpa falar, mas é uma besteira que eles não aceitem mulheres ou as coloquem lá embaixo. Então, meninas, eu não me importo em ajuda-las, em treina-las, pelo contrário, isso me inspira mais. Você, Katherine, é a neta dos meus dois inimigos, o que deixa mais eletrizante e vingativo; e você, Cassandra, eu gosto de você e, se for ter algo sério com meu filho, quero que seja uma garota forte e boa para ele, para ficar no meu lugar. — ela cruza as pernas. — Então, meninas, é isso. Se não aceitarem, é só dar meia volta e...

— Nós aceitamos. — Cassie diz, imediatamente, depois, olha para mim.

— Aceitamos. — confirmo. — Estamos com você.

(...)

Sites de filmes pornográficos. Pesquisar!

Que merda eu estou fazendo na minha vida?

Bloqueio à tela do celular.

Não, Kat, é só para ver como é.

Desbloqueio a tela e olho o resultado da pesquisa.

Pode ser vírus... Não, eu já ouvi falar desse site. Clico no nome e clico no primeiro vídeo que aparece.

— Kat, não vamos falar sobre ontem à noite?

Bloqueio à tela novamente.

— Sim, claro. — olho para Cassie.

— O que está pesquisando? — ela se inclina, ficando atrás de mim no sofá.

— Filme de gente safada.

— Filme do Benjamin e do Javier? — ela sorri.

— Não. — nego. — Filme de gente sexualmente safada.

— Por quê? — ela arregala os olhos.

— Sempre que converso com Gabriel, ele vem com conversa safada. Senta aqui! — Cassie dá a volta no sofá e senta ao meu lado. — Quando ele fala dá uns troços por dentro, Cassie! — ela ri. — Não sei o que é. Eu quero ver filme de gente safada porque eu nunca vi sexo, quero ver como é nojento e estranho.

— Eu já vi duas mulheres e meu irmão fazendo coisas com a mão. É nojento.

— Eu quero ver, assiste comigo?

Cassie faz um movimento com a cabeça, me encarando com estranheza.

— Não sei se amigas assistem filmes de gente safada juntas, Kat!

— Também não sei se montam uma gangue, mas olha onde estamos? Eu tenho vergonha de assistir filme de gente safada, preciso de apoio moral.

— E comigo ao seu lado vai melhorar?

— Podemos comentar o filme.

— Faremos uma resenha do filme de gente safada?

— Sim!

— Ok. — ela ri, dando de ombros. — Tudo bem!

Ligo a TV e conecto com o meu celular, onde o vídeo começa a carregar.

— Filme de gente safada em alta definição e em telona. — Cassie fala com humor. — Melhor maneira de começar o dia.

— Começou! — aviso, preparando-me para o que está por vir.

O filme começa. A mulher está conversando com um cara.

Que coisa chata!

— Que merda é essa? Tem história em filme de gente safada? Uma

introdução? Não é só *aquilo* dentro e fora? — Cassie franze o cenho.

— Cinco minutos de fala e eu nem entendo o que estão dizendo. — resmungo. — Vou acelerar.

Acelero e vejo a troca de salivas. Paro e deixo que o filme passe.

— Olha o tamanho dos peitos dela, Cassie!

— Certeza que se tiver uma agulha, jorrará silicone para todos os lados.

— É desproporcional, ela é magrinha, coisa feia.

— E olha essa boca! Cheia de plástica.

— E essa cara esticada! Lembra a mãe da Amélia.

— Obrigada, Kat, agora tenho a imagem mental da mãe de Amélia *coisando*, como você diz.

Rio com a aparência da atriz e a mãe de Amélia.

— É isso que pessoas safadas assistem? — olho para a TV, onde eu vejo a mulher babando. — Eu quero vomitar, Cassie!

— Isso é nojento. — Cassie nem olha mais a tela. — E ela lembra os cachorros do vizinho gritando.

— Gente safada faz isso? Não basta trocar salivas, eles tem que trocar salivas e outro fluido corporal. — desligo a TV. — Sexo é sem graça. Não senti nada. Sentiu algo?

Cassie levanta um dedo no ar, pedindo para esperar.

— Não, não sinto nada, só nojo por ver tanta saliva junta. E por ela ter quase engolido a boca do cara, e por ficar enfiando línguas...

— Por falar em enfiar língua, como foi fazer isso no Guerrero?

Cassie sorri.

— Foi perfeito, Kat! Ele é tão...

— Sexy?

— Desde quando acha alguém sexy?

— Gabriel é sexy, mas sei que acha Guerrero sexy.

— Kat do céu! Ele é forte, sabe? Ele me carregou enquanto nos beijávamos, ele tem todas aquelas tatuagens, aquela voz, aquela cara de seriedade...

— Mudou de opinião sobre ele, agradeça porque eu ajudei.

— Obrigada, Kat. Obrigada mesmo.

— Não precisa. — finjo modéstia.

— Não, eu falo sério. — ela segura a minha mão. — Obrigada por ter ficado ao meu lado sempre, até quando mais precisei.

— Me perdi no assunto.

Ela sorri.

— Tem coisas que nunca te contei, porque não tinha coragem. Só que o Guerrero, ele acabou me entendendo...

— Espera, aconteceu algo e o Guerrero te entendeu? Como assim? E eu?

— Não, Kat. É que tem mais a ver com homem. Ele me entendeu e foi diferente, por isso te agradeço, por ter, de um jeito estranho, me colocado na vida dele e por você ter me tirado daquela outra vida. Por me dar coragem de seguir em frente.

— Do que estamos...

Cassie começa a contar a sua história e eu começo a ficar em choque.

Então quando Cassie estava doente, ela não estava doente? Ela estava se escondendo de Giovani? Quando Jean foi preso, foi para proteger Cassie?

— Por que não me contou antes, Cassie?

— Não podia, tinha medo.

— E seus pais ainda querem que você case com Giovani?

— É por dinheiro, sempre foi. Por isso eu te agradeço, porque fugimos juntas e...

Levanto do sofá e vou até o meu caderninho, onde anoto em letras gigantes:

**PAIS DE CASSIE! TESTAREI TODAS AS COISAS BIOLÓGICAS
NELES, ATÉ MORREREM!**

— O que é isso? — Cassie olha meu caderninho.

— Guerrero quer matar Giovani? Eu mato seus pais, simples!

— Kat, temos mais com que nos preocupar...

— Cassie, você é minha melhor amiga, gêmea, lembra? Se está aqui para acabar com aqueles que querem matar a minha família, eu estarei aqui para acabar com aqueles que acabaram com sua vida. Eles são mais dois na minha lista.

— Eu te amo, sabia?

— Oh, também te amo, Cassie.

Cassie me abraça apertado e eu retribuo. Ela começa a chorar em meu ombro e eu, depois de muito tempo sem chorar, acabo desabando também, em uma cachoeira de água salgada que são minhas lágrimas.

Eu fiquei intrigada com aquela súbita doença de Cassie no passado, mas os pais dela foram tão convincentes... Ah, mas eles pagarão por deixarem que a filha sofresse e por ainda quererem que ela fique com Giovani.

— Obrigada por tudo, Kat.

— Somos uma família, Cassie. Família se ajuda e se apoia. Damos a vida uma pela outra.

— Dianna e Arthur são os pais que não pude ter e você é a irmã que adoraria ter tido.

— Somos irmãs, Cassie. As irmãs Smith. Se Marisa for verdadeira mesmo, tenho certeza que ela nos ajudará com Giovani e seus pais.

— É algo pessoal...

— Cassie, quando pegarmos, garanto que te daremos Giovani para você poder tortura-lo.

— Eu estou dando mais uma pessoa para ser pega, mais um problema...

— Mais três, seus pai estão na lista. Mas, não se preocupe. Eu sempre estarei aqui por você. As irmãs Smith não nasceram apenas para ficar observando, vamos agir, Cassie. Nós ainda seremos bem uteis.

Capítulo 23

Gabriel

Dois dias depois

— Cruela é besta! — Felipe fica deitado na cadeira, cruzando os braços, enquanto encara Amélia.

— Besta é seu pai.

— Só minha mãe pode chamar meu pai de besta! E ele não é!

— Você é besta! — ela mostra a língua.

— Feia! Bruxa!

— Menino mal educado.

— E sua comida é ruim!

Pego a colher com arroz, que está um grude de grãos brancos.

— Arroz e ovo frito não é ruim. — Karen olha para Amélia. — Mas você conseguiu fazer algo fácil ficar uma merda.

— Eu odeio você!

— Amélia acha que essas palavras nos farão sofrer. — Jean olha para Amélia como se fosse mata-la. — Ninguém se importa com seu ódio, Amélia.

— Estão na minha casa...

— Essa casa é emprestada. — sorrio. — Nem nossa é.

— Cruela não tem casa! — Felipe canta. — Cruela não tem casa!

— Cala a boca!

— Cala a boca já morreu, quem manda minha boca sou eu!

— Olha a petulância desse menino, Gabriel! — Amélia grita. — Olha isso! Faça algo!

— Eu gosto do molequinho, ele é legal. — Jean bate a mão na de Felipe. — Quando terão um filho?

Olho para Amélia, que sorri e acaricia meu braço.

— *Meus primos vai parecer caveiras*, porque Cruela parece uma caveira morta.

— Não existe caveira viva. — Karen corrige.

— Isso é ridículo! — Amélia levanta da mesa. — Vão se ferrar!

— Ela é muito adulta. — Karen balbucia.

— E você é adulta?

— Tenho quinze anos e tenho mais maturidade que você, é a vida.

— Gabriel, quando vai me defender? — Amélia me olha, em busca de ajuda.

— Quando parar de implicar com eles.

— Felipe começou!

— Você matou a Amélia! — Felipe grita. — Você pisou na minha baratinha!

— E piso quantas vezes for preciso.

— Eu encontro outra Amélia, as baratas *aparecem* com você. As caveiras também e a Cruela dos Dalmatas.

Como sempre, Amélia esperneia e dá o seu chique de vinte segundos, depois sai, indo para o quarto e batendo a porta com muita força. Tenho que avisar que ela, um dia, colocará a casa abaixo por causa desse impacto das portas.

— Então, será que os dois me colocarão dentro? — olhamos para Karen. — Felipe, vá assistir TV.

Felipe concorda e dá alguns passos, chegando à sala e ligando a TV em um canal de desenho.

— Está na hora de me colocarem dentro. Kat simplesmente saiu com Cassie e me deixou para trás. — ela sussurra. — Sendo que eu sou tão integrante quanto elas.

— Mas você sabe, Karen. As meninas entraram nessa sem querer, como iam te levar junto?

— Estou cansada, Gabriel! Estou cansada de ficar vivendo nessa farsa de "está tudo bem, estamos felizes", sendo que você e os outros fazem algo. Até Jasmine faz.

— Nosso pai te procura...

— Para perguntar o que acho. Eu pensei que tudo fosse mudar, mas não mudou! Sei que eles estão fazendo aquela coisa. — ela se refere a acabar com a Nostra. — Mas, e eu? Eu tenho que ficar cuidando da casa, tenho que ficar acompanhando nossa mãe em consultas médicas, tenho que ajudar a ficar com Felipe enquanto Giulia cuida da escola de dança. Eu sou uma inútil, Gabriel! Sendo que eu arrumei todo aquele plano do envenenamento e contei a eles. Kat ajudou com o celular e a passagem secreta, mas...

— Kat estava nessa? Eu sabia! — *claro que ela estaria no meio.*

— Sim, estava. Eu achava que depois daquilo eu seria útil, mas, olha só,

eles acham que sou pequena demais, nova demais, sem força para batalha. Estou cansada! Eu sou tão boa quanto você e Daniel, mas Daniel é outro idiota que não me escuta.

— E eu não sou idiota?

— É idiota, só que você, mais que ninguém, conhece a força dos meus punhos.

Toco minha boca. Uma vez eu cortei o cabelo da boneca de Karen, porque ela quebrou o meu boneco, antes disso, eu cortei o dedo da boneca dela... Foi um ciclo de intrigas, na verdade. No entanto, naquele dia, ela fechou a mão e arrancou dois dentes de uma vez, com um soco certo, ainda bem que eu era criança e os dentes já iam cair, de qualquer maneira. Mas aquilo doeu tanto que chorei. Eu sou aquele que conhece a força dos punhos dessa pessoa pequena chamada "Karen Bertollini".

— É, infelizmente, conheço sua força.

— Então, Gabriel, eu sei que acredita em mim.

— Nunca te vi com uma arma...

— Deve ser pior que com os punhos. — Jean bebe o copo com água. — Uma pessoa armar para envenenar vários de uma vez é para ter sangue frio, coisa que nós temos, cara.

— Sinto-me honrado, é como se eu fosse o mais inteligente da família. Afinal, Kat me contou o plano e sempre fala comigo e você, Karen, pede minha ajuda também.

— É que você é idiota o suficiente para quebrar regras impostas, principalmente por nosso pai e avô.

Sei que meu pai perdoou a minha coisa com Kat, mas Karen? A filhinha dele? Isso eu sei que ele não vai perdoar.

— O que quer, Karen?

— Quero ficar com você.

— Aqui?

— Você não mora aqui que eu sei, passa mais tempo fora que dentro de casa. Quero ir para onde fica.

— E nossa mãe?

— Deixe-me contar algo, meu irmã. Minha mãe está melhor que meu pai. Enquanto meu pai me protege, minha mãe quer saber da verdade e ela sabe da minha vida, ela só não está tão melhor porque ainda acha que você vai me proteger, ela acha que sou incapaz, por enquanto.

— Nossa mãe te apoia?

— Ela fez escândalo quando entrou para a Sangre Latino?

— Não.

— Então, nossa mãe está acostumada e ela viu como sou. Vamos lá, Gabriel, nossa mãe fugiu para achar tio Marco junto com as amigas, estarei fazendo o mesmo e ela saberá disso. Nossa mãe mudou, seu idiota. — *já está sendo grossa.* — Vai me ajudar ou não?

Respiro fundo.

— Ok, irmãzinha. Vamos ver se seremos uma boa dupla.

— Nem pense em comandar, ninguém comanda aqui.

— Por que isso não é uma ordem?

— É uma ordem, mas eu e você não bateremos a cabeça.

— São dois iguais. — Jean murmura. — Dois adolescentes iguais, em busca de vingança e que eram desacreditados. Pois é, vamos ao trabalho então.

(...)

— Se encostarem um dedo em Karen, eu mato vocês dois.

— Eu mesmo faço se precisar. — Karen senta a nossa frente. — Eu tenho armas, só para constar.

— Onde pegou armas?

— Rubei!

— Agora é ladra?

— Moralismo, Gabriel?

Jean e Jesse dão risada.

— Parem! — grito. — Já é estranho ajudar Karen em algo.

— Se for para me julgar como incapaz...

— Ok, Karen. Não falo mais nada.

— Então, será que me contarão o que preciso saber?

— Você também, Karen. Você tem segredos...

— Olha só, Jean. Você também deve ter e não te obrigo a contar. Então, contaremos o necessário.

Minha irmã nunca na vida que contará sobre Alex a outro alguém, o que me faz pensar que devo perguntar a ela sobre esse cara. Se for como o irmão, o

Allan, é outro idiota mal humorado, o que será ótimo, porque Karen é uma pessoa mais fechada que meu pai. Dois mal humorados juntos não dará certo.

— Ela é misteriosa. — Jesse provoca.

— E perigosa. — Jean completa.

— E minha irmã.

— Por favor, Gabriel! — Karen grita.

— Ok, irmã. Vai se defender sozinha, já roubou armas, envenenou, entendi. Você é bem bandida e perigosa, entendido.

Ela sorri para mim. Logo após, mostro a ela o sistema de segurança da casa e explico como ela pode travar e destravar a porta do seu quarto.

— Você sabe que te amo, não é? — pergunto.

— Às vezes não parece.

— Digo o mesmo para você. Mas é real, te amo, você é minha irmã preferida.

— Claro, Giulia ama mais o Daniel, só sobrou eu...

— Nada a ver, te amo mesmo, porque sempre estivemos juntos.

— Quase nos matando...

— Agora mataremos outras pessoas. Aquilo era apenas treinamento.

Ela ri.

— Te amo, garoto! — ela me abraça. — Obrigada por confiar e acreditar em mim.

— Seremos parceiros, garotinha.

— Somos parceiros, idiota!

(...)

Katherine desce do ônibus junto com a Cassie. Kat com peruca loira e Cassie com o cabelo castanho claro.

— O que é aquilo no braço de Cassie? — Jean pergunta.

— Acho que chamam de tatuagem. — respondo. — Uma tatuagem bem grande.

Elas se aproximam do beco e Kat me abraça, na verdade, ela pula em meus braços.

— *Momolado!* — ela grita. — Saudades de você e da sua saliva!

— Que nojo! — os outros gritam.

Eu, ao contrário de todos que acham nojento, beijo Kat.

Existe algo estranho sobre beijar. Algo ridiculamente meloso e degradante para ser falado.

Uma vez meu pai disse algo sobre traição: "Jamais vou trair Sara. Não é sobre corpo mais bonito, rosto mais bonito, atitude mais ousada. É sobre amor. Quando você ama, as coisas são diferentes. Nada vai superar quem você ama. Trair é questão de caráter e de amor, os dois juntos. Mas o meu amor por Sara é único. Quase dezoito anos com ela e não quero mais ninguém, meninos, então, quando encontrarei alguém, se sentirão assim".

Eu, lesado, pensava: "Que besteira!" Agora, com Kat, vejo que não é.

Estava sentindo falta do beijo dela, do seu abraço, da sua voz... *Ah, cara, amor é uma leseira!*

— *Momolado* sentiu minha falta?

— Senti, menos dessa palavra.

— *Momolado* fica irritado com minha palavra fofa?

— É uma pala... O que é isso no seu nariz? — olho para o piercing, que parece uma argola.

— Eu estou doidona. — ela sai do meu colo e vai para o chão. — Piercieng e tatuagem. Tem um tatuador lá, o Matthew, ele fez em mim e em Cassie.

Olho para o braço de Cassie, onde tem uma caveira mexicana* colorida com algumas rosas em volta.

No outro braço, vejo alguns pássaros voando em bando, um atrás do outro, fazendo um movimento como se fosse um tornado sendo formado. Na sua mão, parece como se fosse uma pulseira, um terço em volta do seu pulso, onde a cruz está posicionada acima da sua mão. Nas suas costas, abaixo da nuca, tem um trecho em espanhol onde leio: *Hoy las lagrimas lloran antes morir. Que le tiemblen las piernas al planeta tierra. Hoy yo vine a ganhar. Y estoy hecho de guerra.*** Em uma fonte bonita de letra e pequena, nada chamativo, Kat tem uma igual.

*** Hoje, as lágrimas choram antes de morrer. Deixe a terra tremer. Hoje venho vencer. E eu sou feito de guerra.**

— Sempre quis fazer. — Cassie fala. — Já que não dependo mais dos meus pais, eu fiz essas tatuagens.

— Que frase é essa? — pergunto.

— Uma parte da música do *Residente*, que era do grupo *Calle 13*. A música *Guerra*. — Kat sorri. — O Residente é a cara do Guerrero, só para informa-los.

— Ficou lindo. — elogio. — E você também fez.

Olho as costas de Kat.

— Agora falta Karen e Rachel sonsa fazer.

Kat abraça Karen.

— Então, me atualizem das novidades. Sobre minha família, sobre a vida.

Vamos com Kat e Cassie até a casa onde Karen está com Jean e Jesse.

— Então, quer dizer que Karen fugiu de casa? — Kat olha para Karen e sorri.

— Seria um bom momento para apresenta-la a Marisa? — Cassie olha para Kat.

— Confiam nela? — pergunto.

— Dois dias e ainda não nos deu motivo para desconfiança, muito pelo contrário, já nos ensinou a atirar, ou melhor, nos ensinou ainda mais.

— Ela quer montar um exercito contra o Benjamin e Javier? — confirmam. — E por que ela não fala conosco?

— Faz de conta que a Sangre Latino vai se unir a Marisa. — Cassie ironiza. — Faz de conta que serão amigos, como a Sangre Latino era da Nostra, mas, espera, demorou quantos anos mesmo? É, acho que demorou anos para eles selarem a paz.

— Estamos unidos contra o mesmo inimigo...

— Só isso não basta. Eles brigam por anos, querendo ou não. Você mesmo disse que vô Yankee quer acabar com eles, só não acaba porque as coisas lá para o lado de West estão fortalecidas. Marisa não abaixará a guarda.

— E por que ela aceitou a parente do inimigo? Afinal, as duas são inimigas.

— Vamos lá, Gabriel. Uma coisa é Marisa aceitar você, por exemplo, que sabe de tudo da Sangre Latino, é amigo direto, é da gangue. Outra coisa é me aceitarem junto com a Cassie, nós não temos noção do que vocês fazem todo dia, no máximo, conheço os territórios. Ninguém jamais me deixará entrar na Sangre, Marisa sabe disso e gosta, por esse motivo ela me aceita. E ela sabe que fugi de casa para lutar, sabe que eu e Cassie saímos para lutar do nosso jeito.

— E ela foi traída por Benjamin e Javier. Ela não vai fazer isso novamente. Ela confia em mim e na Kat, não nos outros.

— Por que confiam tanto? — Jean pergunta.
— Porque Guerrero confia.
— Está com Guerrero? — pergunto a Cassie.
— Não, mas ele confia em mim.
— A sogrinha já ama a Cassie, gente! — Kat grita.
— Menos, Kat! — Cassie grita mais alto ainda.
— Então o que queria aconteceu? Tem uma gangue.
— No momento, *momolado*, eu só participo, quem sabe um dia serei importante. Como a Karen também será. — sorri para a minha irmã.
— Venha comigo. — levanto do sofá e dou minha mão para que Kat segure.
— O que quer?
— Venha comigo. — repito.
Kat segura a minha mão e eu a levo para o meu quarto.
— Gabriel, de novo essa coisa de *coisarmos*? — faz voz de menina birrenta. — Eu assisti filme de gente safada e não mudei de opinião.
— Filme pornô?
— Sim! Assisti e foi estranho, nojento. Eu não *coisarei*.
— Filme pornô é falso.
— Vai dizer que pênis entrando e saindo é falso?
— Você viu até essa parte?
— Vi!
— Você só deveria ver o meu.
— Quê?
Como ela viu outro homem nu? Ela deve ter a minha imagem como referência de masculinidade. Não é medo dela achar o outro melhor, porque eu sou melhor, Kat me beijou então isso quer dizer muita coisa, mas é para ela ter apenas a minha imagem em sua cabeça, e na sua vida, claro.
— Entra no quarto.
— Safado! Não entro!
Empurro Kat para dentro do carro.
— Só quero ficar a sós com você. — fecho a porta. — Tenho saudades.
— Também tenho, *momolado*.
— Quando vai parar de me chamar assim?
— Quando achar palavra pior. — me dá um selinho. — Dei uma curta

troca de saliva.

— A sua saliva não veio para a minha.

— É, eu não enfiei minha língua.

— Enfie a língua.

— Que sexy! Língua para fora, como uma cobra preparada para o bote.

— A minha cobra quer dar o bote...

— Para! — ela dá um tapa bem forte em meu peito. — É um dialogo sério, sem safadeza.

— Puritana!

— Isso é um elogio. — ela sorri.

— Elogio é dizer que sua bunda é...

— Não comece...

— Seus seios... — aperto o seu seio direito.

— Safado! — ela bate em minha mão.

— É legal, Kat. É do tamanho...

— Pare!

Aperto novamente.

— Não aperta meus peitos!

— Por que não?

— Dá uns troços estranho. Quero fazer xixi...

— Excitação...

— Sua bunda...

— A sua bunda me excita, Kat!

— Eu te odeio tanto! — rosna. — Diálogo sexual é uma merda! Eu, minha bunda e meus peitos sairemos desse quarto depravado.

Ela passa por mim, mas eu a puxo para a minha frente, colando o seu corpo ao meu. Ela não se afasta. Coloco seu cabelo para trás, vendo a tatuagem em suas costas, que está com uma espécie de plástico por cima. Beijo o meio do local.

— Te amo. — sussurro em seu ouvido e mordo o lóbulo da sua orelha.
— Sabe disso, não é?

— Sim, eu sei. — sussurra.

Encosto-me mais em seu corpo.

— Tem algo duro nas minhas costas, é seu celular?

Ela acaba qualquer clima porque eu tenho que rir.

— Não é não. — respondo.

Kat bate meu corpo e dá um grito alto.

— Eu peguei no seu... No seu... — ela está incrédula. — Eu peguei na sua *coisa*!

— Você fará muito mais que pegar, Kat. Qual a sua coisa com sexo?

— Eu não sei! Eu acho estranho, nojento, sem graça... Não sei, Gabriel! Sempre fui assim.

— Podemos mudar...

— Tchau, Gabriel! Preciso ir.

— Como teremos um bebê dessa maneira?

— Pega o seu espermatozoide, joga no copo e depois eu joga em mim, pronto, fecundação por copo. Simples. Tchau, até qualquer dia!

Kat sai rapidamente do quarto. Apesar de tudo, eu dou risada. Dou risada da minha vida estranha.

— Pois é, mão. — olho para a minha mão. — Acho que seremos só nós dois daqui para frente.

Deito-me na cama.

— Kat, por que ser tão complicada?

— Porque você não me amaria se eu não fosse. — abro os olhos, encontro os de Kat na minha frente. — Esqueci de trocarmos salivas e dizer que te amo, apesar do seu dialogo de gente safada.

— Você não quer ser safada?

— Eu fui *safadona*, assisti filme de gente safada.

— Não, elas são *safadonas* porque transam, você é safadinha por assistir.

— Não foi você que disse que o filme é falso?

— Você é muito...

— *Safadona*!

— Retardada.

— Me ame.

— Te amo.

— Troca de salivas?

— Troca de salivas!

— Amo meu *momolado*.

— Vá se ferrar, Katherine Vesenti Bertollini.

— Bertollini?

— Sim, futura senhora. — coloco minha mão para o lado, pegando um anel em cima da cômoda. — Por isso te chamei ao quarto, te deixei ir porque você ainda estaria aí fora. Mas, é isso. Um anel para celebrar a nossa união, é simples, como você gosta. Parece uma aliança de casamento, nada de pedra...

— Nada de chamativo. — ela pega o anel e coloca no dedo. — Agora como te chamarei? *Momolado* não serve mais. — ela me abraça. — Te amo. — beija meu rosto. — Te amo.

— Te amo, futura senhora Bertollini.

Bônus 9

Cassie

— *El fuego lo derretí. Hoy las pesadillas no duermen, porque piensan en mí.* **(Eu derreti o fogo. Hoje os pesadelos nele dormem, porque pensam em mim).**

Essa voz...

Guerrero fica a minha frente.

— Também gosto desse outro verso. A sua tatuagem. — ele explica.

— Gosta do *Residente*? — pergunto.

— Do *Calle 13*, também. — sentamos no sofá do apartamento onde moro. — Sabe, dizem que pareço com o *Residente*. — segura a minha mão. — Penso se esse é o motivo para você ter feito essa tatuagem, para lembrar de mim, já que pareço com o cantor. — se aproxima mais, colocando o braço em volta da minha cintura. — *Para estar siempre cerca de ti, siendo tu protector.* **(Para estar sempre perto de você, sendo seu protetor).**

Sua voz, suas palavras...

— *A pesar de nuestro comienzo, te quiero a mi lado.* **(apesar do nosso começo, quero você ao meu lado)** — beijo os seus lábios. — Como está a sua mãe?

— Bem, perguntou por você e mandou uma torta para as irmãs. — aponta para o balcão, onde a linda torta está em cima.

Irmãs...

Marisa acha que ainda não devemos contar, West está tentando resolver a situação enquanto Guerrero tenta descobrir algo, que ainda não me contaram o que é.

— Amo a torta da sua mãe. Ela cozinha maravilhosamente bem.

— Ainda bem que você é como ela. — bato em seu braço. — O que é que tem? Quero mais um dos seus bolos.

— Só se me responder por que perguntou a minha altura mais uma vez.

Ele sorri.

— Bem, algumas mulheres dizem que é falta de educação perguntar idade e o número que veste, então eu pergunto a sua altura para ter como base.

— Base para?

— Para algo. — aperta o meu nariz. — Então, qual o seu número?

— Acha que é quanto?

— Bem, daqui. — toca meu quadril. — Para baixo, eu chuto número...
Quarenta?

— Depende, às vezes, quarenta e dois. É meio grande.

— Meio? Temos maneiras distintas de medir as coisas.

— Ei! Não é imenso...

— É ideal.

— Tem mulheres melhores aqui...

— Nenhuma delas é você. Nenhuma tem seu cabelo. — ele toca a ponta do meu cabelo, enrolando no seu dedo. — Nenhuma tem uma tatuagem de um cantor que parece comigo.

— Para! Eu fiz porque amo a música...

— E porque eu pareço com o cantor...

— Isso é apenas uma coincidência, Guerrero. Ainda bem que não sou tão fã dele, já pensou se eu tatuo o rosto? Você se acharia tanto.

— Ah, é? Por que você não plagiou o meu terço? — aponta para a minha mão e depois para seu ombro, que ele puxa um pouco a camisa. — É igualzinho, e olha que o meu não é como os outros.

— Você mostrou, deu a ideia e aceitei, então, não plagiei, aceitei sua sugestão.

— Ok, continue dizendo que nada do que fez foi por minha causa.

Guerrero me incentivou a seguir em frente. Falei que meu sonho era fazer tatuagens, mas que meus pais nunca deixaram. Guerrero pegou na minha mão e me levou até Matt.

— Sobre o cara que...

— Não, Guerrero, não agora. — sorrio para ele. — Não quero pensar nele.

Não quero pensar em Giovanni...

— Entendo. Eu só queria saber como ele é e...

— Não precisamos disso agora, certo? Tem muita coisa na sua cabeça, e sei que está na sua hora.

— Obrigado por me expulsar. — beija a minha testa. — Até mais, Tiana.

— Troca de salivas? — sugiro.

— Sua irmã é louca! Não me diga que você também chama o beijo dessa maneira.

— Troca de salivas, Guerrero, só uma troca. — brinco, vendo sua cara de

estranheza com as palavras.

— Você é louca como ela.

— *Y no le gusta una latina loca?* **(E você não gosta de uma Latina louca?)**

Falo em espanhol, porque descobri que Guerrero gosta, assim como amo sua voz no mesmo idioma.

— *No hable de esa manera ...* **(não fale dessa maneira).** — ele fecha os olhos e sorri. Ele ama a minha voz e se controla para não falar sobre isso, ele disse que "parece um idiota apaixonado".

— *Como si su español no fuera sexy. Su cuerpo, su cara de hombre, su voz, su manera de hombre protector.* **(Como se o seu espanhol não fosse sexy. Seu corpo, sua cara de homem, sua voz, seu jeito de homem protetor).**

— *Escucha su voz, mire su cuerpo, sienta su perfume. Eso sí es para enloquecer.* **(Escuta a sua voz, olhe seu corpo, sinta o seu perfume. Isso sim é para enlouquecer).**

— *Usted es la mejor persona que conocí después de toda mi historia triste, gracias. Gracias por ser el mejor desconocido de todos.* **(Você é a melhor pessoa que conheci depois de toda a minha triste história, obrigada. Obrigada por ser o melhor desconhecido de todos).**

— *Y usted eres la persona en quien confío, Tiana.. Gracias por dejarme entrar en tu vida y por dejarme quedarme.* **(E você é a pessoa que confio, Tiana. Obrigado por me deixar entrar na sua vida e por me deixar ficar).**

(...)

Duas batidas na porta. Kat saiu para ter sua conversa sem sentido com Gabriel e eu fiquei aqui, no apartamento.

— Já vai! — grito, enquanto ajeito meu cabelo bagunçado. Vou até a porta e abro, encontrando um dos homens da gangue. — Oi?

— Pediram para te entregar. — ele me entrega um pacote, onde sei que tem a cocaína para ser vendida.

— Certo...

O homem me empurra para dentro de casa.

— O que é? — grito.

— Calada! — ele retira uma faca da calça e coloca em meu pescoço, me pressionando na parede. — Vim dar um recado. Você está saindo com o Guerrero, mas nem pense em contar a verdadeira história para ele...

— Que história? — pergunto e ele pressiona ainda mais a faca em meu pescoço.

— A história do seu passado, algo que aconteceu com você e um homem, seu irmão também está envolvido.

Giovani.

— Se algo acontecer, ele estará preparado para atacar.

— Trabalha para Giovani?

— Não é óbvio?

— E o que acontecerá? — começo a mexer minha mão até o meu short.
— Ele vai matar minha família?

— Pior, ele matará sua irmã, a tal "Carolaine". — ele ri. Deve saber a verdade e está tirando sarro da situação.

Imediatamente, eu paro de mexer minha mão. Se eu matar esse homem, Giovani saberá.

— Aqui, ele está ligando.

O celular é colocado em minha orelha.

— *Você me vende drogas, Cassandra? Quem poderia imaginar.* — a voz aterrorizante de Giovani me faz estremecer, ele está rindo — *Te vi traficando e arranjei amizade com esse garoto. Amizade que vale um salário. Mas, Cassie, eu avisei, disse que não conseguiria sua vingança. Não quero casamento, relaxe, eu só quero ferrar sua vida, é divertido.*

Ao fundo, escuto o som da cadeira arrastando no chão.

— *Prepare-se para as próximas surpresas, Cassie. Faça algo e eu saberei, não se importa com seus pais, mas e Jean? Katherine? Karen? A mãe de Katherine está grávida, vai que o bebê nem chegue a nascer? Pois então, Cassie, você não deveria ter entrado nessa história e ter decidido se rebelar contra a Nostra. Sorte sua que eles não sabem de você, quando souber, você morrerá mais rápido. Te deixo viva para me divertir. E se pensar em me matar, eles saberão onde atacar, porque eu deixei algumas coisas espalhadas por aí, que eles descobrirão se me matarem. Então, Cassie, você continua em minhas mãos. E você sabe que ferrei com seu irmão, fazer isso com pessoas fora da cadeia será mais fácil. Tenha uma boa vida, Cassie, se não for uma boa menina, pode ficar preparada para os próximos acontecimentos. Nem adianta pedirem para me procurar, não sabem onde estou, mas sei onde todos estão. Posso estar*

perto, eles podem estar mais perto. Te amo, "ruiva".

O celular é tirado da minha orelha, assim como a faca é tirada do meu pescoço.

Caio no chão, sem saber o que fazer.

Quem são eles? Yoshida? Benjamin? Javier? Ou são os seus aliados de sempre? Aqueles que nada tem a ver com a briga da Nostra?

Começo a respirar mais rapidamente.

Giovani não pode ganhar. Ele quer ferrar a vida das pessoas que amo, não me ferrar diretamente. Ele não vai me manipular e me torturar psicologicamente, me fazer de um brinquedo, de um fantoche, não novamente.

(...)

— Bom dia. — sorrio para Marisa, que está conversando com Linda. — Como a minha nora está?

— Estou bem. — forço o sorriso, por conta da sua simpatia.

— Não parece, nora.

— Algo te incomoda? — Linda vem para o meu lado.

Marisa vai me ajudar...

Ontem Giovani ligou... Assim como anteontem...

— Quando teremos mais aulas de tiro? — pergunto, mudando de assunto.

— Aqui. — ela me entrega uma arma. — Vamos para a nossa aula e aí poderemos conversar melhor. Kat foi ver o namorado?

— Não, Mari. — Kat aparece. — Estava falando com meu *momolado*, agora estou aqui. Pronta para metralhar alguma coisa. — bate palmas. — Amo aulas de tiros, sinto-me poderosa.

— Kat está tão animada, o que você tem, nora? Nem está se esquivando quando te chamo assim.

— Cansada, apenas.

— Meu filho te fez algo?

— Não. — sorrio. — Luiz é o melhor.

— Ele que pense em sair da linha e te fazer mal, minha nora. Você já mora no meu coração.

— Ah, é tão bom ter uma sogra legal, ainda mais tendo uma Marisa.

Uma diva gangster.

Marisa ri.

— Kat, Kat, Kat. — Marisa nos leva para fora. — Você é louca, sabe mudar de assunto e usa isso ao seu favor. Por que não nasceram anos atrás? Quando eu precisava de mulheres fortes ao lado? Imagina nós quatro, porque a Linda é tão maravilhosa quanto.

Olho para Linda, que está se preparando para apagar a tatuagem no rosto. No momento, eu e Kat ajudamos na sua maquiagem, para esconder a marca horrível feita por Ian. Marisa ficou bem feliz, porque conseguimos convencer Linda a mudar.

— Essa arma é leve. — Marisa mostra a arma. — Começaremos por ela, e não! Não reclamem, o processo é lento e nos daremos bem no fim.

— Dona Marisa. — um homem aparece a nossa frente, nos parando no meio do caminho. — Aconteceu algo. — ele respira, quase sem fôlego. — Roubaram duas metra...

O homem desaba em cima de Marisa. Marisa o segura.

— Ele está...

Kat corre do meu lado e dá um grito. Sem nem pensar, eu seguro Kat, que cai um pouco para a frente.

— Meu ombro! — Kat grita. — Meu ombro!

A gritaria começa.

— Corram!

Alguém me empurra para o chão, junto com a Kat.

Os gritos não param.

Começou. Eu sei que começou!

Outro tiro. Depois outro.

— Onde está a Marisa? — pergunto, agora eu acordei do meu choque inicial, vendo que estou deitada no chão, atrás de um carro.

Os tiros começam, um atrás do outro.

— Kat. — olho para minha amiga e a ajudo a apertar o ombro, tentando parar o sangramento de alguma maneira. Estamos deitadas uma ao lado da outra, desesperadas, enquanto, na rua, todos gritam e os tiros não param. — Olha para mim. — Kat permanece com os olhos fechados. — É um tiro no ombro, nada grave.

— Está doendo, Cassie! — ela chora. — Eu vi, Cassie! O tiro era para a Linda, só que eu fui mais rápida, reflexo, não sei. Eu fui empurrar a Linda e o

tiro pegou em meu ombro. — aperto mais o seu ombro.

— Calma. — peço. — Vai ficar tudo bem!

— Ei! — um homem deita ao nosso lado, ele segura uma arma. — Eu empurrei as duas para cá. Parece que os tiros vêm daquele prédio. — ele aponta para o alto. — Um franco atirador*. Fiquem aqui e ficará tudo bem. O carro não tem gasolina, então, não explodirá de alguma maneira. Minhas balas terminaram. — ele olha para Kat. — Aperta o ombro, para tentar conter o sangramento.

Olho para Kat e a abraço, ainda apertando o seu ombro.

Alguns tiros pegam no carro, fazendo com que eu estremeça. Poderia dar a arma para esse homem ao meu lado, mas nem sei se ele fala a verdade. Deixe-me com a arma, é melhor.

Depois de mais de trinta minutos, os tiros param.

— Podemos sair. — o homem avisa.

Levanto, ajudando Kat, que ainda aperta o ombro.

Marisa vem correndo em nossa direção, junto a Linda.

— Meu Deus! — ela segura Kat. — Vamos cuidar disso!

— O que aconteceu? — perguntamos, em meio ao caos e de algumas pessoas mortas.

— Franco atirador, temos alguns desses aqui. E, bem, dois deles estavam nisso. — Marisa responde, enquanto corremos até a clínica, que serve como hospital de emergência. — Aquele menino que morreu na nossa frente foi avisar que roubaram duas metralhadoras e um fuzil, mas, bem, eles estavam ali em cima, preparados.

— E Guerrero? — pergunto, com meu coração quase saindo pela boca.

— Bem. Ele estava à frente, junto a Orlando. Conseguiram matar os atiradores, então, sem respostas sobre o motivo para o ataque. — entramos na clínica e uma enfermeira logo vem atender Kat.

— Fica comigo. — Kat pede.

— Nunca sairia do seu lado.

(...)

Número desconhecido.

Afasto-me de Kat, que está conversando com Linda e Marisa, recebendo

os agradecimentos por salvar Linda.

— Alô?

— *Olá, Cassandra. Demorei a ligar, para ter tempo de salvar a sua amiga...*

Foi Giovani.

Minha mão volta a tremer, o suor começa a aparecer em minha testa.

Está acontecendo de novo.

— *Eu disse que deveria se preparar e ser uma boa menina. Por que estava andando com Marisa? Falei com você ontem novamente, e, na mesma hora, foi comer um hambúrguer com Marisa, aquilo me irritou e, agora, ainda está aprendendo a atirar? Tendo armas? Isso não pode, Cassandra. Contra as regras. As minhas regras. Isso foi apenas um aviso. Se eu desconfiar que alguém sabe do nosso passado, isso será pior. O tiro nem era para Kat, era para Linda, Kat viria depois, mas, aconteceu, não me arrependo, devo dizer. Eu sei o que acontece, Cassandra. Continue bancando a poderosa gangster e a lista de mortos na sua conta aumentará. Lembrando, nunca te matarei, porque eu quero ver você sofrendo, gosto de fazer isso, Cassandra. Vai rastrear a ligação? Das duas uma, ou eu te farei minha prisioneira, e entrarei em você com o que quiser, quando quiser... Uma faca, Cassandra. Cortarei você como você rasgou meu rosto. Ou eu posso matar quem vier para cá, tem armadilhas, Cassie. Aprenda, você não nasceu para isso, eu sou forte, você não. Seja uma boa menina, Cassie.*

A ligação termina.

— Eu escutei, a ligação e a voz de Giovani estavam altas. Não tem mais ninguém aqui. — olho para Kat. — Não foi sua culpa.

— Se escutou, sabe que não poderemos fazer nada.

— Precisa existir um jeito, podemos ligar para alguém...

— Kat, ele tem meu número, ele vai encontrar qualquer número que eu conseguir. Quando Jean foi preso, Giovani me monitorou e monitorou Jean. As ligações, tudo. Se eu passasse perto de uma delegacia, Jean sofria algo. Injetaram coisas nele, por sorte, meu irmão nunca pegou uma doença, mas ele foi espancado, deixaram Jean com fome. — começo a chorar. — Eu não sei o que fazer, Kat.

— Ele monitora tudo. Giovani comprou gente. Querendo ou não, Marisa já sabe que tem traidores, avisar só causará mais mortes. Temos que mata-lo, Cassie. De alguma maneira.

— Não tem como, ele me vigia.

— Tem que ter um jeito.

— Ele me quer sofrendo, esse é o motivo de Giovani viver. Se eu for atrás, alguém sofrerá, se eu não for, eu sofrerei pensando que devo fazer algo e sabendo que não devo fazer. — Kat me abraça. — Ele voltou porque sabe que eu mudei, que eu estou lutando, Giovani nunca deixou de me seguir.

— Daremos um jeito...

— Atiradores de elite, Kat. Atiradores no alto de um prédio, eles mataram onze pessoas e atingiram cinco. O tiro era para Linda morrer, porque ele vê que estou próximo a ela.

— Nós daremos um jeito, em silêncio. Não é possível que ele monitore as casas... — ela olha para mim. — É possível. — *ela sabe que é.*

— É possível que Giovani esteja nos vendo nesse momento e esteja dando risada. Ele quer que todos a minha volta sofra, para que eu me culpe por tudo. Mas isso vai parar, tem que parar.

— Sabe o que fazer?

— Não, não faço ideia.

Giovani quer que os outros a minha volta sofram... Ele não quer me ferir diretamente. Giovani aprontará, e quando aprontar...

Eu estarei à frente. Assim, eles poderão lutar contra Giovani.

*** Um atirador especial ou franco-atirador é um soldado de infantaria ou de uma força de segurança especializado em armas e tiro de precisão. Persegue e elimina inimigos selecionados com um único tiro de arma de precisão (fuzil, espingarda ou carabina).**

Capítulo 24

Katherine

Onze pessoas morreram só porque Giovani viu Cassie falando com Marisa e segurando uma arma. Linda deveria morrer primeiro só que eu me joguei na frente do tiro.

Dois franco atiradores que deveriam estar ao lado de Marisa e eram traidores, já estão mortos.

Pessoas não traem por nada, dinheiro move o mundo, mas não ao ponto de darem a vida por isso, afinal, como desfrutarão da quantia recebida, se estarão mortos? Giovani também não deve ter feito uma seita tampouco uma organização terrorista, onde todos estão dispostos a matar e morrer em nome da... Em nome de algo estranho, porque ainda não vejo sentido em matar por pura ideologia ou seja lá o que for. Com certeza, os dois franco atiradores morreram por algo maior que isso, a família, talvez? Se pegássemos uma linha dos traidores e fizéssemos uma espécie de "árvore" ligando a vida deles, poderíamos chegar a algum denominador comum.

Como, por exemplo: Se alguns que morreram não tiverem família, descartamos a possibilidade de Giovani escoltar esses traidores por esse motivo; se todos tiverem, continuamos nessa possibilidade; se a família sumiu do nada, melhor ainda... Assim teríamos uma linha para seguir, afinal, Giovani pegaria as mesmas pessoas que tenham essa necessidade.

Nem sei se minha linha de raciocínio faz sentido.

Eu entendo Cassie e sei que, nesse momento, não tem muito o que fazer. Giovani já ligou para ela três vezes, e olha que Cassie já até trocou o número. Quando o tiroteio aconteceu, Giovani ligou logo após, sabendo que eu fui atingida.

Giovani está mais dentro do que nunca.

A maior possibilidade de todas passa por minha cabeça: esse projeto do demo é o filho do demo chefe. *Outro feito em uma seita satânica.*

Porque faz todo o sentido. Yoshida está dentro, certo? Dentro da Nostra, então ele enfiou *Demo Junior* nisso, e, claro, os pais do DJ — minha abreviação para "Demo Junior" — são aliados do Demo Chefe. Assim, para Yoshida esconder sua verdadeira identidade e sua vida, ele jogou o DJ para essa família, porque, possivelmente, Demo Chefe era calado e não tinha família.

Eu estou pirando com minhas teorias!

Respira, Katherine, vamos por partes. Como o assassino de sei lá onde dizia... Eu acho que dizia. Onde escutei isso?

Dane-se! Foco!

Yoshida tem essas parafernalias tecnológicas, ok. Ele nos manteve vigiados na Itália, porque ele atua lá também.

Pronto, termino de escrever essa parte em meu caderninho.

Ficamos na Itália porque, aqui nessa cidade, a Nostra estava sendo comandada por Benjamin — mesmo que não soubéssemos disso. Meu pai sumiu e fomos procura-lo, Jasmine está viva e precisava ser escondida. Quando voltamos, Yankee e Tyler tomaram conta do lugar, afinal de contas, Fernando escondeu a história de Yoshida e só nos levou para longe para nos proteger. Ok.

Olho para meu caderninho e tento alinhar meus pensamentos.

Aqui, ao que tudo indica, não sofreu qualquer alteração em termo de sistema de rede, o que me faz pensar que vô Yankee monitorou isso, em compensação, Cassie está sendo monitorada, nesse bairro que foi dado por Javier...

Oh, está fazendo sentido!

Esse bairro tem o monitoramento de Javier!

Não, espera, se tivesse, saberiam que Guerrero fez a droga e Marisa disse algo sobre "Procuram quem criou uma arma", só pode ser a droga... Só se ela não foi feita aqui e esse assunto não é falado... Ou que a droga nem foi feita aqui e nem por Guerrero...

Faz sentido que aqui tenha monitoramento, só assim para Giovani saber de tudo...

Espera!

Não faz tanto sentido, afinal, Giovani já monitorava Cassie anos atrás, proibindo-a de fazer qualquer denuncia. Giovani deve ser louco mesmo e a monitora de perto.

Mas ainda acho que ele é o Demo Junior!

O modo de agir é idêntico ao de Yo... E se Demo Junior for o Demo chefe disfarçado? Não, Giovani é novo e conviveu com Gabriel... Yoshida é velho...

Caderninho, por que não me ajuda? Nada faz sentido!

Como eu posso lutar contra o Demo Junior? Como? Ele já ameaçou até meu irmão que nem nasceu, que nem sabemos o sexo ainda. DJ ferrou com a vida de Jean, a cada passo que, possivelmente, Cassie o denunciaria, Jean era espancado ou passava fome. Giovani tem poder dentro dos presidio para isso.

O que eu faço?

Temos que lutar em silêncio, só que nosso silêncio ainda é escutado por Giovani.

Marisa sabe dos traidores, ela está à procura e, nesses dias, cinco já se foram, Ian está contrabandeando drogas na fronteira, quer dizer, ele pensa que está...

Só que cada traidor pego, é morto sem dar qualquer resposta. Eles não falam, aceitam as mortes calados. O que me faz pensar que a família tem envolvimento, porque morrer por Giovani? Pelo Demo Junior? Só se a seita satânica obriga-los a isso.

Sangue de Jesus tem poder!

Foco, Katherine!

Levanto-me do sofá e olho para Cassie. *Desculpe-me, melhor amiga, mas foi preciso.*

Eu peguei uma droga e dei a Cassie, misturei na água. Ela ficou tonta e agora está dormindo. A garota estava pirando e eu achei melhor fazer isso.

O que me faz pensar que deveria ter alguma droga para quem levou um tiro. *Essa merda dói pra caramba!*

Vou até o meu quarto e pego meu notebook, volto para a sala e espero ele ligar.

Eu e Cassie vasculhamos esse apartamento e não encontramos nada suspeito. Vai dizer que já inventaram um merda que ninguém encontra? Quem é o gênio por trás de Yoshida? Alguém faz essas merdas por ele, vai dizer que Demo Chefe mata, sequestra, droga pessoas, corta corpos, estupra, faz esconderijos e ainda cria parafernalias tecnológicas? *Aja pacto para tamanha façanha!*

Olho para o meu notebook, que já ligou.

Fiz uma espécie de árvore genealogia com todos os integrantes da Nostra, pelo menos, com os mais importantes, já que os menos são mais difíceis de termos informações. Agora eu quero ver a família de Giovani, eu sempre esqueço o nome dos pais dele, quero ver os avôs, tudo o que for possível.

Karen roubou as informações e montei essa árvore.

Assim que clico no arquivo, o meu notebook apaga a tela.

— Qual foi? — começo a apertar o botão de ligar, mas nada acontece. — Vai falhar justo agora?

Quando me preparo para pegar meu outro notebook, a tela fica branca.

— Ah, merda! Quebrou?

— Olá, Katherine.

Arregalo meus olhos ao constar que essa voz vem do meu notebook.

— Calma que... Agora vai.

A imagem de Giovani aparece na minha tela. Seu sorriso vitorioso.

— Surpresa em me ver, Kat? Nunca nem nos falamos direito, não é? — ele encosta na cadeira, ao fundo, eu vejo uma sala da cor bege. — Não é que a doida da Nostra tem informações privilegiadas sobre os integrantes? — ele dá um giro com a cadeira e depois volta a olhar para a câmera. — E olha que você sempre foi à piada dos filhos da Nostra, mas você até que tenta fazer algo.

— Como entrou...

— Eu sempre estive dentro, menina. Acredita mesmo que esse arquivo está certo? Eu modifiquei, famílias trocadas, localizações erradas, nem adianta olhar os outros notebooks porque já modifiquei tudo também. Quando você e Cassie entenderão que eu estou no comando?

— Você é filho de Yoshida, não é?

— Meu pai é um gênio, Kat, e eu sou o gênio Junior.

— Você é o demônio Junior.

— Obrigado pelo elogio.

— E como nos filmes, vou te queimar até que seu corpo fique ácido, queimando a enxofre.

— Não sei se enxofre queima. — tenta zombar.

— Mas eu queimarei, queimarei você na fogueira e, depois, estará lá, sentado no colo do seu pai, onde será mais queimado ainda. E não, estou falando de lá embaixo, no submundo...

— Vamos falar de religião agora?

— Eu estou falando da sua morte, seu idiota!

— Katherine, porque ser tão afrontosa? Ah, já sei, deve ser porque Cassie já sofreu e tem medo...

— Levei um tiro.

— E me parece muito boa, eu posso piorar a sua vida. E não estou ameaçando seus pais, é uma ameaça direta a você. Por que machucarei seus pais? É chato...

— Você falou isso para Cassie.

— Porque se ela sair da linha, eu mato o seu futuro irmão, Katherine. Mais um na conta de Cassie. Mas se você sair da linha, Katherine, eu te mato ou te torturo até a morte, porque, assim, Cassie saberá que a irmã gêmea morreu

tentando salva-la. Será algo heroico, devo dizer.

— Qual a sua coisa com a Cassie?

— Não é amor psicótico. — ele ri, uma gargalhada bem alta, posso ouvir os diabinhos rindo ao seu lado e gritando "vai, filho do chefe! Dê orgulho ao seu papai". — É psicopatia pura mesmo. Assim como meu pai, gosto de ver menininhas sofrerem. E Cassie é forte, mas não como eu. Eu toquei nela, Katherine. Ela tem o gosto deli...

— Eu vou matar você!

— Ela ainda é virgem? Ah, é, eu sei que ela é! Cassie tem pavor, Kat. — ele ri quando fala meu apelido. — E eu amo dar pavor. Eu amo matar e ver as pessoas aos meus pés, fazendo o que mando.

— Os traidores, eles são ameaçados. — tento indagar.

— Nem todos amam a família, infelizmente. Vai, Katherine, conte tudo a alguém e eu te mato, assim Cassie perderá a força dela. Você a mantém viva e o tal Guerrero também.

— Vai matar o Guerrero?

— Marisa é uma vadia de merda que fica achando que é invencível. Eu disse ao Benjamin que deveria mata-la, que matar Lucio não adiantaria nada, que a vadia voltaria. Matar Guerrero? — bufa. — Não, é chato. Talvez aleija-lo, pode ser. Eu estava achando graça de ver duas idiotas brincando de ser gangster...

— Você nos ataca porque está com medo. — sorrio. — Porque viu que somos fortes.

— Fortes? Eu sei que matou com faca, Katherine, mas não aprenderá com armas. Afinal, até as criancinhas sabem matar com facas. As minhas criancinhas, então não é grande coisa o que faz, menininha.

— Você...

— Sabe, Katherine, estive pensando algo nessas últimas horas. Eu ajudei o mundo limpando a terra, e odeio ajudar nessa limpeza. Eu matei onze gangsteres, eu limpei a imundice da terra, qual a graça? Então pensei, porque não fazer um massacre tão lindo que o que aconteceu em Columbine* será esquecido? Afinal, será um bando de criança e adolescentes morrendo, muitos inocentes, talvez, todos, mas não procurarei a vida deles, só mandarei que metralhem tudo, que joguem bombas, cortem cabeças, imagino até a imagem. — ele coloca a mão na boca e lambe os dedos, como se tivesse se deleitando com a imagem.

— Eu me deleito com a sua imagem morta, comigo enfiando uma barra

de ferro na sua...

— Um hospital com crianças queimadas, com câncer, com idosos. — ele me corta. Eu vejo seus olhos brilhando em excitação, a imagem da crueldade o fascina, o emociona, o inspira. Giovani é como o pai. — Crianças e idosos causam mais comoção. — ele volta a sorrir. — Um orfanato que uma pessoa é voluntária.

Engulo em seco depois dessa ameaça. Giovani está conseguindo seu objetivo e isso me deixa mais que irritada.

— Tiros, bombas, cortes de cabeças como na era medieval, tudo na sua conta e na conta da sonsa Cassie, a garotinha traumatizada que ainda se culpa pelo sofrimento de Jean e vai se culpar pelas onze mortes. — bate palmas. — Vai, Kat, conte quem sou, o que faço e eu cumpro minhas promessas. Sou filho de quem sou, sou tão ruim como ele, não me importo com nada e nem ninguém. E, devo dizer, se, um dia, me encontrarem, tenha certeza que a cabeça de alguém será arrancada logo no portão de entrada, armadilhas, Kat. Eu amo armadilhas, armadilhas são boas para pegar gente intrometida, aprendi com meu pai. Mexa-se, Kat. Mexa-se e eu acabo com gente inocente. Dê um passo contra a minha vontade e tenha certeza que aquele seu antigo colégio católico será um inferno que nem o padre conseguirá apagar com sua água benta, não é isso o que você falou uma vez com a Cassie? Eu escutei, seu notebook estava ligado.

Fecho minhas mãos, controlando a raiva que tenho no momento.

— Pois então, Kat. Está nas minhas mãos. Faça o que mando e nem lembrará que existo, tente montar sua gangue de merda e inocentes morrerão, depois você, nunca Cassie. Cassie é meu entretenimento particular, depois de anos, eu me divertirei com a pequena ruiva gangster de merda. — ele ri. — Ah, sempre estou perto, Kat. Até breve, prima querida.

A tela é apagada.

Prima querida? PRIMA?

Eu sou prima desse ser? Eu sou sobrinha de Yoshida? Benjamin é o Yoshida? Escutei meu pai e tio Fernando dizendo que eles nem sabem quem é Yoshida... Meu pai é irmão do Yoshida? Ou Javier é Yoshida?

Eu sou parente de Yoshida e Giovani?

* O Massacre de Columbine foi um massacre escolar que ocorreu em 20 de abril de 1999, na Columbine High School, em Columbine,[3][4] uma área não incorporada de Jefferson County, no Colorado, Estados Unidos. Além do tiroteio, o ataque complexo e altamente planejado envolveu o uso de bombas para afastar os bombeiros, tanques de propano convertidos em bombas colocados na lanchonete, 99 dispositivos explosivos, e carros-bomba. Os autores do crime, os alunos seniores Eric

Harris e Dylan Klebold, mataram 12 alunos e um professor. Eles também feriram outras 21 pessoas, e mais outras três ficaram feridas enquanto tentavam fugir da escola. A dupla cometeu suicídio.

Capítulo 25

Katherine

Sou prima de Giovani, que é filho de Yoshida. *Como essa merda aconteceu?* Como Yoshida virou meu parente? Benjamin teve um filho? Espera, quantos anos Yoshida tem? Mais velho que meu pai? Mesma idade? Giovani deve ter uns vinte e dois anos, então o pai dele pode ter a idade... Ah, que merda!

Risco meu caderninho com outra teoria mal sucedida.

Eu preciso fazer algo, Giovani não pode vencer.

Se Giovani matar inocentes? Uma coisa é matar bandido, que estava ajudando, mas ok. Outra coisa é matar pessoas que não tem nada a ver... As crianças do orfanato. Louco Giovani é, mas será que é para tanto? Devo me arriscar?

Ele estava quieto até ver Cassie com Marisa. Essa coisa com Guerrero acontece há um mês, então nem é ciúme doentio, é por Marisa. Por Cassie estar próxima a ela. Então Giovani não quer matar, quer manipular para não falarmos nada.

Qual o medo que ele tem de Marisa? Será que é medo?

Vamos pensar um pouco.

Esse lugar deve ser monitorado, até meu notebook é... Monitorar aqui é o mínimo.

Me perdi no raciocínio.

Meu Deus, o que fazer? Não sei quem procurar, quem ligar...

Olho para meu caderninho.

Isso pode dar certo?

Arriscarei?

Se alguém inocente morrer? E se muitos inocentes morrerem?

Pego minha caneta e começo a escrever:

"Guerrero, aconteceram algumas coisas que poderão virar um livro se for contar. Resumindo: Benjamin e Javier mandaram um dos seus para cá, eles estão monitorando esse bairro. O tiroteio de ontem foi causado por Giovani, o cara que molestou a Tiana, Giovani Scarpeli. Ele está fazendo tudo isso porque estamos ao lado de Marisa. Ele vai atacar qualquer inocente se contarmos algo ou continuarmos lutando. Tem traidores, como já sabe. Não se esqueça: Giovani

Scarpeli''.

Termino de escrever. Se não posso falar, deixarei isso na casa onde Guerrero faz drogas. Eu sempre entro lá, entrarei sem que ninguém veja. Se tiver câmara? É um risco, pelo menos Guerrero não vai me ver, e quase ninguém entra lá.

Vamos ver se isso dará certo.

(...)

— Giovani ameaçou inocentes? — Cassie pergunta, assustada.

— Sim. Ele modificou as informações que tinha da Nostra e ele é meu primo. Escolha a pior parte. — dou de ombros. — Nem sabemos onde Giovani mora, ele é como o pai, mas... Mas a Marisa, ela tem algo. Algo que incomoda Giovani. Ele só começou a aparecer após conhecermos Marisa e a andar com ela.

— E comigo também, ele disse que quer me ver sofrer. Ele gosta de ter pessoas na mão, como teve Jean.

— Como ele deixou Jean de lado?

— Eu parei de tentar denunciar, descobri que assim Jean ficava bem.

— O que Jean sofria?

— Cortes, espancamentos, tiravam a comida dele.

— No presídio?

— Sim. Quem batia em meu irmão era comprado, eles iam diretamente naqueles lugares sem segurança e sem câmeras, e os guardas eram comprados. Sabemos que isso é comum.

— Não sei o que fazer. — coloco a cabeça em seu ombro. — Acho que ele nos pegou, Cassie. Se não formos a favor dele, se não ficarmos quietas, inocentes morrerão. Não temos o que fazer.

Sim, tem o que fazer, pelo menos, eu acho. Já deixei o bilhete na casa onde Guerrero fica, entrei lá para pegar as drogas. Hoje o dia é de luto, os enterros já aconteceram e as famílias e amigos choram a morte. Marisa e Guerrero visitam os parentes das vítimas.

Tento ignorar esse caos, apenas penso que a minha vingança será pior

quando eu pegar Giovanni.

Entendo Cassie, ela foi molestada e sofreu com o irmão quase morrendo por ela... Não vou dizer que ficaria calma se fosse ela, certamente, eu estaria possessa, como estou nesse momento.

Esse tiro no ombro não me abateu, as ameaças dão medo... Não posso negar que dá medo.

Mas temos que parar Giovanni, meu primo.

Talvez o sangue psicopata deles corram em minhas veias, porque tenho ideias do que farei quando pegar Giovanni. E, realmente, eu não penso que se pega-lo, ele pode mandar outras pessoas atacarem. Eu me importo mais com agora, em como pega-lo, como pega-lo sem que ele ataque. Depois, se pegarmos... Quando pegarmos, mataremos o resto, rezando para que o resto não ataque os inocentes.

Guerrero precisa ler aquele bilhete.

Deixei o bilhete lá e rezo para que Guerrero veja. Se não posso falar, que, pelo menos, ele leia. Ele leia e nos ajude contra Giovanni, porque, realmente, eu não sei o que fazer.

— Você. — olho para cima. Estamos à frente de uma casa, onde algumas pessoas falam sobre o ataque sofrido. Eu e Cassie conversamos porque tudo o que falamos, Giovanni já sabe, por isso mesmo nem mencionei sobre o bilhete. — Carolaine, entrega para fazer.

— Entrega hoje? — olho para ele.

Acho que alguém quer repetir uma história...

— Sim, hoje. É melhor ir. — ele empurra o pacote em minha direção. — Drogas não andam e nem crianças ficam felizes em parques para sempre. — ele olha para os lados. — Anda, garota!

Cassie segura a minha mão, prendendo-me no lugar.

— Crianças felizes em parques. — o homem repete.

— Quanto ganha? — pergunto.

— Mais do que possa imaginar.

— Posso pagar mais.

— Não mais. — encolhe os ombros. — Não mais, Carolaine. Não faça escândalo, não fale, apenas ande. Ande para a entrega.

— Se eu não for?

— Ele sabia que teria algo do tipo. — o homem pega o celular.

— Ele está ligando? — pergunto.

— Não. — ele mostra a tela do celular depois enfia o fone em meu ouvido.

— Olá, Katherine. Eu sabia que você é chata e birrenta, por isso mesmo, resolvi mostrar o que estou fazendo. — Giovani sorri, mostrando o parque ao redor, dando zoom para focar a imagem. — Sabia que mendigos tem o mesmo apelo sentimental? Pois é, essa gente não ganha à comoção quando mora nas ruas, mas ganha quando morre.

— Você não...

— Já foi, Katherine.

Escuto o som abafado do tiro e, na imagem, o homem cai. Ao redor, todos correm.

Fecho os olhos.

Você sofrerá muito na minha mão, Giovani.

— Temos alguns minutos para sairmos daqui, Kat. — Giovani volta a focar a câmera em seu rosto. — Se duvidar que a imagem é real, é só pesquisar e saberá a notícia dessa morte.

— O que quer? — pergunto.

— Entregue as drogas.

— Não! — grito.

— Outra imagem, Kat. — outra imagem aparece, me redirecionando a outro lugar.

Mordo o lábio tentando conter minha raiva.

— Orfanato, Kat. O seu orfanato, onde suas crianças moram, esperam uma família feliz como a sua, Kat. Um orfanato que terá a visita de possíveis pais, e a visita de uma criança que foi treinada por meu pai, uma criança que agora é um adulto tão louco como eu, Kat! Então, vá entregar minha droga. Sei que suas criancinhas se importam mais.

— O que quer comigo? — pergunto.

Eu sei o que ele quer, mas finjo demência e *sonsidão*. Típico, ele acha que vou chorar, que tenho medo.

— Mostrar do que sou capaz. Se não for, criancinhas morrerão, se for, você verá do que sou capaz.

— Vai me matar?

— Não agora.

— O que fará? — *eu sei o que fará.*

— Drogas, Kat. Quero que entregue minhas drogas pessoalmente, quero

olhar no seu rostinho bonito e dizer que venci.

— A guerra não terminou.

— Cassie está calada, Kat. A guerra acabou e você descobrirá isso hoje.

A imagem desaparece.

— Você sabe que te matarei, não é? — olho para o homem que entreguei o celular. — Eu te matarei com uma faca em seu coração, onde sangrará até a morte.

— Ele sabe como nos pegar, Carolaine.

— E eu sei como te pegar.

— Não vá. — olho para Cassie. — Ele vai te matar...

— Ele não vai me matar, eu sei o que ele quer, mostrar que tem poder.

— E você vai?

— Sou louca o suficiente para ver o perigo na frente e bater de frente. Não se preocupe, sei que hoje eu não morro.

Hoje uma parte do plano dará certo, eu sabia que aquilo serviria para algo algum dia.

Repetição do seu plano, Giovanni? Sei que é isso.

(...)

Faço meu caminho habitual para essa entrega de drogas. Giovanni não vai me matar, sei disso. Ele vai mostrar que tem poder. Pode repetir o plano ou pode fazer algo na minha frente, para me dar medo.

Aceitei vir porque quando falo que quero ter um arco-íris de filhos, não brinco.

Crianças que já sofreram abandono e vão sofrer nas mãos de Giovanni? Isso não! Isso nunca! Se for para sofrer, que eu sofra. Não crianças que nem tem pai e mãe, que não sabem nada do que é essa vida. Mas eu sei que Giovanni não me matará, ele brincará primeiro. Se vai me sequestrar? Também acredito que não, qual a seria a graça? Torturar Cassie? Correr o risco que eu faça algo? Giovanni sabe que eu farei, ele sabe que o tiro não me abalou, eu conversei com ele sem demonstrar medo, me prender só fará com que ele tenha um peso nas costas. Será menos uma para ele ameaçar.

Giovanni quer o poder de manipular.

Primo, acho que pensamos do mesmo modo.

Ando na rua, atenta a tudo ao meu redor.

Meu celular toca:

— *Ora, ora, ora. Se a garotinha não veio ao meu encontro. Passou no meu teste, mostra que é boa, corajosa, ou seria burra?*

— O que quer? Me sequestrar?

Sei que não é isso.

— *Pra que? Pra me irritar? Você me irrita, se acha a dona da verdade...*

— Sou a dona da verdade, primo. Temos o mesmo sangue de gente doida.

— *Poderia ser do meu lado, mas você acha que criancinhas devem ser adotadas, não treinadas para matar.*

— Treinadas para matar gente como você, concordo.

— *Ah, prima. Você seria boa para mim, seríamos fortes. Um casal de loucos.*

— Se não vai me sequestrar, como demonstrará seu poder?

— *Como sabe da minha demonstração de poder?*

— Gente egocêntrica é assim. Você não vai me matar, não agora, vai se divertir primeiro. Ameaçando gente inocente.

— *Você me comove, não conhece essa gente e fica com peninha...*

— Levar um tiro dói, elas não merecem.

— *Eu sabia disso, Kat. Sabia que matar mafiosos ou gangsteres seria inútil, você vê isso como algo normal. Mas inocentes? Você é como Cassie, a diferença é que nunca te toquei, por isso você me provoca, nunca viu meu mal de perto.*

— E não verei, Giovanni. Nunca me pegará do jeito que quer.

— *Amanhã deve sair no jornal sobre a morte do mendigo, pena que você não verá, Kat. Pena que estará sem TV, sem celular, sem liberdade.*

Eu estava certa!

Olho ao meu redor, vendo o carro se aproximando. Rapidamente, vou até os ferros que ficam em volta da ponte e esvazio meus bolsos, jogando todas as drogas no rio.

— Mãos para cima!

Eu imaginei que seria isso. Giovanni exigiu drogas, assim como exigiu de Jean. O mesmo plano novamente, mas não comigo.

Eu já li sobre isso, sobre como pessoas com surtos psicóticos são detidos e para onde são encaminhados.

Giovani não me levará presa, para me torturar lá dentro, para me fazer de prisioneira. Ele vai me pegar, mas não no seu local. Ele pode estar dentro do bairro, da casa, do computador... Mas não dentro da minha cabeça.

Giovani cantou vitória antes do tempo, eu entrei na cabeça de Giovani em minutos. Juntei uma coisa com a outra. Jean foi preso com uma grande quantidade de drogas, preso por tráfico. Comigo seria a mesma coisa, por isso aceitei vir.

Giovani pode comprar os presos, mas não os presos daquele lugar, não depois do que farei.

E, depois, Guerrero saberá de tudo. Porque ligarei para ele, tenho esse direito.

Guerrero saberá e não será na área de Giovani, porque Giovani não estará lá.

Aproximo-me mais da área sem proteção.

— Calma! — o policial pede.

— Ela disse que alguém estava correndo atrás de mim! — sussurro. — Ela disse. — toco o meu cabelo. — Eles vão me matar, não é?

— Não faremos nada. — o policial fala calmamente.

— Eles vieram me matar. — balanço a cabeça. — Eu sabia. Eles vieram, eles vieram. — continuam sussurrando. — Não escute, te protegerei.

— Se afaste...

— Eles vieram... Vieram. — sussurro. — Eu sabia.

Enquanto os policiais tentam me convencer a não me jogar no rio, eu dou uma de pessoa que escuta vozes. Não sou a traficante que eles vieram prender para ser jogada na cela e sofrer para o prazer de Giovani. Para que ele me use para calar a boca de Cassie.

Eles me prenderão, mas em outro lugar.

O policial consegue me segurar, atrapalhando a minha falsa tentativa de suicídio.

— Eles me pegaram. — começo a me debater. — Socorro! Socorro! Eles me pegaram!

— Chamem a ambulância! — o policial grita, enquanto eu o agrido.

Eu sei disso, eles não podem agredir uma pessoa nesse estado, afinal, estou surtando, eles tem que chamar a ambulância. É lei, pesquisei.

O policial me segura até a ambulância chegar. Os enfermeiros e a médica tentam me parar, tentam me controlar, até que cedo um pouco e eles me colocam em uma maca, amarrando minhas mãos e meus pés nela.

Depois, a viagem começa. A médica tenta conversar comigo, mas só sei conversar com minhas vozes. Mas eu já estou calma, porque fazer escândalo já afetou meu ombro.

Depois de alguns minutos a porta da ambulância é aberta e a medica fala sobre me medicar e ficar em observação.

Fico aliviada ao reconhecer o hospital psiquiátrico.

Pois é, Giovani. Acho que perdeu nessa. Estou no hospital psiquiátrico, porque é o que deve ser feito nesse caso. E esses policiais não são comprados, caso contrário, eles me levariam para qualquer lugar, não esperariam a ambulância.

E mais uma coisa, eu não sou a Katherine Vesentini filha do possível líder da Nostra Ancoma.

Eu sou Carolaine Smith, que tem algum transtorno mental. Eu pedi para colocarem isso em minha ficha, porque sabia que ter um surto me livraria da prisão. Não seria para Giovani, seria em caso de ser presa com drogas, colocaria como uma possível "pessoa com transtorno mental que usa drogas como recreação", pelo menos, eu me livraria da prisão normal por algum tempo.

Eu chamarei por Guerrero daqui de dentro. Se Giovani também mandar aqui, onde tem doentes mentais... Ponto para você, Giovani, mas, no momento, eu acho que está 1 para Kat e 1 para Giovani, porque o mendigo entrará na conta quando eu pegar Giovani.

Eu sairei daqui. Sairei pior, Giovani verá.

Capítulo 26

Katherine

Abro os meus olhos e observo tudo ao meu redor. Minhas mãos estão algemadas na grade de proteção que tem ao lado da maca, enquanto, ao meu lado, tem uma tela branca, onde, possivelmente, tem outro paciente ao lado e no meu lado esquerdo também.

Acho que me deram algo e só acordei agora.

Esperarei pacientemente alguém aparecer para me liberar, afinal, não tem provas que eu estava traficando, joguei até meu celular no rio. Eles terão que ligar para alguém, por isso mesmo coloquei dois números na minha identidade. O número de Marisa e de Guerrero, não Gabriel e nem meu pai, porque eles me levarão para casa e não é isso que quero.

Encosto minha cabeça no travesseiro e depois de alguns minutos, escuto a porta sendo aberta.

— Boa tarde, senhoria Vesentini.

Meu corpo se arrepia, mas eu me nego a ficar impressionada, ao invés disso, continuo olhando para baixo, fazendo de conta que não é comigo

— Katherine Vesentini, não adianta fingir que é doida como essa gente.

— Eu disse que sou doida. — sussurro. — Você disse que eu não era, mas sou doida. Ele disse que sou doida como essa gente, eu disse...

— Katherine, nem adianta fingir, eu sei da sua vida. Sou o Oswald, agente federal.

Agente federal? Que merda está acontecendo?

Vejo a mão dele debaixo do meu olhar.

— Ah, é, não pode me cumprimentar. — sei que está sorrindo. — Receberam uma denuncia que você estava traficando.

— Eu só queria me matar. — falo lentamente. — As vozes dizem para me jogar no rio.

— Então você jogou as drogas no rio?

— As vozes me ligaram, várias delas. Elas disseram que devo morrer, que devo me jogar no rio. Joguei o celular para as vozes pararem...

— Não foram drogas...

— Ele não é amigo, sei que não é. — balanço a cabeça de um lado para o outro. — Ele é outro que correrá atrás de mim como você, como sua sombra...

— Katherine, chega disso...

— Meu nome não é Katherine! — grito e jogo meu corpo para frente, Oswald até toma um susto e joga a cabeça para trás. — Meu nome é Lisa!

— É Katherine! — grita. — Não adianta fingir que é doida...

— Lisa! — grito. — Sai! — começo a sacudir meu corpo. — Ela disse que você não é meu amigo, que quer me matar! Você me perseguiu, como as sombras...

— Você não é louca!

Começo a me debater novamente, puxando as minhas mãos da algema e fazendo muito barulho. Faço tanto barulho gritando, com as algemas e com a maca enferrujada, que os outros pacientes que estão ao lado começam a gritar também.

Em segundos, os enfermeiros entram e, mais uma vez, aplicam algo em mim.

(...)

— O nome dela é Carolaine Smith. — abro um olho e vejo que, ao meu lado, a médica fala com o tal agente federal. — Tem os documentos. Estava no bolso dela.

— É falso. — o agente faz um gesto com as mãos, mostrando a sua irritação. É como se ele quisesse esganar a pobre doutora.

— Mas já pesquisamos, é verdadeiro. — um homem diz. — Ela não é a Katherine.

— Quando estávamos na delegacia, chegou a denuncia e o próprio policial ficou surpreso ao ver que é a Katherine. Porque o policial é do grupinho deles.

— Mas estamos há horas aqui e já vimos que não é a Katherine e que a denuncia é falsa, é apenas uma louca andando nas ruas jurando que vai se matar.

— Pedirei para que os dois se retirem. — a médica fala com firmeza. — Como já sabem, não tem provas contra a garota e ela é uma pessoa doente, ela nem sabe o próprio nome e no sistema público de saúde ela está com algumas consultas em psiquiatras e neurologistas, já olhamos isso também. Ela é uma pessoa doente, respeitem-na!

Oswald olha para mim e eu fecho o olho rapidamente.

— O que é isso no ombro dela? — ele toca o meu ombro e eu prendo a dor, porque esse filho de uma cadela aperta com força. — Ferimento?

— Não tiramos para olhar. — a médica tira a mão desse idiota de mim. — Podem tirar as algemas?

— Quer fazer meu trabalho? — escuto o som de chaves.

— Olha para mim, senhor. Eu sou uma médica nesse lugar, sabe quantos médicos querem vir para cá? Quantos enfermeiros? Eu não preciso de policiais e agentes federais gritando e piorando a vida deles e a minha. Denuncia falsa! Vai dizer que vocês deixam as pessoas presas mesmo sem provas? Vai por mim, eu sei que não fazem. Vinte e quatro horas em alguns casos, para pagar fiança e quando não tem provas, a pessoa é liberada. E essa menina, não tem nada de culpada. Pelo menos os policiais impediram o suicídio dela.

— Ela é a cara da Katherine...

— Mas não é. — escuto a voz de outro homem. — Olhando bem, é diferente em alguns aspectos. Essa menina parece ser mais gorda, menos alta... O que mais tem é gente parecida por aí. Vamos, Oswald. Ela não é quem procuramos. Estamos perdendo tempo aqui.

Oswald pragueja inúmeras coisas e depois escuto a porta fechando.

— Pode abrir os olhos. — escuto a voz da médica. — Sei que está acordada, Carolaine, eles não te farão nenhum mal.

Abro os meus olhos e encontro os olhos escuros da médica.

— Meu nome é Eliana, sou a médica responsável por você. Eles já foram embora, não se preocupem.

— Eles querem me fazer mal.

A médica pede calma e começa a retirar as algemas das minhas mãos.

— Eles não farão nada. — ela toca o meu pulso. — Vamos cuidar disso aqui.

Olho para meus pulsos, que estão feridos. Me debati tanto que me feri.

— Eles disseram que vão me pegar.

— Você passa por acompanhamento?

Abaixo a cabeça, enquanto ela lava meus pulsos.

— Pode me contar, Carolaine, não farei mal algum a você.

Olho para a médica e contengo a vontade de sorrir para ela. Ela é tão calma.

— Eu... Eu fugi.

— Fugiu de casa?

— Meus pais morreram há dois anos. Meu pai primeiro e depois minha mãe.

— Quem toma conta de você?

— Minha irmã gêmea.

— Duas menores de idade...

— Não, por favor. — retiro a minha mão da sua. — Não me manda para aquele lar novamente.

— Para a sua casa?

— Não, para o lar das crianças. Eles não gostam de mim, eles queriam levar apenas a minha irmã e me deixavam sozinha porque sou "defeituosa", eles disseram. Eles dizem, eu sei. Ninguém olha para mim.

— Ei, calma. — ela me abraça. — Sua irmã toma conta de você sozinha?

— Não. Tem uma família que nos ajuda. — balanço a cabeça afirmando, sem parar. — Eles cuidam de mim.

— E por que estava na rua?

— Eles saíram para trabalhar e minha irmã foi jogar o lixo fora. Eu saí. O celular eu peguei para ligar, só que me ligaram dizendo que iam me matar.

— As vozes dizem isso?

— Ela está do meu lado dizendo que você é má, mas você não é má. — empurro ela para longe. — Ou é?

— Não, eu sou boa. Entendo o que acontece com você, já temos casos aqui, a diferença é que você tem uma família para ajudar. Eles te ajudam?

— Sim. Eles vão ficar tristes porque fugi e me perdi.

— Não sabe voltar para casa?

Nego, balançando a cabeça.

— Na sua identidade, tem o número colado, eu liguei para o número e um deles não teve resposta. No outro número, um homem chamado Luiz Guerrero atendeu, ele disse que virá.

— Ele é bom, eu que sou má.

Ainda bem que você virá, Guerrero.

— Você não é má. — ela acaricia meus cabelos. — Só precisa tomar umas balas...

— Remédio?

— Não, você não tomará remédios. São balas para ajudar no sono, apenas. Assim você ficará bem. Eu te encaminharei para outro médico, porque

aqui é para emergência, ok? Você terá acompanhamento, para que eu acompanhe de perto.

— Certo. — confirmo.

Desculpe, senhora, mas não voltarei.

— O que é isso em seu ombro? — ela pergunta. — Foram eles que cuidaram de você?

— Sim.

— E o que aconteceu?

— Não lembro.

Abaixo a cabeça e ela começa a mudar de assunto, falando algumas coisas para me acalmar, depois, a porta é aberta e encontro Guerrero e Cassie.

Finalmente!

Cassie corre em minha direção e me abraça. Eu quero abraça-la com a mesma força, mas eu apenas abraço de maneira mais lenta.

— Ficaré tudo bem. — Cassie sussurra.

— Eu já conversei com o diretor daqui. — Guerrero fala. — Já resolvemos o assunto para Carolaine ir embora.

— Menor de idade...

— Ele entendeu que somos uma família que a acolheu, junto com a irmã, que tentamos levar para justiça, mas deu errado, porque eles colocaram Carolaine novamente naquele lar, ela sofreu muito... Bem, longa história.

A médica olha para mim.

— Boa sorte, Carolaine. — ela diz. — Não esqueça de seguir minhas recomendações.

Ela sai do quarto.

— Então, Cassandra e Katherine. — Guerrero cruza os braços. — Qual a verdade?

— Leu meu bilhete? — pergunto.

— Li e entendi, Giovani é um velho conhecido. Pronto, agora, levanta e vamos embora.

— Está chateado?

— Não, claro que não. Apenas anda que tem muita gritaria aqui.

— Espera que não passei por tudo isso para sair daqui sem conversar nada. — falo imediatamente. — Seu bairro está sendo vigiado por Giovani, penso que ele começou a atacar depois que Cassie conheceu sua mãe...

— Sim, ele está com mais raiva.

— Por quê?

— Porque Giovanni deveria matar minha mãe, mas não deu certo. Assim como matou meu pai, quando ele era bem novo.

— Seu pai não morreu de overdose?

— Morreu, mas Giovanni misturou algumas coisas.

— Quantos anos Giovanni tem?

— Deve ter minha idade, eu penso.

— Então, Giovanni está nos ameaçando. O tiroteio lá no bairro foi causado por ele, se falarmos algo, gente inocente morre. É isso que ele quer. Eu deveria ser presa, mas pensei mais rápido e me fingi de louca. Para que, assim, ou você ou sua mãe viessem me pegar para eu contar essa versão, para dizer que não é Benjamin e Javier por trás dessas loucuras, e sim Giovanni.

— Pegamos Ian. — Guerrero fala. — Conseguiremos pegar Giovanni.

— Então já sabia disso? Sabia de Giovanni? Passei por tudo isso por nada?

Agora sei que tem federais, enganei Giovanni e mostrei que sou mais inteligente... É, algo de interessante eu fiz.

— Não, agora sei que Giovanni está por trás disso, sei que devo matar quem te entregou aquela droga, sei que o bairro é vigiado e que o tiroteio teve esse motivo. E sei que as duas me enganaram.

Olho para Cassie, que abaixa a cabeça.

— Pelo menos as duas podem ajudar, não é? As duas são filhas...

— Nunca traímos vocês, só para que saibam. Fugimos de casa para que nada recaísse em vocês. E, mais uma coisa, tem agentes federais na cidade.

— Mais um na jogada? — ele passa a mão na cabeça.

— Sim, pelo menos o teatro serviu para isso. Giovanni me denunciou por tráfico, acho que um policial viu minha foto e me reconheceu, os federais estavam perto e vieram. A farsa dos nomes deu certo. Mas eles estão aqui por algo.

— Muita confusão junta. — Guerrero diz. — Muitas gangues, parece que a Nostra está se vingando matando gente, é isso o que escutamos falar. Os federais vieram para parar essa confusão, eles dizem. Porque, para o nosso lado, é mais um problema. — Guerrero faz sinal com a mão, para que eu ande rápido em sair da maca. — Então, meninas, vamos sair daqui e pegar Giovanni.

— Como faremos se sempre um inocente morre?

— As duas não farão nada. Para Giovanni, vocês continuam sendo Carolaine e Tiana. Não se arrisquem mais, vivam normalmente e deem a

sensação de vitória a ele. Não tiraremos câmeras dos bairros porque fiará na cara que sabemos de algo. Mataremos traidores porque fazemos isso e Giovani nunca fez nada, de qualquer maneira. As duas, devem viver normalmente. Giovani só atacou porque minha mãe gosta de Cassie, é uma vingança.

— Você está chateado, não é? — pergunto, sabendo a resposta.

— Claro. — ele rosna. — Um mês convivendo com vocês, nunca fiz mal algum e quando precisam, acham que é a hora de contar a verdade.

— Cara, se for para ficar chateado, fique comigo, não com a Cassie. Ela gosta de você, como você gosta dela.

O paciente começa a gritar algo sobre "calem a boca!", depois começa a xingar.

— Eu não tenho tempo para isso no momento. — ele aponta para o paciente, que agora eu vejo que é um idoso. — Tem um louco chamado Giovani causando confusão e quer nos matar...

— Ele quer matar sua mãe, não é? Por que ela impediu os planos dele. Impediu que o filho prodígio desse orgulho ao pai? — *só pode ser isso*. — Eles são treinados desde criança...

— Giovani era novo e eu também, fomos amigos por algum tempo e ele me odeia, assim como odeia minha mãe e meu pai. Ele quer mostrar que pode, matando os líderes da gangue. Ele tenta matar Orlando como fez com meu pai, com drogas. Giovani é aquele inimigo que pensávamos que tinha morrido, porque desapareceu. Não procuramos por ele porque tem gente a frente, agora sabemos que ele continua vivo e disposto a se vingar. Pegaremos Giovani, basta sabermos onde ele está. — olha para Cassie. — Esse é o nosso principal problema no momento, o resto, vemos em outro momento, não tenho tempo para sentimentalismo nem para rancor.

Bônus 10

Cassie

Uma semana depois

Guerrero nunca mais apareceu por aqui, pelo o que entendi, pegaram Ian e estão mantendo-o preso até que ele responda as perguntas, já que ele parece saber mais que os outros.

Uma semana que eu apenas penso que está tudo calmo, calmo até demais.

Acontecerá, eu sei. E eu estou disposta a ir, porque não adianta mais ficar aqui, sendo vítima de tudo, sendo que Giovani me quer. É o meu sofrimento que importará.

— Cassie. — Linda senta ao meu lado. Sorrio ao ver seu rosto normal, sem qualquer "W" gigante, graças a maquiagem. — Guerrero está aí.

— Na casa?

— Na porta. — ela sorri. — Está brincando com minha filha.

— Ok.

— Ele não veio aqui só para brincar com minha filha.

— Veio falar com você.

— Cassie, sei da verdade, ele também sabe. Guerrero é uma pessoa maravilhosa, ele saiu essa semana apenas para pensar.

— Pensar em como o enganei.

— Ele não é muito de amar, Cassie. — Linda sorri. — Conheci poucas namoradas dele, mas o meu marido falava sobre as exigências de Luiz Guerrero. Meu marido falava: "Quando Guerrero amar mesmo, prepare o vestido, porque será para casar".

— Continue preparando porque essa garota não sou eu.

— É sim, Cassie. Ele não te acha uma traidora, sabe que é pela sobrevivência. Se é para ser traidora, eu e Marisa somos.

Linda também sabe sobre nossos nomes, porque, sem querer, Kat me chamou de Cassie... Linda não é fácil de ser enganada.

Marisa disse que Guerrero está muito ocupado, e é até melhor que ele não me procure, para poder despistar Giovani.

— Vai, Cassie, vai até a porta e veja...

— Eu vou até a porta, mas irei embora. Não persistirei nisso.

Estou na casa de Linda enquanto Kat faz mais uma de suas inúmeras anotações, ela não me deixa ver nenhuma e nem quer alguém por perto nesses momentos.

— *Hola, Cassandra.* — essa voz...

Olho para Guerrero, que carrega Jaqueline de cabeça para baixo. Ela está rindo, enquanto ele está sorrindo para mim.

— *Hola, Guerrero.* — levanto-me do sofá. — Mais tarde venho te ver, Linda.

— Cassie... — Linda tenta me impedir.

— Cassandra. — Guerrero chama o meu nome e coloca Jaqueline no chão. — Vamos conversar.

— Eu não...

— Agora! — sua voz fica mais grossa, mais autoritária.

Suspiro e assinto com a cabeça. Guerrero me leva até o lado de fora da casa e sentamos nas cadeiras que tem aqui.

— Sinto muito por eu ter sumido nessa última semana. — segura a minha mão.

— Sei o que acontece, não precisa pedir desculpas.

— Quando soube sobre a sua identidade eu não falei nada...

— Melhor assim.

Guerrero apenas olhou para mim e falou: "Cassie? Esse é seu nome?". Confirmei e ele apenas me pegou pela mão, levando-me ao hospital onde Kat estava. Ele falou sobre o bilhete e disse que entendeu o recado.

Kat contou a verdade indiretamente.

— Eu deveria ter falado algo. Não ter sumido, por isso quero explicar. Quando disse que não tinha tempo para sentimentalismo e rancor, quis dizer que eu preciso pegar os culpados, não culpar você e sua irmã por tudo o que aconteceu. Mas estava um pouco chateado, não posso negar, acabei falando de uma maneira estúpida. Eu, mais que qualquer um, tenho meus segredos. Eu queria apenas ter a cabeça focada em tudo o que acontece.

— Então não está chateado?

— Claro que fiquei, mas eu não sou o cara que fica chateado facilmente...

— Você está assim com o West...

— Não tanto quanto antes, e ele. — encolhe os ombros. — Bem, West foi manipulado e aquilo me irritou, já você fez tudo para ajudar, para se salvar. E

Giovani é o culpado.

Na casa de Linda não tem qualquer coisa que possa gravar essa conversa.

— Desculpe-me pela grosseria. — aperta a minha mão.

Mordo o lábio, tentando não chorar.

— Não chore. — ele passa o polegar em minha bochecha, fazendo pequenos círculos. — Não mais.

— Eu sempre usei reclamações para não me envolver com alguém. "Eles falam errado, são idiotias". E você, Luiz, você é diferente, exatamente aquele tipo de cara que não queremos nos separar.

— Não vamos nos separar.

— Onde está Giovani? — pergunto, sabendo que ninguém sabe a resposta para isso.

— Não sabemos, mas saberemos. Eu estarei sempre aqui para você. — coloca a testa junto a minha. — *Para estar siempre cerca de ti, siendo tu protector. (Para estar sempre perto de você, sendo seu protetor).*

— Serei idiota se disser que te amo? Está muito...

— Eu também te amo, Cassie. E devo dizer que seu nome é mais bonito dessa maneira, Cassandra.

— Preciso te mostrar algo.

Pego o celular e mostro a última mensagem de Giovani, recebi ontem. Ele está bem louco pelo o que aconteceu com Kat, por ela o enganar.

Guerrero lê a mensagem e vai ficando mais irritado.

— Não se preocupe. — me devolve o celular. — Nada acontecerá.

— Acontecerá e sabemos disso.

— Colocarei várias seguranças ao seu lado e ao lado de Kat.

— Se não der...

— Será feito e dará certo. Eu protegerei e salvarei vocês, nada acontecerá, eu prometo.

— Se acontecer, só Kat ficará mal. Giovani vai ferrar com ela, depois com você, com meu irmão, com meus tios, com Marisa. Com todos aqueles que eu me importo, nunca comigo, é sempre assim. Por isso ele tentou prender Kat, para controlar a vida dela lá dentro e me controlar aqui fora.

— Ele não vai pegar ninguém, muito menos te fazer refém novamente. Eu não deixarei.

— Mas se acontecer, quero que saiba que te amo e que você é a melhor

pessoa que eu conheci. Quero que você e Kat saibam disso, que amo vocês, meus tios, meu irmão, a Karen, Marisa, Linda e Jaqueline. Quero que saibam disso e que agradeça por terem transformado o inferno que era a minha vida em um pequeno paraíso.

— Isso não é uma despedida, não é?

— Se não conseguirmos, eu não acabarei com a vida de mais ninguém, Luiz.

— Ninguém terá a vida acabada, pare de pensar assim. — coloca a mão no meu rosto e beijo a palma da sua mão. — O único que morrerá será Giovani, apenas ele, mais ninguém.

Rezo para que isso seja verdade, para que nada nos aconteça. Mas o mau pressentimento está pior, como sempre. Mas, dessa vez, o mau pressentimento está para o meu lado e, de uma maneira estranha, para o de Linda, por isso vim a casa dela, uma vontade repentina de conversar com ela e brincar com a Line.

Protegeremos uma a outra, uma das regras da nossa gangue, a minha e a de Kat, *dar a vida pela outra*. Kat já fez tanto por mim, está presa no quarto fazendo teorias, está tomando remédio para dormir, para dor de cabeça, para as dores nos ombros, para não infeccionar... Tudo para acabar com Giovani e para me livrar dele... Kat enfiou a faca em Ian para me salvar... Kat está sempre me ajudando.

Obrigada por tudo, Kat.

Capítulo 27

Katherine

Eu sou uma inútil! INÚTIL!

Escrevo em um caderninho, com letras bem escuras e gigantes. Porque é isso que sou, uma INÚTIL!

Estou pensando sem parar, procurando algo para fazer, pensando em como pegar Giovani, mas, e aí? Nem sei por onde começar.

Uma semana de malditos nada. Nem sei se isso é bom, porque, pelo menos, não ocorreu um ataque.

Giovani já disse que é para nos prepararmos, que algo acontecerá. Como não tenho celular, Giovani não fala comigo e eu também nem ligo o notebook, para não dar de cara com aquele sorriso idiota, sonso, estúpido, eu te matarei! Cortarei a perna dele, sim, uma tortura básica antes.

Eu estou bem irritada, não tenho palavras para descrever o que sinto agora.

E ver Cassie triste me dá mais raiva. *Muito mais raiva!*

Pelo menos Guerrero já falou com ela e disse que está tudo bem. Entendo a reação do Guerrero. Ele estava muito próximo a Cassie e ela mentindo sobre tudo, nome, vida, de onde veio, que sou sua irmã...

Se bem que eu também escondo a verdade de Gabriel, mas, o que vou fazer? Coloca-lo nessa história louca? Depois de todas as ameaças? Ir ao seu encontro? Ligar para ele e rastrearem a ligação?

Guerrero e Marisa estão a frente de tudo, tentando resolver os problemas. Se for o caso, chamarei Gabriel, mas, no momento, prefiro não chama-lo.

— Tia. — Jaqueline senta em meu colo. — Guerrero está vendo tia Tiana.

Coloco meu caderninho no bolso a aperto barriga de Jaqueline, fazendo com que ela ria.

— Será que eles trocaram salivas?

— Sim, eu vi.

— Menina fofqueira! — Guerrero dá um leve puxão no rabo de cavalo de Jaqueline. — Não ensine essas palavras para a menina.

— Troca de salivas é mais interessante que falar "beijo".

— É nojento.

— Todo mundo fala isso. — reviro os olhos. — Mas não é. O que é beijo? Que merda é essa? Beijo? Troca de salivas é o que acontece verdadeiramente.

Guerrero ri e senta no sofá.

— Onde Cassie está? — pergunto.

— Lá fora, pegando algo na pequena horta.

Jaqueline pega o controle da TV e sai correndo até a poltrona mais próxima, onde ela liga o aparelho e começa a assistir um desenho.

— Então, será que você e Cassie estão bem mesmo? — olho para Guerrero.

— Estamos bem. — confirma e encosta no sofá. — Eu vim aqui para perguntar a você mais sobre Cassie.

— Uau! Por que perguntar pra mim?

— Cassie está meio área, fala pouco, monossilábica.

Coço meu queixo e penso no que responder, tentando ignorar a parte de "Cassie está diferente", porque eu vejo que ela está.

— Cassie é minha melhor amiga, conheço-a há anos, infelizmente, aquela história com Giovani eu desconheci, disseram que ela estava doente e eu acreditei, jamais esperaria que algo tivesse acontecido. Quando Cassie melhorou, voltamos a ser como era antes, ela voltou a sorrir e hoje estamos aqui.

— Estão aqui para lutar contra todos que estão ao lado de Giovani. Não se preocupe que na casa de Linda não tem câmeras e escutas, ela tirou.

— Sim, estamos atrás dele. Você sumiu por uma semana, nem dando tempo de falarmos algo...

— Eu já expliquei que estava focado em pegar traidores, pegamos alguns que não sabem de nada e pegamos Ian, que é o contato direto com Giovani ou com alguém que trabalha com ele, não pude sair daquela situação rapidamente.

— E ele te deu respostas?

— Não. — nega. — Ele está sendo difícil para falar. Porque se for Giovani, será uma resposta óbvia, mas nos dará a quase certeza que não tem outro inimigo na jogada, se não for, saberemos que tem mais com quem lutar.

— O pai de Giovani, Yoshida. Ele é o maior inimigo... Quer dizer, pensando bem, não sei qual o pior. Quem era o pai de Giovani quando o conheceu?

— O conheci na escola. — ele explica. — Nos aproximamos pelo mesmo motivo que começam muitas amizades, interesses em comum, boa conversa. Conheci apenas a mãe dele, o pai estava separado da mulher e não ligava muito

para o filho. A mãe dele era calada, quando ia a casa dela, ela pouco falava, perguntava sobre o dia e depois ia para o quarto assistir novela. Giovanni dizia que era depressão, pelo divórcio.

— Seus pais não pesquisaram?

— Sim, e tudo bateu com as informações. Certamente ele fez o mesmo que você e Cassie, fez com que uma vida falsa se tornasse verdadeira. — não senti acusação em sua voz, ponto para você, Guerrero. — Depois de algum tempo, estávamos em uma casa bem simples, Giovanni sabia quem era meu pai, todos daquele lugar sabiam. O governador que, possivelmente, traficava. Mas aquela casa era tão simples que eu acho que Giovanni nem pensou que tivesse câmeras de segurança em todos os lugares. Resumindo, ele misturou várias substancias para o meu pai e ele usou naquela noite, morrendo logo após e sendo dado como "overdose". Mais tarde, vimos nas filmagens, mas já era tarde, Giovanni havia sumido.

— Você disse que ele tentou matar sua mãe.

— No enterro, ele tentou atirar em minha mãe, um segurança acabou morrendo no tiroteio e Giovanni foi baleado na perna, mas depois sumiu. Do jeito que era, pensávamos que estivesse morto, porque ele nunca voltou para terminar o serviço.

— A família dele estava como pertencente da Nostra, acho que Giovanni cresceu nela, ao menos, disseram isso. Pode ser que esse período que ele ficou fora, ele e os pais disseram que ele estava estudando em outro lugar, se não me engano, tinha essa história. Que Giovanni, o príncipezinho, foi estudar fora, para voltar mais estudado e mais culto.

— Certamente o tempo em que estive ao meu lado.

— Por que sua mãe? Sua família?

— Poder. Meus pais são inimigos diretos da Sangre Latino, mesmo tráfico, mesma busca de território, quase o mesmo continente, tudo isso faz com que sejamos inimigos. No entanto, tem gente que jura que não quer poder, e sim aliados para tomar o controle em outras áreas. Quando meu pai morreu, juraram que minha mãe seria fácil de ser manipulada, que ela até casaria com Benjamin ou Javier, assim, eles ficariam perto de tudo. Matando minha mãe, as coisas ficariam desestabilizada, eu era muito novo na época, entendia dos negócios, mas nunca havia mexido muito com aquilo, já o West ainda estava aprendendo...

Javier até casaria com Marisa... Eu fico com mais raiva desse homem a cada vez que falam o nome dele.

— Matando sua mãe, não teriam nem tempo de sofrer. — concluo. — O

ataque começaria e aquele lugar seria tomado.

— Sim, lá não tem outra gente querendo pegar os negócios, então, dessa maneira, eles teriam um território só para ser tomado, onde os negócios ficariam na mão deles. O que mais me deixou intrigado na época foi a idade de Giovani, eu tinha uns quatorze ou quinze anos, Giovani tinha o mesmo, ou aparentava ter.

— Treinados. — olho bem para Guerrero. — Vocês não sabem nada mesmo, não é? — nega. — Vocês não estão lidando com um traficante que quer espaço, estão lidando com uma quadrilha que mexe com tráfico humano, de órgãos. Eles roubam famílias, roubam crianças, dão bebês, pegam bebês. Abrem corpos e tiram seus órgãos para serem comercializados no mercado negro. Eles pegam crianças para formarem seu exercito.

— Exercito de criança? — faz uma carranca, incrédulo.

— Guerrero, tem crianças que são treinadas para serem homens bomba quando crescerem, para começar um ataque, para fazer um atentado, infelizmente, não é novidade. Tem uma história que escutei bem por alto, parece que Yoshida foi criado para isso, ele usa máscaras porque é algo que o fascina. É como se ele fosse fantasioso, visse as coisas e quisesse fazer igual. Como disse, Yoshida foi treinado desde cedo para matar, ele pode achar genial e faz aquilo com outras crianças para imitar o seu criador.

— Isso é algo desconhecido por todos nós. — Guerrero está atônito. — Pensávamos que fosse por território.

— Não, não é, se fosse, seria bem mais fácil. O líder de tudo não tem um rosto fixo, sempre muda. Por isso ninguém o pegou até agora. Acho que Benjamin e Javier acham idiotice, porque eles nunca usaram nada para esconder a identidade, nem Giovani, já que nem o nome ele mudou.

— Giovani mentiu sobre a família para mim, porque o conheci com outra mãe e outro pai, outra história de vida.

— E o que aconteceu com eles?

— A mãe se matou, fomos atrás de Giovani e ficamos sem respostas. Quando voltamos para lá, a mulher tinha dado um tiro na própria cabeça. O pai dele também estava morto, tinha morrido horas antes da mãe. Lembro que nas investigações eles procuraram por Giovani, então acabaram considerando que o sumiço dele afetou os pais. Não contamos nada sobre ele ter matado o meu pai, começaria uma série de investigações para o nosso lado, preferimos não falar nada.

— Falarei a verdade para você, posso estar errada e entrei nessa por nada. — respiro fundo. — Mas, pelo menos, foi bom porque nos conhecemos.

Eu entrei nessa história e persisti com a mentira, porque quando fui pega pelo Ian, o West mostrou um frasco como se aquilo fosse algo fascinante, a única mercadoria que não estragou com aquela água...

— Um alucinógeno. Um óleo que eu experimentaria para ver o que poderia fazer.

— Ah, era isso?

É como se meu castelinho de areia estivesse todo lindo e construído, então, eu, a princesa, estivesse chegando com meu vestido preto para eu ser coroada, mas a onda vem e destrói tudo. Destruindo o meu sonho de princesa.

Eu não sei o que dizer nesse momento.

Uma droga alucinógena! Não a merda que mata! E sim a merda que alucina!

— O que pensou que fosse? — Guerrero pergunta.

— É que Yoshida usa uma droga para matar, uma espécie nova...

— Então ele já usou?

— Meu sonho de princesa está vivo? — sei que meus olhos brilham. — Foi você quem criou, não foi? A droga é sua! Eu sabia!

— Criei sem querer, era para ter feito outra coisa. — é como se ele estivesse pedindo desculpas. — Então, eles já usaram?

— Sim, já, meu pai estava preso com eles e acabou vendo um dos testes. Disse que a coisa foi tensa, queriam deixar meu pai vivo para que fizessem o mesmo comigo.

— Eles usam nas vítimas?

— Sim. Em muitas das minhas anotações, eu pensei em algo. Se a droga que você criou não ficar muito tempo na corrente sanguínea? Tipo, uma maneira mais doentia, mas que eles não sujaram as mãos de sangue para fazer. Eles apenas aplicam e esperam a morte, depois, começam a tirar os órgãos. Talvez esse seja o motivo da procura por essa droga. Matar sem sujar tudo e sem que, sei lá, danifique algum órgão.

— Sei que causa uma espécie de apagão na pessoa, não sei se "danifica" ou não algum órgão, isso não me interessou porque me recusei a fazer mais.

— Pois é isso que eles querem sua droga.

— Pensei que fosse para matar inimigos, não que fosse para tráfico de órgãos.

— É o que penso, se é o correto, só Deus e aquela gente sabe. Então, cunhado...

— O que quer, Katherine? — ele sabe que quero puxar o saco dele. —

Esse truque não serve comigo.

— Ok. Eu tive uma ideia e por isso eu fiquei aqui. Quando disse que é químico, algo em mim acendeu, a chama da esperança, da perseverança...

— Direto ao assunto.

— Você é muito grosso!

— Você quer algo e preciso saber o que é, não precisa me enrolar.

— Certo, então. — respiro fundo e despejo tudo de uma única vez. — Será que dá para fazer uma arma química ou biológica?

Guerrero inclina a cabeça para o lado e pisca os olhos.

— Como é?

— Guerrero, essa gente fica no subterrâneo, local fechado, se contaminarmos algo, tudo ficará preso lá dentro. O material que envolve aquele lugar é resistente...

— Uma bomba...

— Uma bomba? Várias bombas, não é? E para dar certo, eu e você sabemos que a coisa tem que ser espalhada, o local é grande. Uma arma que quero vai se espalhar rapidamente, pela ventilação, aqueles buraquinhos que tem, sabe? Pode se espalhar pela boca, pelo nariz, pelo tato, é mais eficaz e é invisível, acredite em mim...

— Eu sei disso, Katherine. — ele suspira. — E como colocará algo lá dentro?

— Darei meu jeito. — dou de ombros.

— Já ouviu falar em "oxigênio líquido"?*

— Já?

— Então, o mesmo cara que consegue essas coisas loucas, me deu esse oxigênio líquido, podemos dizer que ele é um louco, que faz loucuras para certas pessoas, eu sou uma delas. Nos conhecemos na faculdade, ele é mais velho que eu e o seu irmão já fazia essas coisas, ele me deu esse oxigênio líquido porque ele conseguiu... Como poderia dizer? Ele conseguiu fazer algo do tipo e me entregou, caso um dia eu precisasse.

— Ele te deu oxi...

— Eu peguei algumas coisas na mão dele para acabar com certas pessoas, a notícia se espalhou, não que fui eu, mas que a derrota para aquele grupo chegou. O fornecedor estava mais para a ideologia da guerrilha, então ele ligou uma coisa à outra e, como prêmio, ele me mandou aquilo. Não foi na época, deve ter uns sete meses. Ele criou e pediu para que eu "cuidasse", ele sabe o que faço.

— Então, vai fazer o que com isso? — provoco.

— No momento, é a única arma química, se assim posso dizer, que eu tenho pronta. Para criar o que quer, tenho que falar com aquele cara para ele me vender as coisas e, assim, tenho que ir para o meu laboratório e fazer algo.

— O laboratório daqui?

— Não. — ele ri. — A droga foi criada aqui sem querer, eu queria algo como LSD, cocaína, não uma arma. Mas comecei a criar no laboratório. No entanto foi feito naquela casa. Não gosto criar algo naquele lugar, alguém pode entrar e usar sem perceber que é algo em fase de teste.

— Então, será que alguém me ajudará como minha arma?

— É altamente perigoso, Katherine. Um manuseio errado e é você quem fica contaminada. Podemos matar inúmeras pessoas caso der algum erro.

— Você já fez isso antes, certo?

— Você dará para alguém, certo? Se essa pessoa cair, ou a coisa abrir, contaminará o ar, o solo, podemos dar uma pandemia ao mundo.

— Ou livraremos o mundo de uma epidemia. Guerrero, eles não são bons e essa é a coisa mais inteligente que pensei. Como atacar sem gerar uma guerra direta? Ataque silenciosamente.

— Ok, Katherine. Mas não será rápido.

— Com os...

— Foi rápido porque ele tinha as coisas, se ele tiver o que preciso, melhor, se não tiver, teremos que esperar.

— Mas está junto comigo nessa, não é?

— Sim, Katherine. Estamos juntos nessa.

(...)

Um grito agudo me acorda.

Abro os meus olhos e é como se ainda tivesse dormindo. Uma escuridão está a minha frente.

— Calma, ok? Ela está bem, ela virá conosco. Apenas calma.

Isso é Cassie?

Tento gritar e algo em minha boca atrapalha, fazendo com que só saia barulhos e não minha voz.

Ao meu lado, escuto o mesmo barulho. Começo a me balançar, agora percebo que estou de cabeça para baixo. Com minhas mãos algemadas nas pernas e minha cabeça para o chão.

— Mãe!

Jaqueline?

Começo a me balançar com mais força, por mais incrível que pareça, a algema abre e eu caio, batendo a cabeça no chão.

Levanto-me, mesmo no escuro, e tento tirar as algemas da minha perna, mas, quando percebo, a corrente está amarrada, não presa por um cadeado.

Tiro o que está em minha boca.

— Quem está aí? — grito.

— Katherine! Sou eu, Cassie! — corro até onde está a sua voz. — Não consigo abrir a porta, Marisa está aí dentro com você.

Tateio a porta, procurando o que abrir, quando encontro a maçaneta, chacoalho, bato na porta e nada acontece.

— Eu tentarei buscar por algo. — Cassie grita.

Vou até onde escuto os sons e procuro pelo rosto da Marisa, conseguindo tirar o que está em sua boca.

— Como nos pegaram? — é a primeira coisa que ela pergunta.

— Só lembro de jantarmos juntas, apenas.

— Eles envenenaram a comida? O suco?

Continuo tateando em busca das algemas, mas a dela está mais presa que a minha.

O forte barulho na porta chama a minha atenção. Em minutos, a porta é aberta e vejo a claridade vindo da porta.

— Isso aqui deve ajudar! — Cassie corre com uma espécie de alicate gigante e vai até as correntes onde Marisa está, conseguindo quebrar a parte onde os pés estão acorrentados. Marisa cai e logo se levanta, cambaleando um pouco.

— Essas correntes são frágeis. — falo.

— É uma armadilha. — Cassie grita. — Vamos!

Ela retira as algemas das mãos de Marisa.

— Como é uma armadilha?

Quando passamos pela porta, vejo três homens mortos e Linda sendo abraçada por Jaqueline...

— Ela...

— Morreu. — Cassie sussurra. — Line não entende isso.

Cassie vai até Line, que está chacoalhando a mãe.

— Mãe, vem comigo. — ela sussurra. — Levanta e vem com a gente.

— Vem, Line. — Cassie pega Line. — Sua mãe virá daqui a pouco, ela está dormindo.

— A cabeça dele está vermelha, tia. — Line começa a chorar.

— É tinta, meu amor. Venha comigo. Sua mãe virá daqui a pouco, ok?

Marisa vai até Linda e se ajoelha, chorando de soluçar.

Encosto na parede e tento controlar as minhas lágrimas.

Hoje estávamos juntas, almoçando, jantando, ela estava sorrindo e, agora, Linda tem uma bala na cabeça. *Como isso aconteceu tão rápido?*

— West. — Cassie sussurra e indica a direção com a cabeça, onde vejo West caído, com sangue saindo do seu corpo. — Ele estava acordado e tentou me salvar, foi quando Linda também acordou e foi morta, quando West tentou fazer algo, aquele homem ali. — aponta para o homem caído. — Ele virou e atirou em West. Peguei aquele alicate e, bem, enfiei na cabeça do homem. Line viu tudo.

— Oh meu...

— Vamos embora, é uma armadilha. — Cassie segura a minha mão. — Está tudo muito fácil.

Vou até Marisa, que agora notou o sobrinho morto.

— Venha comigo, Marisa! — peço.

Agarro a sua mão enquanto Cassie segura Line, ela vai até a janela da casa e depois volta.

— Lá embaixo tem onde sair. Eu procurei a saída, mas dá em um rio. — ela fala rapidamente. — Precisaremos ter cuidado, ok? Respirem. — Line agarra o pescoço de Cassie.

— E minha mãe? — Line pergunta.

— Ela virá, daqui a pouco ela acorda. — Cassie sussurra e acaricia o rosto de Line. — Levem essas armas no chão, caso precisem de algo.

Pegamos as armas que ela indicou.

— Passaremos pelo rio e vamos embora, vai demorar porque o rio é longo, mas é raso.

— Conhece?

— Eles falaram. — olha para mim. — Seria a rota de fuga deles. Aqui está. — me entrega a chave de um carro. — Do outro lado tem o carro deles,

entraremos e vamos embora. Mas tem que ser rápido a travessia, está escuro e não sabemos dos bichos que tem aqui. Preparadas?

Confirmamos.

Cassie levanta um tapete e abre uma pequena porta, onde a escada nos leva para baixo.

Marisa desce primeiro e eu desço depois, onde Cassie me entrega Line.

— Minha mãe? — Line pergunta.

— Ela virá. — respondo, segurando-a em meu braço.

— Quando virem o carro, entrem e não olhem para trás, apenas vão.

— O que está falando? — olho para Cassie.

— Apenas vão !

— Mãos para cima! — escuto os gritos vindo de fora. — Polícia, mãos para cima.

Escuto o estrondo da porta sendo fechada, deixando-nos no escuro.

— Cassie! — Marisa tapa a minha boca.

Escuto mais um estrondo.

— Mãos para cima! — escuto os gritos.

— É a...

— A polícia. — Marisa responde. — Eles pegaram a Cassie.

Marisa tapa a boca, tentando controlar o choro. Eu faço o mesmo.

— Minha mãe? — abraço Line.

— Ela não pode...

— Se Cassie deu tempo para fugirmos? — Marisa pergunta.

Corremos até a janela quebrada, onde vejo um rio logo à frente.

— Eu não posso deixa-la para trás...

— É isso o que ela quer, Kat. Ela quer nos ver livre, ela está se entregando para pegarmos Giovanni.

— Não tem mais ninguém na casa! — escuto os gritos de Cassie e, depois, parece que alguém caiu em cima da porta.

— Como assim? — olho para Marisa.

— Ela sabe que se for pega, Giovanni aparecerá.

— Ela contou...

— Eu percebi pelas conversas dela. Cassie está dando tempo para fugirmos, porque ela acha que merecemos mais liberdade do que ela.

— Mas...

— Nós tiraremos Cassie dessa. Eu prometo.

Olho para a porta, onde gritos com perguntas ecoam e onde eles gritam para vasculharem o lugar. E Cassie diz que não tem mais ninguém.

Respiro fundo.

Por que, Cassie? Seríamos nós, não você...

Capítulo 28

Katherine

— Podemos usar nossas armas. — sussurro, depois de sairmos pela janela.

— Vamos ver quanto temos de munição. — Marisa olha para a arma. — Não temos nada.

— Cassie nos deu arma sem munição? — suspiro audivelmente, tentando processar tudo o que aconteceu.

Sem Linda, sem West e com Cassie sendo presa.

— Precisamos fazer algo. — Marisa olha para Line, que está agarrada em minha perna. — Precisamos sair daqui, esse é o plano de Cassie.

— Cassie não planejou tudo isso...

— Provavelmente não, mas ela está lá dentro dando tempo para irmos embora. Nós vamos tira-la dessa, prometo.

— Como?

— Advogados, se não der certo, fuga.

— Fuga da prisão?

— Sim, certamente. — Marisa carrega Line no colo. — Precisamos de silêncio, ok? Sua mãe virá mais tarde.

Marisa abraça Jaqueline e eu olho para casa, vendo as luzes da polícia na noite escura.

— Você não fez tudo isso sozinha, nem estando ao lado do West! — escuto os gritos dentro da casa. — Quem está aqui?

— Não tem ninguém aqui! Ninguém!

Respiro fundo.

Eu voltarei, Cassie, não te deixarei para trás em nenhum momento, sei que me deixou ir para que eu ajudasse, para que eu continuasse o plano. E farei isso, farei isso por você e por Linda, talvez por West, já que ele tentou salvar vocês.

Eu me vingarei!

Corro até o rio e Marisa começa a atravessar, junto com Line.

— Espero que seja raso. — ela sussurra.

— Espero o mesmo.

Seguro na blusa de Marisa enquanto atravessamos o rio, que, por sorte, é

raso. Em alguns momentos descíamos, quando pisávamos em uma terra mais fofa, mas nada de tão assustador, não como o que aconteceu anteriormente. Sei que, no momento, não poderei deixar que o medo me abata, eu preciso ser forte para seguir em frente.

Saímos do rio e corremos mais um pouco, encontrando o carro que Cassie falou. Marisa aperta um botão na chave que Cassie entregou e as portas são destravadas.

— Espera. — Marisa pede para parar. — Não confio nisso, muito fácil. É melhor andarmos do que entrar nisso.

Apenas concordo, começando a andar junto com Marisa e Jaqueline, que ainda pergunta quando a mãe voltará.

Como tudo isso aconteceu? Em um momento estávamos jantando e... Colocaram algo em nossa comida? Todos os seguranças que Guerrero colocou são traidores? Ninguém daquele apartamento viu? West apareceu do nada naquela casa tentando salvar a pátria?

Por que eu demorei de acordar? Por que Cassie já estava lucida e tinha feito tanta coisa? Por que a minha algema nem estava tão pre... É isso? Giovani tentaria me prender novamente? Por isso a polícia chegou rápido.

Para me incriminar.

Eu me soltaria facilmente e teriam mortos a minha volta, era eu que estaria no lugar de Cassie... O cara que morreu por último, pode ter sido o cara que deveria levar Cassie, sendo assim, ele matou Linda por algum motivo, talvez, para gerar ódio de Guerrero com Cassie? Ódio de Guerrero por mim? Só que West apareceu e tentou fazer algo...

Eu seria a culpada por tudo. Eu e Marisa. Giovani pegaria nós duas. Ele pegou Cassie... *Não, eu vou pega-lo antes.*

Cassie me deixou para que eu fizesse algo, e eu farei.

Nem que eu tenha que rodar esse mundo, mas eu encontrarei Giovani.

(...)

Eu me recuso a chorar.

O corpo de Linda foi identificado e Marisa foi ver o que aconteceu, saber mais informações sobre o caso. Guerrero está sentado no chão, ao meu lado, sem

dizer uma palavra, ele apenas abraça Line, que pergunta sobre a mãe.

Passamos horas andando até acharmos um telefone e ligar para Guerrero, agora, a noite, estamos em casa, sem saber o que dizer e fazer.

— Parece que colocaram algo no reservatório da água que fica no prédio. — Juan me entrega um comprimido, para a dor no meu ombro. No meio de tanta coisa, o ferimento no meu ombro voltou a abrir e agora dói, mas não tanto quanto a dor da raiva. *Sim, a raiva dói.* — Porque todo mundo bebeu água, ou comeu algo que passou pela água. E também teve gás, eles jogaram algumas bombas de gás no térreo, onde estavam alguns seguranças.

— Ele conseguiu mais uma vez. — tomo o comprimido. — Nos desestabilizou com facilidade.

— Desculpe-me, deveríamos ter pensado em contaminação, em bombas de gás. — um dos seguranças abaixa a cabeça. Ele e os outros já pediram desculpas dezenas de vezes. Desculpas por terem desmaiado e por não terem acordado com os gritos de Guerrero e dos outros. Ao que tudo indica, quem nos levou foi silencioso e usou os fundos, exatamente onde estavam os seguranças, os vizinhos não estranharam porque era mais gente de Guerrero, que são os mortos que estavam naquela casa. — Eu peço perdão mais uma vez, estamos preparados para o castigo.

— Não é castigo que queremos. — Guerrero levanta, carregando Line no colo. — É vingança que queremos.

— Nós estamos mais atrás de Giovani do que antes, isso eu garanto, Luiz. — o segurança informa. — Pedi para que ficassem de olho no lugar para onde levaram Tiana.

— Sabem onde é? — pergunto.

— Quatro opções, mas, pela movimentação, acho já achamos o lugar. O crime cometido foi... — ele não diz, sabemos o que é. — Então Tiana será considerada perigosa, por enquanto, ela seria levada para um desses lugares.

— E o que farão? Vão planejar uma fuga?

— Já fizemos isso. — Guerrero olha para mim. — Mas não nessas circunstâncias. Sempre era por tráfico, por briga... Crimes que demoravam a ser julgados, sem envolver a Federal, em um presídio mais ou menos, de segurança média. Cassie está presa em um lugar cercado, se a Federal souber quem é ela, piorou. Será o jeito esperarmos o momento de tira-la de lá.

— Ela é a Tiana...

— Katherine, aquela médica ajudou você, ela te livrou de mais investigações e saímos rápido do hospital. Sabemos que o tal Oswald voltaria,

você não o enganou e sei disso. Katherine, estamos falando dos federais, eles tem banco de dados com o DNA, impressão digital e etc. Um exame e eles saberão que Tiana é Cassandra, nem adianta mentir.

— Se mudarmos...

— Duvido que algum amigo seu tenha dado vida a Tiana e Carolaine nesse banco de dados, duvido muito. É algo mais difícil e mais demorado, pelo tempo de criação da vida de vocês, esse detalhe faltou.

Bato a mão na testa.

Merda, eu não lembrei esse detalhe! Ninguém lembrou.

— De qualquer maneira, estamos espionando. Pode ser burrice, e será muita se isso acontecer. — olho para o segurança. — Mas se Giovanni estiver ao lado dos federais, ele aparecerá mais cedo ou mais tarde para visitar Tiana... Cassie. — ele se corrige. — E quando acontecer, nós devemos pega-lo? Porque, pelo que saiba, se pegarmos, pessoas sofrem...

— E já sofreram. — falo imediatamente. — Pegue-o. Pegue Giovanni e traga-o para mim, sofrerei as consequências dos meus atos, mas Giovanni sofrerá na minha mão. — olho para Guerrero. — Tenho planos do que fazer com Giovanni, podemos conversar?

— Fiquem de olho e, quando encontrarem Giovanni, pegue-o e traga-o para mim. — Guerrero fala com o segurança.

— Certo, farei isso.

(...)

— Orlando está vivo. — Marisa anda de um lado para o outro. — Ele está em um hospital da área militar, para que não tente fugir nem nada do tipo. Um dos guardas deu essa informação. — ela para de andar. — Cassie está sobre investigação, sendo mantida em algum lugar para o interrogatório.

— Ela está sendo acusada de todos os crimes?

— Ela matou um federal, ela matou um agente federal. Aquele alicate enorme tem as impressões digitais dela, e Cassie enfiou na cabeça daquele homem.

— Era um agente federal? Com Giovanni? — sento na cadeira. — Claro, por isso eles apareceram rápido. Mas eles não insistiram quando me

encontraram.

— Vai ver só um era comprado, o resto não sabe de nada, mas cairão em cima de Cassie, porque ela matou um deles e tem provas. Cassie tinha sangue daquele homem na roupa, nas mãos...

— Mas o homem não matou os outros que estavam lá? Legítima defesa? — questiono.

— Não, com certeza não foi algo óbvio. — Guerrero coloca a mão na cabeça. — Giovani não deixaria tantos crimes nas mãos de outras pessoas.

— As armas, Kat. — Marisa olha para mim. — As armas sem munição que Cassie nos entregou. Se forem as armas que eles usariam para nos incriminar? Descarregadas, porque descarregamos tudo naqueles homens.

— Cassie sabia? — a dúvida aparece na minha mente.

— O carro, ela sabia disso, ela estava acordada e escutou.

— Pegamos o carro. — Guerrero informa. — Estamos tentando descobrir algo sobre ele, ver se tem algum trajeto gravado.

— Então, não tem um jeito de Cassie escapar das acusações? Giovani, ele...

— Mesmo se pegarmos Giovani, o que faremos? O entregaremos a polícia? O cara que não tem passagem alguma. O cara que é visto como um "príncipe", como você mesmo disse. — Guerrero fala com dor carregada na voz. — Já vimos que Giovani tem gente dentro, ou tinha. Mesmo assim, o que faremos para incriminá-lo? Querendo ou não, Cassie matou aquele homem. A única saída é a fuga.

— E conseguiremos a fuga?

— Penitenciária de segurança máxima. Ela matou um agente federal. — Marisa senta na cadeira. — Matou um federal e se descobrirem de Tiana Smith, mas um crime na conta dela. Quem criou Tiana, deve apaga-la do mapa agora.

— E esse crime vai pesar na condenação? — pergunto. — Pesará mais?

— Ela matou um federal, Katherine. — Guerrero diz. — Matou o Federal com um alicate na cabeça, requinte de crueldade. Tem os outros mortos, tem Linda e West que são de gangues e tem passagens pela polícia, é muita coisa.

— O agente estava investigando enquanto foi morto. — Marisa diz. — Estava investigando vocês duas. Então Cassie o matou. Nem adiantará dizer que foi defesa, vão acreditar em West? Acreditar em nós duas que somos os alvos da investigação?

— Cassie é menor de idade e será julgada como adulta. — Guerrero

levanta da cadeira e vai até a porta da saída. — Por ela ser menor de idade, deve pegar a perpétua. Se o julgamento demorar mais e ela completar a maioridade, e mais um crime for adicionado na conta de Cassie, ela vai para a execução. Pena de morte.

Três dias depois

É uma merda me sentir assim. Sem saber o que fazer e perder a melhor amiga. Cassie ainda está proibida de receber qualquer visita. Jean e Jesse apagaram Tiana Smith do mapa.

O enterro de Linda aconteceu sobre lágrimas e juramentos de vingança. Não aguentei ficar muito tempo. Estou com Line ao meu lado, ela pergunta pela mãe e por Cassie. Não sei mais o que dizer e nem estou com cabeça para explicar o que é a morte para uma criança.

Gabriel ligou para o celular de Cassie, que ficou em casa. Ele sabe sobre a prisão dela, já que os pais de Cassie foram chamados.

Não falei muito porque não sei o que falar, não tenho o que dizer.

Olho para Line, que está dormindo ao meu lado. Carrego-a e levo-a até o quarto, na casa de Marisa e Guerrero.

Coloco Line na cama e acaricio seus cabelos pretos.

Ela tem apenas três anos e viu a mãe morrendo, West sendo baleado e Cassie matando aquele homem. Tudo com pouca idade e ela nem sabe o que viu.

— Odeio tanto essa vida. — sussurro.

— Boa noite. — olho para a porta, onde vejo um senhor parado.

— Boa noite. — respondo. — Quem é o senhor?

— Sou o Lucio, pai do Guerrero...

— Eu sabia que eu ia pirar! — fecho os olhos e abraço o meu corpo. — Eu já estou vendo gente morta, sabia que não deveria tomar tanto remédio. Eu estou ficando doida!

— Não está doida!

— Você morreu! — afasto-me dele, que se aproxima. — Saia! Você não é o pai do Guerrero!

— Carolaine! — Line grita o meu nome e corre na minha direção. Eu a coloco atrás de mim.

— Nem mais um passo! — grito. — Nem mais um passo!

— Eu sou o pai do Guerrero. — ele fala calmamente. — Sabe a escadaria? Vivo debaixo dela...

— Como é? Eu estou doida!

— A escadaria tem uma espécie de esconderijo embaixo. Quando vocês vieram até aqui, eu fiquei lá embaixo, escondido, porque não devem saber que estou vivo.

— E por que devo saber agora?

— Porque você precisa de gente por perto, Katherine. Porque não acreditei no que Marisa disse quando falou que você é boa, que você é como ela, que quer vingança e ajudar.

— O que quer?

— Temos o mesmo objetivo, Katherine. Queremos pegar Giovani e conseguiremos. Devo dizer, meu filho contou sobre sua ideia para a vingança e eu apoio, como meu filho te apoia. Tenha certeza, tiraremos Cassie disso.

— Vai demorar?

— Possivelmente, ela está cercada. Podemos usar advogados...

— Se ela for condenada?

— Tiraremos Cassie de lá. Pagaremos quantos guardas forem necessários, daremos proteção a ela...

— Giovani fará o mesmo, só que para o mal.

— Se Cassie for para a penitenciária que pensamos, será mais fácil. Ela tem dupla nacionalidade e cometeu um crime, federal, se assim posso chamar. — encolhe os ombros. — Ela pode ser mandada para duas penitenciárias, uma daqui mesmo e outra que cuida de imigrantes legais. Cassie também se encaixa na segunda opção, ela saiu do seu país e veio para cá.

— Se for o primeiro caso?

— Não temos tantas mulheres conhecidas naquele lugar, se for o segundo caso, ficará mais fácil. Conhecemos algumas e elas podem proteger Cassie lá dentro. Não vamos abandonar vocês. — ele olha para Line. — Ela é filha do melhor amigo do meu filho, ela é afilhada de Luiz. Nós vingaremos o que aconteceu. Estou ao seu lado nessa. Apareci para você para que fique calma, e saiba que Giovani não conseguiu me matar, ele não matará Cassie e ninguém mais.

— E se conseguir?

— Ele não conseguirá, o pegaremos antes disso. Não se preocupe. Confie em mim, mesmo que nem me conheça. Estamos do mesmo lado, sou mais um

aliado nessa batalha. E venceremos, tenha certeza.

Capítulo 29

Gabriel

Anteriormente

Acordo em um sobressalto. Com meu coração batendo acelerado e o suor ensopando meu corpo e meu lençol.

Acendo a luz do quarto e pego um copo com água ao meu lado. Bebo meio litro de água e ainda sinto a minha garganta seca.

Acho que tive um pesadelo e estava correndo de algo, acordei por algum motivo.

Pego meu celular para olhar as horas e encontro três chamadas perdidas de tia Isabella. Retorno à ligação imediatamente.

— *Sei que deve acobertar minha filha nesse sumiço.* — ela fala assim que atende a ligação. — *Mas eu sinto que minha filha precisa de mim. Entre em contato com ela e pergunte se minha filha está bem. Eu preciso saber sobre ela. Kat deve estar tentando salvar o mundo e entendo, mas quero saber sobre minha filha. Ande com isso ou esqueço que sou sua madrinha e você sofrerá nas minhas mãos.*

Ela desliga o celular.

Respiro fundo, com a verdadeira realidade aparecendo.

Na última semana, tenho pensado sobre minha vida. Pensando como tudo o que arquitetei para meu futuro não está fazendo sentido.

Kat não está aqui, ao meu lado. Odeio essa merda de casamento... Nem sempre devemos fazer tudo pela família. Até porque, a família que quero, não está aqui.

Levanto-me da cama e preparo-me para falar com Kat, para ligar para o celular de Cassie.

A minha decisão já está tomada. Na verdade, ela foi tomada há alguns dias e eu nem tinha percebido.

(...)

Arthur olha para mim e para Jean.

— Minha sobrinha está sendo acusada de matar um agente federal. Como isso aconteceu? — ele olha para mim e para Jean. — Respondam!

— Giovani. — respondo. — Ele é o culpado.

Explico tudo o que Kat me contou.

— Então vocês deram todo o poder para duas garotas? — ele nos acusa. — Para duas meninas de dezesseis anos?

— Vocês nos deram e tínhamos menos que isso. — Jean fala. — E elas foram boas...

— Sua irmã está presa! Ela vai para julgamento e deve pegar a perpétua, entende, Jean? Entende a gravidade?

— Entendo que minha irmã também estava lutando e foi pega, que o culpado está solto e vocês. — ele olha para todos que estão aqui, meu pai, Marco, Leonardo, Daniel, Victor, Yankee... — E que vocês estão colocando a culpa nelas. Vocês deveriam ter orgulho porque aposto que se fosse qualquer um, vocês estariam dando parabéns pelo feito.

— É diferente. — Marco diz.

— Qual a diferença?

— Ninguém fugiu de casa e mentiu, armou um plano...

— Pai. — olho para ele. — Quando Kat e Karen ajudaram, vocês deixaram elas por perto por algum tempo e depois deixaram de lado. Vocês continuam achando que criam princesinhas, não meninas fortes e prontas para a luta. Elas cansaram disso. Kat e Cassie são boas no que fazem...

— E Cassie está presa. — Arthur volta a falar.

— Por matar aquele que estava nos traindo com Yoshida e a própria federal. Se não fosse Cassie, seria a Kat. Cassie é uma heroína, enxerguem isso. Quando meu pai foi preso e apanhou, vocês o trataram como herói, e olhe que meu pai foi preso vendendo arma, e Cassie? Cassie foi presa salvando a vida da melhor amiga e nem é tratada da maneira como merece.

Nem falo de Marisa e Jaqueline, eles podem enlouquecer ao saber dessa "junção".

— Gabriel, as coisas não funcionam assim! — meu pai grita.

— E vocês dois mentiram quando disseram que não sabiam onde minha filha e Cassie estavam. — Marco acusa. — Tentaremos livrar Cassie disso, mas sua traição...

— Traição?

— Mentiu para todos nós, poderia ter evitado...

— Arthur, o que eu evitaria? — olho para Arthur, que é um dos mais irritados nessa sala. — Que duas meninas lutassem? Crescessem? Que elas soubessem sobre Javier sozinhas? Porque elas lutaram por isso. Elas lutam pela família e não tem frescura de enganar ninguém. Tia Isa até hoje ama o pai porque ninguém fala a ela verdade, e olha que, graças a Deus, ela nunca teve problema na gravidez. Vocês me esconderam a verdade para que eu me casasse com Amélia e não pensasse em mais nada.

— Gabriel...

— Pai, até Karen se foi porque ela não aguenta mais tanta mentira. É para o bem? Você que pensa. Vocês que pensam que esconder o inimigo quer dizer algo bom. Apenas vocês. Eu cansei disso há muito tempo, meu lugar não é aqui.

— Nosso lugar não é aqui. — Jean levanta da cadeira.

— O que estão falando? — meu pai pergunta.

— Estou fora da Sangre Latino. — falo, recebendo o silêncio como resposta. — Eu pensei que nasci para ficar aqui, mas vejo que não. Família é importante, mas não desse jeito.

— Gabriel...

— Não, Yankee. Cansei de ficar andando de um lado para outro, entregando coisas e batendo, sem saber de tudo o que acontece, sabendo aos poucos quando vocês querem. Daniel que me colocou na jogada para matar Michael, porque vocês ainda pensaram que eu era incapaz. Vocês tem todo o código a ser cumprido e não gosto de códigos. Eu tenho que ficar com Amélia para que vocês descubram sobre assuntos, sendo que tem maneira mais prática de saber, na verdade, é sobre poder.

Olho para meu pai.

— Não é para matar, é para pegar tudo de volta para que o poder volte à família e a merda se repita. "Conto a verdade para quem quero e quando quero". Isso não é para mim. Kat estava sozinha e nem pense que ela voltará para casa porque ela não vai, nem adianta apelar porque ela é menor de idade, porque todo mundo aqui começou mais novo que ela. Sem julgamentos. Eu estou saindo daqui, saindo do casamento pobre, não me importo! Mas eu vou para o lado de Kat. Esse lado aqui, não é mais meu, nunca foi e sempre desconfiei disso. Yankee, prepare a fila, estou pronto para pagar pela saída da Sangre Latino.

(...)

Jean limpa o meu corte enquanto eu resmungo com a dor.

— Já chega, quero ir embora. — tento levantar.

— Vai ter que esperar. Quero ir também, mas você nem consegue andar direito.

Dez caras me batendo por seis minutos. Porque eu quis sair da gangue por motivo besta, como disse Yankee. Tentaram mudar minha cabeça, mas não deu certo.

Eu já tinha pensado nisso anteriormente. Sempre quis entrar na Sangre Latino porque acho legal, mas o meu pensamento era chegar em casa e receber o sorriso de Kat, ao invés disso, recebo resmungos de Amélia.

Além do mais fico irritado em ver como eles tratam as meninas que querem ajudar. Cassie que salvou Kat... O que ela recebe? Reclamações! Kat que tenta ajudar recebe mais sermões... Leo que vive fazendo merda recebeu uma bronca e parece que esqueceram o que ele faz. Daniel... Não tem o que reclamar dele. Eu que "transei" com Amélia, traí um "membro" da Nostra, Giovani, fui expulso dos negócios e, logo após, fui aceito novamente, como se nada tivesse acontecido.

Meu lugar é com Kat, apoiando e ajudando, não do outro lado, conversando em segredo com ela e nem podendo chama-la de "namorada".

E que se dane a merda do serviço secreto! Quer dizer, eles terão que ajudar com Cassie, porque ela é vítima daqueles que essa gente quer pegar também.

— Eu vou ver a Kat. — levanto-me da cama. — Ela precisa de mim.

— Ok, cara, vamos até lá. Mas como entraremos? West foi acompanhado naquele encontro e deve ter gente que te reconhece, eles podem te matar facilmente. Kat nem atende ligações.

— É, Marco ligou só para reclamar, ela ficou chateada. Mas Guerrero e Marisa sabem sobre nós dois, buscaremos paz e falamos com eles.

— Gabriel, que horas pensa que são? — Amélia começa a reclamar, mas para quando olha para o meu rosto. — O que aconteceu?

— Volte para a sua vida, Amélia. — olho para ela. — Não tem mais casamento.

— Como é? — coloca as mãos na cintura, como se fosse brigar.

— Não tenho dinheiro e não construí nada nesse período, então, apenas volte para a sua vida.

— Eu não aceitei o divórcio.

— Isso aqui. — aponto para o meu rosto. — É minha saída da Nostra e de qualquer coisa que me dê poder. Eu não tenho mais nada, Amélia e nem terei. Estou indo embora daqui.

— Mas, por quê?

— Amélia, meu plano era jogar Jean em cima de você, para que você me traísse e eu tomasse o seu dinheiro, não deu certo porque nem Jean te aguenta.

O plano era pegar o dinheiro que o pai de Amélia tomou, mas, dane-se, não aguento mais viver nessa história. Meu pai dará um jeito com o pai de Amélia, estou livre dela. E ela que não tente fazer nada porque não tenho paciência para ela, não me importo com a regra da Nostra sobre mulheres porque nem da Nostra sou mais!

Dane-se a merda se Amélia tentar fazer algo!

— Mas transamos...

— Nunca transamos, truque velho, Amélia.

— Eu me esfreguei em você...

— Esfregar é sexo? Pensei que só minhocas fizessem isso. — Jean pega o braço de Amélia e leva para fora do quarto. — Adeus, Amélia. Era você que odiava essa vida? Está livre para ir.

— Eu me recusei a casar com Giovani...

— Por que recusou? — olho para Amélia, mesmo que meu olho nem abra direito. — Por que não gosta dele?

— Porque se tivesse que casar, queria que fosse com alguém como você. Não sei o que as pessoas veem em Giovani, ele é um maldito porco.

— O que ele fez? — Jean pergunta.

— Ele pode ser escroto em muitos momentos.

— Te forçou a algo?

— Gabriel, eu sabia que se eu perdesse a virgindade, Giovani se desinteressaria...

— Fetiche? — questiono.

— Algo sobre mulher pura, não entendi direito.

— Eu não transei com você.

— Me livrou de Giovani.

— Por que não falou antes?

— Porque nunca perguntou. De qualquer maneira, com Giovani não caso, ele deve achar que sou bem impura.

— Fique longe dele.

— Ciúme?

— Não! — Amélia para de sorrir. — Você é uma pessoa horivelmente fútil, prejudicou meu amor com Kat, mas não acho que merece Giovani em sua vida. Milla merece um Giovani, não você.

— Isso é um elogio?

— É um aviso, apenas.

Agora

Dois homens pedem para pararmos o carro.

Jean coloca a cabeça para fora e grita:

— Sou o irmão de Cassandra Ferrara!

— O outro? — o homem pergunta.

— Namorado de Katherine! — respondo.

Os homens pegam uma espécie de celular e falam com alguém, depois, eles pedem para entrarmos.

Entramos na rua, que mais parece uma cidade fantasma. Depois, seguimos até o lugar onde indicaram, um homem pede para sairmos do carro e nos revistam.

— Sangre Latino? — ele pergunta.

— *Cartel de la Calle*. — olho para sua tatuagem. — Não somos da Sangre Latino.

— Não é a informação que tenho.

— Isso aqui no meu rosto, mostra que saí. Meu amigo, irmão de Cassie, nunca chegou a entrar.

Ele nos estuda e depois grita:

— Entrem. — ele abre a porta.

Entramos na casa e encontramos alguns homens subindo e descendo, mais a frente, encontro Kat conversando com o homem que deve ser o Guerrero.

— Kat. — chamo por ela.

Kat para de falar e olha para mim, e começa a correr na minha direção para me abraçar.

— Senti tanto sua falta. — ela sussurra.

— Estou aqui para você. — sussurro de volta.

— Meu pai veio?

— Não, mas também não sei se ele respeitará sua decisão de lutar.

— Você respeita?

— Por isso estou aqui.

— O que é isso no seu rosto? — ela toca o meu rosto.

— Sou o Jean. — olho para o lado, onde ele cumprimenta Guerrero. — Acho que é o namorado da minha irmã.

— Sou o namorado. — Guerrero aperta a mão de Jean. — Sinto muito, queria ter sido capaz de impedir...

— Ninguém conseguiria impedir, aposto que Cassie fez isso para livrar Katherine. — Jean fala. — Mas, então, o que faremos?

— Seus pais fazem o que?

— No momento? Eles vão passar a responsabilidade para meus tios, não querem a vergonha para a família, resumindo, passando a guarda de Cassie para que Giovanni não os culpem.

— Isso é possível? — Kat pergunta.

— Para se livrarem da culpa, sim. — Guerrero responde. — Duvido que aqueles dois vão querer sujar a imagem com a filha assassina, mesmo que o homem seja da Nostra. Como Cassie morou um tempo com os tios, eles podem colocar a culpa neles, dizer que eles são culpados por tal educação, e sabemos que eles farão isso. O que é bom, assim Cassie se livrará dos dois. Quer dizer, se os tios forem bons mesmo.

— Sim, eles são. — Jean confirma.

— Eles podem passar a guarda em alguns casos, como são ricos, podem apelar muito, pode dar certo. — Guerrero olha para mim. — Você é o Gabriel, da Sangre Latino?

— Ex. não sou mais da Sangre Latino.

Kat me encara, sem acreditar no que disse.

— Por que saiu?

— Porque quero lutar ao seu lado, não do outro lado. — respondo. — Porque meu lugar é ao seu lado, você precisa de mais gente. Karen também virá, só não veio porque conversa com nossa mãe, assim como Jesse que está

arrumando todas as coisas. Cansamos, Kat. Cansamos de ser colocados de lado ou só nos usarem quando querem.

— Lutaremos juntos? Confia em mim?

— A surra mostra que confio. — olho para Guerrero. — Só não sei se ele confia.

— Não confio na sua gente e acho que nem você...

— Eles têm jeitos estranhos de resolver e contar as coisas...

— Gosta do modo simples?

— Sim. — encolho os ombros. — De qualquer maneira, tem gente trabalhando do outro lado.

— Muito traidor desse lado. — Guerrero meneia a cabeça. — Muito problema para resolver.

— Não seremos problemas. — Jean fala rapidamente.

— Tem onde morar? Katherine falou algo sobre você ter falido por vontade própria.

— Um plano que desisti recentemente.

— Separou de Amélia? — Kat pergunta e eu confirmo. — Graças a Deus por isso.

Guerrero tenta sorrir.

— Estamos limpando toda a água "contaminada" do reservatório do prédio, esse é o problema do local. Podem morar lá, ainda tem lugar sobrando.

— Podemos ficar no seu território? — pergunto.

— Irmão da minha namorada. — Guerrero olha para Jean e sorri. — Namorado da garota que tanto nos ajuda e seus amigos. Podem ficar. Alertarei sobre quem são, para não acharem que são inimigos.

— Tão fácil assim? — sussurro para Kat.

— Guerrero quer pegar Giovani assim como todos nós. Quanto mais ajuda, melhor. Como eles gostam de dizer, "bem-vindos". Pena que não é um bom momento.

— Será um bom momento. — beijo sua testa. — Nós conseguiremos.

Bônus 11

Cassie

Tudo aconteceu rápido demais. Acordei e dei de cara com três mortos, quando olhei para o lado, o homem estava com uma luva e posicionou as armas em lugares estratégicos. Depois, ele ligou para Giovani, disse que estava tudo pronto, que tinha colocado as digitais de Kat e Marisa nas armas do crime, e que tinha descarregado todas. Falou que eu estava desacordada, mas tinha um problema, uma criança que chorava muito e West que ainda estava vivo, ele não sabia se devia incriminá-lo ou mata-lo.

Escutei todo o plano, eu deveria ir com aquele homem e ser entregue a Giovani, a polícia chegaria e o efeito do sonífero já acordaria Kat e Marisa, mas só Kat conseguiria sair, para que só uma pudesse fazer algo para ajudar, no entanto, seria sem sucesso. Era apenas um motivo para que ela demorasse a sair da casa.

Escutei também sobre o carro esperando do outro lado do rio. Depois o homem foi até a janela e jogou o celular, logo após eu vi que era o rio, a parte mais funda. A casa fica ao redor desse lugar.

Foi quando eu vi West com a arma na mão, ele retirou de um dos mortos, pediu silêncio, ele viu meus olhos abertos, quando tentou matar o homem, o homem foi mais rápido e atirou em West, fazendo com que ele caísse no chão.

Aquele homem não me prendeu, não sei o motivo, mas ele não me prendeu.

Olhei para o lado, encontrando uma espécie de alicate enorme, quase como uma tesoura de jardineiro. A ponta era afiada e eu nem ao menos pensei. Peguei aquele alicate, corri e enfiei na cabeça do homem. Enfiei uma vez e depois afundei mais ainda.

Escutei um pequeno gemido, quando olhei para trás, era Jaqueline, amarrada e com um pano na boca.

Eu não sabia como agir no momento. Uma criança de três anos amarrada, amordaçada, ao lado da mãe morta.

A cabeça de linda estava sangrando, com um vermelho bem vivo. E lá estava Jaqueline, com as pequenas mãos amarradas empurrando o corpo da mãe, olhando para mim como se pedisse socorro.

Corri até ela, tirei a corda das suas mãos, dos seus pés e a mordaca da sua boca. Jamais esquecerei as suas palavras:

— Minha mãe não acorda. Ela correu para me pegar e caiu. Acorda ela, tia.

Fecho os olhos ao relembrar de todo aquele inferno.

Depois, eu consegui tirar Kat e Marisa de lá.

Era para eu ter ido junto, mas sabia da polícia chegando. Quando fui até a janela, vi o movimento. Na água do rio, eu via o reflexo das luzes das sirenes. Não teve barulho, só as luzes refletidas.

Pensei que conseguiria sair, mas escutei a porta da casa sendo aberta. Sem pensar duas vezes, eu fechei a porta da escada, dando a liberdade para Kat, Marisa e Line, porque a criança seria levada para algum orfanato, talvez fosse entregue a Luiz, o seu padrinho.

Não importa. Consegui e não me arrependo.

Dei as armas para Kat e Marisa, para que suas digitais fossem embora com aquela arma. Não sei se elas tocaram em algo mais, possivelmente na janela, não sei.

— Por que matou meu colega? — Oswald volta a perguntar.

— Ele tentou me matar, tentou matar o West.

— Por quê?

Não respondo a verdade. Se eu mencionar o nome de Giovani, outra investigação começará. Então, Guerrero e Kat não pegarão Giovani, ele estará cercado e sairá livre, certeza disso. Mesmo com a investigação, nada vai recair em Giovani.

— Porque é o que todos querem, não é? — encaro Oswald. — Terminar com toda a Nostra, você sabe que meu pai faz parte daquilo.

— E o West?

— Não sei. — dou de ombros. — Ele estava lá, junto com todos os outros mortos.

— Legítima defesa não dará certo, menina. O homem que matou era exemplo no trabalho, e você? Seu pai é suspeito de ser da máfia e seu irmão passou mais tempo preso do que solto. Seu histórico escolar é uma merda, mais brigas que notas boas. Você ainda estava no meio de tudo aquilo, com o líder de uma gangue e outros integrantes, sua digital estava na arma junto com sua roupa ensanguentada. Você será julgada em breve. — ele sorri, inclinando o rosto na direção do meu. Consigo sentir o hálito dele de café, de tão próximo que ele está. — Seu julgamento acontecerá rapidamente, porque faremos isso. Você matou um dos nossos e não sairá impune, prepare-se para passar o resto da vida atrás das grades.

— E a investigação?

— Que investigação? Quem matou os outros? As armas sumiram, realmente. — estala a língua nos dentes. — Mas eu vou ferrar com você, por ter matado o meu parceiro.

— Foi o seu maldito homem que matou aqueles outros! Ele jogou as armas no rio, assim como o celular!

Rapidamente, sinto o tapa forte em meu rosto. Minha pele queima e eu me recuso a demonstrar a dor que senti.

— Ele não era um traidor! — coloca um dedo no meu rosto. — Nem pense em tentar fazer algo para incriminá-lo, a culpa é toda sua. Sabe onde cumprirá a sua sentença? Naquele presídio de imigrantes, vi sua ficha, nasceu fora daqui. Tentei te levar para o país de onde veio, lá a coisa é pior, mas as burocracias impedem, mas te deixarei naquele presídio. E não será fácil, lá só é um dos piores lugares de todos. Para o resto da sua vida.

— Vejo que o homem que morreu é como você. Dois porcos.

Outro tapa em meu rosto.

— Pequena garota, sabe o que não é proibido naquele lugar? Castigos físicos. É proibido por lei, mas não existe lei naquele lugar. Você pagará por tudo o que fez ao meu parceiro, ele era o melhor, garota. E você o matou a sangue frio.

— Está me ameaçando?

Ele ri com deboche.

— Não, jamais. Eu só falo a verdade. Não pagarei para alguém te maltratar, porque isso acontecerá de qualquer maneira, lá será assim. Acostume-se que, em breve, é para lá que você vai. Esse julgamento acontecerá rapidamente e te levarei pessoalmente para sua cela.

(...)

— Acorda!

Escuto o grito e levanto-me rapidamente do colchão, encontrando as piores pessoas do mundo: meus pais e Giovanni.

— Tinha que ver essa cena de perto. — Giovanni murmura. — Aqui não tem câmera, área privada do preso. Que merda você pensa que está fazendo?

— Estragando seus planos. — encaro-o.

— Cassandra, seria tão mais fácil se tivesse aceitado o casamento, assim estaria livre disso. — minha mãe fala com arrependimento por eu ter sido burra, segundo ela.

— Fácil com Giovani?

— Eu te faria feliz. Aquela merda não era para você e você se meteu na frente, que merda pensou?

— Pensei que não teria mais quem prender. Vai fazer alguém sofrer no presídio, Giovani? Pois eu sofrerei.

— Acha mesmo que não farei nada contra alguém?

— Dane-se! Eu pegarei a perpétua de qualquer maneira. — aproximo-me dele. — Você perdeu, Giovani. Vencemos.

— Não fale merda. — ele rosna.

— Como ele entrou aqui? Só a entrada dos pais é aceita...

— Ele é o noivo e imploramos por isso. — a mulher que chamei de mãe diz.

Sorrio para Giovani.

— Se tiveram que implorar, é porque alguém perdeu um ajudante aqui dentro.

Meu pai não diz nada, nem olha para mim.

— Você que pensa. — Giovani tenta tocar meu rosto, mas eu bato em sua mão, poderia quebrar o dedo, mas não quero confusão. — Sua transferência estará perto e eu tomarei conta da sua vida.

— E eu da sua. Ficarei presa eternamente? Talvez. Mas sua prima é mais esperta, você não vai pega-la, ela te pegará.

— Continue com seu devaneio, Cassie, e quando completar a maioridade, eu adicionarei um crime na sua vida e você será executada.

— Faça o que quiser, a sua execução acontecerá primeiro. Estou pronta para ir, esteja preparado para ir também.

Ele ri.

— Nos veremos no inferno, Cassie?

— Não, você será o primeiro a chegar lá, depois vêm todos os outros. — olho para meus pais. — Seus lugares também estão guardados.

— Ameaça? Mais uma denúncia? — Giovani provoca.

— Aqui não tem câmeras, Giovani. — sorrio para ele. — Você pagará por tudo, pena que não participarei disso.

— Ninguém me pegará, Cassie. Eu que pegarei a todos.

Guerrero

— Quando minha mãe vai voltar?

Olho para Jaqueline, que está segurando o urso que dei a ela quando tinha apenas seis meses de vida. Pego-a no colo.

— Então, a sua mamãe está junto ao seu papai agora. — beijo seu rosto. — Lembra a história que a mamãe contou? Que seu pai está em um lugar melhor, que ele adoeceu e foi para lá? — confirma, balançando a cabeça. — Sua mãe ficou doente e foi pra lá também. Mas ela está bem, vai ficar dormindo e não será incomodada.

— Meu pai nunca voltou. Ele foi e não volta. — abaixa a cabeça. — A mamãe não vai voltar. Eu quero ir para lá, quero ficar com eles. — ela começa a chorar. — Quero ficar doente e ir com eles.

— Line, não pode, não fala assim. — pego o seu rosto e faço com que ela olhe para mim. — Sua mãe e seu pai não querem isso, eles precisam descansar, eles trabalharam muito.

— Eu quero ir! — ela grita. — Quero minha mamãe e meu papai!

— Eles moram aqui. — mostro o lugar onde fica o seu coração. — E aqui. — aponto para a sua cabeça. — Eles vivem aí, Line. Sempre será assim, eles sempre estarão com você.

— Eu quero que eles vivam aqui! — ela grita e volta a chorar, começando a espremer, tentando sair do meu abraço. — Minha mãe não vai voltar! Quero minha mãe!

Abraço Line, tentando acalmá-la.

Segunda vez que faço isso. A primeira por seu pai, agora por sua mãe. *Duas pessoas que jamais voltarão.*

— Tia Cassie também foi embora! Eu quero ir junto.

— Ei! — enxugo suas lágrimas. — Eu estou aqui, sou seu tio e padrinho. Cuidarei de você.

— Quero meus pais também. Eles não voltam, meu pai nunca voltou. Minha mãe não vai voltar e nem Cassie.

Abraço-a mais apertado, impedindo que ela olhe para mim. Porque, nesse

momento, estou como ela.

Perdi meu melhor amigo, que é seu pai, perdi Linda e perdi Cassie.

Nesse momento, eu também derramo lágrimas, em silêncio.

Um povo precisa de mim, uma prisioneira também precisa e uma criança mais ainda.

Está na hora de fazer aquilo que não queria na minha vida. Está na hora de tomar a frente da situação e dos negócios.

(...)

Acendo o meu cigarro e olho para Juan.

— Dizem que Orlando será transferido. — ele informa. — Como será?

— O de sempre, pararemos esse "transporte". — respondo.

— Para onde West vai? — olho para Carlos.

— Para aquele lugar que minha mãe falou.

West tentou salvar Cassie, talvez 20% dos seus erros foram apagados, não o resto. Porque ele falhou muito conosco.

— E com Cassie? — Carlos volta a perguntar.

— Ela está naquela cela, cercada de federais, da polícia, tudo reforçado. Talvez com o West seja assim também. A coisa fica mais séria quando matam um deles.

— O julgamento será adiantado, para que eles tenham a sensação de justiça feita. — Juan diz. — Tiraremos Cassie de lá?

— Não, mais segurança reforçada. O risco é de não conseguirmos e que Cassie tenha a situação piorada.

— Tentarão abrir vários processos para tentar colocar a pena de morte. — Carlos entende o que quero dizer. — Ouvi dizer que aqui eles abriram essa "exceção" em dois casos.

— Sim. — confirmo. — Uma menina de quinze anos que matou mais de cinco pessoas, fugiu e matou duas crianças. Conseguiram colocar a pena de morte porque ela era muito perigosa. Um garoto de dezesseis anos matou dois policiais e suspeitaram de outra morte quando ele estava preso, fizeram de tudo para executá-lo e conseguiram.

— Uma tentativa de fuga no julgamento pesaria ainda mais. — Juan fica

pensativo.

— Teremos que tira-la da penitenciária. — falo. — Se ela for para aquele de imigrantes, é mais fácil, conhecemos mais gente lá do que o povo daqui.

— Nas minhas pesquisas dizem que aquele lugar já foi alvo de investigação sobre maus tratos aos presos, a penitenciária é temida por muitas.

Olho para Carlos.

— Só que na penitenciária daqui, nós não somos nada. Não conhecemos ninguém lá de dentro. Na outra tem alguns parentes dos nossos, tem gente do seu lado, pessoas que falam o mesmo idioma que o nosso, falo da língua, do dinheiro e do tráfico.

— E os guardas?

— Alguns dos nossos pagam por certas coisas lá dentro. Quem está preso não tem contato com nossa gangue, mas tem com os parentes. Dinheiro sempre ajudando, Juan.

— E como tiraremos? Precisaremos de um mapa daquele lugar, se Cassie for para lá. Dupla nacionalidade...

— O tal agente não deixará que Cassie vá para outro lugar, para outra área que não tem nada a ver com ele. Pensaremos direito no que fazer. Sabemos que não podemos tira-la do julgamento e nem de onde ela está agora, é arriscado para Cassie, caso não dê certo.

— E se não der certo no presídio? — Carlos questiona.

— Faremos um plano para que dê certo. Presídio são guardas cuidando de vários, não vários cercando apenas uma pessoa.

— Você sabe que Cassie não terá conversa particular?

— Sei. — olho para Juan. — Se Cassie tiver bom comportamento...

— Menor de idade, sem qualquer chance dela ter visita íntima...

— Se formos casados, ela poderá ter visita íntima.

Juan e Carlos olham para mim.

— Cassie precisa da visita íntima para conversamos sobre tudo, para ela se manter informada e eu também. Se for visita normal, terão vários guardas nos cercando, câmeras, isso se ela poder me tocar, caso contrário, falaremos com Cassie atrás de um grade e um policial atrás dela escutando tudo.

— Vai casar com Cassie? Como?

— Juan, a guarda será da tia dela. A tia de Cassie me entendeu, já nos falamos. É preciso de uma autorização...

— Cassie está presa...

— E quem disse que nos casamos depois da sua prisão? Dinheiro move o mundo, Carlos. O dinheiro compra até a data do casamento que nem aconteceu.

— Será verdadeiro, certo?

— Quando a visita for liberada, falarei com Cassie. Não tenho nenhuma acusação, sou uma pessoa formada e filho de um ex-governador, primo de West, mas, e daí? Meu primo que é o gangster, eu não sou nada comprovado, na verdade, podemos até dizer que é daí que Cassie e West se conheceram. Mesmo que desconfiem da nossa aproximação, o que será feito? Não é crime casar comigo. Então visitarei Cassie e falarei sobre o casamento, se ela aceitar, melhor, se não... Rasgamos os papéis e faz de conta que nunca aconteceu.

— Se ela não aceitar, você ficará arrasado. Ainda vai ajudar Cassie?

— Amar é uma merda, Carlos. Mesmo que Cassie me rejeite, sei que não serei capaz de deixa-la para trás. Mas eu acredito no que ela sente por mim, porque sinto o mesmo por ela.

Duas batidas na porta e, depois, um dos seguranças entram, nos chamando para ir ao subsolo.

Descemos ao local indicado e sorrio para a cena.

— Ora, ora, ora. — agacho-me. — Bom te ver. Foi mais rápido do que pensei.

— Pessoas morrerão por isso.

— Não morrerão, sabe por que, Giovani? Você trabalha com uma pessoa e também o pegaremos. — levanto-me e acerto um chute em seu rosto. Fazendo com que o sangue da sua boca respingue. — Seu sofrimento começará...

— O de Cassie...

— Não. — puxo o seu cabelo para trás, fazendo com que ele olhe para mim. — Sabe quanto tempo você sofrerá? Quanto tempo ficará preso? Pensamos em fazer o mesmo que seu pai faz, manter suas vítimas presas. — sorrio para ele. — Kat tem planos para você e te adianto um deles, seu sofrimento vai durar até a sentença de Cassie. Ela pegará a perpétua, certo? Pois então, Giovani, você cumprirá a perpétua aqui. Você sofrerá todos os dias, até a sua morte. Essa é a sua vida, Giovani. Obrigado por ter ido cantar vitória, obrigado por visitar Cassie. Não é tão esperto quanto parece.

Olho para baixo.

Giovani está com as pernas amarradas, aproveito o espaço entre elas e coloco minha mão.

Coloco minha mão no meio das suas pernas. Giovani me olha com espanto, imaginando o que farei. Aperto com toda a minha força e ele grita com

a dor, depois, puxo para baixo.

Giovani tosse, cospe e grita com a dor de quase ter o pênis arrancado.

— Isso é o começo, porque isso aqui sairá de você. — solto-o. — Isso é apenas o começo, Giovanni. O começo da sua prisão perpétua.

Capítulo 30

Katherine

Termino de rechear as panquecas e coloco no forno, junto com o molho de tomate por cima. Tiro o macarrão do fogo e escorro a água.

— Eu faço. — Jean retira o escorredor da minha mão.

— Não precisa, é bom que me distrai.

— Mais um dedo cortado com sua distração? — ele arqueia a sobrancelha.

— Eu penso demais.

— Também pensamos.

Gabriel entra no apartamento, com mais um galão de água. Ainda não temos certeza se limparam tudo.

— Gabriel. — Jean fala o nome com o tom de reprovação. — Você nunca vai melhorar desse jeito. Subindo e descendo, você está mais machucado que todos nós, quer dizer, eu sou o único sem uma ferida. Eu disse que pegarei tudo.

— Quando Jean dá uma de protetor, é porque a coisa está seria. — Gabriel leva o galão de água até a dispensa, depois volta, sentando em uma das cadeiras. — É união, Jean. Nos ajudamos.

— Karen virá quando? — pergunto.

— Em breve. — ele sorri. — Assim como o Jesse. Tomou seu remédio?

— Cansei dessa merda, daqui a pouco estarei igual a uma viciada.

Não brinco. Tomei tanto remédio que acho que me tornarei dependente daqui a pouco. O que menos preciso é necessitar de remédio para me acalmar.

— Então, quando veremos Cassie? — Gabriel pergunta.

— Quando passarem a guarda para tia Dianna.

— Vão passar mesmo? — olho para Jean, que apenas encolhe os ombros.

— Eu adoraria saber qual o acordo dos meus pais com Giovani, ou são muito puxo sacos mesmo, ou eles estão muito dentro dos negócios.

— Dentro dos negócios como Benjamin? — Gabriel pergunta.

— Talvez não, não sei. Benjamin, pelo o que me contam, sempre estava fora de casa e dos negócios, nem se sabe muito sobre sua vida depois da "aposentadoria". Já meus pais sempre estavam perto, não eram de sumir do nada. Talvez queiram entrar mais nos negócios de Yoshida. Como na Nostra, queriam

o casamento para se unirem. Giovani e Cassie.

— Jean, eu não gostava de você. — falo, com sinceridade. — Mas depois de tudo o que Cassie me contou, vejo o quanto fez por ela. Fico chateada por ter te achado um retardado quando, na verdade, você fazia de tudo por sua irmã. As drogas...

— Eu me droguei por querer, depois foi por pura culpa. Culpa de não ter impedido...

— Culpa de Giovani e dos seus pais. Desculpe-me por ter te achado um retardado e por ter te xingado em muitos momentos.

— Não precisa se desculpar, era a imagem que eu passava.

— Quero falar com vocês dois. — informo. Gabriel olha para Jean, trocando olhares de curiosidade. — Eu quero comunicar algo, sei que todos me acham doida, acham que nunca conseguiria nada, que sou burra...

— Nunca achamos isso. — Gabriel discorda rapidamente.

— Eu sei, falo de todas as outras pessoas. — respiro fundo. — Vocês saíram dos negócios exatamente por não terem voz naquele lugar e por terem ficado chateados com a maneira que eles nos trataram, culpando mais que apoiando, sendo que estamos ajudando. Pois então, coisas aconteceram. Eu e Cassie matamos pessoas. Penso que matar com uma arma de fogo é mais simples, distância, um disparo no lugar certo, boa mira. — sorrio, tristemente. — Matamos com faca, sujando nossas mãos, cravando na cabeça, pescoço. Eu levei um tiro no ombro salvando uma mulher que morreu sem qualquer chance de defesa. — mordo a carne da minha bochecha, tentando controlar a vontade de chorar. — Eu me fingi de doida, saí de um hospital psiquiátrico, também fugi por um rio e só fui chegar em casa no outro dia.

Tiro a lágrima que insistiu em cair.

— No momento eu não sou a menina de antes, a sonhadora, que falava besteiras. Ela ainda está em mim, mas, no momento, eu tenho pensamentos que podem ser considerados estranhos, mesmo que nossos pais façam isso.

Gabriel e Jean continuam me olhando.

— Eu quero torturar. Eu quero ser a pessoa que tortura os inimigos, eu preciso disso.

— Tem certeza? — Gabriel pergunta, não duvidando, e sim preocupado com minha reação. — Pra mim é normal, já fiz.

— Eu tenho certeza. Eu não sou como minha mãe, tia Sara, Giulia, tia Dianna e sei lá mais quem. Eu não sou aquela que senta e espera, ou a que deixa os outros torturarem e depois dá o tiro de misericórdia, eu não consigo ser. Eu

tenho pensamentos do que fazer e eu farei. Eu não sou uma menininha, sou mais que isso. Muito mais.

— Sabemos disso, Kat. — Gabriel me abraça.

— Quando pegarmos todos, eu quero participar das torturas. Eu quero que me deixe com Giovani também. — olho para Jean. — O mesmo para seus pais.

— acredite, Katherine, pensamos igual. — Jean assente. — Meus pais estão no meu alvo.

— E com Javier também, com Benjamin. — acrescento. — Dane-se o sangue, eu vou mata-los. Eu tenho coragem para isso e eu farei.

(...)

Meu sorriso está de orelha a orelha.

O rosto queimado de Giovani só comprova a falta de máscara, é ele mesmo a minha frente.

— Primo, que desgosto. — cuspo em seu rosto. — Como pode ser tão burro?

— Como descobriram aquele lugar? — grita.

— Primo, sabemos onde as cobras moram. — sorrio. — Você que não sabe nada. Ficou tão irritadinho que nem pensou? Foi cantar vitória ou foi chorar por perder sua presa?

Guerrero me contou o que aconteceu. Um carro apareceu com Giovani e os pais de Cassie, depois, os seguranças chamaram reforços. A história do meu pai e Allan se repetiu. Carros iguais se misturaram e Giovani tentou escapar. Uma perseguição aconteceu e ele foi pego. Os pais de Cassie despistaram, porque usaram outro caminho desconhecido pelos seguranças — que são novos nessa área. Já Giovani usou uma rota de entrega que é comandada por West, então, os seguranças sabiam entrar e sair de becos. Também é a rota do carro que Cassie falou, pelo o que entendi.

Será que Cassie sabia que Giovani seria tão burro?

Pensamos nisso, a burrice desse homem, mas nem esperávamos que seria tão fácil.

— Eu mandarei te matar...

— Não vai, sabemos que só tem uma pessoa ao seu lado. — Guerrero diz e Giovani se cala, ele parece preocupado, não como antes, agora está pior. Guerrero está segurando uma barra de ferro, em formato cilíndrico. É do tamanho do meu antebraço. — Faremos uma coisa, Kat...

— Entendo. — sorrio, olhando para a barra de ferro. — Podem fazer, não me importo em assistir.

A respiração de Giovani é audível. É gratificante ver sua mão no alto da sua cabeça, seus pés algemados ao chão. Seu corpo está completamente esticado, com hematomas. Seu rosto tem sangue seco.

Gabriel passa na minha frente, rodando uma espécie de manivela, fazendo com que as correntes se estiquem mais e o corpo de Giovani fique tão reto que ele nem tem como se movimentar.

Jean se aproxima, retirando a calça de Giovani.

— Não vai implorar? — Guerrero provoca Giovani.

— Jamais. — Giovani tenta cuspir em Guerrero, mas ele pega a barra de ferro e bate na barriga de Giovani. Ele bate no movimento para frente e para trás.

Giovani rosna e pragueja em sei lá qual idioma. Talvez esteja evocando demônio chefe.

Jean abaixa a cueca de Giovani.

— Acho que alguém fez sujeira. — Gabriel ri. — Medo, Giovani?

— Não tem banheiro nessa merda.

— Merda é o que fez. — Jean provoca. — Luvas!

Carlos e Juan entregam as luvas para Jean, Gabriel e Guerrero.

— Alguém? — Guerrero olha para os lados, onde um segurança, a contragosto, levanta, indo até Giovani. — Dê luvas a ele.

Entregam mais uma luva para o homem.

Assim, o homem ajuda na "abertura" de Giovani. Guerrero pega a barra de ferro, na grossura daquelas que tem em bicicleta infantil, e enfia em Giovani. Enfiando na bunda, sendo mais clara.

— Você faria isso na minha irmã, não é? — agora é Jean quem tira a barra e enfia novamente.

— Eu farei com ela, porque sairei daqui. — Giovani fala, com os dentes cerrados. Seu suor pinga no chão, assim como suas lágrimas e sua saliva. — Farei com Katherine, também...

Jean enfia a barra em Giovani, mais fundo. Eles não enfiam tudo, porque pode dar alguma lesão em algum órgão, hemorragia... Queremos lento e doloroso, como Giovani faz em suas vítimas.

Giovani morde a boca, voltando a rosnar em um idioma estranho. *Ainda acho que ele está evocando demônio chefe.*

Esse tira e bota da barra acontece vinte vezes, dez para Guerrero e dez para Jean.

— Os *viadinhos* perderam a excitação? Não querem mais nada comigo? — Giovani ri e sua baba escorre em seu queixo. — Esperava mais, porque matarei todos vocês. Cassie terá uma barra mais grossa que essa em sua...

Gabriel vem com um ferro bem quente e coloca no rosto de Giovani, onde ele tenta se debater, mas não consegue nada além de mais uma queimadura, já que o movimento fez com que a barra rolasse para cima.

— É isso? — Giovani grita. — É assim que querem lutar? Dizem ser do bem? Dizem que são melhores que eu, mas fazem o mesmo que eu faço.

— Quem disse que queremos ser melhores? — aproximo-me de Giovani. — Não queremos ser melhores, queremos que você sofra o que suas vítimas sofrem. Você faz isso muitas vezes, não é? Cassie não foi à primeira nem a última.

— Eu amo garotinhas e garotinhos. — ele cospe em meu rosto. — São limpos...

Limpo meu rosto e Gabriel pega uma faca, enfiando no braço de Giovani. Ele crava a faca, depois faz um movimento circular e retira, deixando o ferimento aberto com o sangue caindo.

Guerrero pega a barra de ferro, suja com as fezes e o sangue de Giovani, e esfrega no rosto do nosso prisioneiro.

Saio de perto, porque Giovani começa a vomitar.

O cheiro é uma merda, realmente, mas é interessante ver o sofrimento desse filho do demo. Demo Junior sofre!

— Eles também ganham ferimentos? Suas vítimas? Óbvio que ganham, é um estupro! — Guerrero grita. — Isso não é nada perto do que faremos a você, Giovani.

A outra barra de ferro quente bate na carne de Giovani. Gabriel bate na bunda nua de Giovani. Duas vezes.

— Kat. — Guerrero pisca um olho.

— Primo, eu acho que temos o mesmo sangue psicopata, isso é interessante. — sorrio ao ver as lágrimas de Giovani. — Vejo seu sofrimento e por dentro eu grito: "Justiça! Justiça!". Porque a Cassie sofreria tudo isso, muita gente sofreu o mesmo e estamos descontando. Odeio estuprador mais que tudo. E olha esses homens, eles também odeiam.

Escuto a porta sendo aberta e vejo Marisa sorrindo, com algo em sua mão. Sorrio para ela, sabendo o que é.

— Conversando com Marisa, contei sobre o que você disse...

— Vá se ferrar! — Giovani vocifera.

— Conte sobre você ter falado que deixaria Guerrero aleijado. Pensei, "Giovani causará um acidente ou será diretamente?". — Marisa se aproxima de mim, me entregando um machado. — Temos o mesmo sangue frio, Giovani. Enquanto você pensou em aleijar Guerrero, eu pensei o mesmo para você. Pelo menos, sem uma perna, se tentar fugir, será mais difícil. Devo avisar que nem tem como sair daqui.

Faço um sinal com a mão, onde os homens começam a tirar Giovani das correntes e colocando-o deitado no chão. Segurando seu corpo e, principalmente, sua perna.

— Antes disso. — Jean pega um canivete e faz um corte, rasgando a cicatriz abaixo do olho. O corte que Cassie fez no passado, quando tinha apenas quatorze anos e tentava se libertar de Giovani. Tentava sair do seu aperto, dos seus dedos, das suas mordidas e arranhões. — Cortei novamente.

Giovani tenta sair, mas tem muita gente o segurando.

— Certeza? — Marisa pergunta. — Eu posso fazer, se quiser.

— Não, não tem importância para mim. — olho para Giovani com nojo, muito nojo. — É como matar um inseto peçonhento, que se não eliminarmos, ele matará alguém no futuro.

Abaixo-me, indo até o corpo de Giovani, e conto "um palmo e meio", do pé de Giovani para cima.

Levanto o machado e acerto exatamente no local que quero.

O som do machado em seu osso é como quando cortamos uma galinha, separando as partes. *Mas a galinha não estupra!*

Tiro o machado e bato mais uma vez, vendo o sangue espirrando.

Giovani grita, chora. Eu lembro de Cassie chorando me contando a sua vida. Lembro os mortos no tiroteio, do mendigo que nada tinha a ver com a história, das crianças ameaçadas, de Linda morta, de Line que ficará sem mãe por causa de Giovani, de West que foi baleado tentando salvar Cassie.

Bato o machado mais uma vez. Dessa vez, Giovani para de chorar, de gritar e se debater. Sua perna não mexe mais. Ele desmaiou.

Bato mais uma vez e consigo cortar. A metade da perna sai do corpo de Giovani.

Seguro o machado, olhando para Giovani. Os homens gritam que ele

apenas desmaiou. Gritam pela enfermeira, para tentar salva-lo.

Não queremos Giovani morto. Ele matou muita gente, estuprou igualmente, queremos seu sofrimento perpétuo.

— Está bem? — Gabriel segura o meu rosto, fazendo com que olhe para ele. Depois, beija a minha testa e acaricia as minhas costas.

— Sinto-me bem. — sorrio. — Estranhamente bem.

Guerrero vem em nossa direção.

— Vamos cortar... — ele olha para mim. — Você sabe que quando Giovani acordar, não daremos facilidade a ele. Cortaremos aquilo que ele tem no meio das pernas.

Sorrio para a educação das palavras de Guerrero.

— Como o pegaram mesmo? — pergunto. — Não foi perseguição, falaram bem rápido sobre o carro de Cassie.

— Foi o que falamos, Kat. Lembra o carro que Cassie falou? Aquele que vocês deveriam entrar no dia em que Cassie foi presa? — confirmo. — Tinham caminhos gravados. Giovani estava indo exatamente para o caminho e os seguranças perceberam.

— Por isso pegaram o comparsa dele? — Gabriel pergunta.

— Ainda não pegamos, jogamos com Giovani. Se ele ficasse sem palavras, era porque só tem um ao lado dele, se continuasse sorrindo, era porque tinha mais gente. Ian vai falar daqui a pouco. Mas sabemos onde o outro está.

— E quem é o outro? — pergunto.

Guerrero pega o celular e mostra a foto.

Javier.

— Tem alguns homens vigiando o local, para a segurança de Javier. Estamos esperando o momento de ataca-lo. Ele é seu avô, não é?

— É um merda que chamei de avô. — dou o machado a Marisa. — Quero o oxigênio líquido ou a sua droga.

— Para que?

— Guerrero. — olho para ele. — Chegou a minha hora, não quero uma gangue para ter status. Quero justiça, e a justiça para Javier é a morte. Quase como a letal*. Eu matarei Javier e nem quero que falem algo sobre o assunto. Cortei uma perna e farei mais. Javier não pensou em mim, não pensarei nele.

***A injeção letal é um procedimento de execução que consiste em aplicar por via intravenosa, e de maneira contínua, uma quantidade letal de**

barbitúricos de ação rápida, combinados com produtos químicos músculo-paralisantes.

Capítulo 31

Katherine

Subo dois degraus e logo paro, percebendo que, ao meu lado, tem som de gemidos carregado de dor.

Aproximo-me de onde vêm os gemidos e percebo que estou certa.

— Vá pelo outro lado. — olho para trás, onde Guerrero indica para subir as escadas. — Pelo outro lado tem outra sala.

— Um calabouço. — falo, enquanto subo as escadas. — Acho muito Idade Média, poderíamos colocar uma máscara de ferro em Giovani. Não nego que a ideia me conquista.

Escuto o riso de Guerrero.

— Pode ser, mas precisaremos de alguém para fazer a máscara.

— Seria interessante. Sem perna e sem o rosto para que o vejam.

Chegamos ao início da escada e Guerrero pede para que eu vire à esquerda, quando viro, Guerrero gira uma espécie de chave na parede e ela abre.

— Quando construíram isso aqui? — pergunto.

— Quando a negociação do território começou. — Guerrero responde e pede para que eu entre junto com Gabriel. — Minha mãe achou que seria interessante criar uma casa normal com algumas "celas" abaixo. Ela não mostrou a cara para fazer essa construção, mandou que uma pessoa tomasse a frente. Orlando.

— E West vai ser perdoado? — Gabriel pergunta.

— Da minha parte, não tanto. — Guerrero dá de ombros. — Sigam em frente.

Conforme vamos andando, os gemidos de dor vão intensificando. O corredor é um pouco largo e com a mesma mínima quantidade de ventilação. Chegamos ao fim do corredor e encontro a cena do gemido a minha frente. Ian está sentado, apanhando com uma espécie de tábua, em tamanho menor e mais fino em comprimento. É como uma palmatoria, na mão — já que ele só tem uma —, e nos pés. A frente dele tem uma parede de vidro onde, agora, vejo duas enfermeiras tratando Giovani.

Ian assistiu tudo o que aconteceu com Giovani.

— Ian falaria hoje. — Guerrero sussurra. — Mas pegamos Giovani primeiro.

Guerrero pede para que os dois homens parem de bater em Ian, depois, ele vira a cadeira onde Ian está sentado e faz com que ele nos encare.

O rosto de Ian está completamente desfigurado. Além do suor e o sangue seco e molhado, ele tem inchaços, vermelhidão, várias marcas roxas... Seus gemidos de dor são como música para meus ouvidos.

Guerrero retira a mordaca de Ian. É uma bola de tamanho médio que é colocada dentro da boca de Giovani, amarrada por algo que parece ser bem resistente, diria que é um couro bem grosso.

Ian começa a tossir.

— Viu o que a menininha foi capaz de fazer? — Guerrero aperta o queixo de Ian, fazendo com que ele olhe para mim. — E você dizia que *Carolaine* era fraca, foi Giovani que falou isso, não foi?

— Sabe a resposta. — Ian nem tem forças para falar.

— Usou alucinógenos em West, tranquilizantes, anestésias... Drogou West em cada decisão que ele tomava. Você roubou e vendeu minha droga. Quando matou o marido de Linda, West nem estava acordado, não foi? Você fez parecer que ele estava, para que Linda me contasse e eu ficasse com raiva dele, assim, desestabilizaria todos os negócios. Quando cortamos seu braço, você começou a dar mais drogas indiretamente ao West, assim como tentou matar as meninas, tentando atrapalhar a nossa entrada no dia daquele teste.

— Como Orlando West foi tão influenciado? Manipulado? Sei que ele é um tonto, mas a esse ponto?

Ian começa a rir, olhando na minha direção.

— Orlando West não passa de um *viadinho* que come quieto, ou melhor, que é comido quieto.

Meus olhos ficam arregalados.

— *Pit bull* é *Lassie*? — grito. Eu tenho que rir, desculpa mundo, desculpa situação tensa. Mas West é gay? Não é anormal, mas West? Aquele gangster brega, que tenta ser durão, machão? É por isso que nunca o vi com uma mulher.

Agora entendo a história do radar.

— Você chantageava o West? — encaro Ian.

— Sim, ele fazia. — Guerrero confirma. — Como se ninguém soubesse da orientação sexual do meu primo. Só que Orlando, como sempre, queria ser inteiro porque acha que sua sexualidade vai prejudica-lo. Ian sabia disso e ficava o ameaçando, fazendo a cabeça do meu primo. Já que ele tem vídeo íntimo guardado. Seria um escândalo.

Viu, West, se fosse mais aberto sobre sua sexualidade, não teria passado

por isso. Se bem que vídeo íntimo é tenso...

— Mas, cara, West é gangster, se rissem dele, dá um tiro e pronto. — falo.

— Fale isso para West, que liga mais para status do que para a inteligência.

— Espera. Mas vocês não cortaram o braço do Ian?

— Eu cortei, West segurou Ian. Podemos dizer que meu primo se sentiu vingado, só que aí veio às ameaças dos vídeos, então ele voltou a ser capacho do Ian. Demos um tempo para West sair disso, depois, armamos a emboscada para pegar Ian.

— Sempre desconfiaram? — Gabriel pergunta.

— Sabíamos que algo acontecia, mas Ian era um "protegido" de West. Só que as coisas pioraram quando Katherine e Cassie apareceram. Nas reuniões, Ian focava muito nas duas, e ele estava muito de olho. Minha mãe já sabia sobre a verdadeira história das irmãs, por isso, ela ligou uma coisa à outra.

— Então aquela história de ter uma menina de cada etnia...

— West sabe que meninas bonitas ganham clientes, era isso o que ele queria. Fora que ele acha bonito essa estética.

— Cara, como nunca desconfiei de West ser gay? — *sinto-me burra, minha intuição nem acendeu para West.* — Deve ser a merda do estereótipo que todo gay sabe se vestir, que é alegre... Se bem que ele ficou feliz com o amor de Cassie e Guerrero. Mesmo assim, West está mais para retardado.

— West tem seus momentos.

Guerrero olha para Ian.

— Você não nos deu qualquer informação, porque achava que nunca pegaríamos Giovani. Então, Ian, sua serventia terminou, pegamos um deles...

— Falta o outro. — Ian fala rapidamente.

— Sim, falta o Javier.

Ian fecha os olhos, como se sentisse dor.

— Então, Ian, não tem mais como continuar vivendo. Pegamos o seu chefe e sabemos do outro, não tem mais qualquer resposta para nos dar.

— Não, cara. Eu só fiz isso...

— Pelo dinheiro, sabemos.

— Eles me ameaçaram, disseram que me mandariam para a pior morte.

— E Yoshida? — indago.

— Sei nem o que é isso.

Olho para Gabriel, que também tem o mesmo olhar confuso.

— Só trabalha para Giovani e Javier? — Gabriel pergunta.

— Eles nos chamaram...

— Por que te chamaram?

— Ele me viu com o West. Me chantageou também.

— Outro escondendo a...

— Eles me matariam!

— Você morrerá de qualquer jeito. — sorrio para ele. — É o dinheiro, Ian. Não tente dar uma de coitadinho.

— Eu não sei de Yoshida! Nem sei o que é isso, nem quem ele é! Sempre foi Giovani, Javier e os outros que trabalham com ele.

— Giovani e Javier mandam?

— É!

— Ian, você não falou nada demais. — Guerrero pega um cutelo* e coloca no pescoço de Ian.

— Eu não tenho mais o que falar! Só sabia de Giovani e Javier...

— E nos fez ter muito trabalho. — Guerrero aparta mais o cutelo no pescoço de Ian. — Se tivesse respondido mais rápido, Cassie estaria aqui, Linda também estaria. Não teríamos perdido tanta gente. A culpa é sua! Você também pegou as meninas naquela noite para Giovani.

— Não! Eu peguei por pegar...

— Pegou as duas inimigas por nada?

— Sim. Se não fosse isso, eu daria as duas para Giovani, mas eu nem sabia...

— Quando tirou fotos naquela festa, você não tirou para um catalogo de moda. — cuspo as palavras.

— Giovani ficou curioso sobre as duas. Eu tinha raiva pela perda do meu braço e Giovani achou interessante a história das irmãs, pensou em levar as duas para o lado dele. Então eu tirei foto para que ele visse como as duas são.

— Então é o negócio de Giovani e Javier, apenas? — pergunto novamente.

— Sim.

As coisas estão divididas? Ou será que Giovani é contra Benjamin e está com o pai? Ou Javier é contra todos e se juntou a Giovani? Ou todos estão juntos e cada um na sua divisão de crimes?

Giovani é burro, todas as suas armações para matar os "poderosos" deram

errado. Não matou os pais de Guerrero, não me matou, não matou e nem prendeu Marisa na segunda tentativa, perdeu Cassie, não matou West, perdeu o federal que estava ao lado dele... E se o demônio Junior não tiver ao lado do pai porque é burro? Yoshida não tem cara de amar filho e de amar gente burra... Mas *demo Junior* ainda estava na Nostra... Mas se ele estivesse só para disfarçar? Estiver tentando conquistar a confiança do pai?

Pensando bem, Giovani é burro. Foi pego facilmente. Espero que tenha sido facilmente mesmo, porque se for uma armadilha... *Dane-se, estamos aqui para lutar, não para ficar com medo.*

— Eu não sei de mais nada! — Ian chora.

— Pois então, não tem mais serventia. Você nos traiu.

— Guerrero, eu fui obrigado a matar seu amigo, porque Giovani disse que ele atirou na perna...

— Sim, ele atirou na perna de Giovani, deveria ter sido fatal.

— Giovani queria vingança e me usou.

— Por dinheiro? Nem por família, Ian. — sorrio para ele. — Tatuou o rosto de Linda para que os negócios desse lado estivessem em crise.

— Eu não poderia...

— Não poderia perder dinheiro. — Guerrero pressiona mais o cutelo no pescoço de Ian, depois, vejo um fio de sangue passando pela lamina. — Você achava que eu era fraco, que era apenas um *nerd* brincando de fazer drogas, West falou sobre isso. Falou também que você tentava mudar a liderança, fazer a cabeça dele contra minha família, porque o filho único de Marisa é um merda. Notícia nova, Ian. Nos meus vinte cinco anos de idade, já matei vinte e dois e torturei nove, eu só não falo abertamente no assunto. Mas eu não sou o *nerd* quieto que pensam que sou.

Guerrero faz o movimento rápido com o cutelo e o pescoço de Ian vira uma catarata de sangue, jorrando para todos os lados.

— Um já se foi. — Guerrero solta o cutelo e observa o corpo e Ian caído na cadeira. — Faltam os outros. Giovani sofrerá até a morte porque é o que ele merece, Javier terá uma morte rápida?

— Não rápida. — Gabriel olha para mim.

— Ele morrerá porque não conseguirei olhar nos olhos dele para todo o sempre, nem saber que ele continua vivo. — falo. — Ian era um nada. Giovani é um psicopata que sabe de muita coisa. Javier era o meu avô amado, que traiu a família... Ele é próximo demais, muito sentimentalismo. Acredito que ele usará algo assim para me comover, e eu não tenho paciência para aquilo, então, pena

de morte a ele.

Não quero ser fraca, mas sei que não suportarei olhar para Javier. Não por ama-lo, isso nunca. Mas sim pela sede de vingança, pela sede de tira-lo do mundo.

Ele não terá a chance de viver e sofrer, porque o crime dele é pior que o de Giovani. Giovani mostrou para o que veio. Javier mentiu para todos.

Dane-se, Javier. A sua morte será por minhas mãos.

(...)

Retiro minha roupa e entro debaixo do chuveiro com a água bem gelada. Olho para as minhas mãos sujas do sangue de Giovani. Esfrego-as, tirando o sangue do *demo Junior*, o sangue do seu pacto com *demo chefe*... Será que eles são compactuados?

Junior pode querer mostrar serviço para o pai, da mesma maneira que faço. Fazendo sua gangue... Os aparelhos tecnológicos podem ter vindo por causa de Javier que ainda está com os outros.

Cara, por que penso isso? Por que fico pensando que Junior e o chefe estão separados?

— Só estou pegando sua roupa para queimar. — olho para Gabriel, que está pegando minhas roupas do chão. — Muitos vestígios.

— Obrigada.

Ele coloca minhas roupas em cima da pia e depois me encara.

— Dia difícil?

— Não tanto. — encolho os ombros. — O mais difícil é tirar essa merda de sangue compactuado do *demo*!

Gabriel sorri

— Eu amo quando você faz piada mesmo quando está com raiva ou tensa.

— Não é piada, falo sério. Você viu aquelas palavras? Ele estava evocando demos. Talvez o chefe ou os aliados. Acho que precisaremos nos benzer, ok que estamos derramando sangue, mas é pelo bem da humanidade.

— Vai confessar ao padre também?

— "Padre, Giovani ameaçou o colégio católico". Sou como os Cavaleiros

Templários* ajudando o povo de Deus.

— Alguém estudou história.

— Exatamente, querido. Estou livrando o mundo de malfeitores compactuados com o chefe lá debaixo. O padre tem que me agradecer e exorcizar Giovani, aposto que depois do exorcismo, Giovani morrerá, porque o pacto ali é forte.

— Você realmente acha isso?

— De Deus esses caras não são, se disserem que são, eles são mais loucos do que parecem.

— *Ich werde jeden töten. Javier wird mich rächen, du wirst niemals lebend weggehen. Dein Blut wird vergossen und du wirst für alles bezahlen, was du getan hast. Ich werde lachen, wenn sie sterben.* — Deus! Gabriel está falando como demo Junior! — Essas foram, mais ou menos, as palavras ditas por Giovani. Mas eu devo dizer que Giovani estava ameaçando matar todos nós, dizendo que nunca pegaram Javier, que Javier vai se vingar e que sangue do nosso lado será derramado e ele dará risada quando isso acontecer.

— Fala o idioma do demo agora?

— Ele estava falando em alemão. — Gabriel ri. — Estudei esse idioma também, entendo pouco, mas entendo o suficiente para traduzir e repetir as palavras de Giovani.

— Pulei essa aula.

— Acho que Giovani acredita nisso, porque ele confirmou em outro idioma que só Javier está ao seu lado para vinga-lo.

— Será que Giovani não sabe sobre suas aulas?

— Não. Minha mãe me ensinou em casa e eu nunca fui de falar sobre aulas. — Gabriel se aproxima de mim. — Vou te ajudar a se limpar. Sem bondade, porque maldade é um termo estranho a se referir ao sexo.

Sorrio para ele.

Gabriel começa a esfregar meu braço, para o sangue sair. Depois, ele pega o shampoo para passar em meu cabelo, onde o sangue endureceu e grudou os fios.

— Eu odeio que lavem meu cabelo. — murmuro. Eu realmente odeio que lavem meu cabelo, é a sensação mais estranha da vida. Aqueles dedos ou unhas massageando meu couro cabeludo, tem cabelereiro que faz tão forte que eu penso que a unha entrará em meu crânio. Por isso eu nunca vou a salão de beleza, odeio!

— Eu sei que odeia, mas também sei como fazer para não se sentir mal.

— Gabriel sussurra e começa a lavar meu cabelo.

Depois, viro-me para ele.

— Eu te amo. — falo para ele. — Te amo por largar tudo e viver comigo, entrando nessa loucura. — toco o seu rosto machucado.

— Eu queria morar naquela casa com você, mas acho que teremos que vendê-la para ter dinheiro. — ele sorri. — Então...

— Vamos vender e fazer a nossa vida desde o início. Eu só queria que a Cassie estivesse aqui para fazer a vida dela também.

— Ela estará, Guerrero a ama. Depois estará tudo certo.

Gabriel me abraça. Estou nua, abraçando um cara sem camisa.

— Te amo, Kat.

(...)

— Então, possivelmente essa é a casa onde Giovani disse que se atacarmos, seremos mortos logo na entrada. — Guerrero mostra a foto do lugar. — Os seguranças estão escondidos e disseram que a movimentação no lugar não é grande, o que pode nos sugerir que lá tem muita segurança eletrônica.

— Queimar a rede de energia está fora de cogitação. — Gabriel fala. — Sempre tem um gerador de energia.

— Chegar atirando também não porque seremos pegos. — falo.

— Por isso que é só atacar ao redor. — olhamos para Karen, que acabou de entrar na sala junto de Jesse.

— Do que está falando? — Juan pergunta.

— Naquele lugar, a energia é bastante potente, diferente das redes de energia dessa área, que é residencial. A área de Javier passa perto de usinas, que necessita do dobro da força. Se atacarem a central de energia, onde ficam muitos geradores, podem causar uma grande explosão, um apagão obviamente e, quem sabe, eles podem não ter gerador de energia, exatamente pela potência do lugar. Se tiverem gerador, a explosão dará no mesmo, porque só de atacarem a rede elétrica, eles pensarão que é mais um ataque.

— E então eles intensificam a guarda. — Carlos diz.

— Não, eles podem mandar alguém para ver o que aconteceu. Quando mandarem as pessoas para verificar, é só atacar. Pegam as roupas deles, o dedo,

porque isso aqui. — ela aponta para a foto, onde uma pequena tela é vista. — É para reconhecer digital. E vocês estarão dentro da casa, porque as armadilhas não funcionarão com funcionários. Esse é o *plano A*. O *plano B* consiste em usar a arma do inimigo. Nessa outra foto. — mostra outra imagem, dada pelos seguranças. — Vemos o poço ao lado da casa. A água tem que vir de algum lugar. Pela pesquisa, o tubo virá para esse outro lugar. — ela pega outra foto, onde tem uma tampa em cima. — Essa aqui é a fonte de água dele. Porque a bomba que está no poço, não é daquelas que apenas estocam, é aquela que usa um pouco e enche novamente. Encontre o tubo, joga alguma coisa e, se tivermos sorte, todos ou pelo menos a metade ficará desacordada.

— E se o tubo for para outro lugar também?

— Se for. — ela olha para Guerrero. — Quem beber só vai dormir por algumas horas. A quantidade tem que ser suficiente para contaminar a água toda ao ponto de que se beberem ou usarem um pouco, fará efeito por muito tempo. Se não for dar trabalho, é só isolar outro tubo. Pelas fotos, a grama está bem alta e dará para alguém se esconder. O perigo é maior se tiver câmeras ao redor. *Plano C*.

— Menina cheia de estratégias. — Juan murmura. — Quantos anos você tem?

— Quinze, farei dezesseis anos em breve.

— Uau! Você me assusta um pouco.

— *Plano C*. — Karen fala mais alto. — Jean e Jesse *hackeiam* o sistema de segurança, desligam tudo e a única ameaça será os seguranças e se Giovanni e Javier fizeram armadilhas manuais bem loucas. Voltando para a digital. Esse equipamento é antigo, pelo menos, ele foi feito há sete anos, não é tão evoluído. Além disso, eles digitam números. Se pegarem esses números em uma filmagem, precisaremos do dedo de alguém. Ou Jesse e Jean dão um jeito e entram no sistema.

— Isso é possível? — Gabriel pergunta.

— Se todo o sistema for ultrapassado como o da digital, sim, será possível. — Jesse responde. — E esse sistema faz pensar duas coisas, ou Giovanni e Javier não tem dinheiro para tanto e achavam que nunca descobriríamos sobre o local onde ficam, ou atrás daquele portão tem coisas mais perigosas. De qualquer modo, esses foram os únicos planos que eu e Karen pensamos. E, claro, o *plano D*, aquele que contamos com a sorte. Javier sair da casa e vocês ataquem.

— Vocês fizeram esse plano em quanto tempo? Não estão aqui nem há vinte e quatro horas.

Karen sorri para Guerrero.

— Tive tempo para ver fotos e olhar o mapa. — Karen responde. — Chamei Jesse para saber de tecnologia e ver se seria possível fazer algumas dessas coisas. Vai por mim, no site da empresa de energia e de água, eles dão os locais de cada fio, cada tubo. Depois vi fotos e fui pensando no que fazer. Durou dez horas para planejarmos tudo.

— Por que seus pais não aceitam a ajuda de vocês? — Oliver parece perplexo. — Vocês são geniais, *nenas*.

— Meninas novas, eles foram ensinados a não acreditar nisso. — falo com tristeza.

É bom ter aliados, mas seria melhor tê-los e ainda ficar com minha família. Mas, sem sentimentalismo agora, estou com uma gangue e fazemos algo. *Segura essa, família Bertollini e Vesentini, pegamos Giovanni e ainda sabemos onde Javier está, acho que uma gangue está mais rápida que vocês, senhores mafiosos.*

— Pena para eles, porque vocês são ótimas. — Marisa levanta da cadeira. — Vamos usar todos os planos. O que der certo, deu. Não tentaremos um por vez, tentaremos todos de uma vez. Será que todos estão dispostos a irem à luta?

— Sim, estamos. — todos respondem.

— Então vamos começar a preparação do ataque.

***Cavaleiros Templários: A Ordem dos Cavaleiros Templários foi uma ordem militar criada em 1119 por Hugo de Payens com o objetivo de participação nos combates das Cruzadas.**

A ordem foi aprovada pela Igreja Católica em 1129.

Combate nas Cruzadas

A principal função militar dos templários era ajudar os cristãos a retomarem o controle da Terra Santa (Jerusalém) tomada pelos muçulmanos.

Os cavaleiros

A Ordem dos Templários existiu por dois séculos. Seus integrantes usavam uma cruz vermelha nos escudos e no manto branco que vestiam.

Os cavaleiros templários faziam votos de pobreza. O símbolo da ordem era formado por dois cavaleiros montado num cavalo.

Sob pressão do rei Filipe IV da França, preocupado com o aumento

do poder dos templários, o papa Clemente V dissolveu a ordem em 1312.

Bônus 12

Jesse

Lembranças

— Mamãe! — grito, olhando para minha mãe em cima da cama. — Olha o que meu pai comprou!

Mostro a ela meu presente.

— Ele chegou? — ela rejeita o meu presente, colocando-o de lado.

— Sim! — grito, com animação. — Ele está com o cabelo preto, como eu! Disse que fez porque me ama.

— Sabe quem te ama mais? Eu! — ela abre os braços e joga-me na cama, engatinhando até o seu lado e a abraçando. — Quero que lembre de todos os nossos momentos juntos, ok? Você já tem cinco anos e é quase um homem.

— Meu pai disse que sou um homem.

— Será um melhor ainda. Então, Jesse, lembre-se que eu cuidei de você sempre, que dei minha comida quando você sentia fome, que te abracei durante seus pesadelos...

— Você é minha protetora, como sou seu protetor. — ela aperta meu nariz.

— Por isso saiba que minha maior vontade é que saia desse lugar, que não escute seu pai.

— Ele disse que devo obediência a ele...

— Não deve. Eu cuido de você e você me obedece. — beija meu rosto. — Jesse, não acredite em seu pai, nunca faça isso. Nunca faça o que ele manda. Ele não ama ninguém...

— Ele disse que me ama. Me deu o presente...

— Isso não é um bom presente. Quando crescer, me entenda, Jesse! Entenda que quando digo que não deve ama-lo, você deve acreditar em mim. Você me ama?

— Amo.

— Jura que vai me obedecer?

— Juro!

(...)

— Kenya! — grito para a menina que nem olha para mim. — Fala comigo!

— Não quero, Jesse! — ela me empurra.

— Vamo brincar! Por favor!

Kenya apenas pega uma faca menor que a minha.

— Eles querem que eu brinque com isso. — ela coloca no chão. — Mas eu quero dormir.

— Dorme lá no meu quarto. — pego sua mão. — Você pode conhecer minha mãe.

— Minha mãe morreu. — ela abaixa a cabeça e eu olho para ela.

— Minha mãe pode ser sua mãe! Seremos irmãos.

Ela sorri e me dá a mão.

Peço silêncio a ela e entro em uma sala secreta, depois, entro em outra e subo uma escada, chegando à porta do quarto da minha mãe.

— Ela deve estar dormindo. — falo para Kenya e coloco o dedo na boca, pedindo silêncio.

Abro a porta devagar e vejo meu pai enfiando meu presente na minha mãe. Minha mãe grita e meu pai enfia meu presente mais uma vez na barriga da minha mãe.

— Faz o que aí?

Olho para trás, para Giovani.

— O que meu pai tá fazendo?

— Ele não é seu pai, seu idiota! — ele dá um tapa bem forte em minha cabeça, me fazendo cair no chão.

— Não bate nele! — Kenya grita.

— Bato em você também! — Giovani dá um tapa em Kenya, que cai ao meu lado. — Calem as malditas bocas!

— O que fazem aqui? — meu pai grita, aparecendo e fechando a porta do quarto.

— Ele me bateu, pai! — grito, apontando para Giovani. — Em mim e em Kenya!

— Giovani! Não bata em seu irmão e na amiga dele! — meu pai aperta o pescoço de Giovani. — Não faça nada que eu não mandei.

— Quero falar com minha mãe! — grito, tentando alcançar a maçaneta.

— Depois, filho. — meu pai beija a minha testa e a de Kenya. — Você sabe que te amo, não é? Que mesmo com a distância, sempre estou presente. Não acredite no que sua mãe falou. Eu te amo e faço de tudo por você. Você é meu pequeno Marlon.

— Meu nome é Jesse. — sussurro.

— Eu escolhi Marlon, então esse é seu nome. A vontade de sua mãe não importa. Eu importo, meu filho. Apenas eu!

Tempos depois

— Um dia fugirá daqui? — olho para Kenya.

— Sim. — ela sorri. — Serei uma heroína. Fui treinada para ser uma vilã, mas...

— Mas minha mãe disse que devemos segui-la, não seguir Elijah. — abraço-a. — Sabe como fugirá?

— Não e nem pense em ajudar. Você está do outro lado agora. É uma merda, né?

— Sim. Kenya, Gabriel me deu o lanche dele para eu não ficar com fome, os pais dele me tratam bem, os irmãos...

— Conte a verdade, Jesse.

— Como? Entrei na vida de Gabriel para ter informações...

— Nunca repassou...

— Mas traí sua confiança em primeiro lugar. É melhor eu trabalhar quieto, assim ajudarei Gabriel.

— Se Elijah descobrir...

— Ele me mata ou me deserta como fez com Giovani. Não me importo, Kenya. Meu pai matou minha mãe e me treinou para matar mais pessoas, como ele também foi treinado pelo tio. Eu o odeio, odeio Elijah, sabe disso.

— Conta a verdade...

— Eu engano Gabriel há mais de três anos. Ele acha que temos a mesma idade, sendo que sou três anos mais velho que ele.

— Se ele descobrir não será pior?

— Ele vai me odiar, Gabriel odeia traidor. Quando nos aproximamos eu

era quase uma criança órfã, Gabriel me ajudou. Eu menti, tive que colocar escutas em sua casa...

— Você não me contou essa parte.

— Se não colocasse, você morreria. — abaixo minha cabeça.

— Mas você não está ao lado de Elijah.

— Não tenho serventia para Gabriel, eu nem sei o rosto do meu pai, onde ele vive, de onde veio, para onde vai. Nossa comunicação sempre é restrita.

— Então seja o espião, Jesse. — Kenya sorri. — Trabalhe em outra área contra seu pai. Se não tem coragem de falar a verdade...

— Lutarei contra meu pai, quando tudo acabar, eu vou embora da vida de todos.

— E me levará junto!

— Claro, irmãzinha.

(...)

— Pai, por favor...

Elijah desliga o telefone na cara de Giovani.

— Seu irmão é um merda, falhou novamente. — Elijah me encara com seus olhos verdes falsos. — Quase como você, Marlon.

— Gabriel é um nada, pai. Ele não sabe nada e nem faz nada.

— Vá para Daniel.

— O senhor disse que tenho quatorze anos, Daniel já deve ter dezoito, nem somos do mesmo grupo de amigos.

— Marlon, se eu desconfiar da amizade de você com o Gabriel...

— Pai, o senhor me ensinou a nunca ter amigos.

— Sou seu único amigo, filho.

— Assim será. — concordo. — Quando o senhor vai embora?

Essa visita me pegou de surpresa, se eu mandar uma mensagem para Gabriel, meu pai captará o sinal... Se ele demorar aqui, mando a mensagem para Gabriel do lado de fora e meu pai será pego.

— Vou assim que você sair daqui. Só vim te ver e ver Giovani. Seu irmão

está me causando problemas, até a família adotiva o odeia.

— Por que não o mata?

— Não mato meus filhos.

Só as mães dos seus filhos...

— São sangue do meu sangue, minha família, a única que tenho.

— Só eu e Giovani?

Ele ri.

— Marlon, o que mais tenho é filho, só que alguns não vivem muito por causa da gestação das mães e tem algumas meninas...

— Meninas?

— Não gosto de meninas, não servem para muita coisa. Assumir meu lugar? — meu pai levanta e pede para que eu o acompanhe. — Marlon, você é o meu melhor filho. Giovani não sabe do seu rosto, quando ele te viu você só tinha cinco anos e você mudou muito. Então fique tranquilo, Giovani pensa que você morreu, que é fraco. Nunca fale quem é você para Giovani. Vai que Gabriel apresente os dois, fique quieto ou Giovani te matará. Ele entenderá o quanto é forte, que você está mais perto dos nossos inimigos que ele. Não posso te proteger do mundo, Marlon. Você foi treinado para viver, não para morrer pelas mãos de um idiota.

— Giovani pode estragar seus negócios.

— Nunca. Giovani quer impressionar. Então, Marlon, me impressione mais. Eu aposto tudo em você. Você é o único em quem confio.

— Por que não mostra seu rosto?

— Mostrarei quando me der respostas, quando matar alguém de dentro. Fora isso, nunca mostrarei meu rosto a alguém.

Atualmente

Olho para a minha *tomahawk*, presente do meu pai. A arma que ele matou minha mãe. Guardo novamente na minha mochila, a arma que usarei para matar meu pai, da mesma maneira que fez com minha mãe.

— Será que você descobriu algo? — Benjamin pergunta.

— Não, nada. Onde meu pai está?

— Férias, como falei.

— Podemos nos encontrar?

— *Já saí daquela casa, você sabe, garoto, sempre mudando de lugar.*

— E o que faremos?

— *Nada. No momento, apenas esperar e ver o que acontecerá. Tenha uma boa noite, menino.*

Termino a ligação e entro na casa novamente, descendo as escadas e vendo Giovanni preso.

A merda do meu irmão mais velho.

— Vá se ferrar! — ele grita para mim. — Saia daqui!

Sorrio para ele, vendo que uma pessoa já está pagando pelos seus crimes. A alegria em mim é gritante. Odeio Giovanni mais que qualquer outra pessoa. Ele riu quando minha mãe morreu, ele comemorou, pegou o sangue da minha mãe e esfregou nas paredes do meu quarto e escreveu: “Órfão como eu, idiota!”.

Olho-me no espelho, onde a verdadeira cor do meu cabelo aparece. Preto, como o da minha mãe.

É tudo por você, mãe. Só me perdoe por não conseguir contar a verdade para quem me ajuda, mas a mentira durou mais tempo que esperei. Meu plano era fugir quando tivesse tempo, mas sempre tinha alguém vigiando. Vivi na mentira e coloquei escutas na casa deles... Eu os traí uma vez, mas me arrependo amargamente por isso. Faço de tudo para ajuda-los e conseguirei. Não sou um traidor, mãe. Juro que não sou.

Pego meu computador e vejo o sistema de segurança. Eu que programei aquilo. Benjamin pediu, ele entregou a Javier e ele só instalou. Benjamin nem deve saber de Javier estar com Giovanni, os dois não se dão muito bem, pelo que me lembro.

Menos um, mãe. Acabaremos com todos, pena que Elijah sumiu.

Meu pai sumiu por algum motivo estranho e preciso saber o que é. Infelizmente, não sei por onde Benjamin anda. Os outros sistemas de segurança foram programados por outra pessoa.

Onde Kenya estará? Soube que ela fugiu...

Olho para a foto de Luna, Rachel e Valentina em meu celular. Minhas irmãs...

Kat falou sobre Giovanni ser primo dela, desconheço essa história. Giovanni mentiu ou sabe mais que todos os outros?

Não importa, Karen estará me ajudando nessa história.

Matarei meu pai com a arma que ele me deu e que matou minha mãe.

Consequirei, depois, vou embora. Meu trabalho aqui estará feito!

Capítulo 32

Katherine

Abro meus olhos e encontro Gabriel apertando minha coxa.

— O que está fazendo? — pergunto, ainda sonolenta.

— Retirando sua coxa de cima da minha. — sorri. — Já viu o tamanho delas? Pois é, está prendendo minha circulação sanguínea.

— Não aguenta uma coxa dessa grossura?

— Isso não é uma "coxa", nem uma "coxinha", é um "coxão"! — ele aperta mais uma vez e eu tiro minha coxa em cima da dele, agora, eu fico de barriga para cima, não mais virada para Gabriel.

— Será que você viu Amélia nua?

— Ela usava uma camisola transparente...

— E você olhou? — encaro Gabriel.

— Sem querer, mas não fixava o olhar por muito tempo. Era mais quando ela chegava, eu olhava para ela e via tudo. Uma vez tinha uma barata no quarto de Amélia e ela foi ao meu quarto, não dormi com ela, eu preferi à barata, só para deixar claro. — rio com sua rápida explicação. — Chegando lá ela deitou na cama, estava nua e abriu as pernas...

— Você viu aquela vadia toda arreganhada?

— Não por mais de três segundos. Aquilo me deu a certeza de algo.

— Que ela é uma vadia. — falo o óbvio.

— Que você é a mais bonita...

Sorrio, mostrando o meu contentamento por suas palavras.

— Por que a minha vagina é mais bonita?

— Eu falaria coisa mais romântica, que seu olhar é lindo, sua voz, seu jeito de ser, sua risada, sua força, mas a sua "vagina". — ele fala a palavra com estranheza. — É mais bonita, mesmo que você não tenha se arreganhado para mim.

— Gabriel! — bato em seu peito. — Não seja safado, não é o momento.

— Você que começou a falar disso.

— Uma constatação, não para você pedir para ver minha parte íntima.

— Eu já vi...

— Não a fundo...

— Qual a merda da diferença?

— Toda!

— Somos quase casados agora, Kat. Dormimos na mesma cama, tomamos banho juntos, evoluímos...

— Como aquele *meme* mega antigo "Todo poke..."

— Não muda de assunto. — ele segura a minha mão. — Não é um bom momento para falar de sexo, entendo e nem forçarei, mas qual o seu problema com isso?

— Gabriel, *momolado* que amo, sei que deve ser acostumado com gente safada, que nem chegou a maioridade e já sonha em sexo, que viu filme de gente safada quando ainda era pequeno, sei que sou uma anormal nesse mundo repleto de gente impura, obscena, adoradores dos pecados carnavais...

— Direto ao assunto.

Faço uma carranca para ele.

— Mas, *euzinha* aqui. — mostro-me de cima para baixo. — Nunca me interessei por tal coisa.

— Eu não desperto nada em você? — ele parece um pouco desapontado.

— Promete que não vai ficar ofendido?

— Dependendo da ofensa.

— Não é bem uma ofensa, mas você pode achar que é.

— Ok, pode falar. Vindo de você eu espero tudo.

— Quando fala coisas, me beija, me aperta com essas mãos grandes e for... Com essas mãos. — *não preciso dar adjetivos ao seu corpo, é estranho.*

— Eu sinto uma vontade de fazer xixi. Só que quando vou ao banheiro. — estou sussurrando, como se fosse um segredo e esse quarto tivesse mais pessoas. — Não sei nada. A vontade demora um pouquinho e passa.

— Como é essa vontade? — Gabriel está se controlando para não rir.

— É um troço no meio das pernas, meio que aperta, às vezes contrai e descontraí. Nem se é assim que fala. — pego minha mão e fecho, depois abro, fecho novamente, e abro. — É assim que a coisa no meio da minha perna fica, então acho que quero ir ao banheiro, mas não é.

— Você nunca conversou sobre sexo com alguém?

— Sim, quer dizer, mais ou menos. — coço minha testa. — Minha mãe pode ser vergonhosa ao falar do assunto, porque ela tem que destacar que só fez com o meu pai e que não sabe se com outros será a mesma coisa, então quando ela falava algo, ficava pensando: "Ela fez isso com meu pai!", me traumatizava e subia para o quarto. Karen e Cassie nunca fizeram, então, não sei grandes coisas

sobre o assunto. E a única vez que pesquisei foi o filme de gente safada. Ah! Minhas colegas falavam no assunto, mas sempre era o ato em si, nada de tão profundo.

— Isso é o "T" grande.

— "T" grande? — abro minha boca, embasbacada com o que ele disse.

— Como?

— Algo natural.

— Mas quem sente isso é porque quer praticar saliências.

— Você quer fazer saliências comigo, está óbvio que quer.

— Mas eu não te agarro como minha mãe disse que faria...

— Sua mãe falou tudo mesmo, hein?

— Ela não tem filtro sobre o que falar e o que não falar.

— Você também não tem.

— Tenho sim. Falo saliências, não sexo.

— Sexo é a palavra correta.

— Coito é a palavra correta. Tanto que não se fala "sexo interrompido", é "coito interrompido".

— Você quer *coitar*, Kat.

— Acho que "coito" nem é verbo para ser conjugado.

— Quero te deflorar.

— Parece um estupro.

— Quero te desvirginar. Fale algo agora.

— Não quero fazer xixi. — cruzo meus braços. — Não estou "excitada", meu querido.

— Claro que não, está preocupada demais para isso. Preocupada com o mundo e com o nosso *coito*.

— Vicia, né? Por que falar palavras vulgares sendo que podemos ser cultos no sexo?

— Deite-se na cama, vamos praticar o coito, enquanto você abre sua vagina e...

— Seu pênis entra e sai.

— Excitante, Kat! Muito excitante. — ele puxa o elástico da cueca e olha para baixo, para o que tem dentro. — Fez coisas maravilhosas para mim, não tem noção do quanto essa conversa é sexy.

— Sou uma deusa sexual, *momolado*.

— Minha esposa é uma deusa sexual.

— Esposa que não faz coito. — complemento, sorrindo ao ver sua cara de tristeza.

— Nem com a mão.

— Estou falando de casamento...

— Sexo está no casamento...

— Para de falar assim! — reclamo.

— Coito...

— Por que vocês são estranhos? Apenas transem, *coitem*, façam saliências, essa é a conversa sexual mais bizarra que já escutei.

Meus olhos ficam arregalados. *Isso é Jean falando.*

— O melhor são eles querendo transar e inventando assuntos para não fazer isso. — *Jesse?*

— O melhor mesmo é ter que escutar seu irmão falando coisas com sua amiga, isso sim é maravilhoso. — *Karen!*

— Por que estão escutando? — Gabriel grita.

— Porque ninguém está dormindo e as paredes são finas. Eu e Jesse dormimos no mesmo quarto e Karen dorme no quarto atrás do nosso, então, podemos dizer que os dois quartos são colados ao seu. Acho que quem construiu o prédio não pensou no casal com filhos, porque os filhos escutarão os pais *coitando*.

— Eu *coito*. — *Jesse está conjugando a palavra "coito"?* — Tu *coitas*. Gabriel não *coitará* tão cedo.

Escuto o riso histérico de Jean e Jesse.

— Será que Jean fumou maconha? — Gabriel pergunta.

— Maconha não dá nada, cara. Relaxe.

— Jesse fumou?

— Não, só estou rindo da sua vida mesmo.

— Fumou sim que eu vi! — Karen grita.

— Por que está tão próximo a minha irmã?

— Estamos falando de *coito*, Gabriel.

— Não *coitará* a minha irmã!

— Isso parece à bíblia, "não matarás". — faço a observação.

— Eu falo sério, cara. Minha irmã não será *coitada*.

— Por que estamos tendo essa conversa à essa hora? — Karen pergunta.

— A noite foi feita para *coitos*. — Jean ri. — Tem hora melhor para falar sobre?

— Eu não farei nada com Karen. — Jesse ri. — Ela encontrará alguém para *coitar*.

— Eu não acredito nesse diálogo. — enfio minha cabeça no travesseiro.

— Alguém perdeu o "T" grande! — Jean grita.

Sinto Gabriel em cima de mim.

— Nossas crianças são uma merda. — ele murmura.

— Precisamos educa-los.

— Sim, mamãe.

— Papai.

— Início de diálogo sexual? — Jean provoca.

— Eu vou dormir. — viro-me para o lado, com Gabriel me acompanhando. — Essa gente é estranha. Boa noite, Gabriel.

— Boa noite, Kat. — ele coloca a boca na minha. MENTA! Eu amo o gosto da saliva dele, não enjoa e isso é incrível.

— Eu tenho gosto de quê? — pergunto a minha curiosidade.

— De menta, deve ser porque escovou os dentes. Geralmente tem gosto de chocolate ou morango, acho que é por causa das suas balinhas.

— Desconfiava que você sentia outro gosto, que mesmo com nossas salivas misturadas, você sentiria o meu gosto...

— Eles estão falando do gosto da saliva? Se for de outro lugar, deve arder para passar menta...

— Deus, maconha não é de Deus! — Karen grita. — Quando acordarem, eu vou entrar nesse quarto e queimar tudo...

— Vai nos acompanhar, Karen?

— Jean, eu te queimarei junto.

— Ela é muito perigosa.

— Jesse, cale a boca!

— Vocês não tem mulheres não? — pergunto. — Ou homens, não sei do que gostam.

— Aqui tem umas bem interessantes, mas a ruiva é a melhor de todas. — Jean diz.

— E quem é essa? — pergunto.

— Não sei o nome, ela passou direto, batendo a porta na minha cara.

— Você disse que ela era a vadia diferente.

— Pensei que fosse a vadia para quem liguei, Karen.

— Estamos falando de quem? — pergunto, tentando entrar na conversa.

— Rachel. — Gabriel sussurra.

— Rachel sonsa?

— O nome dela é Rachel sonsa? — Jean pergunta. — É por que ela tem cara de boazinha, mas é safada? Finge ser santa e é safada? Gostei disso...

— Rachel sonsa e Jean maconheiro, dupla dinâmica. — bato palmas.

— Maconha não é defeito.

— Você *emacanhado* é um defeito. — Karen fala.

— Alguém arruma uma pessoa para essa menina sorrir mais. Jesse...

— Somos amigos, apenas.

— Não somos amigos!

— Ela me ama. — escuto Jesse rindo. — Como amigo.

— Essa noite está uma merda! — Karen grita.

— Concordo! — grito também.

— Essa é a família que construímos, Kat. — Gabriel coloca a mão na minha boca. — Apenas durma e deixe esses *nóias* de lado.

— Ainda chamam drogados de *nóias*?

— Vá dormir, vocês dois!

— Boa noite, família!

— Boa noite, família. — grito para todos.

— Karen, fala "boa noite, família". — Jean implica.

— Vão se ferrar, todos vocês!

— A melhor família de todas. — sussurro. — A coisa mais legal que sonhei para a minha vida.

— Ironia? — Gabriel pergunta.

— Pior que não. — sorrio, enquanto ele me abraça, colocando a cabeça no meu peito... Seio... Peito... Gosto de falar "Peito". — Boa noite, *mamalido*.

— Não inventa...

— *Mamalido* lindo. — beijo sua testa. — Dorme com os anjos invisíveis e com a anja de carne e osso ao seu lado.

— Dorme, Katherine!

Sorrio para Gabriel e olho para o anel em meu dedo, depois, ele apaga a luz do quarto.

Não sonho em casar, mas sonhava em tê-lo ao meu lado. Metade do sonho de princesa está se tornando realidade.

(...)

Assim que acordo, encontro Karen correndo até o banheiro, com Jesse e Jean correndo atrás dela.

Olho para o cabelo preto de Jesse e penso como ele está diferente, antes ele era meio estranho, cabelo preto combina mais que o seu cabelo claro de antes.

— O que aconteceu? — pergunto aos dois, que estão batendo na porta do banheiro.

— Ela está jogando minhas coisas no... — a porta abre novamente. — Você jogou fora?

— Deve estar chegando ao esgoto nesse exato momento. — Karen sorri e olha para mim. — Joguei a maconha no vaso sanitário e dei descarga. Ninguém merece o casal que fala coisas estranhas e outras duas pessoas rindo que nem idiotas.

— Obrigada. — agradeço.

— Pagamos caro naquela merda.

— Jesse, ainda bem que sabe que aquilo é uma merda. — toco em seu ombro.

— É maconha, não cocaína. — Jean parece desolado, quase como eu fiquei quando Jack morreu em Titanic.

O que mais faz pensar que agora eu sei com quem Marisa parece. Rose vaca. Os anos passam e não supero a morte de Jack e Rose viva.

— Agora é algo que está no esgoto. Ninguém está com cabeça para aturar dois idiotas, precisamos de todos lúcidos.

— É recreativo, Karen.

— Jean, é o que todos dizem, mas não usará nada. — sorrio para a sua tristeza.

— Você disse que não teriam regras.

— Se é para rir da minha cara, então, implantaremos regras.

— Você tem diálogo *coital* bizarro e eu e Jesse somos culpados e vistos como estranhos?

— Por que estão falando de *coito* com minha quase esposa?

— Sério que vamos nos referir ao ato sexual dessa maneira? — Karen

pergunta.

— Sim, é culto, como a princesa Kat disse. — Jean aponta para mim.

— Mas vocês conjugam uma palavra que nem deve ser verbo.

— Mas na nossa língua é um verbo, Kat. — Gabriel diz. — Eu *coitarei*...

— Não tão cedo. — Jesse e Jean falam juntos.

— Eu odeio vocês! — saio de perto deles. — E queimarei cada droga que aparecer aqui...

— Mas é o nosso dinheiro, meu e de Jesse.

— Que será queimado, pelo castigo de me encherem o saco. Cassie vai adorar saber que o irmão amado está se drogando de novo.

— Isso é chantagem baixa...

— Chantagem necessária.

Jean olha para Jesse e os dois concordam.

— Está tudo tão tenso que apenas relaxamos. — Jean senta no sofá. — Minha irmã está presa, sem poder receber nossa visita.

— Ela receberá em breve.

— Quando será o julgamento? — ele pensa.

— Muito em breve. — respondo, com tristeza. — Muito em breve mesmo, sabemos como esse povo é rápido para julgar esses assuntos, quando mexem com um deles.

O celular de Gabriel começa a tocar e ele sai para atender.

— Penso em como Cassie ficará quando for presa, pelo que entendi, será mais estratégico tira-la da penitenciária do que daqui. Mas, quando isso acontecer, para onde ela vai?

— Ao que tudo indica, ela vai para onde Guerrero nasceu. — respondo. — Para isso, precisamos de um plano para ela saia de lá. — olho para Karen. — E aí, rainha da estratégia, algum plano?

— Preciso de um mapa do lugar.

— Cara, eu não lembro muito de você. — Jean fala. — Lembro de Kat por ser esquisita e sempre estar em confusão, mas Karen? Nem sabia o seu nome, agora você faz vários planos.

— Dizem que os quietos são os piores. — ela encolhe os ombros. — Por não ser notada, eu sempre estava perto escutando tudo e vendo tudo. Já entrei no escritório do meu pai para ler um dos seus livros, e ele entrava para alguma reunião, eu ficava quieta e o assistia falar de estratégias, montar equipes, seguranças, negociações... Sempre saia sem ele me ver. Apreendi onde as câmeras

estavam e entrava escondido, achava fantástico assisti-lo comandando algo.

— Tio Fernando te ensinou indiretamente, lembro que riamos disso.

— Sim, meu pai nem desconfia que foi meu professor. — ela sorri, tristemente.

— Sua mãe quer falar com você. — Gabriel me entrega o celular.

— Oi, mãezinha...

— *Eu juro que vou te abraçar bem apertado para matar a saudade, depois, eu abraçarei mais apertado para quebrar seus ossos, como uma cobra que mata apertando a vítima.*

— Quem está falando? — que tipo de ameaça bizarra é essa?

— *Sua mãe, sua retardada! Você sumiu!*

— Por um bem maior.

— *Somos amigas e você me escondeu a verdade...*

— A senhora não me deixaria ir...

— *Daria minhas facas de presente, para você matar cada pessoa. Não sou seu pai, Katherine!*

— A senhora me apoia?

— *Amor da minha vida que me decepcionou, meu pai me deu várias armas brancas quando eu era nova, eu salvei Sara, eu fui atrás do seu pai. Quer algo mais que isso?*

— Eu fiz como à senhora. Quando foi atrás do meu pai, escondeu isso de várias pessoas, porque tinha medo deles te impedirem, pensei o mesmo...

— *Você é inteligente, sempre soube que é como eu. Que, um dia, mostraria para que veio e me daria mais orgulho do que já me dá. Minha linda menina é uma mafiosa...*

— Gangster, mãe. — corrijo-a.

— *Melhor ainda! Sabe o que sempre pensei? Máfia é coisa de gente elegante, gangster dá mais medo, são das ruas, cheio de coisas, mais perigo. Por falar em perigo, se cuide, mire certo...*

— Facas.

— *Tem facas?*

— Sim!

— *Acho que sou uma péssima mãe, mas, dane-se! Não li o manual da mãe moderna, logo de cara disse que palmada é errado, idiotice! Eu pari, bato quando bem entender, um livro de merda não me dirá que não posso dar uns tapinhas nas minhas crias, e que não posso deixa-los brincando na lama porque*

tem germes, é bom que aumenta a imunidade. O que estávamos falando?

— *Eu me perdi no assunto.*

— *Espera, vou lembrar. — alguns instantes de silêncio. — Ah, sim, sobre te apoiar nessa luta. Seu irmão começou cedo e não pude dizer nada sobre o assunto, agora que as meninas estão unidas, pelo menos duas delas, eu não posso apoiar? O mesmo perigo que vocês correm, eu corro. Mas quero conhecer sua gangue, saber quem são. Poderia dizer que quero ver se são pessoas direitas, mas nem você é e estamos falando de uma gangue.*

— *Eu te amo, não imaginei que me apoiaria tanto.*

— *Querida, eu sou a louca que trancou seu pai no quarto, pegou um celular clandestino e ligou para te dar os parabéns...*

— *Meu pai está trancado no quarto?*

— *Hipócrita de merda, farei greve de sexo...*

— *Esse detalhe poderia ser mantido em segredo.*

— *Gabriel mora com você e ainda não coisaram?*

— *Mãe, foco no assunto. Está parecendo comigo.*

— *Você sumiu e quero saber de tudo. Mas, voltando ao assunto. Seu pai estava todo cheio de discurso chato sobre Jasmine poder ajudar, agora, que a filhinha dele ajudou, ele acha que você corre perigo. É aquilo, dói quando é um dos nossos. Eu não deixarei que seu pai faça algo, se Leo, aquele idiota, faz algo, porque minha menina não pode fazer? E Karen? Gente, a menina é gênio, não puxou a Sara em nada.*

— *A minha inteligência veio da senhora?*

— *Claro. De quem mais seria?*

— *Do meu pai?*

— *Eu ligo para te dar parabéns e você vem puxar o saco do seu pai?*

— *Não, mãezinha, te amo. Minha inteligência veio da senhora, toda sua.*

— *Teremos tempo para nos falarmos. Notícia chata de última hora, você tem que prestar depoimento.*

— *Como é?*

— *É, amorzinho, a senhorita estava sendo investigada e parece que deu algo em algum registro, então, estão querendo falar com você. Só que eu, como mãe, irei junto.*

— *É por causa de Cassie?*

— *Provavelmente, mas eles não falaram muito. Trouxeram a intimação para você ir até lá e agora você tem que ir. Prepare uma mentira maravilhosa,*

porque nasci para ser mãe de uma guerreira, não de uma presidiária. Perdão, Cassie, a tia aqui te ama e reza por sua liberdade, mas a minha filha tem que ser livre para te tirar daí, sei que a geniazinha da minha filha trama algo, eu sinto, Kat.

O que eles querem comigo? Será que encontraram algo meu na cena do crime? Ou é sobre o sumiço de tudo relacionado à "Caroline Smith"?

Bônus 13

Karen

— Obrigado por confiar em mim. — Jesse agradece, pela milésima vez.

— Meu irmão confia...

— Ele não sabe a verdade, se souber, me matará.

— Não deixarei, ele que tente te matar.

Jesse me abraça e eu retribuo.

— Obrigado mesmo.

O som de alguém pigarreando faz nosso abraço terminar. Olhando para onde vem o som, encontro uma imagem que me faz querer rir. Alex com *dreads* enormes no cabelo, com óculos escuros e uma roupa largada.

— Bom dia. — ele cumprimenta, mas seu tom não é nada amigável.

— Bom dia. — respondemos.

Eu, diferente de Jesse, olho para Alex com estranheza por causa da sua voz e seu semblante irritado.

— Espero não estar atrapalhando. — Alex puxa a cadeira e senta ao meu lado. — Espero não atrapalhar o casal.

— Não somos um casal. — Jesse fala rapidamente. — Somos parceiros, não parceiro de casal, e sim de negócios.

— É ele? — Alex aponta para Jesse. — O filho traidor.

— Com orgulho. — Jesse sorri.

— Posso saber o que acontecerá? Não se preocupem, não fui seguido.

Contamos o plano sobre pegar Javier, mostrando que Jesse já entrou no sistema de segurança, agora, Alex nos passa algumas informações, como, por exemplo, que Yoshida sumiu, deixando os negócios na mão de Benjamin. Javier sumiu e está sendo visto como "folga antecipada".

— Deixarei os dois a sós. — Jesse levanta da cadeira e vai até o carro em que viemos, me esperando lá dentro.

— Então, como está? — pergunto a Alex.

— Perguntando sobre seu novo parceiro. Parceiro muito querido...

— Nos aproximamos há uma semana...

— E já tem abraços, legal ver essa amizade de uma semana.

Alex está mais irritado, nunca o vi assim. Alex sempre foi mais como

Gabriel, rindo, fazendo alguma piada...

— Não devo satisfações. — fuzilo com meu olhar, Alex apenas cruza os braços e me lança o mesmo olhar. — Mas abracei Jesse porque ele me agradeceu por ajuda-lo e por apoiar-lo.

— Pensei que Gabriel fosse seu único parceiro, não mais dois garotos. — tom acusatório...

— Precisamos de ajuda, Alex. Quanto mais, melhor, sabe sobre isso. Não venceremos sozinhos. Pensei que o raciocínio fosse lógico.

— E não me contou nada em uma semana?

Olho para Alex. Que arrependimento de ter vindo até aqui.

— Olha aqui, se é para ser estúpido, seja na ligação, assim poupará meu tempo em não vir ao seu encontro. — levanto da cadeira, preparada para ir embora.

— Espera. — ele pede, segurando meu braço. — Eu só me senti mal por te ver tão próxima ao Jesse.

— Por quê?

Ele passa a língua pelos lábios, sua mão desce do meu braço para a minha mão, segurando-a.

— Porque estou mal, Karen. Eu odeio tudo o que faço e a única pessoa próxima a mim, está muito mais perto de outro cara.

— Eu não posso te ligar...

— E odeio isso. Você ajuda outro cara, abraça outro cara, ri para outro cara...

— Ciúme?

— Talvez. — ri. — Eu presenciei um estupro coletivo, deveria participar, mas inventei várias desculpas. Queria ter impedido, mas não tinha como. Me senti um covarde, eram muitas armas e eu o único contra aquele ato. Travei.

— Não foi sua culpa, não tinham o que fazer.

— Eu tinha uma arma.

— Eram muitas armas contra uma arma. — toco seu rosto e ele beija a minha mão. — Você quer lutar contra isso, vale muito.

— Eu deveria morrer tentando.

— Mas você é a única pessoa que está lá dentro, o único que poderá nos ajudar. Você fará um bem maior.

— Não muda o fato de odiar o que faço. Yoshida sorria para mim, dizia que sou o melhor, o que é ruim. Porque o melhor ao que ele se refere, é o pior do

ser humano. Não sei onde meu irmão está, você não pode falar tanto comigo e vejo que você trabalha com outras pessoas. Eu me sinto só. Penso que a pessoa que me apoia e diz que sou bom, está ao lado de outro. Lembro que eles querem te fazer mal e não estou aqui, para ficar com você.

— Eu sou parceira de Jesse, apenas. Quando Kat concluir o plano, você virá para o meu lado.

— Se tornar algo maior? Você e Jesse virarem mais que parceiros de trabalho?

— Alex, eu não entendo. — afasto-me dele. — Você disse que sou muito nova, agora está falando como se eu fosse amar o Jesse e você fosse ficar na pior... Como se tivesse apaixonado por mim.

— Você não é a criança que pensei que fosse. É uma merda saber que tem quinze anos...

— Pedofilia é abaixo dos quatorze...

— Uau! Um ano a mais! — finge surpresa, como se fosse grande coisa. — Karen, eu apenas me senti como o Yoshida pegando menininhas, mas é que você é tão inteligente e forte que so te enxergo como uma adulta, o que é estranho.

— Mas você não é como Yoshida.

— Promete que não terá nada com o Jesse, com o Jean e com ninguém? Que sou o seu melhor parceiro, o mais fiel...

— Cara, você está muito sentimental. — dou um leve soco em seu peito.

— Eu sou a *muherzinha* da história. — ele pega a minha mão e beija. — Acostume-se, *bruta*!

Sorrio para ele.

— Desculpa, Alex. Prometo que você sempre será o melhor de todos.

— Te amo, você sabe disso. — ele me abraça. — *Morena*. — ele beija a minha testa.

— Também te amo, *pessoa fofa*.

— Alguém tem que ser fofo nessa relação. Aceito esse cargo e serei o melhor, assim, você não pensará em me trocar.

— Não penso em trocar, e não me troque por uma adulta nem por qualquer outra!

— Jamais! — coloca a mão para cima, como se jurasse.

— Quando acabar, Alex, você virá para o meu lado e verá que Jesse nem olha direito para mim. Também não olho para ele e nem para outro.

— Ele que não seja doido de olhar! Agora entendo o que sinto. Você é minha, Karen, apenas minha.

Capítulo 33

Katherine

Minha mãe faz o que disse, me aperta em um abraço, depois, me aperta mais, como se fosse me sufocar.

— Um abraço por te amar e outro por você ter ido embora sem falar nada.

— Ok, mãe. Mas se continuar me apertando, sua saudade será preenchida com me visitar no cemitério.

— Pelo menos saberei onde está.

— Passaremos dessa fase por agora? — beija minha bochecha, depois se afasta. — Obrigada por passarmos dessa fase sem dramas ou homicídio. — ajeito minha roupa.

— O que é isso em seu ombro? — ela aponta para o curativo, que ainda está aqui. Eu e meus movimentos com Giovani, subir e descer aquele machado causou a abertura do ferimento, que antes voltou a abrir com a fuga da cena do crime. Não que a ferida tivesse fechada, mas ela não sangrava nem minava algo.

— Longa história.

— Conte tudo.

— Meu pai? — observo ao redor, não o encontrando em nenhum lugar.

— Disse que não deveria vir, que eu me resolveria com você. — entramos no seu carro. — Aquele idiota pagando de homem feminista, defendendo as mulheres, e agora deu pra trás quando soube da filha fazendo algo.

— Máfia do tio Fernando e do meu pai não combina com feminismo. — faço a observação. — Assim como eu.

— Pensei que fosse formar uma gangue de mulheres.

— Não uma gangue feminista, nunca foi sobre isso. Pensei em ser só de mulheres, mas os homens são bons, maus... Eles são bons em serem maus.

Minha mãe sorri e começa a dirigir.

— Conta a história do ferimento.

Conto toda a história do ferimento e falo sobre Giovani, tudo o que ele fez e que ele colocou a polícia na minha cola.

— Aquele Giovani? Você chama Rachel de "sonsa", mas esse Giovani merece o título com louvor. — ela começa a rir. — E seu pai nem sabe disso, nem desconfia. A filhinha dele conseguiu muito mais.

— Mas não levarei esse título. Eu não descobri, Giovani mostrou a cara. Levo o título por cortar a perna dele.

— Você fez o quê?

Minha mãe arregala os olhos e aperta o volante com mais força. Ainda bem que seu susto não foi o suficiente para que ela causasse um acidente de trânsito.

— Pois é, mãe. Vi Giovani sendo torturado e ajudei a torturar.

— Você só pode estar brincando comigo. Cortou uma perna? Como cortamos a galinha? O pernil?

— Exatamente! Fiz essa comparação, mas lembrei que galinha não estupra, eu acho que não estupra. Então eu apenas peguei o machado e TANDAN! — grito. — Cortei a perna dele.

— Eu não esperava nada disso.

— Meu irmão faz, Gabriel contou. Eu só faço o que nossa família é especialista.

O que me faz pensar que contarei de Javier após a sua morte, antes, minha mãe poderá ficar sentimental e ele usará isso ao seu favor.

— Eu não sei o que dizer.

— Mãe, não precisa dizer nada. Apenas fiz o que deveria ter sido feito. A senhora matou Olívia por muito menos.

— Olívia sequestrou e drogou seu pai.

— Giovani deve ter feito o mesmo com centenas de pessoas, matou um mendigo, quis ferrar minha vida, ferrou com a de Cassie e fez tantas outras coisas, eu livro o mundo do mal.

— Eu deveria te dar um sermão agora, o manual da mãe moderna disse isso. Quer dizer, não tinha escrito que devemos dar sermões para filhos que arrancam pernas.

— Que manual é esse?

— Você não sabe porque está guardado, nem li. Minha mãe leu e me contava, achava que eu seria uma mãe louca de filhos loucos. — olha para mim. — Talvez ela tivesse razão.

— Amor da minha vida, não pode exigir paz e amor sendo que cresci naquele meio. Pai mafioso, avô traidor, tios mafiosos, armas... Eu só faço o que aprendi.

— E será que você toma cuidado?

— Amor, eu nasci para ser gangster. Relaxe, eu não faço o mal para pessoas inocentes, eu livro o mundo do mal, tem diferença. Sou quase como a

polícia, só que trabalho do meu jeito nada legal.

— Eu deveria falar algo, sei que mães falam algo, no entanto, eu só quero mandar você arrasar com eles e ter cuidado.

— E o prêmio de melhor mãe vai para a senhora, por apoiar e confiar em mim.

— Não me decepcione e mostre toda a sua força. Mudando de assunto, já *coisou* com Gabriel? Vocês moram juntos agora.

— Não *coitamos*, nem é o momento para isso.

— "Coi" o quê?

— *Coitamos*. É que os meninos ficaram conjugando a palavra "coito", agora eu fico com isso na cabeça.

— Então nada de relacionamento sexual?

— Mãe, a senhora pulou mesmo o manual da mãe moderna.

— O que tem? Você cortou uma perna de gente com ela ainda viva...

— Se a pessoa estivesse morta seria melhor...

— Cala a boca e me deixa falar! — ela grita. — Você já fez isso, *coitar* é o mínimo nessa lista. E é com Gabriel, se fosse com qualquer outro eu nem diria nada, quer dizer, diria para não fazer.

— Gabriel ficará encantado com a preferência.

— "Genro, prefiro que você *coite* a minha filha". Palavras da sua sogra amada.

— Meu Deus, mãe!

— Realidade, minha filha. Realidade. Temos que ir ao ginecologista? Homens têm sérios problemas de achar que preservativo incomoda, no entanto, eu prefiro que faça com segurança e não escute esse papinho de homem, vai por mim, eu e Sara engravidamos...

— Mãe, eu não *coitarei*. Nem se eu quisesse, não é momento para isso. Levei um tiro, cortei uma perna, minha melhor amiga será condena...

— Vai ficar depressiva para todo o sempre? Viverá preocupada? Precisa de um tempo para você mesma, não salvará o mundo com estresse.

— Mãe, eu não sinto nada além da vontade de fazer xixi.

— Por que está falando de xixi se estamos conversando sobre *coito*?

— Eu disse que essa palavra vicia!

— É uma palavra engraçada. Mas fale sobre o xixi, infecção urinária?

— Esquece, mãe. Não *coitarei* tão cedo.

— Então *coitará* mais tarde?

— Mãe!

— Eu tenho que te orientar nesse processo, não fui orientada e olha no que deu. Eu e seu pai, casados, com um filho que nem meu é e você em meu ventre, chutando como uma égua dando coice.

— Você é a única mãe que diz que o bebê dá coice como uma égua.

— Era apenas um treino para quando crescer, se tornar essa cavala que nem conversa com a mãe sobre *coito*.

— Conversou com a sua mãe do assunto "coito"?

— Bem que queria. Mas eu tinha Sara, agora você me tem e tem que me contar, para eu falar, não faça assim, é assim...

— Vai me indicar posições?

— Garota! — grita. — A sonsa é você! Você sabe posições.

— Assisti filme de gente safada.

— Assistiu filme... — olhos arregalados novamente. — Pornô?

— Para ver como é ruim.

— Assistiu errado, não assista de novo porque minha filha não nasceu para ver...

— Nasci para corta perna?

— Para *coitar* com Gabriel.

— Mãe, para!

— Realmente, vou parar. Chegamos ao nosso destino.

Minha mãe estaciona o carro e descemos, indo até a porta da delegacia, que aparenta estar sem movimento, apenas um casal discutindo porque ele comprou a TV e ela quer o aparelho para ela, depois do divórcio, então ela deu uma facada nele, o homem mostra o curativo do ferimento. Fico observando a treta enquanto minha mãe fala com alguém. Eu adoraria trabalhar aqui, ver treta familiar, de amigos, vizinhos, de gente desconhecida, prender e soltar o povo. Como faço com Giovani, só que ele não será solto, porque a lei é minha!

— Katherine! — minha mãe me chama. — Vamos.

Vou até a pequena sala e entro, encontrando o federal idiota daquele dia. Acho que meu ferimento também não sarou por culpa dele, que apertou meu ombro com força... Meu ferimento, ele verá. Não poderia passar maquiagem, porque pioraria ainda mais, nem dá para disfarçar e eu tinha apenas dois dias para comparecer aqui, por isso mesmo, eu já coloquei algumas desculpas desse ferimento em minha bolsa, meus remédios e minha ficha me ajudarão.

— Katherine, bom te ver novamente. Sou o Oswald, não fomos

apresentados corretamente. — ele indica a cadeira para que eu sente.

— Legal, mas nunca te vi. — encolho os ombros, enquanto sento na cadeira.

Ele ri, de um modo zombador. Uma risada alta, forçada, eu diria. Tipo aqueles vilões de filme infantil, ele ainda coloca a mão na barriga.

Cara, quer ser dramático, sincero? Aprenda comigo, não faça essa cena achando que está legal, porque você paga um micão!

— Ok, Katherine. Vai preferir do modo difícil. — ele olha para minha mãe. — Poderia dar licença?

— Não! — minha mãe arrasta a cadeira, sentando ao meu lado. — Menor de idade, eu li as leis. Ela só não pode ser acompanhada do responsável ou do advogado, se for uma acusação formal, aqui é só um depoimento.

— E por que não chamou um advogado? — ele senta na cadeira.

— Porque não tem acusação. Pra que contratar algo se minha filha não é culpada e não precisa provar a inocência?

A porta abre e vejo um policial entrando, sei que é policial porque ele usa farda, Oswald usa terno e gravata, achando que é o rei do lugar, sendo que chegou agora.

Reconheço o policial como um dos que estavam no hospital, o que disse que Carolaine era mais gorda, menos alta...

— Começou sem minha presença? — ela lança um olhar acusador a Oswald. *Policial comprado? Espero que sim! Desculpa aí, mas a corrupção está em nossa lista de crime.* — Pensei que tivesse pedido para me esperar.

— Decidi começar antes. — Oswald não parece nada contente com a entrada do homem.

— Senhora. — o policial cumprimenta minha mãe. — Senhorita.

— Sem cordialidade. — Oswald corta, sendo o insuportável da história.

— Moço...

— Senhor.

— Moço. — repito. — Não fui acusada de nada, calma aí.

— Não foi ainda...

— Moço, ameça minha filha.

— Sou prático.

— Falsa acusação é crime.

— Não acusei.

— Mas fez insinuações contra a minha filha.

— Vamos direto ao ponto. — o policial diz. — Como sabe, sua amiga, Cassandra Flores Ferrara, está sendo acusada de um homicídio.

— Acusada. — Oswald bufa. — Nós já nos conhecemos, Katherine, não adianta negar. Você foi internada em uma clínica psiquiátrica.

— Como é? — franzo o cenho, como se não entendesse o que ele diz. — Não sei do que está falando.

— Sabe e não adianta negar, Carolaine Smith.

— Acha que sou outra pessoa?

— Não acho, você é. As duas são iguais.

— Li na internet que existem três pessoas iguais para cada um de nós pelo mundo de meu Deus.

— Não tente me enganar, estava traficando drogas.

Finjo que estou incrédula e ofendida.

— Ah, ok. Sou Carolaine, sou acusada de sei lá o que, fui para um hospital psiquiátrico e ainda estava traficando drogas, ok. Mostre-me provas.

— O seu ombro tem um ferimento, Carolaine também tinha.

— E qual era o ferimento dela?

— Não houve exame.

— Pois o meu houve. Aqui está até os medicamentos que terei que tomar daqui a meia hora, para não infeccionar. — abro minha bolsa, mostrando os remédios.

— E qual a causa?

— Caí em cima de um ferro pontiagudo.

Oswald ri.

— Essa é a pior desculpa de todas.

— Minha filha tem muito ferimento causado por coisas idiotas. — minha mãe pega meu braço. — Isso aqui foi mordida de cachorro, tinha uma placa dizendo o perigo do cão, e, mesmo assim, ela inventou de alisar o cachorro. Essa aqui na panturrilha. — ela suspende um pouco a minha calça, que é folgada, como as de ginástica. — Foi causado por um pedaço de madeira que entrou nela quando inventou de pular uma cerca com muitas madeiras soltas. Isso aqui. — ela aponta para um lugar próximo da minha clavícula... *Oh, Deus! É onde Gabriel me salivou e mordeu de jeito estranho.* — Foi uma batida na maçaneta da porta, deixando roxo.

— E quer que eu acredite que ela caiu em um ferro pontiagudo?

— Ela ignorou um aviso de cachorro furioso, ignorar um ferro no chão é

o mínimo.

— Eu tenho o nome do pronto socorro para onde fui, onde eles me trataram e retiraram o ferro, pode ver lá na ficha que terá isso. Tomei até injeção para a ferrugem não piorar minha situação. — pego um cartão do sistema público de saúde, somos obrigados a andar com isso por aqui, nele tem a numeração da minha identificação. Realmente, existirá a consulta, a enfermeira que ajuda Marisa, fez esse favor para mim. — Foi em um pronto socorro, porque, obviamente, era uma emergência, e foi o lugar mais próximo que tinha para me socorrer, não pensei em plano de saúde e nem nada.

Oswald ignora meu cartão.

— Não importa, Carolaine tinha o mesmo ferimento. — Oswald persiste.

— E será que a Carolaine tem o mesmo que eu? A ficha mostrando do ferimento? Dos remédios que me deram? Pois então, eu tenho e não tenho entrada em qualquer hospital psiquiátrico. Espera aí, você tem o nome da garota, vai atrás dela, se sabe o nome e até que ela foi internada, terá o registro dela com mais informações.

— Ela sumiu. — o policial diz. — Os registros dela sumiram antes mesmo de pegarmos tudo.

— Antes tinha tudo, até as consultas médicas. — Oswald me encara. — Agora não temos nada, incrível que tudo sumiu após capturarmos Cassandra.

— E daí? O que uma coisa tem a ver com a outra?

— Você é a Carolaine!

— Não sou!

— Onde estava...

— Em casa, minha filha não sai de casa.

— Não estuda?

— Não! — respondo.

— Por que não?

— Fala sério, o governo obriga a alfabetização, não sua permanência no ensino médio. Não quero estudar, apenas.

— E quer que eu acredite que estava em casa?

— E você quer que eu acredite que sou uma tal de Carolaine Smith? Que trafica? Vai para o hospital psiquiátrico?

— Sua amiga não mataria tanta gente sozinha?

— Agora vai dizer que a Carolaine Smith a ajudou e eu sou essa mulher? Daqui a pouco dirá que sou o Charles Manson*, que estou recrutando gente e

que todos os assassinatos serão culpa minha. Acho que está tão obcecado por mim que está me vendo em todos os cantos. Tenho apenas dezesseis anos, não faço nada além de ficar em casa.

— Todos diziam o mesmo da sua amiga.

— Todos dizem isso de mim e sou assim até que provem o contrário. — olho para o policial. — Sério que isso é legal? Ele não tem provas contra mim. Compare digitais, DNA...

— Não deu tempo de pegar. — o policial diz. — Carolaine saiu do hospital quando voltamos.

— Muita informação. — Oswald interrompe o policial, que nem sei o nome, mas já gosto dele, ele me dá dias implícitas.

— Ela está correta. — o policial diz. — Não podemos mantê-la aqui, não tem provas contra ela e nem uma acusação formal.

— O hospital não fez a ficha? — pergunto.

— Fez. — Oswald responde, a contragosto.

— As câmeras de segu...

— Lá não tem e você sabe disso.

— Como ela vai saber se nunca foi para lá? — minha mãe me apoia.

— A médica, os enfermeiros, os policiais... Até eu disse que as duas são diferentes. — o policial aponta para mim.

— Mas o meu parceiro discordou.

— Ele está morto agora, não pode reconhecê-la. Essa menina, não parece em nada com a outra. Até o olho é diferente.

— Lente! — Oswald grita.

— A outra parecia doente...

— Fingimento. Explique o ferimento no ombro.

— Olhe no pronto socorro para onde fui, depois olhe o de Caro...

— Não existe nada dela.

— Então não tenho nada com isso.

— Você tenta me incriminar minha filha de algo sem sentido. — minha mãe levanta da cadeira. — Nada do que fala, prova que minha filha é culpada, e, afinal, qual a culpa da tal Carolaine?

— Falsidade ideológica, invasão de sistemas...

— E eu faria tudo isso por qual motivo?

— Cassandra.

— E Cassandra fez tudo por qual motivo?

Oswald me encara.

— Estou esperando a sua resposta.

— Sua amiga será julgada por todos os assassinatos...

— Não era apenas um?

— Não, ela e o tal Orlando serão julgados por todos, parceiros de crime.

— Investigação já terminou e provou que ela é a culpada por tudo, ou será que vão mexer em algumas provas para que a incriminem? — levanto-me, o encarando de cima para baixo.

— Não tem mais ninguém na cena do crime? — ele me levanta, me encarando com mais proximidade. — Ou tem?

— E eu vou saber? Vocês que investigam!

— Pois bem, o julgamento acontecerá e vocês só saberão da sentença na hora que ela for levada para a penitenciária, fora isso, será tudo em sigilo. Nem direito a sua visita ela terá. E você, Carolaine, eu não desistirei.

— Não pode me ameaçar e eu sou a Katherine, tem mais provas de que sou real do que as suas acusações contra a minha pessoa. Está achando que cometi vários assassinatos? Ao lado de Cassandra?

— Não é uma ameaça, é uma promessa que a justiça será feita.

— Se fosse pela justiça, você não incriminaria Cassandra por algo que nem terá investigação precisa.

— Dane-se, só pela morte de um federal na hora de trabalho, ela pegará a perpétua. Mais assassinatos só darão mais três sentenças de perpétua.

Na hora de trabalho? Aquele federal daria Cassie ao Giovani e me deixaria na cena do crime com Marisa? Mas ele nunca falou sobre eu estar na cena do crime para os federais... West me salvou a tempo? Com a sua intromissão, a ligação para a Federal não foi feita, depois, Cassie matou aquele homem, por isso eu não serei incriminada.

— Você está por trás disso, e eu descobrirei e será mais uma para que eu possa prender.

— Não ameace a minha filha por uma suposição sua.

— É uma suposição nesse momento, depois, será uma constatação e uma sentença a ser cumprida. — ele aponta para a porta. — Está liberada, Carolaine Smith.

***Charles Milles Manson, nascido Charles Milles Maddox (Cincinnati, 12 de novembro de 1934 — Bakersfield, 19 de novembro de 2017), foi o fundador e líder de um grupo que cometeu vários assassinatos**

nos Estados Unidos no fim dos anos 1960, entre eles o da atriz Sharon Tate (na época, grávida de oito meses), esposa do diretor de cinema Roman Polanski. Condenado à morte em 1971, com a pena posteriormente transformada em prisão perpétua, cumpriu pena na Penitenciária Estadual de Corcoran, na Califórnia.

Bônus 14

A doutora Eliana observa Katherine Vesentini prestando seu depoimento. O vidro impede que Katherine a encontre e impede que Eliana escute algo mais. Ela pode escutar sussurros sem qualquer significado.

— Não é ela. — Eliana diz.

— Certeza? — o agente federal pergunta. — Certeza que ela não é a Carolaine Smith?

— Sim, eu cuidei dela. Não é a mesma pessoa. Tem diferença.

— Como o quê?

Pensando rápido, Eliana responde:

— Tatuagens, essa menina tem uma frase gigante nas costas e Carolaine não tinha...

— Cobriu.

— E a doença? Ela é tão boa atriz a esse ponto? — ela encara o agente, que apenas confirma. — Essa menina tem o cabelo mais claro...

— Pintou.

— Os olhos...

— Lente...

— Mais magrinha...

— Emagreceu...

— O rosto da outra menina era meio, como poderia dizer? Torto.

— Torto?

— Sim, o lábio dela tinha um desvio para baixo.

— Quer me fazer acreditar nisso?

Ajeitando o óculos, Eliana ignora o tom sutil do agente.

— Sabe de algo? Eu falo o que vi e você age com ignorância, como se eu fosse à errada. Eu tratei da Carolaine e observei tudo isso, a menina, realmente, é doente. Mas a culpa não é minha se não podem identificar a tal Katherine como a pessoa que querem. Vocês poderiam ter coletado as digitais e não o fizeram...

— Voltamos e ela tinha ido embora...

— Então olhe os registros...

— Não existem mais.

— A culpa continua não sendo minha. Eu tratei Carolaine como minha paciente, ela ficou lá o tempo suficiente para ficar mais calma e ir embora, fiz

meu trabalho.

— Você ficará aqui, Oswald falará com a senhora.

— Como é?

— A senhora me entendeu.

Eliana senta na cadeira, observando o momento exato que parece haver um conflito entre Oswald e Katherine. Ela está em pé e ele também, ambos falam algo enquanto se encaram. O policial que está na sala, nada faz. A mãe da garota também levantou agora e tem o mesmo olhar da filha.

Eliana adoraria escutar o que eles falam, para, assim, ela não errar tanto na mentira.

Eliana tem certeza que os enfermeiros que pegaram Carolaine, foram pagos para mentir ou ameaçados, ela não tem certeza. De qualquer modo, os enfermeiros não passaram mais que meia hora com Carolaine e ela sempre estava agitada, eles devem ter falado sobre isso, já a doutora... Ela conversou com Carolaine e viu os "familiares" da menina.

Eliana vê o momento exato que Katherine e a mãe saem da sala, quase cuspidando fogo de tanta fúria. Oswald dá um soco tão forte na mesa, que a madeira pula, desencaixando dos pés. Depois, Oswald massageia a mão e grita algo com o policial, que só sabe fazer um sinal de "legal" com o polegar, levantar e ir embora da sala. Assim que isso é feito, o outro agente volta para a sala, chamando-a para falar com Oswald.

Respirando fundo, Eliana levanta e faz o seu caminho até a outra sala.

— Você. — Oswald olha para a mulher, enquanto ainda massageia a mão.

— Eu. — ela responde, sentando na cadeira, sem nem ao menos ter sido indicada para fazer isso.

— Resumindo, você mentiu...

— Não menti em nada.

— Se está aqui, nessa sala, é porque mentiu. Disse não conhecer Katherine como Carolaine.

— Isso não é mentir, é a minha constatação.

— Assim como os enfermeiros? — arqueia a sobrancelha. — Eles estão perdoados porque foi muito agito com Carolaine, mas você cuidou dela, a defendeu.

— Como defendo todos meus pacientes. Dúvida? É só falar com o diretor do hospital e ele dirá que trato todos meus pacientes da maneira mais humana possível, sempre darei atenção e prezarei pelo cuidado...

— Você me expulsou do hospital por algum motivo, para eu não reconhecê-la.

— Para não irritar os pacientes, tinham três lá dentro, sendo que dois idosos que para acalmar é difícil. Tínhamos cinco enfermeiros, sendo que três estavam no horário de descanso, você irritaria três pacientes de uma vez, mobilizaríamos todos os enfermeiros para contê-los, e os outros pacientes? Como ficariam?

— Você liberou Carolaine sem permissão.

— O diretor permitiu. — Eliana encara Oswald com mais raiva. — Eu falei com o policial, ele disse que foi falsa denuncia e que já iriam embora. Além do mais, não ficou qualquer policial fazendo a guarda, ela estava liberada de qualquer jeito.

— A coitada Carolaine estava mal e foi liberada? — Oswald ri.

— Repetindo, sabe quantos pacientes temos? Quantos pacientes são deixados para trás pelos parentes? Quantos pegamos nas ruas? Aquele hospital serve de abrigo para eles, em casos menos graves, na ala desses pacientes, tem muitas pessoas. Se a família de um paciente vem pegar, temos que entrega-lo e envia-los para...

— Será que Carolaine voltou para alguma consulta? Ela tentou tirar a própria vida.

— Não. Ela não voltou.

— Isso quer dizer algo, certamente.

— Quer dizer que ela e a família são pessoas culpadas pela negação do tratamento.

— Pare de mentir. — ele rosna.

— Qual é a acusação mesmo? — Eliana questiona. — Por que diz que minto por algo que desconheço? E se forem à mesma pessoa? Que culpa eu tenho? Eu sabia que Carolaine seria levada ao hospital? Seus policiais ligaram...

— Não são meus!

— Eles levaram Carolaine e eu cuidei. Está duvidando? Esse é o nosso trabalho. Falo aquilo que vejo e as duas são parecidas, não iguais. E a culpa não é minha, como falei ao outro agente, era só coletar o sangue, as digitais...

— Você nos expulsou de lá.

— Voltassem com mais calma.

— Voltamos e ela tinha ido embora.

— Evitar superlotação. Fora que vocês tinham informações dela.

Oswald apenas mostra os dentes, como um sorriso presunçoso.

Ele sabia que, no fundo, sua equipe havia falhado. A informação de Carolaine foi mínima, o seu parceiro, que foi morto pelas mãos de Cassandra, não salvou as informações, apenas as encontrou e mostrou. Oswald ainda estava ocupado com a denúncia que fez do antigo xerife, não pode dar tantas atenções aos arquivos, quando, finalmente, foi dar a atenção, tudo havia sumido dos sistemas.

— Seu retrato falado da irmã e do "irmão" de Carolaine está correto? — um outro agente entra na sala, com um papel na mão. — Isso é a cópia.

— Sim, foi isso que me lembro deles.

Oswald olha para a imagem e pede para o homem sair, depois encara Eliana.

— Você está brincando com minha cara?

— Não. — Eliana nega.

— Isso não é a Cassandra nem o Orlando.

— Talvez seja porque não são eles?

— Saia da minha sala! — Oswald rasga o papel. — E quando eu descobrir a verdade, você vai presa pelo falso testemunho e por atrapalhar o nosso trabalho.

— Agora eu sou culpada por aquilo que vi? Pense que eles podem ter usado máscaras.

— Máscaras? — Oswald ri. — Está assistindo muito filme, senhora.

— E você está focado demais em uma garota, esquecendo todo o resto, todas as teorias que poderiam ser formadas.

— Do que está falando?

— Eu estudaria para ser uma forense*, eu olharia tudo antes de focar em apenas uma pessoa, estudaria o comportamento do acusado e veria o que fazer. E, posso dizer, você está tão focado em pegar uma pessoa, que esquece que pode ter muito mais.

— Sabe de algo?

— Sei que aconteceu o assassinato de um federal e mais três outros homens, incluindo uma menina de gangue e outro baleado, não foi isso que os jornais falaram? Mas quão psicopata e estrategista a menina de dezesseis anos precisa ser para que isso aconteça? Psicopata e inteligente, nem tanto porque foi capturada, mas, pense, como uma menina fez tanto? O homem que sobreviveu a ajudou? A mulher que morreu tentou matar os outros? Por que seu federal estava lá, primeiro que todos os outros?

— Ele trabalhava...

— Com os outros três? Quem são? De onde vieram? O seu parceiro era tão heroico que resolveu entrar na casa sozinho? Pelo menos nos jornais não falaram sobre isso.

— Como sabe que ele era meu parceiro?

— Jornais. Eles te citaram como o parceiro do homem.

— Muito interessada no caso. — Oswald faz a observação.

— Não paravam de falar sobre o caso nos jornais, e, como disse, ainda estou curiosa em saber como a menina de dezesseis anos conseguiu tanta coisa.

— Vejo que alguém queria mesmo trabalhar em um tribunal. — Oswald zomba.

— Só falo o que sei, e, você, está focado demais nessa Carolaine, associando uma doente...

— As informações dela sumiram!

— E qual a minha culpa nisso? — Eliana grita. — Qual? Por que não colaboro na sua intenção de acusar a tal Katherine? Por que não apoio nenhuma das suas teorias? Como farei algo assim se não vi nada além de uma pessoa doente?

— Saia! — Oswald grita.

— Se eu fosse trabalhar no tribunal, tenha certeza que o primeiro a ser estudado a fundo, seria você, isso que faz não é normal.

— Justiça precisa ser feita.

— É disso que estou falando, Oswald.

Eliana sai da sala, depois, assina o papel comprovando que prestou o depoimento e que falou a verdade.

Saindo da delegacia, ela faz uma pergunta para ela mesma: Fiz o certo?

Falar da mascara pareceu mais como uma piada para Oswald. Tentar dizer que o parceiro dele estava muito perto, parece não ter surtido efeito. Falar sobre o comportamento obsessivo de Oswald, muito menos.

Desde que esse crime ocorreu e ela viu a foto de Cassandra, Eliana ficou mais atenta ao caso, pesquisando tudo o que podia.

Para ela, que viveu nesse meio, fica claro a armação, que Cassandra pode ter assassinado o federal, mas foi porque ele é do mal.

Oswald e mais ninguém enxergará isso. Cassandra é filha de alguém acusado de crimes, o irmão ficou mais preso que em liberdade, os únicos que sobreviveram a aquela "chacina" foram Cassandra e o líder de uma gangue, Cassandra também tem um histórico escolar de garota rebelde.

Eliana não poderia acusar Katherine como Carolaine, isso nunca. Ela conhece a garota, indiretamente, mas conhece.

Quando Katherine chegou ao hospital, ela entendeu que algo aconteceu e tratou de tirar a polícia dali, também liberou a garota sem mais perguntas.

Eliana via as fotos de Katherine, assim como a de Isabella e a dos outros, até a de Cassandra ela viu uma vez. Cassandra era algo como "filha daquele que ajudou o traidor", algo assim.

Eliana sabe quem é inocente e culpado, falar com a polícia sobre isso faria dela uma piada. Oswald achou engraçado a coisa da máscara... *Ele está muito focado em uma pessoa, uma vingança pessoal.*

Eliana não vai atrapalhar os outros, ela sabe que eles lutam contra os verdadeiros culpados, incluindo, o chefe deles: Elijah.

Ela passou tempo demais com ele, até que Poliana apareceu e acabou dando-lhe a liberdade sem saber. Eliana apenas fugiu, vivendo sua vida como deveria ser. Ela poderia ter mudado de nome, mas, o que faria? Ficaria trabalhando de modo informal? Seria apenas uma fugitiva? Não, ela apenas foi fazer o que queria e não se importou em morrer por isso. Foi trabalhar naquilo que se especializou: psiquiatria.

Se especializou nisso porque sempre teve a certeza que Elijah tem algo além da psicopatia, mas ela o via tão pouco que não poderia fazer qualquer diagnóstico.

Nos seus trinta e oito anos de vida — o sofrimento foi tanto que deixou marcas em seu rosto e no corpo, fazendo com que ela pareça ter mais de 45 anos — Eliana ainda se pergunta porque continua viva, porque Elijah nunca a procurou. Ela escutou a história dele, como não gosta de filha mulher, mas, por que ela está viva? Ele dizia que gostava da sua mãe, que ela morreu por causa de algum tio dele, que sua responsabilidade agora é com Eliana.

Nunca foram próximos, Eliana sempre teve aversão ao pai, mas ele nunca aparentou notar algo assim. Ao contrário, ele pagou sua faculdade e a deixou ir, talvez porque o trabalho dela tivesse sido concluído, ela cuidou de Luna, mesmo não entendendo a importância da menina. Quando Poliana apareceu, era hora de Eliana ir embora. Ela tentou levar a menina, mas ela sempre preferiu a "tia Poliana", que, ao que tudo indica, era a sua irmã em algum universo paralelo criado por seu pai.

Elijah não mostrou o rosto, ou, se mostrou, ela não sabe, porque foram muitos. Apenas os dignos da sua confiança poderiam ver, ela nunca foi digna, se recusou a matar o seu próprio cachorro uma vez, na verdade, ela cuidou da pata do animal ao invés de sacrificá-lo, mesmo assim, Elijah não a deixou para trás.

Ela tentou denunciar o local onde morava a polícia, antes dela conhecer Luna, a denuncia anônima não serviu para nada, o lugar onde ela conviveu no passado com seguranças armados, já tinha sido evacuado. O lugar que morou com Luna não tinha nada para incriminar Elijah.

Fechando os olhos, ela pensa que fez a parte dela. Mesmo que pareça estranho, talvez uma gangue e uma máfia faça mais que a polícia e os federais.

A máfia e a gangue são os inimigos de Elijah, eles farão algo para pegá-lo e ela torce para que isso aconteça. Eliana não gosta de pensar em tudo o que o pai fez, também detesta pensar que fugiu sem tentar nada, mas sempre foi Elijah e mais dezenas de homens ao redor.

Covardia? Talvez, mas fale isso para uma criança que cresceu vendo a sua única família fazendo o mal, quando ela viu um dos seus irmãos saindo da casa... Alessandro é o nome dele, depois viu um tal de Jesse entrando. Dois irmãos separados por seu pai, para que, cada um, trabalhasse em um lado, sem que um soubesse do outro, sendo a família perfeita para Elijah.

Talvez a salvação para toda essa loucura, esteja na mão de uma adolescente de dezesseis anos, uma gangue e uma máfia. E, se for, que sejam abençoados nessa batalha, porque o cara que ferra com a própria família, é capaz de tudo.

Capítulo 34

Gabriel

Olho para Jean, que apenas balança a cabeça, concordando com nossa saída do carro.

— Lembre-se, se atirarem, revidamos. — sussurro, quando andamos lado a lado.

— Eles devem ter atiradores de elite, Gabriel.

— Só se eles quiserem causar um atentado no meio da cidade, em plena luz do dia.

— Queria ser como o Jesse e ter me livrado dessa conversa.

— Jesse está invadindo o sistema de segurança da casa de Javier, você não estava ajudando tanto...

— Eu tentei, mas Jesse não deixou, disse que está quase lá e que eu deveria vir para essa conversa. Jesse se livrou disso.

— Ficaré tudo bem. — tento mantê-lo calmo. Sei o que acontece com Jean, ficou fora das drogas por um tempo, agora, ele vê os homens com pacotes de drogas para a entrega, se antes ele não teve uma crise de abstinência forte, agora ele poderá ter. Pior que não temos outro lugar com tanta proteção para ficarmos.

— E se eles não concordarem?

Lembro-me da minha conversa com Nick e Dean, sobre eles falarem como agentes secretos ferraram com a família deles. Os que eu trabalho não são leais à justiça e a legalidade, de maneira alguma.

Entrei nessa porque eles tinham informações e jeitos de descobrirem a verdade, eles me deram mais informações sobre a gangue de Yoshida... Parecia algo bom, agora, não sei se devo ir pela intuição de Nick, que eu mal conheço, ou do serviço secreto, que eu mal conheço, também.

— Sairemos disso. — respondo. — Se eles ajudarem Cassie, eles terão uma serventia, se não...

— Meninos. — Martin, o chefe do serviço secreto, para a nossa frente, quase chegando à praça de alimentação ao ar livre. — Venham comigo até aquela mesa.

Acompanhamos Martin até a mesa e sentamos a sua frente. Martin abre o cardápio e pede alguma comida do mediterrâneo — já que o restaurante é dessa

especialidade — como não tenho fome e é ele quem vai pagar, eu peço a primeira coisa que aparece na minha frente, assim como Jean.

— Então, sei qual o motivo da conversa. — Martin diz, olhando para os lados. A mesa mais próxima com pessoas fica na terceira fileira, um tanto longe para escutar nossos sussurros. — Cassandra.

— Sabe sobre minha irmã? — Jean pergunta. Olho para a sua mão e ele está apertando o pano da calça com força. *Ataque de fúria sendo contido.*

— Não assistem jornais? — Martin bebe um copo com água. — Falou do caso sem parar por uns dois dias, depois voltaram a falar sobre partes de corpos sendo encontrados e de pessoas sumindo.

— Sabe sobre Cassie e nunca falou nada? — olho para Martin, que apenas faz a cara de "Sim, e daí?". — Por que não nos falou? Por que não a ajuda?

— Ajudar? Eu?

— Você tirou meu pai da prisão, fez um acordo doido com ele, como se meu pai fosse trabalhar para você, agora, ele nem deve lembrar mais do seu rosto. Tirou meu pai da prisão para...

— Para ele trabalhar do jeito dele. Fernando Bertollini jamais me ajudaria em algo, então, que ajude indiretamente. Tirei-o da sua condenação...

— Livrou meu pai de uma condenação...

— Por nos ajudar. Fernando nunca teve problema com a justiça, quando teve, eu disse que me ajudou em uma investigação, então a sua penalidade...

— Por que não faz algo com a Cassie? — Jean pergunta. — Antes do julgamento.

Martin inclina a cabeça para o lado, como se estivesse pensando no que falar para Jean.

— Eu te aceitei nessa história, porque Fernando indicou. — Martin diz as palavras com o tom de desprezo. — Viciado em drogas, preso inúmeras vezes e insolente. Por um milagre você se deu bem com Gabriel e Jesse, se não, tenha certeza, eu mesmo te colocaria atrás das grades.

Jean dá um pequeno riso.

— Então quer dizer que Jesse conseguiria tudo sozinho?

— Eu não poderei fazer nada por Cassandra Ferrara, vocês nem fizeram grandes coisas.

— Coletar tantas informações, descobrir esconderijos...

— Se tivessem me dado um culpado, eu tentaria...

— Tentaria? — bufo.

— Tentaria, pensaria, fale como quiser. Não me meterei nesse assunto da Cassandra. Ela matou um federal, os exames já comprovaram. Foi o sangue do homem na roupa dela, as digitais na arma do crime, a perícia mostrou que ela o atacou por trás, sem chance de defesa...

— Você sabe que essa gente arma contra...

— Gabriel, eu não me meterei nesse assunto. — Martin só sabe debochar, ficar desinteressado e cortar o assunto.

— Você poderia.

— O respeito acabou mesmo, não é? A formalidade terminou?

— Fizemos muito. — ignoro suas palavras, não terei respeito por ele. — Minha família liberou aquela carga, devolvemos pessoas.

— Vocês não descobriram quem é a tal Luna, a importância dela, para onde foi.

Descobrimos onde ela está, Martin, mas agradeço por nunca termos falado nada com você.

— Cassandra matou um federal. — Martin diz, ainda desinteressado no assunto. — Mesmo que eu não trabalhe ao lado deles, ela matou um homem importante. Não posso fazer nada.

— Poderia dar informações sobre como ela está, as investigações. — Jean sugere, tentando manter a calma. — Conseguir uma visita.

— Não. — nega, sem nem ao menos pensar no assunto.

— Fazer um acordo? — sugiro, mas sei que será em vão.

— Não! — ele grita, depois, se recompõe. — Cassandra matou, ela tem que cumprir a pena. Eu nem sei quem é essa garota, só que é a irmã de um drogado que matou um federal que, possivelmente, estava do outro lado. Nem sabemos se o federal estava do lado errado.

— Óbvio que ele estava...

— Jean, Cassandra não tem importância alguma para a minha organização e na minha vida.

— Nós prestamos serviços...

— Pagarei o dinheiro pelos meses de serviço, se é isso que querem. — olha para mim. — Pagarei pelo curto serviço prestado.

Olho para Jean.

— Queremos o pagamento e a nossa saída.

— Como é? — Martin está incrédulo. Agora sim ele está incrédulo. — Falei de pagar, não de saírem.

— Escutou. Sairemos disso, não cometemos qualquer crime, tampouco assinamos contrato trabalhistas. — falo.

— Eu não posso me meter nesse assunto...

— O que Tom é para você? — Jean pergunta. — Será que ele trabalha com você ou ele quer apenas uma vingança pessoal? Tom já saiu dessa história, ele é movido por vingança pessoal. Você quer isso, Martin. Você quer pessoas motivadas para pegarem Yoshida. Não quer nos ajudar em outros assuntos, mas nos quer para pegar seu inimigo, para que seu trabalho de anos termine, para que você fique atrás de uma mesa enquanto os outros se dão mal e sujam as mãos para pegarem os seus culpados. Você está ficando irritado porque está perdendo quem poderia ajudar.

— Estou irritado por serem burros. Não devo nada a Cassandra, nem a conheço. Me envolver nessa história me trará repúdio para o meio, eles me odiarão. Como disse, querendo ou não, ela matou um federal.

— Querendo ou não, você libertou o meu pai. Libertou Fernando Bertollini.

— Ele tem serventia, acabará com nossos inimigos do jeito dele, só quero que acabe. Mas Cassandra? Ela matou pelas costas, matou uma pessoa desprevenida. Ela não serve para nada. Não perderei meu tempo, meu dinheiro e minha credibilidade por ela. Os dois querem sair? Saiam, mas devolvam toda a tecnologia que dei, todas as fichas, vocês devem ter feito cópia, mas, a partir de agora, perderam toda a informação privilegiada.

— Trabalharemos sozinhos, Martin. — encaro-o. — Como deve ser.

(...)

— Foi atropelado por um trem? — a mãe de Amélia pergunta, encarando os hematomas do meu rosto como se tivesse nojo. Isso aqui, em meu rosto, é a liberdade. Marcas de alguém que saiu vivo de uma "surra de despedida da Sangre Latino".

— Melhor que ser casado com sua filha, te garanto isso.

— Gabriel...

O advogado aparece na sala, com alguns papéis na mão.

— Você quer o divórcio. — ele olha para mim. — Tem certeza?

— A maior certeza da minha vida. — garanto.

— Eu nunca fui tão humilhada. — escuto o sussurro de Amélia. ---- Gabriel, você nunca nos deu uma chance. — ela olha para mim, depois aperta os olhos. *Igual quando eu era criança e queria comover minha mãe a algo, eu apertava os olhos com força, para que, pelo menos, duas lágrimas caíssem e ela ficasse comovida. Minha mãe nunca ficou comovida com minhas lágrimas falsas, ao contrário, ela dizia que daria motivos para eu chorar de verdade. Eu parava de fingir e saía de perto dela. Não era medo, sempre foi respeito, garanto.* — Isso é um erro, no meu contrato de casamento. — para de apertar os olhos, porque não conseguiu derramar nem uma lágrima. — Lá está dizendo que devemos viver uma vida de casados.

— Vivemos na mesma casa.

— Camas diferentes.

— Sou um assexuado. — uso a desculpa de Kat. Sei que Kat me quer como eu a quero, penso se tanta repreensão sexual de Kat, fará com que ela seja uma maníaca sexual. *Imagina aquela bunda subindo e descendo...*

— Nós transamos, Gabriel.

Minha fantasia sexual de todo dia é interrompida por Amélia e suas mentiras.

— Abra as pernas e prove que já estive aí dentro.

— Que baixaria! — a mãe de Amélia grita.

— A senhora entende muito disso, não é mesmo? Prêmio boca de ouro.

— Gabriel! — o advogado grita. — Sem apelar.

— Não apelei, disse a verdade. Moramos juntos, mas sexo? Eu não lembro de ter feito algo com Amélia. Lembro dela ficar se esfregando em mim, eu saía e ela voltava se esfregando, não poderia ser um estúpido porque tinha que manter a calma perto dos outros. — isso significa que o pai dela estava perto, fechando negócios, era só eu fazer algo contra Amélia e o contrato seria desfeito. — Depois, lembro que fiquei um pouco tonto, no outro dia, ela apareceu com um lençol sangrando, tipo na era antiga. Essa é a história do casamento, por pura obrigação. Vivemos como casados, só que homem casado precisa trabalhar, certo? Procurei emprego, simples assim. Duvido que a maioria das pessoas desempregadas, que voltam para casa sem resposta positiva, fiquem sorrindo.

— Eu poderia nos sustentar, tenho dinheiro para isso.

— Não pode, Amélia. — o advogado diz. — O contrato é claro quanto a isso. Gabriel sustenta.

— Eu achei machista, mas...

— Gabriel, eu posso te fazer feliz. — Amélia está quase implorando de joelhos.

— Eu não quero ser feliz, quero me afogar no mar de tristeza, da pobreza e da solidão de ser um merda para a sociedade.

— Isso é texto decorado! — a mãe de Amélia aponta para mim. — Minha filha te ama, aceite...

— Aceite que odeio vocês!

— Se aceitarem o acordo de separação. — o advogado pigarreia. Ele é o advogado que fez o contrato de casamento por minha parte. — Amélia sairá com nada...

— Não quero dinheiro!

— Aceitar? — pergunto. *Amélia tem que assinar e pronto, não tem que aceitar nada!*

— Gabriel entrou falido no casamento e não conquistou nada após o contrato ser assinado. Já Amélia tem a situação diferente, como Gabriel entrou com o pedido de divórcio, o patrimônio dele deve ser dividido.

— Como não tenho nada, dividiremos o meu nada para duas pessoas.

— Não é sobre o dinheiro! — Amélia grita.

— Qual o seu problema? Quando falei minha decisão, você não fez escândalo.

— Minha filha deve lutar pelo amor que sente.

Encaro a mãe de Amélia, que nunca lembro o nome.

— É você que quer essa merda de casamento, não é? Está repetindo o seu golpe. Transe com alguém de família rica e engravide...

— Não ouse...

— É isso mesmo. Ela tem a esperança que Amélia engravide. Pois bem, tenho certeza que não transarei com Amélia para gerarmos filhos, mesmo se acontecesse, em caso extremo de uso de drogas alucinógenas que me deixem pensar que Amélia é boa...

— Ei!

— As crianças seriam pobres, só teriam o sobrenome. Moraríamos na mesma casa e na mesma situação de vida. Meus pais sempre disseram que não sustentarão filhos meus, que devo me virar. Então, fim do golpe.

— Não é sobre isso, sabe muito bem.

Olho para a mãe de Amélia. *Ela fala da Nostra.*

— Não faço parte disso, nem minha família faz.

— Mas fará.

— Eu quero paz, mesmo se tiverem alguma associação com esse negócio, eu serei do lado da paz, do amor e da liberdade.

— Não haverá divórcio! — a mãe de Amélia bate o pé. — Teremos reuniões para a reconciliação...

— Dará em nada.

— Mas eu não assinarei. — Amélia levanta. — Eu casei com um Bertollini e será assim. Não sairei desse casamento humilhada.

— Você é a humilhação em carne e osso, mais osso que carne. Você entendeu o que quero dizer.

— Katherine não ganhará isso. Cassandra já foi presa e espero que sofra lá dentro, por tudo o que ela me fez...

— Você merecia mais, Amélia. Merecia mais que os cabelos arrancados.

— Katherine não terá você de mãos beijadas, não mesmo.

— Ela beijará muito mais que minhas mãos. Eu te traio, Amélia.

— Eu continuarei não assinando o divórcio.

— Vai me querer mesmo sabendo que é Katherine que eu desejo...

— Katherine arrancou meu cabelo e minha dignidade...

— Você nunca teve dignidade.

— Eu arrancarei o namoradinho dela. Você é meu marido, Gabriel. Formalmente meu marido, Katherine nunca será sua namorada, muito menos a esposa.

— Não sou da Nostra. — aperto a sua mão com muita força e sinto que Amélia começa a tremer. — Não sigo regras de lá. As regras da Nostra Ancoma não me pertence mais. Entenda como quiser, Amélia.

Capítulo 35

Katherine

— Ora, ora, ora. — meu pai cruza os braços e as pernas. — Olha só quem está de volta.

— Pai, senti a falta do seu sarcasmo. Será que a memória também está voltando?

— Lentamente. — ele levanta do sofá e vem me abraçar. — Senti sua falta.

— Também senti, mas estava lutando. — nos afastamos. — Então, o que está lembrando?

— Apenas do esconderijo onde estava, as drogas. A mesma mulher machucada de sempre, sempre me ajudando, falando sobre traidores.

— Quero conversar com o senhor e tio Fernando. Já falei com minha mãe.

— Certo, chamarei por ele.

(...)

Tio Fernando, Leo, Daniel, vô Victor e vô Yankee, todos me encarando como se eu fosse um *alien*.

— O que quer? — Leo pergunta.

— Fala direito comigo porque agora não sou mais uma esquisita. Ok, sou esquisita, mas uma esquisita gangster. — abro meus braços, como se eu fosse uma vitoriosa. — Uma gangster que virou gangster por mérito próprio. Uma gangster que não herdou e nem entrou nos negócios por causa de parentesco.

— Do que está falando? — meu pai pergunta.

— Líderes mafiosos e gangsteres, herdeiros de um trono cruel. — olho para Leo e Daniel. — Eu sou a mais nova sanguinária da área.

Sorrio, recebendo apenas caras de confusão de todos os outros.

— Vamos lá, vocês duvidam tanto de mim. Matei um homem para salvar meu pai, cravei a faca em um idiota e ele perdeu o braço...

— Quê? — todos perguntam ao mesmo tempo, nenhum me dando crédito.

— Matei outro homem junto com Cassandra, tudo com facas. E, barulhinho de suspense, aqueles dos tambores, sabem? — faço de conta que estou batendo em tambores. — Arranquei a perna do traidor, decepei a perna de Giovanni. Palmas para mim! — grito.

Todos tem o mesmo olhar confuso.

— Giovanni? — vô Victor pergunta.

— Mereço um tapete vermelho, diva do submundo conseguiu mais que a velha guarda, mais do que essa gente treinada. — jogo meu cabelo para trás. — Giovanni é filho de Yoshida, então, os pais dele da Nostra, são de mentirinha. Giovanni atacou Cassie no passado, então, ele descobriu que eu e ela estávamos lutando, começou a nos ameaçar, ele matou muita gente e, fui batizada! — mostro o ferimento em meu ombro. — Levei um tiro, sou uma gangster real oficial!

Agora estão boquiabertos.

— Depois, ele começou a ameaçar, ele invadiu até meus notebooks, mas eu deixei barato? Não, velha guarda! Fui lá e entrei no joguinho. Gangsteres, pasmem! Eu enganei o filho do *demônio chefe*! Ele me prenderia na cadeia, o que fiz? Me fiz de louca, fui para o hospital psiquiátrico, Giovanni perdeu. Ficou irritadinho e tentou ferrar conosco, ferrou com Cassie, mas nos resolveremos. Então, o idiota cometeu erro, pegamos, fui lá e TCHA! — faço o movimento que fiz com o machado. — Adeus, perna. Eu fiquei coberta de sangue, como nos filmes e séries de zumbis. Rezei o "Pai nosso", para que o sangue do *demonio Junior* não me contaminasse, mesmo que não queira o pacto, vai que a coisa deles é tão forte que nem precisa falar em línguas bizarras. Essa é a minha vida louca! *Vida loka cabulosa, o cheiro é de pólvoras e eu prefiro rosas...* É assim? Não sei, mas a música é legal!

Eles não falam nada, apenas me olham como se eu fosse uma louca.

— Parabéns, diva gangster. — falo. — Toquem *Gangsta's Paradise*.*

— Com quem você está andando? — meu pai pergunta.

— Hipócritas! — grito. — O idiota do Leonardo faz o que faço e ninguém pergunta com quem ele anda. Ah, é, ele anda com os senhores. Eu? Eu não posso! Porque sou uma menina vista como inocente. Eu matei dois, fui a responsável pela infecção de um braço e ainda cortei uma perna. Sou tão legal quanto vocês, não me julguem.

— É que as coisas estão loucas. — vô Victor fala. — Primeiro Karen que

sempre foi quieta e começou a tramar estratégias, depois você que parecia ser tonta está uma sanguinária, Gabriel que tanto queria a Sangre Latino saiu. É muita informação.

— É muita informação saberem que consegui muito mais. Vocês matam gente da Nostra e nós pegamos *demônio Junior*. — olho para Leo. — Fiz mais que você, otário!

— Eu cortei uma cabeça!

— Eu acertei duas facas na cabeça.

— Mas não arrancou.

— Arrancarei a sua se não me der os parabéns!

— Parabéns por arrancar uma cabeça? Isso está louco. — tio Fernando diz.

— Sogro hipócrita. — ele me fuzila com o olhar. — Não sou como as mulheres que estão acostumadas. Eu sou forte, doida e forte. Mais forte que doida.

— Eu estou em choque! Primeiro você jurava que não queria beijo, agora chama Fernando de sogro, antes nem falava em matar, agora mata sem dó.

— Pai, o senhor matou dez vezes mais que eu. Leo com quando tinha minha idade deve ter feito o triplo. Sei que foram doutrinados a não querer mulher, entendo, respeito e por isso terei minha gangue. Talvez quando essa confusão terminar, eu vire a dona de uma organização secreta para matar gente ruim. Farei uma página disso na Deep Web.

— Quê? — meu pai pergunta.

— Ah, não se preocupem. — sorrio. — A cara de vocês já mostram o quanto estão surpresos. Se deixei mafiosos e gangsteres surpresos, é porque fiz o certo.

— Eu não sei o que dizer. — meu pai sussurra.

— Digam que história é essa de *demo Junior* ser meu primo. Eu entendo porque sou louca e sanguinária desde sempre, mas não entendo de onde esse parentesco veio. Poderia acusar os senhores de me esconderem a verdade, mas sem dramas, a minha gangue não tem segredos. Cada gangue agindo como bem entender.

— Você montou uma gangue? — tio Fernando pergunta.

— Segredo, tio. Segredo.

— Eu sou seu pai, conte tudo!

— Não! Os senhores não me contam nada.

— Você me deve...

— Salvei sua vida e não foi suficiente. Se me prender no quarto de castigo, eu fugirei e serei mais louca que já sou. Senhores, eu fugi de casa para fazer minha gangue.

A gangue já veio formada, mas quero me achar perto deles.

— Eu disse que deveria falar com Katherine. — vô Victor fala.

— O mais velho de todos me apoia! — grito. — E foi ele que comandou a Nostra por anos. Aprendam, pessoas.

— Eles não apoiam por medo. — vô Victor diz. — Por medo das princesinhas morrerem.

— Toma, idiotas! — aponto para Leo e Daniel. — Eles se importam comigo e Karen, não com os idiotas.

— Porque somos mais fortes. Ponto para mim e Daniel, idiota.

— Eu invadirei sua casa para mostrar minha força.

— Eu te amordaçarei e te prenderei para não falar mais merda.

— Isso é o futuro, uma menina que se acha gangster e um outro que discute com a irmã mais nova. — isso veio de vô Yankee.

Pigarreio exageradamente.

— Ora, ora, ora. Eu gostei de falar essas palavrinhas sem parar, fica meio dramático. — vou até vô Yankee e aperto seu braço. — Olha só se não é o líder da Sangre Latino, aquele senhor que conviveu com o traidor há anos e foi descobrir décadas depois, e eu? Descobri meses após vocês descobrirem a verdade. Pontos para mim.

— Sabe sobre Javier? — ele pergunta.

— Sei, claro que sei. Espero que nesse escritório ainda tenha câmeras, preciso guardar a imagem da cara de vocês perplexos com minha inteligência. Será como meu Nobel da Paz.

É tão gratificante ver como eles estão surpresos com minha inteligência. *Ah, eu me amo, se não amasse Gabriel, eu me casaria comigo mesmo. Quer dizer, nem com ele me casarei, não quero casamento, quero apenas Gabriel ao meu lado.*

VEM GABRIEL! *Saudades de gritar mentalmente essas palavras.*

— Então sua "gangue". — meu pai faz aspas no ar. — Lutará contra o mal, ao nosso lado?

— Não! Lutaremos do nosso lado, do nosso modo.

— Por quê?

— Porque sim.

Porque Marisa e Lucio são seus inimigos declarados e não estão afim da "unificação", fora que tenho mágoa de vocês. Vocês só me querem depois que mostro serventia, passado o tempo, volto a ser jogada em escanteio, de lado, como uma imprestável. Tenho força agora, pessoas para me ajudar, não desperdiçarei isso voltando a ser mandada. Não que eu seja a líder, Guerrero é, mas o cara sempre me pergunta se eu concordo, aceita minha opinião, mostra as torturas, me deixa torturar, me conta o que sabe.

Ah, Guerrero, te amo. Espero que Cassie saia logo para poderem viver o amor de vocês. Seremos inseparáveis, nossa gangues estranhamente familiar. Eu e Gabriel, Guerrero e Cassie, Karen e Alex, Jean e Rachel sonsa, Jesse e... Não apareceu ninguém, ainda.

Nossa linda gangue contra o mal. *Emocionada é pouco!*

— Falem sobre meu parentesco com *demo chefe* e *Junior*. Pergunto-me como um anjo como eu, é aparentada com essa gente compactuada.

Meu pai pega um pequeno cartão e coloca no computador, depois, o vídeo de Verônica começa.

Assisto o vídeo e entendo o parentesco.

Benjamin manipulou *demo chefe* para que ele pense que os Bertollini mataram meu pai, que é irmão mais novo de *demo chefe*. O que me faz pensar, Benjamin é mais inteligente que o *demo chefe*?

Demo chefe é como *demo Junior*. *Treinados para matar.*

Meus parentes são doidos, tanto por parte de pai quanto de mãe.

Mas eu sou a louca que matará todos eles. Só preciso pega-los.

— Entendido. — levanto do sofá. — *Bye*, pessoas!

— Como é? — meu pai levanta. — Você não sairá agora. Quis informações e demos.

— Eu recebi e estou indo. Preciso voltar para casa.

— Katherine...

— Minha mãe deixou, ela me apoia. Me apoia também, pai. Eu mantereí você informada sobre minhas vitórias.

— Katherine...

— Deixe-a ir. — vô Victor diz. — Ela conseguiu mais que todos nós juntos, eu mesmo falei que ela e Karen são boas e ninguém me escutou.

— Vô Victor é o vô que mais respeito. — olho para Yankee. — Você bateu em Gabriel.

— Regras!

— Minhas regras dizem para eu ir embora. — sorrio. — Eu formei minhas regras. Tchau, senhores e dois herdeiros.

(...)

— Quando tia Cassie vai voltar? — acaricio o cabelo de Line.

— Em breve ela estará ao nosso lado. — beijo sua testa. — Com o seu tio Guerrero.

— Ela será como minha mãe? Minha mãe uma vez disse que tio Guerrero é como meu segundo pai.

— Sim, ele é um papai bem legal, não é?

— É. Mas eu quero meu pai.

— Não se preocupe.

Não sei o que falar nesse momento.

Duas batidas na porta tiram-me dessa situação complicada com Line. Levanto do sofá e vou até a porta, quando abro, encontro Gabriel e uma garota que nunca vi antes.

— Kat, essa é a Amanda, filha da Brittany. — Gabriel nos apresenta.

— Olá. — a garota fala.

— Olá. — cumprimento-a.

— Passei onde Brittany está, só que ela está um pouco ocupada, por isso ela mandou a filha para pegar Line.

— Pegar Line? — franzo o cenho. — Ela ficará comigo.

— Temos que ir a outro lugar. Guerrero pediu para que Line fique com Brittany.

— Ah, ok.

Chamo por Line e ela vem até a porta, explico que ela ficará com Brittany e ela apenas concorda. Beijo a sua testa e dou boa noite a ela, depois, para a Amanda.

— Fiquei assustada ao te ver na porta com uma garota bonita.

— Eu traria uma amante para a sua porta?

— Não, mas Amanda é bonita. Não gosto de gente bonita por perto.

— Você é linda, vale mais que "bonita". — entra no apartamento.

— Como foi à reunião com Amélia?

— Uma merda, mas depois falamos sobre isso. — segura a minha mão.
— Nós somos um tanto burros, ainda não compramos um celular para você.

— Eu sempre esqueço esse detalhe.

— Você ficou incomunicável, nem em casa estava. Soube que saiu da casa da sua mãe no fim da tarde. Liguei para ela, mas você já tinha saído. Antes disso, eu estava na reunião. — Gabriel remexe no bolso da calça e pega um frasco. — Guerrero pediu para ir a casa dele, para pegar esse frasco.

— É a droga?

Pego o frasco.

— Acho que está mais para arma. — ele corrige. — Guerrero preferiu deixar o oxigênio líquido de fora, é mais difícil de conseguir.

— Aconteceu alguma coisa?

— Jesse conseguiu invadir o sistema de segurança da casa de Javier. Ele passou a manhã tentando e conseguiu. Queria te avisar que entraríamos no lugar.

— Entraram na casa?

Diz que sim! Diz que sim!

— Sim. — *finalmente*. — Dois do nosso lado morreram e mais seis estão feridos. O sistema foi desativado, mas os seguranças ainda estavam lá, obviamente. Foram mais do que pensávamos, mas conseguimos. Javier estava no andar de cima, tentou correr e chegar até um túnel subterrâneo, só que Guerrero foi mais rápido, atirou na perna de Javier.

— Pegaram Javier?

— Por isso vim até aqui e peguei esse frasco. Você pediu por Javier, Kat. Eu e Guerrero aceitamos o seu pedido. — ele segura o meu rosto. — Javier está preso, a sua espera. Katherine, ele está a espera da sua condenação.

Bônus 15

Javier deita na cama, enquanto tenta, inutilmente, entrar em contato com Giovanni. Desistindo, Javier apenas fecha os olhos e tenta dormir.

Em seus pensamentos, Giovanni seria como o pai, o Elijah.

Giovanni parecia ser o mesmo homem sádico que Elijah, a diferença que Giovanni parece ser pior.

Elijah foi treinado por um tio, que, na verdade, era o seu verdadeiro pai, o Luigi. O pai de Yoshida era tão louco que mentiu sobre Elijah, contou que o "pai" havia sido morto, que os culpados são os Bertollini. Para deixar Elijah com mais raiva da família, outra mentira foi contada, se bem que essa mentira foi feita de última hora.

Benjamin matou a mãe verdadeira de Marco e levaria o bebê até o pai biológico, que, claramente, também é o Luigi, mas o destino fez com que Verônica encontrasse Marco e ela virou a mãe daquele bebê. Para evitar alguma confusão com Verônica, Benjamin viveu na mentira, logo após, ela acabou descobrindo uma "meia verdade".

Anos se passaram e Luigi aceitou a perda, mas teve uma ideia melhor: disse que Elijah teria um irmão, mas que ele foi morto ainda bebê, pelas mãos dos Bertollini, mais uma vez.

Elijah era apenas uma criança que queria brincar, ler seus livros, suas revistas de super-heróis... Luigi odiava ver o quanto Elijah era uma... Criança.

Uma criança que observava as outras brincando em parques, na rua, indo para a escola... Elijah queria aquilo, mas Luigi nunca deixou. Luigi queria que aquela criança fosse forte, não um bebê que tem desejos estúpidos de amizade. Por isso mesmo, ele inventou a morte de Marco. Porque se aquele irmão tivesse vivo, Elijah teria um parceiro, um amigo, alguém para conversar. Elijah não teria apenas seu pai/tio louco que sempre tinha uma máscara com um rosto diferente.

Antes de toda essa história, o pai de Elijah era um assassino em série. Era. Mudou quando descobriu que matou uma mulher grávida e que o bebê ainda estava vivo, mesmo que ele quisesse calar o bebê com uma faca no coração, ele lembrou de uma vizinha que faria de tudo por uma criança, um filho para ela. Então, foi assim que o tráfico humano começou.

Luigi era o segurança da Nostra, que começou a matar com dez anos de idade. Primeiro acabou matando por legítima defesa, um garoto mais velho que tentou ataca-lo. Depois, descobriu que matar resolve muitos problemas. Um dos

seus conhecidos trabalhava como segurança em um restaurante da família Bertollini, foi assim que Luigi entrou.

Elijah foi morar com Luigi, a princípio, ele seria vendido, mas, então, o pai pensou: "Preciso de alguém do meu sangue para me ajudar no futuro, alguém como eu".

Benjamin descobriu sobre os negócios de Luigi e entrou, junto ao seu irmão, Maurice. Luigi não queria que todo seu esforço fosse dado de mãos beijadas para Benjamin, por esse motivo, ele cuidou de Elijah. Treinou Elijah para que ele fosse louco.

Luigi, em suas andanças anteriores, escutou falar sobre pessoas que treinam crianças para matar e roubar. Sua fascinação aumentou a partir daí. Luigi não foi treinado, aprendeu sozinho.

Os anos com Elijah não foram fáceis, implantar ódio em uma criança parecia ser a coisa mais difícil do mundo, mas Luigi, finalmente, havia conseguido. Elijah ficou abalado quando soube da "morte" do pai, quando soube da "morte" do irmão mais novo pelas mãos das mesmas pessoas, sua situação ficou pior.

Elijah abandonou os livros, as revistas, observar crianças brincando e desejar aquilo. Elijah era muito alto para a idade, quando tinha doze anos, era mais alto que os outros. Na época ele já tinha mais de 1,70 de altura. Luigi até pensou que Elijah pudesse ter alguma mutação ou alguma outra coisa, mas Elijah parou de crescer com quatorze anos, ficando com 1,86 de altura.

Como Elijah era alto para a idade, Luigi resolveu pedir ajuda a Benjamin. Benjamin tinha mais aliados na Nostra, assim, Luigi era apenas o segurança. O plano foi feito. Elijah entrou na Nostra com apenas doze anos de idade, sendo que os grandes mafiosos pensaram que ele tinha dezesseis anos, que poderia entrar nos negócios. Para não ter desconfiança, o aliado de Benjamin, disse que Elijah era seu filho, um filho que teve com uma prostituta.

Elijah não tinha o rosto de criança, Luigi apresentou as máscaras para o filho, mostrou como usa-las — já que Luigi tinha várias máscaras iguais, do mesmo rosto — mostrou como parecer um adulto, como deveria ter a sua vingança.

Luigi conhecia um jovem artesão, que mostrou-lhe um rosto feito com cerâmica. Luigi, então perguntou: "Teria como fazer uma máscara? Que não derreta, que não descole, que não derreta". O artesão tentou e conseguiu.

Assim Elijah foi criado, com outro rosto, outra família, outro nome, outra idade, outra função.

Javier chegou um pouco depois, inimigo da Nostra, mas que não era nem um pouco feliz com a liderança de Yankee. Afinal, o pai de Javier era tão líder quanto o pai de Yankee, mas quando uma espécie de votação foi feita, Yankee venceu.

Quando Javier conheceu Benjamin, nenhum dos dois mirou a arma no outro. Os dois estavam bebendo em um bar na Costa Rica. Javier estava infeliz no seu relacionamento e Benjamin estava infeliz com a Nostra sendo comandada sempre por um Bertollini.

O que poderia acabar em morte virou em dois bêbados lamentando sobre a vida. No dia seguinte, ambos se encontraram e tentaram apagar a memória que brindaram o fracasso. Depois de dois dias, voltaram ao bar. Bebida atrás da outra e verdades foram ditas.

Então, por que cada um não lutar contra aquilo que eles odeiam? Por que não lutarem para acabar com a liderança da Sangre Latino e da Nostra?

Olhando agora, Javier pensa que deveria ter feito algo anteriormente. Não deveria ficar tanto tempo na Sangre Latino. Roubou o bebê de Ísis e metade da sua vingança foi feita. Tentou fazer algo contra Sara, mas Isabella sempre esteve por perto.

Após anos odiando a Sangre Latino, Javier saiu. Com certeza já sabem sobre sua traição.

Benjamin não sabe sobre sua traição...

Se você traiu a sua família, trair qualquer outra pessoa é o mínimo que se espera. E essa teoria é a correta.

Se Benjamin traiu Verônica, que ele dizia amar, trair Javier seria o mínimo. Assim como para Javier trair Benjamin, e assim foi feito. Javier sabe que Benjamin quer mata-lo, por isso, se uniu a Giovani.

Giovani poderia ser o filho mais amado de Elijah, só que não deu certo. Javier ainda não sabe, mas Giovani falhou em tudo o que deveria fazer. Como Elijah dizia do filho ser como ele, Javier pensou que seria um psicopata ao seu lado, o que para Javier é algo bom.

Giovani quer sangue, Javier sabe disso. Javier descobriu o desejo de sangue quando Giovani contou que descobriu sobre Marco, ele havia escutado a conversa de Benjamin, mas garantiu que não contaria nada ao pai, porque, se Elijah souber que o irmão mais novo está vivo, a raiva dele cairá em Benjamin e em Javier. Giovani não quer isso. Giovani quer a Nostra e a Sangre Latino, quem sabe, até a gangue de Tyler.

Javier está se perguntando onde Giovani está. Ele sabe que Cassandra foi

presa, esse não era o plano de Giovani. O plano era para pegarem Marisa, Cassandra seria levada para Giovani, para ser seu divertimento pessoal. Não que Javier não achasse Cassandra bonita, ela tem belas pernas, mas não é algo que o atraia, diferente de Jasmine, por exemplo. Javier nunca pensou em Jasmine de outro modo, mas, se ela fosse pega, como foi no passado, ela poderia ter a certeza que pela mão de Javier, ela passaria antes de ser leiloadada. E, querendo ou não, Jasmine é uma Bertollini agora, está na família poderosa, que, mesmo sem ter mais qualquer negócio ilegal, continuam tendo meios de lutar, de fugir...

Será que Giovani conseguiu algo e fugiu? Javier pensa, mais sonolento que antes. O federal comprado já se foi. Ele era muito amigo de Giovani, outro que frequentava as festas regadas a drogas e prostituição... Prostituição obrigada, claro. Outro que participou dos negócios e nem pode pegar o dinheiro enterrado.

A mochila que está no chão, tem o dinheiro que deveria ser do federal, que agora será de Javier.

Em mais um devaneio causado pelo seu sono, Javier relembra quando disse para Benjamin que precisava de um tempo só para ele, que, com certeza, sua família sabe da verdade e vai odiá-lo. Javier disse que precisaria de tempo para processar o ódio que sua família sente por ele no momento.

Não é uma mentira que Javier ame Isabella, ela é a melhor coisa que aconteceu em sua vida, mas, de início, ele a odiou. Até misturou um comprimido abortivo no suco da sua esposa, mas ela acabou nem tomando o suco. Quando tentou repetir o feito, o copo simplesmente caiu e quebrou. Ele pensou que aquela criança deveria nascer de qualquer jeito, e fez o certo. Isabella foi seu melhor presente.

Uma das suas maiores revoltas, foi saber que Isabella estava sendo ameaçada por Benjamin. Se antes ele queria matar Benjamin, agora seria pior.

Matar Benjamin não é fácil, ele é poderoso lá dentro.

Javier não pode dizer que ama Leonardo, por exemplo. Leonardo é filho da sua amante. Uma traição. Olívia deveria ser apenas dele, Javier gastou muito dinheiro com aquela mulher para que ela acabasse tendo um filho com Marco. Javier ainda tinha alguma esperança que Leonardo fosse seu filho, fez até exame de DNA, que deu negativo. O mais pavoroso de tudo, é ver Isabella cuidando daquele garoto como um filho, e ainda escuta-lo chamando-o de "avô".

Katherine... De início, ele o amava, agora, talvez não tanto. Ele já percebeu o jogo da menina. Sempre manipulando, se fazendo de louca, entrando em confusão, fugindo de casa sem que notem seu desaparecimento. Os outros não desconfiam porque nem devem saber a verdade, mas Katherine é a mais parecida com Luigi e Elijah, assim como Giovani. Katherine é tudo o que Elijah

é, só falta saber se ela tem toda a inteligência e se esconde, ou vai a luta. Se for a luta, Javier não terá problema em odiá-la.

Javier não consegue odiar Isabella porque ela é boa, mas quando ela saiu para matar Olívia... Algo em Javier dizia para não matarem sua amante, mas saber que Isabella o fez? Era como se a única coisa boa que ele fez, tivesse se tornado um mostro. *Um assassino como ele.*

O que é bem estranho, Javier admite.

Javier não sabe se Elijah tem mais filhos que mantém por perto, sabe que ele odeia filha mulher. Se não morreu no parto, ou na barriga da mãe, elas foram entregues a outras pessoas. Javier desconhece qualquer história que cite Elijah matando algum filho.

De uma maneira bizarra, Elijah preza pela família.

Quando Javier está sonhando com outra coisa, os barulhos vindo do lado de fora o desperta.

Levantando da cama rapidamente, Javier vai até a janela, vendo pessoas entrando no seu território e seus seguranças atirando e alguns já caídos.

— Como foi rápido?

Pelos homens caídos no chão, ou o sono de Javier estava muito pesado, ou os tiros de armas pesadas começaram agora.

Javier lembra e empurra a janela para o lado, quando o vidro blindado se distancia, ele percebe que o sistema de segurança foi desativado. Como? Javier não faz ideia.

Benjamin tem muito dessas coisas e Javier pegou um, dizendo que era para a sua casa. Antes, certificou-se que não tinha nada para rastrear. Benjamin sempre disse que é 100% seguro, mas não foi. Desativaram e entraram em sua casa.

Javier vai até a mochila, que está pesada por causa do dinheiro, e coloca nas costas. Pegando uma arma em cima da mesinha, ele abre a porta do quarto. Olhando para os lados, ele vê apenas homens na janela, atirando de cima para baixo.

Ele não tem tantos seguranças, nunca pensou que precisaria de tantos, afinal, como o encontrariam?

Javier desce as escadas cuidadosamente, parece que ninguém entrou, ainda.

Indo até os fundos da casa, ele procura a lata no armário, aquela que quando é puxada, a porta abre.

Os tiros estão cada vez mais perto e mais altos. Os gritos de "para frente,

para o lado", aumentam.

Será que Elijah descobriu onde ele está? Não pode ser alguém do outro lado, do lado de Fernando e Marco, eles nunca saberiam sobre esse lugar, já Elijah pode ter descoberto de algum modo, talvez pelo sistema de segurança.

Javier se culpa porque ficou perdido em memórias e acabou dormindo, sem nem ao menos notar que estava sendo atacado. Ninguém o avisou, Javier deveria saber que esses homens que trabalham ao seu lado, estão mais para o lado de Giovanni do que para o dele.

Depois de encontrar a lata, a porta abre. No mesmo instante que Javier se prepara para descer, sente a dor de algo perfurando a sua perna.

Caindo no chão, ele segura o ferimento. Quando olha para trás, pensando em revidar o tiro, a sua mão que está com a arma, é esticada para trás, sendo imobilizado rapidamente, a arma é retirada da sua mão.

Javier olha para as duas pessoas a sua frente, ambos com máscaras pretas no rosto. Javier vê o momento que um dos seguranças mira na cabeça do que atirou em sua perna, mas outro chega por trás e atira no seu segurança.

— Quem são vocês? — Javier pergunta, tentando minimizar a dor que sente.

O que retirou a arma da sua mão, sussurra próximo ao seu ouvido:

— Quem somos nós? — a voz desse homem é estranhamente familiar para Javier. — Somos a sua morte.

Capítulo 36

Katherine

Em meus pensamentos mais cruéis, imaginei que isso aconteceria. Que ver meu "amado avô", amarrado e levando socos no rosto, me traria para uma nostalgia. Uma nostalgia que deveria ser feliz.

As lembranças do "vô Javier" brincando comigo, me balanço de um lado para o outro, brincando de boneca, casinha... Eu sorrindo, dizendo que não sabia quem era o melhor avô de todos os três — porque Benjamin nem era considerado avô —, depois, Javier me dava algo para eu falar que era ele.

Agora tudo isso foi arruinado. O melhor avô que pensei que tinha, agora é o pior de todos.

Ali está Javier, no mesmo lugar onde Giovani estava. Estou no lugar onde Ian assistiu tudo, dessa vez, é como se tivessem ligado algum equipamento de som, porque escuto o que dizem.

A nostalgia de ama-lo se perdeu. Perdeu-se após escutar as simples palavras: "Eu não me importo com nenhum Bertollini, podem mata-los".

Guerrero nem mostrou o rosto para Javier, apenas faz ameaças. E uma das suas ameaças foi para testa-lo: "Se não falar a verdade, matarei algum Bertollini". Mesmo com o rosto sangrando e com dor, Javier ainda sorriu, depois complementou com um: "É bom, você fará meu trabalho".

— Então o tal Fernando não te interessa? — Guerrero pergunta, mais um teste, eu pedi, quero saber se ele amou alguém, pelo menos, minha mãe. Algo estúpido, eu sei, mas preciso saber.

— Nem um pouco.

— Sara?

— Muito menos.

Aperto a mão de Jesse, que está ao meu lado. Karen foi ajudar Jean, que levou um tiro de raspão na coxa.

— Está bem? — Jesse pergunta.

— Sim, estou. — confirmo.

— Gabriel? — Guerrero pergunta.

— Por que me importaria com um garoto idiota? Com um garoto que não serve para nada? Quer saber? Quer mata-lo? Mate, ele está na Sangre Latino, quem sabe assim, vocês acabam com tudo de uma vez. — *Javier nem sabe que*

Gabriel saiu da Sangre. — Essa é a pior tortura já vista, ficam perguntando como se algo me importasse.

— Eu sei de muitas coisas, Javier. — Guerrero dá a volta na cadeira. — Sei da sua filha, da filha da sua filha. Será que nem Katherine importa? Sei onde Gabriel está e sei que Katherine está junto. Se eu pegá-la, pegarei Leonardo junto.

Javier ri alto.

— Tente pega-los, não me importo.

— Não se importa com seus netos?

— Por que me preocuparia?

— Isabella?

Esse é o único momento que vejo Javier vacilar um pouco. O sorriso prepotente, que antes estava fixado em seu rosto, agora mudou para um olhar perdido.

Javier apenas olha para o nada, como se pensasse em algo.

— Ela é uma assassina agora. — ele responde, como se fosse algo... Triste?

— Então nem por sua filha contará a verdade?

— Eu não sei quem são vocês, poderia dizer que é Fernando e os outros, mas não teriam esse segredo de não mostrar os rostos. Então, quer matar Isabella, tente, ela sabe se defender e tem outros ao seu lado.

— Nem por sua filha você falará a verdade?

— Não.

— Você morrerá de qualquer maneira.

— Morrerei, mas não darei o gosto da vitória para vocês, seja lá quem vocês sejam.

Olho para Javier. Guerrero e Gabriel dão quatro socos no rosto dele, dois de cada vez.

Fico cada vez mais irritada e decido fazer aquilo que está implantado em minha mente. Javier não vai responder, ele não se importa com ninguém, nem com a filha. Pensei que ameaçando minha mãe, ele contaria algo. *Nada deu certo.*

Solto a mão de Jesse e vou até a minha bolsa, pego e coloco a alça em meu ombro, depois abro a porta para sair.

— Boa sorte. — Jesse deseja.

— Obrigada.

Saio da sala e desço as escadas, depois, abro a porta e me aproximo ainda mais da cadeira onde Javier está preso.

— Vejo que alguém subestima muito os outros.

Assim que falo a terceira palavra, Javier parece à menina do filme "Exorcista". Ele quase dá um giro de 360 graus para me enxergar. Mas eu facilito sua visão, fico frente a frente com ele.

— Então foi Fernando mesmo? — ele dá um sorriso com um canto da boca. — Não imaginei que ele tivesse usando meninas...

— Não, Javier. — olho para sua ferida na bochecha e, no mesmo instante, pego meu dedo indicador, que está com a unha bem grande, e enfio ainda em sua carne.

— Você é louca? — ele grita, e joga a cabeça para trás, fazendo com que minha unha saia da sua carne, com o sangue em mim.

— Sou, deveria saber disso. — limpo o sangue em sua camisa. — Todos avisaram. Minha mãe falou, sua esposa... Ah, vamos resolver nossos *casos de família*. — gentilmente, Guerrero coloca uma cadeira para eu sentar. — Podem nos dar licença? — olho para Guerrero e Gabriel. — Eu quero fazer em uma sala, comigo e o traidor, apenas.

— Então nem um dos dois é algo de Fernando?

— Eu montei minha própria gangue, Javier. — sorrio para ele e coloco minha bolsa de lado. — No entanto, um deles é alguém que você subestimou muito. Você disse que esse homem aqui. — aponto para Guerrero. — Poderia matar.

Gabriel retira a máscara preta e percebo Javier tentando conter a surpresa em seu rosto.

— Então, somos nós dois. — sorrio para Javier. — Surpreso, Javier? Como está se sentindo em saber que Giovanni está sem perna e nós dois estamos vivos, te prendemos...

— Pegaram Giovanni?

Sorrio, e, no mesmo momento, um Giovanni sem perna é jogado no chão.

Giovanni está em estado precário, o resto da sua perna está enfaixado, seu cabelo que era liso, limpo e sedoso, já está grudado um no outro, por causa do sangue que juntou os fios.

— Olha ele ali, Javier. Nem tem forças para falar. — olho para Giovanni. — Eu cortei a perna dele. Como está, Giovanni?

Recebo um grunhido fraco em resposta.

— Ele está mal, como pode perceber. — o mesmo homem que trouxe

Giovani, leva-o de volta para sua cela. — Então, Javier, só para mostrar que consegui bem mais. Você foi bem burrinho, achou que o filho do *demo* fosse ser mais inteligente. Se prestasse atenção em mim, poderia estar desse lado aqui.

— Você parecia ser como Elijah, só que burra.

— Bem, eu te enganei, então, fiz o correto.

Gabriel aperta a minha mão e sai desse espaço, junto a Guerrero.

— Só nós dois, Javier. Vamos resolver nossas tretas, se bem que eu acho que criaremos mais.

— Eu não falarei nada, ainda mais agora.

— Tristinho por me ver bem? Triste por saber que eu te peguei? Sabe quem mais te pegou? Karen! Ela te pegou, dou mais créditos a ela e a Jesse do que para mim mesma. Mais uma Bertollini ferrando sua vida. — sussurro. — Foi inveja, não foi? Eu liguei os pontos e entendi. Vô Yankee ficou com a Sangre Latino...

— Vô Yankee. — *zombaria*. — Mania chata que vocês têm de chamar todos de avô.

— Concordo. Eu odeio saber que te chamei de avô, por isso agora você virou "assistente do demo", não subchefe, secretário ou outra merda qualquer, apenas o assistente, porque você o ajudava e nem era importante, se fosse, não estaria aqui.

— Isso não me atinge, Katherine.

— Quem disse que quero te atingir com palavras? Eu só acho que deve ser torturante esperar pela morte, porque você sabe que morrerá.

— Você vai tirar minha perna? Meus braços? É igualzinha a Elijah...

— Esse é o nome do meu tio. Acho legal, porque você falou que ele é meu tio, se eu não soubesse, você teria contado agora mesmo.

— Não me importo, Katherine.

— Também não me importo em ser como Elijah. — pronuncio o nome do *demo chefe* pausadamente, com a mesma raiva que sinto. — Isso significa que posso fazer tudo o que ele faz, sem sentir dó.

— Sua mãe amará saber que me matou.

Agora tenho que rir.

— Então é isso? Quer apelar para sentimentalismo? Javier, eu cortarei sua cabeça e entregarei para Yankee. Se minha mãe me odiar após isso, o que poderei fazer? Viverei nisso, mas saberei que fiz o correto.

— Você não pode ter virado esse animal.

— Sou como você, não, espera, sou melhor. Seu amiguinho não me pegou. Espera, você sabia que eu estava nisso? — ele não responde. — Seu parceiro te enganou, então, eu estou na jogada, Javier. Palmas para sua falta de credibilidade com a sua neta, que mais parece com você.

— Sua amiga morrerá lá dentro, não sobreviverá em qualquer penitenciária.

— Por quê? Tem mais gente por trás disso?

— Elijah detestará saber de Giovanni.

— E como ele saberá? Todos morreram ou está preso.

Javier não diz nada, tenta não demonstrar o fracasso. Eu leio seu comportamento facial e corporal.

— Sabe o que percebo? Pelo menos você perdeu um informante na Sangre, porque nem sabia que Gabriel saiu.

— E eu percebo que não vai me matar, todo esse falatório não nos levará a canto algum. Você deve me prender, como faz com Giovanni. Você tem sentimentos, Katherine, você vai relembrar os melhores momentos que passamos juntos, vai pensar na raiva que sua mãe sentirá em saber que você matou o pai dela...

— Talvez ela me deserde, mas, e daí? Não moro mesmo com ela. Então, voltando a Elijah, você não é importante para ele, não é mesmo?

— Você que acha.

— Cobra engolindo cobra? Uns contra os outros...

— Se acha que irei para o seu lado...

— Clichê, Javier, muito clichê. Essa coisa de tentar levar o inimigo para seu lado é coisa de filme. Traidor que é traidor, morre calado. Traidor do porte médio para pequeno, conta a verdade por medo, mas traidores verdadeiros, daqueles que traem qualquer pessoa, eles morrem negando. Sabe por quê? Porque eles jamais ajudarão o inimigo, mesmo que isso custe à vida, ele morrerá torcendo para que seus aliados, matem os outros. É isso que está fazendo. Você pode odiar Elijah e Benjamin no momento, mas está torcendo para que ele nos mate, e que me dê a pior morte. Quer que eles me estrupem, certo?

— Como sabe? — sorri.

— Por que é o que eu também pensaria se fosse você. Acertei mais uma vez, Javier. Sabe de algo que sei que odeia? — levanto-me da cadeira, indo na sua direção, ficando a sua frente, a centímetros de distância. — Odeia o meu pai. Você queria que ele morresse, mas ele fugiu. Sabe o que odeia mais? A sua amante, ela ficou com meu pai, mesmo com ele desacordado, você não sabia,

não é? Por isso Elijah entregou Olívia com facilidade, porque ela traiu vocês. Cuidou, de uma maneira doentia, do seu prisioneiro. Pior, Javier, ela cuidou do meu pai e disse que era a esposa dele.

Agora sim, Javier não consegue conter a raiva que sente. Esse é o único momento que ele se debate e tenta sair da cadeia.

— Mexi na ferida de novo. Você odeia meu pai por isso, porque ficou com sua amante. Sua amante trabalhou para Milla, não foi? Sua amante morreu querendo meu pai, não você. Você me odeia por ser fruto do seu rival. Eu amei descobrir isso, Javier. Você amava Olívia?

— Vá se fod...

Acerto um soco do lado esquerdo do seu rosto, depois, puxo o seu cabelo, para que sua cabeça volte para a minha direção.

— Sem xingamentos, Javier. Foi o senhor "bom pai e bom avô" que nos ensinou essa coisa, lembra?

— Você pagará por tudo.

— Espero o dia da cobrança, Javier. O dia da sua cobrança chegou.

Solto seu cabelo e caminho até minha bolsa.

— Acho que sei porque você pouco se importa com minha mãe, é triste, Javier. É triste saber que uma mulher mexe tanto com um homem a esse ponto. Deus me livre odiar um filho por causa de uma mulher. Mas minha mãe, Isabella Vergara, matou sua amante vadia. — abro a bolsa e pego o saco de pano que trouxe. — Mas como se sente, cara? — volto a olhar para ele. — Como se sentiu ao transar com Olívia, sabendo que ela transou com meu pai?

Essa merda é nojenta, mas, vamos lá. Preciso irritar Javier.

— Se ela engravidou do meu pai, acho que alguém ficou suja...

— Era para eu ter matado Leonardo...

— Não matou porque Olívia fugiu, aposto. Ou será que Olívia disse que o filho era seu? Como meu pai é mais rico, ela preferiu meu pai. Como se sentiu ao ser trocado, Javier? Como se sente ao saber que uma Vesentini joga tudo isso na sua cara e você nada pode fazer para impedir?

— Posso ver que você é idiota, fala mais do que faz. — olho para sua mão, onde ele tenta sair.

A cadeia é de uma madeira muito boa, e está pregada ao chão. Pedi a de madeira porque eu sabia que Javier tentaria se debater e sair, e eu pensei em algo enquanto Gabriel dirigia para cá.

— Javier, você tentou falar com minha mãe sobre matar Olívia. Mas era sobre não matar sua amante, ou...

— Para que a única coisa boa que fiz, não se tornasse uma assassina.

— Queria uma freira como filha?

— Alguém diferente de você.

— Por que assim minha mãe não te pegaria? Não lutaria. — abro o saco de pano. — Você é estranho, cara. Por que não queria uma filha assassina, se deu isso a ela?

Mostro os três canivetes, de tamanhos e modelos diferentes. Minha mãe me deu, quando fui a sua casa mais cedo.

— Para ela ter como se defender, não para matar um de vocês, certo? — sorrio, vendo Javier ficando mais pálido, depois ele volta a mexer a mão.

Pego os dois canivetes e deixo o outro para trás.

Sorrio para Javier, mais uma vez. Depois, enfio o canivete na sua mão direita. Enfio com força, para que ela atravesse sua mão e crave na madeira. Para me certificar, dou uma "remexida", notando que, realmente, ela pegou na madeira.

Javier se contorce com a dor, ele tenta mexer a mão, mas não dá certo. A base do canivete é mais larga, sua mão está presa, se ele tentar subir a mão, será parado por ela.

A sua outra mão continua mexendo, repito a minha ação com o canivete.

— Pronto, mãos presas. — falo, observando o contorcionismo de Javier.
— Agora, já que ama tanto a Olívia, te marcarei.

Pego o outro canivete.

— Katherine! — ele grita.

— Mexa-se e será pior.

Seguro o seu rosto, mesmo com ele tentando me impedir. Por conta da sua inquietação, o "O" que fiz em seu rosto, cortando com o canivete, sai torto.

Solto o seu rosto, vendo a marca sangrando, escorrendo por toda a sua face.

— Agora você tem a inicial do nome dela. Quando chegar ao inferno, poderá ser mais fácil de encontra-la, para que tentem viver o amor doentio de vocês.

— Você não é melhor que nós dois.

— Não quero ser melhor que vocês, quero ser pior, assim, pegarei todos, sem dó, sem piedade, sem sentimentalismo barato.

Largo o canivete e preparo-me para o *grand finale*.

Abaixando-me até minha bolsa, pego a droga e a seringa.

— Isso aqui, Javier, é aquela droga que seria usada em mim e na Karen. Eu consegui pegar, mas está em fase de teste. Algumas coisinhas não foram bem administradas para serem colocadas aqui, então, hoje, você é minha cobaia humana. Colocarei algumas doses, até que o efeito seja completo, assim, saberei usar em outras pessoas.

— Você é doente.

— Provavelmente. Pelo menos, faço com culpados. O problema seria se eu fizesse com inocentes. Psicopatia é doença? Vá à merda porque eu ainda matarei vocês.

— Sua mãe vai te odiar.

— Convivo com isso.

— Ela nunca vai olhar na sua cara.

— Legal, cara.

Começo a colocar o líquido na seringa.

— Ela não vai deixar que chegue perto do seu irmão mais novo.

— Oh, Javier. Que lindo, você implora pela vida. Será que você perdoava as vítimas também? Não, não é mesmo?

Encontro rapidamente sua veia do braço, coloco a agulha e aperto um pouco, para que o líquido entre.

— Katherine...

Espero trinta segundos, escutando Javier falando que minha mãe vai me odiar e outras merdas para tentar me fazer mudar de ideia.

Pego a seringa mais uma vez e aplico o dobro da dose anterior.

Guerrero fez diferente, ele deixou essa droga/arma mais forte.

Espero mais trinta segundos e aplico mais duas doses. Depois, começo a reparar na sua veia ficando mais alterada. Assim, eu paro de aplicar.

Começou!

— Imagina, Javier, suas vítimas sentiram isso, só que em uma velocidade menor, menos intensa.

— Você morrerá, Katherine, você e toda a sua família. Você não é como Elijah, ele é muito mais forte.

— Legal, obrigada pela informação. — sento na cadeira. — Poupe sua fala, não adianta. Mesmo que queira mudar minha ideia, já era. O que entrou em sua veia, não sairá mais.

— Você...

Ele para de falar, dando quase um "pulo" para trás. A veia do seu pescoço

está bem alterada, vejo as veias do seu rosto com mais intensidade, mais cor. Sua mão, mesmo presa no canivete e na madeira, está tremendo, incontrolavelmente.

Javier tenta falar algo, mas não consegue. Só saem gemidos de dor, nada mais.

Era isso que ele faria com meu pai, com Karen, comigo...

Depois, Javier sorri. Um sorriso maníaco. Um sorriso de alguém que não entende mais nada do que acontece. Um sorriso misturado às lágrimas.

Quando menos espero, a primeira cusparada de sangue acontece.

Novo efeito da droga de Guerrero.

O sangue começa a sair pela boca. Javier já não emite tantos sons como antes, o seu olhar não é mais para mim, é apenas para frente, ele não pisca... Talvez seja parte da coisa "Sistema nervoso desligado".

O sangue continua caindo.

Não nego, é uma imagem forte. Só que é mais forte lembrar tudo o que ele fez, sua última ação foi ferrar com Cassie, mesmo que o plano não fosse esse, Cassie seria levada para Giovanni, o que não deixa de ser pior.

A minha atenção volta para Javier, agora, o sangue sai por seu nariz.

Hemorragia.

Suas veias parecem que vão explodir. Javier parece que entrará em combustão. O sangue não para, sua voz já se foi. Sua roupa está suja de sangue.

Sangue para todos os lados.

Isso leva uns cinco minutos, ou mais. Depois, Javier está com o olho esbugalhado, a cabeça caída para o lado, com sangue por toda a face, corpo, no chão.

É uma cena assustadora, que, no passado, teria feito com que eu lutasse para salvar sua vida, mas fui eu quem tirou sua chance de viver... *Sua chance de viver fazendo mais vítimas.*

Não posso negar que uma lágrima caiu. Não posso negar que não sinto uma dor no peito. Porque, apesar de tudo, eu o considerei a melhor pessoa que havia conhecido. Minha mãe dizia que ele era o melhor pai do mundo. Leo queria morar com ele, ao invés de ter ido estudar e ficar na casa de Benjamin. Era isso que Javier era, o homem que amamos.

— Está bem? — Gabriel me abraça, mesmo que eu esteja sentada na cadeira.

— Arranque a cabeça dele, enviem para a oficina onde a Sangre Latino fica. — falo e Gabriel parece um pouco surpreso, mas ele apenas concorda, balançando a cabeça. — Mostre que conseguimos mais que eles, que, agora,

estamos oficialmente na jogada como aqueles que conseguiram bem mais. Que eles nos devem respeito.

Olho novamente para Javier, onde, agora, Guerrero verifica a pulsação e avisa que não tem mais nenhuma.

Javier se foi. O melhor avô, que se tornou o pior, morreu.

Ele era pior que Benjamin, pois esse nunca foi amado, nunca fez questão de tal coisa. *Mas Javier?*

Infelizmente, eu te amei, Javier. Infelizmente, não posso dizer que estou cem por cento feliz com isso. Apesar de tudo, tivemos os melhores momentos no passado.

No passado, quando eu era uma criança gostando de coisas estranhas, você sorria e me defendia. Me defendia de tudo, me dava doces escondidos, me defendia de Leo... Você brigava feio com Leo porque o odiava, não por me amar mais.

Você mataria todos nós, nem se importaria com minha mãe.

De uma maneira quase estúpida, doeu tirar a vida dele, mas não dói tanto porque ele tiraria a vida de todos que amo, incluindo a minha.

Menos um, Katherine. Menos um e nós fomos os responsáveis por essa "justiça com as próprias mãos".

Conseguimos, mais uma vez.

Bônus 16

Pacientemente, Yankee olha para o garoto a sua frente. Ele aparenta ter menos de trinta anos, Yankee diria que tem vinte e cinco anos.

— Novo garoto de recado do Bertollini? — Yankee pergunta, observando o canto do lábio do garoto subindo, como se ele tivesse rindo da pergunta. — Alguma graça?

— Não.

— Qual o seu nome?

— Heitor. — ele responde, colocando a outra mochila em cima da mesa.

— Novo parceiro?

— Talvez. — dá de ombros. — Federais na área, então Fernando pediu para que eu entregasse as armas. Os federais não devem me conhecer.

— Nem eu conheço. De onde vem? Nome completo? Idade...

— Fernando, é para ele que estou trabalhando.

— O garoto é insolente? — Yankee levanta da cadeira. O garoto na sua frente pode ser mais novo e ter mais músculos, mas nada vai impedi-lo de enfiar uma bala na cabeça de Heitor, caso for necessário. — Essa área, ela é minha. Uma palavra errada, e eu acabo com você.

— Disse a verdade. — Heitor dá de ombros, mostrando que pouco importa. — A verdade para quem trabalho.

Soltando um riso debochado, Yankee volta a sentar na cadeira.

— Porto Rico. Temos o mesmo sotaque. — rindo mais um pouco, Yankee admite. — Gostei de você, confesso.

— Por quê?

— De uma maneira esquisita, gosto de quem me desafia de frente. Já ouviu falar de mim?

Com relutância, Heitor confirma.

— Então sabe de tudo o que faço, ou melhor, do que a Sangre Latino faz.

— Tráfico e drogas e armas, sequestros, extorsões, mortes, vingança, membros decepados, tortura, ocultação de cadáver...

— Tudo sem mostrar meu rosto. Você sabe muito da Sangre Latino, será que quis entrar algum dia?

— Não.

— Gostaria de entrar? — Yankee observa Heitor com mais atenção. —

Pode lutar? — ele nota a falta de um dedo mindinho. — Será que alguém te torturou ou você sofreu um acidente?

— Talvez.

— Talvez o quê?

— Talvez eu tenha sido torturado. Talvez eu tenha sofrido um acidente.

Yankee ri mais uma vez.

— Você me lembra de algumas pessoas e gosto disso.

O comportamento de Heitor faz com que Yankee lembre de Ísis, Sara e Gabriel. Três pessoas que sempre são desafiadoras, quase nunca respondem o que Yankee quer, não demonstram sentir medo...

— Nos conhecemos de algum lugar? — Yankee olha para Heitor com mais atenção.

— Talvez.

— Sabe responder afirmando ou negando?

— Talvez. — Heitor sorri, Yankee faz o mesmo.

A conversa é interrompida quando burburinhos começam a ser escutados.

Yankee levanta rapidamente, pegando uma arma e saindo da sala. Quando sai da sala, encontra alguns homens rodeando algo.

— Yankee, não acreditará no que mandaram em plena luz do dia. — Ulisses chama.

Se aproximando mais, Yankee vê uma caixa de presente, com um laço vermelho em cima.

— Verificamos, não é uma bomba. — Ulisses abaixa e abre a caixa. — É a cabeça de Javier.

Yankee olha para a caixa, vendo a cabeça daquele que poderia ter sido seu melhor amigo. A cabeça está suja de sangue, os olhos estão esbugalhados, o rosto está roxo. No nariz tem marcas de sangue, assim como na boca. *Deve ter tido hemorragia*, Yankee pensa.

— Veio com esse bilhete, alguém digitou. — Ulisses mostra o papel dobrado.

— Viram quem trouxeram?

— Um carro parou e dois homens desceram para fazer um orçamento de pneus, quando saíram, a caixa estava na calçada. — Ulisses responde. — Verificamos antes de abrir a caixa e encontramos isso.

Desdobrando o papel, Yankee lê as letras em negrito:

"Olá, Yankee. Como disse uma vez, conseguimos mais que vocês. Então, é isso. Um já se foi, outro está comigo, faltam outros. Mesmo que não queiram, apenas aceitem e respeitem que estamos nessa luta de igual para igual. Cada um em seu canto, ajudando. Só quis mostrar o nosso valor.

K. K. G. J. J."

Yankee sorri ao ler as letras. Katherine. Karen. Gabriel. Jean. Jesse.

— Devemos nos preocupar com isso? — um homem pergunta.

— Não, devemos sorrir com isso. — Yankee responde. — Menos um traidor na terra.

Yankee olha para Heitor, depois para Ulisses.

— Essas armas serão presentes. — Ulisses concorda com Yankee. — Serão entregues para quem fez isso, para quem matou Javier. Não é como queríamos, mas aposto que ele sofreu muito. Como agradecimento, todo o armamento que recebemos hoje, será dado a essas pessoas.

Todos concordam, enquanto fazem o grito de guerra deles.

Crianças precisam crescer, muitos deles longe dos pais. Com Sara foi assim, saiu de casa cedo para trilhar seu próprio caminho, mesmo que Yankee odiasse Brian, ele não se meteu naquela história, se fosse para quebrar a cara... Sara teria que aprender com a vida. E ela acabou se dando mal, por esse motivo, Yankee entrou na história, mas quando era apenas a infidelidade de Brian, ele não falou nada.

Assim como os netos, ele fez o mesmo. Poderia treinar Gabriel, mas ele preferiu sair, ele não poderia impedir, tampouco poupa-lo da surra de saída. Não pode dar privilégios só por causa do parentesco.

Também nuca duvidou de nenhum deles. Não apoia-los é algo bom. Yankee não teve apoio para ser quem ele é. Entrou na Sangre sobre protestos, seu pai preso não mandava em nada, seu filho que tinha que impor seu lugar.

Então se Karen, Kat e Gabriel querem lutar, mostrem seu valor. Não abaixem a cabeça para ninguém, não fiquem magoados por falta de apoio, a vida é assim. Eles precisam crescer. Será um merda se a cada dificuldade, eles correrem para pedir ajuda.

Daniel, desde cedo, se virou sozinho para cuidar da irmã doente, sem pedir ajuda, já que Nicole tinha um certo medo de Fernando, Daniel ainda saiu por aí tentando achar respostas e descobriu sobre Milla; até Leo saiu das costas do pai e foi fazer tudo por conta própria (algumas mentiras contadas, que, quando descobertas, fez com que ele foi expulso, como deve ser feito), mas Leo

procurou por Marco, conseguiu descobrir esconderijos de Yoshida, antes de tudo isso, Leo passou por testes e passou.

Com os outros não seriam diferente, ainda mais sendo que eles preferiram montar uma gangue.

Esse é o acordo da "velha guarda", como diz Katherine. Se os mais novos querem mostrar força, mostrem, mas mostrem sem qualquer ajuda, sem qualquer birra, sem qualquer fraqueza de pedir ajuda. E eles, realmente, estão passando no teste.

Como uma felicitação pelos feitos, Yankee vai ligar para Gabriel para poder entregar alguns fuzis, metralhadoras e granadas. Se tiverem um bom lugar para escondê-las, será melhor. Pelo menos, um bom arsenal pessoal eles terão.

(...)

— Liguei para minha filha, ela assinou o divórcio. — Bartolomeu, o pai de Amélia, diz, entregando o papel a Fernando.

— Meu filho falou comigo mais cedo. — Fernando guarda o papel. — Sua filha e sua mulher foram bem...

— Peço desculpas por aquilo.

No subsolo da sua casa mais isolada, Fernando encara Bartolomeu. Sorrindo, Fernando muda o olhar para Marco, que apenas confirma.

— Espero que elas não causem problemas.

— Com certeza não causarão. Sinto muito por minha filha ter dado tanta dor de cabeça a Gabriel, ao ponto de quebrarem o contrato e ele pedir o divórcio.

— Você está tão manso, Bartolomeu. Lembro muito bem quando você veio exigir o casamento, quando seu filho bateu no meu por ele ter transado com Amélia.

— Era para ela ser do Giovani.

— Chegamos ao ponto onde quero. — Fernando levanta da cadeira e afrouxa o nó da gravata. — Estava pensando um pouco e cheguei à conclusão de que você nunca falou sobre o meu filho casar com a sua filha, diferente de outros pais que queriam essa união, mas sempre respeitei a vontade de Gabriel. Depois que a confusão foi feita, você continuou odiando meu filho. Se bem me lembro, você fez inúmeras ameaças e exigiu a expulsão dele. Depois, você votou na

minha saída da Nostra, depois de mais alguns meses, você disse que meu filho deveria casar com sua filha para que tivéssemos poder lá dentro.

— Estratégias, Fernando.

— Sim. Porque Giovani é filho de Yoshida, você queria ficar unido a ele...

— Não! — Bartolomeu nega rapidamente. *Rápido demais.*

— Como descobriu que Giovani não é importante, se uniu comigo. Para que quando eu tivesse a Nostra novamente, sua filha e sua família ficasse ao meu lado.

— Não tem nada a ver, Fernando. Você errou, nos enganou, quebrou a regra. Milla foi traficada, morta...

— Poupe-me, Bartolomeu. Sua morte demoraria mais, mas sua filha mexeu com meu filho e a namorada dele. A filha de Marco, para ser mais exata.

— Tem coisas que odiamos, Bartolomeu. — Marco se aproxima, ao lado de mais dois homens. — Odiamos traidores, pessoas que trocam de lado quando lhes convém, e pessoas que mexem com nossa família. Você fez tudo dessa lista.

— Eu ajudei, disse quem traíram vocês.

— Obrigado pelo serviço prestado. — Fernando sorri com escárnio. — Nem tente pegar uma arma, você tirou quando entrou nessa sala. Eu não fiquei anos na liderança a toa, não continuo lutando mesmo sem a máfia à toa.

Marco faz um sinal com a mão, e a porta é aberta, o único filho homem de Bartolomeu, que tem vinte e dois anos, é jogado no chão. Bartolomeu tenta sair da cadeira, mas os dois homens que estavam ao lado de Marco, o seguram no lugar.

— Seu filho também é traidor, o melhor amigo de Giovani...

— Amigos, não aliados. — Bartolomeu corrige Marco.

— Isso mostra o contrário. — Fernando pega o celular do filho de Bartolomeu, onde lê a mensagem. — "Kat levou um tiro no ombro, por pouco não matei a vadia". E seu filho respondeu em seguida. "Não mate a Kat, deixe-a para mim, adorarei estupra-la na frente de Gabriel, ele me deve um dente e nunca pagou, eu pegarei a namoradinha dele e depois o mato". O que seria da Nostra se não fosse nossos filhos? Como ele deixa uma mensagem dessa assim? Para ser lida facilmente?

Bartolomeu olha para o filho, que nem tem coragem de olhá-lo de volta.

— Ele errou...

— Nem adianta, Bartolomeu. — Marco corta o assunto. — Nós faríamos isso mais cedo ou mais tarde, preferimos fazer agora.

Um homem pega a mão do garoto e coloca para frente, em cima do chão. Outro pisa no braço e Marco pega um machado, cortando a mão do garoto. Marco pega a mão e joga em cima de Bartolomeu, que grita todo seu medo nesse momento.

— Eu não tenho respostas, se é o que querem! — Bartolomeu grita. — Minha filha já assinou o divórcio, ela não atrapalhará a vida dos filhos de vocês.

— Exatamente, eu me certificarei disso. — Fernando tira a camisa, assim como Marco. — Se eu souber que Amélia fez algo, eu mando uma pessoa ao encontro dela e da mãe.

— Ela não fará nada. Faço tudo o que pedirem...

— Não queremos nada de você, porque se você soubesse de algo, não teria se unido conosco. — Marco esfrega o sangue do garoto no rosto de Bartolomeu. — Você se uniu a nós, porque perdeu a força, porque não confiam em você. Você foi traído, como nós fomos. E traidor não tem piedade aqui. Nem você, nem o seu filho.

Marco volta para o garoto, dessa vez, com um facão na mão. Com dois movimentos rápidos, a cabeça do garoto rola um pouco para o lado.

Os gritos de Bartolomeu são ensurdecedores.

— Dói, não é? Essa foi à dor que senti ao saber o que sua quadrilha quer fazer com as nossas famílias. — Marco entrega o facão a Fernando. — Eles farão coisa pior e você sabe, você se uniu a eles.

— Se Amélia e a mãe ficarem quietas, bom para elas. Caso contrário, uma pessoa falará com elas e elas sofrerão. Tenha certeza, essa pessoa será pior do que eu e Marco. Katherine vai amar fazer algo contra Amélia e a mãe dela.

— Não...

Sem terminar a frase, Fernando enfia o facão no pescoço de Bartolomeu, fazendo o sangue esguichar. Depois, ele dá o golpe. O golpe arrancando a cabeça de Bartolomeu.

— Menos dois da Nostra. — Marco diz, apertando a mão de Fernando.

— Não queria atrapalhar vocês. — Victor entra na sala, olhando rapidamente para as cabeças no chão. — Daniel recebeu uma encomenda. — ele sorri. — O braço de Javier, sabemos que é dele porque tem a tatuagem com o nome de Isabella e Yankee recebeu a cabeça.

— Katherine? — Fernando pergunta.

— Junto com Karen, Gabriel, Jesse, Jean e outras pessoas.

Fernando ri, junto a Marco.

— Parece que algumas pessoas passaram no teste. — Marco sorri ainda

mais. — É estranho sentir orgulho disso.

— Se for, somos estranhos, porque sinto o mesmo por eles. Montaram a gangue que tanto queriam, tudo sozinhos.

— Armas...

— Yankee dará as que Heitor entregou. — Victor informa.

— Nossos filhos caçulas cresceram, Marco. Cresceram e mostram para o que vieram. Sempre soubemos que sentiríamos orgulho deles, que eles não seriam como os outros filhos.

— Eles lutam pelo espaço deles, e o espaço deles não é conosco. Mesmo que quiséssemos, sabemos que eles não ficariam tão bem em algo nosso, são independentes demais para seguir nossas regras. — Marco concorda. — É um tanto triste, mas eles trilham os próprios caminhos.

— Uma hora tinham que montar outra organização. — Fernando sorri mais uma vez. — Parabéns para eles. Eles conseguiram sem qualquer ajuda nossa, do jeito que quisemos. Eles lutaram por conta própria e venceram uma das principais batalhas, mataram um traidor e prenderam o filho do chefe. Eles fizeram mais que todos nós, isso só mostra que eles são melhores.

Capítulo 37

Gabriel

Arrumo o pão, depois, o refrigerante na bandeja.

— Cara, quando eu casar, quero uma mulher igual a você. — olho para Jean, que está com a perna esticada em cima do sofá.

— Só por essas palavras, você vai preparar essa merda sozinho. — jogo o pão nele.

— Ah, qual foi? Eu levei um tiro.

— De raspão. — Jesse corrige, enquanto come um pedaço. — Você está com frescura para que receba cuidados.

— Frescura? Eu levei um tiro por todos nós, mereço um belo café da manhã na bandeja.

Olho para Karen, que entrega o café da manhã dela para Jean.

— Obrigado, você é uma boa menina.

— Agora sou uma boa menina, ontem eu era a "*demônia* de cachos".

— O que aconteceu ontem? Estava cortando uma cabeça, nem vi. — dou de ombros, enquanto os outros apenas sorriem. — Sério, o que aconteceu?

— Eu disse para sua irmã, que aquela merda estava ardendo...

— Estava limpando o ferimento de Jean, aquilo tinha que ser feito.

— Sua irmã estava limpando meu ferimento como uma pessoa bruta, sem amor no coração. Pior que as enfermeiras estavam ocupadas e Karen mandava eu "parar de frescura". Só porque eu disse um "Ai".

— Você gritava feito um idiota, fez um escândalo.

— Aquela merda doeu, Karen. Sua irmã, Gabriel, ela pegou o frasco do "limpa ferida", que era álcool, tenho certeza disso, e jogou tudo na minha coxa.

— Antes disso, ele reclamou sem parar e queria uma droga para ficar melhor, depois que neguei, me chamou de "*demônia* de cachos". Fui lá e joguei o frasco todo em cima da ferida, não me arrependo.

— Eu só saio por duas horas e minhas crianças já brigam!

— Gabriel, se for para brincar de família, o pai sou eu, eu sou mais velho que você e Jesse.

— Você não sabe cuidar de você mesmo, Jean.

— Karen, garanto que não jogaria nada na ferida de uma pobre pessoa que precisa de ajuda.

— Sabe o que reparei? O nosso pouco tempo com Kat nos fez virar dramáticos. — Jesse fala, com a boca ainda cheia.

— Ela até que parou mais esses tempos. Mas vai voltar a ser como era em breve. — *eu espero*. — Se bem que ainda tem a coisa com Cassie.

— Nem posso vê-la. Meus pais sumiram, odeio chama-los assim, mas vocês me entenderão mais se eu falar dessa maneira. Tia Dianna e tio Arthur estão no processo da guarda.

— Será que não tem como pega-los quando forem passar a guarda definitivamente? — Jesse pergunta.

— Não, pelo que entendi, o processo está todo para meus tios, os meus pais não precisam mais comparecer. Eles desembolsaram um bom dinheiro para isso acontecer, o cara responsável pela papelada da guarda, era um grande "amigo" da Nostra. E meus pais foram espertos, fizeram tudo antes mesmo que eu pudesse falar algo com meus tios, se fosse depois, Arthur os pegariam.

— Então temos quatro pais sumidos. — Karen olha o papel. — Os de Cassie e Jean, e os de Giovani.

— Acho interessante, você e Kat fizeram uma lista de quem devemos matar. — faço a minha observação.

— É interessante fazer algo assim.

— *Demônia* de cachos, já matou alguém? — Jean pergunta. — Sem ser a sua vontade de me matar nessas últimas horas?

Karen senta no sofá e liga a TV.

— Você já matou? — vou até ela.

— Talvez.

— Quem?

— Quem mereceu.

— Por que nunca falou nada?

— Você nem estava em casa, quando voltou foi casar, depois entrou na Sangre...

— Isso não é algo para ser escondido.

— Não escondi, Gabriel. — olha para mim. — Só não falei. Você perguntou e contei a verdade, seria mentira se eu dissesse que "Não".

A menininha matou uma pessoa. Cara, eu nunca imaginaria isso. Ela só tem... Ok, fizemos muitas coisas nessa idade, sem julgamentos. Isso só mostra quanto Karen é boa.

Estou ficando bom na matéria de "Não julgar", não que eu julgasse antes,

mas, certamente, eu teria feito uma confusão sobre essa confissão, agora, não mais.

Pego a bandeja e vou em direção ao quarto que durmo com Katherine. Abro a porta usando todo o meu equilíbrio e encontro a cama vazia. Fecho a porta e coloco a bandeja em cima da pequena cômoda.

— Bom dia, *mamalido*. — Katherine me abraça por trás.

— Bom dia, pessoa que sabe que odeio essa palavra e chama mesmo assim.

— É fofo, *mamalido*. — viro-me para ela, encontrando-a apenas vestida com uma calcinha preta e um sutiã da mesma cor. — Você passou de *momolado*, para *mamalido*.

— Já escutou falar de fio dental? — pergunto, analisando sua pouca "roupa".

— Sim, passo sempre em meus dentes. Para ter bom hálito na hora de trocarmos salivas. Para minha saliva ser tão boa quanto a sua.

— Não falo disso. — bato em sua testa. — Falo do tipo da calcinha.

— O que tem contra minhas calcinhas?

Katherine vira a cabeça para trás, tentando olhar para a própria bunda.

— É calcinha de gente pura. — coloca a mão no peito, como se tivesse ofendida.

— Deixe-me te deixar suja.

— Sujar minha calcinha é nojento. — faz uma carranca de nojo.

— Eu falei de te sujar com meus...

— Não fala! — grita.

— Mas é sério, sua bunda ficaria mais...

— Por que fala tanto da minha bunda?

— Ela é muito grande para não ser falada!

— Fale da minha inteligência.

— Também é sexy, mas a sua bunda é mais.

Katherine abre a boca, mas não diz nada.

— Ninguém mandou ficar seminua na minha frente.

— Isso não te dá o direito de falar da minha bunda.

— Dá sim!

— Não dá! — ela bate em meu peito.

Seguro suas duas mãos e viro-a de costas para mim, apertando suas mãos na frente do seu corpo.

— Você me bateu?

— Sou uma diva gangster, *mamalido*. — rosna. — Acostume-se que bato quando quero.

— Está nas minhas mãos agora, diva gangster. — sussurro em seu ouvido. — Do seu futuro marido, do seu parceiro gangster.

— Não estou nas suas mãos!

Katherine tenta se debater, mas eu a seguro bem apertado contra o meu corpo.

Agarro-a e levanto o seu corpo, dou poucos passos e já estou pressionando-a na parede.

— O que você está fazendo?

— Provando meu ponto de vista, provando que estou certo.

Solto um dos seus braços e com minha outra mão, abaixo a sua calcinha.

— Mas o que... — ela se cala quando dou um forte tapa em sua bunda.
— Você não está sendo os caras dos livros!

— Que caras de livros?

— Livro de gente safada, Gabriel! Eles fazem safadezas, como punir a garota com tapas na bunda.

— Você me bateu!

— E vou bater de novo! — dou outro tapa na sua bunda. — Eu vou te matar! — outro tapa. — Vai me bater a cada ameaça? — bato novamente. — Eu não ameacei!

— Mas eu quero bater!

— Bata na sua cara antes que eu bata!

Bato novamente.

— Ficaremos o dia todo aqui e provarei meu ponto.

— Que merda de ponto quer provar, Gabriel?

— Que você está excitada!

— Eu sou assexuada.

— E por que está molhada?

— Tomei banho!

— Não enxugou? Sei que devemos enxugar as partes...

— Eu enxuguei!

— E por que está molhada? Você empinou a bunda e eu vi...

— Você viu a minha vagina a fundo?

— Quase isso. — *se fosse menos estranha, eu já teria feito muito mais do*

que ver, no entanto, nem isso você deixa. — Mas o que vi, prova que você quer *coitar*, só não sabe como agir nos momentos...

— Eu devo ter feito xixi...

— Você está com tesão!

— Não tenho "T" grande!

— Tem e estou vendo claramente.

— Você me bateu, não dá para ter "T" grande com alguém te batendo.

— Tem sim e você é a prova disso.

Aproveitando minha distração, Katherine consegue sair do meu aperto, mas não vai tão longe, porque tropeça na sua calcinha, que estava no meio da sua panturrilha.

— Ainda fez uma armadilha para que eu quase caísse. Seu predador sexual! — coloca a calcinha de volta no lugar.

— Aceito o elogio.

— Não *coitaremos*, Gabriel! — sussurra. — Será que alguém pode escutar?

— Estão na sala, tenha certeza, se tivessem por perto, eles já teriam rido de qualquer palavra dita por nós dois. Somos o pior casal de todos.

— Somos mesmo, Gabriel! Eu estava sendo uma fofa com você e você veio falar de calcinha, bateu na minha bunda...

— Bundão.

— Meu lindo bundão! — ela vira de costas e rebola a bunda de um jeito esquisitamente sexy, não era para eu achar sexy, mas é sexy. — Você não entrará aqui, seu depravado! Nem uma calcinha será enfiada aqui...

— Quero enfiar outra coisa.

— Meu bundão, minhas regras!

— Podemos entrar em um acordo.

— Deixe-me enfiar o controle remoto na sua bunda, então.

— Outro acordo. Você pode colocar a boca no meu p...

— Vá à merda, Gabriel! Eu matei o meu avô ontem e você faz diálogo de gente safada?

— Nem vem, Katherine. Você matou, derramou duas lágrimas, me viu cortando a cabeça de Javier e o braço, depois derramou uma lágrima, tomamos banho, voltamos para casa, você jantou tudo o que viu pela frente parecendo uma porca no chiqueiro, se lambuzando toda...

— Você quer meu bundão e agora me chama de porca?

— Eu não me importo de comer uma porca, amo carne de porco! É muito gostoso!
Do mesmo jeito que você é gostosa!

— Você é o pior *mamalido* do mundo!

— Voltando ao assunto, você fez tudo isso e nem reclamou, então, não coloque o dia de ontem para camuflar o seu desejo de *coitar* comigo.

— Eu não quero *coitar*, meu querido. — ela cruza os braços, abaixo dos seus seios. O aperto faz com que eles fiquem maiores. — Não olha meus peitos!

— Seios!

— Peitos!

— Seios!

— Peitos.

— Dane-se, eu vou...

— Não fale que fará algo com meus seios!

— Farei algo com seus pei..

— Nem com meus peitos!

— Tetas!

— Além de porca agora sou uma vaca?

— Amo carne de vaca!

— Não sou vaca!

— É uma assexuada gostosa, que quer *coitar*...

— Não coitaremos!

— Quando coitarmos, espero que vire uma maníaca sexual.

— Não serei maníaca sexual, sou uma maníaca sangrenta.

— Podemos *coitar* selvagememente.

— Eu desisto de nosso diálogo, Gabriel. Desisto!

Ela senta na cama, e pega a bandeja que trouxe.

— O seu homem fez café da manhã para você, agradeça...

— Obrigada, *mamalido*. — ela levanta da cama e me abraça, depois, morde meu lábio com força. — Eu te mordi por falar merda.

— Sua mordida me deixou com mais te...

— Eu te odeio! — bate em meu peito novamente.

— Quer levar uns tapas na bunda novamente? — ela corre para longe. — Senhora gangster está com medo de ceder?

— Estou com medo do meu bundão ser espancado novamente, deve estar

marcado com sua brutalidade e selvageria.

— Não espancarei seu bundão novamente, não com minha mão. — sorrio.

— Aquele maldito sorriso. — Kat fecha os olhos.

— Quê?

— O seu sorriso, ele é... Feio! Como você é!

— Não ligo para beleza, Kat. Não sou o cara que fica se achando, sabe disso. O que me deixa bem... — penso no que dizer. — Orgulhoso, é ver a garota que tenho ao meu lado. Que eu tenho a melhor namorada e futura esposa do mundo.

— Ah, que fofo! — ela corre e me abraça. — Perdoei o seu diálogo de gente safada.

— Perdoe o meu diálogo com sua boca no meu...

— No seu lábio. — ela tenta me parar.

— A minha boca em seu lábio. — ela sorri. — Não o lábio da boca.

— Que outro lábi... Vá à merda! Isso é nojento.

— Não é nada!

— Você já fez isso? — ela me encara como se fosse me matar.

— Passado é passado, Kat.

— Você já colocou a boca onde faz xixi? Que nojo!

— Não é nojento se a mulher for limpa e cheirosa como você.

— Você nunca cheirou lá...

— Se não fosse cheirosa, eu sentiria a cada vez que fica nua perto de mim.

— Não acredito que estamos falando de cheiro de onde as mulheres fazem xixi.

— Eu também sou limpo, só para constar.

— Eu não vou fazer nada, Gabriel!

— Quando você estiver pedindo "mais forte" e "mais rápido", eu vou fazer tudo ao contrário, só para provar que eu sempre estive certo! Que você quer *coitar* comigo, assim como eu quero *coitar* com você.

— Pedirei para sair de cima de mim.

— Já sabe que ficarei por cima? — sorrio.

— Maldito sorriso, maldito sorriso. Ele quer me derrubar com essa merda de sorriso, mas não vai. Eu sou forte, mato gente. Sorriso nenhum vai me derrubar.

— Será que meu sorriso é seu ponto fraco?

— Eu vou comer.

— Eu te comerei!

Katherine esperneia e volta para a cama.

— Hambúrguer e refrigerante como café da manhã? — olha para mim.

— Tenho um ótimo *mamalido*.

— Quando *coitarmos* verá como sou um ótimo *mamalido* em todos os sentidos.

— Eu vou voltar para meu café da manhã regado a calorias.

— Para deixar seu bundão e seu coxão maior.

— Ou minha barriga...

— Será bom também.

— Eu já tenho uma *pancinha*, Gabriel.

— Se tiver mais, servirá como meu travesseiro pessoal.

— Você quer me engordar?

— Gordinhas são lindas, mas você será a melhor de todas.

— Já me chamaram de gorda, por eu ter bundão, coxão e *pancinha*.

— Eu sempre te chamei de gostosa. Tentei dizer que era minha irmã, mas, cara, a cada empinada...

— *Mamalido*, você não conhece a palavra "limite".

— Não faço a ideia do que seja.

Kat mostra a língua para mim.

— Pode colocar a língua em outro lugar...

— No meu hambúrguer.

— No meu...

— Nem fale nada.

— No meu canudo que trouxe, você que fez duplo sentido, Kat. Não eu.

— Acreditarei nisso, Gabriel. Olha só. — ela abre o hambúrguer. — Carne, alface, tomate, ovo frito, bacon frito, queijo, maionese, ketchup e mostarda. Alguém quer me dá um entupimento de veia.

— Uma bela caloria para uma ótima gangster. Fiz especialmente para você.

— Te amo por saber que o meu melhor prêmio seria comida

— Te amo, mesmo que não entenda que meu melhor prêmio, seja que você vire minha comida.

— Você não perde uma.

— Jamais!

— Arrume-se, *mamalido*. Precisamos fazer algo, assim, metade da minha tensão acabará.

— Você cortou meu tesão.

— Me ver lambuzada de molho te dá "T" grande?

— Eu me imagino te lambuzando...

— Voltando ao assunto. — fala mais alto. — Preciso falar com minha mãe. Contar que matei o pai dela.

— Vai contar mesmo?

— Você e Guerrero disseram que eu poderia esconder isso, dizer que foi Guerrero que o assassinou, mas não quero. Não quero viver enganando minha mãe. Eu fugi de casa porque não contam nada, eu não virarei um deles. Contarei a verdade e espero que ela me entenda.

— Tenho certeza que ela vai. Você matou uma pessoa que queria destruir toda a família e amigos de tia Isabella. Se ela vai ficar chateada com você, ela ficará pior por causa de Javier. Se ela ficar pior com você, internaremos tia Isa no hospício.

Kat ri.

— Espero que ela me entenda. Minha mãe me deu armas brancas para lutar, fiz o que ela mandou. Não tenho arrependimento algum, apenas medo do que minha mãe vai pensar de mim. Apenas isso.

Capítulo 38

Gabriel

— Fará isso sozinha? Tem certeza?

— Nada melhor do que contar que matei o meu avô para a minha mãe, logo após o nosso troço bizarro do *coito*.

Rio, enquanto dirijo para a casa dos nossos pais.

— Kat, um dia coitaremos? — escuto seu resmungo. — Só para saber mesmo, para eu preparar a minha mão para os futuros calos.

— Cara...

— Por favor, Kat, só responda.

— Eu não sei. Eu sinto algo que você disse que é um "T" grande, ok. Mas, e aí? O que vem depois? Eu deveria arrancar suas roupas, certo? Eu travo, Gabriel. Eu nunca quis *coitar*, então é tudo novo para mim.

— Então posso pensar que *coitaremos*?

Kat não responde e olho para ela, apenas para vê-la apertando as coxas uma na outra.

Estamos quase lá, Kat. Vem, deusa maníaca sexual! Você será como eu, Kat. Eu sinto.

— Você é um viciado em *coito*? — finalmente fala algo.

— Não, na verdade, nem fiz muito nesses meus dezessete anos. — falo a verdade. — Mas, Kat, olha o seu corpo, o seu bundão. Imagino você rebolando, subindo e descendo...

— Podemos fazer uma música...

— Nem mude de assunto, porque eu tive um sonho que me rendeu um tempo no banheiro.

— O que aconteceu?

Ela é tão inocente algumas vezes, é fofo... *Fofo? Merda de gente que ama, mas, dane-se! É sexy.*

Por favor, Kat. Precisamos coitar.

— Minha mão...

— Oh, entendi! — corta logo meu diálogo. — Qual a graça de fazer com você mesmo?

— Nunca sentiu vontade?

— De tocar em você?

— Também. — *nem era essa pergunta, mas a dela é melhor.*

— Parece uma cobra albina, só que reta e nem faz voltinhas.

— Albina? — *mas o quê?* — Nem sou tão branco.

— É mais branco que o cara do filme de gente safada que assiti, se bem que o dele tinha três cores.

— Que tipo de filme você assistiu?

— Fiz a mesma pergunta depois que terminou. Então, é assim que sua coisa é. Uma cobra branca...

— Ainda bem que não comparou com uma minhoca.

— É maior que a do cara do filme.

— Essa conversa aumenta o meu ego, e outras coisas mais.

— É meio rosa; reta, sem curvinha como as cobras...

— Não sou torto...

— Estamos falando do seu pênis? — agora ela entendeu que falou demais. *Isso, Kat, você me observou muito.*

— Gosto mais de falar da sua...

— Sem diálogo *coital*, Gabriel.

— Vamos *coitar* um dia? Só me dê à esperança ou a quebre de vez.

— Se eu disser que não? Sobreviverá com isso?

— Com a condição que fique nua, faça uma dança sexy, abra as pernas, para eu ter uma visão e depois eu mesmo faço o trabalho comigo mesmo.

— Cara, você é tão nojento!

— Ah, Kat! Diz que sim ou não.

— Quem sabe?

— Você tem que saber.

Katherine olha para mim como se fosse me matar.

— Se a minha vontade for mesmo de fazer xixi e eu fizer em você, provará que sou uma assexuada mesmo!

O segurança libera a nossa entrada no condomínio.

— Se fizer xixi em mim, significa que fiz um bom trabalho. E não será xixi, é algo melhor.

— Pare o carro que chegamos. — sem nem ao menos me esperar frear totalmente o carro, Kat desce. Freio o carro e desço logo atrás e já encontro Felipe brincando no meio da rua. — Moleque!

— Tio Gabriel! — Felipe corre na minha direção e me abraça. Carrego-o no meu colo. — Você e tia Kat estão juntos? — olha para Kat. — E Cruela?

— Mandamos ir para a merda, para ela se ferrar legal. — isso é Kat sendo doce na frente de uma criança. — Olá, criatura idiota como o pai. Nem fala comigo, mas fala com esse idiota, dois iguais.

— Não senti sua falta. — Felipe mostra a língua. — Eu não sou idiota, você que é doida!

— Melhor ser doida que idiota!

— Você não terá tio Gabriel.

— Idiota, eu já tenho. — Kat me abraça.

— Cruela foi embora mesmo? — confirmo. — Agora tia Kat é minha tia duas vezes. Ela é *bem mais melhor* que Cruela. Kat é tia diva.

— Eu te amo tanto, projeto de idiota!

— Eu não!

A bipolaridade desses dois é grande, por isso mesmo, eles se abraçam.

— Faz o que na rua essa hora? Sozinho? — pergunto.

— Não estou sozinho, Valentina está vindo para brincar comigo ali. — ele aponta para a grama, onde vejo as outras duas crianças.

— Será que alguém tem uma namoradinha? — Kat pergunta, e aperta a barriga de Felipe.

— Não troco salivas, tia. É nojento!

— Isso mesmo!

— Você é a prova viva que isso é nojento, não é Kat? — pisco um olho.

— Vocês trocam salivas? E você enfiou a sandália na bunda de tio Gabriel?

— Enfiarei um controle remoto na bunda dele, meu querido sobrinho.

— Isso é Kat e Gabriel. Não basta a preocupação do meu filho ser como o pai, agora tenho que me preocupar com esse diálogo estranho.

Giulia se aproxima.

— Você está mais gorda ou é impressão minha? — implico com ela.

— Eu disse que ela está engordando! — Leonardo se aproxima mais, apenas para receber um chute na perna, dado por Giulia. — Mas o excesso de gordura causa mais gostosura.

— Você disse que comer gordura faz mal. — Felipe fala.

— Olha o que você fez! — Giulia grita e coloca a mão na cabeça. O que será da minha irmã? Deve ter muita dor de cabeça para educar Felipe. Assim como meus futuros filhos. *Eu e Kat sendo pais... As crianças que se preparem.*

— Filho. — Leonardo chama a atenção de Felipe. — Eu como gordura

quase todo dia e não morri até hoje.

— Meu Deus, por que esse diálogo me persegue?

— Sinal que devemos fazer, Kat!

— Fazer o quê? — Felipe pergunta.

— Quando fizer treze anos, papai vai te levar para um lugar bem legal, com umas pessoas que te ajudarão, te ensinarão...

— Leonardo! — Kat e Giulia gritam.

— Verdades sendo ditas.

— Pai, tia Kat e Gabriel trocaram salivas!

— Sabemos da hipocrisia da sua tia. — Leo dirige um olhar acusador a irmã, Kat desvia o olhar.

— Leo, todos sabiam que aconteceria.

— Tipo eu e você, gordinha.

— Se me chamar disso de novo...

— Gravidez? — Kat muda de assunto. — Vocês *coitam* muito!

— Está grávida? — Leo olha para Giulia como se ela fosse um montro.

— Eu quero minha semente! — Felipe grita.

Giulia pega Felipe do meu colo.

— Não é gravidez. — ela grita.

— Eu não gosto de resguardo, ficamos anos longe, Giulia. Engravidar, não!

— Eu não estou grávida.

— Quem disse? — pergunto.

— Eu disse.

— Eu acho que vocês precisam procriar, para dar continuidade a Nostra. Felipinho, projeto de idiota, é o neto mais velho, o futuro chefe. Imagina o moleque mandando em tudo? Espero que seja como o pai em outras coisas, não na besteira. Que puxe aos avôs.

— O que é Nostra? — Felipe pergunta.

— Seu futuro emprego. — respondo.

— Eu quero trabalhar no carro do lixo!

— Você limpará o mundo, projeto de idiota, te garanto. Comprarei um carro para você jogar o lixo.

— Um caminhão! — Felipe abre os braços, mostrando o tamanho do caminhão.

— Isso, filho! Pensa grande, pensa que limpará o mundo e que precisa de

um contêiner maior.

— Esse é o pior incentivo que a Nostra já viu, Leo. — Giulia olha para Kat. — Alguém disse que essa pessoa aqui. — aponta para ela mesma. — Faltava fazer algo.

— Já sabe o que fiz? — Kat franze o cenho.

— Comentário do dia, mas sua mãe ainda não sabe, nem a mãe dela.

— Giulia disse que se eu não contasse, ela me mataria. — Leo diz, como se pedisse desculpas a Kat.

— Faz algo, Giulia. Mata esse irmão idiota...

— E eu *defendo ele*! — Felipe grita, colocando as duas mãos fechadas na frente do seu rosto, como se tivesse pronto para a briga.

— A Nostra estará em boas mãos. — fecho minha mão e toco na mão fechada de Felipe. — Nos dê orgulho, molequinho.

— Vou limpar o mundo com meu caminhão do lixo.

— Meu Deus! — Giulia grita. — Um dia esse menino mostrará que é centrado, sei disso.

— A esperança é a última que morre, Giulia. — lembro-a. — Então, vai lutar?

— Felipe, vá para brincar enquanto Valentina está terminando de tomar banho.

— Tá!

Felipe sai correndo, indo de encontro aos filhos de Heitor.

— Sua irmã matou uma pessoa. — Leo fala de uma vez.

— Como? — pergunta.

— Atirando no peito. — Giulia sorri com orgulho.

— Eu matei, gente! Matei!

— Diva! — Kat grita e abraça Giulia. — Como foi?

— Leo idiota recebeu uma ligação no meio do caminho, para matar alguém, estava perto e disse que queria ir. Jasmine me contou o que fez, fiquei curiosa, nosso pai sempre nos protegeu e, bem, até Karen faz algo. Me senti como uma merda, sendo a filha Bertollini mulher mais velha. Então, fiz Leo me levar. Ainda bem, ou seria uma viúva agora, porque tinha outro homem na casa e quase matou Leo, mas eu fui rápida e atirei no peito. Nada de mais, mas...

— Mas as mulheres enlouqueceram! — complemento.

— Sim, idiota! — Giulia bate em meu braço.

— Eu fiz muita coisa, não pode mais dizer que sou idiota e nem me bater.

— Bem-vindo ao meu mundo, Gabriel. — Leo exagera na dramatização.
— O mundo onde ainda somos taxados de idiotas.

— Você é idiota, Gabriel! — Katherine sorri. — E Leo também é.

— Eu vou conversar com meu pai, porque essa conversa está uma merda.
— falo.

— Você veio falar com nossa mãe? — Leo pergunta. — Contará a verdade?

— Sim. — Kat olha para mim. — *Mamalido*, deseja boa sorte?

— Boa sorte. — abraço-a e beijo seus lábios.

— Que estranho, agora eu penso em salivas sendo troadas. — escuto a voz de Giulia.

— Estou vendo minha irmãzinha beijando. Eles devem transar, Giulia.

Olhamos para Leo, parece que ele vai vomitar.

— Nós transamos, Leo. — minha irmã diz, como se isso fosse algo normal a ser falado na frente dos outros.

— Mas sou eu e você. Ela é minha irmã.

— Não deixa de ser uma humana com desejos sexuais.

— Como o meu desejo sexual por você?

— Provavelmente.

Eu e Kat estamos olhando esse casal estranho a nossa frente.

— Mas Kat disse que nunca faria sexo.

— Eu disse que te mataria, e você está vivo, Leo.

— E transamos quase todo dia, mas você é uma chata que diz que ser mãe cansa.

— Ah, claro, por que eu tenho que estar sempre pronta para você?

— É só deixar a perna aberta...

— Fomos trocados, é isso! — Kat grita. — Você. — aponta para mim. — E Leo são irmãos, eu sou irmã de Giulia. Você e Gabriel têm diálogos estranhos.

— Isso é tesão, Kat. — falo.

— Não fala isso perto da minha irmã!

— Você disse para a minha irmã deixar as pernas abertas.

— Mas Kat não abrirá as pernas para você.

— Leo, não precisa, tem uma posição que...

— Tchau para vocês, idiotas de merda, que pensam em *coito* mais que em outras coisas. Tchau! Vou contar para a minha mãe que matei o pai dela. Seja rápido com sua conversa Gabriel, deixe a porta do carro aberta e ele ligado, para

quando fugir de casa, eu sair correndo daqui.

— Nossa mãe vai entender.

— Espero que sim, Leo.

(...)

— Então matou o pai de Amélia e o irmão dela? — pergunto ao meu pai, que apenas concorda e mostra o papel do divórcio.

— Está livre, Gabriel. Quando me falou do escândalo de Amélia, eu adiantei todo o processo.

— Será que isso não te atrapalhou o seu plano?

Meu pai nega.

— Você é mais importante. Também estou esperando todas informações do tal Oswald. — meu pai mostra outro papel, o bilhete de Kat. — Eu recebi a cabeça, você cortou?

— Sim.

— Foi difícil?

— Não.

— Eu sabia que seria assim, que seria longe de mim. Pensei que fosse na Sangre, mas...

— Pai, mais reclamações?

Meu pai levanta da cadeira e vai até a estante, abre a gaveta e volta na minha direção.

— Quando eu peguei a liderança da Nostra, meu pai me deu duas armas. Engraçado, porque deu certo, uma para Daniel e outra para você.

— Daniel já recebeu?

— Quando fez dezoito anos, mas você já fez muito mais com apenas dezessete. É sua agora. — ele me entrega a arma. — Lembre as nossas aulas.

— Sempre lembro. Obrigado. — agradeço, enquanto deixo a arma em cima da mesa, para depois guarda-la. — Sempre lembro o senhor me ensinando, me gritando, reclamando, mandando prestar atenção...

— Daniel sempre foi mais sério, já você, qualquer coisa te distraía. Gritava mais com você do que ensinava.

— Eu era idiota, não sou mais.

Meu pai ri.

— Duvido, no entanto, você está mais responsável agora. Então, vai casar com Kat?

— Ela não quer casar, mas eu quero, nem que seja no civil.

Meu pai ri e volta a sentar na cadeira.

— Isso me lembra a chatice da sua mãe, "não vou casar com um mafioso". Mas a mulher teve a capacidade de deixar Karen fugir.

— As mulheres enlouqueceram, pai. Já disse.

— Sim, e Sara e Isabella não fazem nada por causa da gravidez.

— Por falar nisso, como está? — sorrio, ao relembrar minha constatação.

— Pai, eu serei como o senhor, estou tão orgulhoso.

— Fertilidade?

— Sim.

— E Kat quer sexo? Ela sempre gritou ao mundo o quanto isso é nojento.

— Ela diz que não, mas faremos. Não sou um Bertollini à toa, ganhamos nossas mulheres e ganharei Kat.

— É assim que devemos falar.

Meu pai fala isso agora, mas quando for Karen... Quero ver essa treta.

— Então, será que um dia contará quem está ao lado de vocês? — meu pai tenta indagar.

— Quem sabe um dia? — dou de ombros.

Eu tenho segredos, pai. Aceite. Estou dando o troco.

— Você sabe que tudo foi um teste?

— Teste? — inclino a cabeça para o lado, tentando entender a conversa.

— Sim. Gabriel, você, Kat e Karen. Um não prestava atenção em nada, explodia por qualquer coisa e nunca seguia regras. Kat, sempre sendo manipuladora, louca e implantou na cabeça que faria a gangue dela. Karen, sempre quieta, nunca mostrou interesse em qualquer assunto da Nostra. Três pessoas iguais em pensamentos e que não encaixariam em canto algum, porque nem na Sangre você ficou muito tempo. Acha mesmo que deveríamos apoiá-los?

— Sim! — respondo com convicção.

— Não! Gabriel, meu pai não me apoiou em nada, eu demorei anos para participar de qualquer reunião importante, eu tive que aprender a ser dessa maneira. — *agora pode fazer sentido.* — Acha que sempre fui chato desse jeito?

— O senhor não é chato!

— Claro que sou, sou sério demais, até Katherine tinha medo de mim até um dia desses. Viu só? Ela não tem mais medo, ela cresceu. Eu cresci, vocês também precisavam disso. Quando eu pedia ajuda ao meu pai, ele virava as costas e dizia que eu teria que arrumar um jeito de solucionar o problema, eu me irritava, mas conseguia resolver o assunto. Meu pai correu riscos comigo e Marco, mas ele me testou. Eu testei vocês. Querem a gangue? Façam sozinhos. Façam sem nosso apoio. Tenham raiva de todos nós para que possam provar que conseguem, e provaram, mataram Javier e ainda mandaram o braço e cabeça, em um plano que nem vimos quem entregou as caixas.

— Espera está com orgulho de Gabriel Bertollini? É isso?

— Sempre tive orgulho, você só precisava ser melhorado ainda mais.

Meu pai tem orgulho de mim. Se não fosse quebrar essa áurea de "sou um macho alfa", eu derramaria o suor hétero pelo olho agora. Ao invés disso, apenas sorrio disfarçadamente.

Por dentro eu grito que meu pai tem orgulho de mim. Primeiro Daniel, Yankee, Victor e agora meu pai!

Eu sempre pensei que eles me achariam idiota para todo o sempre. Mas não... Provei o contrário.

Orgulhei a velha guarda e o futuro sucessor da Nostra, porque Daniel comandará. A Nostra voltará para os Bertollini e Vesentini.

— E Amélia? — ele muda de assunto. — Ela assinou o divórcio e matei o pai e o irmão dela, ela vai desconfiar. Porém, eu a puniria. No passado, Gabriel, eu cometi um erro. Subestimei a raiva de uma mulher que jurava me amar. Não pude matar Milla por causa da regra da Nostra, deixei-a viva. Então, se Amélia e a mãe fizerem algo contra você e Kat, não cometa o mesmo erro que eu. Acabe logo com essa história.

— Eu farei, não pensei diferente. Se Amélia e a mãe tentarem algo, eu farei algo. Provavelmente, eu e Kat faremos algo.

Capítulo 39

Katherine

Entro na casa dos meus pais e a sensação nostálgica me arremata.

Mesmo que não tenha passado muito tempo aqui, ainda me sinto parte disso. Ali, o sofá, o lugar onde enchia minha mãe de perguntas sem sentido, para que ela se distraísse e esquecesse de reclamar comigo, onde víamos fotos e vídeos para meu pai relembrar o passado...

Agora a casa está vazia. Meus pais saíram e Leo abriu a porta para que eu entrasse, perguntou se queria a sua companhia, mas neguei. Quero um tempo sozinha, antes de contar a verdade para a minha mãe.

Subo as escadas, indo em direção ao meu antigo quarto. Abro a porta, encontrando o meu quarto do jeito que deixei, arrumado, com a Cléo ainda em cima da cama. Sorrio, aproximando-me da cama.

— Mamãe te esqueceu, Cléo. Sinto muito. — abraço-a. — Me ajudou tanto e te esqueci, perdoe-me por isso.

Vou até o meu antigo closet e pego a maior mochila que tenho, volto e começo a guardar a Cléo, com todo o meu cuidado, depois, coloco toda a minha coleção de bonequinhos, de carrinhos... Eu mudei de vida e de casa, está na hora de me mudar por completo.

Na verdade, toda essa arrumação é para me distrair do grande momento da verdade.

Mãe, seu pai era um traidor e eu o matei. É simples e rápido. Ela vai me matar? Talvez. Vai me deserdar? Muito provavelmente.

Matar Javier me fez derramar umas três lágrimas, nada de tão grandioso. Depois eu tomei banho e jantei. O meu sonho daquela noite foi maravilhoso. Pensei até que poderia ter algum pesadelo, mas não, eu sonhei com Gabriel.

Quer dizer, agora eu penso se tudo isso é causado pela genética da parte do meu pai. Matei, não me arrependo, não sofro, estou normal, sorrio, brinco... Tudo normal na minha vida. Para falar mais a verdade, eu não sonhei com Javier, eu sonhei com Gabriel me coitando.

SIM, GABRIEL ME COITANDO!

Sua cobra albina entrava em mim e eu gostava, eu gritava por mais. Eu e Gabriel trocávamos salivas na hora do *coito*, pior, eu brincava de pula-pula em cima da cobra albina e Gabriel apertava meus peitos. Eu só sei que acordei com febre, meu corpo estava pegando fogo, e com uma pressão ridícula no meio das

minhas pernas, fiz xixi e deu um certo alívio, mas continuou, piorou depois que Gabriel me prensou na parede e bateu em meu bundão. Eu estava sem calcinha e sua palma da mão teve muito contato com minha pele exposta!

Foi estranho. Mais estranho ainda é que não sei o que fazer. Qual é o meu problema? Eu não sei! Talvez eu deva ir a um psicólogo especializado em *coito*, para ele falar algum diagnostico e solução, porque eu tenho algum problema, sei que tenho.

Eu sinto toda essa coisa que todos juram que é o "T" grande, mas não sei prosseguir. Gabriel é tão... Tão... Tão... Gostoso? Essa palavra é bizarra. Sexy? Sei lá! Gabriel é tão... Ah, só sei que VEM GABRIEL!

Não sei prosseguir, mesmo com tudo isso. Travo, arrumo desculpas, corto o diálogo safado. Mas a sua cobra albina me chama, ela diz: "Vem, Kat. Pega nessa cobra albina", mas recuo.

Vai ser como o meme do trem e do túnel, eu sei que vai! Vai doer, vai sangrar, vai me rasgar... Sou gangster, não algo para ser... Ah, não sei.

Estava pensando em Javier, agora estou pensando em *coitar* com Gabriel.

Se é isso o que Gabriel quer, ele está conseguindo, porque agora eu penso nas possibilidades de *coito*. Eu já sonhei com isso, agora tenho imagem mental de nós dois. Da cara dele me *coitando*... Ele ficou sexy. Eu subindo e descendo, brincando de pula-pula e gritando: VEM GABRIEL, aí ele falou: "Eu já estou aqui", e eu: VEM GABRIEL!

Preciso de água!

Olho para baixo, onde percebo que, inconscientemente, estou apertando minhas coxas uma na outra.

Não é xixi e sempre soube.

Foca em outra coisa. Foca que eu matei um traidor, uma cobra cascavel que estava preparada para dar o bote... *A cobra albina de Gabriel quer dar o bote em mim.*

Ah, não! Foco!

Escuto gritos de crianças e vou até a janela, observando Felipe brincando com as outras crianças. Tão inocentes, não sabem nada do que se passa, não sabem no que as famílias são metidas.

Eu era assim um dia, mas entendi cedo algumas questões. Como a questão do perigo, mas isso nunca me abateu. Felipe, querendo ou não, será o herdeiro disso, o primeiro. Ele é um Bertollini também, então será passado a ele. Acreditamos fielmente que a Nostra voltará para a família, e lá estará Felipe. Aposto todas as minhas fichas nele. Sinto que ele será um "bom mal mafioso",

como diz Leonardo.

E eu estarei no outro lado. Não quero tráfico nem nada assim. Talvez todos deem risada, mas, dane-se. A minha gangue nunca foi sobre drogas e crimes, e sim sobre combater o mal. Seríamos como assassinos de aluguel, mas faríamos por um bom motivo. *Justiceiros*. É isso.

O meu sonho e o de Cassie, assim como o de Karen.

Cassie... Queria tanto que ela estivesse aqui, para ela ver tudo o que conseguimos. Todas essas conquistas tem a mão de Cassie. Ela fez de um tudo por todos nós, está presa por mim e por Marisa, porém, não podemos salva-la, não agora.

As lágrimas caem, molhando todo o meu rosto.

Não chorei assim por matar alguém, nem por matar o avô que amei, mas choro sempre que lembro de Cassie. Quando penso que a maneira mais "fácil" de salva-la, é tirando-a da penitenciária, fazendo com que ela viva como uma fugitiva, sem o nome verdadeiro, sem poder sair normalmente. Mas estarei ao seu lado, para onde ela for, eu vou. Não a deixarei sozinha...

Estou deixando-a sozinha.

Encosto-me na parede e caio sentada no chão. Abraço o meu próprio corpo enquanto choro, pensando na melhor amiga de todas.

Não sei como Cassie está, ela ainda não pode receber visitas e nem receberá a nossa até que sua transferência para a penitenciária aconteça.

Penitenciária... Como será lá dentro? A colega de cela? Se for mais de uma? Se elas odiarem Cassie? Cassie estará sozinha, presa com várias desconhecidas, podem ser compradas...

— Ei, o que aconteceu?

Levanto minha cabeça, vendo minha mãe sentada ao meu lado, me abraçando.

— O que aconteceu? — ela beija minha cabeça.

— Eu...

Vejo minha avó, a mãe da minha mãe, entrando no quarto. Ela balança a cabeça, afirmando, logo após, sorri docemente e mexe a boca, dizendo um: "Obrigada, Isa entenderá".

Minha avó se aproxima e me dá a mão, me ajudando a levantar, depois, faz o mesmo com minha mãe.

— Fale algo. — minha mãe segura o meu queixo, fazendo com que eu levante a cabeça e olhe para ela. — Aconteceu alguma coisa na sua gangue?

— Eu te amo, sabe disso, não é? — abraço-a bem forte. — Que é a

pessoa mais importante da minha vida. Que apesar de todas as nossas discussões sobre minha esquisitice...

— Você é assim e te amo, eu já entendi isso, Kat. Tanto que não te proibi de Sair.

— Eu luto para nos salvar, para acabar com os inimigos. — seguro sua mão, e olho em seus olhos. — Sabe que meu pai foi sequestrado e só não foi morto, porque fugiu. Ele sabe que tem traidores e não lembra. Aconteceram muitas coisas, mãe. Inúmeras coisas, antes mesmo da senhora nascer. Isso existe há anos, o traidor, ele sempre esteve muito perto.

— É o meu pai. — para a minha surpresa, minha mãe diz, depois ela aperta os lábios um no outro, tentando não chorar, mas não consegue conter.

Eu e minha avó abraçamos minha mãe, enquanto ela desaba em lágrimas. Eu e minha vó choramos juntas, por ver todo o encanto que meu avô nos trouxe, se quebrar a nossa frente.

Minha mãe sempre o amou, com certeza, mais que todos nós.

— Eu desconfiei há algumas semanas, mas rezava pedindo para que fosse engano meu. — soluça. — Eu e Sara começamos a fazer anotações, tirando gente, colocando gente. Mas meu pai, ele... — ela coloca a mão na boca, tentando conter os soluços. — Ele...

Levamos minha mãe até a cama e minha vó pega uma garrafa de água na sua bolsa, que está pela metade, e entrega para minha mãe.

— Ele sumiu, nem ligava mais. — bebe apenas um gole da água e coloca de lado. — Enquanto Sergio retornou e sempre vem aqui, ele nunca respondeu corretamente sobre meu pai, assim como Marco e Fernando, eles nunca conseguiram responder olhando em meus olhos. Queria pensar que era apenas uma infeliz coincidência, mas...

— Sei que sofre, minha filha. — minha avó aperta a mão da minha mãe e acaricia os seus cabelos. — Mas seu pai não merece nenhuma lágrima vindo de você.

— Ele é como os outros? — minha mãe olha para a minha avó, depois, para mim. — Pior?

— Mãe, Verônica não te odiava...

— O que ela tem a ver com isso?

— Olívia, ela era a amante do Javier e Verônica sabia. — respondo. — Ele sempre foi aliado de Benjamin, ele sempre fez parte do negócio...

Continuo contando tudo que sei, enquanto minha mãe derrama lágrimas, dessa vez, em silêncio. Ela olha para mim, e eu vou quebrando por dentro, mas

precisa ser feito. Pego o celular, mostrando as últimas imagens de Javier. As imagens e os áudios onde ele diz que não se importa com ninguém, que poderíamos matar todos, tem até a parte onde ele fala que nunca gostou de Leo, de mim... Onde ele diz que podem ir atrás da própria filha. Não mostro a cena onde eu tiro a sua vida.

Desligo o celular, preciso falar a verdade nesse momento:

— E depois de tudo isso, o capturamos, e eu o matei.

Silêncio. Minha mãe nem pisca os olhos, minha avó aperta a minha mão, sei que é um gesto de agradecimento.

— Como você está? — minha mãe pergunta, com a voz mais baixa, colocando a mão no meu rosto.

— Mentiria se dissesse que estou mal. Eu livre o mundo, mãe. Javier, ele...

— Ele fez coisas horríveis e tentou destruir a minha própria família. Ele envenenou Giulia, você? Foi ele, não foi? Não deve ter sido apenas Milla, ela não está sozinha e Olívia estava com ela, ela era a amante do meu pa... De Javier. — ela corrige, balançando a cabeça. — Mesmo assim, dane-se, ele pegou Marco. Quase destruiu minha vida. Ele fez todo aquele discurso sobre matar, não foi sobre meu bem, foi sobre o bem da amante dele, da mulher que mais infernizou minha vida, e ele sempre soube. Enquanto eu odiava Olívia, pensando que ela estava com Marco, era meu pai que estava com ela. Com minha inimiga.

Minha mãe olha para minha avó.

— A senhora sabia? Por isso ficou estranha esses tempos.

— Preferimos te poupar, por causa da gravidez.

— Só que a senhora está bem e detesto saber que estava amando um homem como Javier. — minha mãe volta a olhar para mim.

— Você o matou, como? — pisca os olhos, ainda atônita pela informação.

— Com a mesma coisa que ele mataria meu pai, com uma substância na veia.

Minha mãe está com a mão tremula e acaricia o meu rosto.

— Minha menina é tão nova e tem tanta responsabilidade...

— Precisava ser feito, mesmo que eu tenha o amado, eu tinha que fazer.

— Eu mesma faria se soubesse. — ela enxuga minhas lágrimas.

— Então me entende?

— Eu já tinha entendido, só rezava para que fosse um engano. Para que meu pai não fosse o responsável por tanto sofrimento. Mas... — volta a chorar.

— Eu não queria chorar, não consigo, eu lembro de tudo. — me abraça. — E foi você que acabou com tudo isso...

— Eu sei que pode não gostar...

— Precisava ser feito. Se não fosse você, seria outra pessoa a morrer, provavelmente, alguém da nossa família. — ela coloca a mão em cada lado do meu rosto e beija a minha testa. — Não peça desculpas, ok? Você fez aquilo que deveria ser feito. — ela tenta manter a voz firme. — Nunca peça desculpas para a família de quem você matou, eles são os culpados, eles estarão pagando pelo erro.

— Está me apoiando?

— Sempre, Kat. Sempre estarei aqui, não esqueça disso. Javier era o meu pai, mas um traidor da pior espécie. Você é a minha filha esquisita. — ela chora ainda mais e eu também. — Que é tão corajosa e guerreira, que luta pelo nosso bem. Você é um dos meus maiores orgulhos, Kat. Eu jamais te condenaria, ou viraria as costas para você.

Nos abraçamos, cada uma chorando ainda mais forte.

— Você é a melhor coisa que aconteceu nas nossas vidas, Kat. Nunca duvide disso e nem da sua capacidade.

Capítulo 40

Katherine

Mais um filme de gente safada na minha frente. Cinco dias disso.

West foi "resgatado" do hospital onde ainda estava internado. Guerrero apenas fez a estratégia da fuga e mandou outros homens irem ao "trabalho". Guerrero não quis participar porque ainda está um tanto irritado com o primo, não participamos porque Guerrero disse que não precisava.

No momento, West está em alguma casa distante, sendo cuidado por uma enfermeira, depois, falaremos com ele para saber se ele descobriu algo, já que ainda não entendemos como foi parar naquela casa, se ele não estava nesse prédio, muito menos em casa. Não podemos ir agora porque, com toda a certeza, a polícia estará fazendo vista grossa nas estradas. Com certeza, a polícia e os federais não sabem onde estamos. Fiz caminhos estranhos de carro quando saí da casa da minha mãe e, depois daquele dia, minha vida tem sido dentro desse bairro. Assegurei-me que não fui seguida.

Aqui é um bairro um tanto fechado, apesar de não ter portões, como nos lugares onde meus pais moram e moravam. Mas é um bairro que é vigiado em todo canto, se alguém estranho entrar, logo a chamada é feita para os outros moradores, que, obviamente, são gangsteres, então, todos ficam de olhos abertos.

Uma semana passou e parece que a calma voltou a reinar. Mas, também, o que faremos? Benjamin e Yoshida não atacam, nem atacaram desde que chegamos aqui. O maior problema que tivemos foi com Giovani e Javier, e ambos foram pegos. Não sabemos mais o que fazer além de investigar. Guerrero ainda tenta algo para a arma biológica, e também tenta tirar Cassie da prisão. Ela está casada com Guerrero, quer dizer, se ela disser "sim". A papelada está feita, Guerrero é amigo de um falsificador de assinaturas, então, se Cassie aceitar, o cara assinará o papel e, pronto, Cassie e Guerrero casaram antes de toda a confusão. Ela terá direito a visita íntima e ele poderá falar mais com ela sobre o plano de fuga, que ainda está sendo planejado, não conhecemos aquele lugar muito bem para poder fazer um plano inicial.

Uma semana com muita calma e parece que não estou habituada a essa rotina. Habituada a acordar em paz, comer em paz, sorrir... Só não é tanta paz porque penso muito em Cassie, penso nos outros inimigos. Mas não temos a tensão de "vamos para a guerra, agora!".

Giovani continua preso, mas as torturas pararam, isso porque ele está

muito fraco, é capaz de morrer na primeira surra da semana. Por isso, Guerrero pediu para alimenta-lo, quando ele estiver mais lúcido, alguém será castrado. Filmarei essa cena só para Cassie assistir antes da sua tortura com Giovani.

Cassie, Giovani te espera, para você tortura-lo do jeito que deve ser.

O gemido alto da mulher me faz voltar a olhar a tela do celular.

Eu tenho problemas. As mulheres ficam animadas com esses filmes? Eu não fico! Assistio filme de gente safada para ver se, finalmente, algo em mim acende e diz: "Agora vai!", mas não acontece. Ver Gabriel me anima... Os sonhos *coitais* pioraram muito. Então eu acordo, vejo Gabriel vestido apenas com a cueca, dormindo ao meu lado. Penso "VEM GABRIEL", passo a mão na sua barriga, com ele ainda dormindo, no entanto, paro por aí. Algo em mim trava e não sei prosseguir. É muito estranho.

Agora eu já entendi que quero *coitar*, só não sei como. A cada diálogo safado, eu corto o assunto. Algo em mim quer muito, mas quer tanto que eu travo. Não sei explicar. É como se uma pessoa sonhasse em voar, ganhasse um daqueles passeios de "asa delta", mas quando chegasse na hora, a sua emoção fosse tão grande, que tudo travasse. É tipo isso. Querer tanto que travamos, talvez por medo de dar errado.

Estava pesquisando por isso na internet, encontrei terapeutas, psicólogos, reuniões de autoajuda, li relatos na internet sobre o assunto, e é mais comum do que parece. Pessoas que tem vida *coital* ativa, mas que nunca sentiram nada além de angustia. Angustia porque eles querem *coitar*, mas não sentem nada no ato, como se toda a animação se esvaísse no momento, então eles sempre acham que a culpa são deles. Outras que são como eu, sentem que querem, mas não sabem prosseguir. Outras que nem ao menos querem, que tem um parceiro ou parceira, porém, não sentem vontade de *coitar*.

Li relatos e muitos dos conselhos é para mandar ter calma. Comigo isso nunca adiantou, mandar ter calma só me faz ter o dobro do nervoso.

— O que está fazendo? — Gabriel pergunta, olhando para o meu celular, onde ele só vê a mulher fazendo saliências com a boca. — Filme pornô?

Eu assisto escondida, mas Gabriel me pegou no flagra porque eu me distraí em pensamentos.

Gabriel pega o meu celular e bloqueia a tela. Tiro o fone do meu ouvido e o encaro.

— O que está acontecendo? — ele pergunta.

— Quero coitar. — respondo e Gabriel sorri, como se ganhasse na loteria. — Mas não sei como.

— Vamos conversar, é melhor que assistir pornô.

— É que eu pensei que se estivesse sozinha, conseguiria algo. Que não ficaria tão nervosa.

— Você fica nervosa pelo assunto...

— Por não saber o que fazer. Gabriel, eu sonho com sua cobra albina...

— Não é tão branca!

— Realmente, o cara desse filme era mais branco...

— Katheri...

— Mas a sua cobra é maior, fique feliz. Então. — ignoro seu olhar acusador. — Não sei o que vem depois, não sei o que fazer, entende? Acho que fico tão animada que travo. Eu tenho receio de... — fecho os olhos. — De fazer errado ou odiar. Se eu odiar *coito*? Se eu for mesmo uma assexuada? — olho para Gabriel. — Você gosta de *coitar*, se eu não gostar, atrapalharei sua vida.

— Vai atrapalhar por que não gosta de *coitar*? — confirmo. — Bem, não fizemos nada durante todo esse tempo e eu quero ficar ainda mais com você.

— Mas você tem a esperança que tudo mude, que eu seja uma doida por *coito*. E se eu não mudar.

Ele coloca a mão para cima.

— Meu amor é grande, e tenho mãos, então. — dá de ombros. — Não é o sonho da minha vida, mas você está ao meu lado, então estou feliz.

— Na internet, muitas pessoas dizem que terminaram relacionamentos por isso. Pela falta de *coito*. Porque não agradaram o parceiro.

— Espera, você quer me agradar?

— Mas você gosta.

— Temos um conflito, Kat. Eu quero te agradar e você quer me agradar. Se você não quiser *coitar*, tenho que respeitar, mas se eu quiser *coitar*, você não pode passar por cima de algum problema para me deixar feliz.

— Acho que devo procurar um especialista em *coito*. — encosto minha cabeça na parede. — Para ver se existe um tratamento. Vou falar com uma mulher, porque tem que ser uma mulher para me atender. Falarei que eu quero sua cobra albina, mas não sei seguir em frente.

— Katherine!

— Ok, não falarei da sua cobra albina, mas direi que quero *coitar*. Gabriel, se eu for uma assexuada mesmo? Eu nunca pensei tanto nesse assunto, mas agora eu tenho sonhos estranhos com você.

— Como são os sonhos?

Maldito sorriso fofo e safado. Te amo, mamalido. VEM GABRIEL!

— Estou brincando de pula-pula em você.

— Quê? — o seu sorriso some, dando lugar a estranheza.

— Sim, Gabriel. Brincando de pula-pula *coital*.

— Eu não entendi essa referência.

— Pense em um pula-pula sentado. Sabe aqueles cavalinhos que são enchidos por ar? Que se ficarmos em cima pulamos?

— Ah... — ele começa a rir. — Essas conversas estranhas não deveriam ser tão sexys.

— O sonho foi sexy.

— Podemos realizar o seu sonho.

— Como?

— Apenas durma, não pense tanto nisso. Nem pense que te abandonarei por falta de *coito*. Apenas saiba que te amo.

— Te amo, *mamalido*.

— Te amo, pessoa que inventa palavras estranhas.

— Boa noite, cobra albina. — provoco.

— Vá se ferrar, Katherine.

(...)

Sinto algo estranho na minha coxa, subindo em direção da minha... AI. MEU. DEUS!

Abro os olhos e vejo o quarto claro, quando olho para baixo...

— O que está fazendo? — encaro Gabriel, que sorri para mim, parando de beijar minha coxa.

— Não fale nada, Kat. Apenas sinta.

— Mas...

— Não fale. Se, realmente, quiser parar, eu paro de vez. Mas nos dê essa chance. E não se preocupe que não tem ninguém em casa. E você estava gostando...

— Estava dormindo.

— Mas estava gemendo baixinho. Fiz isso porque não teríamos um

diálogo estranho, então, apenas sinta. Relaxe.

Coloco a minha cabeça de volta no travesseiro.

Relaxar!

Vamos lá.

Respiro fundo e sinto a trilha de beijos na minha coxa esquerda, depois, ele vai para a direita, mas sempre para na minha virilha.

Essa coisa é estranha. Sinto um formigamento bizarro, o meio das minhas pernas está se contorcendo, eu estou me contorcendo... *O que é isso?*

Não pensa, sinta! Ok!

A minha calcinha se foi.

Respira, Kat. Não morre coitando! Imagina só: Katherine Vesentini, morreu coitando, não aguentou a pressão. Dessa vergonha, não passarei.

Espera! A boca de Gabriel está na minha... Na minha... Onde eu faço xixi! Gabriel está *coitando* com a língua na minha parte íntima! Isso é nojento! Mas é bom. É estranhamente bom. Eu quero fazer xixi, uma vontade estranha no meio das pernas. Está apertando. E agora? Se eu fizer xixi na boca de Gabriel? Ele disse que não é xixi... Isso é a excitação? O que faço?

— Gabriel, para! — grito, mas ao invés de empurra-lo para longe, eu puxo para perto. — Estou doida! Quero que pare e te puxo para perto. Sexo não é coisa de gente normal! Para!

— Você manda parar e me puxa para perto?

Ele fala com a boca colada em minha parte íntima... *Espera aí, ele está vendo minha vagina a fundo e fazendo muito mais do que ver!*

— Gabriel, está doendo!

— Como assim? — ele olha para mim, eu desvio o olhar.

— A pressão de fazer xixi está pior, muito pior.

— Eu farei parar.

Ele volta a colocar a saliva lá.

Isso é insanamente estranho.

O que eu devo falar? Gritar? A mulher do filme de gente safada parecia uma sirene de tanto gritar... Que tipo de site de gente safada eu entrei? Gabriel não está fazendo saliências de jeito estranho, se eu assistisse a um filme assim, como estamos fazendo, eu sentiria algo, sei disso porque sinto algo agora.

Inconscientemente, estou me contorcendo. Agora percebo e paro, porque Gabriel vai se assustar, pensará que estou sendo possuída pela *demo*. Porque eu me remexo, arqueio meu corpo, puxo seu cabelo.

É isso, estou sendo possuída pelo espírito safado. Eu não sou assim.

Mas... O que é isso? Está piorando. Está piorando. Eu estou gritando. Eu estou gritando feito a galera do filme de gente safada. Eu gritei alto e minhas pernas estão fracas, trêmulas, arrepiadas.

Meu coração bate muito forte, minha respiração está descontrolada, não sinto minhas forças... Eu estou morrendo! Estou morrendo de coitar salivamente!

— Eu estou morrendo! — grito.

— Também morro de tesão, Kat!

Não é isso, estou morrendo de coitar. Enfartarei, é isso.

Eu soltei líquido, eu fiz xixi?

Pego meu travesseiro e enfio em meu rosto.

Que tantas sensações bizarras juntas!

Eu me odeio. Fiz coito e sei que fiz tudo errado. Eu sabia, não nasci para coitar.

— O que foi dessa vez? — Gabriel tira o travesseiro do meu rosto, então eu cubro meu rosto com minhas mãos. — Nem pense em ficar tímida, eu fiz...

— Coito salival, eu entendi, Gabriel. Mas eu fiz xixi, saiu líquido, eu gritei, parecia que estava possuída pelo *demo*...

— *Demo* legal esse...

— Gabriel!

— Não tente mudar a sua cabeça e nem ficar nervosa, fizemos coito *normal* e adoramos.

— Então eu não fiz um coito surreal? — abro os olhos e encontro Gabriel em cima de mim.

— Foi surreal porque qualquer coisa com você é surreal. — *maldito sorriso safadamente encantador*. — Só que no melhor sentido da palavra.

— Então tudo o que fiz foi por gostar de *coitar*?

— Essa conversa não deveria ser tão sexy, mas é sexy.

— E agora? Vem o quê?

— Gostou?

— Eu não consigo mexer as pernas, acho que fiquei parálitica, *coito salival* é bizarro.

— Bizarro ruim?

— Bizarro indescritível, é bom, eu acho. Não sei. Eu fiquei fora de mim, fora do meu corpo, fui possuída por um espírito safado.

— E agora será possuída por outra coisa.

Gabriel tira a cueca, mostrando sua cobra albina para mim.

Sua cobra está gritando, sei que está! Está gritando para ser coitado, para me deflorar, me desvirginar.

Deve doer!

Não, Kat, vamos que vamos. Coito salival foi maravilhoso, mesmo que eu ainda negue, o coito naturalmente normal deve ser bom, certo?

— Vai encapar a sua cobra albina? — observo Gabriel colocando o preservativo na sua cobra.

— Será que no mundo existe mais alguém que coite como nós dois? Sendo tão esquisito, mas tão sexy? — *ele está passando a mão na cobra albina. Estou hipnotizada com isso, como as cobras da Índia sendo hipnotizadas pelo carinho do instrumento musical, nem sei se é nesse país, mas falarei que é. A cobra de Gabriel é como essas, vai subindo, subindo...* — Odiava essa coisa de "cobra albina", mas agora parece algo bom. Deve ser porque você está nua e vermelha por minha causa. — ele se aproxima de mim e tira meu sutiã, aproveitando para apertar meus peitos.

— Sua cobra albina vai me deflorar agora?

— Ótima maneira de dizer que *coitaremos* agora. Apenas relaxe.

Ok, está chegando a hora. O grande momento. Serei safadona em instantes. É com Gabriel, meu mamalido.

EMOCIONADA!

Sinto sua cobra albina forçando a entrada em mim.

Túnel e o trem. Túnel e trem. Túnel e trem.

Mas é bom. Estranhamente bom.

Por que a demora de me deflorar?

Gabriel quer me torturar, é isso. Tortura boa. Estranhamente boa. Coitar é bom. A cobra albina de Gabriel é boa, nem dói. Gabriel, eu te amo. Amo você e sua cobra albina.

— VEM GABRIEL! — grito.

— Quer que eu vá rápido? Você é virgem, Kat...

— SÓ VEM, GABRIEL! — grito mais alto. — VEM E NÃO VAI!

E não é que o filho da mãe vem? E me rasgou!

Grito de dor.

— Você não disse que era para ir?

— Maneira de falar, seu idiota!

— Se estamos coitando e a pessoa manda ir, eu vou!

— Isso dói! Sua cobra albina me machucou como trem e o túnel.

— O quê?

— Fica quieto, não mexe!

Respiro fundo. Respiração cachorrinho. Está passando. Vai passar. Enquanto isso, Gabriel beija meu rosto... Beija meu rosto com o hálito da minha parte íntima. Deveria me afastar, mas, dane-se, ele ainda cheira a menta... Ah, por isso senti algo refrescante lá embaixo. Entendi agora.

— Tá, pode mexer agora. — aviso.

A cobra albina começa a mexer aos poucos. Entrando e saindo. Ainda arde, mas está ficando bom.

Estou coitando. Coitando com Gabriel, sua saliva, suas mãos em meus peitos e sua cobra em mim.

As minhas mãos estão arranhando as suas costas... Como eu comecei a arranhar Gabriel do nada? Como comecei a fazer sons pela boca? Estou possuída pelo espírito safado, sempre soube.

FICA, ESPÍRITO SAFADO!

— VEM GABRIEL!

— Eu já estou aqui!

— VEM E FIQUE!

— Eu ficarei!

— Eu estou doida!

— Você é doida, por isso que te amo.

Ele coloca a boca na minha. Meu fluido corporal... Eca! Não, espera um pouco, é troca de salivas coitais.

Eu troquei fluidos corporais de novo.

ESTOU EVOLUINDO COMO GENTE SAFADA! AGORA VAI!

— VEM GABRIEL!

— Eu já disse que estou indo.

— Isso é a maneira de dizer que te amo!

— Ah, pensei que mal perdeu a virgindade e já queria a velocidade máxima.

— Só vem!

E Gabriel vem, me fazendo ficar com as pernas trêmulas novamente.

Fui deflorada. Desvirginada. Coitei. Coitei sem dramas antecessores.

Evoluí na aprendizagem de gente safada.

Coitar é bom. Assim como comer. Comer, dormir, ler, assistir, escutar música e coitar. Agora entendo porque esse povo sempre fala de coito como se fosse a maior maravilha do mundo.

Coitei!

— Te amo. — Gabriel beija a minha testa.

— Também te amo. Só para que saiba, vem Gabriel. Venha e fique!

Capítulo 41

Katherine

Esse é o nosso pós-coito.

Gabriel tira a sua cobra albina de dentro de mim, causando um certo "vazio" em meu ser.

Olho para sua cobra que de albina, passou para vermelha.

Oh, é meu sangue, mostrando que sou safadona agora!

Olho para baixo, vendo o sangue em mim.

— Isso é sexy. — escuto o sussurro de Gabriel, que está encarando minha parte mais íntima.

— Isso é nojento.

— Não é nada! Isso mostra que sou o seu primeiro e único.

— Ah, que fofo, *mamalido*. Possessivo e sexy. — ajoelho-me, para ficar na sua altura. — Quase que não dá para juntar minhas pernas, você quase me rasgou na defloração!

— Você falou: "Vem, Gabriel", pensei que estava pedindo para te coitar, que não estava doendo.

— É como eu digo que te amo, não para enfiar a cobra mais fundo em mim.

— Não enfiei fundo, foi só um pouco mais da metade. É que você era virgem.

— Mais da metade? A cobra toda não entrou? — nega. — Eu vou morrer de coitar, então.

— Não exage... Se eu entendi bem, coitaremos mais? — Gabriel agarra minha cintura. — Vai virar uma maníaca por *coito*?

— Foi bom, não nego. — seus olhos brilham tanto que eu falo a mais pura verdade. — Foi muito bom, confesso. Maravilhosamente bom. Foi estranho a parte onde entrou, mas depois ficou bom. Eu quero ver se continuará assim!

Gabriel aperta mais forte a minha cintura e desce a mão, apalpando a minha bunda. Depois, trocamos salivas, como pessoas necessitadas pelo fluido corporal da outra.

Sua saliva de fluido vaginal, com menta. Que horror!

Mas é interessantemente bom!

— Quero brincar de pula-pula, ver se é tão legal quanto você por cima.

— falo.

— Acho que criei um mostro. — Gabriel me carrega, colocando minha barriga sobre seu ombro. — Gosto disso.

— Brincaremos de pula-pula! — grito. — Eu fiquei sexy pulando.

— Como sabe? — ele anda até o banheiro.

— No sonho eu me via, subindo e descendo em sua cobra. E você estava bem sexy. *Coitar* é interessante. Quero ver se continuará sendo.

— Perdeu a virgindade há minutos. — ele me coloca sentada no balcão da pia e vai até a banheira, para enchê-la de água.

— E?

— Precisa esperar? Você sangrou!

— Mas eu quero saber se é interessante. *Salivamente* foi bem bom, estranho, mas bom.

— *Salivamente*?

— Sua boca na parte mais íntima do meu ser. — sorrio. — Oh, estou *safadona*!

— Eu sabia que no primeiro *coito*, você se apaixonaria por isso. Que eu teria uma maníaca do *coito* só para mim.

— Não sou uma maníaca.

— Ainda.

— Eu só quero sua cobra albina. Foram cinco dias de espera, Gabriel.

— Por que demorou tanto?

— Porque não sabia o que dizer, mas a sua surpresa *coital* foi ótima. — Gabriel se aproxima de mim e eu cruzei as pernas ao redor do seu corpo. — Meu sangue foi para a sua cobra, mesmo que estivesse encapada, então, agora temos um pacto de sangue. Meu espírito safado, está completamente amigo do seu espírito safado.

— Podemos ser safados ao extremo agora.

— Posso brincar de pula-pula agora.

— Eu não creio que falamos assim na hora do *coito*. Eu nem creio que falo *coito*.

— É sexy, nosso *coito* é sexy. Nossas palavras excitam. Ah, eu estou muito *safadona*. Culpa da sua cobra albina.

— Minha cobra albina não pedirá desculpas, na verdade, ela trabalhará ainda mais para te deixar bem safada.

— Ah, sou uma gangster safada!

— Gangster safada. — Gabriel morde meu queixo. — E só minha.
— Sim, *mamalido*. Só sua.

(...)

— Karen, eu fui *coitada*! — sento na cama de Karen, enquanto sorrio para a minha conversa. Primeira pessoa que sabe que fui desvirginada.

— Sempre soube. Quando parasse de *nojinho*, seria doida por *coito*.

— Ah, querida, nem vem, você é outra. Não doida como eu, mas não sente vontade de *coitar*.

— E por que sentiria?

— Porque existe um cara bem lindo chamado "Alex", um cara lindo, forte, tatuado que te ama. Que *mamalido* não me escute, mas acho que alguém será como eu. Falou mal de *coito*, mas vai querer fazer.

— Ok, se isso acontecer, não será com tanto drama.

— Ah, tá. Claro. — ironizo, no meu melhor tom de voz. — "Pra que quero namorar?", "Por que vou querer beijar alguém?", "Qual a graça de namoro?". A diferença é que você fala mais certinho que eu, porque o pensamento sempre foi o mesmo, tanto que não queria nada com Alex, negou sentir algo por ele.

— Neguei porque ele é dez anos mais velho do que eu.

— E daí? Você matou um homem, planejou matar e conseguiu fazer isso com o triplo. Idade nenhuma vai poder dizer que Alex é velho para você.

— Sim, Kat. Eu mudei meu jeito de pensar.

— E agora ama Alex? Ele sabe?

— Sim, sabe.

— Que falta de ânimo é essa?

— É que ele está do outro lado, sendo o traidor. Dá medo de acontecer algo, dar tudo errado.

— Guerrero está providenciando a arma, não mataremos todos, mas...

— Sim, eu sei. O próprio Alex concordou com a ideia. Principalmente porque tem uma área onde eles ficam, sem vítimas nenhuma, então elas não sofrerão.

— Você é como tio Fernando. Calada como ele, ninguém sabe ao certo o

que se passa na sua cabeça.

— Ninguém nunca está tão interessado no que penso, afinal, eu sou a certinha da história, a que nunca comete erros.

— Aconteceu algo?

— Não. — ela ri. — Apenas uma dose dramática como a sua.

— É porque você nunca tem problemas, então...

— Não tenho problemas, apenas pensando em Alex. No plano, em Cassie. Temos que descobrir sobre as colegas de cela, para saber se ela corre perigo.

— Esqueci, você é da estratégia e eu sou da ação. Entendido.

— Alguém tem que pensar, certo?

Duas batidas na porta e Jesse abre, nos avisando que Marisa quer falar conosco.

— Será que descobriram algo? — olho para Karen.

— Espero que seja coisa boa, porque tanta calmaria assusta.

— Kat, estamos tão acostumadas a fugir e a lutar, que nem entendemos mais o que é a calma.

— Vamos lá, rezando durante o caminho para que seja uma boa notícia.

Saímos de casa, indo em direção à casa de Guerrero, que também fica nesse bairro. Gabriel vai à minha frente, conversando com Jean e Jesse sobre algum jogo de futebol.

Olha para as costas de Gabriel. Dezesete anos e tão adulto para a idade. Será que a cobra dele vai crescer ainda mais? É como a altura que para na idade adulta? Se ele disse que colocou a metade da cobra... Gabriel falou algo sobre ser como o pai. *Tia Sara, como aguenta? Quero dicas preciosas.*

Gabriel, agora eu penso no pula-pula, mais do que nesse últimos cinco dias.

— Olha para o lado. — Karen sussurra.

Olho para o lado, vendo o cavalinho do pula-pula.

— É um sinal, Karen. — sussurro. — Que devo brincar de pula-pula no seu irmão.

— Quando fará?

— Quando seu irmão entender que a cobra albina dele, pode me fazer bem.

— Cobra albina?

— Você é um pouco mais escura que seu irmão, então...

— Cobra albina? É assim que chama?

— A de Alex deve ser mais bronzeada, não que eu imagine, mas você deve imaginar.

— Não imagino!

— Sua cara não nega! Você pensa na cobra bronzeada.

— Para de falar de coito!

— Ainda falam de coito? — Jesse olha para trás. — Será que alguém coitou?

— Coitamos! — Gabriel grita, como se fosse uma vitória. — Coitamos, ninguém pode rir mais da minha cara.

— Coitou com Katherine Vesentini? — Jean e Jesse perguntam, como se fosse uma anomalia.

— Sim, essa menina ali. — Gabriel aponta para mim.

— Agora sim você é um mito para todos nós.

E a cena mais ridícula se concretiza na minha frente. Jean e Jesse estão apertando a mão de Gabriel, e o idiota do meu *mamalido*, ainda tem a capacidade de agradecer e retribuir o cumprimento.

Homens e suas escrotices.

— Agora falta Karen, aposto que é outra como Katherine. — Jesse fala.

— Não, Alex mudará isso rapidinho. — falo, cruzando os braços.

— Katherine...

— O que é, Gabriel?

— Eu sempre estou quieta e o assunto sempre para em mim. — Karen começa a se distanciar.

— É que ninguém nunca sabe o que pensa. — Jean grita.

— Assim que é bom. Bom para o Alex.

— Olha só, a comandante admitiu que está com Alex. — Jesse sorri. — Ele só faltou me matar quando me viu com Karen.

— Ciúme, está aí uma coisa que jamais sentiremos, Jesse. Estamos sozinhos em meio a dois casais, Alex não está aqui, mas Karen é apaixonada.

— Os dois podem matar os desejos um com o outro. — Karen sugere.

— Gostei, pode dar certo. O nome até parece. — provoco ainda mais. — Jean e Jesse.

— Gabriel...

— Eu gostei da sua sugestão, é até bonito. — Gabriel concorda comigo, ignorando o pedido de ajuda de Jesse. — Um dia desses os dois viviam em pé de

guerra, hoje são amigos, pode dar certo.

— Gostamos de mulher e você sabe.

— Ah, é mesmo, Jean. Você tem a Rachel sonsa.

— Ela me odeia...

— Você insinuou que ela era uma vadia diferente da que você ligou.

— Karen, ela nem me deixou explicar.

— Você falou muita merda, Jean.

— Muda o assunto para o Jesse que, também, não tem ninguém.

— E eu já disse que não quero relacionamento, não é para mim.

— *Coito* não era para Kat e fizemos.

Dou um soco no braço de Gabriel.

— Lembre do castigo da última vez que me bateu. — *entendi a ameaça implícita.*

— Agora eu posso gostar. — sorrio, de um jeito que tento parecer fofa.

Gabriel sorri do jeito safado que amo.

— Vamos logo falar com o Guerrero. — Jesse chama, cortando esse diálogo *coital* com olhares.

Quando chegamos à casa de Guerrero, encontramos Marisa sentada à frente de uma mesa.

— Boa tarde, meninos. — Marisa sorri e indica a cadeira para sentarmos.

— Boa tarde. — respondemos, enquanto sentamos.

— Então, não precisam ficar preocupados, podem sorrir, não temos nenhum problema. Chamei vocês até aqui para atualizar sobre tudo o que acontece. Infelizmente, ainda sem qualquer notícia de Benjamin e do tal Elijah. Também não temos nada incriminador sobre Oswald, ele só é o melhor profissional da sua área. Cassie foi transferida exatamente para a penitenciária onde temos alguma chance de mandar em algo, foi transferida ontem pela noite e vai esperar o julgamento presa, mas nem temos a data confirmada. Estamos tentando obter informações sobre a colega de cela, para sabermos se Cassie corre perigo, ou se dá para comprar uma amizade com ela. Bem, a maior novidade de todas foi causada pelo Javier.

— Uau! Ele fez algo de bom? — pergunto.

— Sim, fez. Quando tudo aconteceu, deu uma zona, como Gabriel e Jean viram. Guerrero voltou para a casa, no intuito de verificar e procurar pistas, não encontraram nada que possa dar respostas, mas encontraram dinheiro, uma boa quantia de dinheiro. — Marisa sorri. — Como alguns homens estavam naquele

dia, resolvemos dividir o dinheiro. Alguns recusaram a quantia, outros aceitaram. Então, vim dar a parte de vocês. Talvez não fiquem tão felizes com a divisão, mas resolvemos dividir do seguinte modo. Quem fez mais coisas, saiu ferido ou perdeu um parente, ganhará mais. E, bem, todos vocês fizeram mais coisas. Gabriel pegou Javier e salvou a vida do meu filho. Luiz contou que você atirou em quem quase o matou. Devo tudo a você, por salvar o meu filho.

— Guerrero faria o mesmo por mim. — Gabriel sorri. — Tenho certeza disso.

— Tenha, Luiz sempre ajudará quem precisa e será fiel a amizade. — olha para Jesse. — Jean levou um tiro de raspão salvando Juan. Karen e Jesse fizeram o plano todo, e ainda desligaram o sistema de segurança. E Kat fez uma das melhores torturas, e contra o próprio avô. Bem, sabemos que vocês não têm mais famílias para ajudar financeiramente e vocês até nos ajudaram no nosso arsenal, então, estamos dando uma gratificação, digamos assim.

Marisa mostra as cinco mochilas no chão.

— O pagamento de vocês está bem ali.

— Foram ótimos para iniciantes, mostrando que são de nossa confiança. — Lucio Guerrero entra na sala, junto ao filho. — Sou o Lucio Guerrero, bem, sou o chefe dessa gangue. Agora, acho que posso me apresentar oficialmente a todos vocês.

Capítulo 42

Katherine

Lucio está parado, nos encarando. Falamos pouco depois que eu o conheci, ele vive escondido, mas comanda a gangue. Atrás dele, Guerrero parece indiferente quanto à situação de estarmos vendo um "morto vivo" a nossa frente.

— Não estava morto? — Jean questiona, não entendendo nada.

— Só para quem precisa. — Lucio sorri, arrastando a cadeira e sentando nela. — Eu e todos vocês temos o mesmo inimigo em comum, mesmo assim, não posso aparecer para todos. E, bem, minha esposa e meu filho confiam o suficiente em vocês para que os aceitem aqui. — ele olha para Gabriel, ainda sorrindo. — Como está o Yankee?

— Bem. — Gabriel responde com essa única palavra.

— Não quero me aproveitar da boa vontade de vocês, ainda mais que nos conhecemos agora, mas preciso pedir uma coisa. Quero que falem para Yankee não nos atacar, sabemos que ele vai. Não houve roubo de território, o líder da

Sangre Latino não estava aqui e o segundo líder deu o território. — meneia a cabeça. — Ok, sabíamos que era uma traição, mas nós precisávamos disso, para tentar mostrar que somos aliados. Não queremos problemas, já tivemos baixa do nosso pessoal, feridos e mortos. Não estamos em tão grande número quanto era antes, temos o nosso pessoal em outros lugares, mas não acho bom chamarmos mais pessoas por agora. Pelo menos temos Juan e seu pessoal.

— Quer que eu peça para Yankee não atacar? — Gabriel pergunta. — Se eu fizer o que pede, Yankee saberá onde estamos, que estamos ao lado de vocês.

— É um risco que temos de correr. Pode dar alguma confusão, somos inimigos e vocês estão ao nosso lado. De qualquer modo, eles estão como nós. Aposto que a Sangre está na calmaria, afinal, o traidor do lado deles se foram. Eles não têm mais com o que se preocupar e podem nos atacar.

Gabriel sabe que isso é possível. O plano da Sangre é esse, Gabriel comentou comigo. O plano de Yankee e Ulisses é para matar todos, talvez nem tanto Guerrero, porque ele nunca causou problemas, mas só por ser o inimigo...

— West não está mais aqui e eles sabem da notícia, a Sangre pode atacar e não queremos problemas. — Marisa fala, com os olhos suplicando por ajuda. — Um ataque agora não será nada bom, já perdemos um pessoal, ainda temos algumas pessoas abaladas pelas mortes, traições, tanta coisa aconteceu. Uma invasão agora acabará com tudo o que construímos. A Sangre está em maior número, e ainda tem a M-Unit como aliados.

— Por que não ficam aliados a eles? — pergunto.

Lucio, Marisa e Guerrero trocam olhares.

— Katherine, você não sabe tanto das coisas, nenhum de vocês sabem. — Guerrero fala a primeira coisa desde que chegou aqui. — Não dá para fazermos amizade agora, de uma hora para outra, só por termos vocês ao nosso lado ou termos inimigos em comum. É algo de décadas. Roubos de territórios, sequestros, mutilações, não preciso nem dizer das quantidades de mortes. São décadas onde nosso pessoal, mata o deles, assim como o contrário. O máximo que pode acontecer, é a trégua. Quando West foi falar com Yankee, foi apenas para ver se Javier estava junto, West foi preparado para a briga, tinham vários homens armados escondidos, caso começasse um tiroteio. Nós sempre soubemos que Yankee não ficaria quieto, e nem ficará.

— Não sei se sabem, mas devem saber. Eu contei sobre sequestros acontecerem e jogaram a culpa em cima de todos nós. — Marisa volta a falar. — Acontece que Yankee tem um filho, parece que ele foi sequestrado no hospital e essa é a nossa última confusão. Há algum tempinho, meses, eu acho, Yankee esfaqueou um dos meninos que trabalham para mim, jogou o garoto na minha

porta com o recado que ele mataria a todos, foi na minha antiga cidade que isso aconteceu. A raiva de Yankee pode ter aumentado quando soube do roubo do território. Yankee pode saber da verdade, mas é uma briga de anos para terminar tudo em uma boa, só porque temos *tretas* em comum com as mesmas pessoas.

— Com a Nostra também durou décadas, deram a trégua, mas voltaram a atacar. Sei que tudo terminou porque houve o casamento da mãe de vocês. — Lucio aponta para Karen e Gabriel. — Com o chefe da Nostra.

— Posso falar com o Yankee. Ele ficará bem irritado em saber que estamos nesse lado, mas tentarei ter essa conversa com ele. Só não posso garantir que ele entenderá.

— Bem, Gabriel, tente dizer que nosso pessoal se ferrou para matar o traidor dele. Fizemos o trabalho sujo para Yankee, mesmo que Katherine tivesse um motivo pessoal para fazê-lo. — Lucio sorri para mim e eu retribuo. — Então, a Sangre nos devem algo, que é a trégua. E não devolveremos qualquer território. Os territórios estavam vazios, entramos. E quando digo que estava vazio, quero dizer que, realmente, nas casas não tinham mais ninguém. E, para ser sincero, nem olhamos qualquer documentação, não temos esse tipo de preocupação. Se tomamos território, pouco nos importamos em ver quem são os donos das casas.

— Javier sumiu com o bairro todo. — Gabriel explica. — Era um bairro da Sangre, apenas de integrantes que moravam aqui há anos.

— E qual a desculpa foi dada? — Guerrero pergunta.

— A desculpa foi que Javier mandou evacuar o lugar, eles evacuaram, vocês chegaram, Yankee voltou e nada foi feito. Quem morava aqui voltou para onde teriam um lar, então, essa é a história do território. E o território de Tyler?

— Não entramos em seu território para morar. Sabemos que Tyler estava fora, que as vendas enfraqueceram um pouco, então entramos com nossa mercadoria. Não foi roubo de território para morar, e sim para comercializar.

— De qualquer modo, antes só tinha a Sangre e a M-Unit para vender as drogas, vocês chegaram e roubaram clientela, se assim posso chamar. — Karen fala. — E se eu escutei direito, as drogas são misturadas.

— Meninos, não se enganem. — Lucio ri. — Drogas, qualquer uma fará mal e não sou o homem que dirá o contrário. Não se iludam achando que nós misturamos drogas e que os parentes de vocês não fazem o mesmo. A diferença é que, certamente, vocês estavam do lado da força, não na parte das drogas. Meu filho, o Luiz, é o químico que aprendeu a fazer tudo o que sabe com um homem que veio antes dele. Vocês sabem e veem o que ele faz com drogas, porque Luiz está perto e vocês tem livre acesso para aquele lugar. Mas a Sangre e a M-Unit

fazem o mesmo. A maioria faz a mesma coisa de misturar drogas, é a lei da vida. É o lucro que precisamos ter.

— Então sofremos com a hipocrisia do lado deles. — faço a observação.

— Não, eles jogaram com vocês, pelo menos, com você. — Marisa indica Gabriel. — Falaram da mistura das drogas para saber se a tal arma foi feita desse lado, Luiz tem um certo histórico estranho sobre essas coisas químicas.

— É bem doido saber que um químico que só fez uma faculdade, saiba tanto de armas, drogas...

— Jesse, como eu disse uma vez a Katherine, minha especialização veio das ruas. Você ficaria impressionado ao ver tudo o que se tem no mercado negro. Órgãos, pessoas, assassinos e muitas substâncias para fazermos uma arma ou uma bomba. — Guerrero encolhe os ombros. — Na época eu ainda tentava aprender mais sobre drogas e comprava algumas coisas com um cara, esse mesmo cara vendia as outras coisas. Acabamos virando amigos e ele conhece outras pessoas, convivi com eles e acabei descobrindo alguns "tutoriais". Deu certo, porque uma arma biológica eu fiz.

— E faremos mais.

— Sim, Katherine. Só precisa de calma e um bom transporte, um passo em falso e podemos causar problemas a todos. Lembrando que o amigo de vocês precisará do cuidado em dobro, ou ele se contaminará.

Olho para Karen, que apenas assente com a cabeça.

— Então, falarão com o Yankee? — Lucio pergunta.

— Sim. — Gabriel confirma. — Falarei com ele.

— Lembrando, vocês não sabem que estou vivo. Eu só apareço para algumas pessoas de confiança, então, não quebrem isso que existe agora. Abrimos nossas portas, nossa vida e confiamos em vocês, não quebrem nada disso.

— Não quebraremos, tenha certeza. — Gabriel fala com convicção. — Faremos de tudo para merecer o nosso lugar aqui.

(...)

Olho para Orlando West a minha frente, ele sorri para mim, pela tela do

notebook.

— Olá, Carolaina Smitê.

— Carolaine Smíf. — corrijo.

— "Carolaine" Smifi.

— Carolaine Smíf.

— Caro...

— West, você sabe o nome dela verdadeiro, Oswald falou sobre isso. — Guerrero interrompe essa aula que não dará em lugar algum.

— Eu sei que ela é a *Catarina*, mas gosto de chama-la de Carolaina.

— Carolaine. — corrijo-o. — E Katherine.

— "Carolaine". Eu nem tentarei falar o outro nome.

— Ok. — Guerrero interrompe mais uma vez. — Temos pouco tempo para falar.

— Antes de tudo, peço desculpas, Luiz. — West aperta o abdômen, onde levou o tiro. — Por ter sido tão manipulado por Ian, sei que me odeia no momento...

— Não tanto, presumo que você tentou salvar as meninas.

— Acertou. Eu juro que tentei, desci as escadas com o máximo de cuidado possível e roubei a arma daqueles mortos. Sendo mais claro, desde o início da confusão. Você, Luiz, sabe que eu estava tentando ter a simpatia de todos novamente, estava indo até o prédio das irmãs "Smitê" para que eu pudesse falar com Juan, dizer do meu arrependimento e tudo mais. Estranhamente, percebi que aquele lugar estava muito quieto, quando me aproximei mais, vi os seguranças caídos no chão. Quando me afastei do lugar para pedir ajuda, senti uma forte pontada na cabeça e não lembro mais nada.

West pede calma, bebe um copo com água, depois volta a falar:

— Quando acordei, estava em um lugar diferente. Dois homens estavam me colocando na cadeira, para me amarrar. Mas eles foram impedidos quando outro homem os chamou. Eles pensaram que eu estava desacordado, então me deixou do jeito que estava, só com uma mão amarrada. Desamarrei a outra e fui andando aos poucos. Mas quando estava preparado para descer, escutei os tiros. Procurei por alguma arma, obviamente, eles tiraram de mim. Olhei pela escada e vi um homem em pé, falando ao celular. Dizendo que pegaram todos, mas que tinha um homem na história, o West. Depois falou algo como "Mato West e a culpa vai para a garota e a mulher". Tiveram outras conversas, não prestei atenção. Estava mais atento na minha ação, que era de pegar a arma e sair dali. Foi quando eu vi a Tiana sentada na cadeira. Quando fui pegar a arma do homem

morto, o outro que estava no celular atirou em mim. Devo ter batido a cabeça quando caí, porque eu não lembro de ter escutado algo depois disso.

— Pensamos que estivesse morto. — falo. — Desculpa, você estava em uma poça de sangue, não falava nada, na verdade, nem deu tempo de verificarmos algo...

— Não se preocupem, aquele homem queria vocês, e consegui a Tiana. Quando me interrogaram, eu falei tudo o que escutei, ninguém me levou a sério. Falei tudo o que sabia, mas não tinha noção que Tiana matou aquele homem, estava desacordado, como mencionei. Soube que Linda morreu. O tal agente quis jogar a culpa toda em mim, na Tiana e até na Linda. Dizendo que foi briga entre gangue. Contestei perguntando por que um único federal ficou intrometido na briga de gangue. Parece que eu feri o tal Oswald, porque ele ficou mais irritado do que já estava.

— Oswald será um grande problema. — Guerrero diz, esfregando os olhos. — Ele está levando para o lado pessoal. O parceiro dele era um criminoso, e Oswald acha que era inocente. Então fará de tudo para punir os culpados, ele não enxergará a verdade, acho que mesmo dando provas, ele não enxergará a realidade.

— Pior se ele descobrir que eu e sua mãe estávamos no lugar do crime. — lembro-me daquele dia. — Sua mãe pegou na janela, para fugirmos, ela teve que abrir. Quem abriu a porta e fechou, foi a Cassie. Também tem as correntes, eu estava presa e ainda soltei as da sua mãe.

— Então eles já têm as digitais. Não das armas, porque Cassie entregou a vocês, mas tem as das janelas.

— Ou não. — West diz e olhamos para a tela do notebook novamente. — Pensem comigo, Oswald está tão disposto a ferrar com vocês que ele faria isso na primeira oportunidade. Já passou dias desde que tudo ocorreu, até as digitais da coisa que Tiana usou para matar já foram pegadas, analisadas e comprovadas, imagine as das correntes? Eram correntes, eu olharia as correntes em uma cena do crime, Oswald que é profissional, fez o mesmo. Ou Oswald sabe e prepara algo, ou ele nem ao menos viu o tal lugar por onde fugiram.

Não pensamos em nada naquele momento, só o desespero de saber que Cassie estava sendo presa, Line que precisa fazer silêncio, Linda e West mortos, armas em minhas mãos que nem tinham munição, um rio para atravessar, uma fuga... Nada passou em nossa cabeça e se manteve fixa. Era apenas tristeza e mais tristeza.

Falhamos em alguns pontos, admito.

— Duvido que eles não saibam por onde fugimos, não era uma porta

escondida. — lembro-me de Cassie puxando. — E ela estava perto da porta quando a polícia chegou, eles devem ter desconfiado. Cassie nos deu tempo para ir embora.

— Então não sei o que pensar.

— Nem eu sei. — Guerrero concorda com o primo.

— Vão resgatar Tiana?

— Sim, West. — Guerrero confirma. — Só precisamos saber como.

— Já pesquisaram sobre a colega de cela? Para saber como ela é, para comprá-la.

— Estamos providenciando toda essa parte.

— Eu sei que me odeia, Luiz. Sei que Ian pegou sua substância por minha causa, que a vendeu e talvez tenha te colocado na mira dos inimigos. Eu quero consertar os meus erros. Sou um procurado, um fugitivo e não me importo, cara. Eu ajudarei com o que você precisar, você me livrou de uma condenação.

— Eu não participei do seu "resgate" porque estava procurando respostas.

— Eu sei, mas não me importo, você mandou gente para me salvar, mesmo que eu quase tenha ferrado com tudo.

— Você não ferrou com tudo, talvez se não tivesse aparecido naquele momento, Cassie teria sido levada, não sei. De um jeito ou de outro, você fez a sua parte.

— E farei mais. Eu ficarei limpo, livre das drogas. Tudo para ajuda-los.

— Espero que consiga.

— Conseguirei.

A chamada de vídeo é encerrada, no mesmo momento, Guerrero muda totalmente o assunto:

— Então os tais "amigos" do seu namorado não podem ajudar a Cassie? Eles não livraram o Bertollini...

— É, mas Fernando tinha importância. Eles não veem tanta importância em Cassie, na verdade, tenho certeza que há raiva. Afinal, Cassie matou um federal, quase colega daqueles caras...

Paro de falar quando Marisa entra na sala.

— Bem, uma das meninas que moram aqui, tem a prima que está presa no mesmo lugar que Cassie está. — Marisa começa a falar. — Hoje foi o dia de visita, então pedi para que ela falasse com a prima e tentasse descobrir algo. Ela já voltou. Infelizmente, a prima dessa garota está do outro lado, geralmente o banho de sol delas são alternados, então não ficam perto uma da outra. Mas ela

sabe sobre a colega de cela de Cassie. Cassie só tem uma, a outra está internada e nem sabe se voltará.

Marisa me entrega um papel, onde encontro a foto da garota.

— Naara Kushnir. — leio o nome no papel.

— O caso dela ficou bem conhecido, ao que parece. Matou os pais e dois vizinhos. Ela falou os abusos sofridos e mostrou marcas das agressões, mas nada era tão recente e não dava para comprovar os abusos. Então, acabou sendo condenada. Ela tem parentes por aqui, mas preferimos falar com ela diretamente. Amanhã será outro dia de visita. Cassie ainda não pode receber nada além do advogado. Teremos que conversar com Naara, para sabermos como ela é.

— Certo, como isso será feito?

— O nome do visitante entrará na lista de visita, vamos torcer para que ninguém mais vá visitar Naara, porque se forem, quem vai nos ajudar não poderá entrar. Também precisamos torcer para que Naara seja tão curiosa a ponto de querer ver o desconhecido.

— E quem vai?

— Você e meu filho não podem, estão com os federais na cola e eles darão um jeito de atrapalhar qualquer encontro com a colega de cela da Cassie. Os outros nem pensar, sobrou Jesse.

— Jesse?

— Sim, ele já tem dezessete anos, não precisa de autorização para entrar na lista de visita. Ele não é próximo de Cassie, e sim de Gabriel, mas não prova nada contra ele. Jesse dirá que é um amigo de Naara. Então perguntarão a Naara se ela conhece essa pessoa, não sabemos se ela vai mentir ou dizer a verdade. Precisamos tentar. Até agora, esse é o nosso único progresso. Descobrimos quem é a colega de cela de Cassie. Apenas isso, nada mais.

Bônus 18

— Naara Kushnir! — a guarda chama. — Visita para você.

Naara olha para a guarda, em duvida sobre o que escutou.

— Visita para mim? — ela pergunta, tentando entender o que está acontecendo.

— Sim, acho que é um amigo seu.

Naara sorri, mesmo sabendo que não tem amigos.

Uma visita, alguém veio me ver! Minha primeira visita da vida! Nem quando eu era "normal" alguém me visitava. Nunca fui vista como normal...

Naara está radiante por dentro, ao mesmo tempo está duvidosa quanto à visita. Naara não tem amigos, nunca teve. Seus pais a proibiam de sair na rua, nunca foi à escola, suas aulas eram dadas por sua mãe. Seus parentes nunca foram próximos a ela. A vida de Naara sempre foi resumida em ficar em casa, correndo do seu pai e levando esporro da mãe, que só a culpava, nunca a ajudou.

Naara sorri para Cassie e sai da sua cela.

Ver Cassie foi uma grande alegria. Naara já não aguentava viver sozinha em uma cela, o único momento que ela tinha perto de outras pessoas, era no banho de sol, que dura duas horas e na hora do banho, que sempre é estranho.

Naara passou um bom tempo sozinha, ela e seus pensamentos suicidas. Pensamentos que sempre disseram: "Por que está viva? Vai morrer, só está esperando a data. Adiante o sofrimento e tire a sua própria vida, não tem mais o que esperar". Naara está sendo forte enquanto pode, lendo livros para se distrair participando do grupo da jardinagem para ter o que fazer. Mas as detentas que trabalham ao seu lado, não são muito de conversar.

Naara nunca foi de conversar, não porque ela não quisesse, e sim porque nunca teve alguém para escuta-la.

Sua colega de cela levou uma facada e infeccionou, está sendo tratada. Infelizmente, está entre a vida e a morte. Pouco se sabe sobre ela, mas todas dizem que aquela faca tinha algo, uma facada não demoraria tanto para ser "curada", nem infeccionaria a ponto da garota estar internada há duas semanas em estado grave. E a facada foi na perna.

Chegando a fila das detentas, Naara é a última. Ela agradece por isso, não tem noção de que amigo é esse, poderia negar a visita, mas a sua curiosidade é maior.

Pode ser algum parente, ela pensa.

Sorrindo, Naara pensa nas possibilidades. Ela sabe que não deve sorrir, pode até ser algum parente ou amigo de um dos vizinhos assassinados por ela, pode estar jurando vingança... Mas Naara que ser otimista, pensar que é um parente que veio visitar.

Ela sabe que está sendo tola, mas o que Naara sempre quis, era uma visita. Nunca se considerou uma assassina cruel. Ok, ela esfaqueou o pai, trancou a mãe no quarto, viu o pai caído na escada e colocou fogo na casa. Aproveitando, foi até a outra casa, dos vizinhos, e pediu para entrar. Com a mesma faca que ela matou o pai, ela matou os outros dois, e colocou fogo na casa. Foi vingança pelos anos de sofrimento, não é como se Naara não tivesse sentimentos, ela tem, e muitos.

Um desses sentimentos é que, pelo menos, alguém de fora desses muros fale que ela não foi culpada, que ela foi certa no que fez... *Isso nunca acontecerá.* O seu sorriso vai se desfazendo, mas volta quando o portão é aberto.

A esperança pode ser uma coisa ruim, se ela não for cumprida, o seu sentimento quanto a isso será pior. Mas Naara não deixa de ter a esperança que tudo está mudando, que ela terá uma morte com um desejo sendo realizado: Ter um amigo de verdade.

Jurou que Kenya seria a sua melhor amiga, e foram, até que ela levou a facada e está internada. A outra colega de cela ficou apaixonada por outra e se foi, hoje nem olha mais para a cara de Naara, a namorada é bem ciumenta. E agora chegou Cassie, que conversa com ela o dia todo e sorri. Pode ser que sua sorte esteja mudando, talvez Deus esteja realizando seu último desejo antes de morrer, talvez depois disso, sua execução chegue e ela morra sabendo que pôde sorrir verdadeiramente algum dia.

Cada detenta vai para uma mesa, abraçando o seu visitante, então Naara presume que seu "amigo", seja o garoto com uma camisa de super-herói, que está em pé. Ele ajeita o cabelo, depois levanta a mão, fazendo sinal para ela. Ela se aproxima.

— Oi! — ela sorri. — Você é meu amigo?

— Sim. — ele força um sorriso, tentando não estranhar esse início de conversa.

— Será que veio cobrar algo das pessoas que matei?

— Tenha certeza que não.

— Então eu tenho uma visita de verdade?

Naara tenta conter a emoção, enquanto observa seu "amigo" arregalando os olhos por sua atitude estranha.

— É que nunca recebi uma visita, então pensei que fosse uma cobrança de dívida ou uma ameaça. — ela senta na cadeira, o seu "amigo" senta na sua frente. — Nem sei quem você é, mas eu tenho uma visita.

— Eu sou o Jesse. — ele estica a mão e Naara aperta.

— Sou a Naara, como deve saber.

— Bem, não estou aqui para ameaçar nem nada do tipo. — coçando a nuca, Jesse pensa como falar, sem ferir sentimentos. — É que conheço a Cassie...

— Ah. — Naara para de sorrir. — O que quer?

— Eu quero que faça algo.

— Eu matei gente, mas eles mereceram, nem peça para eu fazer algo contra Cassie. Eu vim de uma gangue, por isso não recebo visitas, são criminosos e não podem aparecer. — Naara sussurra, tentando fazer sua melhor ameaça. — Então, nem tente ameaça-la.

— Eu sei quem é, Naara. — Jesse ri, observando ao redor, mas só uma guarda olha para eles, mas não dura muito tempo. — Não tem gangue alguma.

— Quem disse?

— Pesquisamos.

— Não importa, o recado foi dado...

— Eu não quero prejudicar a Cassie. — Jesse sussurra. — Eu quero justamente a proteção dela.

— Ah. É que ela me contou o crime que cometeu, então terão vários contra ela, pensei que fosse o primeiro a oferecer algo do tipo.

Uma vez, outra detenta tentou colocar Naara no esquema, para matarem Kenya, mas ela recusou. Ganhou um olho roxo pela recusa, ficou um tempo na solitária, porque revidou e quebrou o nariz da mulher, para a sua sorte, Kenya matou a outra mulher, mas quase ninguém sabe dessa história. Kenya sabia que naquele lugar não tinha tanta vigilância e estrangulou a outra com o lençol, a investigação começou, mas terminou sem respostas.

A facada que Kenya levou ou foi para vingar a morte, ou foi à pessoa que mandou mata-la que ficou com tanta raiva que pagou para fazerem aquilo com Kenya.

Naara jurou vingança, mas Kenya disse que não era um assunto que Naara devia se meter, que era algo muito sério. Depois, começou a passar mal e foi levada ao hospital.

Na lista de mortes de Kenya, Naara sabe que tem mais de vinte, tudo em menos de dois meses. Kenya saiu matando e foi pega em uma das suas ações,

condenada a morte, assim como Naara. Porque no flagra, Kenya estava matando três pessoas de uma vez. Todos amarrados, queimados... Ela foi condenada a morte por esse crime, as autoridades não sabem das outras vinganças de Kenya.

Naara sorri ao lembrar de Kenya.

— Então, quem é você? Como saberei que o que disse é verdade?

— Então, fale de Guerrero...

— Oh, eu escutei falar sobre. Não que Cassie tenha falado comigo, ela falou no sonho. Então, o que quer?

— Proteção.

— Cassie já tem, não se preocupe.

— Vim oferecer uma quantia...

— Jesse, não se preocupe. Como disse, não tenho visitas, você é o primeiro de todos. Primeiro, único e último. — Naara sorri tristemente. — Você não tem noção do quanto uma pessoa legal é importante para mim, no caso, Cassie está sendo legal. Além do mais, o que o dinheiro vai servir? Nunca sairei daqui viva, nem tenho uma família, muito menos amigos para me preocupar. Eu ajudarei Cassie de graça, não se preocupe. Tem algum recado para ela?

Jesse pisca os olhos, atônito pelas palavras de Naara. Ele ficou mexido por suas palavras. Família... Coisa que Jesse também não tem, deveria ter, mas odeia chama-los assim.

— Então. — Jesse pigarreia, tentando manter a voz no seu timbre normal. — Diga que Guerrero, a ama. Que Kat e todos nós não a abandonamos. Diga que Guerrero sempre sonha com o casamento que eles tiveram antes que tudo isso acontecesse. Que quando ele puder, ele vem visita-la. — Jesse sorri.

— Ok. — Naara sorri.

— Ah, eu trouxe algo. — Jesse inclina o corpo para o chão, trazendo duas sacolas grandes e cheias. — Tem pães, bolos, sucos. Ainda bem que aqui tem aqueles scanners, ou eles estragariam tudo.

— Entregarei a Cassie, pode deixar. Guerrero, Kat, Jesse e os outros que mandaram. Cassie ficará feliz, tenho certeza.

— Não. Uma sacola é sua, a outra é de Cassie.

Naara arregala os olhos, depois, contém as lágrimas. Ela nunca, na vida, recebeu a cesta de comida ou de higiene que as outras detentas ganham. Naara sempre recebeu doações das outras detentas. A cada dia de visita, ela vê os sorrisos e as lágrimas de emoção das outras mulheres. Naara nunca teve nada disso. E essa é a sua primeira vez.

— Será que poderia falar um código para que Cassie entenda? — Naara

consegue conter a emoção. — Sabe como é, estou protegendo-a do mal.

— Entendo, posso estar dando comida envenenada. — Jesse sorri. — Fale que Kat está trocando muitas salivas, que ela coitou, os fluidos corporais não são tão nojentos, pit bull está bem e mandou um "oi, ruiva do Guerrero". Cassie entenderá, só quem anda com Kat conhece essas coisas, e, ao que tudo indica, só Cassie entende a coisa do "pit bull". Não me pergunte o que é.

— Ok. — Naara ri. — Falarei com Cassie, espero que seja verdade mesmo, porque esse bolo está cheirando maravilhosamente bem.

— Eu que fiz.

Naara olha para Jesse e sorri ainda mais.

— Obrigada pela sacola de comida. Não como bolo há um tempo.

— Então deveria trazer dois, é de chocolate e tem cobertura e recheio. Está tão bom que não sei se vai durar um dia completo.

— Ah, não vai durar nem meia hora. Amo bolo de chocolate.

A sirene tocando, avisa do fim do dia de visita.

— Está na minha hora. — Naara levanta da cadeira. — Pode deixar, Cassie está sendo bem cuidada e falarei o código. Kat trocou salivas, fluidos corporais e não é nojento. Pit bull mandou um "oi, ruiva do Guerrero". Guerrero mandou dizer que sonha, lembrando o dia do casamento deles e que ele virá visita-la.

— Isso mesmo.

— Obrigada por ter sido a minha primeira visita de toda a minha vida. Pode parecer besteira, nem nos conhecemos, mas fará um ano que não vejo uma pessoa de fora. Quer dizer, vejo as novatas de outras celas, mas não conta. Obrigada mesmo, e me fez sorrir, ainda me deu bolo de chocolate.

Naara não admitiria tanto da sua vida a um desconhecido, mas esse é o primeiro bolo que comerá nos seus quase dezoito anos de idade.

— De nada. — Jesse sorri e abre os braços. — Abraço de amigos?

— Abraço de amigos. — Naara abraça Jesse. Mordendo os lábios, ela tenta não derramar uma lágrima por isso.

Naara está abraçando, o seu último abraço foi Kenya. O primeiro "abraço" foi com seu pai, mas ele estava agarrando-a... Não era um abraço de "Eu te amo, filha", era sexual e Naara só soube minutos após, quando a sua virgindade se foi.

Mas Jesse... *Naara jurou que não teria medo de ninguém!*

— Tchau. — Naara se afasta, pegando as sacolas na mesa, olhando para baixo, tentando não mostrar as suas emoções.

— Eu voltarei. — Naara olha para Jesse. — Quer dizer, eu posso voltar? Prometo que trago mais bolos de chocolate.

— Claro. — Naara responde, sorrindo ainda mais.

— Mas não é para falar do que conversamos. — Naara entende que Jesse se refere a Cassie. — É só para falar mesmo.

— Falar do que?

— Da vida, do tempo. — Jesse dá de ombros. — Só para falar. Sou sua visita. Visita de amigo.

— Uma conversa normal?

— Sim, bem normal.

— Pode vir.

Naara não se contém, e derrama uma lágrima.

— Tchau, Jesse.

— Até breve, Naara. Sou a sua mais nova visita. — ele grita, quando Naara se afasta mais.

Naara sorri ainda mais, enquanto entra na fila para poder voltar a sua cela.

— Seu amigo parece ser uma ótima pessoa. — a guarda ao seu lado sussurra. Uma das poucas que não é ignorante com todos aqui dentro. — Fico feliz por te ver sorrir. Espero que ele volte e traga seu sorriso de volta mais vezes.

— Obrigada. — ela sorri para a mulher. — Espero o mesmo.

Sorrindo, Naara pensa que o seu desejo está se cumprindo.

Naara não deveria acreditar em pessoas estranhas, mas ela pouco se importa com isso. Confiou nos conhecidos e se deu mal, talvez os desconhecidos sejam piores, talvez eles sejam os opostos... Naara jurou que não ficaria abatida nessas horas. Que não deixaria que as palavras daqueles quatro monstros destruíssem sua vida, ela não desistiria das pessoas, não desistiria de sorrir.

Primeiro Kenya, depois Cassie, agora Jesse. Naara conseguiu sorrir para novas pessoas. Essas novas pessoas a fizeram se sentir bem, como não se sentiu em dezessete anos.

Se a data da sua execução chegar, Naara sabe que morrerá feliz. Pelo menos, aquelas quatro pessoas não destruíram totalmente a sua vida.

Naara terá sorrido muito e terá sido alegre antes de morrer.

Capítulo 43

Katherine

O peso descendo o colchão, me faz notar que Gabriel acabou de deitar ao meu lado. Já passa das quatro da manhã, até agora não consegui dormir direito. Gabriel, Jean, Jesse e Karen, estavam reunidos, conversando sobre a treta de Yankee e Lucio. Eu poderia participar, mas preferi ficar com Line, agora, ela está na casa de Guerrero.

Hoje, definitivamente, não estava afim de conversar. Primeiro por saber um pouco mais da treta de gangues e pensar que Yankee pode atacar, depois por lembrar das impressões digitais na cena do crime, a única coisa boa do dia, foi saber que Cassie está bem e que a colega de cela parece ser uma boa pessoa, fora o resto da tarde que passei com Line.

— Acordada? — Gabriel sussurra.

— Sim. — respondo.

A luz do quarto acende e Gabriel olha diretamente para mim.

— O que aconteceu? Nem participou da reunião.

— Estou cansada.

— Você fez muita coisa nesses últimos tempos. — acaricia meu rosto. — Uma hora tinha que descansar e deixar um pouco para o resto da sua gangue.

— Nossa gangue, *mamalido*.

— Quando formos fazer uma reunião de gangue, ou com outras gangues, nem ouse me chamar desse jeito, perderei a credibilidade.

— *Mamalido* acha que os gangsteres não te olharão de um modo respeitoso por minha causa? — imito a voz de uma criancinha. — Mas *mamalido* arrancou uma cabeça. *Mamalido* é rude, como os povos medievais eram.

— Eu vou castigar você se continuar com essa merda de palavra, Katherine!

— Quando me chama de Katherine, eu sinto uns troços, Gabriel. Sua voz sai mais grossa que o normal. Certeza que tem dezessete anos?

— Você tem certeza que tem dezesseis anos? — torce a boca. — Somos jovens com corpos de adultos, sendo que eu sou mais adulto que você.

— Não é nada. Eu tenho rostinho de criança, jeito de mulher e a coluna de uma pessoa de setenta anos de idade, se bem que vô Victor está quase lá e

corre mais que eu... — a constatação aparece. — Gabriel de Deus! — grito. — Você é sensacional! Virilidade do seu pai, mas vô Victor também é todo forte, viril, ele ainda impõe medo. Deus, sou sortuda! Olha meu *mamalido*, ele tem a genética... Gabriel! — grito de novo. — Vô Yankee! Ele é seu avô e ele é a mesma coisa dos Bertollini, só que ele é negro. Eu escutei falar de uma teoria sobre negros, uma teoria safada, mas responde o motivo da sua cobra albina não ser uma minhoca. Agora tudo faz sentido!

— Essa é uma das piores conversas que já tivemos, Katherine! Até porque, estamos falando de algo maior que a virilidade.

— Só penso na sua cobra albina...

— Não é tão branca!

— Não é tão albina, mas é chato falar "cobra branca". "Cobra albina" é mais... Legal.

— Chama de "pa..."

— Nem comece. Da minha boca não sairá uma baixaria, um palavrão. Não combina comigo, e, falando sério, você bem que gostou quando *coitamos*, não é mesmo?

— Foi à coisa mais estranha que fiz, mas foi maravilhoso.

— Foi como o túnel e o trem.

— Túnel e o trem?

— Nada. — balanço minha mão no ar, como o gesto dizendo "deixe pra lá". — Esqueça.

— Quando brincaremos de pula-pula? — Gabriel ri, enquanto faz essa pergunta.

— Eu queria agora, quero saber se o coito continuará sendo bom, mas, então, eu descobri que ainda dói. O meio das minhas pernas doem, quase não consigo andar. Está parecendo quando o *Latrell* fala da cadeira de rodas e, logo em seguida, a mulher passa em uma. Em "As branquelas".

— Eu sabia que, em algum momento de nossas vidas, você faria essa associação com o filme.

— Querido, eu amo o filme! Só assisti cento e duas vezes. Fui desvirginada, mas falando sério, parece que levei uma *espadada* na vagina.

— Você gosta de falar "vagina".

— É uma palavra engraçada. "Vagina". Gosto de falar, é a única palavra certa que falo. Porque ainda não associei a qualquer outra coisa. Já escutei pessoas chamando de "perereca", mas, por quê? Perereca é verde, certo? A minha não é verde e acho que a de muitas mulheres também não é. Pererecas

pulam... Ah, será que é isso? Eu quero brincar de pula-pula, então se a perereca pula, faz sentido agora! Agora que sou *safadona*, entendo das coisas. Também já escutei pessoas chamando de...

— Essa conversa é sexy. — olho para Gabriel e... *Maldito sorriso!*

— Eu sou sexy.

— Com a minha camisa do "Slipknot", essas máscaras não deveriam me dar tesão, mas com você dá.

— Ah, *mamalido*. — me abano. — Pensei em coitarmos naquele hospital psiquiátrico abandonado, lembra?

— Pensei em fazermos no fundo do cemitério. É bizarramente excitante.

— Na floresta, como em filmes de terror.

— No carro, no meio do pântano.

— *Mamalido*, como combinamos tanto?

— Porque somos estranhos, Kat.

— Aí está! — grito e aponto para ele. — Quando está calmo, me chama de "Kat". Quando está irritado, me chama de "Katherine".

— É automático, Kat. Você me chama dessa merda de palavra chata.

— *Bielzinho* está com raivinha, *tá?* — volto a fazer voz infantil.

— Não chama de "Biel" que esse apelido nunca pegou.

Sorrio ao lembrar quando todos chamavam Gabriel de "Biel", não dava certo, Gabriel sempre odiou essa coisa. Então sempre foi "Gabriel". Assim como Felipe, apesar da pouca idade, ninguém ouse a chama-lo de "Lipe", ele odeia e nem responde por esse apelido. Acha feio, sem graça e idiota, palavras dele.

— Então, *mamalido*. — Gabriel faz uma carranca para mim. — O que fará agora adiante?

— Falar com Yankee, contar que saí de sua gangue para entrar em outra inimiga. Bem, é isso.

— Yankee não vai te matar, tia Sara nunca deixará.

— Claro que não, só teremos uma briga gigante, nada de mais.

— Se ele te machucar...

— Diva gangster vai me salvar? Salvar seu parceiro?

— Vou. — jogo o cabelo para trás, deixando meu ombro livre, aproveitando a deixa, Gabriel beija, exatamente no local onde o ferimento daquele tiro ainda está cicatrizando.

— Sabe que se o cara não estivesse morto, eu o caçaria até que ele pagasse por tudo o que te fez.

— Guerrero o matou.

— Eu juro que se não soubesse do amor de Guerrero e Cassie, eu morreria de ciúme dele com você.

— Guerrero? — rio alto. — Gabriel, foi amor à primeira vista dele por Cassie. Não de Cassie por Guerrero. De cara, Guerrero já disse que o sobrenome dele seria o de Cassie, e não é que o filho da mãe vai conseguir?

— E Cassie o ama?

— Demorou a descobrir, mas ama. Sabe, *mamalido*, pessoas se apaixonam por questões específicas, algumas vezes. Por exemplo, todos que passaram na vida de Cassie, falo em geral, conhecidos, vizinhos e essas coisas, todos eram idiotas, ou queriam algo mais que alguns beijinhos. Então Guerrero surgiu e mostra algo diferente, entende? Mostra ser um cara legal, que fala certinho, que conhece os limites e os respeitam, fora que, fala sério, o cara nem deve ter ficado muito com Cassie e já vai casar e, cara do céu, ele está planejando a fuga da amada da penitenciária! Olha que coisa mais fofa, mais linda, melhor que aqueles livros românticos que fui obrigada a ler.

— Tudo lindo e perfeito, mas eu não creio que você leu livro de romance. Depois de toda a coisa de Cassie e Guerrero, eu só foquei nessa informação.

Isso é normal. Eu, Katherine Vesentini, sempre fui contra romance. Ok, acho lindo para os outros, eu disse que Giulia e Leo casariam um dia, mas para eu viver algo assim? Ou ler? Nunca foi minha área e deixava isso bem claro.

Hoje tenho Gabriel, mas eu o amo exatamente por sermos estranhos. Se fosse namoro cheio de mimimi, chatice, fofura para todo canto, eu me irritaria facilmente.

— Sim, eu li romance erótico. Queria saber mais do coito, acabou que é mentira, Gabriel! Li um livro onde a garota virgem, coitava na parte da frente, achava maravilhoso, dizia que não doía nada e, pasme, ela dava a porta do fundo, Gabriel! Eu não estou aguentando andar, e a autora disse que a cobra do personagem era muito grande. Que tipo de pessoa virgem aguenta? E a mulher gostou de dar atrás de primeira, depois de dar na frente, isso não é real, não pode ser. Entendo de ficção, mas se fosse me basear por aquilo, coitada de mim. Estaria triste por não ter me satisfeito como a mocinha safada daquele livro.

Gabriel está rindo como uma hiena engasgada. Eu apenas olho para ele, pensando no nosso *coito*.

Foi maravilhoso, doeu, ainda dói e não consigo sentar na cadeira sem sentir uma picada de dor... *Picada*... Palavra estranha para uma fala sobre *coito*.

Sorrio para mim mesma.

— Eu não creio que fez tanta pesquisa para *coitar*, Kat!

— Eu tinha que saber como agir, o que gritar, como gritar, como chamar.

— "Vem Gabriel" está nos livros ou no filme pornô?

— Minha autoria. E, quando falo isso, não é para enfiar tudo de vez! É para dizer...

— "Enfiar tudo de vez", meu filhote é um mito mesmo! — céus, eu esqueço dessas paredes finas e de Jean acordado.

— O menino cresceu, Jean, agora ele *coita*. — Jesse acompanha. — Cara, você é o nosso mito supremo. Esqueça *Heisenberg* de *Breaking bad*, você é o nosso mito supremo a partir de agora.

— Conseguiu namorar e *coitar* Kat, cara. Você é o nosso mito supremo, parabéns!

— Desculpa por conjugar o *coito* e dizer que não *coitaria* tão cedo. Jean me deve o novo jogo do FIFA porque eu disse que seria em menos de um mês, ele chutou dois meses.

— Espera, apostaram meu *coito*? — olho para Gabriel, que não diz nada, apenas sorri com orgulho. — Fala algo, Gabriel!

— Eu não falarei nada, não faltaram com o respeito. Estavam faltando quando riam de mim, agora sou o mito deles, Kat. Deixe-me curtir o momento.

— Curte mesmo, filhão. É a Katherine!

— Sério que Jean ainda acha que será o pai dessa família?

— Sou o mais velho, Kat. Karen seria a mãe, mas ela conversa com Alex nesse momento.

— Minha irmã não será nada sua.

— Está liberada ser do Alex? — Jesse questiona.

Silêncio. Eu encaro Gabriel.

— Se atrapalhar Karen, eu faço greve de *coito*.

— Mal começaram e já ameaça greve? — escuto Jesse rindo.

— Garoto, escuta seu pai que tem mais experiência. — Jean tenta falar sério. — Deixa Karen em paz. Assim, o seu *coito* será garantido.

— E como ela ficará com Alex? — Gabriel pergunta, como se tivesse estudando o assunto.

— Alex virá para o nosso lado, Gabriel! — bato na sua testa. — Karen e Alex serão como nós dois. Morando juntos, deitando na mesma cama...

— *Coitando*! — Jean e Jesse gritam.

— Ah, cara...

— Gabriel, greve de *coito*! — relembro.

— Ok, mas só depois que eu conversar seriamente com Alex. Apenas após a conversa.

— Melhor *mamalido* do mundo!

— Daqui a pouco eu e Jesse sairemos daqui...

— Vão formar a linda família de vocês? Adotar bebês?

— Vá se ferrar, Gabriel! Eu e Jesse sobraremos nessa casa, está tranquilo por causa de Karen, mas quando Alex chegar, será mais um casalzinho e, bem, não vamos querer escutar *coitos*, quer dizer, eles nem devem morar aqui. Mesmo assim, procuraremos um lugar.

— Ninguém está expulsando.

— Sabemos disso, mas a sua família, Gabriel. Eu e Jean vamos procurar um lugar, assim, vocês coitarão em *paz*.

— Pois é, mito, queremos conservar seu *coito*, nos agradeça.

— Obrigado, família.

Olho para Gabriel querendo mata-lo. *O idiota ainda agradeceu.*

— Que é? — Gabriel pergunta, como se minha carranca fosse algo sem explicação.

— Boa noite, Gabriel. Sonhe comigo brincando de pula-pula.

— Sonho todas as noites, Kat.

— O que pula-pula significa? — Jean pergunta.

— Eu pularei, tu pularás, Kat pulará em Gabriel. Jean, fez algum sentido?

— Não, eles *coitam* em código, cara. — Jean fala como se fosse um enigma a ser descoberto, a voz cheia de curiosidade. — Isso sim é um casalzão, o resto é resto.

— E Karen e Alex também, eles falam em códigos que eu já percebi.

— Meta de relacionamento, Jesse e Jean. — Gabriel está aumentando a vergonha alheia. — Fazer códigos para que só a mulher entenda.

— Meu Deus, vocês sabem ser irritantes.

— Será que amanhã você brincará de pula-pula comigo? — Gabriel volta a sussurrar.

— Não sei. Se prometer não me deixar como o Latrell disse.

— Eu vi uma cadeira de rodas aqui perto, olharei o preço. — Gabriel sussurra.

— Está falando sério?

— Coma muito ferro, quero dizer, alimento com ferro, não ferro mesmo.

— Eu entendi.

— Ah, claro. Não foi sua mãe que disse que você precisava comer fósforo e você comeu o palito do fósforo?

— Eu era uma criança!

— Você tinha treze anos, três anos atrás.

— Uma criança que levava tudo ao pé da letra, Gabriel!

— Ok, Kat. Mas coma muito ferro para aguentar...

— Esses são os melhores diálogos de *coitos* de todas as histórias de *coitos*!

Jesse, meu filho, por quê?

— Dá um "t" grande?

Jean, o pior de todos!

— Boa noite, sendo quase manhã, Kat. Sonhe com você pulando em mim. — Gabriel volta a sussurrar. — Dessa vez, me acorde e eu sessarei sua vontade.

— Anotado, *mamalido*.

(...)

Paro em frente à delegacia. Mais uma vez, aqui estou eu. Minha mãe me ligou mais cedo e informou que Oswald quer falar comigo novamente. Decidi vir agora porque, sinceramente, estou nervosa, ainda mais com aquela conversa de West, onde lembrei as digitais.

Minha mãe quis vir comigo, mas como terá uma consulta médica, neguei sua ajuda, para não atrapalhar. Na realidade, ela nem sabe que estou aqui.

Respiro fundo, entrando na delegacia, onde, de cara, encontro a doutora Eliana. Ela olha para mim e dá um leve sorriso.

— Ele é um babaca. — ela diz. — Mas acho que está abrindo os olhos.

— Do que está falando?

— Não precisa negar, eu te conheço, Katherine. Sei pelo o que luta.

Oi? Como ela sabe? Estamos falando o mesmo idioma de Yoshida? Não

o idioma do demo, e sim o idioma da doutora saber que ele está pro trás de tudo.

Por isso ela me ajudou no hospital? Ela me conhece?

— Katherine! — Oswald grita o meu nome. — Venha por aqui!

— Nem um "bom dia"?

— Bom dia, Katherine. Venha por aqui!

— Sempre idiota. — sussurro.

— Ele pode estar acordando. — Eliana aperta a minha mão e se distancia.

Não pode ser, a doutora sabe da minha vida? Pelo o que eu luto?

Tentando deixar as falas da doutora de lado — para me concentrar nas falas seguintes — vou andando até a sala de Oswald, que está em pé na porta. Ele abre mais a porta para que eu entre.

— Sem enrolações, Katherine. Esquecerei a história da Carolaine, mas sei que West foi pego do hospital. — ele olha para mim, em busca de alguma reação. — Não falará nada?

— Não tenho o que falar.

— Ok. — faz um som com a boca, algo indicando certa "raiva" pelo assunto. — Então, indo direto ao assunto da conversa, aqui está. — ele me entrega o papel. — O seu interrogatório, com sua assinatura, provando tudo o que disse.

Leio atentamente ao papel, onde não vejo nada de estranho, foi o papel que assinei no dia que vim até aqui.

— Qual a armadilha?

— Katherine, não sou o vilão da história, estou do lado da justiça, apenas. Não passarei por cima dos meus ideais para te culpar.

— Mas culpará Cassie.

— Não, essa parte ainda está em aberto, Katherine. Não colocarei as outras mortes nas costas da sua amiga. Ela matou Junior...

— Espera aí, você sempre se referiu ao tal Junior como "parceiro", agora falou o nome dele. Sempre foi áspero comigo, mas esqueceu até o assunto da tal Carolaine. O que aconteceu? Não me chamou aqui a troco de nada, para me mostrar uns papéis.

— A doutora Eliana te conhece, como presumi, você é a Carolaine e não tenho paciência para sua negação. Essa é a verdade. Não te chamei aqui pelo papel, mas algo aconteceu e nossa conversa será encerrada.

— Espera, o que aconteceu? Eu não interrompi meu dia para nada.

— Sorria, Katherine. Cassandra não levará a culpa por todos os assassinatos, apenas por um. Uma perícia constatou que ela não teve contato com os outros corpos, no entanto, ela e West foram os únicos sobreviventes, mas West foi capturado do hospital. Cassandra não estará livre, mas, pelo menos, uma parte dos crimes ela não será mais a culpada direta. Cassandra ainda ficará presa por anos, porém, é o que temos.

Perícia... Se a perícia não viu os sinais que Cassie tocou nos corpos... Será que olharam tudo? Será que não acharam digitais? Ou acharam e Oswald trama algo? Mas ele chamou o parceiro como "Junior", antes era apenas "parceiro". Algo aconteceu, a minha vinda até aqui não foi por nada.

— O que aconteceu? — tento encontrar respostas, algum gesto, alguma palavra dita de maneira diferente.

— Tchau, Katherine. — aponta para a porta. — Se eu quiser mais, eu te chamarei.

— Quiser mais o que?

— Tchau, Katherine!

Bônus 19

Naara chega a sua cela e coloca as sacolas em cima do beliche.

— Uau! Alguém veio carregada de mercadoria. — Cassie faz a observação, recordando quando Naara falou que não recebe visitas.

— Não me olha assim, a visita foi para te dar alguns recados.

— Recado pra mim?

— Sim, Cassie. — Naara senta ao lado de Cassie. — O nome dele é Jesse, tem o cabelo escuro, estava com alguns fios caindo nos olhos castanhos escuros, estava com uma camisa do Capitão América, ele tem a boca grande, devo dizer. Será que você o conhece?

— Sim, conheço. — Cassie sorri com a descrição de Naara.

— Então, foi ele. Jesse mandou um código que só você e Kat conhecem, pit bull mandou dizer "oi, ruiva do Guerrero".

Cassie sorri amplamente, sabendo que eles já agiram de algum jeito. Já descobriram sobre Naara e já vieram falar com ela.

— Eles pesquisaram sobre sua vida? — Cassie pergunta.

— Acho que sim, queria pagar por proteção, mas neguei. Já estou ajudando você, de qualquer maneira.

O pouco tempo com Naara, está fazendo bem a Cassie. Pelo menos, Cassie não fica com medo de dormir. Deveria ter, pensou que Naara fosse falsa, mas percebeu que ela só quer alguém para conversar.

— E mandou mais recados. Kat trocou fluidos corporais e gostou. Ela também coitou.

— Kat coitou? — Cassie fica perplexa com a informação. — Katherine? Kat? Coitou? Coito?

— O que é isso? — Naara pergunta, não entendendo a graça da história.

Cassie está rindo sozinha.

— Meu Deus! Eu perdi o acontecimento do ano! Kat fez saliências e gostou, ela será uma ninfomaníaca, certeza! — ao mesmo tempo que Cassie ri, ela derrama algumas lágrimas. Mesmo presa, sua melhor amiga não a poupou dessa informação. É um tanto estranho, mas sempre foi uma questão gigante e complexa para Kat, então, ela contou a Cassie, mantém a vida dela informada. Cassie não pensaria nada diferente de Kat. — Eu perdi o acontecimento do ano. Eu vou me vingar de alguém por isso, porque eu perdi a melhor coisa do ano.

— Sei que não é da minha conta, mas Jesse riu quando falou em "coitou", você está rindo, apesar de chorar. Eu posso saber o que essa palavra significa?

— Coito é sexo, transar, essas coisas. Mas eu e Kat chamamos de coito, pênis entrando e saindo, saliências e "brincar de pula-pula".

Naara sorri, vendo a animação de Cassie.

— O outro recado, Guerrero sonha sempre com o dia do casamento, que aconteceu antes que tudo isso acontecesse. Ele vem te ver em breve.

Cassie para de sorrir, pensando no "casamento" que teve com Guerrero antes que tudo acontecesse... *Isso é um pedido de casamento?* Cassie pensa. *Ele está avisando que casamos? Ele vem me ver porque... Porque estaremos casados, sou menor de idade e não terá burocracia para que ele venha me ver, é isso?*

Oswald havia falado que só os pais de Cassie poderiam visita-la, já que são os responsáveis. Cassie sabe que a guarda vai para os tios, então eles poderão visita-la, mas se Guerrero casar com Cassie, ela receberá a visita dele.

Guerrero não me esqueceu. Cassie pensa, enquanto coloca a cabeça no ombro de Naara, derramando lágrimas em silêncio.

— Deve ser legal ter uma família, amigos, um marido...

— Não, Naara. Sou como você. Não tenho uma família normal. Meus pais foram quase como os seus, não tive muito contato com meu irmão mais velho, mesmo que eu quisesse não poderia ter. Kat chegou e virou minha família, assim como todos os outros. É uma família construída de uma maneira diferente.

— Eu amaria ter algo assim, entendo suas lágrimas. — Cassie sorri para Naara.

— Ei, será que alguém ficou muito animada com a visita do Jesse? — olha para Naara, vendo seu sorriso surgindo.

— Cassie, ele... Jesse disse que voltará para conversarmos. Desculpa se parecer egoísmo, mas ele disse que nossa conversa será sobre o tempo, a vida...

— Não é egoísmo, está mais que certa em sorrir, Naara. É o Jesse!

— Ele é legal?

— Tivemos pouco contato, mas se Jesse é o melhor amigo do *mamalido* de Kat, então é uma ótima pessoa. Um nerd bem legal, é amigo do meu irmão também.

— Ele trouxe bolo de chocolate. — Naara sorri tanto, que seus olhos diminuem o tamanho. Cassie achou a coisa mais fofa ver a felicidade de Naara, por causa das bochechas. Naara sempre fica bem vermelha e quando sorri, as bochechas apertam seus olhos, fazendo com que ela fique fofa.

É estranho para Cassie algo assim. As amigas que Cassie pensou que tinha, foram falsas. Kat e Karen, que sempre foram verdadeiras, estavam na Itália por um bom tempo, enquanto isso, Cassie nada fez, não encontrou novas amizades e nem queria. Mas Naara tem uma aura interessante, uma luz estranha. Enquanto as guardas nem falam direito com algumas detentas, todas falam com Naara, cumprimentam sorrindo, falam do tempo, do dia, entrega novos livros e indicam outros... Algo em Naara é encantador.

Cassie começa a pensar se Guerrero "casou" com ela para conversarem na visita ítima, se ele vai resgata-la e conseguir, como fez com o West. Olhando novamente para Naara, que, agora, mostra o bolo que Jesse trouxe, Cassie pensa que não poderá deixar a nova amiga para trás. Naara está explicando tudo o que Cassie precisa saber, quem é a detenta legal, a que nem devem olhar, quem deu a facada em Kenya, quem queria comprar Naara... Cassie acha injusto a condenação de Naara, afinal, Cassie tem o plano de fazer o mesmo com as pessoas que a feriram, anteriormente, Cassie ainda colocava a questão de serem seus pais na frente dos ideais, mas depois daquela visita em sua cela com Giovanni... A ideia mudou.

Cassie não deixará que uma garota morra porque se vingou de quem a fez sofrer por anos.

Se Guerrero, Kat e a gangue fizer um plano de fuga, eles que coloquem Naara dentro do plano.

Naara está sendo a melhor pessoa aqui dentro, Cassie nunca abandona quem a ajuda, exemplo disso, é que será condenada porque salvou Marisa, Kat e Line, e Cassie não se arrepende nem um pouco.

Naara come pela primeira vez o pedaço de bolo, experimentando o chocolate em sua boca. O chocolate da cobertura que tem granulado, junto ao recheio de coco que está bem molhado. Naara já comeu chocolate, mas nunca um bolo. Sua mãe não fazia porque o pai não gostava, então, se o pai não gostava, ninguém deveria fazer. Naara também não comprava porque nunca recebeu dinheiro para nada.

Mastigando o bolo de chocolate, e lambendo os dedos, Naara sorri ao pensar como deve ser bom ter uma família. Fica feliz por ver Cassie sorrindo ao seu lado, assim como fica feliz em saber que Jesse é uma boa pessoa.

Enfim, Naara pode sorrir novamente.

Enfim, Cassie teve a confirmação que não foi abandonada por aquele que ama. Na verdade, Cassie está casada com o primeiro e único homem que amou na vida.

Oswald olha a cena do crime, mais uma vez. As mortes aconteceram aqui, mas nenhuma das vítimas tinham marcas de correntes nos pulsos.

Nas investigações, foram confirmadas as impressões digitais de Katherine Vesentini e Marisa Guerrero nas correntes, e a de Marisa na janela.

O que Oswald tenta entender agora é porque só tinha as impressões das duas. Tinha o sangue de Marisa em uma das correntes.

— Elas estavam presas? — Oswald sussurra, observando o local onde as correntes foram encontradas. Um lugar escuro, quase como uma prisão, realmente. — Sem qualquer vestígio das outras vítimas terem ficado aqui embaixo, nem a arma do crime que os matou.

Oswald anda, indo em direção à porta, que está danificada. Aparentemente, a maçaneta foi quebrada por um alicate, e tinha sangue do seu parceiro no lugar. A mesma arma que Cassandra usou para matar, ela usou para abrir a porta e liberar Katherine e Marisa? Mas se Cassandra abriu a porta do lado de fora, Katherine e Marisa se soltaram das correntes sozinhas?

As correntes estavam presas no teto. Oswald até pensou que o lugar seria usado para outras pessoas, mas a porta foi arrombada pelo outro lado, então estavam presas aqui?

Refazendo a cena do crime mentalmente, Oswald chega ao lugar onde estavam os corpos. Depois, chega ao local onde Cassie estava tentando esconder, a porta no chão. Na janela do lugar, foram encontradas as impressões digitais de Marisa, apenas dela. Provavelmente, ela abriu a janela para Katherine sair. Em cima, em um dos quartos, Oswald tinha encontrado algumas cordas e algemas.

— Ainda refazendo a cena do crime? — o outro agente pergunta. — Depois que a perícia foi concluída e deram o relatório das digitais e do sangue, você ficou pior.

— As correntes, não é um mistério? — Oswald olha para Cortez, que concorda com ele. — Só digitais de Katherine e Marisa, mas a porta foi arrombada por fora, provavelmente, por Cassandra que usou aquele alicate.

— Acha que Cassandra fala a verdade? Que o Junior era comprado e estava prendendo-a por algum motivo que nem ela soube explicar?

Oswald olha para Cortez.

— Você desconfia de algo? Está muito interessado nesse caso.

Respirando fundo, Cortez resolve falar. Ele e outro colega, estavam tentando arrumar coragem para essa conversa. Cortez vê a raiva de Oswald, a raiva que ele sente por Cassandra. A raiva que está deixando Oswald cego, a ponto de que qualquer ideia contrária, vire motivos de discussão.

— Oswald, Cassandra matou Junior e sabemos disso, todas as provas mostram o que aconteceu. Mas o que precisamos pensar é: por que Junior entrou sozinho em uma briga que parece ter sido de gangue? Como Junior estava tão dentro? Não têm digitais de Cassandra em nenhum corpo que estava aqui, nem mesmo em Junior, que ela matou. Como Junior estava na sala? Como ele morreu perto dos outros?

Oswald vai pegando as informações, enquanto Cortez continua falando:

— Cassandra não arrastou o corpo de Junior para dentro da casa, porque nem luvas encontramos por aqui, encontramos panos perto das correntes, que devem ter sido para amordaçar duas pessoas. Mas Junior e os outros mortos estavam com luvas. Por que tantas algemas? Tinha algema no quarto de cima, tinha uma cadeira com uma corda no chão, tinham correntes no teto daquele quartinho dos fundos. Tudo isso e a principal questão continuará sendo: Por que Junior entrou em uma casa com gangsteres? Toda essa corda, algema e corrente eram para ele? Como ele encontrou essa casa no meio do nada? Os outros que morreram tinham passagem pela polícia, um deles tinha a tatuagem com o "W". Junior ligou para você e falou que encontrou pistas, deu o endereço e desligou o celular. Onde está o celular? Cassandra disse que ele jogou no rio.

— Está dizendo que Junior é culpado e Cassandra está certa?

— Estou dizendo que Cassandra matou Junior, mas que, talvez, tenha sido em legítima defesa. Que ela estava se defendendo de um dos nossos. Você considerava o Junior como um irmão, trabalhou com ele há anos e sei que quer justiça, você comanda isso aqui, só queremos que não feche os olhos para tudo o que encontrarmos. Você está vendo o que acontece, as evidências. De qualquer modo, Cassandra será condenada, eu só não queria saber que Junior morreu como herói.

— O que quer dizer?

— Junior era aquilo que você odiava, Oswald. — Cortez bate no ombro de Oswald. — Ele era aquilo que você odiava.

Olhando ao redor, Oswald pensa em algo que ele não consegue acreditar, mas tem que colocar em questão: Talvez Junior não fosse o inocente.

— Cortez! — Oswald chama. — Ligue para a Eliana, aquela médica. Eu preciso falar com ela.

- Mais interrogatório?
— Não. Só preciso falar com ela.

— É uma menina. — Elijah olha para o bebê em seus braços. — Uma menina.

Olhando para o bebê que já está com a roupa nova, Elijah pensa como fará para entregar a Poliana. Como ela ficará feliz.

— Não acredito que fará isso.

Elijah ignora essa voz.

— Elijah, não me ignore, não novamente. Já perdemos muito com sua brincadeira de família feliz.

— Não é uma brincadeira. Era um susto, não era para Luna ir embora. Não era para Eliana ir, não era para Jesse nem me procurar mais, não era para o irmão dele me ignorar a cada palavra que falo. Não era para Rachel e Valentina terem crescido longe das minhas vistas. E Giovani... Ele não deveria ter se rebelado contra o próprio pai.

— Elijah, esqueça Giovani, o garoto é louco, mais cedo ou mais tarde, ferraria nossos negócios.

— São sangue do meu sangue, querendo ou não. Era apenas para assustar Luna. Dizer que Poliana morreu, dizer que ela seria estuprada...

— Isso é amar a família?

— Isso é para mostrar que eu mando, que um passo em falso e eu saberei castigar. Não mato meus filhos, isso nunca. Nem quero que matem, mas eu posso impor respeito e dar medo a eles. Poliana sofre até hoje pelo sumiço de Luna, não consigo acha-la.

— Agora você ama a Poliana?

— Sempre amei, sabe que quando a vi pela primeira vez, eu a quis do meu lado. Depois ela descobriu a verdade e quis fugir, mas se é meu, fica comigo. Já basta ter perdido Ciara. Perder Poliana será demais.

— E suas outras mulheres?

— Mais chatas que o normal. Por isso gosto de Poliana, ela está presa a mim e sabe como sou. Agora, darei esse bebê para que ela pare de chorar.

— É uma menina, Elijah.

— Eu vejo que é uma menina, uma bela menina. Milla está sendo cuidada, para poder dar a fonte de alimento desse bebê, depois, Milla voltará para o buraco, onde ficará até morrer.

— Você não pode estar falando sério! Brincar de família a essa hora das nossas vidas? Bertollini já está voltando, ele pegará a Nostra.

— E eu pegarei todos, simples. Deixem que se divirtam um pouco, que pense que estão ganhando.

— Será que você sabe quem é o pai dessa criança?

— Alex, o irmão gêmeo daquele que levou a minha filha. Mas Alex é diferente, faz as coisas e é frio. Já o irmão, o Allan, é um traidor que sequestrou minha filha. Milla contou que falou a Allan que ele era o pai, já que Alex estava distante, ela queria um apoio na gravidez. Ao que tudo indica, nem Allan se importava com Milla, então, para não ficar presa a ele, Milla contou que teve um aborto, mostrou os exames e Allan nem sabe da criança, o que significa que ninguém vai procurar pelo bebê. Nem mesmo Alex.

— É uma menina, você nunca cuida de filha menina.

— Regra idiota imposta pelo tio. Se eu tivesse criado as meninas, elas seriam tão fortes quando a tal Katherine, Karen e Cassandra. Entende? Eu queria meninas normais, não assassinas, isso fica para as outras crianças e para os meus filhos. Eliana sempre pode estudar e deixei que ela fosse embora, porque é uma boa pessoa, maravilhosamente boa. Luna sempre foi uma boa menina, mas eu não queria que Poliana tivesse escolhas, quero que ela fique em minhas mãos, por isso dei Luna à irmã, Eliana, e disse que eram mãe e filha, mesmo com Eliana não entendendo nada. Agora sei que Rachel e Valentina são minhas filhas. Eu poderia ter mantido as duas por perto.

— Não entendo esse sentimentalismo barato agora, Elijah!

— Eu sempre quis manter o meu sangue nesse mundo, se meus filhos não morreram por doença ou antes de nascerem, quero saber onde estão. É estranho, eu sei, mas são sangue do meu sangue. Jesse é o melhor filho que eu poderia ter, ele e o irmão gêmeo que eu separei, porque sempre tem um gêmeo bom e o mau, queria saber quem sairia melhor, e os dois são ótimos no que fazem. Entende? Mantive a linhagem, fiz tudo correto, para agora nem um filho olhar para mim ou saber que existo.

— Isso foi culpa sua.

— Porque parecia algo bom na época.

— Quando essa merda mudou, Elijah? Quando começou a importar?

— Quando eu vi Jesse olhando para o nada, ele não me viu, ele nem sabe meu rosto. Jesse estava olhando para o nada, enquanto enxugava as lágrimas. Karen Bertollini. — fala o sobrenome como se fosse o pior xingamento de todos. — Ela chegou e perguntou o que houve, se era a saudade da família, Jesse disse que não, porque nunca teve uma família para sentir falta. Depois, eu vi o Gregory falando com Alex que não entendia o que estava fazendo, que queria apenas sair e relaxar, mas não poderia, que aquela é sua vida. Depois vi Rachel brincando com Valentina, duas irmãs e nem sabem. Não sei onde Giovani está porque ele deve me odiar, o mesmo para Luna e Eliana. Não procuro pela mais velha, porque ela deve ser casada e deve ter filhos, se eu ver, vou querer trazê-la de volta e prometi a mim mesmo, que, pelo menos, Eliana seria livre. Mas ver todos os outros filhos me lembrou do passado.

Elijah olha para o homem alto e de cabelos grisalhos a sua frente.

— Como eu era solitário, em busca de um amigo para me fazer companhia.

— Elijah, os Bertollini acabaram com seu irmão mais novo. Foram eles que atrapalharam sua felicidade.

— E eu faço o mesmo com meus filhos.

— É necessário. O que fará agora? Mandará Jesse ser livre? Livrará Gregory do complexo? Deixará Luna ir? Deixará Poliana livre?

— Não falo nada disso, eu falo que eles deveriam me amar, fiz de tudo por eles, eu os criei. Todos poderiam ser como as outras crianças que estão aqui, mas não, eles são diferentes por minha causa, e eles nunca parecem sentir falta. Eu queria todos juntos, como deve ser.

— Não me diga que fará desse lugar o seu lar com a família.

— Não. — Elijah olha para o bebê. — Não por enquanto. Mas quando meu trabalho acabar, esse lugar será meu lar com minha família.

— E eu posso saber quando isso vai acabar?

— Quando eu disser que está na hora.

— Elijah, você tem que parar de dramatizar tudo. Apenas ataque.

— Eu quero aquela droga que mata, eu quero fazer de Katherine e Karen meus brinquedinhos e mostrar que elas não são poderosas como eu; quero os bebês de Sara e Isabella; quero Felipe e aqueles dois filhos de Heitor como meus novos soldadinhos; quero leiloar Giulia e matar Jasmine lentamente por aquela enganação da sua morte, quero fazer tudo nas vistas dos seus maridos, amigos, filhos e qualquer coisa que puder causar sofrimento. Eu quero o território de West, da Sangre, da M-Unit e quero a Nostra toda para mim. Deixe Fernando

pegar e eu pego dele novamente, não quero pegar a Nostra de outra pessoa, quero pegar de Fernando. Então, tenho muita coisa para fazer.

— Ataque agora e pronto.

— Ah, é? Vou atacar vários territórios?

— Pegue apenas quem merece, pegamos os outros depois.

— Fui ensinado a pegar tudo o que quero, se quero pegar um por um, eu pego um por um lentamente.

— Só que você ficou brincando de família feliz esse tempo todo.

— E você, o que fez? Fala de mim e nunca faz nada, nem sei por onde estava.

— Onde estava? Sabia o quanto vendi nesse tempo que brinca de família com alguém que te odeia? Sim, Elijah, Poliana te odeia. Olha essa menina, nasceu e você nem sabe de quantos meses, parece saudável, mas você nem dará uma assistência médica a ela.

— Darei, mas sobre minhas ordens e com os médicos que eu escolher.

— Não importa. Eu estava vendendo algumas escravas sexuais, o dinheiro precisa entrar.

— Então pronto, foi meu descanso. Você trabalhou e eu brinquei de família. Agora você descansa e eu trabalho.

— Não descansarei, Elijah. Você precisa de alguém e eu terei que entrar em ação novamente.

— Ainda bem que fará algo.

Elijah começa a se distanciar, preparado para apresentar a criança para Poliana.

— Eu voltarei, Elijah. Então foque em tomarmos poder, não em sermos felizes. A felicidade vem depois.

Ignorando as palavras, Elijah vai até o quarto de Poliana. Destravando a porta, Elijah encontra Poliana deitada na cama.

— Olha quem nasceu.

Poliana levanta rapidamente, indo de encontro a Elijah, que segura o bebê.

— Mas já? — Elijah entrega o bebê a Poliana.

— Bem, a menina parece saudável. — Elijah dá de ombros. — Depois vejo se está saudável mesmo.

— Mas tem que ver logo...

— Gostou da sua filha? — Elijah corta o assunto.

— Ela não é minha filha...

— É melhor que Milla como mãe.

Nisso, Poliana não discordaria.

— Não substituirá a minha Luna.

— Eu trarei de volta.

— Não quero, Elijah.

— Trarei de volta do mesmo jeito. — Elijah ignora todos os pedidos de Poliana. Ele trará a filha de volta.

Poliana olha para o bebê em seus braços. Ela parece com o pai, Alex. Poliana já o encontrou algumas vezes, Alex não fala nem olha para ela, o que Poliana não sabe se é bom ruim, afinal, ele se envolveu com Milla antes de trabalhar para Elijah.

— Anda, Elijah!

Ao escutar essa voz, Poliana olha diretamente para Elijah.

— Ele está aqui?

— Não se preocupe, ele não quer te ver e nem você quer vê-lo.

— Por que ele voltou?

— Poliana, já disse para não se intrometer nesses assuntos. Ele faz parte dos meus negócios, está na hora dele voltar a atuar.

— Mas se ele vai voltar, você...

— Poliana, deixe-me te dizer algo. — Elijah tenta pegar a mão de Poliana, mas ela recua imediatamente. — Quando te conheci, você foi enganada, do mesmo jeito que os outros foram. O que posso dizer é que o homem que está do lado de fora desse quarto, será aquela pessoa que você pensava que ele era; e eu sou aquele que você nunca pensou que eu fosse, na verdade, você nunca me viu do jeito que sou. Confuso? Sei que é, gosto assim.

— Nunca vi seu rosto?

Elijah ri.

— Você nunca me viu como o traidor. Você me viu de uma maneira, porém, eu trabalho mesmo é de outro modo. Seja feliz enquanto trabalho, Poliana. Em breve, essa casa estará cheia, do jeito que deve ser.

Capítulo 44

Gabriel

Assim que desço do carro, encontro Heitor saindo da oficina da Sangre Latino.

— Heitor! — chamo o seu nome e ele para de andar no mesmo instante, olhando para mim com o cenho franzido, mas, logo após, sorri.

— Gabriel? — ele aponta para mim, como se perguntasse se acertou o nome.

— Sim. — confirmo, aproximando-me dele. — Nos vimos poucas vezes e não fomos tão bem apresentados.

— Agora seremos apresentados formalmente. Sou o Heitor.

— Sou o Gabriel, o sobrinho mais novo por parte dos homens.

— Conheci apenas o Daniel, vejo Giulia sempre, por causa da amizade de Felipe com meus filhos, Karen eu quase nunca vi.

— Karen será mais difícil, não é muito de sair. Espero que os parentes tenham falado maravilhas sobre minha vida.

— Falaram, Yankee está todo orgulhoso do neto. Por falar em Yankee, se veio vê-lo, perdeu a viagem, assim como eu. Yankee não está aqui.

Assinto, pensando que terei que passar mais algum tempo com minha coragem para contar a verdade para meu avô. Queria chegar aqui e contar tudo de uma única vez.

— Uau! — murmuro exasperado. — Já conversam tanto?

Heitor coça a nuca.

— Não tanto. Não sei como disseram que Yankee é um homem fechado e que não dialoga tanto, ele fala muito. Você é um dos maiores orgulhos dele, para falar a verdade.

Yankee tem orgulho de mim... Espero que continue assim quando contar a verdade para ele.

— Se Yankee falou tanto de mim, ele confia em você. Não contará a verdade ao seu pai?

Heitor aponta para um banco, que está ao nosso lado. Olho para dentro da oficina, onde alguns homens da Sangre me cumprimentam e eu cumprimento de volta.

Antigamente, eu faria o sinal com os dedos, mas eu já saí da gangue...

Posso usa-lo, mas em caso extremo, como, por exemplo, se eu estiver na rua e precisar de ajuda, posso fazer o símbolo e se tiver alguém por perto, me ajudará. Como saberão que sou da Sangre ou que fui um membro fiel? Perguntas serão feitas logo após. É um caso a ser pensado, é melhor fazer o sinal com os dedos, ser salvo e depois sofrer na mão da Sangre, porque alegou lealdade em falso, ou será melhor sofrer na mão dos outros?

Acompanho Heitor até o banco, onde sentamos, olhando para a oficina.

— Meu pai comentou algo sobre você estar trazendo armas, recados e tudo mais. — puxo o assunto.

— Seu pai acha que isso me aproximará de Yankee.

— Ele está certo, porque se Yankee já contou da minha vida, ele deve confiar em você, mesmo com pouco tempo.

— Yankee disse que eu o lembro alguém.

— Provavelmente, a família toda. Meu pai falou sobre você ter feito drama...

— Ah, claro. Perder um dedo e ser torturado não é para sofrer, é para rir.

— Acho que foram as palavras usadas por você, algo assim. — sorrio. — Yankee deve achar parecido.

— Eu o enfrento sempre.

— Explicado! Yankee adora quem o desafia, mostra que é forte. Acho que se Javier tivesse mostrado quem era antes de tudo, Yankee o respeitaria. Afinal, seria um inimigo real, não um que se esconde. Continuaría sendo o traidor, mas um traidor forte por ter desafiado cara a cara. Se pensarmos bem, nem sempre o traidor fica escondido.

— E é por isso que ainda não sei o que fazer. Fui criado nesse meio. Uma mulher doida ficava comigo, um professor de luta ficava me incentivando a matar. Se Deb não tivesse morrido de repente, eu teria ficado lá por muito tempo. Não foi apenas um sequestro, me treinaram para matar. Eles vigiaram tanto a minha vida que eu fui procurado exatamente para assassinar Yankee, depois, eles souberam do transplante da minha mulher e se aproveitaram disso para que Fernando me matasse começasse uma briga entre Fernando e Yankee, para desestabilizar tudo. Não sei se eles continuam de olho, mas...

— Se contar a verdade, será mais uma ajuda. Yankee te protegerá com a própria vida.

— É covardia, sei o que pensam. É apenas... — suspira alto. — Eu cresci quase odiando Yankee e Ísis, o cara sempre teve uma família e eu me ferrando com Deb. Descubro toda a verdade, mas ainda não me sinto pronto a falar com

ele, entende? — confirmo. — Eu me meti em muitas confusões ao longo da vida. Fui preso muitas vezes, mas entrar em gangues nunca foi meu objetivo de vida, tanto que recusei matar Yankee. Não é o que quero para a minha vida e a da minha família, mas é o que preciso. Entendo o que acontece, porém, eu ainda quero conhecer Yankee direito.

— Não posso dizer que Yankee é a pessoa mais legal do mundo porque estarei mentindo. Meu avô Victor, meu pai, Marco e Yankee são iguais. Algumas vezes eles serão descontraídos, darão risada e brincarão, mas, na maioria das vezes, eles são severos e serão insuportáveis, mas eles sempre amarão a família. É por isso que são desse jeito, porque eles quebram a cabeça, se estressam para nos tirar dessa situação. Sempre é assim. Vô Yankee é uma ótima pessoa, mas é um gangster, o líder da Sangre Latino. A gangue dele mata, rouba, trafica, esquarteja, sequestra... Tudo na América Latina e do Norte, chegando a alguns outros continentes em poucos grupos. É isso o que eles são e não escondem essa verdade da família, pelo menos, não mais.

— Como convive nessa realidade? Eu fugi para não matar, entrei em lutas para viver, usei armas para me defender, porque nas ruas é difícil viver... E tudo parece voltar para a minha vida. Quanto mais fujo, mais eu volto para essa vida. Como é viver assim? Viver entre gangues e máfias?

Sorriso, ao lembrar o passado.

— Fui uma criança como Felipe está sendo, como seus filhos são. — olho diretamente para Heitor. — Sempre brinquei, estudei, fiz essas coisas. Quando fui crescendo, percebia discussões dos meus pais, eu e Karen chorávamos pensando que minha mãe ia embora ou que haveria separação. Um ano depois, quando eu tinha onze anos, meu pai contou a verdade e o motivo das discussões. Nostra Ancoma, Sangre Latino e M-Unit. Eu começaria a descobrir tudo o que minha família faz. Foi um choque saber que meu pai não era apenas um empresário, saber que aquelas garotas legais que moravam na casa do condomínio, eram prostitutas e trabalhavam para meu pai. Que meu pai mata, sequestra, tortura, é cafetão e todas essas coisas. Eu não soube como agir. Primeiramente pensei que era como nos vídeos dos rappers, mulheres e dinheiros para todos os lados. Depois pensei que fosse como os filmes, tiros e mais tiros. No fim, vi que era um bando de gente chata fazendo crimes. É algo que ficou normal em minha vida. Eu, por exemplo, não faço nada contra inocentes. Não digo do resto da família, às vezes, para pegar um, eles precisam pegar a família.

— Dessa parte, eu entendo. — ele ri, fazendo uma menção ao fato de ferrarem a família de Yankee usando a sua vida.

— Fomos introduzidos nessa vida, de maneira diferente. Eu entrei pela

família e meu pai só gritava para eu atirar certo e prestar atenção, batia em minha cabeça, colocava de castigo e tudo mais, basicamente isso. Você entrou por puro ódio de outras pessoas, e para matar inocentes. Pense que Yankee faz tudo o que já sabemos, mas que ele ama muito a família. Ele luta exatamente por aqueles que fizeram mal a você.

— Como disseram que você era o mais retardado depois de Leonardo?
— Heitor ri.

— Eu e ele temos nossos momentos especiais, garanto isso. Quando contar tudo a Yankee, nem pense que te chamarei de "tio", você tem menos de trinta anos de idade.

— Ok, mas eu ainda terei mais autoridade que você.

— Vai sonhando. — apertamos nossas mãos. — Pensando bem, terá autoridade se entrar na Sangre Latino. Sabe como é, o único filho homem e Yankee está sem herdeiro para o comando. O filho aparecido tomará o lugar.

— Agora sou eu quem falo, Gabriel. — Heitor sorri. — Vai sonhando.

(...)

Como Yankee não estava na oficina, resolvi voltar para casa, mas Katherine me avisou que Alex quer falar comigo.

Sim, Alex Castillo. O amorzinho da vida de Karen, o único que tirou a minha irmã da bolha contra seres humanos.

Kat e Karen são parecidas em alguns aspectos. Kat nunca foi fã de contatos com humanos, Karen tem a mesma teoria. Na verdade, Karen sempre foi pior. Para convencê-la a sair de casa, era necessária uma boa dose de drama familiar. O castigo do meu pai de "Karen não sairá de casa até o casamento", consistia em dizer que Karen não atravessaria a rua e iria para a casa de Kat, apenas.

Agora, um ser chamado Alex, surge e quer falar comigo. Pedirá Karen em casamento? Nego-me a pensar que a pirralha passará na minha frente. Eu casarei primeiro, nem que tenha que acorrentar Kat e leva-la ao juiz, ou seja lá o que aquela pessoa seja, para ela dizer "sim".

Sou o homem mais romântico que essa terra já viu.

Voltando a pensar em Alex, lembro-me de Allan.

Allan... Nunca mais falei com você, acho que será mais fácil quando Alex vier definitivamente para o nosso lado, quem sabe assim, Allan fica menos ríspido e de poucas palavras.

Irmãos estranhos que Jasmine foi arrumar.

Paro o carro no momento exato que encontro o tal "regueiro", ao lado do restaurante. Procuro a vaga para estacionar o carro, depois de estaciona-lo, vou de encontro a Alex.

— Será que você é fã do Bob Marley? — pergunto, sentando-me na cadeira.

— Já escutou Lucky Dube e Alpha Blondy? Também são muito bons.

— Sim, escuto até hoje. Reggae é um ritmo muito bom. Temos algo em comum, então.

— Além de amar a mesma pessoa, Karen.

Dois pontos para Alex. Um por gostar de reggae e conhecer esses cantores, outro pela tacada de falar que ama Karen de primeira, sem medo, sem gaguejar... Como eu faço com Kat.

— É sobre Karen que falaremos?

— Também. Sua irmã é um tanto, como poderia dizer?

— Receosa, acho que é uma boa palavra para Karen.

— Exatamente. Creio que ela não seja muito aberta, no sentido de conversas e relacionamentos.

— Nem um pouco. — confirmo. — Ela pegou a casca grossa do meu pai e a timidez da minha mãe.

Meu pai falava o quanto minha mãe era mais fechada com ele. Meu pai perguntava, meu pai falava, meu pai que tinha que fazer algo no início do relacionamento... Se bem que era um sequestro bem estranho.

— Então, Karen nem deve saber que estou aqui, mas preciso dizer que amo a sua irmã. Talvez ela nem acredite, porque sou mais velho e ela acha que pessoas mais velhas, se interessarão por mulheres mais velhas.

— Exatamente, Kat pensava a mesma merda.

Qual o problema dessas garotas? É só acreditar no nosso amor e pronto!

— Por isso chamei você aqui. Pensei em falar com Fernando, apesar dele saber que estou ao lado de vocês, ele poderia me matar pelo meu amor por Karen. Daqui que eu explique tudo a Daniel, ele já terá me matado. Giulia nem pensar, Leonardo me mata na porta da entrada. Jasmine é superprotegida pelo marido e pelos pais. Já você...

— Eu amo isso. Karen e o namorado me procuram sempre que precisam

de ajuda. Sinto-me como o melhor irmão do mundo. Eu sei que sou, mas isso me ajuda a acreditar mais.

— Sim, cara. Eu só queria dizer que o que sinto é verdadeiro. Conheço Karen há alguns meses, como deve saber. Sei que ela só tem quinze anos...

— A menina fez muita coisa, a idade nem é problema.

— Então está tudo tranquilo?

— Alex, seu relacionamento com Karen me custará um *coito*. Se eu for contra, não *coitarei* tão cedo. E se eu *coitei* uma vez, *coitarei* muito mais vezes.

— Então vocês conjugam mesmo o "*coito*"? — Alex ri. — Essa merda pegou, porque Karen também fala "*coito*".

— Por que Karen falou de *coito*?

Alex estala a língua nos dentes, depois ri.

— Olha para mim, cara. — aponta para ele mesmo, colocando as mãos no ar, indicando seu corpo de cima para baixo. — Sua irmã se apaixonou por mim a primeira vista.

— Você está parecendo aquele povo de *humanas* que ficam aqui. Aqueles que vendem miçangas e brincos com penas nas praças dos maconheiros.

— Debaixo desse dread e dessa roupa largada, existe um ótimo cara.

— Minha irmã não pode ter se apaixonado pro você. Jasmine falou que você era o mais idiota dos gêmeos. Minha irmã nunca gostou de caras idiotas, tatuados e de piercings.

— Digo que sua irmã mudou de ideia e que me ama. Quando a tal arma ficar pronta, eu estarei ao lado dela, como marido e mulher.

Merda, pontos para Alex!

— Está irritado? — ele olha para mim, sorrindo com escárnio. — Cara, Karen é perfeita...

— Boa sorte, Alex. Boa sorte para domar aquela ferinha.

— Eu conseguirei domá-la. E domarei seus amigos se chegarem muito perto.

— Uou! — abro os braços. — Já está na fase dos ciúmes?

— Dois garotos e Karen no mesmo ambiente?

— Não confia nela?

— Não confio neles, não conheço, nunca os vi antes.

— Eles não querem nada com Karen, nem Karen quer algo com eles, pode acreditar. Confia no seu taco...

— Enfiarei meu taco em cada um deles se mexerem no que é meu.

Pontos para Alex. Esse cara está conseguindo pontos naturalmente. Eu vim pronto para atura-lo e reclamar com Karen sobre a escolha, mas Alex é como todos os homens da família. *Possessivo.* Está disposto e sabe o que quer e matará quem passar na frente.

"É muita psicopatia", cortei uma cabeça e matei outras pessoas, é psicopatia o nome, então ok! Se a mulher está conosco, é nossa, assim como somos delas.

Kat, precisamos coitar... Você subindo e descendo... Sua bunda subindo e descendo... Seus seios...

— Cara, você está sorrindo, por quê?

Porque estou visualizando o pula-pula de Kat.

— Pensando que no teste da *possessividade*, você passou. Bem, ainda não sei se é digno da minha irmã, ganhou apenas meio ponto e nem direi em qual artigo isso aconteceu. Por enquanto, veremos seu desempenho para nos ajudar. Você está conosco, certo?

— Sim, claro. Marco sabe sobre isso, eu o ajudei.

— Pois então, "regueiro". Quando sua missão terminar do outro lado, será bem-vindo do nosso lado. Depois, quem sabe, será bem-vindo a nossa família.

Capítulo 45

Katherine

Minha sanidade mental alarmou, uma sirene alta e estrondosa, onde disse: "NÃO VÁ ATRÁS DA DOUTORA". Acatei a ordem do alarme, quase a contra gosto, entrei no meu carro e fui embora da delegacia.

Achei altamente estranho a fala da doutora, como se entendesse o que faço e me apoiasse. Mas isso explicaria o cuidado dela comigo, se bem que ela é médica e deve prezar pelo bem dos pacientes, mesmo assim, ela confrontou federais... Não foi por nada e agora posso estar entendendo.

Não vou atrás da doutora, não por agora, afinal, essa ida para falar com Oswald foi bem esquisita. Primeiro, ele quase não gritou, quase não olhou em meus olhos, não me desafiou; segundo, ele disse que não queria falar sobre "Carolaine"; terceiro ainda falou rapidamente sobre a fuga de West. Por último, disse que algo aconteceu e a nossa conversa seria encerrada... Ah, esqueci, também teve a história que ele é da justiça e não passará por cima dos seus ideais.

Isso significa que Oswald acordou para a vida e viu que Cassie não foi tão culpada, e Junior era o vilão, ou Oswald quer me confundir ainda mais?

Aquela doutora estava ali por alguma razão muito importante, ela sabe algo, talvez, saiba muita coisa.

Certifico-me que não tem ninguém na minha cola e adentro na rua onde estou morando. Minha mãe me deu esse carro quando nos vimos da última vez. Carro blindado. *Mãe, amo a senhora por me defender e me apoiar.* Meu pai também, mas nada supera o brilho nos olhos da minha mãe comemorando. Foi engraçado, minha mãe pulando, meu pai e Leo apenas a encarando como se uma segunda cabeça tivesse surgido em seus ombros.

Sei que minha mãe sofreu pela morte de Javier, mesmo que ela tenha colocado um sorriso no rosto, ela sofreu. Ainda bem que não me julgou, me maltratou e etc. Porque, sinceramente, eu faria tudo novamente.

Diminuo a velocidade do carro até parar, ao lado da tal Amanda, que está junto a Line e a Karen.

Amanda... Ela está conversando com Karen esses tempos. Ciúmes de melhor amiga? Talvez. Não gosto muito de saber que Rachel sonsa estava muito perto de Karen, eu estava perto de Cassie, mas sempre falando com Karen. Somos as espiãs demais. Agora a minha cisma com Rachel se foi, quero, com

toda a certeza do mundo, vê-la com Jean, para quem sabe assim, ele pare de falar merda e saia de vez das drogas. *Quem sabe o incentivo de um amor, o torne melhor?*

Merda, amar me deixa chata. Fico juntando casazinho como Brittany faz.

— Tia Kat! — Line balança as mãozinhas, mostrando que está brincando no cavalinho pula-pula da praça... PULA-PULA!

— Brincando no cavalinho. — empurro a cabeça do cavalinho para baixo, fazendo com que ele balance mais e Line ria alto.

— *Vamo* brincar também?

— Brincaremos de algo bem melhor. Eu tenho umas coisinhas no carro.

Depois de sair da delegacia, vi uma loja de brinquedos. Eu era a doida por brinquedos, assim como muitas crianças são. Mas não importava o tamanho da loja, eu queria ver os brinquedos. Aqueles brinquedinhos de lojinhas pequenas eram meus xodós. Panelinhas eram meus vícios, colecionava mesmo, por isso eu devo gostar de cozinhar. Fazia Leo sentar na cadeirinha e comer minhas comidas invisíveis, mas o idiota sempre reclamava "Seu feijão está ruim. Seu arroz parece uma papa. Seu ovo frito está muito salgado. Você é uma cozinheira horrível". Aquele idiota sempre tinha um defeito para minhas comidas invisíveis. Mas eu sempre pegava minha sandália e jogava nele, ou dava de sandália no braço, nas pernas... Nunca consegui acertar o rosto, porque Leo sempre foi mais alto, quando ia bater no rosto, ele levantava e eu acertava em outra parte do corpo.

O que eu estava falando antes?

— O que tem no carro? — Line pergunta.

— Vem ver.

Tiro Line do cavalinho e vou até o carro, abrindo o porta-malas. Quando Line olha para dentro, encontra uma caixa rosa, com o desenho de um fogão na frente.

— É lindo! — ela toca a caixa.

— E seu! Eu vi que tem geladeira, a pia, panelinhas e tudo mais. Mas não tem fogão.

— Tio Guerrero comprou fogão, não *cabeu* na mochila quando *vamos* para aqui.

— Ah, seus brinquedos não vieram?

— Não todos. Tio Guerrero me deu um monte. — ela fecha a mão e abre, como se fosse um gesto mostrando muita coisa. — Eu tinha um monte de

bonecas, panelinhas, ferro de roupa e outras coisas. Na casa de vó Marisa tem brinquedo e ela tá comprando mais.

— Ainda não tem fogão?

— Não. — balança a cabeça, negando. — Tem pia, geladeira, ferro, sofá. Tia! Eu tenho um carro, tio Guerrero me deu amanhã.

— Te deu ontem, um dia anterior a hoje. — corrijo-a.

— Isso!

— Eu tenho um sobrinho um pouquinho mais velho que você, só dois anos. Ele poderia ser um ótimo amigo.

— Eu tenho você, tio Guerrero, vó Marisa, tia Karen, tia Amanda, tio Gabriel, tio Jesse, tio Jean, tia Britt, tio Vicent, vó Carmen...

— Eu não sou avó! — olho para Carmen. — Me chama de "tia".

— Vó, pelo amor de Deus, supera, a senhora está velha.

— Olha aqui, Amanda, eu não sou velha, nem tenho sessenta anos. Meu corpo é todo natural, sou maravilhosa, sem uma ruga...

— Botox.

— Amanda!

— Vó Carmen, tia Britt disse que é para te chamar de "vó". — Line sori.

— Brittany fala muita coisa sem sentido, ok? Não sou "vó", sou "tia".

— Ela é a "avó". — Amanda sussurra, depois olha para mim. — Vó Carmen tem problemas com a idade, odeia ser taxada como velha. Longa história.

— É que todos resolveram ter filhos e só porque eu sou uma ótima pessoa, os filhos dessas outras pessoas, me chamam de "vó". Tem que chamar de "tia". Eu e Katherine somos bem parecidas de corpo, então eu sou como uma jovem mulher.

— Não é não. — discordo, recebendo a carranca de Carmen. — Falo a verdade.

— *Hay algo en ti, nena, que me lleva a la locura.*

— *A la locura.* — eu, Karen e Amanda gritamos, fazendo a segunda voz dessa música.

— Olha, *nena*. Tenho meu coral.

— Tem um coral de doidos, isso sim.

— *Se me hace difícil creer, que lo nuestro solo fue una aventura.* — olhamos para Line, que acabou de cantar o refrão da música.

— Ai, que vontade de morder minha *neninha*! — Oliver tira Line do

chão, rodando-a em seus braços, fazendo-a rir.

— Às vezes esqueço que o idioma de Line verdadeiro é o espanhol. — falo, olhando para ela e Oliver, que cantam a música.

— Guerrero falou que Line viveu pouco tempo em Honduras. — Carmen explica. — Mas o pai dela falava muito em espanhol, principalmente com Guerrero. Então Line conviveu com nosso idioma e o espanhol. E, bem, essa música é conhecida por todos que convivem com Oliver. Então, ela aprendeu essa música. Essa música convive comigo há mais de dezoito anos.

— E não sai de moda. — Amanda sorri. — É tão maravilhosa que, quando eu casar, colocarei na entrada do meu casamento.

— Imagino o padre olhando para a igreja quando o reggaeton começar a tocar. — Karen sorri.

— Se não tiver um *perreo** básico, nem chamarei de casamento. — sorrio.

— Vamos *perrear* juntos ao som do reggaeton. — Amanda bate palmas. — *Perreo, papi, perreo.*

— *Perreo, papi, perreo!* — eu e Karen cantamos junto, enquanto Amanda faz o *beat* com a boca.

— A mãe de vocês sabem que gostam do *perreo*? — Carmen cruza os braços.

Olho para o lado, onde vejo Line brincando com Oliver, em uma distância que ela não escutará.

— Querida, eu já coito, *perrear* é o mínimo. Por falar nisso, acho que vou fazer um *perreo* em Gabriel.

— Meu irmão ficará mais louco do que já é.

— Lembra, Karen? Nós assistíamos aos vídeos de reggaeton e ficávamos dançando!

— Não creio, eu também! — Amanda bate palmas. — Amo reggaeton, é vida!

— Não é? É sexy! Farei isso com Gabriel.

Imagino-me colocando algum reggaeton sexy, alguma música com uma ótima batida e eu dançando para Gabriel. Ele sabe que danço, mas eu nunca fiz movimentos sensuais em sua frente. Tenho meus segredos.

Dançarei Waka Waka em Gabriel. Por que tem pulinhos. VEM WAKA WAKA! VEM GABRIEL! VEM GABRIEL, VOU *PERREAR* EM VOCÊ!

Perrea, Kat, perrea! Perrea, Kat, perrea!

— Não julgo, com essa idade eu estava curtindo minha vida pela

Colômbia, transando com o chefe de um cartel e tendo Brittany como filha. — Carmen dá de ombros. — Mas você me parece aquelas meninas felizes em início de relacionamento.

— Não é início de relacionamento, é início do *coito*.

— Sexo. — Karen diz, quando nota a cara de dúvida em Carmen.

— Oh! *Coito*? O que as crianças têm hoje em dia? Amanda é quase uma beata, fora essa coisa de dançar e achar que o padre vai liberar o reggaeton na entrada da igreja, mas as meninas que conheço são estranhas. Ou não falam de sexo, ou chamam de *coito*.

— Carmen, *coito* é mais legal que "sexo", porque todos falam "sexo" ou palavras vulgares. *Coito* é sexy.

— Não é não. Fui cafetina por anos...

— Espera, tem experiência? — questiono.

— De cafetina, não prostituta. Talvez achem que cafetinas são vadias velhas, mas eu comecei nos negócios bem cedo. E devo dizer que ainda estou nele.

— Você é cafetina? — olho de Carmen para Amanda.

— O que foi? — Amanda arqueia a sobrancelha. — Meu pai é cafetão, meu avô de sangue era chefe de um cartel de drogas, e ainda manda em algo lá dentro; meu avô de consideração era um assassino de aluguel, que ainda faz serviços se for necessário; minha avó de consideração, a Sofia, era cafetina e prostituta, agora é casada com um gangster, que é meu avô de consideração que amo; meu padrinho, o Matt, matou um cara e fala disso com muito orgulho, além de ter amizade com gangsteres; e, por último e não menos importante, a minha mãe é uma sanguinária que sempre faz ameaças estranhas para todos que a irritam, fora que ela matou gente e planejou matar outras. Minha família consiste em gente normal, como em todas as famílias existentes.

— E eu achando que nossa família era estranha. — Karen murmura.

— Acho que a deles são mais. — falo, concordando com Karen. — A nossa família consiste em duas gangues e a de Tyler que vem como agregados. Mas a família de Amanda e Carmen vem com vários tipos de pessoas, de diferentes "trabalhos".

— Sabe como é, vamos expandir os negócios e pegar cada pessoa de um tipo para dominarmos o mundo. — Amanda pisca um olho.

— E você, o que faz da vida?

— Pensando seriamente em desistir de estudar. — Amanda responde. — Descobri que ficar sentada em uma sala, com pessoas chatas e escutar professor

pouco interessado em ensinar, não é para mim.

— Igual à Britt. — Carmen encosta em meu carro. — Ela parecia que tinha fobia de escola.

— Se essa fobia existir, eu e Kat temos. Porque, sinceramente, escola é um saco! Que minha mãe não me escute. — Karen sussurra.

— É uma merda! — exclamo. — Fora que minha vontade não tem relação com o colégio nem faculdade. Nunca pensei em ser médica, advogada, publicitária, veterinária, ou qualquer coisa que precise de um diploma universitário.

— Eu nunca tive qualquer vontade, sinto-me um lixo nesse momento. — Amanda coloca a mão no peito. — Minha mãe abandonou o colégio e nunca voltou, acho que sou como ela, mas não tenho algo para fazer da vida. Por isso estou aqui, no meio de bandidos, procurando o que fazer com minha vida, a vida de uma garota de dezesseis anos que deveria estar no último ano do ensino médio.

— Quer ser gangster? — pergunto.

— Está recrutando? — Karen ri.

— O quê? — Carmen me olha como se eu fosse louca.

— Eu sei atirar, minha mãe ensinou.

— O que tem eu? — Brittany aparece, ao lado de Vicent. — Diva Lauren, que maquiagem maravilhosa. Amanda, aprenda com ela.

— Ok, mãe, eu serei uma gótica.

— Melhor que ser vadia. — Brittany pisca um olho. — Eu odeio vadias. Sempre atrapalhando vidas. Conhece alguma vadia?

— Como mudamos de assunto? — Karen parece pensativa.

— Menina que fala em códigos com o namoradinho e não me deixa shippar. — Brittany tem um tom bem acusatório para Karen, que apenas sorri. — Eu sinto cheiro de vadias de longe, e, devo avisar, aqui tem muitas. Garotas quase esfregando a bunda na cara dos homens. Esse lugar é um paraíso para homens desesperados por sexo.

— E amamos isso! — *tinha que ser Jean e Jesse*. — Vamos procurar umas vadias. É final de semana, pessoas! Dia de *coitar*! — Jean e Jesse olham para mim. — Procuraremos alguém para brincar de pula-pula.

— Nós entendemos o código, Kat. — Jesse sorri, de maneira zombadora. — Peça para Karen sair e a casa estará livre para a *coitação*.

— Façam no quarto, o sofá é usado por todos na casa, assim como a mesa, a pia da cozinha, a do banheiro...

— Saiam! — grito.

— Bom fim de tarde e boa noite, mulheres. Estamos indo para o bar, a procura de *coito*. — Jean sorri para mim.

— Saia daqui!

Rindo, Jean e Jesse saem para o destino deles.

— Essa conversa foi bem sem sentido. — Vicent sorri. — Mas eles provam a verdade, tem muitas vadias aqui.

— E eu matarei alguém. Aquela vadia loira estava dando em cima de Alejandro na cara dura. Alejandro estava nem aí, mas aquela mulher me desafiou com aquele olhar de vadia. Fora a outra que dava em cima de Guerrero, ele é da diva ruiva.

— Dão em cima de Guerrero? Ninguém dá em cima dele, ele é da minha Cassie!

— Pois é, diva Lauren. As vadias estão no cio. Guarda seu homem em um pote. Porque nossos homens podem não ligar, mas o olhar delas irritam.

— Elas que não ousem dar em cima de Gabriel, já basta Amélia vadia.

— Eu sempre digo! — Britt grita. — Sempre tem a vadia da história. Na minha história tinha uma, mas morreu, ainda bem. Uma vadia loira, por que sempre são loiras? É muito clichê. Eu sou loira...

— Não natural.

— Cala a boca, Vicent! Mas sempre são vadias loiras, por que não morenas? Negras? Indígenas?

— Amélia é loira, alta, magra, cara de vadia, gesto de vadia, a mãe dela era prostituta e ganhou o prêmio de boca de ouro!

— Isso não é nada, eu ganharia esse prêmio se concorresse e o jurado fosse Alejandro. Mas, obviamente, eu faria trabalhos *bocais* com meu marido.

— Mãe, por favor...

— Amanda, você não gostou nem de Jean nem de Jesse. Pensei que esse lugar te traria um amor.

— Eu tenho dezesseis anos.

— Meu amor, eu encontrei seu pai com vinte e cinco anos. Sinceramente, eu já pensava em virar freira e estava aceitando que morreria sozinha.

— Amanda precisa de um amor? — pergunto. — Jesse pode estar gostando de uma menina, Jean ficará com a sonsinha, não tem mais ninguém que eu conheça.

— Katherine, não entre na história da minha mãe...

— Amanda, você precisa *perrear* com alguém. Eu vi Dulce dançando com Drew. E, gente, aquela menina não é minha filha de sangue, mas ela sabe aproveitar oportunidades.

— Amo pessoas que entendem os filhos. — murmuro.

— Antes odiava o assunto *coito*, Kat. — Karen relembra.

— Meu amor, agora eu quero brincar de pula-pula, mas não sei fazer.

— Pode perguntar, são anos de casada com Alejandro, minha mãe é cafetina, ela pode ajudar com dicas.

— Passei de cafetina para sexóloga?

— Como pular na cobra albina sem perder o equilíbrio?

Silêncio absoluto.

3,2,1,0

Ataque de risos.

Não tem nada de engraçado em uma inexperiente coital!

— Não é para rir! — esbravejo. — Não sei *coitar*, posso cair no pula-pula.

— Oh, Katherine, você pode ter câimbra, cair é meio difícil, não impossível. — Carmen aperta meu ombro. — Anos de prática leva a perfeição. Deixa rolar, não pensa muito nisso.

— Quando eu comecei a fazer com o Alejandro...

— Mãe, não...

— Eu comi banana para não dar câimbra, tinha alguns medos estranhos. Literalmente eu como banana. — Brittany sorri maliciosamente. — Já comeu banana, diva Lauren?

— Ainda não.

— Ainda! — todos repetem.

— Eu tô muito *safadona*?

— Ela é muito *safadona*, ela. Eu amo essas palavras. — Vicent ri.

— Quer saber? Vocês não ajudam em nada, perguntarei a tia Sara, ela entende mais de *coito* com Bertollini que todos vocês.

— Vai perguntar a minha mãe?

— Vou, Karen! Para a minha também. Elas me entenderão.

— Volta aqui. — Brittany segura a minha mão. — Vamos falar de *coito*, mas não no meio da rua.

— Teremos uma aula de *coito*? — Amanda pergunta, como se fosse uma aberração. *Eu era assim, Amanda, hoje quero ser safadona e pular na cobra*

albina!

— Sim, meu amor. Mamãe sente que aqui será seu lugar, alguém aparecerá e roubará seu coração... Espera, deixe-me reformular a frase, porque os novos inimigos traficam órgãos e eles podem, literalmente, roubar seu coração. — Brittany pigarreia. — Alguém vai se apaixonar por você, Amanda, não é o Christian, é alguém pior e melhor.

— Pior e melhor? — franzo o cenho.

— Christian é certinho. Mas Amanda e Lauren, esse é o nome da minha filha do meio, só para que entenda. Elas são como a mamãe, gosta dos caras errados. Alejandro é errado, mas eu o amo. Aquele corpo, aquela voz, aqueles músculos, aquelas mãos me agarrando...

— Mãe, acorda!

— Oi?

— Tudo bom? — faço voz infantil.

— *Turo pom!* — Brittany sorri para mim. — Eu precisarei *coitar* após essas conversas porque comecei a ter devaneios com meu Alejandro.

— Eu tenho com Gabriel e Karen tem com Alex.

— Serei a fada madrinha das duas...

— Eu não disse que quero *coitar*!

— Todos querem *coitar*, Karen. Essa palavra vicia. Alejandro vai amar meu novo vocabulário safado.

— Eu odeio essa conversa.

— Cala a boca, Amanda! — Brittany grita.

— A mãe de vocês são loucas como a minha?

— São. Certamente minha mãe pulará quando souber que *coitei* com Gabriel. ainda não contei porque quero ver a reação dela de perto.

— A minha vai comemorar porque eu amo Alex, fará perguntas estranhas e me envergonhará.

— Não é legal ter uma mãe liberal? Não liberal, porque eu não sou liberal, só *coitei* com Alejandro. Gente, essa palavra pega! Gabriel te pegará de jeito. Eu aprendi a ser safada, minhas irmãs também aprenderam, diva Camille teve aulas com especialistas, leia-se "prostitutas".

— Vocês são muito ligadas ao sexo. — faço mais observações.

— Agradeça a Carmen e Sofia, que não está aqui.

— Brittany, esqueça a merda do passado. Sou sua mãe maravilhosa há anos.

— Ela me deu dicas de óleos...

— Ah, meninas. Não sei se é errado, mas dane-se, diva Lauren já mora com Gabriel. — Vicent tem um sorriso maléfico. — E você mata pessoas. Diva cacheada arma planos, e não sei onde está seu boy, mas alguém tem uma mochila com umas coisinhas bem sensuais.

— Vicent você é um gênio!

Olho para Vicent e Brittany.

— Do que estamos falando? — pergunto.

Brittany e Vicent olham para Carmen.

— São para as minhas meninas, presente em comemoração aos dois anos que o clube existe. — Carmen parece que perdeu uma batalha. — Ok, eu posso doar algumas coisinhas.

— Do que estamos falando? — repito a pergunta.

— Diva Lauren e diva cacheada. — Brittany olha para Amanda. — Diva que acha que a própria mãe é tonta. Alguém quer dicas de *coito* e a cafetina ali. — aponta para Carmen. — Tem uma mochila com coisas bem quentes.

— Vão falar de *coito* comigo mostrando...

— Não é isso! — Vicent logo me interrompe. — Tem óleos de massagens...

— Tenho certeza que minha mãe e tia Isa engravidaram por causa desse bendito de óleo de massagem!

— Concordo com Karen. Não quero bebês agora.

— Não sei do que falam, mas nós falamos sobre coisas sensuais para uma noite especial. Vicent, essa coisa é errada, sinto-me como minha mãe falando com as prostitutas.

— Não! Eu quero saber, tenho medo de passar vergonha na hora do *coito* e Gabriel rir de mim.

Já basta eu ter gritado "Vem Gabriel" e ele ter entendido de outra forma.

— Ok, pedindo com esses olhinhos brilhando. — Brittany sorri amplamente. — Vicent e Carmen, somos fadas madrinhas do *coito*.

— Meu sonho ser uma fada. Uma vez me fantasiei de fada, como a Sininho, para o Ricky, ele riu muito e perdi a vontade. — Vicent parece triste.

— Conselho, diva Lauren, só se fantasie se seu marido tiver a idade mental de não rir e que você entre no personagem. Fui fazer essa merda e Alejandro riu da minha cara, eu ri junto e quebrou o clima. Eu me fantasiei de diabinha e disse que brincaria com meu tridente nele. Sério, jamais fale que brincará com algo grande, grosso e pontudo, eles entendem de outro jeito.

— Ok, estou anotando as dicas na minha memória.

— Eu não acredito que isso é real. — Carmen olha para a filha como se ela fosse louca.

Brittany não é louca, ela é como eu. Pessoas que não são compreendidas nesse mundo de gente safá... MEU DEUS! EU ESTOU FAZENDO PARTE DO GRUPO DE GENTE SAFADA! EU SOU AQUILO QUE REPUDIEI!

— Vamos, Katherine. — Vicent segura a minha mão. — Vamos preparar uma noite especial para Gabriel.

— Definitivamente, seu *coito* é o acontecimento da década. — Karen sorri.

— Sinto-me honrada, devo dizer. Gabriel que me aguarde, brincaremos de pula-pula em breve. Eu estou muito *safadona*!

O **perreo é um estilo de dança . Nos Estados Unidos também é conhecido como moagem. Pode ser rápido e agressivo, ou lento. Em qualquer caso, a atitude dos participantes é dançar como se estivessem tentando seduzir o parceiro com movimentos sensuais, incitando a imitar as posições sexuais. Resumindo, é aquele movimento onde a pessoa fica de costas, na frente de outra, se esfregando nas "partes" do que está atrás dela.*

Capítulo 46

Katherine

Vamos lá, Katherine, lembre as dicas.

Fechos os olhos e respiro fundo, abro-os novamente, olhando-me no espelho.

Boca vermelha por causa do meu batom, contorno dos olhos escuros para realçar a cor deles, cabelo solto e nada de mais... Sutiã de renda lindo. *Obrigada, Carmen.* Viro-me de costas para o espelho e me afasto mais, para ver o reflexo de todo o meu corpo. *Fio enfiado na bunda? Ok!*

Olho-me novamente na frente do espelho, decido tirar o sutiã e colocar a camisola de renda que, também, foi dado por Carmen. A cor preta tinha que predominar nas minhas roupas e nos meus olhos, sempre assim.

Termino de colocar a camisola e sorrio para mim mesma pela minha sensualidade.

VAI SAFADONA, VAI SAFADONA, VAI SAFADONA!

Rio comigo mesma, depois, pego o meu creme corporal e passo, em seguida, pego um dos perfumes de Gabriel e coloco apenas um pouco... *Gabriel, eu amo como posso usar seu perfume e economizar meu dinheiro.*

Termino o tratamento corporal e olho-me novamente do espelho.

Não tá legal...

Não, isso é insegurança.

— Olha para mim. Eu sou bonita, meu peito é duro, eu não tenho uma cirurgia plástica. Sou toda natural, sou bonita pra caramba! — repito essas palavras para mim mesma, na frente do espelho.

Jogo meu cabelo para um lado, depois para o outro.

— Vamos treinar? Vamos!

Afasto-me um pouco mais, para que eu posso ter a visão ampliada do meu corpo. Pego o meu celular e coloco na música.

*"Si tu cuerpo me pide un deseo
Te lo calmo cuando hay perreo
Y de repente recuerdo lo viejo
To' el mundo pegao', la disco bailoteo"*

Danço junto com a música e vou me olhando no espelho. A cada batida mais envolvente, eu dou uma rebolada, faço uns movimentos de "sobe e desce" com minha bunda, faço umas misturinhas com dança do ventre e, claro, rebolo mais que outra coisa.

— Nada mal. — falo, quando a música do Yandel com o Wisin termina.
— Ainda danço bem, ok.

Respiro fundo novamente.

— Por que tanta vergonha, hein? — converso comigo mesma. — Gabriel já te viu arreganhada, já fez coisas *salivamente* em mim, por que a vergonha? É só pular na cobra albina. — *passo a língua em meus lábios e que batom maravilhoso, nem borrou.* — Eu tenho o direito de sentar, tem direito de quicar, de sentar e de rebolar. Fica caladinha, fica fica caladinha. — cantarolo enquanto rebolo minha bunda, mas logo paro. — Por que fico vendo essas coisas no YouTube? Foco, Katherine. Foco na cobra albina!

Escovo os dentes pela terceira vez em dez minutos. *É muita insegurança em uma pessoa só.*

Olho para os óleos dados por Carmen. Não usarei, não agora. Se para sentar, quicar e rebolar, eu tenho vergonha, imagina para massagear Gabriel? Gabriel nu? Comer banana... *Foco, Katherine!*

— Onde esse idiota está? Daqui a pouco perderei o um por cento da segurança que adquiri para ser sexy. Eu quero pular na cobra albina, mas dá um medinho, espelho, muito medinho. Mas é só pular, certo? Pular sentada. Pular, pular e pular. Meu cavalinho pula-pula humano, isso que Gabriel é. Pular... — sorrio ao lembrar algo. — Vamo pulá, vamo pulá, vamo pulá, vamo pulá... Merda! Tinha que lembrar essa música infantil?

Foca, Katherine! É seu coito, seu pula-pula!

Balanço a cabeça para um lado e para o outro. Abro os braços e faço uma dancinha com os ombros, balançando meus peitos, depois remexo minha bunda...

— Katherine! — Gabriel e sua cobra albina chegaram! — Por que trancou a porta do banheiro?

— Porque sim. — engulo em seco, mexendo em meu cabelo para arruma-lo.

— Então abre que quero falar com você.

— Espera, estou saindo.

Começo a andar de um lado para o outro, tentando controlar minhas emoções, meus batimentos cardíacos e a pressão no meio das minhas pernas.

É só coitação pulando sentada. Apenas. Repito novamente.

— Não é normal ter tanto nervoso por causa de coito, não é, eu sei. Mas conseguirei. Eu matei gente, terei medo de cobra albina agora? Mas é uma cobrôna, uma cobra daquelas! Mas cobra não mata... Quer dizer, a picada de algumas cobras matam... Picada. — rio comigo mesma. — Foco, sua imbecil!

Volto a olhar para o espelho.

— Sou bonita pra caramba!

Dito isso, pego o hobby perto, também de seda e o coloco. Ele fica, exatamente, acima da minha coxa, quase mostrando demais.

— Sexy, isso que é, sexy. Sexy, o movimento é bem sexy, sexy... Por que fico pensando em músicas velhas? Por que penso em vídeos de YouTube? Foca na cobra albina, apenas. Eu sei o que é, meu consciente quer que eu passe vergonha, mas não passarei. Kat diva sexy vai mostrar como é que se faz.

Pego a minha coragem que resta, pego meu celular e destranco a porta do banheiro, abro e encontro Gabriel sentado na cama.

— O que...

— Não fale nada. — levanto um dedo. — Preparei uma noite especial para nós dois. Jean e Jesse foram coitar com vadias, Karen está com Amanda e só tem nós dois nesse apartamento. — tento parecer sexy.

— Coitaremos?

— Farei aquilo que você sempre quis. Lembra quando disse que queria que eu dançasse para você? — seu sorriso sexy já está surgindo. — Então, realizarei o pedido. Você é o melhor *mamalido* do mundo, então farei isso por nós dois, na verdade. Eu sei dançar e *perrearei* em você.

— Desde quando faz o *perreo*? — *você é sexy com raivinha, mamalido.*

— Desde que entendo o que é *perreo*, mas eu fazia sozinha, preparando-me para quando fosse com você. — admito. — Então, apenas fique sentado enquanto eu faço a sensualidade *coital*, ok?

— Não precisa pedir.

— Certo.

Respiro fundo mais uma vez e ligo a caixinha de som, conecto com o celular e coloco a música.

— A música é essa porque treinei com ela. — explico. — Quando escutar Nicky Jam, de agora em diante, pense em mim. Por falar nisso, ele tem uma música que chama "piensas en mi", é muita boa, fora que conta a história de uma mulher e um bandido, eu acho...

— Foco, Katherine!

— Ok, você está certo. Focarei na cobra albina.

Arrumei assunto do nada por causa do nervosismo. Pego o celular e recomeço a música, onde Nicky Jam canta "curiosidad".

Abro o meu hobby, depois, tiro o meu hobby e começo a dançar.

— Você é a minha morte, Kat.

— Eu tenho que pular na sua cobra albina antes que morra, *mamalido*.

Começo a remexer meu quadril, minha cintura e, claro, aquilo que Gabriel ama, meu bundão!

— Você me matará, Kat! Você está com calcinha fio dental?

— Nos dentes eu passei fio dental e na bunda eu coloquei a calcinha. Foca na minha dança sexy!

Estava de costas, quando viro de frente... *Cara, Gabriel é a coisa mais linda da face da terra, olha esse sorriso, olha essa boca... Olha esse corpo que já está em vindo na minha direção.*

É agora!

Do jeito mais sexy que encontro, levo a minha mão até os meus ombros, e abaixo a alça da camisola. Abaixo uma e depois a outra. Seguro a camisola no lugar, que consiste em apertar os meus peitos.

— Sem palavras para isso.

— Quero pular na sua cobra albina. — sussurro.

— Pode pular.

Vamo pulá. Vamo pulá. Vamo pulá. Vamo pulá.

Merda, para de pensar na musica infantil!

— Vem Gabriel! — *merda, eu gritei de novo isso!*

— Estou aqui! — Gabriel me prensa na parede.

— Eu quero que vá.

— Não era para vir? — seu olhar é pura confusão.

— Quero dançar. — sorriso. — Em seu colo. Preciso, eu treinei para isso e quero mostrar o aprendizado. Eu tenho o direito de sentar, de quicar e de rebolar.

— E de ficar caladinha. — ele coloca o dedo indicador na frente dos meus lábios. — Conheço essa música, mas farei como foi pedido.

Gabriel volta a sentar na cama. A segunda música já terminou e nem percebi, agora J Balvin canta "Safari".

Esse é o momento! Esse é o meu show!

VEM GABRIEL! VAI SAFADONA! VEM ESPÍRITO SAFADO!

Ainda segurando a camisola, apertando meus peitos, eu caminho da maneira mais sensual até onde Gabriel está e sento em seu colo.

Remexo e sinto a sua cobra me cutucando.

Tento relaxar e continuo rebolando.

Rebola, rebola e rebola...

Tiro a mão dos meus peitos e Gabriel faz o trabalho tirando a camisola do meu corpo.

Agora vai!

VEM COBRA ALBINA!

A mão de Gabriel para em meu quadril. Levanto do seu colo e a peça de roupa cai em meus pés. Para a minha surpresa, talvez não tanta surpresa, Gabriel morde minha bunda, dá um tapa em seguida, e puxa minha calcinha para baixo.

— Tira a roupa que vou brincar de pula-pula! — comemoro.

De onde saíram essas palavras?

Só vejo o maldito sorriso de Gabriel. Ele retira a roupa e senta na cama. Sua cobra albina está ali, pronta para o bote, para me dar a picada... Picada!

Respiro fundo, para enfrentar essa "batalha".

Aproximo-me mais de Gabriel, ele segura minha cintura e me posiciono para a minha brincadeira.

— Cuidado, devagar. — Gabriel sussurra.

Eu escuto? Não! Eu apenas sento, e... A cobra albina me deu uma picada.

— Eu disse devagar! — Gabriel grita.

— Já foi, agora espere!

Respira fundo. Pula. Pula... Vamo pulá. Vamo pu...

Foco!

Coito pulando!

Faço aquilo que jamais pensei que faria, eu pulo em uma cobra. *Pulo em uma cobra albina!*

— Vem Gabriel! — grito. — Vem Gabriel!

— Vem Kat!

Gabriel grita e olho para ele, com seu sorriso safado. Ele disse "VEM, KAT". *Agora combinamos real!*

— Estou pulando na cobra albina! Meus peitos balançam como nos meus sonhos, você aperta meus peitos como nos meus sonhos. Você está sexy como nos meus sonhos. É maravilhoso, mas estou com câimbra, deveria ter comido

banana.

— Eu darei banana a você. — *mamalido* sorri, mostrando toda a malícia do seu comentário.

Ele me pega no colo, levanto-me e deitando-me no colchão.

Merda de câimbra! Deveria ter escutado Brittany quando ela disse que banana ajuda... Mas estou levando bananadas.

— Por que está rindo?

— Sua cobra albina me deixa parecendo uma drogada, fico rindo do nada porque a sensação é boa.

— Se te deixa uma drogada, é porque vicia.

— Vem Gabriel!

— Estou indo, Kat!

Sua cobra albina entra e sai. Aquela sensação em meu ser aumenta. *Isso é bom, coitar é bom, coitar é ótimo.*

Sorry, coito. Perdón por ter falado tão mal de você.

— Vem Gabriel! — grito de novo. — Só sei falar isso, mas é o que quer dizer. Vem Gabriel! Está aumentando, Gabriel.

Gabriel fala umas coisas safadas e eu apenas fico mais animada. *Coito é coisa de gente doida e eu não sou normal!*

A sensação estranha vem novamente, depois, sinto um alívio tomando conta do meu ser.

Eu pulei na cobra albina, depois Gabriel me coitou... Eu fui sexy, eu evoluí na safadeza. Agora estou no grau dois do módulo de gente safada.

Sou safadona real, oficial!

Gabriel encosta a testa na minha, depois, trocamos salivas. Dessa vez, saliva sem fluido vaginal... *Vaginal, palavra engraçada.*

Por que eu penso em tantas besteiras na hora do coito? Melhor de tudo é pensar besteira e ainda presar atenção no coito acontecendo em minha vagina.

— Não usei camisinha.

Olho para Gabriel.

— Culpa minha que fui *safadona*. — sorrio. — Amanhã tomarei pílula do dia seguinte.

— Um anticoncepcional, somos quase casados, Kat. Marido e mulher usam preservativo? Eu não tenho doenças...

— Eu tomei vacina contra o HPV, para que quando eu *coitasse*, não tivesse a doença, ou algo assim, não sei. Não prestei tanta atenção, jurava que

não *coitaria*. Mas minha mãe e tia Isa estavam certas, é melhor prevenir, agora não corro risco dessa doença. Sabia que muitos homens tem e passam para a mulher sem saber...

— Como passamos de *coito* para o HPV?

— *Coito* também é cultura. Casais conversam após o *coito*, dormem, comem, fumam, bebem ou sei lá mais o que, eu falo do HPV e ajudo a espalhar a informação...

Gabriel ri.

— Certo, mas sem preservativos, sério, essa merda é ruim. É bom, porém, é ruim.

— Minha mãe disse que foi escutar essas palavras e terminou com um filho que não é dela e comigo na barriga dando coice como uma égua.

— Teremos cavalinhos e eguinhas, também.

— Chama nossos futuros bebês de cavalinhos e eguinhas?

— Como os pais. — ele sorri.

— Não teremos cavalinhos e eguinhas, não agora.

— Claro que não. Agora que gosta de *coitar*, não perderei tempo. Será *coito* todo dia.

— Até quando eu estiver menstruada?

— Um bom guerreiro, suja a espada com sangue.

— Que nojo, Gabriel!

— Nada com você é nojento. Você odiava a ideia de trocar saliva e de *coito*, agora gosta, até sentou.

— E senti câimbra.

— Come banana, as duas bananas.

— Já levei uma bananada hoje.

— Algumas bananadas.

— Por que essa conversa é sexy?

— Porque somos um casal sexy. — sorrindo, ele muda de assunto. — Passei o dia fora.

— Desculpa, foquei no pula-pula e esqueci de perguntar...

— Não falei com Yankee, não o encontrei.

— E por que demorou?

Gabriel senta na cama, olhando diretamente para mim.

— Pedi a ajuda do meu pai em algo, ele conhece algumas pessoas importantes e me ajudou com o dinheiro. Então, Katherine, sei que não é fã de

casamento, mas eu quero casar e tomei a iniciativa. Então, casaremos daqui a algumas semanas, no civil.

— Ei, como assim? E o pedido?

— Sério? — ele arqueia a sobrancelha. — Amar você, formar a gangue e tudo mais, isso não é o bastante?

— Eu não disse que casarei.

O sorriso de Gabriel vai sumindo e eu sorrio para ele.

— *Mamalido*, não chora, tá? Sua diva sexy só quer fazer drama. — ajoelho-me na cama e beijo seu rosto. — Eu sempre te amei, sabe disso. Só trocaria salivas se fosse com você, e eu posso gostar de pular na sua cobra albina. Eu amo sua cobra albina, agora ela será minha.

— A minha cobra é sua. Seu bundão é meu! — ele aperta a minha bunda.

— Não desse jeito que quer...

— Sim, Kat, será do jeito que quero. Pular não é bom? Então, sua bunda é minha.

— Esse é o pior pedido de casamento, de toda a história dos pedidos de casamento!

— Se não fosse ruim, não seria nós dois.

— Por isso casaremos!

— Por isso, eu tenho essa coisinha aqui. — ele estica a mão, pegando uma caixinha em cima da cômoda. — Minha mãe gritou, pulou, me abraçou e fez uma dancinha louca em comemoração, e chorou, como sempre. Meu pai me abraçou e disse que tem muito orgulho do que me tornei, quase derramei suor hétero, mas sou um macho alfa e não sujo pelos olhos.

— Esse é o pior melhor pedido de casamento.

— Pior melhor, gosto disso. — ele abre a caixinha. — É o anel de noivado da minha mãe, ela me deu para te entregar. Ela jamais me daria para entregar a Amélia, ela guardou para quando eu fosse te pedir em casamento.

— Está acontecendo! — coloco a mão no rosto, já derramando lágrimas. — Estou desencalhando!

— Você será a minha esposa, senhora Bertollini. — pega a minha mão, colocando o anel em meu dedo, depois, beija a aliança. — Seremos, oficialmente, o pior melhor casal de todos. Amo você, pequena garota esquisita.

Capítulo 47

Katherine

Olho para a minha aliança de noivado, é tão linda. Tia Sara recebeu há quase duas décadas, agora é minha. É mais emocionante quando lembro que ela guardou para me entregar, porque eu sou a pessoa certa para Gabriel.

Enxugo a lágrima chata que caiu. Amar me fez ficar boba, um tanto emocionada com algumas coisas.

E acontecerá, minha vida mudou tanto em poucos meses. Troquei salivas, coitei, fui *coitada salivamente*, tornei-me *safadona*, virei gangster, matei pessoas, fugi de casa, perdi minha melhor amiga que está presa, estou morando com um homem, esse homem virou meu *mamalido*, e é o Gabriel.

VEM GABRIEL E FIQUE!

Gabriel aproxima mais de mim e coloca as mãos em volta da minha cintura, abraçando-me, enquanto dorme.

Eu tentei ser forte, tentei não parecer uma menininha, mas chorei muito enquanto ele dizia que me ama.

Fala sério, é o Gabriel! Eu tinha que chorar! É O GABRIEL BERTOLLINI!

Passo a mão pelo cabelo de Gabriel, enquanto ele continua dormindo.

Quando eu imaginei que eu e ele estaríamos nessa calma? Não que fossemos amigos que se odiavam, mas era uma implicância quase sem fim, eu amava encher o saco dele. Passar batom que não sai nem com reza forte, bater nele para que ele me ajudasse e ele negar ajudar, só para me irritar; fazer comida gostosa e fazê-lo passar vontade... *E não é que tia Sara, estava certa?* Ela foi a primeira a me juntar com Gabriel, depois foi Giulia, em seguida minha mãe, Jasmine depois Karen.

Todos sempre souberam que Gabriel é meu!

E eu juro, se Amélia reaparecer do nada, porque eu não acredito que a vadia admitirá derrota — e, pelo que sei, o pai e o irmão morrerão, depois dela assinar o divórcio —, então se ela ressurgir, eu matarei aquela vadia, porque não tem ninguém nesse mundo, que impedirá a minha vida com Gabriel. E quando eu digo que matarei, eu cumprio.

(...)

— Diva Lauren, como foi? — Brittany está na minha porta, junto a Amanda, Vicent e Carmen.

— Foi ótimo. — respondo, sorrindo amplamente.

— Pulou na cobra albina? — Vicent sussurra, enquanto bate palmas em silêncio, sem que o som saia. — Você é muito *safadona*.

— Eu sei! — sussurro, também. — Não fiz massagem...

— Como não? Eu dei o óleo para que fizesse. — Carmen parece que está mais decepcionada do que outra coisa.

— Eu sei, mas a massagem consiste em Gabriel nu, eu em cima e passando a mão pelo corpo dele apertando...

— Quer coisa mais sexy do que isso? — Brittany é outra que parece desapontada.

— Eu não sabia nem pular na cobra albina, imagina ficar passando a mão em um corpo nu. — coloco a mão para frente, impedindo que Brittany fale algo. — A evolução da safadeza demora, pelo menos comigo. Já coitei, já pulei, em breve será a massagem, tudo aos poucos.

— Seu boy deve estar louco. Eu ficaria se a cada *coito* a pessoa fizesse algo diferente para aprender, falo no bom sentido. — Vicent faz um rosnado. — Essa coisa de "coito" pegou, sério. Ontem fui falar com Ricky e mandei um "saudades de *coitar*". Ele entendeu o que quis dizer, mas perguntou o que eu estava fazendo e com quem estou andando para aprender essas palavras.

— Ontem eu falei para Alejandro que a saliva dele estava com gosto de cigarro e que ele deve parar de fumar. Ele ignorou meu aviso sobre o tabagismo, mas focou em "gosto da saliva". Você é uma péssima influência, diva Lauren.

— Nunca na vida você entrará em meu clube, para ver minhas meninas. Você pode contamina-las com esse vocabulário estranho. — sorrio para Carmen. Quando a vi pela primeira vez, jurei que ela fosse aquelas mulheres ricas, "peruas", cheias de frescuras. Carmen tem um corpo lindo, não como o meu que ela jura que é igual, ela é um pouco maior e com mais curvas. Ela deve ter uns sessenta anos, mas eu diria que tem quarenta. De primeira, eu pensei que fosse odiá-la, mas ela parece ser uma boa pessoa. Uma pessoa que jura ser novinha e se comporta como uma, mas é uma boa pessoa.

— Vó Carmen...

— Amanda, não fale a palavra "avó".

— Qual a sua coisa com a idade? — olho para Carmen, que apenas ajeita o decote do vestido, levanto os peitos.

— Querida, olha para mim. Não pareço ter a idade que tenho. Falem o que quiser dos brancos, que envelhecem cedo, que a pouca melanina causam isso e aquilo outro. Mas olhe meu cara esquisito, ele não parece ter a idade que tem. Então, se souberem que sou avó de jovens adultos, saberão minha idade real.

— E?

— E eu quero parecer nova, somos parecidas, Katherine. O mesmo corpo escultural.

— Ela é meio estranha. — Brittany dá de ombros. — Mas isso aí foi escolhido por meu pai, para ser minha mãe. Não foi uma escolha, mas aconteceu.

— Brittany...

— Eu adoraria que Juan me escolhesse para algo. Não é normal ter uma tara por um senhor de sessenta anos, mas estamos falando de Juan Herrera. — Vicent se abana com a mão. — O homem é a macheza em pessoa, aquela voz, aquelas mãos...

— É o meu pai.

— E meu avô. — Amanda complementa.

— Dane-se, Juan continua sendo meu *crush* eterno. Ricky que me perdoe, mas ele sabe que Juan é minha paixão juvenil. E eu sei que Ricky ainda dá umas olhadas para aquele entregador de pizza. Sua paixão juvenil.

— Vocês são um casal liberal? — pergunto.

— Não. Apenas sinceros um com o outro, por isso estou aqui. Ricky confia o suficiente em mim para saber que não farei nada, assim como confio nele. E nossos filhos estão lá, com ele, para que fiquem de olho e não deixem aquela vadia chegar perto. Ricky é bissexual. Eu sou gay, muito gay.

— Todos percebem. — murmuro.

— Então, se quiser umas dicas do módulo avançado da safadeza. — Vicent pisca um olho. — Sabe onde me procurar.

— Qual o módulo avançado?

— Como dar a porta dos fundos, sem que o carro deixe marcas de freios na garagem, ou que a garagem suje o carro. — Brittany fala com muita seriedade.

— Eu não creio que você é a minha mãe.

— Cala a boca, Amanda. Alguns casais fazem, eu não faço muito, porque

meu marido é uma coisa de louco. Uou! Eu tenho bundão, mas tenho meus limites.

— Eu estou indo para casa, porque acabei de saber coisas estranhas dos meus pais. — Amanda faz cara de nojo. — Tenham um bom dia.

Quando Amanda se afasta, Brittany volta a falar:

— Eu entendo, ainda é estranho saber que meu pai transa e que minha mãe transa, eu transo, mas eu sou eu. Então, sabe como é, somos as fadas madrinhas do *coito*.

— Eu sou cafetina.

— A fada maior do *coito*. — Vicent sorri para Carmen. — Agora deixaremos a noiva ir, e ficamos felizes que tenha conseguido pular na cobra albina. Nos deu orgulho.

— É a primeira vez que escuto alguém tendo orgulho de uma posição sexual simples. — Carmen sorri de lado. — Mas visto o travamento de Katherine, dá para entender.

— Vocês vão para o meu casamento, sem vocês, não sei se teria coragem de pular na cobra albina do meu *mamalido*. Eu devo dizer que ele amou aquela roupa de ontem, mas enfiar um fio na bunda é estranho. Incomoda.

— Acostuma, eu usava calcinha de bichinhos. Mas cresci. Incomoda? Sim, mas depois você nem percebe. Acostumei.

— Vocês são as melhores fadas madrinhas do *coito*. — coloco a mão no meu peito. — Não se afastem, sério, ainda tem uma galerinha aqui que precisa ter aulas para ficar mais livres com o *mamalido*.

— Karen? — perguntam.

— Sim, Karen é a próxima a ser vítima do "nervosismo *pré-coito*". Eu conheço a amiga que tenho.

(...)

Mal entrei na casa dos meus pais, e minha mãe já puxa a minha mão, para olhar a aliança.

— Aconteceu! — tia Sara aparece, ajudando a segurar minha mãe. — Sara, diz que é real, que não é um sonho. Diz que minha filha casará com o seu filho, que ela não aparecerá com um noivo louco como nos meus pesadelos.

— Não garanto que meu filho seja normal, mas ele ama Kat.

— Sara, minha filha casará com seu filho. Minha filha e seu filho! — minha mãe olha para tia Sara. — Lembra quando brincávamos de boneca? Eu dizia que, no futuro, seríamos da mesma família, porque minha filha casaria com seu filho. Está acontecendo, é real. Primeiro com Giulia e Leo, eles nos deram Felipe como neto, agora com Kat e Gabriel. Minha filha não tem fetiches loucos.

— Eu pulei na cobra albina.

Por que sempre fazem esse silêncio absoluto?

— Estou assustada porque entendi a referência. — tia Sara sussurra.

— Eu estou assustada porque minha filha transou e não me contou nada!
— minha mãe grita.

— Como eu contaria que *coitei*? Por telefone? Tinha que ser pessoalmente.

— Se pulou na cobra, já fez coisas antes.

— *Coitei*, apenas.

— *Coitou* quantas vezes?

— Duas, o pulo foi à segunda vez.

— Menina avançada, *coita* uma vez e na segunda já está experimentando posições novas. — tia Sara olha para a minha mãe. — Eu digo, só eu e você fomos tonta no início do sexo.

— Estou assustada, Sara. Eu *coitei* com Marco. Por que merda eu falo "coito"? Então, eu fiz com Marco, mas para ele me ver nua, sem que eu sentisse vergonha, demorou dias, semanas.

— Gabriel é diferente, e eu *coitarei* com ele. Peguei dicas para pular na cobra albina.

— Meu filho é tão branco?

— Não, mas ele tem um cobrão. Ele se acha porque diz que é coisa dos Bertollini, mas cheguei à conclusão que vô Sergio ajudou nessa coisa. Escutei falar da teoria dos negros. Então, tia, são anos com a mesma cobra, continuará doendo ou acostuma?

Mais silêncio absoluto.

— Passa, depende, quer dizer, meu filho é mais... Intenso?

— Ele é maravilhoso.

— Eu não creio nesse diálogo.

— Nem eu, Sara. Mas eu não creio que minha filha transou. Ela fez sexo!

— Quem fez sexo? — meu pai entra em casa.

— Sara fez sexo com Fernando. — minha mãe aponta para tia Sara, que apenas arregala os olhos e fica mais vermelha que um tomate.

— Oh! — meu pai sorri. — Reunião de garotas?

— Sim. — minha mãe cruza os braços, nitidamente irritada pela intromissão. — Estamos falando de *coito* e você interrompeu.

— Espero que quando o assunto chegar em mim, você fale bem.

— É uma família sem filtro algum. — tia Sara murmura.

— Vocês ficariam surpresas em saber que os meninos de ambas as famílias também não tem filtro algum. — meu pai sorri de modo presunçoso. — Mas por que Kat fala sobre sexo? Ainda mais sobre o tio.

Porque eu coitei o filho do meu tio, apenas.

— *Coito* é algo natural.

— Então foi você quem ensinou essa palavra chata a sua mãe?

— Por que demora tanto? — tio Fernando entra em casa.

— Estavam falando de sexo.

— Com Katherine? — tio Fernando tem um olhar acusador, o filho da mãe do Gabriel já contou ao pai, porque tio Fernando quer rir.

— Não, sua mulher está falando de sexo. — meu pai explica.

— Eu quero enfiar minha cabeça em um buraco. — tia Sara senta no sofá.

— Espero que tenha falado bem.

— Tio Fernando é como... — paro de falar.

— Como o que, Katherine?

Como Gabriel.

— Como um tio maravilhoso, pai. — omito. — Apenas.

— Por que demoram tanto? — agora o resto de toda a família chega.

— Reunião da família sobre sexo. — meu pai responde.

— O que é sexo? — Felipe pergunta e todos os olhares se voltam para ele.

— Uma coisa maravilhosa. — Gabriel responde.

— Que você descobrirá daqui a nove anos. — Daniel completa

— Com a ajuda do papai que te levará a um lugar para conhecer o sexo, mas, até lá, você deve ficar calado sobre esse assunto, é segredo. — Leonardo recebe um tapa de Giulia.

— Não fala isso! — Giulia grita.

— Eu quero conhecer o sexo! — Felipe grita.

— Ele será um maníaco *coital*. — Gabriel só tem orgulho de suas palavras.

Felipe vem pulando e senta em meu colo.

— Tia, você conhece o sexo?

— Responda, pessoa que tem nojo de sexo. — meu pai me provoca, mas ele encara Gabriel.

— Conhece? — Felipe insiste.

— Eu te odeio, você sabe disso, não é?

— Sei e eu te odeio também. — Felipe aperta minha bochecha.

— Às vezes eu te amo.

— Também.

— Mas na maioria das vezes eu te odeio. — mordo sua bochecha.

— Eu te odeio mais, você é minha tia duas vezes e eu te odeio duas vezes.

— Com essa bipolaridade, você chegará longe na Nostra. Você será idiota e esperto, tia diva gangster sente isso.

— Tia diva gangster?

— Sim, é assim que serei chamada daqui para frente.

— Tia diva gangster! — ele sorri. — Meu pai disse que vai me dar um caminhão para eu jogar o lixo da *mostra a anaconda*.

— Nostra Ancoma. — corrijo.

— Isso. Ele vai me *dá* o caminhão para eu jogar o lixo, então ele disse que vou trabalhar com gangster. Você vai trabalhar comigo quando eu ficar *mais maior*?

— Quando ficar *mais maior* seremos parceiros. — fecho minha mão e Felipe fecha a dele, assim, batemos nossas mãos uma na outra. — Felipinho sucessor.

— Tia diva gangster.

— É assim que mudamos um assunto delicado. — pisco o olho para os integrantes da família.

— Não quero mudar de assunto, quero ver de perto a sua hipocrisia. — acho que meu pai poderá me matar.

— Se deu mal! Se deu mal! — Felipe começa a cantar.

— Não me dei mal nada! — olho para Felipe. — Estou bem, meu querido, mais do que bem. Você ficaria surpreso ao ver como estou bem.

— Por que está bem? — Felipe pergunta.

— Porque vamos casar! — Gabriel grita. — Eu e Kat casaremos. Pedi ontem a mão dela em casamento e ela aceitou.

— Então já transam?

— De tudo o que falei, só focou no sexo? — Gabriel fica perplexo com meu pai.

— Eu sabia que fariam, mas pelo o que me contam de Katherine e pelo o que vi, ela era uma puritana. — meu pai, com certeza, vai me matar.

— Ela mudou.

— Gabriel! — grito.

— Não é bom, Katherine? — tia Sara provoca, já que o assunto começou com ela e tio Fernando *coitando*.

— Então veio pegar dicas de sexo?

— Marco, fique quieto, sua filha cresceu e *coita* com seu sobrinho. Normal. — minha mãe está com os olhos brilhando. — Olha isso, olha que casal lindo. Minha menina cresceu e não têm fetiches doidos, só palavras estranhas, mas sem fetiche bizarro.

— *Coitaremos* no cemitério.

Eu vou matar Gabriel qualquer dia desses.

— Quê?

— Piada, mãe, piada.

— Eu amo reuniões de família. — olho para Daniel, que está rindo ao lado de Jasmine, Giulia e de Leo.

— *Coitaremos*. — Felipe ri. — O que é?

— Daqui a nove anos, filho. Mas é segredo essa palavra.

— Mas vai demorar, pai.

— Quando fizer, você fará direto, certeza disso.

— Pai, por que Leo fala de coito e eu não? — pergunto, totalmente chateada. — Direitos iguais. Ele até fala que Felipe, sucessor da Nostra, fará com quatorze anos.

— Eu posso e você não. — Felipe balança a cabeça de um lado para o outro. — Eu sou *mais melhor* que você.

— Pai! Olha essa criança.

— Bom dia. — Karen entra em casa.

— Você faz sexo? — Leonardo pergunta a Karen.

— Não. — Karen olha para mim e sorri.

— Mas fará? — tio Fernando pergunta.

— Não.

— Katherine dizia isso e fez. — meu pai volta a acusar. — Você é uma hipócrita.

— Ah, qual foi? Eu moro com Gabriel.

— Eu namorava com Leo e ouvi o mesmo sermão sobre sexo. — Giulia dá de ombros. — É coisa de família achar que mulheres devem ser puras.

— Ok. Vou parar de falar, eu só queria jogar na cara toda a hipocrisia. "Troca de salivas? Nojo! Saliências? Nunca farei!". — meu pai imita a minha voz. — Era só isso que queria dizer.

— Então eu posso casar com sua filha?

— Já estão casados, não é? Moram juntos. Fazem coisas juntos.

— Supere, homem. — tio Fernando bate nas costas de meu pai. — Sua bebê cresceu.

— Fale assim e eu te lembrarei quando Karen fizer sexo com Alex. — meu pai rosna.

— Eu não falei nada e o assunto sempre para em mim!

— Karen não gosta de Alex.

— Fernando é tão burrinho para o amor. — tia Sara levanta do sofá. — Muito burro. O único que salva a família é Gabriel.

— Como é? — todos os homens perguntam, menos Gabriel, que está orgulhoso.

— Vocês entenderam.

— Eu não sou burro! — Felipe grita.

— Rezamos para que não seja. — minha mãe não para de sorrir, acho que essa é a melhor notícia que ela recebeu na vida. *Eu coitei e casarei!*

— Então, tenho a bênção do pai?

— Gabriel, se eu não te desse a bênção, o que faria?

— Viveria com Kat como marido e mulher, mesmo que tivesse que te enfrentar e esquecer que é meu tio e padrinho.

— Ok, ganhou minha bênção por essas palavras.

— Obrigado, sogro!

— Esse é o pior pedido de casamento de todos. — olho para Felipe. — Eu serei sua tia duas vezes oficialmente.

— E eu te amarei duas vezes mais.

— Eu também te amarei duas vezes mais.

— Eu sempre soube que casaria com tio Gabriel. Cruela nunca será

minha tia, porque você e tio Gabriel sempre deveriam casar. *Desde* casamento eu fui até Cruela e disse que você ia casar com tio Gabriel. Viu, eu te amo e sabia de tudo.

— Você é um cupido, garotinho. — batemos nossas mãos novamente. — Agora, eu serei uma tia diva gangster casada com seu tio divo gangster.

— Agora tio Gabriel é divo?

— Agora, oficialmente, Gabriel é divo.

Capítulo 48

Katherine

— Cuide bem da minha filha, ou esqueço o parentesco e matarei você. — meu pai faz a típica ameaça que eu estava esperando que fizesse.

— Não se preocupe, se a minha vida for tirada, será por salvar Kat, não por fazer mal a ela.

Ai, que fofo! Sei que devo estar fazendo uma cara de lesada nesse momento. Mas escuta essas palavras, olha o sorriso bobo do meu *mamalido*, olha esse corpo, essa voz...

— Meu filho ganhou muitos pontos com essas palavras. — tio Fernando coloca o braço em volta do ombro de Gabriel.

Sim, tio Fernando, Gabriel ganhou milhares de pontos por essas palavras.

— Ganhou, e ganhou coisa melhor, o amor da minha filha, que é único. Então, garoto, faça-a feliz.

— Ele me faz feliz, pai. — vou até eles, que estão reunidos na sala. Felipe está segurando minha mão. — Teremos nossas crias adotadas e com nosso sangue.

— "Saliências é nojento". — meu pai faz uma péssima imitação da minha voz.

— Pai, supera. Todos erram, eu errei ao falar mal do coito.

Coito é maravilhoso, pai.

— Poupe-nos dos detalhes, Katherine. — meu pai corta o assunto.

— Saliências. — Felipe sorri. — Vocês falam palavras estranhas.

— É o nosso código, no futuro, você entenderá. — aperto a barriga de Felipe, que ri. — E os meus filhos, serão seus amigos, junto ao Junior.

— E seremos parceiros. — Gabriel comemora.

— Estou vendo o nosso futuro. — começo a vislumbrar nossas vidas. — Nós dois junto à nova guarda.

— Por falar em "nova guarda". Yankee está aí. — tio Fernando olha para Gabriel. — Vai querer a reunião?

Gabriel confirma.

Está chegando a hora, conversar com Yankee sobre a nossa nova vida. Gabriel conversaria separadamente, primeiro Yankee, depois nossos pais. Mas

entendo a confirmação de Gabriel, já que todos estão aqui, é melhor falar com todos de uma vez, assim o sermão e as brigas serão escutadas apenas uma vez.

— Falarei com ele e com o senhor. — Gabriel olha para mim. — Não precisa vir.

— Eu quero ir, apoio moral, *mamalido*.

— "*Mamalido*"? — meu pai olha para mim com o cenho franzido, tio Fernando apenas revira os olhos.

— Palavra fofa, pai. — sorrio. — Percebe que evolui? — olho para tio Fernando. — Antes o senhor me fazia calar a boca.

— Agora você será uma Bertollini, evoluiu muito nesses últimos tempos.

— Sabe como é, sou diva gangster.

— E Gabriel é "tio divo"! — Felipe grita.

— Porque você só me coloca apelido escroto?

— É apelido fofo, *mamalido*. Um apelido tão bom quanto eu.

Gabriel começa a sorrir do jeito que conheço bem... *Ele pensa no nosso coito*.

— Por que está sorrindo? — tio Fernando pergunta. — Nem parece que vai falar com Yankee.

— Nada, pensei em algo. — Gabriel não dá muita importância ao assunto. — Vamos lá fora falar com Yankee, ele está com minha avó?

— Sim, mas pedirei que ela vá para outra casa. — meu pai responde.

Saímos da casa dos meus pais e encontro Heitor com seu filho, o Junior, ambos conversando com Yankee.

Adoraria ver o dia que Yankee souber do filho. Imagino a emoção dos dois, imagino Heitor negando a Sangre, vó Ísis chorando mais que outra coisa, tia Sara ficará confusa, e Gabriel rindo, porque não será novidade para ele. Conheço o *mamalido* que tenho.

— Olá, molequinho. — cumprimento Junior.

— Olá, tia Kat. — Junior fecha a mão, e bate na minha mão fechada.

Heitor arqueia a sobancelha para mim, como se perguntasse "Você falou algo para ele?".

— Da última vez que estive aqui, eu falei que Junior, Yasmin e Valentina devem me chamar de tia, não importa se somos parentes ou não. — sorrio, deixando claro que seu segredo está guardado. — Por isso sou tia dos pirralhos. Não parece, mas gosto de crianças. Das crianças daqui, principalmente. E, devo avisar, não sou mais "tia", agora sou "tia diva gangster". A partir de hoje, falem

comigo assim.

— Você é bandida? — Junior pergunta e eu sorrio.

— Amores meus. — ajoelho na grama e olho para Junior e Felipe. — No futuro, algo acontecerá. Nós três vamos trabalhar juntos, ok? — eles confirmam. — Assim como o filho de Fernando e Sara, o filho dos meus pais, os de Jasmine e Daniel, de Karen e Alex...

— Todo mundo entendeu. — Gabriel corta o assunto, para que eu não enumere os casais.

— Nós trabalharemos juntos, porque assim será. Seremos gangsteres e mafiosos. Bandidos? Como diria Cassie "*Bandidões* do amor, especialistas em roubar coração".

— Eu não quero roubar um coração. — Felipe faz uma carranca.

— Significa amar alguém. — explico.

— Eu amo meus pais, meus avôs, eu te odeio.

— Eu também te odeio, Felipe, mas trabalharemos juntos. E você será o melhor amigo de Junior.

— Nós somos melhores amigos. — Junior fala, imediatamente. — Não é?

— Sim! Junior é o irmão que não tenho. Ele é meu melhor amigo.

— Ai que coisa mais fofa! — aperto a bochecha de Junior e Felipe. — Eu amo vocês, meu futuro mais fofo são vocês.

— Katherine. — Heitor pigarreia.

— Ela pode falar a verdade, Heitor. Você não quer entrar na Sangre, mas o Junior pode querer. — *Yankee, se o senhor soubesse...*

— Ele é uma criança de sete anos.

— Heitor, ele crescerá. É apenas uma suposição.

Uma suposição que me faz ver o futuro, sério. Imagina eu, que sou a filha mais nova, por enquanto, trabalhando com os futuros da Nostra? Da Sangre? Da M-Unit? Quero!

Junior é um amorzinho, assim como Felipe. Essa carinha de menino bom engana, ele é como Felipe, talvez pior, por isso já os amo. Valentina e Yasmin são mais quietas.

Já os conhecia, mas da última vez que estive aqui, pedi para ser chamada de "tia". As mães deles sorriram e concordaram. Estava chato só Felipe chamando de "tia". Aquelas crianças do aniversário não podem me chamar de "tia", porque elas dizem que sou estranha, feia, que pareço um vampiro, puxam meu cabelo e não me deixam em paz se não ameaça-las... Já as crianças daqui

me entendem, porque são loucas como eu.

Por isso sou "tia diva gangster".

— Você tem tatuagem. — Junior fala, olhando para mim. — Eu vou fazer um monte, terei mais que você.

— Vai virar um gibi ambulante?

— Vou!

— Eu também vou ter tatuagem, como *tia diva gangster* e Junior. — Felipe concorda.

— Seremos uma gangue de tatuados.

— Uma gangue! — Junior abre a boca, surpreso. — Felipe, você quer?

— Sim! Eu e você vamos ter um caminhão para jogar o lixo humano, meu pai que disse.

— Um caminhão de lixo! — Junior está bem animado, assim como Felipe. — Nossa gangue vai ter um caminhão de lixo!

— Sim, e vamos vencer sempre!

— Comigo junto! — relembro. — Eu quero participar das tretas, não me abandonem.

— Não vamos abandonar, *tia diva gangster*. — Junior coloca o dedo mindinho para frente. — Eu juro.

— Eu também juro, *tia diva gangster*. — Felipe também coloca o mindinho.

— Juramento de dedinho não se quebra. — coloco o meu dedo e vamos jurando um com o outro. — Pronto. Nos juntaremos no futuro. Assim como "tia Karen, quem vê cara não vê coração", "tio divo Gabriel".

— Ignora a parte sobre o "divo". — Gabriel fala no mesmo instante.

— Podem chamar, crianças! — incentivo.

— Tio divo! — Junior e Felipe gritam.

— Você só dá influência errada.

— *Mamalido*, se não for para influenciar vidas, eu nem saio de casa.

Olho para Yankee.

— Vamos conversar. — Gabriel fala com Yankee, que concorda, com um balançar de cabeça. — Um assunto sério.

— Ok, venha comigo.

(...)

Estou no escritório da casa de tio Fernando. Tio Fernando e Gabriel foram conversar algo e me deixaram aqui, sozinha, porque Yankee está falando com a esposa.

Fico girando na cadeira, esperando alguém aparecer e, logo após, todos entram.

— Demorou. — reclamo de uma vez, endireitando meu corpo da cadeira.

— Tem ótimas notícias. — Gabriel sorri, vindo em minha direção. — Amélia se foi.

— Ela morreu?

— Não! — *que pena*. — Já souberam da morte do pai e do irmão, então, o processo da herança começou, mas ela e a mãe conseguiram vender algumas coisas e foram embora, estão na França nesse momento.

— Espera, o pai e o irmão morreram...

— Katherine, a mãe de Amélia nunca foi casada por amor, sempre foi pelo dinheiro, até por isso Amélia casaria comigo, pelo dinheiro. Amélia nunca demonstrou amar o pai, só falava nele quando o assunto era dinheiro ou "eu vou contar a meu pai que você está quebrando o contrato de casamento", assim como o pai dela nunca a amou. E o irmão de Amélia não é filho da mesma mãe, a mãe dele morreu antes de Amélia nascer. Elas venderam joias para algumas mulheres e foram embora, abriram o processo para ver patrimônio, herança e tudo mais. A investigação deve ter sido aberta, por causa dos assassinatos, mais um assassinato de alguém que pode ser da Nostra, como acontece nos últimos meses.

— E elas não voltarão?

— Por que voltarão? — meu pai pergunta. — O pai de Amélia batia na mãe dela.

— Sim, a violência doméstica era uma suposição, mas foi confirmada há algum tempo. Por esse motivo, eu deixei que descobrissem os corpos, para que dessem como mortos e elas pegassem o dinheiro que tem direito. Porque, se elas não pegassem nada, seria pior. Elas fariam uma confusão, nos acusariam, porque Amélia assinou o divórcio e, logo após, o pai e o irmão sumiram. Fazendo o que fiz, elas não farão nada, e se fizerem, elas morrerão.

— Como assim? — pergunto.

No mesmo instante, tio Fernando pega o celular, mostrando a imagem de

Amélia e sua mãe, sentada em uma poltrona.

— Estão no avião indo para a França. — meu pai diz, explicando que imagem ao vivo é aquela. — Estão sendo vigiadas, não cometeremos o mesmo erro novamente. Mas elas podem ter cometido, saíram do nada do país após a morte do patriarca da família e do filho.

— E eu pensando que Amélia faria escândalo. — sorrio. — Espero que ela suma mesmo.

— Esperamos o mesmo.

— Então, qual o motivo da reunião? — Yankee entra no escritório, mudando o assunto e nos encarando com seriedade.

— Falarei de uma vez. — Gabriel muda o tom de voz, ficando mais sério. — Eu e Kat formamos nosso grupo, mas estamos tendo ajuda de outras pessoas. A galera de "West" está nos ajudando.

O escritório fica em silêncio. Yankee nem pisca os olhos. Meu pai abre a boca e fecha, sem saber o que falar. Tio Fernando inclina a cabeça para o lado, cerrando os olhos para Gabriel.

— Como é? — tio Fernando pergunta.

— Eu conheci Orlando West em uma noite, bem, tudo começou. — resumo, ignorando o início verdadeiro de tudo. — Guerrero e os outros foram bons comigo e com Cassie, eles cuidam de tudo e fazem de tudo para nos ajudar. Eles são *tretados* com Benjamin e Javier, só que não tinham noção do tal Yoshida, foi Javier que liberou aquele território, nada foi tomado. — respiro, porque estou falando tudo sem parar, para ser rápida e isso terminar logo. — Aquelas mortes, sequestros, não eram eles, era Javier e os outros. Eles tramaram tudo e...

— Ulisses. — olho para Yankee, que está com o celular na orelha. — Cancele tudo sobre West... Depois explico, apenas cancele tudo.

Ele guarda o celular no bolso.

— Atacaria? — Gabriel pergunta.

— Sim, agora não mais. Porém, isso não significa que seremos amigos de West. — Yankee fala com os dentes cerrados.

— Estou com Yankee nessa. — tio Fernando confirma, assim como meu pai.

— Mas...

— Gabriel e Kat, lutar a mesma batalha não significa que seremos amigos. — Yankee continua. — São anos de sangue derramado, brigas, sequestros, retaliações... Já vimos que ninguém impedirá vocês de lutarem, só

não seremos amigos de West. Apoiamos vocês, não os outros.

Capítulo 49

Katherine

Saímos do condomínio, após Yankee deixar claro que nos apoia, mas não West. Imaginamos que isso aconteceria, na verdade, imaginamos que teríamos alguma briga por conta da nossa nova vida. Felizmente, foi mais fácil.

Descobrir sobre Amélia fez com que eu fique 50% tranquila, os outros 50% está em alerta, caso algo aconteça e eu precise fazer algo.

— Yankee reagiu bem a nossa ida. — Karen fala, enquanto digita algo no celular. — Ainda bem que viemos hoje, ou ele atacaria, pegaria a todos desprevenidos.

— Sim. — concordo. — Não quero nem pensar como ele ficaria se algum de nós fosse atingido, morto...

— Eu decepcionei meu avô. — olho para Gabriel, que está falando tristemente. — Imaginei que aconteceria. Não fiquei ao lado dele, mas estou com o seu inimigo.

— Não, Gabriel. Você foi para o meu lado.

— Que significa ser do lado de West, Kat. Não importa, já foi feito.

— Mas Yankee não gosta de ser desafiado? Contrariado?

— Ir para o lado inimigo ultrapassa essa questão de desafio e contradição. Ultrapassa muito, sabemos como Yankee é.

— Então nos coloque nessa lista, somos netos de Yankee também.

— Sim, Karen, mas eu deveria estar na Sangre. — balançando a cabeça, Gabriel para de falar.

A ida de volta para casa acontece em silêncio. Eu, Gabriel e Karen, olhamos sempre ao redor, para certificar que não tem alguém por perto.

Adentramos na rua e Gabriel para o carro, a frente do prédio onde moramos.

— Ei, *mamalido*, não fique assim. — abraço a cintura de Gabriel. — Pensa que hoje conseguimos a bênção do meu pai para o casamento. Da minha mãe nós sempre tivemos, mas do meu pai foi um milagre divino.

— Estou feliz pelo dia de hoje, mas não tanto. Eu queria entrar na Sangre, depois eu saí...

— Você quer voltar para a Sangre?

Gabriel segura meu rosto e beija minha testa.

— Eu quero ir para onde você vai, se está aqui, estarei aqui. Não me importo com a Sangre, apenas fiquei mexido com o olhar de Yankee, um olhar de alguém que perdeu uma pessoa importante. Nossos pais ficaram chocados, não decepcionados, mas Yankee? A treta dele com West é muito maior que a Nostra.

— Nós não ficaremos aqui, Gabriel. Nós somos gangsteres? Sim, mas nós formaremos nosso negócio.

— E será que a galera que nos ajuda sabe disso?

— Sabe. — sorrio. — Marisa é a melhor, sério. Ela ensina muito e me apoia, assim como apoia Cassie e Karen. Nosso negócio existirá, Gabriel, você verá.

Gabriel sorri, mas sei que em sua cabeça, passa mil e uma questões sobre o orgulho do avô com ele. Yankee pode ser uma pessoa bem difícil, mas não creio que ele negará Gabriel só por causa da saída dele da Sangre para West. Ainda mais que foi por minha causa, se eu não tivesse saído, se Gabriel não sentisse que eu corro perigo, ele teria continuado na Sangre.

De mãos dadas, entramos no apartamento, onde encontro Jean, Jesse e Karen, conversando sobre o pior noivado de todos, o meu e o de Gabriel. *Aceito esse título com orgulho.*

— O caszinho poderá *coitar* como marido e mulher. Jesse, isso é o amor. Casar aos dezessete anos sem a garota estar grávida. — Jean olha para mim. — Não está grávida, não é?

— Eles começaram a *coitação* um dia desses, acho que não dá para saber que está grávida. — Jesse olha para minha barriga. — Ou dá?

— Não estou grávida, nem é hora para isso. Vamos casar por puro amor.

— Crianças, aprendam comigo.

— Gabriel, o mais velho sou eu. Eu sou o pai de família, pai solteiro, ainda por cima. Conta muito mais.

— Rachel aparecerá, Jean. — Karen relembra. — E Naara sairá da prisão para ficar com Jesse.

— Naara e Jesse. — bato palmas. — Pelo jeito que me falou, ela parece fofa.

— Ela é fofa, ela sorri muito, muito mesmo. — *Jesse, então você está sorrindo como ela.*

— Ela matou quatro pessoas. — Gabriel fala. — Por vingança. Isso é louco, porque sinto orgulho dessa menina sem conhecer. Ela tem minha bênção, Jesse.

— E a do papai aqui também, isso é um ótimo teste para nora.

— Jean, você não pode ser o pai de ninguém. Não tem maturidade para isso. — faço a observação, recebendo a carranca em resposta.

— Você vai ver quando meu filho nascer, será um poço de sensatez, para calar a boca de todos.

— Claro que vai. — concordamos, carregando as nossas vozes com ironia.

— Voltando sobre Naara. Sério, ela será ótima para a gangue. — volto ao assunto. — Ela parece ser legal, está se dando bem com Cassie...

— Vai liberta-la? — Jesse arqueia a sobancelha.

— Se Cassie sai, podemos tentar mais uma. — respondo. — E Naara está presa porque matou aqueles que a estupravam e que ficava em silêncio, a mãe dela, no caso. Naara deveria ganhar uma medalha por causa disso, não a execução.

— E quando tiraremos Cassie?

Essa é a maior questão. Sem visitas, fica difícil falar mais sobre o plano. Mesmo que eu ache fofo o sorriso de Jesse sobre Naara, não podemos chegar e contar algo a ela, nem pedir ajuda, não sem falar com Cassie antes, para saber se podemos confiar mesmo em Naara. Eu gosto de Naara por ela ter feito o que fez, eu fiz com Javier, somos parecidas.

— Eu nem tive tempo para falar sobre Oswald. — mudo de assunto e conto sobre o nosso encontro.

— Então o tal Oswald apenas chamou e deu os papéis? — Jean pergunta, depois que eu conto sobre minha ida a delegacia.

— Exatamente.

— Será que ele não pegou sua digital? — Jesse faz uma sugestão, sobre os possíveis motivos da minha ida àquele lugar.

— Não, eu não peguei em nada. — recordo aquele dia. — Quer dizer, toquei a mão da doutora, apenas. Peguei os papéis e eles estão comigo, as portas estavam abertas e não toquei nelas, não toquei em mesa, nada. Nem assinei algo. Parecia que o Oswald inventou uma desculpa para eu ir embora, que pegou os papéis como um motivo para minha ida até ali. Os papéis não dizem nada importante.

— A doutora estava lá por qual motivo? Ao que tudo indica, Oswald nem falou de Carolaine.

— Não, Gabriel, ele disse que sabe da Carolaine, mas nem ficou falando nesse assunto. Também disse que não me chamou pelo papel, mas algo

aconteceu. Ele chamou o parceiro pelo nome, não como sempre o chamou "parceiro".

— O que aconteceu?

Começamos a pensar em todas as hipóteses.

— Precisamos falar com a doutora. — Karen diz. — Mas não podemos aparecer agora, a armadilha pode ser para irmos até lá e algo acontecer, talvez Kat confessar algo, como a identidade falsa. Mas a resposta pode ser na doutora. Eu desconfiei quando disseram que Kat foi ajudada pela Eliana, mas foi liberada facilmente por ela. Se a doutora ajudou antes, falando da paciente precisar de cuidados, ela não liberaria a mesma paciente horas depois, não depois de tantas "crises".

— A doutora sabe de algo? — começo a pensar. — O que ela saberia? Eu fui para o hospital porque armei para isso, ela não foi atrás de mim. Destino? Quem é a doutora Eliana?

(...)

— Ei, acorda!

Abro os meus olhos e encontro os de Gabriel.

— O que aconteceu? — pergunto.

— A mãe de Amélia e Amélia morreram. Foram assassinadas.

Levanto da cama rapidamente, indo até Gabriel, que está indo para sala, onde todos os outros estão reunidos.

— O que aconteceu? — pergunto.

— Recebemos a notícia agora, meu pai ligou. — Gabriel informa. — Não tinha um informante do meu pai seguindo os passos de Amélia e a mãe, para que elas não aprontassem? — confirmo. — Então, ele estava no avião com elas, viu o momento exato que elas pegaram um táxi e foram para o hotel. Ele também foi para o hotel, se hospedou no quarto da frente. Uma hora atrás, ele escutou gritos e foi ver o que era, quando arrombou a porta, encontrou a mãe de Amélia morta, com um tiro na cabeça e o homem já estava atirando em Amélia, que morreu logo em seguida. O amigo do meu pai conseguiu matar o homem, mas o outro correu para fora. Houve perseguição, mas ele foi pego.

Gabriel vira o notebook para a nossa frente.

— Ele conseguiu isso aqui.

Gabriel dá um "play" e o vídeo começa a passar.

— Quem mandou você matar?

— Yoshida, ele mandou. — o garoto, que aparenta ter dezoito anos, está com a boca ensanguentada, quando fala, o sangue vai caindo em seu corpo.

— Por que mandou matar Amélia e Paulina?

— Porque o pai dela traiu Yoshida. Ele traiu a confiança quando contou sobre os negócios para alguém, é tudo o que sei. Ele só mandou que eu pegasse o dinheiro e o outro matasse as duas.

— O pai de Amélia roubou dinheiro?

— Ele traiu Yoshida e as outras duas estavam fugindo com dinheiro, fui pago para devolver o dinheiro, apenas.

— Qual o negócio de Yoshida?

— Não sei. Eu fui contratado para pegar tudo de valor que elas tinham.

— E vocês a seguiram até o hotel? Quando começaram?

— Quando o pai de Amélia sumiu. Não sei. Yoshida disse que Bartolomeu pagaria pela saída de algo, mas sumiu junto com o filho. A partir daí, aparecemos para seguir Amélia e Paulina. Seguimos por um tempo, elas estavam normais, até que elas começaram a vender roupas e joias. Yoshida entendeu que elas estavam se livrando de tudo para ter dinheiro e fugir, assim como Bartolomeu e o filho. Yoshida queria que matássemos, mas não por perto. Como elas foram para outro lugar, seguimos e atacamos no hotel.

— Então você não trabalha diretamente para Yoshida?

— Não.

— Não sabe o que ele faz?

— Não.

— Como foi contratado?

— Eu estava na rua.

— Estava na rua e ele convidou você? — o homem ri. — Você tem passaporte falso, Yoshida montou tudo para você. Quem é você?

— Eu fui contratado para pegar o dinheiro, apenas. Eu fazia pequenos furtos, acho que Yoshida gostou de mim por causa disso, serviria para o trabalho dele. Eu roubaria, não assassinei ninguém. Nem revidei os tiros que você deu.

— Por que não revidou?

— *Porque eu não sei fazer.*
— *Por que aceitou o trabalho?*
— *Porque precisei.*
— *Quem é você?*
— *Ninguém importante.*

O vídeo termina.

— Não tem mais nada importante. — Gabriel fala. — Apenas que esse garoto foi contratado para roubar Amélia. Mas Yoshida acha que Bartolomeu e o irmão fugiram com o dinheiro da saída.

— Bartolomeu pagaria para sair dos negócios de Yoshida. — Karen diz. — Porque viu as mortes acontecendo na Nostra, porque sabe que nosso pai pegará tudo do volta. Então Bartolomeu sairia a tempo de entrar na Nostra como um homem fiel. Mas se Yoshida não sabe que Bartolomeu e o filho morreram, ele perdeu um informante? Nosso pai contou a alguém sobre Bartolomeu?

— Nessa linha de pensamento, podemos liberar da lista aqueles que nunca foram traidores, meu pai, Marco e vô Victor, e podemos liberar sete seguranças. — Gabriel pega o celular, mostrando fotos. — Meu pai me enviou. Esses seguranças estavam na porta ou dentro da sala onde Bartolomeu e o filho morreram. Se Yoshida não sabe das mortes, então eles não contaram. Então temos uma vasta lista de possíveis traidores ainda.

— E quem é esse garoto que foi contratado para roubar e não para matar? — olho para o vídeo novamente. — Ele parece muito apreensivo, medroso... Não parece um profissional.

— Yoshida pega crianças e adolescentes, certo? — Jesse pergunta e confirmamos. — Vai ver esse garoto é mais um, apenas uma vítima de Yoshida.

— Deve ser, ele tem muito medo. — Jean faz a observação. — Então duas mulheres foram mortas porque Yoshida pensou que elas estavam fugindo com dinheiro que deve ser dele. Mas Fernando não disse que Bartolomeu foi dado como morto?

— Meu pai me explicou tudo na ligação, essa parte não tinha ficado claro. — Gabriel volta a falar. — Esse cara que está no vídeo, que pegou o garoto, é um agente federal. Meu pai avisou a esse cara e ele fez de conta que descobriram o corpo de Bartolomeu e do filho, por meio de uma ligação anônima. A investigação deve ter sido aberta, mas entrou no meio das outras. Tudo aconteceu em sigilo, falaram com Paulina e Amélia da morte, o processo da herança foi aberto em sigilo, para que algum outro filho não aparecesse do

nada. Ocorreu tudo em mais absoluto segredo, por isso a lista de possíveis traidores diminuiu, porque quem sabe de tudo isso, não informou a Yoshida.

— E quem é esse agente? — pergunto. — Ele não sabe sobre Oswald?

— Na verdade esse agente foi mandado para esse lugar a mando do próprio Oswald. Eles colocaram Amélia e Paulina como suspeitas do assassinato, piorou mais quando elas simplesmente saíram para vender roupas e joias, como se não tivessem perdido um pai, marido e um irmão. Então esse cara seguiu as duas, para ver o que fariam, ele aproveitou e ajudou meu pai, vendo se elas não seriam como Milla.

— E quem é? — volto a perguntar. — Qual o nome dele?

— Nome eu não sei, sei que ele é conhecido pelo sobrenome, Cortez.

Capítulo 50

Katherine

Duas semanas depois

— Estamos quase lá, apenas ajeitando algumas coisas. — Guerrero diz, apontando para seu parceiro doido da biologia e da química. — Faltavam algumas coisas, como já havia dito.

— Será que vai demorar mais?

— Não, Katherine, quase lá. — Guerrero pede calma. — Tenha fé que a arma biológica sai. E torça para que seu amigo consiga colocar corretamente sem sair infectado.

— Ele conseguirá. Espero que consiga.

Saio do laboratório de Guerrero e entro por uma outra porta, onde encontro Giovani algemado, com sua perna inteira e a outra... Bem, Jean teve que cortar mais, porque infeccionou. Vamos cortando até a infecção parar, mas, ao que tudo indica, ela já foi contida. Ainda não arrancaram a minhoca albina de Giovanni, porque cortaram a perna, tem que ser sofrimento aos poucos.

Sorrio para Giovani, que nem ao menos sabe que estou aqui, e subo novamente para casa de Marisa, onde Line está brincando de fazer comida invisível.

— Quer? — Line me entrega um prato. — É sopa.

— Deve estar bem quente. — pego a colher e assopro, finjo que comi a sopa. — Está uma delícia.

— *Brigada.*

— Katherine, podemos conversar? — Marisa pergunta e eu confirmo.

Ando até o seu escritório e encontro Karen sentada na cadeira.

— Meninas, chamei as duas aqui porque meu filho já está quase terminando a tão sonhada arma biológica. — Marisa senta a nossa frente. — Vocês quiseram tanto algo assim e estão conseguindo. Sabia que quando vi Kat naquele jantar, eu gostaria dela logo de cara. Dela e de Cassie, que em breve estará conosco. Estou tão feliz. Impediram um ataque da Sangre contra todos nós. Salvaram muitas vidas.

— Vocês salvaram as nossas. — retribuo seu sorriso.

— Sim, vejo duas meninas novas e tão guerreiras, tão fortes e

inteligentes. Eu sei que o lugar de vocês não é conosco, que querem nossa ajuda, mas não ficarão ao nosso lado para sempre.

— Nada contra, Marisa. — falo imediatamente. — Mas tráfico de drogas não é o nosso meio.

— Entendo. — sorri. — Mas não reclamo. Vocês querem o próprio negócio, e apoio vocês em tudo. Saibam, quando conseguirem, e vão conseguir, seremos aliadas. Vocês tem tudo o que precisam para crescer e vencer, e eu sei que vão. Considere o negócio de vocês já feito, vocês conseguirão tudo o que querem.

— Inclusive acabar com todos que querem nos matar. — olho para Karen e sorrio. — Nós conseguiremos.

Uma semana depois

— Eu não creio que casará de roxo. — minha mãe olha para mim, pelo espelho do quarto. — Mas ok, entendo. É melhor casar de roxo e casar com Gabriel, do que casar de branco com um louco cheio de fetiches bizarros.

— De onde tirou essa história de fetiche? — viro-me para minha mãe.

— Você chama de "cobra albina", Kat. Pensei que teria um fetiche bizarro.

— Transar com mortos?

— Sim, você é esquisita.

— Amor, eu pulo na cobra albina e grito "VEM GABRIEL", sou normal.

— É essa a nora que pedi a Deus! — tia Sara se aproxima. — A nora perfeita, a futura Bertolini. Como Jasmine.

— Bem-vinda a melhor família. — Jasmine se aproxima.

— Obrigada. Estou emocionada, todas juntas me dando as boas-vindas por entrar na família.

— Ninguém aceitou Amélia. — Giulia penteia meu cabelo, enquanto Jasmine faz minha maquiagem. — Porque o lugar sempre foi e será seu.

— Não me faz chorar se não borrarei a maquiagem. — respiro fundo.

— Falamos a verdade, Kat. Eu fui a primeira a juntar os dois. — tia Sara me abraça, ficando atrás de mim. — Quando Isa descobriu que estava grávida de uma menina, eu falei que ela seria a futura esposa do Gabriel. E não é que eu

estava certa?

— Eu não vou chorar. — respiro fundo. — Eu não vou chorar.

— Vamos terminar essa noiva gótica. — Jas sorri. — Vamos dar o casamento perfeito a ela.

A arrumação termina e olho para minha arrumação. Meu cabelo está solto e sem um fio desajustado, como sempre fica. Meu vestido é roxo escuro e cumprindo, ele deixa as minhas curvas mais acentuadas e isso é perfeito. O decote é bem modesto, porque odeio decote! Tenho toc, fico puxando porque acho que meus peitos aparecerão. Minha maquiagem é escura. Delineado bem marcado, sombra preta e batom vermelho.

Casamento dos sonhos.

— Algo branco para clarear sua roupa. — minha mãe me entrega o buquê.

— Eu sou branca, já tenho algo branco me esperando, a cobra albina.

— Idiota! Pega o buquê. — minha mãe empurra o buquê e eu seguro. — Vamos esperar...

— Nem vem. Tenho pressa, quero casar logo, essa coisa de noiva demorar é um saco.

— Tradição.

— Se eu fosse tradicional, não seria uma gangster.

Minha mãe inclina a cabeça para o lado, depois sorri.

— Ok, vamos. — ela concorda.

Saímos de casa e encontro meu pai e as crianças me esperando.

— Não sei por que tanta criança. — minha mãe sussurra.

— Porque se eu chamasse um menino e uma menina, os outros teriam ciúme. E eu amo cada um deles, então eles entrarão comigo, mesmo que seja um casamento civil.

— Tia diva gangster! — as crianças gritam.

— Olá, meus futuros companheiros de batalha.

Felipe, Junior, Valentina, Yasmin e Line. Os cinco estão juntos, para entrar comigo no jardim.

— Pai. — dou meu braço a ele. — Parece até que vou casar na igreja.

— Eu não creio que mal cheguei em casa e já levo minha filha para outro homem.

— Pai, supera.

— Superei. — rosna.

Meu pai me leva até o local do casamento, que será no grande espaço que tem nesse condomínio.

As crianças vão a minha frente, brincando e gritando. *Casamento perfeito!*

— Que tanta gente é essa? — olho para meu pai.

— Trégua por você e Gabriel. — meu pai sorri. — Comemore, tanta gangue junta e nenhuma morte.

Olho para a minha frente. Tem as pessoas mais próxima a mim, da gangue de West (sem o West e o Lucio); tem o cartel, com Brittany e companhia; tem Tyler e a esposa; tem vô Yankee, vó Ísis e Ulisses...

E todos sorriem.

Eu acho que vou morrer! Tem um padre! Um padre! Um padre ao lado do juiz.

— Um padre? — pergunto ao meu pai, conforme vou me aproximando mais.

— Tem mais. — sorrindo, ele faz um sinal com a mão, onde a música começa.

Agora eu morro de vez. Eu conheço a introdução dessa música! É November Rain do Guns N' Roses. Tem uma banda tocando Guns no meu casamento! Eu vou morrer.

E ali está *mamalido*! Ele está de calça jeans escura, com uma camisa do *Breaking Bad*!

Oh, Deus! É o casamento da minha vida se tornando realidade.

November Rain está tocando e vou me aproximando do meu *mamalido*.

— Se fizer algo, eu mato você. — meu pai tinha que falar algo do tipo.

— E eu ajudo! — Leonardo grita.

— Se eu fizer algo, eu mesmo me mato. — sorrindo, Gabriel olha para mim. — Casamento perfeito?

— Isso é uma surpresa. Você fez um casamento religioso perfeito e surpresa. Eu te amo.

— Vamos, temos que casar.

Olho para o lado, encontrando Karen e Jesse como meus padrinhos de casamento. Eles sorriem, enquanto eu penso que poderia ter mais uma madrinha. Karen e Cassie, como sempre pensei. Do outro lado, Jean e Rachel fazem o mesmo, sendo os padrinhos de Gabriel.

Gabriel segura a minha mão e viro-me para o padre, que sorri para mim.

— Katherine, você aceita Gabriel como seu legítimo esposo? — o padre pergunta.

Olho para Gabriel, em choque.

— Casamento perfeito, indo direto ao ponto. Paguei bem mais por isso. — pisca um olho.

— Aceito! — grito. — Meu *mamalido*.

— Mamar quem?

— O que é isso?

Todos começam a se fazer essa pergunta.

— *Mamalido*, modo fofo de chamar "marido". — explico e a maioria dos convidados dão risada.

— Eu odeio essa merda! — Gabriel rosna.

— Garoto! — o padre grita.

— Desculpa. — Gabriel pede.

— Gabriel, aceita Katherine como sua legítima esposa?

— Aceito, porque além de ama-la, ela é a dona do *coito* perfeito.

— Agora esse garoto está passando dos limites! — meu pai grita.

— É o modo de dizer que a amo. — Gabriel olha para mim. — Vamos trocar salivas?

— Vamos trocar salivas e outros fluidos corporais. — bato palmas. — Vamos *coitar*, Gabriel.

— Eu vou coitar daqui a nove anos. — olho para Felipe.

— E tio Leo disse que vou *coitar* daqui a sete anos. — Junior sorri.

— Esse é o pior melhor casamento de todos. — olho para Gabriel.

— Senhora Bertollini, devo concordar. Mas o *coito* perfeito solucionará essa cerimônia.

— E sua cobra albina é minha, oficialmente.

— Te amo, dona do *coito* perfeito.

— Te amo, *mamalido*. Só para não perder o costume e para não faltar no casamento: VEM GABRIEL! — grito. — E FIQUE!

— Eu já estou aqui, Kat. E ficarei para todo o sempre com você. Temos um arco íris de filhos para serem adotados e feitos.

— Só vem, Gabriel. Meu *mamalido* perfeito.

Fim da história de Kat e Gabriel!

Epílogo

— Ele foi preso. — Elijah informa. — Mataram Amélia e a mãe dela, mas alguém chegou, matou o cara que contratei e pegaram o Dylan.

— E o que faremos com essa criança?

Os dois olham para Diego, a criança que está encolhida na cama, a espera da volta do irmão.

— Deixe-o aí, ele pode servir no futuro. — Elijah responde. — Como todas as outras crianças.

— Já chega disso, Elijah, treinar crianças já está irritando. Elas choram muito antes de ceder. E vimos o que aconteceu com uma delas quando cresceu. Kenya matou vários dos nossos, foi presa e ainda está viva, aquela facada com veneno não serviu para nada, piorou, porque quando ela voltar, encontrará Cassie.

— Cassie vai sofrer tanto, ela é a responsável por tudo o que acontece com Giovani. Ele já deve estar morto.

— Elijah, desde quando se importa com Giovani?

— Desde que é o meu sangue.

Elijah olha para o outro lado, onde vê Poliana abraçada com Bianca, a filha de Milla.

— Essa é a pior coisa que já vi na vida. — diz com nojo, percebendo o olhar de compaixão de Elijah pela mulher.

— O que quer? — Elijah pergunta.

— Poderíamos ter atacado o casamento, todos unidos.

— Era um plano, se atacássemos, eles revidariam, foi tudo armado entre eles.

— E daí? Você estaria dentro do casamento, Elijah. Dane-se se eles te vissem...

— Jesse, Rachel e Valentina, os meus três filhos no casamento, um tiroteio com eles no meio? Nunca!

— Jesse é um traidor.

— Ele é o melhor, finge que é amigo...

— Por que não entra em contato?

— Porque não quero falar com ele, não por agora.

— Ciara já te viu em algum momento?

— Não. Duvido que me reconheça. Tudo o que ela falava sobre "vou reconhecer você, pelo seu sorriso e seu olhar", é mentira. Assim como a amnesia de Marco, não servem para nada. Eles nunca vão nos identificar.

Parando a conversa, Elijah vai até a escada, encontrando Benjamin.

— Você. — Elijah desce as escadas. — O que quer?

— Nada, apenas saber das novidades. Voltou das férias com a família.

— Eu nunca saí, apenas dei um tempo.

— Claro que deu um tempo.

— Voltaremos mais fortes, Benjamin.

Benjamin apenas balança a cabeça, com raiva de toda a paciência de Elijah. Mas a sua raiva muda no mesmo instante para choque, ao encontrar Luigi, descendo a escada.

— Surpreso ao me ver, Benjamin? — Luigi sorri, enquanto fecha o botão do seu paletó.

Benjamin não responde, apenas pensa... "Eu deveria ter verificado o homem que matei, não foi o Luigi".

— Não. — Benjamin nega, tentando voltar ao seu estado normal. — Só estou surpreso por sua roupa.

— Eu sei que está. — Luigi sorri. — Mas preciso voltar à ativa. Fernando vai pegar a Nostra e mostrarei todo meu respeito e apoio, mostrando que estou ao lado dele.

— E Poliana? Eles perguntarão sobre ela. — Benjamin tenta parecer o mais calmo possível, mas ele tem certeza que Luigi sabe que Benjamin o matou, ou melhor, matou um homem com o rosto de Luigi.

— Nada demais. Poliana está traumatizada, está quieta, sabe sobre Milla ter voltado pior e está sofrendo pela filha. Aquela conversa dela com Giulia e Jasmine há alguns meses, serviu para comprovar o quanto Poliana é boa atriz. — Luigi olha para Elijah, que não fala nada. — Ela seria a sua esposa perfeita, se não fosse tão sentimental. Aquele choro, aquela história triste de Milla, tudo pareceu verdade. E, graças a isso, tenho uma ótima desculpa para que ela não apareça.

— Então você voltará para seu lugar sem Poliana? — Benjamin pergunta.

— Sim. Luigi voltará. — Luigi sorri. — Como Raul, mas sem a Nancy, porque Poliana está muito revoltada. Mas Raul está voltando como um bom amigo que é, assim, ficarei próximo a todos. Assim teremos Elijah e Luigi juntos, mostrando a amizade e fidelidade aos Bertolini e Vesentini.

**Continua em: Por toda a nossa história – Série Os
mafiosos (Livro 6)**

Por toda a nossa história
Série Os mafiosos – Livro 6
(A história de Karen e Alex)
Manuele Cruz

Prólogo

Alex

Passado

— Porque vocês devem ir, meus amores. — minha mãe beija a minha testa, depois, a de Allan. — Aqui tem dinheiro. — ela nos entrega à pequena sacola com o dinheiro. — Vão para onde falei.

— Para onde? — Allan pergunta. — Vem com a gente.

— Eu vou, mais tarde eu vou ao encontro de vocês. Me esperem a frente do museu. O dinheiro é para que comprem um lanche e me esperem, eu aparecerei por volta das cinco da tarde.

— Por que não podemos esperar aqui? — pergunto. — Vai demorar muito e não temos nada para fazer.

— Visita o museu, é de graça. — beija a nossa testa mais uma vez. — Até daqui a pouco. Amo vocês.

— Também te amamos. — dizemos.

Atualmente

Relembro minhas últimas palavras para a minha mãe. Ela não apareceu naquele dia, nem em qualquer dia após aquele. Na verdade, ela apareceu morta, enterrada...

— Minha vez! — um deles grita.

Desvio meu olhar. É sempre dolorido ver algo assim.

A garota tem uma mordaça e um capuz na cabeça, escuto seu choro, suas intenções de gritar.

Dois homens a seguram, enquanto outro a estupra. Seis armas contra meu punho, apenas.

Aqui tem seis seguranças armados de Yoshida, quem estupra não tem a arma. Eu não tenho arma porque tenho que supervisionar, sim, tem supervisão de estupro. Ao que tudo indica, alguns estupradores pegavam

tão pesado — como se o estupro já não fosse pesado — que a vítima tinha vários ferimentos, anais e vaginais, também tinham na garganta, então, eu e mais outro cara temos que conter a ferocidade desses... *Demônios, não tenho como chama-los de outro modo.*

Já tentei impedir o estupro, o que me levou a uma reunião com Benjamin, só que, aparentemente, ele entendeu que eu era novo no assunto. Algumas meninas precisam ser testadas, moldadas conforme o gosto do cliente. Aprender a satisfazê-lo.

Aprender a satisfazê-los...

Prostitutas e prostitutos existem, alguns, porque gostam. Eles aprendem porque querem, essas meninas e meninos aqui do complexo? Eles são forçados, não dá para aprender algo que eles não querem.

Isso não é entendido aqui dentro e nem será.

Eu poderia morrer para salvar essa pobre garota, mas, e aí? Eu morro e mais estupros ocorrerão. Eu preciso de mais informações, quem compra as meninas, quem é o chefe, onde vivem...

— Já chega! — o cara ao meu lado diz, olhando no relógio. — Tempo esgotado.

Sobre reclamações, soltam a garota e o outro retira o seu... Sangue. A menina era virgem.

Fecho os olhos mais uma vez.

— Cara, você está bem? — o garoto ao meu lado pergunta. — O calor está demais, pode ser desidratação.

Olho para o garoto ao meu lado, encarando seus olhos que realmente, parecem preocupados. Seu nome é Gregory...

O conheci quando cheguei aqui e, devo dizer, ele é irmão de Jesse, pois são idênticos um ao outro. Quando vi Jesse pela primeira vez, fiquei impressionado com a semelhança, agora, posso entender que ambos foram treinados para isso. E, possivelmente, Gregory é como Jesse.

Gregory não parece gostar do que faz, ele é sempre o que para imediatamente o estupro, já trabalhei com um que mesmo quando as coisas pioravam, ele mandava continuar. *Foi morto porque a vítima teve ferimentos graves...*

Gregory não parece gostar nada desse lugar, mas ele também não fala nada sobre a própria vida.

— É, acho que deve ser isso. — respondo, sem dar muita importância ao assunto.

— Vá dormir, levarei a menina para se limpar. — ele aperta o meu ombro, saindo de perto de mim, indo até a garota e a ajudando a levantar.

Saio do local e subo as escadas, passando pela cozinha e indo até o quarto onde durmo.

Entro no quarto e deito na cama, fechando os olhos e apenas pensando que minha mãe morreu e sofreu tudo isso, agora, eu trabalho quase praticando o crime que a assassinou... *Com o criminoso que a assassinou?* Já pensei muito nessa hipótese. Yoshida é o cara que pratica os crimes iguais ao que minha mãe foi assassinada. Ela não era envolvida em coisas boas, pode ter conhecido o Yoshida nesse meio.

Fecho os olhos e penso em Karen.

É isso que querem fazer com ela. Estupra-la, vendê-la... Pensam que Karen é uma garotinha indefesa, eles não sabem do que ela é capaz.

Eu preciso sair daqui.

Mas, antes disso, eu tenho que fazer nesse lugar. Tenho que matar, pelo menos, todos que estão aqui dentro, para que, assim, eu tenha a certeza que meus tempos nesse complexo serviram para algo.

Capítulo 1

Alex

— Vocês são gays? — um dos seguranças pergunta, olhando para mim e para Gregory. — Nunca ficam com uma garota.

— A vida não é resumida em mulher. — Gregory responde, ainda fumando o cigarro.

— Gregory tem razão. — também não dou atenção ao assunto.

— Vocês quem sabem. — dando de ombros, os outros entram no clube, enquanto eu e Gregory ficamos do lado de fora.

Eu queria entender o Gregory, mas ele não fala muito sobre a vida. Temos alguns horários de "descanso", no qual podemos frequentar um clube financiado por Yoshida, nesse clube, a prostituição não é forçada, então os outros podem se divertir sem ver uma garota chorando... Não que eles não se divirtam com as vítimas.

Tento apagar as imagens da minha mente.

Eu não entro nos clubes porque tenho Karen, mas Gregory? O que ele tem? Ele parece uma alma enigmática, alguém com um passado bem escuro. Sendo filho de Yoshida, eu o entendo, mas não tanto. Gregory é o filho odiado? Pela minha rápida conversa com Karen, Jesse é amado, Gregory é a ovelha negra? Ou Gregory não sabe de onde veio? Pelo menos Jesse não sabe que tem um gêmeo, porque Gregory é gêmeo de Jesse, essa semelhança só pode ter essa explicação.

— Eles acham que sexo com prostitutas acabará com a sensação dos estupros cometidos. — olho para Gregory, que solta a fumaça do cigarro e me entrega um cigarro. — Toma.

Aceito o cigarro e o isqueiro.

— Acha que muitos deles são como nós dois? — tento puxar assunto.

— Eu vejo você, Alex. Vejo seu olhar de raiva e perdido, odeia o que faz, mas tem que fazer. — olha para mim. — Pela menina de cabelo cacheado.

Tento não parecer surpreso com suas palavras, mas não posso negar o tremor que sinto por essas palavras.

— Eu fui treinado, Alex, você não. Eu fui treinado para ver, ouvir, perseguir e obter respostas. Eu fui o único que te segui e descobri da morena de cabelo cacheado. É por ela que está aqui? Yoshida fará algo contra ela?

Penso um pouco nessas palavras. Gregory não sabe quem é Karen? Não sabe que ela é um dos principais alvos? Ele acha que estou na mão de Yoshida por causa de Karen? Que Yoshida me ameaçou?

— Não precisa responder, seu olhar diz tudo. Eu, Alex, eu fico porque não sei sair. Tentei algumas vezes, mas não sei sair. Eles sempre me encontram, não importa para onde eu vá.

— Foi ameaçado?

Rindo com amargura, Gregory encosta a cabeça na parede.

— Não. Eu cresci naquele lugar. Não sei a minha idade exata, nem sei se meu nome verdadeiro é Gregory. Não sei nada sobre minha vida.

— É mais um que foi sequestrado?

— Talvez. Cresci com algumas crianças, todas aprenderam a matar, a ouvir, escutar, perseguir... Algumas morreram, outras são esses caras que estão no clube. Eu cresci aqui, não conheço nada diferente dos assassinatos.

— Seus pais?

— Mortos, não sei.

Gregory volta a fazer silêncio e eu o encaro. Yoshida o enganou, assim como engana muitas pessoas.

— Por que me seguiu? — pergunto, acendendo o cigarro.

— Para saber quem é. — olha para mim. — Porque conseguiu a confiança do chefe rapidamente. Você olha para as vítimas com compaixão, mas subiu no conceito de Yoshida, coisa estranha, precisava saber quem é você.

— E o que descobriu?

— Um cara normal. Que se mantém fiel à morena cacheada, que nunca estupra, que nunca sorri para estupro, que sorri quando o estuprador morre, que nega entrar em um clube de sexo, que está fumando um cigarro comigo, mas nega fumar com os outros; que está achando que eu sou um cara enigmático que não pertence a esse lugar. Eu estudo pessoas, Alex. Sei que é isso o que pensa.

— E será que estou certo sobre o que penso de você?

Gregory coloca o cigarro na boca e levanta do chão, me dá a mão e me ajuda a levantar.

— Um dia a resposta poderá aparecer. — sorri. — Vamos para dentro antes que comecem as fofocas. Não que a sexualidade influencie em algo, mas Yoshida odiará saber que nem eu e nem você entramos nesse lugar.

Adentramos no clube e já encontro todos os "funcionários" de Yoshida com alguma mulher. Algumas parecem relutantes, outras não se incomodam com as mãos agressivas dos homens.

— É melhor sentar ali. — Gregory aponta para uma mesa no canto do clube. — Não seremos incomodados.

Aproximamos da mesa e sentamos nas cadeiras. Olho ao redor, tentando não parecer com nojo nem com raiva. Os homens agarram as mulheres, enfiam as mãos por baixo da saia, posso contar duas garotas que quase estão gritando de medo, porque os semblantes delas não são de prazer ou algo assim. Os outros homens estão mais calmos, tanto que as mulheres têm semblantes mais calmo que as outras.

Olho para Gregory, que está encarando o teto.

— É melhor que olhar estupro pago. — olha para mim. — Não pense que por elas ganharem dinheiro, isso é melhor que no complexo. Elas ganham um estupro em troca de algum dinheiro.

— Você sabe de muita coisa.

— Você também saberá, só sobe no conceito de Yoshida. — Gregory cospe as palavras, com raiva.

— Só sai morrendo, não é?

— Ou se fizer algo bem grandioso.

— O que é esse grandioso?

— Matar um inimigo importante. Matar um inimigo é como sua carta só de ida para a sua vida normal novamente, ou para ter uma vida normal pela primeira vez. Se a caçada tiver início, prepare-se, vai ter muita gente matando uns aos outros aqui dentro, porque eles vão trapacear para matar os inimigos. E Yoshida estará rindo da desgraça alheia.

— Isso já aconteceu alguma vez?

— Já, mas não conseguiram. A caçada teve seu fim com nenhum vencedor.

— E eles entraram. — o homem que perguntou se somos gays, aparece a nossa frente. — Mas não tem nem uma mulher com vocês. Apenas os dois, somente os dois em um clube...

— Por que se importa tanto com isso? — Gregory pergunta. — É coragem que quer? É para mostrar que sou homem? Matei mais que você com meus vinte e poucos anos de vida.

— É apenas uma curiosidade. Nunca vi os dois com uma mulher.

— Quer dizer que nunca estupramos? — cruzo meus braços, encarando o homem a minha frente. — Estupro não entra nas nossas fichas criminais.

— Deveria, se trabalham para Yoshida.

— Será que temos alguém pensando que é o chefe? — Gregory apaga o

cigarro em cima da mesa. — Acha que vai mandar no que eu e Alex fazemos ou deixamos de fazer? Yoshida e Benjamin ficarão felizes em saber do mais novo membro da hierarquia.

O homem engole em seco, depois, bebe a cerveja em um único gole.

— Ou ficará feliz porque eu observo os dois mais fracos desse lugar. Yoshida vai ver que os novos queridinhos são fracos, que desaprovam o que fazemos.

— Se Yoshida quiser, ele nos tira do lugar. Você não é nada para ele, ninguém é algo para Yoshida. — Gregory aponta para a frente. — Volta para seu lugar e esquecerei essa conversa.

— Esquecer a nossa conversa? — o homem ri. — Ou o que? O que fará? Vai falar com o Yoshida?

Gregory olha para mim e sorri, depois, levanta da cadeira.

— Eu não sou você que resolve os problemas falando com o chefe. Eu fui treinado por ele, treinado para esse tipo de situação. — Gregory vai falando essas palavras, enquanto sua mão vai para as suas costas. Suspendendo a camisa, eu vejo o cabo de uma faca no cóis da sua calça. — Yoshida disse o que devo fazer nesses momentos, e falar com ele, não é o que ele mandou fazer. Eu devo fazer isso aqui.

Gregory tira a faca da sua calça e, rapidamente, atinge o estômago do outro homem, que cai para frente.

Vejo que todos do clube pararam para olhar, no mesmo momento, levanto-me da cadeira e pego minha arma da cintura, ficando ao lado de Gregory, levanto a arma e peço para que os outros fiquem no lugar, e eu sou obedecido. *Na hierarquia, eu e Gregory somos mais "importantes" que os outros.*

— Yoshida disse que devo fazer isso. — escuto a voz de Gregory. — E depois isso.

Olho para Gregory, que retira a faca do estômago do outro homem e, depois, enfia na garganta.

— Por esse motivo, mando mais do que você. — Gregory retira a faca da garganta e acerta mais uma vez, dessa vez, na nuca. — Por esse motivo! — volta a gritar, olhando para todos os outros do clube. — Eu mando mais do que vocês!

(...)

— O que é isso? — olho para a mesa, onde dois sacos pretos são colocados.

— Para você e Gregory. Um agrado por ontem. — o homem responde. — Dinheiro. Vocês ganharam mais respeito de Yoshida. Contaram para ele o que o outro fez. Que Gregory o matou e que você logo puxou a arma, impedindo que alguém fizesse algo, protegeu seu colega e isso é importante para Yoshida.

Por que eu protegi o filho de Yoshida? É isso?

— Guarde o dinheiro, não nos responsabilizamos por roubos.

Abro os dois sacos e encontro o dinheiro. Pego o dinheiro, ignorando os olhares dos outros homens e vou para o quarto. Abro o cofre e tranco, com a senha. Depois, saio do quarto e volto para o pequeno refeitório.

Um dos homens me entrega um prato com comida, enquanto os outros pratos já foram entregues enquanto eu estava no quarto.

— Recebeu a gratificação pela morte de ontem? — Gregory senta ao meu lado.

— Sim, recebi. Será que matamos um inimigo?

— Não. Também não entendi o presente vindo do nada. Pensei em apenas receber um "parabéns", não o dinheiro.

— Quando matou aquele homem você sabia que não seria punido, certo? — confirma.

— Aquele homem estava irritando. Se matei aquele cara, os outros presentes entenderiam que faria algo com eles, então eles comprovaram a minha versão, que me defendi. Então, ganhamos dinheiro.

— Então obrigado por me fazer ganhar dinheiro. — pego um pouco de comida com o garfo.

— Então, como foi à noite?

— Bem. — paro o garfo no ar. — E você, como foi?

— Bem, também. Dormi bem após matar uma pessoa.

Assinto, balançando a cabeça. Volto à atenção para a comida.

— Será que ganharemos um dia de folga? Dinheiro e folga, melhor impossível.

Olho para Gregory, que está muito falador.

— Não sei.

— Espero que sim. Quero um descanso.

— Ok.

Volto para a minha comida.

— Espera! — Gregory segura o meu braço e aponta para frente, onde vejo um homem tossindo, depois, o outro começa a tossir.

A sequência começa. Alguns homens começam a tossir e caem no chão, apertando o pescoço, sufocando. Os outros homens, que estão normais, correm até os que estão morrendo, para ajudar a salva-los.

— Chamem alguém! — eles começam gritam.

— É veneno! — alguém grita. — A comida está envenenada.

Olho para Gregory, que levanta da cadeira e me chama para ir até os outros.

A conversa de Gregory foi para impedir que eu comesse a comida. Ele envenenou a todos.

Olhando para trás, Gregory dá alguns passos na minha direção.

— Eu tenho meus segredos, Alex. — Gregory puxa o meu braço. — Assim como você.

Continua em: Por toda a nossa história – Série Os mafiosos (Livro 6)

Livros da série Os mafiosos:

Atraída por um mafioso – Série Os mafiosos (Livro 1)

Os filhos da máfia – Série Os mafiosos (Livro 2)

Só mais uma chance – Série Os mafiosos (Livro 3)

Por nosso passado – Série Os mafiosos (Livro 4)

Resgata-me – Série Os mafiosos (Livro 5)

Por toda a nossa história – Série Os mafiosos (Livro 6)

Entre o amor e a liberdade – Série Os mafiosos (livro 7)

Tira-me da escuridão – Série Os mafiosos (Livro 8)

O encontro final – Série Os mafiosos (Livro 9)

Contatos da autora:

Perfil no Wattpad:

<https://www.wattpad.com/user/ManueleCruz>

Perfil pessoal no Facebook:

<https://www.facebook.com/manuelecruz1>

Grupo no Facebook:

<https://www.facebook.com/groups/1456346748011832/?fref=ts>

Página no Facebook:

<https://www.facebook.com/livrosdamanu>